

MARCO AURÉLIO DIAS DE SOUZA

**O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo
estadunidense? uma leitura sobre a trajetória de ascensões e
quedas da direita religiosa americana.**



MARCO AURÉLIO DIAS DE SOUZA

**O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo
estadunidense? uma leitura sobre a trajetória de ascensões e
quedas da direita religiosa americana.**

Tese de Doutorado, apresentado ao Conselho,
Departamento, Programa Ciências Sociais da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Doutor em Sociologia.

**Linha de pesquisa: Trabalho e movimentos
sociais.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leila de Menezes Stein

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2014

O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense? uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa americana.

Tese de Doutorado, apresentado Programa de Pós-Graduação Em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Linha de pesquisa: Trabalho e movimentos sociais.

Orientador: Leila de Menezes Stein.

Bolsa: CAPES.

Data da Defesa: 14/04/2014

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Leila de Menezes Stein.

Universidade Estadual Paulista Fclar/ Unesp/ Araraquara..

Membro Titular: Prof. Dr. Flávio Limonic.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Membro Titular: Prof. Dr. Ruy Braga.

Universidade de São Paulo.

Membro Titular: Prof. Dr. Luís Fernando Ayerbe.

Universidade Estadual Paulista Fclar/ Unesp/ Araraquara.

Membro Titular: Prof. Dr. Marcia Teixeira.

Universidade Estadual Paulista Fclar/ Unesp/ Araraquara..

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Para a Bjuca mais Bjuca do mundo.

Agradecimentos.

Esse é o momento de encerrar mais uma parte de nosso percurso acadêmico, assim como, de agradecer a todos que de uma forma ou de outra me apoiaram, confortaram e instigaram durante esse árduo caminho. Apesar de ser um momento profundamente delicado, visto que, não queremos correr o risco de esquecer alguém, tenho a necessidade de nomear algumas pessoas em agradecimento.

Agradeço então:

- à Prof.^a Dr.^a Leila de Menezes Stein pela amizade e sábias orientações que foram muito além das questões acadêmicas e que guardarei pelo decorrer de minha vida.

- ao Prof. Dr. Luis Fernando Ayerbe por me acompanhar em meus primeiros passos acadêmicos e me mostrar o quanto é importante entender que mesmo as ideias que não concordamos precisam ser analisadas e debatidas.

- à Prof.^a Dr.^a Maria Ribeiro do Valle, que tenho a mais profunda admiração, pela orientação nos primeiros anos dessa tese.

- aos professores das bancas tanto de qualificação quanto de defesa pela leitura do meu trabalho e pelas observações para transformarem minhas ideias malucas em algo melhor.

Aproveito aqui também para agradecer a todos os entrevistados que disponibilizaram seu tempo, em especial, a Jim Lewis que me mostrou que é sim possível uma pessoa fazer diferença no mundo em que vivemos.

- aos amigos do Grupo Temático Trabalho e Trabalhadores em especial a Géssica e Bia.

- ao meu grande parceiro intelectual Ariel Finguerut pelos anos de trabalho conjunto e por encarar comigo conservadores, liberais, libertários e pastores na viagem mais maluca de todas.

- ao meu amigo McCoy pelas horas de conversa sobre as coisas mais bobas e as mais importantes e ao meu amigo Vinão por ser meu amigo desde que comecei a entender o que é amizade.

- aos meus amigos Catarina, Tonho, Bussunda, Presidente e suas respectivas damas, Paula, Agnes, Elo, e Carol, assim como, outros amigos como Xoqueti, Sarah, Pipoqueiro e Queridão, entre tantos outros, que me ensinarem que família é algo muito maior do que um laço de sangue.

- também agradeço minha família de fato, a do Paraná que me recebeu, especialmente, minha sogra e chefe da minha equipe de corretores Neide Kaminski que leu e releu essa tese a procura dos meus muitos erros de português e a de Araraquara que finalmente vai ter um

doutor, em especial destaco minha mãe Maria Aurélia, meu pai Aloisio, minha irmã Giuliana meu cunhado Guto e minha pequena leitora Anna Virgínia (desta vez eu não te esqueci).

- agradeço minha esposa Renata por todo o amor e carinho ao longo desses anos e por me aguentar durante esses últimos meses de tese.

- aos professores, funcionários e alunos com quem tive contado durante todos esses anos na Unesp/Araraquara em especial aos do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais.

- à CAPES pelo apoio financeiro.

Sou imensamente grato a todos.

RESUMO

A ideia da existência de uma Guerra Cultural, que seria responsável pela disputa na sociedade estadunidense por duas metades antagônicas (entre conservadores e liberais), aparece de maneira recorrente na vida intelectual, política e midiática da contemporaneidade do país. O destaque dado a ela originou-se após o resgate do termo pelo sociólogo James Davison Hunter, em 1991, com intuito de explicar, através dela, as crescentes radicalizações nas disputas em torno de questões culturais nos EUA a partir dos anos 1970. O que se seguiu a publicação de sua tese de Hunter foi uma visibilidade cada vez maior do termo Guerra Cultural e, conseqüentemente, um grande debate intelectual entre autores defensores e contrários a sua existência. O fato é que a ideia perdurou no debate sociopolítico estadunidense até o final do governo George W. Bush e início da administração Barack Hussein Obama, quando a Guerra Cultural perdeu relevância, a ponto de um grande número de comentaristas apontarem que a Guerra Cultural havia terminado.

Em uma direção paralela, percebemos que a partir da década de 1970 ocorreu um constante crescimento dos movimentos conservadores nos EUA, principalmente, por parte da direita religiosa que atingiu seu auge durante o governo George W. Bush para, logo em seguida, passar por um processo de desorganização durante o término do governo do presidente republicano. Essa crescente conservadora foi analisada por uma leva significativa de intelectuais que descreveram como os Estados Unidos passaram durante as últimas décadas por um processo de guinada à direita.

Nossa pesquisa propõe ir além do debate intelectual sobre a existência ou não de uma Guerra Cultural, assim como, busca ir além da releitura sobre o conservadorismo. Nosso intuito é, compreender os motivos que levaram a ascensão e crise nessa ideia, apontando como a polarização entre os partidos construída em torno de temas culturais, não se sustentava após os períodos eleitorais e como ela foi perdendo sua funcionalidade durante os anos.

Palavras Chave: Guerra Cultural, Conservadorismo, Estados Unidos.

Abstract:

The idea of the existence of a Culture War, which would be responsible for a struggle in American society into two antagonist halves (between conservatives and liberals), appears on a recurring basis in, political, media and intellectual life in the country's contemporary . The prominence of it originated after the concept's revitalization by sociologist James Davison Hunter in the year of 1991 and aiming to explain, through it, the radicalization of the disputes over cultural issues in America from the 1970s. What followed the publication of Hunter's thesis was an increase of the visibility of the Culture War and, therefore a great intellectual debate between supporters and critics of its. The fact is that the idea persisted in American's socio-politics debate until the end of George W. Bush government and the beginning of the Obama administration, when the Cultural War has lost relevance and a large number of commentators suggest that the Cultural War had ended.

In a parallel path, occurred from the 1970s a spread of the conservative movement in the U.S., above all by the religious right that reached its height during the George W. Bush government, soon, they go through a disorganization process during the end of President Republican Government. The intellectuals who described how the United States began, during the last decades, a process to yaw to the political right, analyzed this increased conservative.

Our research proposes to go beyond intellectual debate about the existence or not of a Cultural War, as well as seeks to go beyond retelling of conservatism. Our aim is to understand the reasons that led the rise and crisis of that idea, pointing out how the polarization between the parties built around cultural themes, not sustained after election periods and how it was losing its functionality over the years.

Keywords. Culture War, Conservatism, United State.

Lista de Gráficos.

Gráfico 1 Crescimento do número de pessoas que se definiam como secularistas.	36
Gráfico II Percentual de apoio aos programas de ação afirmativa.	46
Gráfico III Visões de brancos hispânicos e negros sobre a criminalidade.	47
Gráfico IV Percentual de votos divididos nas eleições estadunidense.	68
Gráfico V Confiabilidade entre 1966 até 1976.	151

Lista de Mapas.

Mapa 1 Separação em estados azuis e vermelhos durante a eleição de 2004. (Bush contra Kerry).	66
Mapa II Vitória de Reagan por estados em 1980.	173
Mapa III Separação Bush (vermelho) e Gore (azul) eleição de 2000.	259

Sumário.

Introdução: Porque estudar EUA, a Guerra Cultural e o novo conservadorismo.	
Notas sobre o desenvolvimento da tese.	10
Roteiro da tese.	18
Capítulo1 Guerra Cultural: as definições intelectuais e as trajetórias do conservadorismo estadunidense.	23
1.1 O que é Guerra Cultural? A reconstituição do tema na história e o seu revigoramento nos EUA.	23
1.2 As Guerras Culturais americanas, da guerra religiosa na América do século XIX ao crescimento do pluralismo.	29
1.3 A expansão da pluralidade cultural e a Guerra Cultural Moderna.	35
1.4 Uma sociedade construída sobre duas autoridades morais.	38
1.5 Após a publicação do livro de Hunter.	40
1.6 Uma América desunida?	43
1.7 Uma Nação e duas culturas ou uma Cultura e muitas culturas?	49
1.8 Alan Wolfe e a tentativa de perceber os EUA como uma nação.	57
1.9 A Guerra Cultural como um mito da América polarizada.	65
1.10 As definições sobre o debate envolvendo o tema e o fim da Guerra Cultural?	71
Capítulo 2 A um passo de Deus: A influência da religião, das mudanças sociais e a consolidação da agenda conservadora.	76
2.1-Definições e a influência do conservadorismo na sociedade do país.	77
2.2. Religião e espetáculo na política estadunidense.	91
2.3. As mudanças estruturais que reforçaram a urgência da revolta conservadora e a crise da esquerda estadunidense.	106
Capítulo 3 – Da tentativa eleitoral de Barry Goldwater até o fim da administração Carter: uma releitura histórica sobre a importância das batalhas culturais para a origem da mobilização conservadora estadunidense.	121
3.1 O candidato Goldwater, o governador Reagan, o despertar da consciência e da revolta conservadora.	123
3.2 De Nixon a Carter, da ascensão do Partido Republicano ao poder a crise na confiança nos políticos do país. Os motivos que levaram à organização da direita religiosa.	139
3.3 A explosão televangelista e a revolta contra o aborto.	156

Capítulo 4: De Reagan a Bush. A primeira ascensão e queda da direita religiosa.	165
4.1 A campanha Reagan contra Carter: o palco perfeito para o debate entre as duas Américas.	166
4.2 Reagan o grande herói conservador? A <i>Moral Majority</i> e a relação da direita religiosa com a administração Reagan.	174
4.3 A derrota do candidato de Deus para a máquina política republicana e a chegada da família Bush a presidência.	187
Capítulo 5 A ascensão e o declínio da Guerra Cultural: A Convenção Republicana de 1992, Bill Clinton (1993-2001) e George W. Bush (2001-2009).	199
5.1 Guerra Cultural? Para que temer o exterior se o inimigo sempre esteve dentro do país.	200
5.2 Bill Clinton (1993-2001): o presidente amoral e a Guerra Cultural.	214
Capítulo 6 De George W. Bush à Obama; a estranha morte da direita religiosa e da Guerra Cultural.	240
6.1 George W. Bush entre o radicalismo religioso e a moderação.	242
6.2 George W. Bush e o último suspiro da direita religiosa.	260
6.3 A Guerra Cultural em George W. Bush.	275
6.4 O fim da Guerra Cultural o Renascer de uma nova América.	284
6.5 A eleição de Obama e o retorno do conservadorismo econômico.	291
Considerações finais: o futuro da tradição conservadora na política estadunidense.	297
Referências.	300
Referências Filmes.	317
Referências entrevistas.	318

Introdução: Porque estudar EUA, a Guerra Cultural e o novo conservadorismo. Notas sobre o desenvolvimento da tese.

É realmente engraçado quando você se depara com a tela em branco do seu computador e percebe que finalmente está organizando todos os dados que foram coletados durante alguns anos para escrever o texto final de sua tese. Nesse momento, você fica pensando que chegou a hora de fechar seu trabalho e que finalmente não teria mais direções a escolher com relação a esse trabalho, você começa a se perguntar se tomou as decisões metodológicas corretas, se seu recorte não foi amplo demais, se realmente seu tema pode contribuir para o aprendizado e o debate de outros pesquisadores que venham a ter o interesse de ler essas páginas.

É movido por essas sensações que iniciamos a introdução do nosso trabalho, pensando que ela pode ser a única passagem do texto em que, podemos nos esquivar de todo o rigor científico que tentamos impor durante o restante de nossa tese. Aqui podemos nos dedicar a esclarecer os motivos que nos levaram a seguir determinados caminhos, os que nos fizeram evitar outros que, em muitos momentos, possibilitariam saídas menos penosas para muitos dos problemas levantados em nossa tese. O fato é que, por mais metódicos e organizados que tentamos ser, teses nunca são construídas a partir das saídas fáceis o que nos deixa a impressão de que, durante esses últimos anos, complicamos algumas coisas que nos pareciam fáceis quando iniciamos o doutoramento.

Nesse sentido, essa introdução é muito mais um guia de angústias e dúvidas do que, propriamente, a bela apresentação do trabalho que pensávamos quando iniciamos o doutoramento. Os motivos para escrevê-la dessa forma vêm de acreditarmos ser mais importante mostrar para o leitor que esse trabalho não foi, de maneira alguma, construído de uma forma linear até essa versão final e que tivemos durante todo o doutorado uma série de arrependimentos e dúvidas que nos trouxeram a esse resultado final.

Esse caminho não linear não delimitou que nossa tese não trouxesse resultados profundamente significativos, com pontos de profunda relevância e interesse para as pessoas que estudem a respeito dos Estados Unidos, principalmente, aquelas que analisem temas culturais, religiosos, políticos e sociais.

Partindo disso, nosso trabalho tem como intenção principal contribuir com os, cada vez mais, frequentes estudos sobre os EUA desenvolvidos nas ciências sociais do Brasil. Nosso interesse sobre a temática originou-se a partir de um projeto de iniciação científica sob a orientação do Prof. Dr. Luis Fernando Ayerbe, onde, analisávamos alguns documentos

sobre prevenção de conflitos étnicos publicados pela *Rand Corporation*¹, desenvolveu-se durante o nosso mestrado (2005-2007) quando debatemos a influência da abordagem neoconservadora² durante a administração George W. Bush em relação a temas relacionados à política interna estadunidense, como imigração, ascensão social e a ideia de crise cultural.

O fato é que no início dos anos 2000, quando optamos por dedicar nossa vida científica aos estudos sobre os Estados Unidos, já esperávamos encontrar um determinado estranhamento por parte de nossos pares, uma vez que, existiam poucas pesquisas sobre o tema sendo desenvolvidas no Brasil³. Isso ocorria porque não vivenciávamos o processo de internacionalização de nossas universidades com o grau de intensidade que encontramos hoje em dia, o que fazia com que os objetos das pesquisas desenvolvidas em nosso país estivessem mais focados em temas locais. Na esteira dessa constatação, mesmo vivendo no chamado “século americano”, tínhamos grande dificuldade para encontrar material para realizar a pesquisa⁴ e, principalmente, para encontrar oportunidades de diálogo a respeito do tema⁵.

Porém, era quando tratávamos com pessoas leigas à nossa área que encontrávamos uma resistência maior ao tema, o que era muitas vezes sucedido por um olhar de espanto e pelos questionamentos: Porque estudar os Estados Unidos? Você é americano? Você é conservador? O Brasil não tem problemas suficientes para serem discutidos?

Apesar das dificuldades para realizar as pesquisas, tínhamos a inquietação de que nosso interesse pelos Estados Unidos vinha da constatação de que nós brasileiros vivíamos uma relação de amor e ódio com o país. Relação que se tornava clara quando, observávamos a reação de alguns de nossos amigos se aflorasse qualquer debate sobre o país norte-americano, o que era logicamente seguido de brados de imperialistas proferidos por algum deles com a camiseta do *Rage Against the Machine*⁶ ou outra banda americana qualquer, ou ainda, quando presenciamos, após os atentados de 11 de setembro de 2001, colegas dos tempos de graduação comemorando os atentados na lanchonete da universidade.

¹ Uma organização que desenvolve pesquisas e análises para as forças armadas dos EUA.

² Aqui precisamos diferenciar o termo neoconservador e o termo novo conservadorismo. Como neoconservadores definimos um grupo específico de intelectuais judeu-trotskistas ligado a Irving Kristol que em sua trajetória abandonaram o pensamento de esquerda definindo-se como conservadores. Já o novo conservadorismo é representado pela totalidade dos movimentos de cunho conservador que ganharam força a partir dos anos 1970, entre eles: libertários, tradicionalistas (incluindo os neoconservadores) e a direita religiosa.

³ A maioria das existentes realizavam análises comparativas entre Brasil e os Estados Unidos.

⁴ Afinal a compra de livros pela internet ainda não era tão bem desenvolvida.

⁵ A raridade de mesas que abordassem a nossa temática, durante os congressos científicos, era tão marcante que nos habituamos a debater nosso tema com estudantes e professores com temáticas profundamente distantes a nossa discussão.

⁶ Banda de rock estadunidense com letras com temática de esquerda anti a América corporativa e anti-imperialismo.

Esses acontecimentos nos faziam ter a clareza de que apesar de acompanharmos cotidianamente notícias sobre a sociedade estadunidense, termos acesso constante a sua música e cinema e até, de certa forma, compartilharmos do seu processo eleitoral ao ponto de termos a sensação de que ao final do pleito teríamos que escolher entre democratas e republicanos, não possuíamos um real aprofundamento sobre as disputas sociais e políticas desse país. Isso resultava na maioria dos processos de rotulação que encontrávamos em nosso dia-a-dia, como exemplo disso, destacamos: a recorrente ideia de que todas as pessoas residentes no sul dos EUA são mais conservadoras e religiosas do que no resto do país, ou a ideia que o Partido Republicano representa todos os valores não progressistas na sociedade estadunidense.

Nosso novo trabalho iniciou-se sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Ribeiro do Valle e teve sequência com a Prof.^a Dr.^a Leila de Menezes Stein junto ao Grupo Temático Trabalho e Trabalhadores, onde, aprofundamos importantes debates sobre temas como a questão dos trabalhadores imigrantes e da disputa em torno do Estado de Bem-Estar Social nos EUA. Nele, temos o intuito de compreender um pouco mais sobre os EUA, trazendo ao leitor brasileiro um aprofundamento sobre dois dos principais temas do debate político e sociológico da contemporaneidade estadunidense, sendo eles: as ascensões e os declínios dos movimentos do novo conservadorismo (sob o enfoque das vertentes religiosas do movimento) e a ideia de que o país vivenciou uma Guerra Cultural a partir da década de 1990.

Para que fique claro como chegamos a essa temática, é importante destacar que inicialmente pretendíamos analisar esses dois temas a partir da hipótese fundamental de que as batalhas em torno de temas culturais (que veio a ser definida como Guerra Cultural) foram uma ferramenta centralizadora das mobilizações conservadoras, sendo vitais para a organização e para crescimento da visibilidade e influência deles na vida pública do país. A questão aqui era como conseguir alcançar a confirmação para essa hipótese?

A resposta para essa pergunta se tornou um tanto confusa no momento em que fazíamos uma aprofundamento das leituras para a definição do nosso objeto de pesquisa. Enquanto aprofundávamos a análise sobre a temática, constantemente nos deparávamos com autores que defendiam que com o término do governo George W. Bush e a eleição de Barack Hussein Obama a Guerra Cultural havia terminado e somando-se a essas leituras, outros apontavam que a Guerra Cultural, que tinha sido constantemente divulgada durante as últimas décadas, na verdade nunca havia existido, sendo apenas uma ilusão provocada pela mídia e pelos ativistas dos dois lados da disputa cultural.

Realmente é uma sensação inspiradora quando você termina um projeto sobre o que você pretende trabalhar durante os seus próximos quatro anos e descobre que seu objeto estudo desapareceu ou nunca existiu. O mais assustador e motivador diante desse processo de conhecimento sobre o tema estava em perceber que a ideia de Guerra Cultural, apesar de morta ou inexistente, continuava presente na história estadunidense e nos debates políticos do país, sendo reforçada pela mídia e pelos ativistas políticos e isso precisava ser entendido.

Partindo de uma rápida simplificação da definição sobre a ideia de Guerra Cultural⁷ percebemos que ela poderia ser interpretada como o resultado da divisão da sociedade ao meio, motivada pelo comprometimento com duas autoridades morais antagônicas, onde, se criaria um grau de polarização tão elevado que seria capaz de motivar essa população dividida a travar batalhas em torno de temas culturais. Nesse sentido, as consequências da Guerra Cultural seriam a impossibilidade de se estabelecer um debate político, ocasionando a radicalização da disputa em torno dos temas ditos culturais, o que, em um sentido prático, significaria que, sem exceção, toda a sociedade estaria disposta a travar essas batalhas e a política do país se pautaria exclusivamente por elas.

Apesar de ser uma leitura simplificada do conceito de Guerra Cultural, ela foi, sem dúvida alguma, vista como realidade pela grande maioria dos ativistas, tanto os conservadores quanto os liberais. Da mesma forma, ela foi aceita pela mídia do país (principalmente durante os períodos eleitorais) como verdade, o que nos levou a constatação de que, embora a visão de mundo dos ativistas seja mais radicalizada do que a da população, foi ela que transpareceu na memória e nos principais meios de comunicação do país durante as últimas décadas.

Partindo disso, não queríamos que nosso trabalho se restringisse à análise de alguns movimentos conservadores, identificando até que ponto eles definiam-se a partir da Guerra Cultural, pois se fizéssemos isso, correríamos o risco de aceitar um dos pontos sobre o tema que mais passou a nos incomodar quando iniciamos esse trabalho, ou seja, partir da pressuposição de que a Guerra Cultural existia na sociedade estadunidense. A verdade é que se optássemos por esse caminho com certeza teríamos resultados que apontariam na fala desses conservadores, através de metodologias como análise de discurso ou de conteúdo, que existia sim uma Guerra Cultural e que ela era parte vital das decisões políticas estadunidense.

O afastamento dessa perspectiva fez com que a questão do trabalho passasse a ser uma tentativa de entender como esses movimentos, principalmente com um enfoque nos de caráter conservador religioso, conseguiram fazer a sociedade acreditar que existia uma Guerra

⁷ Apesar dessa não ser precisamente a definição vinda dos principais autores sobre o tema ela reflete muito do senso comum sobre o tema, por isso iniciaremos nosso trabalho a partir dela.

Cultural no país. Com isso, tínhamos a clareza de que para compreender a relação entre o conservadorismo e Guerra Cultural era obrigatório passar por outra questão maior do que os dois temas e percorria grande parte da história estadunidense, ou seja, tínhamos que analisar nosso objeto percebendo que a identidade da sociedade estadunidense construiu-se a partir de polarizações.

Essa constatação nos direcionava a uma ampliação do recorte de nossa pesquisa, pois, percebíamos que as batalhas em torno de temas culturais (que foram, anos depois, renomeadas como uma Guerra Cultural) estiveram presentes em toda a história estadunidense, principalmente, dentro da oposição entre conservadores e liberais. O que nos direcionava a pensar que muito mais importante do que mostrar como os conservadores enxergavam e fomentavam a ideia de Guerra Cultural, era necessário entender como a disputa entre conservadores e liberais construiu-se a partir de uma tendência de observar a sociedade estadunidense a partir de polarizações. Essa tendência se refletia nos avanços e, principalmente, nos retrocessos causados pelas conjunturas históricas, pelas transformações da sociedade e da opinião pública que, em poucos anos, passou da recusa à aceitação de determinados temas relacionados à cultura.

Dentro dessa leitura, ambos os lados se viam disputando o que parecia ser a vontade da nação, ou ainda, dentro da ideia de Guerra Cultural, a vontade de uma nação que se dividira em duas. Porém, o que se disputava aqui eram os desejos de duas minorias polarizadas, capazes⁸ de, em determinados momentos, tomar para si a identidade e a vontade do país. Por esse motivo, em nosso entendimento, a metodologia que melhor se encaixaria para compreendermos esse movimento durante a história estadunidense seria pautar nosso trabalho dentro da tradição da sociologia-histórica, compreendendo assim a racionalidade presente nas decisões dos grupos conservadores e dos governos como reflexos da conjuntura histórica enfrentada por eles.

Para realizar essa análise compreendemos que não conseguiríamos abarcar todas as possíveis variáveis presentes nos mais de 40 anos percorridos em nossa tese, de maneira que, recuperando o conceito econômico *ceteris paribus*, analisaremos como a polarização de questões culturais e religiosas tiveram influência sobre a política do país, não nos atendo a outras possíveis variáveis que possam ter influído na política no mesmo período, definindo que elas se mantiveram constantes.

⁸Devido a maneira como o sistema político estadunidense e a própria sociedade estadunidense haviam sidos construídos

Para realizar essa pesquisa, aprofundamos um levantamento bibliográfico um tanto incomum ao dia a dia de nossa formação como cientista social no Brasil, partimos de trabalhos como os desenvolvidos por James Davison Hunter, Willian Martin, Alan Wolfe, Morris Fiorina, George H. Nash, entre outros, pouco lidos no Brasil. Debruçamo-nos também sobre as principais referências a respeito do estudo do novo conservadorismo estadunidense pelo mundo, como o espanhol Armando Miguel e os franceses Roman Huret e Guy Sorman, nos aprofundamos em uma série de livros e outras publicações de organizações e autores conservadores e liberais como Gertrude Himmelfarb, Patrick Buchanan, Barry Goldwater, a *Cauldill Foundation*, a *American Civil Liberties Union*, entre outros, o que traz ao leitor brasileiro a possibilidade de participar das discussões a partir dos principais referenciais teóricos sobre o tema e emergir diretamente na lógica da disputa conservadora e liberal por trás da *soi-disant* Guerra Cultural.

Além dessa literatura, realizamos também um trabalho de campo nos EUA, visitando algumas das principais instituições conservadoras do país, onde, entrevistamos nomes como as lideranças conservadoras Phillips Schlafly, Janice Shaw Crouse, comentaristas como os analistas políticos Michael Barone, David Boaz, o libertário Timothy P. Carney, alguns professores sobre política e religião nos Estados Unidos como Michael Bryant e Peter Becker da *Charleston Southern University*, entre outros.

Dentro de nossa análise consideramos que o conservadorismo também deveria ser melhor compreendido por nós pesquisadores brasileiros. Essa preocupação se ampliou durante o doutorado, pois, em muitos momentos, fomos recebidos com dois tipos de comentários. O primeiro aparecia em uma questão repleta de estranhamento, quase sempre precedida pelo debate sobre algum tema e pela constatação do autor de que a ideia defendida ali era um tanto similar à de algum “odioso” pensador dito conservador. O resultado mais inusitado desse diálogo, não era o fato de argumentos conservadores estarem sendo defendidos por pessoas que se definem como não conservadoras, mas, o questionamento que inúmeras vezes o sucedia e que pode ser apontado pela seguinte pergunta: Porque você está lendo esse tipo de autor?

O segundo tipo de comentário surgia de uma forma quase que impositiva e pode ser resumido pelo seguinte diálogo: - Interessante o trabalho, então sua tese é uma crítica ao pensamento conservador norte-americano? O que na maioria das vezes era sucedido (após uma negação) pela afirmação em tom preocupado: - Você deveria fazer a crítica ao conservadorismo para não correr o risco de ser considerado um intelectual conservador.

Essa “imposição conservadora” pelo esquecimento ou pela crítica ao conservadorismo coloca claramente que, no debate acadêmico em torno do tema, existem dois lados definidos e que você como pesquisador deveria ser obrigado a tomar um posicionamento crítico ao conservadorismo. A questão aqui, é que pouco teríamos a contribuir para a compreensão da sociedade estadunidense se esse trabalho apenas reproduzisse as críticas ao conservadorismo, isto é, se tomarmos como norma que todas as ideias que nos incomodam e que não concordamos representam algo a ser destruído ou esquecido, corremos o risco de nos tornarmos cíclicos e limitados em nossas próprias ideias, ou ainda, em determinados momentos, acabarmos reproduzindo os mesmos discursos conservadores que pretendemos ignorar. Nossa preocupação nessa tese é compreender os motivos que levaram esses grupos conservadores a ter influência na política estadunidense.

Tendo essa ideia como norte, aprofundamos outros pontos que fizeram com que, esse trabalho, se esquivasse de ser puramente uma crítica ao pensamento conservador. O enfoque do trabalho está exatamente em estabelecer uma crítica a essa imposição de separarmos o mundo em heróis e vilões. Nesse intuito, traz algumas diretrizes para que possamos pensar se realmente existem dois lados, claramente definidos, se conseguimos organizar grandes blocos de ideias e se podemos apontá-las facilmente como conservadoras ou liberais. Acreditamos que as ideias estão em constantes transições, sendo moldadas pela história e recriadas pela memória, o que, conseqüentemente, significa que ser conservador não necessariamente representa ser politicamente de direita ou de esquerda, ou ainda, estar correto ou errado sobre sua visão de mundo, afinal, não existem persistentes conservadorismos na esquerda em nosso cotidiano?

E esse é o motivo que faz a sociedade estadunidense ser um importante objeto de estudo, de maneira que, foi construída a partir dessa polaridade, colocada de uma forma quase límpida no seu dia-a-dia, fato que pode ser notado quando nos deparamos com a grande quantidade de *Think Tanks* e grupos de pressão que defendem as mais variadas ideias na política do país. Essa forma de se imaginar a partir de polarizações foi refletida na história estadunidense, através dos conflitos entre colonos e a metrópole durante a Guerra da Independência, entre federalistas e defensores do governo federal, entre norte e sul durante a Guerra Civil, entre defensores do pluralismo religioso e protestantes, entre minorias e a população branca, entre capitalistas e comunistas durante a Guerra Fria, entre democratas e republicanos, azuis e vermelhos e, finalmente, liberais e conservadores.

Essa constatação traz à tona que a história dos Estados Unidos nos foi contada como a história da polarização⁹. Foi construída a partir de heróis e vilões, de indicações de conspirações comunistas, secularistas e liberais, ou ainda, através de vislumbres de presidentes que apontaram a formação de eixos e impérios do mal. Mais do que isso, ela foi contada por uma série de intelectuais e ativistas, americanos e de outros lugares do mundo, que em sua preocupação de compreendê-la enxergaram mais as diferenças entre os grupos radicalizados do que o desinteresse generalizado da população, o que levou a teses que defendiam uma possível tentativa de instalação de uma Teocracia no país ou que temiam o crescimento da centralização do governo federal e consequente restrição à venerada liberdade presente no país.

É nessa necessidade de classificar que se encontra a ironia das leituras sobre sociedade estadunidense, que se reflete na percepção de que em menos de 4 anos o aparente herói mundial, ganhador do prêmio Nobel da Paz, Barack H. Obama, foi o mesmo presidente que dobrou o número de extradições de imigrantes ilegais¹⁰, que ampliou o número de ações militares americanas em países estrangeiros e que espionou outros países. Ao mesmo tempo em que, lutou pela aprovação de um programa de reforma de saúde com o intuito de estender os cuidados do Estado para milhões de pessoas e propôs uma reforma na imigração que pretende dar cidadania a milhões de ilegais.

Da mesma forma, retomando nossa memória sobre a história do país, quando vislumbramos o exemplo da Guerra do Vietnã e questionamos quem a iniciou, quase nunca recordamos que foi o democrata liberal John F. Kennedy¹¹ e que foi o republicano conservador Richard Nixon que, em meio à pressões populares, foi responsável pelo seu fim. O trabalho tenta romper um pouco essa lógica de pensar polarizada para, ao retornar o debate sobre a atualidade do país, não cairmos no erro das leituras que tentaram estabelecer diferenças extraordinárias entre George W. Bush e Barack H. Obama, como também, as que os colocaram em um mesmo pacote de vilões imperialistas.

Nesse sentido, somente através de uma releitura sócio-histórica teríamos as ferramentas para conseguirmos perceber que, o binômio conservador e liberal se construiu sobre pequenos avanços e retrocessos e a partir de abandonos de posições e batalhas, de

⁹ Assim como a do Ocidente, contudo com uma radicalidade ainda maior.

¹⁰ Com relação ao seu antecessor.

¹¹ Assim como, quase nunca recordamos que foi Lyndon Johnson, outro presidente democrata, que ampliou o número de soldados no Vietnã dos 16 mil soldados de 1963 para 550 mil em 1968. Da mesma forma quase nunca lembramos que o *Civil Rights* foi aprovado de maneira quase unânime com apenas três senadores republicanos votando contra o projeto.

pavores sobre as mudanças sociais e de decepções políticas motivadas pelas conjunturas sociais, econômicas, políticas e, até mesmo, pela influência de debates teológicos que se fortaleceram em determinados momentos no país. Com isso, ao optarmos pela ideia de Guerra Cultural como pano de fundo de nossa análise, compreendendo-a, desta vez, como um conflito de ideias entre setores progressistas e ortodoxos da sociedade estadunidense em disputa pela visibilidade na vida pública do país, queríamos também discutir a trajetória da importância do significativo binômio conservador e liberal na sociedade estadunidense.

Assim, nosso trabalho busca dois objetivos fundamentais: o primeiro é debater como os novos conservadores utilizaram-se da ideia de Guerra Cultural como um norte para suas mobilizações, demonstrando como a fomentação da ideia de Guerra Cultural foi determinante para o crescimento da influência dos novos conservadores na vida pública do país. Para realizar esse objetivo, entrelaçaremos a origem dos movimentos do novo conservadorismo, com um enfoque na direita religiosa do país, com os crescentes episódios de batalhas culturais.

O segundo objetivo de nosso trabalho é o de apontar como a ideia de Guerra Cultural foi determinante para o predomínio do Partido Republicano em algumas eleições que resultaram em exemplos como o governo George W. Bush e como o enfraquecimento dessa ideia foi um dos fatores que possibilitou a eleição de Barack Hussein Obama. O que será atingido a partir das recentes constatações dos intelectuais sobre o tema da Guerra Cultural, da análise de suas alegações para o arrefecimento dela e pela percepção de uma estratégia desenvolvida pelo Partido Democrata que evitou debates em torno de temas culturais sobre a alegação de propor o fim da polarização no país.

Roteiro da tese.

Em relação à organização de nossa tese, dividimos o nosso trabalho em seis capítulos. O primeiro nomeado (*Guerra Cultural: as definições intelectuais e as trajetórias do conservadorismo estadunidense*) contextualiza a apropriação do conceito de Guerra Cultural pelos intelectuais estadunidenses, demonstrando os argumentos dos principais debatedores sobre o tema. Para isso, dividimos o capítulo em dez tópicos sendo eles:

Os tópicos 1.1-1.3 que descrevem o conceito e sua possível origem na sociedade estadunidense, onde, na primeira parte (*1.1 O que é Guerra Cultural? A reconstituição do tema na história e o seu revigoração nos EUA.*) debatemos a pré-existência da ideia de

Guerra Cultural na história mundial e sua releitura nos EUA por Hunter (1991) como o intuito de explicar a crescente polarização em torno de temas culturais no país.

Enquanto que, na segunda (1.2 *As Guerras Culturais americanas, da guerra religiosa na América do século XIX ao crescimento do pluralismo.*) aprofundamos a relação conflituosa entre os grupos religiosos na história estadunidense, marcada pela tentativa de controle do país pelos protestantes e pelos conflitos entre as diferentes religiões no país.

Na parte terceira parte (1.3 *A expansão da pluralidade cultural e a Guerra Cultural Moderna.*) discutimos como o crescimento da pluralidade e da secularização, ocorridas com o crescimento das imigrações e com o advento de novas teorias científicas, forçou os setores religiosos a optar pelos processos de adaptação ou de ortodoxia, (ocorrida na forma de fundamentalismo religioso), discutindo como esse processo motivou uma aproximação entre setores conservadores, pertencentes a variadas denominações religiosas, diminuindo a rivalidade entre as diferentes seitas da doutrina judeu-cristãs no país.

Já nas partes 1.4 a 1.7 procuramos compreender como o conceito de Guerra Cultural foi resgatado para o contexto da sociedade estadunidense, partindo da definição do tema e demonstramos como ele foi recebido no meio intelectual, político e pela mídia do país. Nessa passagem encontra-se a quarta parte (1.4 *Uma sociedade construída sobre duas autoridades morais.*) que apresenta a tese de Guerra Cultural da maneira como ela foi proposta por Hunter (1991), abrindo assim o debate sobre o tema. A quinta (1.5 *Após a publicação do livro de Hunter.*) que aponta os resultados relacionados com a publicação do livro de Hunter, marcado pela aceitação de atores sociais como guerreiros culturais e pelo crescimento da influência da discussão na mídia e nos debates políticos e acadêmicos. Enquanto que, a sexta (1.6 *Uma América desunida?*) apresenta a resposta de Hunter para o crescimento da visibilidade da ideia de Guerra Cultural, onde, apontamos outra pesquisa desenvolvida por Hunter (1996) que debate a crescente polarização apresentada na sociedade estadunidense. Na sétima parte (1.7 *Uma Nação e duas culturas ou uma Cultura e muitas culturas?*) trabalhamos com a obra de Eagleton (2003) e Himmelfarb (1998- 2001), autores que assim como Hunter defendem a ideia da existência de uma Guerra Cultural na sociedade estadunidense. Nossa preocupação ao realizar essa leitura foi demonstrar que tanto autores conservadores como não conservadores passaram a adotar a ideia de que existiria uma Guerra Cultural na sociedade estadunidense.

Por outro lado, as partes 1.8 e 1.9 debatem as principais leituras que se opuseram à ideia da existência de uma Guerra Cultural na sociedade estadunidense, desmistificando a leitura realizada por Hunter e mostrando os motivos que fizeram com que a classe política e a mídia aceitassem a existência de uma Guerra Cultural. A oitava parte (1.8 *Alan Wolfe e a*

tentativa de perceber os EUA como uma nação.) aponta a pesquisa realizada por Wolfe (1996) com enfoque na classe média estadunidense, mostrando como o autor defendeu que jamais existiu uma polarização total nesse setor da sociedade estadunidense. Já a nona (*1.9 A Guerra Cultural como um mito da América polarizada.*) desmistifica a ideia da existência do fenômeno na sociedade estadunidense apontando que o debate em torno do tema surgiu devido a uma distorção dos dados pelos intelectuais, pela mídia e pela classe política do país.

No fechamento do primeiro capítulo, aprofundamos mais uma questão envolvendo a ideia de Guerra Cultural, apresentada na décima parte (*1.10 As definições sobre o debate envolvendo o tema e o fim da Guerra Cultural?*), trazemos a leitura do último grande debate entre os defensores da existência de uma Guerra Cultural na sociedade estadunidense e os defensores de que ela nunca realmente existiu.

O segundo capítulo de nosso trabalho (*A um passo de Deus: A influência da religião, das mudanças sociais e a consolidação da agenda conservadora.*) divide-se em três tópicos, apontando a trajetória da mobilização do novo conservadorismo no país, detalhando os motivos e os principais eventos que estruturaram a formação do novo conservadorismo na América e, principalmente, a maneira como esses atores utilizaram-se das batalhas culturais como ferramenta central de suas mobilizações.

No primeiro tópico (*2.1 Definições e a influência da religião na sociedade do país.*) mapeamos as principais correntes do novo conservadorismo estadunidense debatendo as leituras que são referências sobre o fenômeno. No segundo (*2.2 Religião na política e como espetáculo na América.*) retratamos as transformações da religião na sociedade estadunidense e o desenvolvimento das leituras fundamentalistas cristãs, demonstrando os períodos de ascensão e de arrefecimento da influência desses atores na política estadunidense. No terceiro tópico (*2.3 As mudanças estruturais que reforçaram a urgência da revolta conservadora e a crise da esquerda estadunidense.*) apontamos as causas que levaram ao fortalecimento das mobilizações conservadoras na América e como esses movimentos passaram de quase imperceptíveis, durante grande parte do século XX, para um papel extremamente relevante nos debates políticos do país nas últimas décadas.

O terceiro capítulo de nossa tese (*Da tentativa eleitoral de Barry Goldwater até o fim da administração Carter: uma releitura histórica sobre a importância das batalhas culturais para a origem da mobilização conservadora estadunidense*) analisa a trajetória do novo conservadorismo estadunidense, a partir da década de 1960 até o final do governo Carter, relacionando-a aos casos que envolveram batalhas culturais. Para isso o dividimos em três partes. A primeira parte (*3.1 O candidato Goldwater, o governador Reagan, o despertar da*

consciência e da revolta conservadora.) trabalha com as primeiras tentativas eleitorais do novo conservadorismo pautadas na campanha de Barry Goldwater à presidência em 1964 e na eleição de Ronald Reagan para governador da Califórnia em 1966. A segunda parte (3.2 *De Nixon a Carter, da ascensão do Partido Republicano ao poder a crise na confiança nos políticos do país. Os motivos que levaram à organização da direita religiosa.*) discute alguns aspectos da crise de confiança gerada na administração Nixon e os motivos para a entrada de setores religiosos conservadores na política. A última parte do terceiro capítulo, (3.3 *A explosão televangelista e a revolta contra o aborto.*) mostra como o crescimento da influência de pastores televisivos e de algumas mudanças sociais contribuíram para o desenvolvimento do conservadorismo no país.

No quarto capítulo (*De Reagan a Bush. A primeira ascensão e queda da direita religiosa.*) discutimos os resultados das primeiras eleições presidenciais que contaram com uma forte participação da direita religiosa (1980 e 1984) e mostramos como esse apoio não resultou em um governo com enfoque exclusivamente em posições conservadoras em relação a questões culturais. Pontuamos a candidatura de Pat Robertson em 1988 como uma resposta a isso. Com isso, dividimos o capítulo em três partes, a primeira, (4.1 *A campanha Reagan contra Carter: o palco perfeito para o debate entre as duas Américas.*) discute como se construiu a campanha eleitoral de Ronald Reagan em 1980 a partir dos problemas enfrentados pela administração Carter. A segunda (4.2 *Reagan o grande herói conservador? A Moral Majority e a relação da direita religiosa com a administração Reagan.*) demonstra a ruptura entre Ronald Reagan e a direita religiosa provocada pelo abandono da administração dos temas defendidos pelo movimento e pelo enfoque do presidente em questões econômicas e internacionais. Na terceira parte (4.3 *A derrota do candidato de Deus para a máquina política republicana e a chegada da família Bush a presidência.*) discutimos que devido ao distanciamento da administração Reagan aos interesses do movimento ocorreu uma reestruturação da direita religiosa no país que culminou com a candidatura de Pat Robertson a presidência em 1988 e sua consequente derrota para George H. W. Bush.

O quinto capítulo (*A ascensão e o declínio da Guerra Cultural: A Convenção Republicana de 1992, Bill Clinton (1993-2001) e George W. Bush (2001-2009)*) continua a discussão da relação entre as presidências e as batalhas de temas culturais no país apontando o momento em que, a ideia de Guerra Cultural ganhou força na sociedade estadunidense. Para isso, o dividimos em duas partes, a primeira (5.1 *Guerra Cultural? Para que temer o exterior se o inimigo sempre esteve dentro do país.*) discute como a ideia da existência de uma Guerra Cultural tomou conta da campanha eleitoral de 1992 e os motivos que fizeram Bill Clinton

presidente do país. A segunda, (5.2 *Bill Clinton (1993-2001): o presidente amoral e a Guerra Cultural.*) analisa a oposição a Clinton a partir de temas culturais e o crescimento da polarização política entre o Partidos Republicano e o Partido Democrata.

O sexto e último capítulo de nossa tese (6 *De George W. Bush à Obama; a estranha morte da direita religiosa e da Guerra Cultural.*) debate como Bush foi eleito presidente a partir de um discurso fortemente vinculado a questões religiosa e como ele se relacionou com a ideia de Guerra Cultural, para em seguida mostrar os motivos que levaram ao enfraquecimento da discussão em torno dela na sociedade estadunidense e culminaram com a eleição de Barack Hussein Obama em 2008. Para mostrar isso dividimos esse capítulo em cinco partes, a primeira (6.1 *George W. Bush entre o radicalismo religioso e a moderação.*) debate a disputa eleitoral em torno da primeira campanha de George W. Bush desde as prévias republicanas, apontando como Bush se alinhou com a direita religiosa. A segunda (6.2 *George W. Bush e o último suspiro da direita religiosa.*) explica como Bush, após eleito tentou estruturar seu governo no sentido a diminuir a polarização existente no país e como os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 transformaram a sua administração. A terceira parte (6.3 *A Guerra Cultural em George W. Bush.*) debate como o governo Bush se relacionou com as questões culturais, destacando temas como as *Faith Based Initiatives*, o debate em torno da eutanásia que indicavam uma vontade conservadora do presidente. A quarta parte (6.4 *O fim da Guerra Cultural o Renascer de uma nova América.*) discute os motivos que levaram a ideia de Guerra Cultural perder influência nos Estados Unidos, destacando fatores como a crise econômica, transformações sociais e nos movimentos conservadores religiosos do país. Por último, a quinta parte (6.5 *A eleição de Obama e o retorno do conservadorismo econômico.*) debate a eleição de Barack Hussein Obama e diante do afastamento do debate em torno de temas culturais e o retorno do conservadorismo econômico e do debate com relação ao crescimento do Estado.

Capítulo 1. Guerra Cultural: as definições intelectuais e as trajetórias do conservadorismo estadunidense.

A proposta para esse capítulo consiste em trazer o caminho percorrido pelo conceito de Guerra Cultural e demonstrar como se desenvolveu o debate intelectual em torno do tema a partir da década de 1990. Nosso intuito é o de estabelecer um referencial teórico que permita demonstrar como os movimentos conservadores estadunidenses são ao mesmo tempo criadores e fruto da ideia de Guerra Cultural. Nesse sentido, partimos da afirmação de que a apropriação da ideia de Guerra Cultural por parte dos novos conservadores visou, ao mesmo tempo, ampliar a sua visibilidade na sociedade estadunidense e disseminar a ideia de que a sociedade viveria uma suposta crise cultural e institucional, fato que os levou a travar batalhas que envolviam, particularmente, temas culturais.

Por este motivo, concentramos esta passagem de nosso trabalho em um capítulo de caráter teórico centrado nas discussões em torno da construção do conceito de Guerra Cultural na sociedade estadunidense por uma gama variada de teóricos como: James Davison Hunter, Alan Wolfe, Gertrude Himmelfarb, Terry Eagleton e Morris Fiorina; procurando estabelecer como cada um deles abordou a sua relevância e o seu desdobramento.

1.1 O que é Guerra Cultural? A reconstituição do tema na história e o seu revigoreamento nos EUA.

Nós agora vivemos em um país onde nossas tradicionais fés religiosas Judaica e Cristã – forças civilizadoras em qualquer sociedade – são abertamente ridicularizadas e cada vez mais empurradas para a margem. Vivemos em um país onde a autoridade parental é prejudicada e as crianças tem menos proteção contra a pornografia, crimes violentos e a promoção de perigosos e egoístas comportamentos sexuais. Vivemos em um país onde os valores da vida humana tem sido banalizados – desde o momento e forma de concepção até a morte natural ou não. (SEARS; OSTEN, 2005, p.2)¹².

A ideia da existência de Guerras Culturais aparece de uma maneira relativamente frequente na história mundial, tendo sua origem motivada por transformações sócio-históricas drásticas na estrutura da sociedade e por uma conseqüente e virtual ruptura entre lados

¹²Todas as traduções presentes nessa tese foram feitas pelo autor.

extremados, que influenciariam o comportamento social por estarem dispostos a travar batalhas políticas e teóricas em torno de temas relacionados à cultura. Essa ruptura pode ser facilmente representada pelas oposições liberal e conservador, antigo e moderno, progressista e ortodoxo, secularista e religioso ou ainda pela disputa entre diferentes compreensões morais entre grupos religiosos.

Esses grupos aparecem na história disputando a hegemonia de suas ideias sobre a sociedade, todavia, suas oposições são muito mais profundas do que uma simples rivalidade de ideias, uma vez que, a característica principal delas concentra-se no embate entre construções morais totalmente opostas. Ou seja, a maneira como cada um desses grupos compreende o mundo é carregada de valores radicais, construídos sobre alicerces profundamente estáveis e inflexíveis, e que se refletem na forma como os seus membros se relacionam com a realidade. A força destes conjuntos morais é tão intensa que qualquer transformação na sociedade é concebida por seus membros como uma ameaça à destruição de seu modo de vida.

Neste sentido, não é incomum encontrar autores que concebem os conflitos provocados por transformações sociais em determinados períodos históricos, a partir da ideia de Guerra Cultural em evidência o exemplo da *Kulturkampf*¹³ de Bismarck ocorrida durante as últimas décadas do século XIX. O embate constituiu-se em uma disputa entre protestantes e católicos, após o final da Guerra Franco-Prussiana, e tinha sua centralidade em Bismarck e a unificação da Alemanha em Estado-Nação. A questão é que durante a guerra contra a França criou-se um espírito de unidade nacional alemã estabelecida na coesão política entre os vários principados, o que parecia ameaçado pelo término do conflito, ou seja, com a ausência de um inimigo externo que servisse como mobilizador em torno da defesa dos laços comuns, surgiu a necessidade da criação de outras formas que possibilitassem a unidade social¹⁴.

Bismarck, mesmo não sendo um fiel seguidor da religião protestante¹⁵, fomentou o combate contra a Igreja Católica em prol da defesa da centralização do Estado e da tentativa

¹³ Guerra Cultural em alemão.

¹⁴ Segundo Rose (1987), a disputa interna teve seu início quando foram anexadas ao Império a Alemanha do Sul e a Alsacia-Lorena que possuíam uma população majoritariamente católica que era vista com desconfiança pelos protestantes das regiões da Prússia e da Alemanha do Norte. A rusga entre as regiões foi acentuada quando o Partido do Centro, organizado pelos católicos alemães, ganhou 58 cadeiras no *Reichstag* em 1871, tendo um forte apoio dos grupos contrários a Bismarck.

¹⁵ Bismarck tem entrada tardia na participação religiosa.

de unificar definitivamente a nação¹⁶. O movimento ganhou força apoiando-se em tendências liberais e no anticlericalismo¹⁷, angariando características de extrema violência:

O conflito ganhou um caráter de extrema violência: as relações com Roma foram rompidas, o arcebispo de Posen encarcerado; em 1875, dos doze bispados da Prússia, oito estavam vagos; o arcebispo de Breslau tinha se refugiado na Áustria, e o de Colônia na Holanda. (DROZ, 1958, p.65-66).

Droz (1958) argumentou que o conflito chegou ao fim com a posse do Papa Léon XIII (1878), quando as leis anticlericais criadas por Bismarck perderam vigor, somente o casamento civil e a expulsão dos jesuítas mantiveram-se, fato determinante para que alguns pesquisadores sobre o tema apontassem o triunfo da Igreja Católica. Todavia, apesar de sua virtual derrota, o chanceler alemão conseguiu atingir seu principal objetivo, que consistia em garantir a proteção de alguns direitos como o casamento civil e a centralização do Estado.

Segundo Hunter (1991), o ponto central da *Kulturkampf* de Bismarck construiu-se tendo como pano de fundo uma questão educacional. Isso ocorreu porque a educação era o símbolo da unidade alemã e da identidade nacional e, por esse motivo, a disputa representava uma batalha entre os católicos e protestantes sobre a formação do caráter da nação e como ele seria transmitido como um legado para as gerações futuras.

O pesquisador estadunidense Dejean (2003) apontou a batalha dos livros na França do século XVII como um outro exemplo associado à ideia de Guerra Cultural. Para o autor¹⁸, a batalha caracterizada pela disputa entre antigos e modernos e pela criação de um novo público, acabou expandindo-se para questões políticas mais abrangentes como, por exemplo, a polêmica sobre os direitos das mulheres. Ou seja, no exemplo francês a disputa nasceu motivada pela transformação do gosto no país, pelo surgimento de novos autores, de novas temáticas e pela reação dos já estabelecidos no campo literário a essas transformações.

O resultado da disputa deu origem a um novo público alinhado às ideias da nova geração. Conseqüentemente, ao propagar essas novas ideias estabeleceu-se uma nova maneira de interagir com a realidade, transformando o que seria aceito a partir de então pela população em geral.

A característica comum destas disputas é o fundamento da ideia de Guerra Cultural, portanto, a percepção de que elas são travadas em torno modelos ideais de como a sociedade

¹⁶ A disputa fortaleceu-se através de medidas como o controle governamental sobre as escolas católicas (1871), a expulsão de jesuítas (1872) e as leis de maio de 1873 que tentavam colocar a Igreja sob o controle do governo prussiano.

¹⁷ Bismarck tomou medidas como: a obrigação dos futuros clérigos de estudar em universidades do Estado, o direcionamento para um Estado Civil Laico e a expulsão dos jesuítas.

¹⁸ Dejean utilizou-se das referências da ideia de Guerra Cultural estadunidense para reconstruir a disputa francesa.

deveria ser constituída. Tanto no caso alemão, quanto no francês, a discussão surgiu centralizada em questões como: qual seria o legado a ser passado para as gerações posteriores? Quais os mitos e histórias que representam a unidade e esse legado da nação? O que nos faz perceber, que esses questionamentos não se diferem dos que os EUA passaram durante as últimas décadas, ou seja, quais foram os valores que transformaram a jovem colônia americana em uma superpotência mundial?

Neste sentido, a narrativa dos EUA pode ser observada sob a ótica das rupturas entre grupos que construiriam e afirmariam os valores responsáveis pela formação da identidade americana. Assim, episódios como: a Guerra da Secessão (se a pensarmos como uma ruptura entre um bloco moderno representado pelo norte e um bloco tradicional representado pelo sul), a disputa entre protestantes e católicos que teve sua origem na chegada maciça de imigrantes não protestantes ao país (durante o século XIX) e que motivou disputas entre os dois grupos, e, atualmente, as rupturas entre secularistas e religiosos, entre nativos e imigrantes e entre multiculturalistas e tradicionalistas poderiam representar Guerras Culturais.

Com isso, são inegáveis os momentos de rupturas na história estadunidense, afinal, em todos os exemplos citados acima, percebe-se que as transformações acarretaram resistências tão ou mais radicais aos seus propósitos iniciais. Nosso intuito, então é o de aprofundar a compreensão do conceito de Guerra Cultural na contemporaneidade estadunidense, analisando-a paralelamente à sua trajetória. Para tanto, precisamos partir da ideia de que a discussão sobre a existência de Guerra Cultural é carregada de disputas ideológicas, que constantemente a redefiniu durante os últimos anos, concebendo-a hora como exagerada, contradita, minimizada e, em muitos momentos, como uma explicação possível para toda e qualquer polarização existente na sociedade estadunidense.

A dificuldade em torno da definição do conceito de Guerra Cultural decorre, por causa disso, de uma batalha ideológica que adicionou à sua ideia original novas discussões, fato que fez com que o debate sobre o tema se acirrasse. Assim, a questão central desse capítulo é entender a ideia de Guerra Cultural afastando-a da redução imposta pelo debate atual que analisou o fenômeno a partir da dupla – existe/ou não existe. Com isso, a novidade de nosso trabalho centra-se em aprofundar que devido a maneira como os EUA foi pensado de forma polarizada a ideia de Guerra Cultural foi uma ferramenta da mobilização dos dois lados dessa disputa entre conservadores e liberais.

A questão é que, parte significativa dos teóricos envolvidos com o tema engajou-se a um dos lados da disputa, ou seja, partilhou, do que chamaremos aqui, de ideias conservadoras ou liberais. Frente a essa polarização e após a publicação do livro de Hunter (1991), os meios de

comunicação rapidamente aceitou a ideia de que o país estaria dividido ao meio, aproveitando-se, dessa forma, da ótica que privilegiava o confronto frente à calmaria, investindo na divulgação de concepções controversas sobre temas culturais como o aborto e a relação entre educação e religião para justificar que o país era dividido.

Em decorrência disso, a explosão da ideia de Guerra Cultural na sociedade estadunidense suscitou dois tipos de leituras diferentes sobre o tema. A primeira surgiu a partir da obra de Hunter (1991) e foi acolhida pelos “guerreiros culturais¹⁹”, que a defendiam como forma de motivar sua luta política. Ou seja, ela tem sua origem em uma leitura acadêmica da sociedade que foi rapidamente aceita pelos formadores de opinião e pelas elites políticas e intelectuais engajadas, que viam nas disputas culturais uma possibilidade de transformar a sociedade. Por isso, essas elites demonstravam que o país atravessava um processo polarização que desencadearia uma ruptura total da sociedade, dividindo os EUA entre conservadores e liberais.

Uma segunda leitura também surgiu na academia e demonstrou que apesar da disputa entre duas elites políticas dispostas ao confronto diante de assuntos culturais, a grande maioria da população não se preocupava com a pretensa Guerra Cultural. Essa concepção está presente em obras que visavam compreender a sociedade estadunidense, eliminando a análise dicotômica. Como exemplos dessa abordagem estão a pesquisa realizada por Wolfe (1998), que buscou debater o real papel da classe média na polarização social do país e a de Fiorina (2006), que demonstrou que, em geral, os americanos não são politicamente radicais a ponto de participar de batalhas campais sobre temas relativos à cultura. Outras leituras, como as realizadas pelo rabino Michael Lerner (2005) e pelo cientista político Bob Edgar (2007) tinham o intuito de explicar o universo religioso afastando a ideia de que a única maneira de se pensar a questão da religião nos EUA seria relacioná-la aos movimentos da direita religiosa.

Mas o que definimos aqui como Guerra Cultural? Estamos trabalhando com um fenômeno específico, ou de fato com inúmeras batalhas culturais nos últimos anos da história estadunidense? Como este fenômeno foi revitalizado na sociedade estadunidense e porque isto ocorreu?

Para responder essas questões, esse capítulo propõe aprofundar a discussão sobre o conceito de Guerra Cultural, demonstrando sua definição tanto durante as décadas de 1990 e 2000, quanto nos dias atuais. Para isso, iniciaremos com uma definição geral do conceito

¹⁹O que denominamos aqui como guerreiros culturais, é uma grande variedade de ativistas que após a definição de Hunter (1991) sobre o fenômeno puderam assumir-se como tal.

presente nas obras do sociólogo estadunidense James Davison Hunter (1991), pioneiro nos estudos sobre a redefinição do tema na atualidade.

Consideramos importante, em um primeiro momento, destacar que Hunter retomou o conceito de Guerra Cultural na sociedade estadunidense no princípio da década de 1990, período histórico pautado pelos frutos das disputas sociopolíticas que ocorreram nas décadas de 1970 e 1980. Nesse período, encontramos inúmeros confrontos na sociedade estadunidense em torno de assuntos envolvendo questões morais, tais como: as reformas na *Equal Rights Amendment (ERA)*, as legislações pró-aborto, as discussões sobre a definição de família e o encontro sobre o tema ocorrido na Casa Branca sob a administração Carter, a inserção da educação sexual nas escolas, o crescimento de um país cada vez mais multicultural e a inserção das novas culturas na sociedade.

Este quadro de conflitos vinha mostrando-se cada vez mais presente na vida pública estadunidense, o que pode ser percebido quando observamos a importância política de movimentos como a *Moral Majority*²⁰ ou da *American Civil Liberties Union (ACLU)*²¹. Por esse motivo, as duas décadas anteriores à publicação do livro de Hunter pareciam mostrar que os combates sobre esses temas tornar-se-iam cada vez mais frequentes e radicais, o que resultaria em uma total divisão da sociedade entre os apoiadores das transformações e os seus críticos.

Hunter (1991) definiu Guerra Cultural a partir da ideia de uma ruptura na sociedade provocada por dois conjuntos morais, um *ethos* moral progressista e um ortodoxo. Ela tomaria conta do espaço público, sob a forma de disputa de opiniões contrárias em luta pela hegemonia política do país. Para balizar essa leitura, o autor aprofundou a ideia de conflitos culturais, ilustrando, a partir da maneira como estes dois conjuntos morais de compreensão da realidade se rivalizariam na sociedade:

Eu defino conflito cultural muito simplesmente como hostilidade política e social enraizada em diferentes sistemas de compreensão moral. O fim para cada uma destas hostilidades tende a ser a dominação de um *ethos* moral e cultural sobre todos os outros. (HUNTER, 1991, p.42).

No entanto, ao definir o conceito de conflito cultural, o autor alegou que existiam dificuldades para buscar categorias conceituais e ferramentas analíticas que possibilitassem sua compreensão para o americano comum, uma vez que, este tipo de conflito apresentava-se

²⁰ Importante grupo da direita cristã estadunidense que ganhou notoriedade durante a década de 1980, sobre a liderança do televangelista Jerry Falwell.

²¹*American Civil Liberties Union* é a principal organização de defesa dos direitos individuais dos EUA, sendo fundada em 1920 por Crystal Eastman e Roger Baldwin.

de maneira um pouco distante da realidade da maioria dos estadunidenses. Ou seja, eles viveriam em um país que aparentemente não teve de grandes perseguições como a que ocorre com relação aos Kurdos no Iraque, ou conflitos como entre os nacionalistas Sikh no nordeste da Índia. Aqui deve-se abrir um espaço para questionar essa leitura do autor sobre a história estadunidense, pois, consideramos que diferente de sua maneira de enxergá-la esteve repleta de perseguições advindas de grupos já estabelecidos contra os grupos recém chegados no país como nos casos dos afro-americanos, imigrantes e membros de outras tradições religiosas.

1.2 As Guerras Culturais americanas, da guerra religiosa na América do século XIX ao crescimento do pluralismo.

Esse talvez seja o mito mais persistente da América: Os peregrinos vieram aqui procurando por liberdade religiosa, encontraram ela, e nós vivemos felizes desde então. (HASSON, 2005, p.1).

Para resgatar o conceito de Guerra Cultural na história estadunidense, Hunter (1991) partiu dos conflitos religiosos entre protestantes e os novos imigrantes católicos que ocorreram nos EUA no século XIX, defendendo que eles ilustrariam de uma forma embrionária como as disputas culturais ocorreriam na sociedade estadunidense.

Para que fique clara esta questão, é cogente, antes de dar continuidade à discussão teórica sobre a questão da Guerra Cultural, abordar esses episódios “Guerra Cultural” estadunidense devido aos grandes reflexos da rivalidade entre as religiões protestante e católica na política estadunidense dos séculos XIX e XX, disputa que se arrastou até os anos 1960²². Partimos então, da chegada dos imigrantes²³ com novas tradições culturais e religiosas, e da maneira pouco amistosa como eles foram recebidos por parte dos colonos estadunidenses. Para essa leitura, nos centramos na obra do historiador francês Denis Lacorne (2007) que nomeou o conflito como a guerra das duas Américas, pois, ele colocaria em oposição às elites protestantes e a hierarquia católica, o que ocasionou os conflitos entre as massas *WASP* (*White Anglo-Saxon Protestant*) e os imigrantes católicos (em sua maioria irlandesa).

Nesse sentido, a batalha significou muito mais do que uma simples disputa religiosa, pois, “Esta guerra das duas Américas não era somente religiosa, ela era também e, sobretudo uma guerra de classes seguida de um conflito étnico-cultural” (LACORNE, 2007, p.92).

²²John F. Kennedy foi o primeiro presidente católico a ser eleito nos Estados Unidos em 1960, período em que a não aceitação da população aos católicos já havia diminuído.

²³ Concentramos nosso olhar sobre os imigrantes católicos que por possuírem uma população maior na população estadunidense obtiveram uma maior visibilidade durante o período.

Hunter (1991) apontou que o conflito religioso foi resultado do crescimento da população Católica no País, segundo os dados apontados pelo autor, na década de 1830 cerca de 600.000 católicos chegaram ao país, seguidos de 1.700.000 na de 1840 e 2.600.000 durante a de 1850. Esta crescente imigração fez com que ocorresse um salto quantitativo na população católica, que partiu de 1% da população na década de 1790 para 12% na de 1880, atingindo 17% na de 1920²⁴.

Segundo Lacorne (2007), além da questão religiosa que contrapunha a população imigrante católica e os colonos estadunidenses, o primeiro grupo era composto por jovens em sua maioria, pouco qualificados e dispostos a aceitar empregos urbanos menos remunerados. Em outras palavras, eles procuravam ganhar a vida nos centros urbanos que cresciam no período, aglutinando-se em bairros onde a população era composta em sua maioria por imigrantes, parecendo transportar suas comunidades originais para as terras americanas. Sendo assim, os protestantes, influenciados pela propaganda anticatólica que crescia no período, considerava-os como uma ameaça à frágil república americana.

Essa drástica transformação da sociedade motivou atitudes xenofóbicas dirigidas contra as comunidades de imigrantes. No mesmo caminho argumentativo, Corbett (1990) mostrou que os americanos não católicos temiam que se os católicos se tornassem dominantes, a liberdade religiosa poderia ser perdida²⁵, o que fez florescer inúmeros movimentos Nativistas²⁶.

Hunter (1991) argumentou que jornais, como o *Chicago Tribune*, publicaram textos incentivando o anticatolicismo durante as décadas de 1840 e 1850, assim como, durante o período de 1800 a 1860, foram publicados cerca de 200 livros cujo foco era o anticatolicismo. Além disso, grupos políticos anticatólicos ganharam visibilidade como os *The American Protestant Association*²⁷, *The Christian Alliance*, *Foreign Christians Union*²⁸ e os partidos

²⁴Segundo Lacorne, (2007) apontando dados do *Statistical Abstract of the United States* de 2000, os dados referentes ao número de católicos nos EUA durante o período são um pouco diferentes, já que, em 1790: eles eram 35.000 (o que representaria 0,9 % da população total do país), em 1820 eles eram 195.000 (o que representaria 2,0% da população), em 1830: 318.000 (representando 2,5% da população), em 1840: 663.000 (algo em torno de 3,9%) e em 1850: 1.600.000 (um total de 6,9%).

²⁵Ou seja, o medo que o controle da Igreja Católica na sociedade os fizesse perder a liberdade religiosa resultava na perda da liberdade religiosa, já que, eles se voltavam contra grupos que tinham fé contrária a deles.

²⁶ O termo nativista constrói-se a partir da ideia de América para os americanos, rejeitando assim todas as tradições estranhas a vivenciada no país.

²⁷Fundada na Filadélfia em 1842, a associação acolhia membros de todas as denominações protestantes, encorajando o estudo da Bíblia e alertando-os sobre os perigos da perda da liberdade religiosa com o crescimento da influência do catolicismo na sociedade.

²⁸O *Know-Nothing* surgiu como um movimento político em 1848 e foi retratado no filme *Gangues de Nova York*.

como o *Native American Parties* (nas décadas de 1850 e 1860), organizações que possuíam muita força em estados onde a população católica era mais numerosa.

Outro agravante foi, que essa “Guerra Cultural”, veio atrelada a um novo gênero literário que ganhou força na sociedade estadunidense. Chamado de “pornografia protestante”, ele consistia em encontrar uma forma de demonstrar que a aparente santidade da ordem monástica era falsa e que os padres e monges católicos viviam verdadeiras perversões provocadas pelos tormentos da sociedade fechada, da avareza e do ciúme²⁹.

Marsden (in Cromartie, 1993) discutiu que a disputa entre protestantes e católicos teve uma forte relação com a formação dos dois principais partidos do país. Ou seja, durante a década de 1850, como uma oposição ao crescimento dos movimentos nativistas, uma grande quantidade de católicos se filiou ao Partido Democrata. No mesmo período, foi fundado o Partido Republicano a partir da derrota eleitoral do partido anticatólico nativista (*Native American Party*) conhecido como *Know-Nothing* que tinha conseguido 21% dos votos para a eleição presidencial de 1856³⁰.

A disputa entre protestantes e católicos teve seu auge no evento conhecido com a “Guerra das Bíblias” que foi provocado pela diferença existente entre a versão da Bíblia protestante e da católica:

A comparação das duas versões dava armas aos protestantes que queriam demonstrar a “insuficiência” da Igreja Católica: sua falta de racionalidade, sua ignorância das verdades bíblicas e das interdições divinas, suas tendências à idolatria, em resumo seu caráter geralmente supersticioso. (LACORNE, 2007, p.109).

Do mesmo modo, os nativistas faziam críticas às práticas de culto dos imigrantes irlandeses, como às representações de São Patrick, aos cultos à Virgem, ao Sagrado Coração de Jesus e às procissões. Porém, o que Lacorne (2007) considerou como o mais emblemático acontecimento da batalha das duas Bíblias, seria o caso ocorrido em março de 1859, na *Eliot School*, quando o estudante católico Thomas Whall (de 10 anos) recusou-se a ler, no princípio da aula, os dez mandamentos da versão protestante da Bíblia como havia sido exigido pela sua professora Srta. Shepard e pela lei do estado de Massachusetts (que definia a obrigatoriedade da leitura da versão protestante da bíblia em todas as escolas públicas do estado). Como resultado, o diretor da escola repreendeu o estudante, o que acabou levando o

²⁹Em Lacorne (2007).

³⁰ Segundo Marsden (in Cromartie, 1993), até 1960 o Partido Democrata tinha forte base nos Católicos do Sul e o Partido Republicano nos Protestantes. Contudo, essa relação vinha sendo alterado desde 1928, quando, com o *New Deal*, o Partido Democrata passou a mudar o enfoque de sua política a questões econômicas gradualmente relegando a questão religiosa a um segundo plano.

caso à justiça, que apoiou o diretor e considerou que o estudante havia cometido uma falha grave nos seus deveres de aluno e por isso deveria ser punido corporalmente. Todavia, junto com Whall, uma centena de estudantes católicos passou a recusar-se a ler os mandamentos de acordo com a Bíblia protestante.

A possibilidade do abandono da leitura dos dez mandamentos era vista pela população protestante como uma catástrofe para o sistema educacional. Aqui, como nos casos da Guerra Cultural francesa e alemã, a questão da educação foi central para o conflito religioso, pois ela era peça chave para a manutenção dos sistemas morais e para a formação da identidade nacional.

Do lado católico da disputa, o caso Whall deixou a impressão de que a Igreja Católica estaria indefesa aos ataques da maioria protestante. Ao mesmo tempo, Whall tornou-se um mártir católico moderno por ter provado sua fé heroica, rejeitando-se a ler os mandamentos em uma segunda oportunidade, mesmo sob a punição física, o que resultou na expulsão de Whall e dos outros estudantes católicos da *Elliot School* e promoveu o fortalecimento das escolas confessionais católicas. Essas novas escolas logo passaram a ser vistas pelas autoridades do país como um impedimento para a assimilação³¹ rápida dos imigrantes católicos aos valores estadunidenses.

O caso Whall abriu os olhos da população imigrante ao proselitismo protestante e liberou o caminho para o surgimento das *common schools* (escola elementar, pública e gratuita) que passaram a substituir gradativamente as *charity schools* (escolas religiosas e gratuitas destinadas aos mais pobres). Essas novas instituições educacionais seriam embrionárias ao crescimento de uma visão mais secularizada da educação, que considerava a liberdade e a autodisciplina como pontos centrais, todavia:

Esta secularização manteve-se incompleta como a escola pública tinha por missão formar cidadãos racionais, informados e inteligentes, capazes de compreender que existia uma moral cívica e um interesse público acima das paixões egoístas dos indivíduos. Agora, essa moral cívica não existia por si só; ela revelava uma moral mais geral, de inspiração cristã, repousante sobre um duplo postulado: a autonomia dos indivíduos e a autodisciplina. Autonomia, pois o homem é um agente livre que deve escolher por ele mesmo o partido ou a opinião política que melhor corresponda a sua sensibilidade; da mesma forma que ele exerce sua liberdade de consciência na escolha de culto de sua escolha, sem sofrer de pressões familiares ou

³¹ A questão da assimilação dos imigrantes era discutida na história dos EUA condicionada ao que McLaren (2000) definiu como uma leitura conservadora do multiculturalismo, uma vez que, ela propunha o abandono de uma identidade anterior em troca do pertencimento ao modo de vida estadunidense. Ou seja, a assimilação era condicionada a aceitação dos símbolos e heróis da nação, a restrição de tradições culturais e religiosas anteriores a chegada ao país ao ambiente privado e um comprometimento político com os Estados Unidos.

éticas. Autodisciplina, para que o homem do povo deixe seus pecados naturais – a ignorância, a superstição e o vício -, podendo se transformar em rebelde, em um inimigo da sociedade, se não em “Góticos ou em vândalos do interior”, mais perigosos que um inimigo externo. (LACORNE, 2007, p.112).

A questão envolvida no debate da educação nesse momento consistia em definir de que maneira seria possível separar a ideia de moralidade cívica da religiosidade protestante dominante no País. A solução encontrada para o ensino público passou a ser a de, sem abandonar a religião, evitar possíveis interpretações que suscitassem o conflito entre as diferentes religiões. Para Lacorne (2007) a “laicidade” americana tolerava e em determinados momentos encorajava a leitura da Bíblia, embora, a religião tenha passado a ser instrumentalizada a serviço de uma causa mais nobre e focada em um ideal de uma “cidade republicana” fundada na inteligência dos cidadãos.

Apesar de, na visão dos católicos, a solução ser parcial, sectária, fundamentalmente protestante e, até mesmo, antirreligiosa (os ensinamentos religiosos para a Igreja Católica deveriam ser realizados por uma autoridade religiosa), grande parte das escolas elementares católicas surgidas no período foram criadas a partir do modelo de *common schools*. Entretanto, adequar-se ao modelo educacional da época não garantia que as escolas confessionais católicas obtivessem os mesmos benefícios dados pelo Estado ao funcionamento de outras instituições educacionais.

Ou seja, apesar da tentativa de minimizar os conflitos, a educação continuava a ter um forte enfoque na religião protestante, ou como podemos perceber nos seguintes exemplos: a proposta de lei de 1839, pelo governador do estado de New York Willian Seward³², rejeitada pelas autoridades educacionais e pelo legislativo do estado; e a lei de 1842 que dava permissão para as autoridades locais de educação incluir ou não a leitura da versão protestante da Bíblia nas escolas. Assim, os debates sobre a educação passaram a ser cada vez mais radicalizados, visto que, para os protestantes, o abandono de sua versão da Bíblia nas escolas elementares era algo inaceitável, ao mesmo tempo em que, para católicos o que existia era um esforço catequizador por parte dos protestantes.

O auge do radicalismo envolvendo esta questão ocorreu após o assassinato de um “nativo americano³³” por um imigrante católico irlandês, fato que motivou manifestações e revoltas nativistas pelo país, como a de Filadélfia de 1844 (que teve a tentativa de retirada da leitura da Bíblia protestante das escolas como ponto central e resultou na destruição de duas

³² Seward foi governador de New York e secretário de Estado de Abraham Lincoln e Andrew Johnson.

³³ Um colono protestante.

igrejas católicas; a das marchas de protestantes em Kensington que desencadearam três dias de conflitos, a destruição de duas igrejas católicas e a morte de 30 pessoas) e o *Bloody Monday* de 1855 que após o ataque de protestantes a um bairro católico Irlandês em Louisville ocorreu uma batalha que deixou 22 mortos e inúmeros feridos.

Lacorne (2007) apontou que, o país passou a ser palco de batalhas campais, que motivaram novas tentativas de fomentar a separação entre Igreja e Estado como a Emenda Blame (criada em 1876) e o término de todos os auxílios às escolas confessionais, tanto no nível federal, quanto no local³⁴.

Os dados referentes à crescente imigração continuaram cada vez maiores, mesmo com o processo de resistência instaurado pelos nativistas. O período de 1861 até 1890 foi marcado pela chegada de aproximadamente 14 milhões de imigrantes, majoritariamente europeus, e de um forte apelo para as imigrações com contrato de trabalho determinado (1864-1884). (O número constante de imigrações causou o inchaço dos grandes centros urbanos, assim como, o crescimento da violência e da pobreza nestas regiões).

Com o constante crescimento da população imigrante, legislações passaram a ser efetivadas, no começo do século XX, com o intuito de controlar a chegada de imigrantes e garantir assim a dominância proporcional da população protestante no país. Vincent (1994) abordou as leis como a de 1917 que proibia a entrada de iletrados, a lei de cotas (*Quota Law*) de 1921 que limitava a entrada de imigrantes de cada nacionalidade em 3% anuais de acordo com o número de imigrantes destas que já viviam no país, e a lei de 1924 que reduzia este percentual para 2%. Além disto, inúmeros casos de expulsão e de interdição da entrada de grupos provenientes de países da Ásia (como o caso da restrição a entrada de chineses e filipinos³⁵), da Europa Central e da Europa Mediterrânea³⁶ no país são narrados por pesquisadores³⁷.

Segundo Vincent (1994), a motivação para este tipo de legislação partiu do medo da maioria *W.A.S.P.* com relação ao alcance da sociedade moderna, considerada nefasta (pois negava o papel da religião protestante como guia moral para a sociedade, assim como, trazia consigo as teorias que negavam o criacionismo) e da aversão a tudo o que não era verdadeiramente americano, fato reforçado pelo desenvolvimento do comunismo na Europa e

³⁴A emenda não foi aprovada por ter sido mal recebida pelos dois lados da disputa, protestantes e católicos.

³⁵ Ngai (1996).

³⁶Lacorne (2007).

³⁷Limonic (2010) argumentou que, além de restringir a entrada de estrangeiros nos Estados Unidos o período é marcado por legislações intrusivas que procuravam alterar os hábitos da população, com a Lei Seca de 1919.

pela difusão de novas teorias científicas e materialistas que foram recebidas com intolerância no decorrer dos anos 1920.

1.3 A expansão da pluralidade cultural e a Guerra Cultural Moderna.

Eu acredito que nós Cristãos já sofremos o que pode ser determinado como uma perseguição velada em muitas áreas da cultura, da moralidade e da lei. Ao menos que nós nos arrependamos de nossa preguiça espiritual e do torpor cívico, podemos esperar ainda uma perseguição cada vez mais extensiva. (STANMEYER, 1983, p.1).

Apesar do intensivo controle da imigração, limitando-a de acordo com o grupo étnico dos imigrantes, e da oposição a esses grupos por parte da população protestante, o crescimento das comunidades não protestante parecia inevitável, durante as décadas seguintes à de 1920. Com exceção da comunidade Judaica (que após a fundação de Israel, em 1948, teve sua população reduzida de 5% do total da população para 2,5%), os demais imigrantes continuaram apresentando um crescimento constante³⁸. O destaque deve ser dado à população católica que manteve um crescimento estável, principalmente, durante as décadas de 1920 à de 1940 e que, apresentou no período após a Segunda Guerra Mundial, e devido ao seu crescimento motivou uma alteração significativa na sociedade estadunidense que, segundo Hunter (1991), passou a representar 20% da população em 1947, 25% em 1967 e de 28 a 29% na década de 1980.

Da mesma forma, ocorreu o crescimento da pluralidade religiosa no país devido ao aumento das populações hindu, budista e muçulmana³⁹. Outro dado significativo deste fenômeno foi o aparecimento de inúmeras seitas não cristãs como a cientologia.

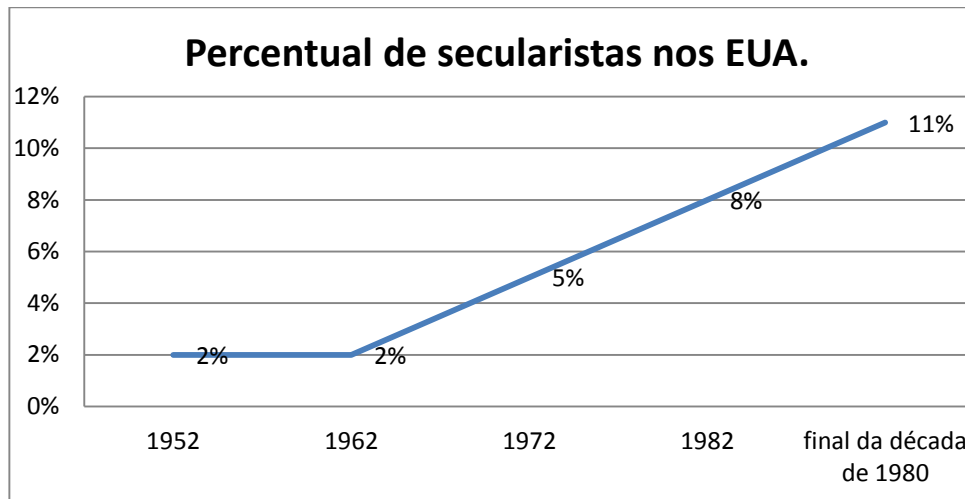
O aumento da população católica no país e o crescimento do pluralismo religioso acabaram aproximando as religiões Católica, Protestante e o Judaísmo, pois, por maior que fosse a rivalidade histórica entre elas, elas possuíam muitas características em comum, sobretudo, quando comparadas com as novas formas de fé que cresciam no país. Hunter (1991) argumentou que, apesar dos conflitos iniciais, a sociedade estadunidense constituiu-se a partir de um pacto judaico-cristão que foi quebrado com o crescimento da pluralidade

³⁸ Hunter (1991).

³⁹ O crescimento da população muçulmana nos EUA é marcante, se em 1934 existiam apenas 20.000 membros, em 1988 eles somavam quatro milhões e frequentavam cerca de 600 mesquitas.

religiosa e pela explosão no número de pessoas que se definiam como secularistas a partir de 1962. (Gráfico1).

Gráfico 1 Crescimento do número de pessoas que se definiam como secularistas.



Fonte: HUNTER, 1991, p.76.

A transformação da sociedade estadunidense resultou em um realinhamento da política do país, uma vez que, se até a década de 1950 as religiões ocupavam o espaço público como rivais, a partir da década de 1960 uma nova disposição da política construiu-se através da fragmentação das religiões em parâmetros de ortodoxia e progressismo. Ou seja, a unidade entre os grupos religiosos foi quebrada, protestantes, católicos e judeus passaram a dividir-se em ortodoxos e progressistas no interior de suas religiões, o que fez com que aliados se tornassem rivais políticos e inimigos históricos passassem a perceber similaridades em sua maneira de ver o mundo.

Entender a transformação dos grupos religiosos na sociedade estadunidense é o ponto de partida para a compreensão da ideia de Guerra Cultural. A questão aqui é pensar como a religião adaptou-se à modernidade. Em seu trabalho sobre o evangelismo estadunidense, Hunter (1983) mostrou como a religiosidade cresceu paralelamente ao aumento do secularismo nos EUA. A novidade desse processo é percebida quando se destaca que uma das principais características da modernidade concentrar-se-ia em uma erosão da plausibilidade das crenças religiosas. Mesmo assim, a religiosidade na sociedade estadunidense não passou por um processo tão forte de enfraquecimento como ocorreu na Europa.

Se pensarmos as transformações da importância do significado da religião na contemporaneidade a partir do conceito de desencantamento do mundo presente na obra de Weber, percebemos que existem dois caminhos para a compreensão dos efeitos da modernidade sobre a religião. Um primeiro que colocaria a ideia de desencantamento como

um resultado do processo de racionalização da sociedade, marcado pela retirada da magia que seria vista como obstáculo para o desenvolvimento do capitalismo moderno pela religião. Já o segundo, tratar-se-ia de um processo de remoção da religião pela ciência e de uma perda de sentido do mundo⁴⁰.

O interessante do estudo sobre esta questão nos EUA é perceber que enquanto países como França e Alemanha tiveram um recuo da influência da religião em sua vida pública, principalmente a partir da década de 1960, nos EUA a religião continuou a ocupar um espaço significativo dentro do discurso político do país. Esta diferença pode ser percebida quando retomamos a história dos EUA e percebemos que a questão religiosa nunca esteve realmente separada da vida pública do país, estando presente em quase todos os juramentos feitos pelos presidentes, na moeda, entre outros símbolos que colocariam a religião e a vida pública extremamente entrelaçada.

Hunter (1983) partiu da ideia de que a modernização da sociedade afetou a religiosidade, pois ela se baseava em um processo de racionalização que seria intrinsecamente inimigo da religião no nível da consciência subjetiva. Por este motivo, mito, mágica, tradição e autoridade, elementos essenciais para a orientação da crença religiosa perderiam a extensão na atualidade. Nesse sentido, as pessoas seriam constantemente expostas a variadas visões de mundo que criariam perspectivas antagônicas da realidade.

Para o autor, a modernização da sociedade estadunidense deixaria duas opções para os grupos religiosos, sendo elas: acomodação ou resistência (construída sobre a forma de ortodoxia). A acomodação poderia ser caracterizada de duas formas: como uma forma radical, que aceitaria uma reinterpretação da religião a partir de uma linguagem: “como, por exemplo, na tradução do Cristianismo em ética, psicologia, negócios, políticas liberais e teologia radical.” (HUNTER, 1983, p.16). Ou, em outro sentido, a acomodação poderia ocorrer com a redução da frequência de referências ao sobrenatural e com o crescimento das tentativas de fornecer explicações científicas aos temas da fé, o que pode ser percebido como: “o crescimento nesta atividade apologética pode ser compreendido como um tácito reconhecimento de um crescimento da implausividade da autoridade religiosa.” (HUNTER, 1983, p.16).

A resistência surge centrada na ideia de fundamentalismo definida como uma visão dos livros sagrados como a única leitura válida para a compreensão da realidade e

⁴⁰ Pierruci (2003) esclarece que apesar de existir um forte debate intelectual que apontava que o conceito de “desencantamento do mundo” em Weber moveu-se, ao longo de sua obra, em um sentido que partiu do enfraquecimento da magia pela racionalidade da religião para o enfraquecimento motivado pela ciência, na verdade os dois conceitos aparecem presentes simultaneamente em suas obras.

principalmente, na percepção de um declínio moral na sociedade. Esta oposição culminou em movimentos que atingiram seu auge a partir da década de 1970 com a entrada definitiva dos evangélicos na política dos EUA. Todavia, nesta passagem do texto não aprofundaremos esta discussão deixando-a para o próximo capítulo, onde, nos concentraremos no crescimento das mobilizações conservadoras nos EUA.

Após essa breve explicação sobre a rivalidade entre protestantes e católicos nos EUA, e sobre os efeitos da modernização sobre a sociedade estadunidense, é preciso deixar claro que não foram apenas católicos que encontraram dificuldades de aceitação em sua chegada na América, mas também os judeus, mórmons e asiáticos passaram por conflitos culturais semelhantes durante seu processo de assimilação. Todavia, é a partir da década de 1960 que a rivalidade entre as religiões começou a diminuir, fato que Hunter mostrou a partir de algumas pesquisas. Por exemplo, a pesquisa realizada pelo Gallup (em dezembro de 1987) mostrou que a antipatia dos americanos com relação aos católicos vinha declinando. Em 1958, 25% da população se opunha a indicação de um candidato católico, em 1987, este número caiu para apenas 8%. Da mesma forma, em 1958, 28% dos entrevistados disseram que não votariam em um candidato judeu contra apenas 10% em 1987. Outra pesquisa, apontada por Hunter (1991), e realizada pela *Anti-defamation League of B'nai B'rith*, mostrou que 90% dos evangélicos discordavam do tema: cristãos podiam justificadamente ter atitudes contrária aos judeus, já que judeus mataram Jesus.

1.4 Uma sociedade construída sobre duas autoridades morais.

Hunter (1991) apontou que diante das novas oposições que ganharam visibilidade na sociedade a partir da década de 1960, as divisões entre protestantes, católicos e judeus tornaram-se virtualmente irrelevantes. Agora, os temas que polarizavam a sociedade eram: aborto, cuidados com as crianças, fundos para as artes, programas de ações afirmativas, cotas, direitos homossexuais, valores que deveriam ser transmitidos pela educação pública e o multiculturalismo. Neste sentido, para o autor, todos estes temas poderiam ser aglutinados em uma categoria composta por questões de autoridade moral, que representariam guias para os assuntos fundamentais ou para percepções do mundo. O papel da autoridade moral seria dar respostas para as questões sobre a natureza da realidade:

Por autoridade moral eu quero dizer as bases pela qual as pessoas determinam se algo é bom ou ruim, certo ou errado, aceitável ou inaceitável, e assim por diante. É claro, pessoas frequentemente tem muitas ideias diferentes sobre qual critério utilizar para fazer julgamentos morais, mas este

é apenas um ponto. É o compromisso entre bases de autoridade morais, diferentes e opostas, e as visões de mundo que derivam delas que criam as profundas clivagens entre antagonistas na guerra cultural contemporânea. (HUNTER, 1991, p.42-43).

O autor destacou a existência de duas autoridades morais centrais para a compreensão da Guerra Cultural contemporânea, sendo: uma ortodoxa e outra progressista. Para Hunter (1991) a definição de ortodoxo partiria de um comprometimento com uma autoridade transcendente que seria definida como:

Este objetivo e a autoridade transcendente são definidos como, ao menos em um nível abstrato, uma consistente, imutável medida de valor, propósito, bondade, e identidade, ambas pessoais e coletivas. Ela diz o que é bom, o que é virtude, como devemos viver, e quem somos. Ela é uma autoridade que é suficiente durante todo o tempo. (HUNTER, 1991, p.44).

Já a autoridade moral progressista basear-se-ia em uma resimbolização histórica da fé e das tradições filosóficas, partindo da ideia de que as verdades morais e espirituais não seriam estáticas, ou, que representariam apenas uma coleção de fatos espirituais e proposições teológicas imutáveis, elas desenvolver-se-iam com o tempo e incrementariam a realidade. Em outras palavras, a autoridade moral progressista é definida pelo autor como: “Assim no progressismo cultural, por contraste, autoridade moral tende a ser definida pelo espírito da era moderna, um espírito do racionalismo e subjetivismo.” (HUNTER, 1991, p.44).

Retomando a definição do autor sobre Guerra Cultural, percebemos que o possível conflito se originaria a partir de uma tentativa de controle das autoridades morais sobre a esfera da cultura pública. Para isso, ele diferenciou a cultura privada da cultura pública, partindo da ideia de que a primeira é uma área de atividade simbólica constituída de significados e experiências com base nos conhecimentos pessoais, enquanto, a segunda fundou-se de símbolos que ordenariam a vida da comunidade ou região (na atualidade isso seria construído sobre a experiência coletiva de Estado Nação e seriam representados pelos símbolos que construíram a identidade nacional, pelas noções de virtudes cívicas e pelas ideias comuns de bem público).

Por este motivo, a ideia de cultura pública consistiria na instrumentalidade do Estado, referindo-se a todas as formas de normas legais e códigos que definiriam os limites aceitáveis do comportamento pessoal, da ação coletiva e da responsabilidade pública, ou seja, é a partir da cultura pública que se tomariam decisões sobre as medidas políticas realizadas no país, das mais simples como asfaltamento de uma rua até as mais complexas como as decisões sobre a vida.

Para Hunter, de uma maneira ideal essas duas culturas (privada e pública) deveriam ser complementares. A esfera pública criaria um respaldo legal e político para a cultura

privada delimitando assim, os limites do comportamento pessoal, enquanto a cultura privada representaria os interesses pessoais que se tornariam demandas no ambiente público. Entretanto, quando o autor analisou a Guerra Cultural a partir do conceito de Hegemonia Cultural, observando-a como uma disputa entre lados que procuram garantir a dominância de suas ideias na sociedade e na política estadunidense, ele percebeu que, frequentemente, os interesses de uma comunidade moral acabam eclipsando os das outras. Ou seja, se a sociedade estadunidense estivesse sobre o domínio de duas autoridades morais conflitantes existiria uma tendência crescente de radicalizações e conflitos originados na disputa entre elas. Este processo atingiria cinco áreas de disputa na sociedade: família, educação, mídia popular, lei e política eleitoral.

1.5 Após a publicação do livro de Hunter.

Hunter (1991) sintetizou em sua publicação sobre a definição de Guerra Cultural uma série de disputas que eram recorrentes nos EUA desde a década de 1920 e que haviam recebido um número incontável de nomenclaturas durante as décadas anteriores: desde as disputas pela educação e o combate contra o ensino da teoria da evolução⁴¹ até a entrada dos protestantes na política durante a década de 1970 com a posterior formação de movimentos como a *Moral Majority* e a *Christian Coalition* e as suas “guerras em defesa dos valores”.

Desta forma, as disputas com um enfoque na esfera cultural, sempre estiveram presentes na sociedade estadunidense, entretanto, é a partir da publicação de Hunter que ambos os lados participantes das batalhas culturais puderam, finalmente, assumir-se como guerreiros culturais. Com isto, cresceu durante os três anos seguintes à publicação do livro, o número de comentadores que passaram a publicar textos sobre o conceito, e o número de ativistas de ambos os lados que passaram a definir-se como tal, como exemplo: o discurso feito por Patrick Buchanan durante as prévias do Partido Republicano em 1992, onde, este afirmou a existência de uma Guerra Cultural no país⁴².

Outra característica do período, é que a mídia passou a apresentar com mais frequência, a visão de que o país estaria dividido apoiando-se em mapas políticos que dividiam o país em estados azuis que representariam o Partido Democrata (visto como o

⁴¹ Como caso clássico desta disputa destaca-se o caso envolvendo John Scopes, que em 1925 ensinou evolucionismo contrariando a lei do estado do Tennessee.

⁴² Este discurso estaria intimamente ligado a uma tentativa da direita religiosa de tomar o controle do Partido Republicano durante o início dos anos de 1990, o que acabou não tendo êxito, como demonstraremos no próximo capítulo.

partido dos liberais e progressistas) e os vermelhos que seriam associados ao Partido Republicano (visto como o partido dos conservadores e ortodoxos).

O crescimento da exposição do discurso radical e da polarização política passou a fortalecer a ideia de que a população estadunidense estaria dividida em duas, opostas por valores que as transformavam em inimigas naturais. Por este motivo, três anos após a publicação de seu livro, Hunter (1994) escreveu um novo, intitulado, *Before the Shooting Begins. Searching for Democracy in America's Culture War*, que tinha como proposta aprofundar de que forma ocorria a disputa entre os dois lados da batalha cultural. A retomada da discussão partia da preocupação de compreender o conflito, antes que este se transformasse em uma nova guerra civil no país. O autor percebia que as discussões em torno da ideia de Guerra Cultural assumiam conotações de crescentes de radicalismo, principalmente, quando ela era travada sobre questões que se relacionavam ao corpo, como: aborto, assédio sexual, pornografia, artes e música vulgares, educação sexual, distribuição de camisinhas, homossexualidade, políticas contra AIDS, eutanásia e direito à morte.

A explicação de Hunter para a radicalização em torno do debate cultural vinha da ideia de que os conflitos culturais manifestavam-se na tentativa de dominância na vida pública entre os lados da disputa cultural, o que poderia causar tensões, conflitos e talvez a violência. Apontando o exemplo do assassinato do Dr. David Gunn⁴³ de Pensacola, Florida em fevereiro de 1993, Hunter colocou o descontrole que o crescimento da radicalização da Guerra Cultural estava provocando no país⁴⁴. Neste sentido, o objetivo central deste novo livro de Hunter era demonstrar como se construiu o debate antagônico sobre os temas culturais.

Assim, para Hunter (1994) o conflito cultural estaria se tornando inerentemente antidemocrático, já que, a visão que cada lado tinha do contrário não fomentava o debate político, e sim, uma visão caricaturada construída na lógica das acusações, que muitas vezes associavam ao Terceiro Reich como o termo nazista, para referir-se ao lado contrário da disputa⁴⁵.

Ele construiu a metodologia de seu trabalho partindo de três tipos de análises: a primeira sobre as organizações que participam da batalha, ou seja, o autor procurou compreender o que e como pensam os ativistas dos dois lados da disputa, argumentando que estes ativistas, apesar de ocupar lados opostos, constroem retóricas similares para sustentar as suas posições. Estas retóricas estariam repletas de características marcadas pela distorção da

⁴³ Gunn era manifestante pró-aborto e foi assassinado pelo ativista antiaborto Michael F. Griffin.

⁴⁴ Booth (1993).

⁴⁵ Hunter (1994).

realidade, pelos exageros e pela tentativa de desacreditar e, até certo ponto, ridicularizar o lado oposto da disputa.

O segundo ponto de vista analisado pelo autor concentrou-se na compreensão de como os americanos (não ativistas) percebiam a questão do aborto. Para realizar esta análise Hunter partiu de pesquisas publicadas no *Gallup* e pela CBS com o intuito de perceber como estes estadunidenses estariam sendo influenciados pela crescente radicalização do tema.

Já a terceira análise partia da observação do crescimento desta radicalização dentro das instituições da sociedade civil:

Estas são as instituições que se destacam entre o indivíduo e o Estado, mediando entre os interesses privados e as preocupações e funções do governo: a imprensa, as organizações profissionais, instituições filantrópicas, e instituições de fé (igrejas, sinagogas, denominações, e similares). (HUNTER, 1994, p.154).

A importância desta publicação concentra-se na tentativa de compreender como realmente pensam os dois lados da disputa, método que ganhou muita força nos trabalhos realizados durante o início da década de 1990, entretanto, este tipo de leitura colaborou ainda mais com a fomentação da ideia de que a sociedade estaria fortemente dividida.

No mesmo caminho da obra de Hunter, surgiu outro debate importante sobre a Guerra Cultural, na publicação organizada por Bender e Leone (1994), onde, autores conservadores e liberais discutiram temas da Guerra Cultural. Dentre eles encontramos o texto de Allan Bloom, influente pesquisador neoconservador, argumentando o predomínio da civilização ocidental, e, em contrapartida, o importante escritor afro-americano Ismahel Reed, escrevendo como a ênfase na civilização ocidental estaria desatualizada. Além destes, o livro possui debates entre o conservador cristão David Barton e Rob Boston⁴⁶ sobre se a América deveria ou não seguir os princípios cristãos e Thomas Sowell⁴⁷ e William Sierichs Jr.⁴⁸ discutindo a respeito da educação multicultural, entre outros. A questão deste trabalho concentra-se em estimular o debate político, demonstrando o ponto de vista dos dois lados da disputa, o que parecia ser vital, visto que, ambos diziam-se aliados da possibilidade de participar do debate político pelo outro lado. Logo, aprofundar a discussão sobre os temas da Guerra Cultural parecia ser o caminho mais seguro para se atingir um consenso.

Outro caminho para a análise da ideia de Guerra Cultural surgiu de entendê-la afastada do radicalismo dos sujeitos, ou seja, se o debate intelectual resultou em um crescimento de

⁴⁶Diretor assistente de comunicação do *Americans United for Separation of Church and State*.

⁴⁷ Escritor conservador e libertário.

⁴⁸ Importante defensor do secular humanismo.

sua visibilidade e, conseqüentemente, a ampliação no número de atores de ambos os lados da disputa⁴⁹, ao ponto do surgimento de imagens que colocavam que a população estadunidense estaria totalmente dividida entre pessoas amplamente liberais ou completamente conservadoras, agora, a academia procurava mostrar como a ideia de Guerra Cultural nublava a real imagem que o estadunidense médio tinha da política. Por esse motivo, vários trabalhos passaram a surgir com o intuito de mapear quais seriam as reais características deste estadunidense médio.

1.6 Uma América desunida?

Hunter participou, em 1996, de um novo projeto junto ao *Institute for Advanced Studies in Culture* da Universidade de Virginia com enfoque na compreensão da cultura estadunidense, realizado em associação com Carl Desportes Bowman e a *The Gallup Organization*⁵⁰. A nova pesquisa procurava compreender os motivos que vinham levando a América a ter dificuldades para “falar uma língua comum”, ou seja, tentava explicar as causas da crescente polarização da sociedade que tinha sua origem em temas culturais e motivava o declínio da legitimidade das instituições chaves do país.

O ponto de partida dessa nova pesquisa elaborada por eles era o de que muitas das ideias que polarizavam a sociedade estadunidense surgiram de “evidências anedóticas”, que não eram sustentadas empiricamente. Para verificar esta hipótese, a proposta do trabalho era traçar um mapeamento do pensamento da população estadunidense que chegaria ao século XXI, através de 2000 entrevistas, focando, principalmente, a ideia de como era concebida a situação do país: de união ou de desunião?

Assim, a pesquisa partiu de cinco pontos centrais: a legitimidade do “Credo Americano” para a população estadunidense; o pensamento dos americanos sobre o governo; a percepção da população sobre o papel das elites; as questões sobre cidadania (como identidade política, raça e religião) e as análises a partir destas das contradições existentes na sociedade.

O primeiro grupo de questões partiu de uma visão constantemente atrelada ao pensamento conservador, ou seja, tinha como ponto de partida a afirmação de que o “credo

⁴⁹ Ou, o crescimento da visibilidade destes autores e suas temáticas fizeram com que a academia se interessasse pelo tema.

⁵⁰A pesquisa foi à segunda realizada sobre o enfoque sobre temas culturais e foi publicada na página do instituto, a primeira com o nome de *Life Choices* tinha seu enfoque nas questões referentes à temática do aborto.

americano⁵¹” vinha sendo minado pelo multiculturalismo e pelo pós-modernismo, fragmentando, assim, a identidade e a memória americana. Todavia, de acordo com os dados coletados o que vinha ocorrendo era exatamente o oposto, pois 84% dos entrevistados acreditavam no mérito de ensinar as crianças que a América tinha sido destinada a ser um exemplo para outras nações; 84% concordavam com a necessidade de ensinar às crianças que o país fora fundado sobre os preceitos da Bíblia e 72% consideravam que a América teria um lugar especial nos planos de Deus na Terra. Além disso, 93% consideravam a necessidade de ensinar as crianças que uma das contribuições da América seria expandir a liberdade para mais e mais pessoas e que os pais fundadores limitaram o poder do governo impedindo sua intromissão na vida dos cidadãos. Assim como, a grande maioria dos entrevistados concordava que as crianças deveriam ser ensinadas sobre a importância do *melting-pot*⁵², defendia o sofrimento realizado pelos americanos para expandir seu país, apoiava o ensino dos princípios do trabalho árduo, entre outros temas. Como também, a maioria dos entrevistados respondeu respeitar as instituições políticas, ter orgulho de viver sob seu sistema de governo, suportá-lo e o consideraram o melhor possível.

Sendo assim, quando os pesquisadores analisaram os dados das entrevistas, concluíram que apesar de existir uma crescente discussão na mídia e na academia em torno da ideia de que o “credo americano” estaria em decadência, a pesquisa mostrava um resultado contrário, apontando que a maioria dos americanos entrevistados o apoiava.

O segundo grupo, consistiu de questões a respeito do pensamento dos estadunidenses sobre o governo, a ideia de declínio americano e o grau de felicidade da população. Apenas 32% dos entrevistados diziam ter confiança no governo. Os motivos para essa desconfiança encontravam-se em respostas que demonstravam algumas características da população estadunidense, apresentando-se no forte apelo ao liberalismo radical visto em percentuais como: os 63% que achavam que o governo controlava demais a vida da população, os 68% que consideravam o sistema de taxas do governo federal desleal, os 61% que consideravam que um bom governo deveria ser menor, os 64% que achavam que o governo estadunidense deveria diminuir e os 57% que defendiam a redução do tamanho dos governos estaduais. Além desses dados, encontra-se na pesquisa a crítica de 40% dos entrevistados que considerava que o governo estaria se tornando mais hostil à religião.

⁵¹Segundo o autor, partindo da definição de Arthur Schlesinger Jr. a ideia de Credo Americano incluiria: liberdade, igualdade, democracia e *melting-pot*.

⁵² A ideia dos Estados Unidos como um caldo cultural formado pelos mais variados grupos étnicos que seriam assimilados pelo modo de vida do país.

Já as questões sobre a ideia de declínio dos EUA concentravam-se no fato de que 52% da população considerava que o país estaria em crise (um em cada cinco destes considerava que estava em forte declínio). Contudo, a visão de decadência variava na pesquisa de acordo com o grau de educação das pessoas entrevistadas, sendo que, a sensação de queda era maior para os entrevistados que haviam somente cursado o segundo grau (56%), enquanto, era de 38% nos que terminaram a universidade.

Outro dado que reforçava a ideia de queda apresentava-se nas questões envolvendo a segurança e o aumento da criminalidade, devido à relação direta estabelecida entre o crescimento da violência e um aumento da pobreza e de uma queda na qualidade de vida no país. Ao qual, 36% dos entrevistados tinham a percepção de que ocorriam mais crimes na sua vizinhança do que há cinco anos; pouco menos da metade dos entrevistados dizia ter medo de ficar sozinho em casa à noite e apenas 28% responderam se sentir muito seguros para andar sozinhos em sua vizinhança à noite.

Apesar da porcentagem de desconfiança no governo e de um sentimento de declínio da sociedade que se verificou nas preocupações da população⁵³, o sentimento de felicidade esteve presente em grande parte dos entrevistados, como os 68% felizes com as igrejas locais, os 59% com a economia local, os 55% com os oficiais locais eleitos, os 90% com a família, os 76% com o emprego, os 65% com sua situação financeira e os 84% com sua condição espiritual.

O terceiro grupo de questões presentes na pesquisa abordava a crença nas instituições políticas e as elites políticas do país. Os resultados demonstraram que existia um crescimento do descrédito da população com a política, 78% acreditavam que os políticos estariam mais interessados em promover sua imagem do que com os problemas do país e os mesmos 78% consideravam que era mais importante para os políticos vencerem as eleições do que lutarem pelo que era correto. Hunter e Bowman (1996) mostraram que existe uma queda na confiança da população com relação ao presidente (que variou de 41% em 1966 para 23% em 1976 e apenas 13% em 1996) e ao Congresso (que variou de 42% em 1966 para 10% na década de 1970 e apenas 5% em 1996).

A pesquisa mostrou que apesar de uma crise de confiança na classe política, o mesmo não ocorria com relação ao sistema político, ou seja, cerca de dois terços dos entrevistados defendiam que ele era bom, mas que as pessoas que dele faziam parte eram incompetentes. A maioria dos entrevistados enxergava com desconfiança a elite política do país, ou, como

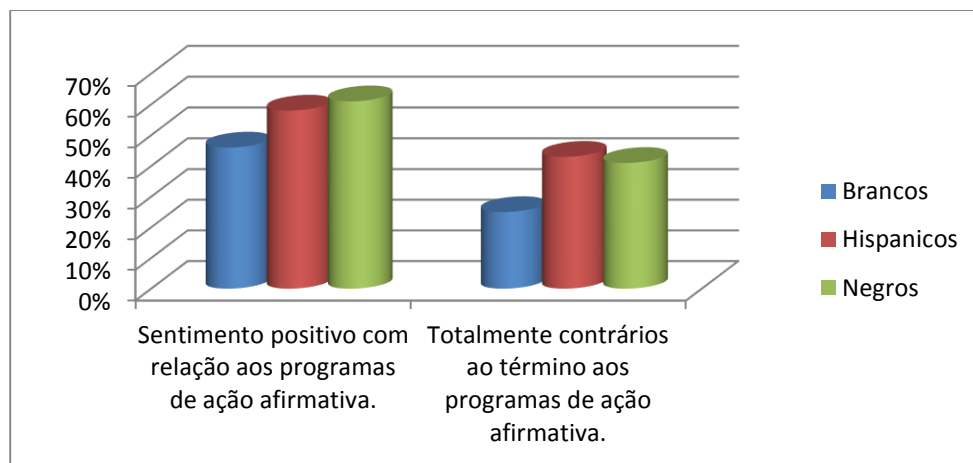
⁵³ Entre as principais preocupações da população estavam família (60%), ética e moral (59%), economia (56%), as escolas públicas (54%) e o governo nacional (50%).

apontaram os dados: 64% dos entrevistados achavam que a elite política era insensível aos problemas das pessoas, 59% achavam-na despreocupada com questões de valores e moralidade, 54% viam-na despreocupada com o bem comum, 69% diziam que ela se preocupava somente com a agenda, 60% a viam como irreligiosa e 53% a viam como pessoas sem caráter.

O quarto grupo de questões consistia na percepção de raça, identidade e religião e demonstrava que não existiam grandes rupturas étnicas entre a população, o que é demonstrado quando: 73% dos entrevistados não consideraram políticas de identidade como a mais importante (apenas 7% definiram questões de gênero e de raça como as mais importantes). E que a maioria dos entrevistados que apoiavam políticas de identidade não tinham educação universitária (25% destes não terminaram o segundo grau).

A pesquisa mostrou que a maioria dos americanos observavam com bons olhos a diversidade étnica (80% dos negros, 82% dos brancos a tem como algo positivo), a igualdade racial (75% dos negros e 78% dos brancos), o multiculturalismo (com 65% de apoio entre todos os entrevistados), entre outros temas como podemos observar no **gráfico II**.

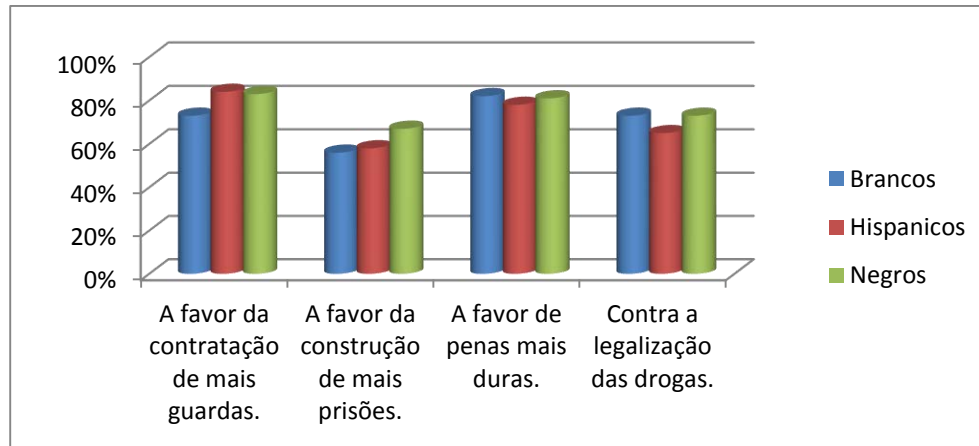
Gráfico II Percentual de apoio aos programas de ação afirmativa.



Fonte: HUNTER; BOWMAN, 1996, p.34.

Da mesma forma, existia uma proximidade entre as visões dos negros, brancos e hispânicos entrevistados a respeito da criminalidade como podemos perceber no **gráfico III**.

Gráfico III- visões de brancos hispânicos e negros sobre a criminalidade.



Fonte: HUNTER; BOWMAN, 1996, p.34.

Nesse grupo de questões apareceram também aquelas relacionadas à ideia de cidadania, gostos e questões morais. Os autores dividiram a população em três grupos: elite social, população total e a visão dos evangélicos. Para Hunter e Bowman (1996), a elite social seria representada pelo grupo que por ter vantagens econômicas e conseqüentemente um maior acesso a tecnologias como celulares, televisões via satélite e computadores, teriam visões mais negativas no que se refere a palavras como moralidade, conservadorismo e Cristão. Por outro lado, este grupo teria uma imagem mais positiva de termos como diversidade étnica, multiculturalismo, tolerância e dominância.

Os dados revelam uma aceitação maior de temas como: sexo antes do casamento, relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, casamento entre pessoas do mesmo sexo, adoção por casais homossexuais, a aceitação do ensino por professores homossexuais e uma aceitação maior da pornografia por membros dessa elite social do que pela população em geral. Por outro lado, os entrevistados que se definiram como evangélicos eram menos tolerantes com relação a esses mesmos temas.

A elite social seria mais favorável a temas como a educação sexual nas escolas e a aceitação de que os jovens deveriam ter acesso aos controles de natalidade (mesmo se os pais não aceitassem). E seria menos favorável a ideias como: a mulher deveria colocar o esposo e crianças à frente da carreira; se for necessário pode-se educar as crianças com uma boa surra, é melhor para a sociedade que os homens saiam para trabalhar e as mulheres fiquem em casa para cuidar da família e das crianças.

Os quatro grupos anteriores de questões serviriam como base para uma real compreensão dos Estados Unidos do período, ou seja, as respostas revelariam tanto um otimismo com o país, reforçado pelo “Credo Americano”, quanto um pessimismo como a

descrença na classe política. Sendo assim, os autores perceberam que existia uma diferença entre dois tipos de visões sobre a política cultural americana: uma ideal e uma substantiva. A ideal seria construída sobre os mitos da criação e narrativas a partir da memória coletiva da população, enquanto, a substantiva representaria o real funcionamento das políticas governamentais ligadas à cultura. A questão para os autores é que ambas as visões são importantes para a legitimação política do regime.

Os autores concentraram seus olhares, então, sobre a classe média, por esta ser a classe da contradição, podendo viver nos subúrbios, nas grandes cidades e nos centros rurais, além de compartilhar todos os valores descritos na pesquisa, sendo otimista e pessimista, patriota ou não, podendo pertencer às mais variadas raças ou religiões, e até mesmo, possuindo uma determinada variação de pobreza e riqueza entre seus membros.

Para eles, o que determinaria o elo comum entre os membros da classe média seria o medo do declínio social e econômico, isto é, de deixar de pertencer a ela. Este sentimento se desencadearia por dois motivos: o primeiro seria pelo medo de estarem perdidos devido à evolução cultural que segundo os autores: “eles sentem mas não conseguem entender” (HUNTER; BOWMAN, 1996, p.53). Já o segundo, seria motivado pela crescente inépcia dos representantes políticos e pelos objetivos, muitas vezes contrários aos da população, das elites políticas que faziam com que parecesse que as regras do jogo eram constantemente alteradas, o que resultaria em um sentimento de irrelevância para a classe média.

A consequência deste descontentamento refletiria no surgimento de grupos políticos devido ao descrédito das instituições, como milícias, movimentos liberais e os movimentos da direita religiosa. Eles surgiriam a partir de uma fragmentação entre duas visões de mundo das necessidades da classe média. A primeira marcada por uma elite social defensora de valores como o sonho da realização pessoal, da segurança e da mobilidade como resultados do sucesso do sistema e de outro lado, com o apelo feito por movimentos como a direita cristã que se construiu a partir da ideia de nacionalismo, da defesa das tradições, do trabalho, da moral e da ética familiar.

1.7 Uma Nação e duas culturas ou uma Cultura e muitas culturas?

Após demonstrarmos através da leitura de Guerra Cultural de Hunter a existência de um esforço dos intelectuais, durante a década de 1990, para desnublhar a real situação das disputas culturais na sociedade estadunidense, podemos, agora, partir para outras duas perspectivas sobre o assunto. A primeira realizada por Terry Eagleton, em seu livro originalmente publicado em 2000 em língua Inglesa e que foi traduzido em 2003 para o português com o título: *A ideia de Cultura*. A segunda desenvolvida pela pesquisadora neoconservadora Gertrude Himmelfarb e publicada em 1999 com o título *One Nation, Two Cultures*.

A junção dessas duas compreensões sobre o tema não ocorreu por acaso nessa passagem do capítulo, elas estão associadas com o intuito de demonstrar como se constituíram as leituras engajadas sobre a ideia de Guerra Cultural, portanto, queremos debater como a ideia foi compreendida por setores intelectuais engajados à esquerda e à direita. Assim, Eagleton (2003) representaria uma visão da ideia de Guerra Cultural que privilegiaria as temáticas da esquerda, pois ele argumentaria a partir do levante de novas culturas e sua relação conflituosa com a cultura ocidental. Esse posicionamento colocado pelo autor fica claro, já em sua definição do conceito, apontado como: “A expressão “guerras culturais” sugere batalhas campais entre populistas e elitistas, entre guardiões do cânone e partidários da *différence*, entre homens brancos mortos⁵⁴ e os injustamente marginalizados”. (EAGLETON, 2003, p.79).

A partir desta definição, Eagleton aprofundou algumas das características presentes na discussão cultural, utilizando como ponto de partida a questão do cânone literário e artístico. O autor pontuou o papel do cânone como algo muito mais importante do que uma simples questão estética, ou mesmo, de política acadêmica. O conflito gerado em torno dele seria, para o autor, uma das mais importantes formas de organização da política mundial no novo milênio. Nesta trajetória, a questão do cânone artístico e literário ultrapassaria a questão das obras por si só, sua importância estaria na maneira como estas obras seriam interpretadas, ou seja, para o autor a maioria dos defensores dos livros de autores como Dante e Goethe jamais teriam realmente lido os seus conteúdos, o que direcionou que os seus significados estariam

⁵⁴O autor utiliza-se de uma nota de rodapé para explicar o termo, partindo da crítica realizada por movimentos como, o feminista de que a herança cultural greco-européia é obra dos indivíduos do sexo masculino, da raça branca e já mortos.

ligados “a defesa de certa “civilidade” contra formas novas de um assim chamado barbarismo”. (Eagleton, 2003, p.81).

Em nossa leitura, a defesa do cânone artístico na sociedade estadunidense estaria visivelmente ligada a uma resposta a valorização de novas culturas, o que decorreu a partir do apogeu das disputas pelos direitos civis durante as décadas de 1960 e 1970 e a inserção de autores cujas obras estariam alinhadas ao modo de vida das minorias em detrimento a obras clássicas da literatura ocidental. O argumento central para a inserção desses novos autores desenvolver-se-ia em uma tentativa de aproximar a educação das experiências dos grupos minoritários (até então excluídos dos projetos educacionais), o que motivou a inserção de inúmeros autores, negros, imigrantes, feministas e homossexuais no conteúdo acadêmico e suscitou o antagonismo de uma grande variedade de conservadores, que passaram a discutir a qualidade dessas novas obras e a criticarem a ideia de que as minorias não possuíam um bom rendimento escolar pelo fato da educação estar afastada de suas realidades⁵⁵.

Em outro caminho, defendeu que o que ocorria era uma disputa entre a ideia de Cultura contra a existência de outras culturas. Para compreender esta polarização é necessário, primeiramente, estabelecer uma rápida diferenciação entre ambas. Para o autor, Cultura seria um símbolo romântico, construído a partir de uma tentativa de alcançar a Universalidade: “Ela é o ponto imóvel do mundo em rotação no qual se intersectam tempo e eternidade, os sentidos e o espírito, o movimento e a imobilidade” (EAGLETON, 2003, p.82-83). Por este motivo, a Cultura necessitaria de um habitat local, o que lhe daria características contraditórias, visto que, ao mesmo tempo em que, ela buscaria ser universal, ela também precisaria do local para ser seu ponto de partida, designando-se como um produto de uma civilização específica (no caso a civilização ocidental) e de um espírito da humanidade universal. Assim, a ideia de Cultura partiria de valores universais, mas, ao mesmo tempo estaria presa ao seu *millieu* histórico.

O autor aprofundou esse conceito quando trabalhou com a ideia de alta cultura, para ele sua essência apresentar-se-ia como: “uma maneira pela qual uma ordem governante molda para si mesma uma identidade em pedra, escrita e som, e o seu efeito é o de intimidar assim como inspirar” (EAGLETON, 2003, p.83).

Esta designação da alta cultura como intimidadora e inspiradora criaria um panteão de autores intocáveis, que representariam os valores da sociedade e distanciar-se-iam da

⁵⁵Exemplos deste tipo de crítica podem ser percebidos em obras de autores como Allan Bloom (1989) (intelectual neoconservador que escreveu sobre a crise na universidade estadunidense) e Linda Chaves (presidente do *Center for Equal opportunity* e autora de textos contrários à educação bilíngue e diferenciada para imigrantes), entre outros.

população em geral como um farol inalcançável. Entretanto, a ideia de Cultura (colocada como um vínculo entre o específico e o universal) constantemente entraria em choque com um pensamento mais generalizante que defende a diversidade cultural presente na ideia de várias culturas válidas, uma vez que, elas construir-se-iam sobre uma variedade de particularidades. Assim, as culturas nasceriam no particularismo, não tendo ecos em nada além delas mesmas, elas valorizariam as especificidades coletivas e repeliriam a existência de uma Cultura Universal.

Porém, Eagleton (2003) apontou que ao rejeitarem a tirania da Cultura, as culturas reproduzir-se-iam em um microcosmo as mesmas características da ideia de Cultura, ou seja, considerar-se-iam universais, fechadas, autônomas e seriam estritamente codificadas. Neste sentido, a questão, apontada pelo autor, é que essas formas de “barbarismo” também poderiam ser vistas como culturas particulares, o que criaria uma oposição entre a ideia de Cultura e a ideia de outras culturas.

A partir desta disputa, o autor explicou o motivo que fez com que as discussões culturais ocupassem um papel tão importante na política contemporânea, destacando que sua significância estaria no fato dela ser a principal mobilizadora da população. Para ele existe uma tendência maior da população de manifestar-se motivada por questões culturais e materiais do que propriamente por questões políticas. A questão é que com o crescimento dos processos de hibridez, motivados pelo crescimento do multiculturalismo e da imigração, grupos tradicionais passaram a avolumar seus gritos contra as transformações da sociedade.

Como resultado as Guerras Culturais contemporâneas ocorreriam pelo menos em três frentes: entre cultura como civilidade, cultura como identidade e cultura como algo comercial ou pós-moderno. Ele argumentou que em muitos momentos a cultura como identidade e a cultura pós-moderna (atreia a ideia a uma cultura consumista do capitalismo avançado) seriam aliadas, sendo desafiadas pela ideia de cultura como civilidade. Neste caminho, à frente da cultura como civilidade compreenderia não apenas a questão estética, uma vez que, “ela sustentaria, ao contrário, que o valor de um modo de vida total é incorporado em certos artefatos concluídos” (EAGLETON, 2003, p.96). Com isso, o significado do cânone concentrar-se-ia na representação da civilidade e não no mérito das obras, ele indica o caminho a ser seguido, indica o refinamento de vida que a sociedade deveria aspirar.

Para Eagleton (2003), no ponto de vista da Cultura existem semelhanças entre uma célula neofascista e um movimento de defesa dos direitos homossexuais, já que, ambos definiriam a ideia de cultura como identidade coletiva e não como identidade crítica, em consequência, todas as políticas identidades seriam auto anulantes, pois o sentido da liberdade

somente viria dissociado da necessidade de se pensar em quem se é. Assim, o autor definiu dois tipos diferentes de políticas de identidade, uma primeira, menos inspiradora, determina que uma identidade já formada estivesse sendo reprimida por outras, e uma segunda que reivindicaria a igualdade no sentido de ser livre para determinar o que se tornar.

Pensando a partir desta leitura, percebemos que a definição de cânone artístico teria como função procurar a partir de obras irredutivelmente individuais encontrar um espírito comum para toda a humanidade. Desta forma, quando pensamos a sociedade estadunidense é necessário questionarmos a magnitude da ideia da cultura nas disputas políticas da atualidade. Se partindo do ponto que os EUA estariam na centralidade de uma defesa da cultura ocidental, liderando sua expansão pelo mundo, enquanto, o país passa por um processo de fragmentação interna, marcada pelo surgimento de novas culturas, podemos pensar, como Eagleton, pois existe um desacordo entre o ideal de Cultura e os crescentes conflitos culturais e o Ocidente exigiria um comprometimento onde o povo estivesse disposto a morrer por alguma versão da cultura, ou seja, a cultura teria que tomar o caminho da religião. Todavia, os fatos demonstram que mesmo a religião passa por dificuldades no sentido de tentar estabelecer ligações entre a ideia de Cultura e culturas, já que, ela passou por um processo de descrença, marcada pelo crescimento do secularismo e pela crescente sensação de que ela estaria desconectada da vida cotidiana por dizer respeito a outro mundo.

A questão aqui, é que floresceram nos Estados Unidos, durante as últimas décadas, uma série de movimentos de viés conservadores e fundamentalistas, construídos a partir da visão de que a esquerda liberal estaria suprimindo os valores religiosos da sociedade. Em um caminho diferente, Eagleton observou que o ataque à religiosidade vem, principalmente, do próprio processo de secularização do capitalismo, o que colocaria os fundamentalistas como abandonados pela modernidade. Por este motivo, o autor argumentou que eles entrariam em choque com a ideia de civilização ocidental, pois ela recusaria a existência de sectarismos, de maneira que estes movimentos afrontariam os valores de liberdade defendidos pelo ocidente.

Do outro lado da discussão da Guerra Cultural estaria a historiadora neoconservadora Gertrude Himmelfarb, que defendeu uma divisão na sociedade estadunidense em duas, sendo que, uma metade existiria antes da década de 1960 e, a outra, nascida dos frutos da revolução cultural dos anos 1960. A divisão resultaria de um colapso dos princípios éticos e dos hábitos, como uma doença na sociedade e teria como consequências: a perda de respeito nas autoridades e instituições, a quebra da família, o declínio da civilidade, a vulgarização da alta cultura e a degradação da cultura popular.

Himmelfarb (1998) argumentou que os sinais dessa doença seriam percebidos por aproximadamente três quartos da população, pois notariam seus sintomas na percepção do aumento da criminalidade e da violência, no crescimento nos vícios em drogas, na ausência de leituras, no descontrole da pornografia e na dependência ao sistema de assistência governamental.

A autora apontou o começo das transformações que levaram a estes sintomas durante o início do século XX (mais especificamente no pós-Primeira Guerra Mundial), quando começaram a ocorrer mudanças nas crenças convencionais e no comportamento, caracterizadas pelo crescimento da secularização e da urbanização da sociedade, pelo aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, pela diversidade de empregos que passaram a ter acesso, pelo apogeu dos movimentos sufragistas, pela prática de uso e ampliação das discussões abertas sobre métodos contraceptivos e pelo advento dos automóveis que possibilitaram maior mobilidade e liberdade.

O resultado destas transformações seria responsável pelo relaxamento das tradições sociais e dos costumes sexuais, entretanto, a autora defendeu que esta primeira revolução sexual não foi tão subversiva, já que, apesar de resultar no crescimento no número de divórcios e no do uso de métodos contraceptivos, ela não motivou grandes transformações, que levassem ao aumento da permissividade sexual ou comportamental.

Himmelfarb percebeu que foram os anos 1960, que desenvolveram e aceleraram as transformações em um sentido de aumentar a permissividade na sociedade. Nesta linha argumentativa, ela definiu os movimentos dos anos 1960 como uma revolução moral e cultural, centrada em: uma revolução racial⁵⁶, sexual⁵⁷, tecnológica⁵⁸, demográfica⁵⁹, política⁶⁰, econômica⁶¹ e psicológica⁶². Essa revolução negaria as instituições, as autoridades, os modos convencionais e o comportamento, procurando libertar a população da influência dos valores burgueses, contudo, sua principal característica seria um afrouxamento da ideia de desvio e moralidade.

Himmelfarb (2001) argumentou que a partir da percepção de um processo de adoecimento da sociedade algumas medidas passaram a ser tomadas, de 1990 a 1997, com o intuito de recuperar a sociedade. Por exemplos como os crimes sérios de 58 por mil para 49,

⁵⁶ Inspirada nos movimentos pelos direitos civis.

⁵⁷ Acompanhada do uso da pílula e do crescimento do movimento feminista.

⁵⁸ Com o crescimento da televisão.

⁵⁹ O período foi marcado pelo explosivo crescimento populacional.

⁶⁰ Que teve seu início nos movimentos anti-guerra do Vietnam.

⁶¹ Marcada pelo crescimento dos programas de assistência sociais.

⁶² Devido ao crescimento do individualismo e do narcisismo.

os crimes violentos de 7.3 por mil para 6.1, e a criminalidade que obteve considerável melhoria no período. Outros exemplos foi a diminuição no número de pessoas dependentes do *Welfare State*, variando de 14.1 milhões em janeiro de 1993 para 7.6 milhões em dezembro de 1998, no número de adolescentes grávidas de 62.9 por mil em 1991 para 52.3 em 1997 e da atividade sexual entre as garotas entre 15 e 19 anos de 55% em 1990 para 50% em 1995 e entre garotos caiu de 60.4% em 1988 para 55.2% em 1995.

Porém, apesar dessas virtuais melhorias e de outros dados que mostraram avanços, muitas das melhorias ocorreram muito mais motivadas por transformações na sociedade que nublaram os resultados das pesquisas, do que pelo aumento da moralidade, como os exemplos: dos dados referentes à diminuição do número de abortos (motivados pelo crescimento dos métodos contraceptivos), dos relacionados à queda na quantidade de divórcios (resultado na diminuição do número de casamentos e da sua substituição pela coabitação) e dos que apontavam o número de usuários de drogas (que diminuiu entre a população adulta, mas teve um crescimento entre os adolescentes).

A partir dessa constatação de um adocimento da sociedade, a autora procurou definir possíveis remédios para a cura da sociedade, apontando para isto soluções políticas e não políticas com o intuito de promover o aumento dos valores morais na sociedade. Como soluções políticas ela sugeriu ideias como: a criação de taxas de desconto e medidas que favorecessem casais casados e de leis que dificultassem o divórcio, outra medida seria transferir autoridades do governo federal para os governos estaduais e locais com o intuito de retirar as decisões dos aparelhos burocráticos e aproximá-las das necessidades da população⁶³ de cada região.

Como medidas não políticas, Himmelfarb (1998) considerou a necessidade da restauração da sociedade civil, que seria marcada pela revitalização da família, da comunidade, das igrejas e das sociedades cívicas e culturais. Segundo a autora, existia uma grande dificuldade para realizar esta restauração, já que, a sociedade civil estaria infectada pelo mesmo vírus que produziu a doença na sociedade: “o relativismo étnico e cultural que reduziu todos os valores, todas as normas, e toda a autoridade para expressões de vontade pessoal e inclinação” (Himmelfarb, 1998, p.6-7).

Para compreender essa tomada da sociedade civil pelos valores da revolução cultural dos anos 1960, é necessário aprofundar aqui que a autora definiu que a cultura dominante na atualidade seria a cultura advinda da revolução dos anos 1960. Assim, como uma cultura

⁶³Em Himmelfarb (1998).

dominante, ela exibiria um espectro de crenças e práticas relacionadas a uma elite liberal responsável pelo reflexo de suas ideias em setores da mídia e da informação, o que é demonstrado pela autora através da leitura de que 90% dos meios de comunicação apoiavam o aborto, ou, pela parcela inferior a metade delas que considerava o adultério como algo errado, ou ainda, nos apenas 5% dos diretores de cinema que frequentavam a Igreja regularmente⁶⁴.

O resultado desse domínio liberal sobre a informação não passaria despercebido pela população que sentiria a decadência moral, visualizando na televisão uma realidade diferente da presente em suas crenças, já que, a maioria da população considerava Deus importante em suas vidas⁶⁵, costumava frequentar a igreja regularmente⁶⁶ e seria contrária a pornografia. Porém, a população passaria, a partir da constante propagação destas ideias, a ter dificuldade de julgar o que é moral e o que é imoral. Como exemplo destas transformações, Himmelfarb (1998) apontou a questão envolvendo a crença nos valores familiares argumentando que: apesar de todo mundo acreditar neles, o conceito de família foi radicalmente mudado a ponto de três quartos da população rejeitar o conceito tradicional relacionado a sangue, casamento ou adoção, e expandi-lo “a um grupo de pessoas que se amam e importam-se uma com as outras”. (HIMMELFARB, 1998, p.6).

Seguindo a ideia proposta por Hunter (1991), a autora argumentou que muitos religiosos ortodoxos passaram a perceber que existia mais em comum (quando se tratava de questões do casamento homossexual e a educação sexual nas escolas) entre eles e outros ortodoxos de diferentes religiões do que com os progressistas de suas próprias denominações religiosas, o que contribuiu para o fim das disputas entre protestantes e católicos e criou um senso comum entre os tradicionalistas das mais variadas religiões. Esta percepção fez com que se tornasse comum à presença de rabinos ortodoxos e pastores negros batistas em movimentos como a *Christian Coalition*⁶⁷ compartilhando as mesmas ideias com evangélicos e católicos em um comprometimento pelos valores morais e sociais⁶⁸.

A questão presente no crescimento dos movimentos de direita concentrar-se-ia, para ela em uma formação de um movimento, que representaria uma dissidência da cultura

⁶⁴ Himmelfarb (2001).

⁶⁵ O que era demonstrado nas pesquisas que apontavam que 96% dos americanos acreditavam em Deus ou em um espírito superior e 90% acreditava na existência de um céu.

⁶⁶ Onde, 63% diziam ter frequentado a igreja no último mês e 90% diziam rezar pelo menos uma vez por semana e 75% pelo menos uma vez ao dia.

⁶⁷ Importante movimento da direita cristã estadunidense, que ocupou o lugar da *Moral Majority* durante o início dos anos 1990.

⁶⁸ Muito deste crescimento deve-se a estratégia de reorganização dos movimentos de direita religiosa nos estados unidos após a derrota de Pat Robertson nas eleições de 1988 (o que será aprofundado no próximo capítulo).

dominante⁶⁹, uma “contra contracultura”. Como a nação havia sido dominada pelos valores propagados por uma elite que defendia os valores da contracultura que agora dominavam o país, existia a necessidade da outra “nação” representar um papel de opositora a estas transformações⁷⁰. Esta cultura dissidente, não representaria a cura para a doença que acometeu a sociedade democrática, todavia, ela poderia conter os avanços dela. Por este motivo, Himmelfarb (1998) ela apontou contribuições atribuídas ao crescimento do conservadorismo como: a porcentagem de pessoas que defendiam a legalidade do aborto caiu de 65% para 56% e das pessoas que aprovam o sexo casual que variou de 51% para 42%, além de uma maciça porcentagem de estudantes (em torno de 83%) que disseram concordar que a idade ideal para ter relações sexuais seria mais tarde do que idade que eles a tiveram. Nesse sentido, os avanços do conservadorismo em defesa da sociedade seriam percebidos pela autora como benéficos, com isso, a autora acaba defendendo até as alternativas mais radicais como a ideia das crianças serem educadas em suas casas como no caso de mais de um milhão delas que já ocorria nos EUA durante o período da publicação de seu livro.

Assim, a Guerra Cultural seria uma contrarrevolução dos dissidentes defensores de todos os credos religiosos contra a queda moral, e como toda a contrarrevolução, ela seria muito mais difícil de começar e de sustentar-se do que as próprias revoluções⁷¹, principalmente pelo fato da ideia de Guerra Cultural ser constantemente negada, o que fez com que a autora colocasse que apesar da Guerra Cultural ser uma guerra apenas em um sentido metafórico, da mesma forma que a revolução cultural seria uma revolução apenas metaforicamente, os americanos vivenciaram a experiência dessa guerra durante as três últimas décadas em exemplos como: a tentativa de impeachment do presidente Bill Clinton, que fez com que dois terços da população concordasse que a América estaria dividida no que se refere aos seus valores mais importantes.

É preciso compreender aqui que quando Himmelfarb (2001) escreveu seu livro se avolumava o movimento que elegeu George W. Bush, visto por muitos como o governo mais conservador que existiu nos EUA. Da mesma forma, a autora escreveu seu livro durante o auge dos processos que propunham o impeachment de Bill Clinton devido aos escândalos sexuais, passando pelo processo de retomada do controle do Senado e do Congresso pelo Partido Republicano e por uma campanha eleitoral para presidente sobre forte influência dos

⁶⁹Himmelfarb (2001).

⁷⁰ Himmelfarb (1998).

⁷¹ Himmelfarb (2001).

movimentos de direita cristã, o que veremos com maior profundidade em nosso próximo capítulo.

1.8 Alan Wolfe e a tentativa de perceber os EUA como uma nação.

Alan Wolfe, professor da Universidade de Boston e um dos principais sociólogos estadunidenses da atualidade, publicou (em 1998) o livro *One Nation, Ater All*, obra que se tornou leitura obrigatória para a compreensão do conceito de Guerra Cultural e para a discussão sobre a sociedade estadunidense contemporânea. O autor partiu de uma nova leitura para o entendimento da origem do fenômeno da Guerra Cultural, buscando compreender como a classe média vivenciava a disputa cultural. Nesse sentido, a questão pertinente para o nosso trabalho consiste em perceber a significância da análise da visão da classe média sobre os temas da Guerra Cultural, além de, examinar a ideia de Wolfe de que ela geralmente apresenta características de moderação e não de polarização.

Para Wolfe (1998), a urgência de elaborar a pesquisa sobre a classe média viria do fato de que a sociedade estadunidense se auto definiria como uma sociedade de pessoas nessa classe⁷², portanto, a ideia de Guerra Cultural partiria de uma disputa no interior desta classe, que seria dividida entre os grupos da alta classe média e da baixa classe média. Esta divisão teria seu início, supostamente, a partir da construção do sonho de prosperidade que se desenvolveu na América do pós-Segunda Guerra Mundial e seria marcada pelo sucesso do Keynesianismo, pela estabilidade política⁷³, pela mobilidade geográfica e social e pelo crescimento da tecnologia que facilitou a vida dentro do lar⁷⁴.

Pensando nessa direção, constata-se que o desenvolvimento econômico associado à crescente estabilidade política manteve-se durante as décadas de 1940, 1950 e início da década de 1960⁷⁵. No entanto, ele passou a perder sua força em meados da década de 1960, resultando, nos anos que se seguiram, em um processo de empobrecimento da população estadunidense. Este sentimento de decadência se opunha a “imagem” anteriormente construída que colocava os EUA como um país em franco desenvolvimento econômico e

⁷² Wolfe chegou a esta definição partindo de uma pesquisa publicada pela *CBS News/ New York Times* que apontava que 75% dos americanos consideravam que quando um presidente falava sobre classe média ele falava de pessoas como as que responderam o questionário.

⁷³ Existia a predominância política do Partido Democrata durante o período do New Deal.

⁷⁴ O período após a Segunda Guerra Mundial foi marcado pelo crescimento da classe média, por sua saída para os subúrbios homogêneos e pelo crescimento da vida familiar dentro de um ideal de consumo.

⁷⁵ Durante os anos 1960 existiram várias críticas a este modo de vida na sociedade estadunidense.

criava a expectativa de que uma vez que a população fizesse parte da classe média, ela jamais perderia esta condição⁷⁶.

A questão é que com as sequentes crises econômicas e o empobrecimento da população, os americanos passaram a duvidar do “*American Dream*”, de suas respectivas propostas, e a pôr em xeque a ideia de igualdade de oportunidade, da liberdade pessoal e da mobilidade social. Essa descrença no modo de vida estadunidense foi constatada em pesquisas como: a publicada em 1995 pelo Gallup que mostrou que 66% dos americanos estavam insatisfeitos com a direção que os EUA⁷⁷ seguiam, ou, ainda os 67% que responderam que estava cada vez mais difícil ascender socialmente no país.

Como resultado, as análises demonstravam que o crescimento da pobreza poderia refletir diretamente em uma busca da classe média por respostas plausíveis⁷⁸ que explicassem as razões do seu empobrecimento e que traduzissem os motivos do seu descontentamento⁷⁹. Com isso, duas visões de mundo ganhariam força em suas tentativas de leitura e compreensão da realidade, ou seja, a imagem de que ela se dividiria em um apego ao mundo da tradição ou ao mundo da modernidade. O autor definiu a visão de mundo caracterizado pela tradição como:

No mundo caracterizado pela tradição, pessoas acreditam em Deus e consideram os mandamentos de Deus como padrões cegos do certo e do errado, não apenas para eles mesmos, mas também para os outros. A família era vista como sacrossanta: divórcio era altamente incomum e as crianças eram esperadas para serem graças aos sacrifícios dos pais, que adiavam suas próprias gratificações para formar uma família feita em seu nome. Patriotismo era um valor fortemente indescritível na sociedade mais tradicional, pessoas não apenas serviam as forças armadas quando chamadas, mas tinham expectativa de apoiar seu país sem reservas, pela América, uma das democracias mais bem sucedidas do mundo, digna de tal apoio. Trabalho duro e máximo esforço, virtudes frequentemente associadas à ética protestante, eram considerados importantes no mundo tradicional. Portanto, era um ativo cívico envolvente, ter orgulho das relações voluntárias formadas com vizinhos e amigos. As regras morais do mundo tradicional de acordo com seus defensores eram claras, imutáveis, e aceitas pela maioria das pessoas como justas. (WOLFE, 1998, p.9).

Já o mundo da modernidade possuiria outras características como: a liberdade do indivíduo para construir a vida da maneira como achasse melhor, a não aceitação das leis de

⁷⁶ Wolfe (1998).

⁷⁷ Wolfe (1998).

⁷⁸ O questionamento da classe média sobre a queda na sua qualidade de vida é significativa, já que, uma das principais críticas da nova esquerda à classe média no período era que ela vivia em um mundo alienado, aproveitando os benefícios de sua estabilidade econômica, o isolamento e homogeneidade da vida nos subúrbios e da alienação que tecnologias como a televisão acarretavam.

⁷⁹ Wolfe (1998).

Deus como única definição de certo e errado, a criação de padrões éticos pessoais, assim como: enxergar o casamento como uma união consentida que poderia ser dissolvida quando um lado ou os dois sentissem-se oprimidos, uma ideia de um amor ao país que não impediria o direito a crítica, a valorização do trabalho árduo, mas, a compreensão de que ele poderia não existir para todos e que existe um abismo entre ricos e pobres, além de, uma percepção de que as pessoas são moveis, não sendo suficientemente vinculados a sua vizinhança, mas, que as pessoas estariam dispostas a ajudar seus vizinhos em caso de necessidade. A partir dessa leitura do mundo da modernidade:

As regras morais da modernidade não podem prover a segurança dos padrões fixos, mas conforme aqueles que as justificam e as compreendem, elas reconhecem que pessoas no mundo moderno são determinadas a escolher o que é melhor para elas. (WOLFE, 1998, p.11).

A questão para compreender essas duas visões de mundo na sociedade estadunidense concentrar-se-ia na oposição entre conservadores e liberais. Para conservadores a classe média representaria a classe moral, pois seria composta por pessoas comuns que tentariam viver sua vida sobre as leis tradicionais do trabalho árduo, economizando para o futuro e sendo leal a sua família e ao seu país. Neste sentido, a diferença entre conservadores e liberais para Wolfe se concentraria na leitura que ambos fazem do papel dela, com os conservadores defendendo a moralidade da classe média, a proteção da família e das vizinhanças tradicionais, das crenças religiosas, das escolas e a segurança (o que Wolfe percebe como característica associadas à classe média baixa, que procuraria na defesa desses valores garantir a manutenção de seu status). Do outro lado, os liberais defenderiam a expansão da liberdade, apontariam que as vizinhas tradicionais excluiriam de forma hostil as minorias raciais, afirmariam que as religiões tradicionais seriam intolerantes as pessoas que não acreditassem nelas e que as famílias tradicionais oprimiriam as mulheres e os homossexuais (o que representaria valores relacionados à alta classe média).

No entanto, pela análise de Wolfe (1998) seria muito difícil concluir que as frustrações da classe média com o prospecto econômico da nação seriam causadoras da Guerra Cultural. Por esse motivo, é preciso prestar atenção sobre o período em que o autor escreveu seu livro. Wolfe publicou seu livro em 1998, todavia, sua pesquisa se iniciou durante o ano de 1996, decorrendo-se durante a reeleição do presidente Bill Clinton. Desta forma, segundo o autor, apesar de, durante as prévias para a nomeação da candidatura republicana o candidato Patrick Buchanan constantemente utilizar-se da ideia de que a sociedade estaria vivendo uma Guerra Cultural, a temática aparentemente desapareceu durante a campanha presidencial que reelegeu Bill Clinton. Sua reeleição demonstrou que apesar de uma aparente sensação de

empobrecimento da classe média, muitos americanos ainda acreditavam na reabilitação da economia, o que anularia a ideia de que a classe média estaria dividida entre os defensores de valores conservadores e liberais, motivada pelas crises econômicas, como havia sido proposto acima.

Pensando, a partir dessa discussão, Wolfe (1998) escreveu que atrelar uma relação da Guerra Cultural com a divisão da classe média em duas, motivada por seu processo de empobrecimento parecia descolar-se da realidade. Por esse motivo, no desenvolvimento de seu livro, Wolfe procurou mostrar que percentualmente a atitude dessa classe social (nas décadas de 1970, 1980 e 1990) sobre as questões culturais esteve centrada, muito mais, sobre a ideia de moderação do que na de polarização. Logo, o autor apontou que ela, apesar da crescente visibilidade do fenômeno da Guerra Cultural na mídia e nos debates acadêmicos, seria contrária aos extremismos e polarizações na política.

Essa constatação nos direciona a pensar que o crescimento da visibilidade do tema da Guerra Cultural se deve muito mais a maneira como a política estadunidense construiu suas oposições nas últimas décadas (focando o debate político a partir de uma propaganda negativa entre os opositores que construía seus rivais de maneira caricatas), do que por uma real polarização total da população. Neste caminho, o problema estaria no que chamaremos aqui de uma “cultura da reclamação”, que fez com que os dois lados da disputa (liberais e conservadores) insistissem que o lado oposto havia dominado a cultura do país, portanto, tanto a esquerda, quanto a direita argumentaram que nos últimos anos haviam perdido a batalha pela mente da classe média.

Por esse motivo, o autor procurou desmistificar a ideia de que os Estados Unidos estariam se tornando mais conservadores ou mais liberais, mostrando que, em algumas questões, a classe média moveu-se para a esquerda (como no caso da questão racial e dos direitos das mulheres) e, em outras, ela moveu-se para a direita (como nos exemplos envolvendo crimes e questões de imigração). Essa análise acabou opondo-se a visão dominante que, principalmente, nós pesquisadores estrangeiros constantemente tínhamos sobre a sociedade, ou seja, ela aponta que a sociedade estadunidense não havia caminhado, durante as últimas décadas, por um processo de guinada para a direita.

Como ponto central de sua pesquisa, Wolfe (1998) investigou o comportamento político/cultural dessa classe social, sua preocupação metodológica advinha da constatação de que, por mais pesquisas qualitativas e quantitativas que existissem sobre ela, poucas procuravam realmente compreender como ela observava, de uma forma mais totalizante, as questões morais e culturais. Para responder a essa necessidade, que existia nos debates

intelectuais sobre o tema, Wolfe desenvolveu junto com sua assistente Maria Poarch o *Middle Class Morality Project*, aprofundando a análise quantitativa e qualitativa sobre a classe média estadunidense.

O projeto consistia em, através de questionários que possuíam seu foco nos subúrbios, reconhecer as interpretações da classe média sobre os temas morais/culturais. Por causa disso, a opção pela análise dos subúrbios foi tomada, não por eles serem aglutinadores da classe média, posto que, nem todos os subúrbios são compostos por moradores brancos⁸⁰, ou de classe média, assim como nem todos membros pertencentes a ela viveriam em neles. Dessa forma, a opção pela utilização dos subúrbios na pesquisa vinha do fato deles representarem um símbolo indispensável para a construção de um ideal dessa classe. Metodologicamente, Wolfe analisou oito deles: Brookline (Massachusetts), Medford (Massachusetts), Southeast DeKalb County (Geórgia), Cobb County (Geórgia), Broken Arrow (Oklahoma), Sand Springs (Oklahoma), Eastlake (Califórnia) e Rancho Bernardo (Califórnia), com a preocupação de perceber a particularidade de cada um deles.

O resultado coletado abarcou importantes dados sobre como a classe média dessas localidades observava questões como: a fé, as características das famílias, a aceitação do ateísmo, a tolerância religiosa, o respeito à homossexualidade, o papel dos imigrantes na sociedade, o patriotismo, a visão sobre trabalho árduo, entre outros. Esses temas foram subdivididos em cinco capítulos centrados nos temas: religião, questões sobre a ideia de família, patriotismo, vida no subúrbio e deveres comuns. A base para esses questionamentos partiram da ideia de uma divisão das respostas em: fortemente em concordância, em concordância, sem opinião, em discordância e fortemente em discordância e eram analisados em sua totalidade e buscando a especificidade de cada subúrbio.

No capítulo sobre a fé destacasse como exemplo, os resultados da pesquisa que demonstraram que apesar da temática da Guerra Cultural estar presente na política do país, a população seria profundamente moderada em questões sobre religião, o que foi evidenciado na maioria das afirmações, como no exemplo: Existem muitas diferentes verdades religiosas e nós devemos respeitar e ser tolerantes a todas elas, onde, em 200 respostas, 75 concordaram totalmente com a afirmação, 92 concordaram, 14 não souberam responder, 10 não concordaram e apenas 9 não concordaram fortemente. Segundo o autor, a tolerância é

⁸⁰Wolfe (1998) apontou que a porcentagem de Afro-americanos vivendo em subúrbios era crescente, 21% em 1980, 27% em 1990 e 30% em 1994, todavia, isto não significa que os subúrbios passaram por um processo de integração racial, o que ocorreu foi o crescimento dos subúrbios negros principalmente pela saída das famílias negras de baixa renda das grandes cidades.

demonstrada com relação as diferentes religiões mas para os conservadores religiosos ela não existe quando se trata da relação com o ateísmo.

Já no capítulo sobre questões envolvendo a ideia de família, Wolfe (1998) percebeu um predomínio, nos subúrbios, de pessoas casadas (dos 200 entrevistados 153 eram casados). A questão desse capítulo consistiria em compreender como a classe média observava temas envolvendo a ideia de família e suas redefinições durante as últimas décadas. Assim, o autor abarcou questões como o trabalho das esposas fora de casa, dificuldades para a criação dos filhos na atualidade⁸¹ e a questão do casamento entre pessoas do mesmo sexo, entre outras.

Entre eles, o questionamento mais relevante para se compreender a classe média estadunidense apresentou-se no tema que obteve uma maior polarização, ou seja, a questão da aceitação do casamento homossexual, ao qual, dos duzentos questionários 12 foram totalmente favoráveis, 61 favoráveis, 29 não souberam responder, 42 discordaram e 56 discordaram totalmente.

O terceiro grupo de temas focava-se em questões sobre o patriotismo, nele incluíam-se questões como composição étnica dos subúrbios (que compreendia o grupo étnico e a qual geração de imigrantes os entrevistados pertenciam), multiculturalismo (com questões sobre a necessidade de educação em outra língua para imigrantes que não falavam o inglês⁸² e se a lealdade dos imigrantes deveria estar vinculada aos grupos étnicos ou ao país⁸³) e sobre a questão da imigração (que compreendia o papel do imigrante na sociedade, se estes imigrantes eram bem vindos e se o país deveria abrir as portas para a entrada de mais imigrantes).

Aqui abrimos um parêntese para apresentar os dados do autor sobre a questão da imigração, onde, 10 entrevistados responderam ser totalmente favorável ao fechamento das fronteiras para os imigrantes, 63 foram favoráveis, 25 não souberam responder, 85 foram contrários e 17 foram fortemente contrários.

O quarto grupo de assuntos consistiu da percepção sobre a vida no subúrbio e focou questões a percepção da pobreza e o sentimento de obrigação em ajudar os pobres (a maioria dos entrevistados concordava que seria papel da classe média ajudar os pobres), além de,

⁸¹Apesar da maioria dos entrevistados afirmarem que é mais difícil criar os filhos agora, os entrevistados dividem esta dificuldade em posições antagônicas, alguns defendem a ideia de que a dificuldade estaria relacionada a um pessimismo com a economia, entretanto, outro grupo argumenta que a dificuldade está na facilidade da via que estas crianças têm por terem conforto e nunca terem passado por dificuldades econômicas. Para os defensores do segundo grupo de ideia passar por dificuldades fortalece o caráter.

⁸²Entre os 200 entrevistados 160 eram contrários ou fortemente contrários ao ensino em língua diferente do inglês.

⁸³Dos 200 entrevistados 140 consideram que a lealdade deve estar no país e não nos grupos étnicos e na questão racial.

questões sobre a integração racial nos subúrbios (que apontou dados sobre o crescimento de subúrbios pobres), sobre o apoio ao *Welfare State* (que demonstrou que eles nem são contrários ao *Welfare State*, nem o consideram um direito natural dos desafortunados) e sobre quem seria responsável pela pobreza da população (57% viam o governo como responsável pelos muito pobres e 40% não concordam com isto).

Já o último tema trazia questões gerais como: o individualismo (ao qual a maioria considerava que os americanos estavam se tornando mais individualista), a questão da decadência de valores étnicos (visto de maneira bem polarizada pelos entrevistados), a crença no trabalho duro e na obediência das regras (outro tema visto de maneira polarizada pela população que se dividiu sobre a afirmação: se trabalhar duro e seguir as regras a pessoa se dará bem) e a participação em organizações trabalhistas, sociais, cívicas e na igreja.

A pesquisa realizada por Wolfe trouxe algumas luzes sobre a questão da Guerra Cultural, pois criou um detalhamento regional das formas de pensar da classe média americana, além de, estabelecer uma percepção sobre a maneira como os estadunidenses observam as questões morais. Destarte, os principais avanços para a compreensão da Guerra Cultural seriam encontrados em algumas conclusões apontadas pelo autor.

A primeira conclusão que o autor atingiu ao analisar os dados da pesquisa seguiu um sentido contrário ao proposto por Hunter (1991). Para Wolfe (1998) apesar das crescentes oposições e por maiores que elas pudessem ser entre os lados, ninguém realmente poderia afirmar que elas resultariam em um conflito violento. Da mesma forma, ao aprofundar as características por regiões, o autor mostrou que existem variações em torno do sentimento moral entre os membros classe média em cada uma dessas regiões. Esse resultado combateu, metodologicamente, a proposta da pesquisa apresentada por Hunter em 1996, mostrando que em assuntos morais não existe uma unidade na América, o que resulta em: apesar da percepção da existência de inúmeras pessoas que acreditam totalmente em Deus e seus mandamentos como verdade absoluta e defendem a família nuclear, também, existem pessoas dispostas a defender totalmente a ideia de que é preciso abrir as portas da sociedade para os direitos homossexuais e para a separação entre Igreja e Estado.

Assim, para o autor ideia de Guerra Cultural seria muito mais um conflito entre elites engajadas do que propriamente uma luta que atingiria a maioria dos americanos. A afirmação foi reforçada quando o autor analisou questões que se referiam ao sentimento de raiva com relação ao lado oposto da disputa, ao qual, majoritariamente foram apresentadas respostas que não demonstravam a existência de raiva ou rancor entre os lados da disputa cultural. Essa ausência de sentimentos de raiva entre os lados mostrou que, por mais diferenças que

pudessem existir entre as elites conservadoras e liberais, estas diferenças representavam muito mais o início de um processo de discussão sobre os valores estadunidense, do que o término das discussões.

Em nossa leitura, a partir dessa discussão de Wolfe (1998), percebemos que o autor rejeita a ideia de uma Guerra Cultural como o término do diálogo entre os grupos rivais da nação. Para ele a suposta Guerra Cultural que os EUA atravessavam representaria muito mais uma possibilidade de ganho democrático, já que, levaria ao estabelecimento de um diálogo entre os grupos extremados.

A segunda conclusão importante destacada pelo autor encontrava-se no fato de muitas das respostas dadas pelas pessoas no *Middle Class Morality Project* mostrarem que em determinadas questões as pessoas possuíam respostas que poderiam ser enraizadas no pensamento de esquerda, enquanto que, em outras elas davam respostas ideologicamente associadas à direita. Utilizando-se do seu exemplo, Wolfe mostrou que em questões que envolviam distribuição econômica e ajuda aos pobres posicionava-se à esquerda, em questões envolvendo temas culturais ele se posicionava à direita em suas respostas. Esta visão demonstrava que poucas pessoas são realmente estritamente conservadora ou estritamente liberais. Para Wolfe (1998), a relevância da pesquisa consistiu na possibilidade de abrir um canal para ouvir os dois lados da Guerra Cultural, vendo suas esperanças e medos com relação ao futuro do país.

Outra conclusão, destacada pelo autor, consistiu na relação da classe média com a ideia de moral, pois, para ele, a maioria das pessoas entrevistadas não eram filosoficamente articuladas ou autoconscientes sobre a ideia do que seria moral, isto é, não pensavam moral a partir de uma teoria geral da moral, ou seja, a moral estaria na fé em outras pessoas e não em desenvolvimentos e definições teóricas. Neste sentido, o aprendizado moral viria através de induções realizadas a partir da observação da maneira como os outros reagiam as mais variadas situações e por um processo comparativo sobre a maneira como os entrevistados agiriam com relação a elas.

Partindo dessa leitura, Wolfe (1998) discutiu os motivos que levariam os americanos a terem uma resistência tão grande ao crescimento da atuação do governo na sociedade. Para o autor, o grande problema concentrava-se no fato de que os governos em geral seriam “grandes e impessoais” demais, ou seja, ao aprofundarmos a ideia de Wolfe sobre como os americanos vivenciam o sentimento moral podemos colocar que, se a definição de moral vem de uma percepção de escolhas próximas (corretas ou erradas), ela resultaria em um sentimento de que as decisões governamentais não poderiam ser julgadas como moralmente boas ou ruins pela

população. Pelo mesmo motivo, a ideia de política parece distante para a classe média estadunidense, principalmente, devido à maneira como as discussões políticas seriam arquitetadas durante as campanhas, que, por se tornarem cada vez mais agressivas, preferiam mostrar o lado negativo dos oponentes do que as qualidades dos candidatos.

Desta maneira, políticos engajados nas disputas ideológicas da Guerra Cultural tendiam a se afastar da maioria da classe média Americana, o que seria resultado do grande problema das ideologias, já que, para o autor, era impossível construir suas argumentações sem enfatizarem o lado negativo dos adversários, ou como argumentou o autor: “Ideologias não podem mobilizar pessoas atrás de uma visão de mundo particular sem enfatizar algo negativo”. (WOLFE, 1998, p.296).

1.9 A Guerra Cultural como um mito da América polarizada.

Três anos após a publicação do livro de Himmelfarb (2001), Morris Fiorina⁸⁴ escreveu, junto com Abrams⁸⁵ e Pope⁸⁶, a primeira edição do livro *Culture War? The myth of a polarized America*, foi publicado alguns meses antes das eleições de novembro de 2004, quando, George W. Bush foi reeleito durante um processo eleitoral extremamente polarizado e com fortes suposições de que valores morais foram significativos para a reeleição do presidente republicano. O resultado das eleições parecia mostrar que a tese proposta pelos autores, que partia da argumentação que a América não era um país profundamente dividido, poderia cair por terra, o que foi reforçado pelas inúmeras críticas que os autores receberam após o processo eleitoral. Entretanto, com o lançamento da segunda edição do livro, tiveram a possibilidade de contra-argumentar seus críticos, defendendo o debate existente no livro, discutindo que ele tinha a intenção de confrontar o debate político distorcido que ocorria no país.

Para os autores, a causa da crescente visibilidade da polarização política em torno da Guerra Cultural devia-se especificamente a atuação de dois grupos, a mídia que tinha abandonado seu papel informacional para se transformar em um centro de entretenimento, substituindo, por esse motivo, os fatos por boas histórias e a comunidade acadêmica, que apesar de em muitos momentos perceber e criticar este tipo de formato das notícias, pouco fazia para desmistificar a fantasia de que o país vivia sobre uma polarização radical.

⁸⁴ Professor de ciência política na Universidade de Stanford.

⁸⁵ Professor da Universidade de Harvard.

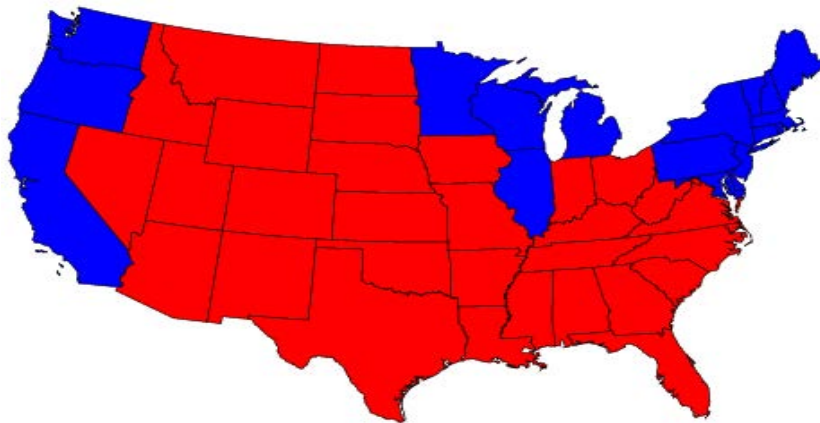
⁸⁶ Professor da Universidade Brigham Young.

A leitura dos autores demonstrava que incidia durante os períodos eleitorais um fortalecimento de retóricas advindas das campanhas eleitorais que encorajavam a polarização. Essas retóricas criavam o anseio de que a Guerra Cultural seria real, porém, com o término das eleições as polarizações praticamente desapareciam.

Por esta razão, os autores percebiam que as transformações ocorridas na democracia moderna vinham levando a uma falsa visão de polarização. O que poderia facilmente ser visto quando nos debruçamos sobre a definição de Guerra Cultural proposta pelos autores, ou como propomos esclarecer com a própria definição: “A “guerra cultural” refere-se a uma transformação dos conflitos econômicos clássicos que animaram a política do século vinte nos avanços da democracia por novos conflitos morais e religiosos” (FIORINA; ABRAMS; POPE, 2006, p.2).

A definição apontou que após a publicação do primeiro livro que definia o objeto, por Hunter 1991, a ideia de uma sociedade dividida em estados azuis e vermelhos ganhou força, tomando o controle sobre o imaginário da nação, e pintando os mapas políticos das eleições que se seguiram ao livro com as cores do conflito, ou como podemos perceber no **Mapa 1**.

Mapa 1- Separação em estados azuis e vermelhos durante a eleição de 2004. (Bush VS Kerry).



Fonte: <<http://politicalpulse.wordpress.com/>>.

Devido a isso, a tese sugerida pelos autores tomou um caminho contrário ao que os estudiosos, jornalistas e políticos defendiam, já que, defendia que havia sido criada exageros ao trabalhar com o tema, ou pelas próprias dos autores:

A simples verdade é que não existe guerra cultural nos Estados Unidos – não existem batalhas ferozes pela alma Americana, ao menos nenhuma que a maioria dos americanos esteja ciente. Certamente podem-se encontrar uns poucos falsos guerreiros que se engajam em escaramuças barulhentas.

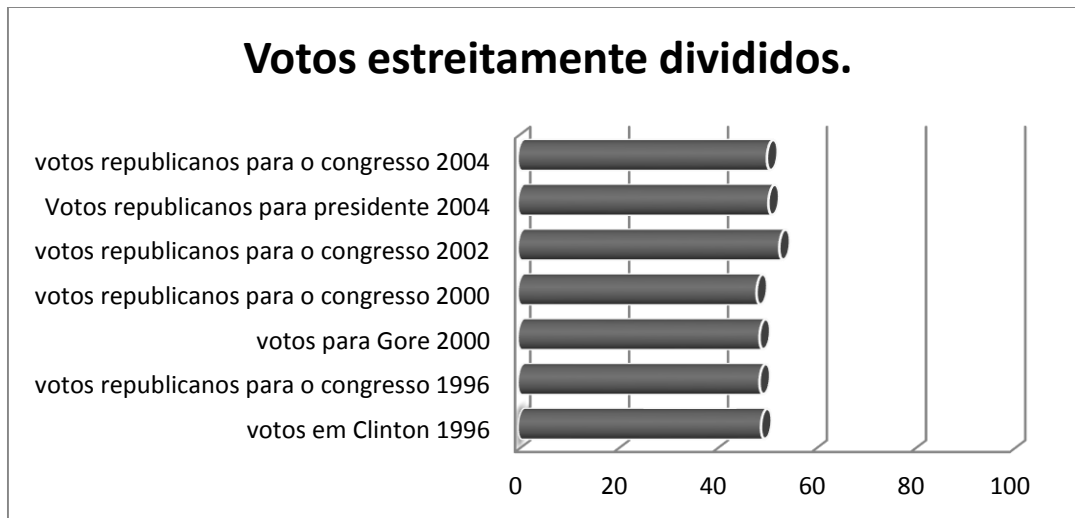
Muitos deles ativistas em partidos políticos e em vários grupos de causa, na verdade, odeiam uns aos outros e vem a si mesmo como combatentes em uma guerra. Mas seus ódios e batalhas não são divididos pela grande massa das pessoas Americanas – certamente nem perto dos “80-90 por cento do país” – que são na maior parte moderados em suas visões e tolerantes em suas maneiras. (FIORINA; ABRAMS; POPE; 2006, p.8).

Assim, os autores chegaram a resultados semelhantes ao proposto por Wolfe (1998), acrescentando a ideia de que a Guerra Cultural é na verdade um mito, construído por uma interpretação errada dos resultados eleitorais, pela falta de um exame compreensivo das pesquisas de opinião pública, e por uma cobertura seletiva realizada por uma mídia que não observa dos fatos de maneira crítica, por estar mais preocupada com os novos valores do que com a história correta. Para demonstrar isso, os autores desenvolveram sua tese a partir de 10 capítulos, sendo o primeiro introdutório, com caráter contextualizador do problema, um segundo aprofundando a ideia de que a America não seria realmente polarizada, um terceiro e quarto demonstrando, que apesar da divisão entre estados azuis e vermelhos eles não eram tão diferentes, o quinto focando a questão do aborto, o sexto sobre a questão da homossexualidade, o sétimo sobre as rupturas eleitorais do país, o oitavo sobre a eleição de 2004⁸⁷, o nono em uma tentativa de reconciliar a ideia de micro e macro na sociedade estadunidense e o capítulo final que estabelece um balanço sobre a maneira como se atingiu a discussão que existia no país e quais as consequências desta discussão a partir de então.

Para nossa análise, nesse primeiro capítulo, nos concentraremos nos capítulos 2 e 3, pois eles aprofundaram as discussões teóricas sobre o tema. Por esse motivo, iniciaremos com a compreensão do segundo capítulo, apontando quatro fatores como contribuidores da formação da ideia de Guerra Cultural nos EUA. Um primeiro, que surge a partir do fato das disputas eleitorais serem, ao menos em termos percentuais, realmente divididas, ou, como mostra o **gráfico IV** desenvolvido a partir dos dados apontados pelos autores:

⁸⁷ Acrescentado na segunda edição do livro.

Gráfico IV- Percentual de votos divididos nas eleições estadunidense.



A resposta mais óbvia para os analistas políticos ao observarem esses dados seria a de confirmar que a sociedade estadunidense era realmente polarizada, posto que, em todas as eleições a porcentagem de votos esteve muito próxima de 50% - 50%. Todavia, um processo eleitoral não representaria apenas os votos das pessoas que amam ou odeiam determinado partido ou ideia, muitos eleitores não rejeitam nenhum dos lados da disputa, da mesma forma que muitos não estão aliados a nenhum dos dois lados e procuram votar no que consideram menos pior.

O segundo fator, mostrou que as pessoas envolvidas com a atividade política, de maneira alguma representariam uma norma da população, portanto, existem diferenças visíveis entre o comportamento dos ativistas dos partidos políticos e entre as pessoas que dizem identificar-se com os partidos. Para os pesquisadores, há um contraste entre os ativistas (que são polarizados) e as pessoas que apenas se identificam com os partidos, como exemplos: o não reconhecimento legal das relações homossexuais visto contrariamente por 44% dos ativistas e por apenas 19% dos que se identificam com o Partido Republicano, e a percepção sobre a liberação total do aborto, vista favoravelmente por 62% dos ativistas e por apenas 32% dos que se identificavam ao Partido Democrata. Essa percepção fez com que eles observassem uma característica essencial do eleitorado estadunidense:

No geral, americanos normais estão ocupados demais ganhando suas vidas e aumentando suas famílias. Eles não são bem informados sobre assuntos políticos e públicos, não dão grande importância à política, não sustentam muito fortemente suas posições e não são ideológicos. (FIORINA; ABRAMS; POPE; 2006, p.19).

Para comprovar essa leitura, os autores apontaram uma série de dados relativos à audiência de alguns dos principais ativistas e a relação dela com os dados referentes aos processos eleitorais da corrida presidencial de 2004, esta relação é complementada com a apresentação do número real de pessoas elegíveis a votar e com os números de pessoas que realmente votaram nas eleições. O ponto colocado aqui é, primeiramente, demonstrar que como poderia a sociedade ser totalmente polarizada, se grande parte dos eleitores nem se interessou em comparecer às urnas⁸⁸? Este dado por si só já confirmaria a ideia de que grande parte da população não se interessaria por questões referentes à política do país.

A segunda conclusão mostrou que nem todos os eleitores que compareceram às urnas votaram defendendo um dos lados da polarização, o que é visto quando se analisa a audiência de alguns dos principais programas e filmes que defendem um dos lados da disputa cultural, por exemplo: o filme *Fahrenheit 9/11* (do cineasta Michael Moore⁸⁹) foi visto por apenas entre 17 e 18 milhões de espectadores, contudo, ao mesmo tempo, a audiência do conservador Rush Limbaugh⁹⁰ na semana anterior a publicação estava entre de 15 e 16 milhões⁹¹.

O terceiro fator apontado pelos autores concentrava-se no fato de que a maioria dos jornalistas buscariam os fatos através do depoimento de membros da classe política e não nos lugares onde o estadunidense médio normalmente frequentaria. Por este motivo, como a classe política é polarizada e ficaria no ar a impressão de que, em todas as notícias publicadas sobre temas culturais, toda a população seria polarizada. Como exemplo, se uma central de mídia perguntar para ativistas favoráveis e para os contrários ao aborto o que ambos pensam sobre o aborto e certamente os dois grupos mostrariam opiniões totalmente polarizadas, entretanto, se a mesma questão for direcionada a população em geral a resposta seria muito menos intolerante.

O quarto fator seria apontado a partir da imagem de que existe uma confusão comumente realizada pelos analistas que não conseguem distinguir as diferenças entre polarizações de posições e polarizações de escolha, ou seja, os votos não são construídos unicamente a partir de posições e sim a partir de escolhas do que seria melhor no momento da eleição. Em outras palavras, a maioria das pessoas, diferente do que é constantemente apresentado na ideia de Guerra Cultural, vota em um candidato não por estarem alinhados

⁸⁸ Dos 202 milhões de pessoas com idade para votar apenas 122 milhões votaram em 2004, destes 62 milhões votaram em George W. Bush e 59 milhões votaram em Kerry.

⁸⁹ A filmografia de Moore é considerada como uma das grandes referências da corrente liberal nos EUA.

⁹⁰ Importante apresentador conservador de *talk show* no rádio.

⁹¹ Outros dados como a audiência diária do canal conservador *Fox News* é de apenas 3.3 milhões e a do *The O'Reilly Factor* é de 3.3 milhões.

moralmente a ele e sim por pensarem que, no momento, ele seria a melhor escolha entre um grupo de candidatos.

Após descrever os fatores que influenciariam o surgimento da Guerra Cultural, os autores iniciaram seu terceiro capítulo com a intenção de demonstrar que a separação dos EUA em estados vermelhos e azuis, não representaria, necessariamente, que estes estados possuiriam características realmente opostas. Partindo de dados como: o número de *Born Again*⁹² nos estados vermelhos e azuis (respectivamente 46% e 29%), o número de *Born Again* que votaram em Bush (respectivamente 29% nos estados vermelhos e 18% nos estados azuis), o número que defendem ter uma arma (43% nos estados vermelhos e 30% nos azuis) e a porcentagem de pessoas que defendem ter uma arma e votaram em George W. Bush. (28% nos estados vermelhos e 19% nos estados azuis), os autores procuraram demonstrar que apesar de existirem diferenças entre os estados, estas diferenças não são tão exorbitantes a ponto de motivar uma Guerra Cultural que dividiria os estados em blocos.

Por este motivo, Fiorina, Abrams e Pope (2006) acrescentaram dados relativos à identificação partidária nas eleições de 2000 mostrando que 32% dos entrevistados nos estados vermelhos e 36% dos entrevistados nos estado azuis diziam-se democratas, enquanto 31% dos entrevistados nos estados ditos vermelhos e 25% nos estados azuis diziam-se republicanos. Da mesma forma, 18% diziam-se liberais nos estados vermelhos e 22% nos azuis e 41% diziam-se conservadores nos estados vermelhos e 33% nos estados azuis, com isso, a definição de estados vermelhos e azuis cai por terra quando se analisa profundamente os eleitores desses estados.

Outro dado apresentado pelos autores concentrou-se nas respostas envolvendo crenças e percepções, realizado no ano de 2000, que mostraram que não existem diferenças tão gritantes em temas como se a imigração fortalece o país? Com 32% dos entrevistados favoráveis a ideia nos estados vermelhos e 44% nos estados ditos azuis, ou, sobre a possibilidade de Bill Clinton concorrer novamente a uma campanha eleitoral vista com profunda rejeição por 61% dos entrevistados nos estados vermelhos e 51% nos estados azuis. Fora estes 43% dos entrevistados nos estados vermelhos e 41% nos estados azuis disseram que a imigração deveria diminuir, 77% nos estados vermelhos e 70% nos estados azuis que disseram ser favoráveis a pena de morte, 65% nos estados vermelhos e 50% nos estados azuis

⁹² A nomenclatura *Born Again* é atribuída a evangélicos que constroem sua fé a partir da ideia de um renascimento em uma vida religiosa, apesar de eles serem em muitos momentos associados a grupos da direita religiosa, eles não são em sua totalidade conservadores.

que diziam frequentar a igreja regularmente e os 62% em ambos os estados favoráveis a ideia de que se deve ser tolerante a outras visões morais.

A partir dos dados apontados pela pesquisa parece claro que apesar de existirem diferenças entre os estados ditos vermelhos e azuis, essa diferença seria incapaz de representar uma ruptura da sociedade em dois sistemas morais, o que significaria que apesar da ideia de Guerra Cultural ganhar muita força na mídia ela não significaria um conflito que abarcaria toda a sociedade.

1.10 As definições sobre o debate envolvendo o tema e o fim da Guerra Cultural?

No mesmo ano do lançamento da segunda edição do livro de Fiorina; Abrams; Pope, uma nova publicação aprimorou a discussão sobre a ideia de Guerra Cultural. O livro (organizado por James Davison Hunter e Alan Wolfe e editado por E. J. Dionne Jr. e Michael Cromartie) estabeleceu um debate entre os principais autores sobre a temática da Guerra Cultural, centrando seu foco no debate entre os autores em respostas as obras publicadas pelos outros sobre o tema durante as últimas décadas. Compreendendo textos de Dionne Jr e Cromartie, de James Davison Hunter, de Alan Wolfe, de Gertrude Himmelfarb e de Morris P. Fiorina o trabalho trouxe importantes avanços para a discussão sobre a Guerra Cultural.

Como conteúdo do livro, o texto apresentou em sua introdução (escrita por E.J. Dionne Jr. e Michael Cromartie) uma rápida discussão sobre como se desenvolveram os debates sobre a ideia de Guerra Cultural, partindo da fala de Patrick Buchanan na convenção republicana de 17 de agosto de 1992 e percorrendo de maneira resumida as leituras dos principais autores sobre o tema como Hunter, Wolfe e Fiorina.

Hunter in (HUNTER; WOLFE (org.) 2006) escreveu o primeiro capítulo concentrando-se em rebater as principais críticas sofridas por sua obra durante os últimos anos. Para o autor, a principal falha dos críticos a ideia de Guerra Cultural centra-se no fato de que esses autores não estariam alinhados as novas análises sociológicas sobre cultura, estando presos a definições de cultura que privilegiariam uma leitura construída a partir de valores e normas encontrados na sociedade, ou seja, presos as opiniões, crenças e preferências morais individuais. Ele argumentou que esta maneira de analisar os temas da cultura foi muito comum durante as décadas de 1950 e 1960, todavia, as pesquisas realizadas pelos críticos de sua hipótese de Guerra Cultural (como Wolfe e Fiorina) estariam alinhadas a este tipo de leitura, retratando apenas o nível individual das disputas e alegando através de resultados previsíveis advindos de pesquisas de opinião pública e de entrevistas, que apontavam que a

opinião pública Americana não refletia as divisões descritas pelos que defendiam a existência dos conflitos.

Dessa forma, ele apontou que, para que se possa compreender a dinâmica da Guerra Cultural, existiria a necessidade de dispor de uma diferente gama de ferramentas para a identificação da ideia de cultura, além disso, era necessário desenvolver uma metodologia que não fosse atribuída, a partir da forma como, as normas e valores estariam inseridas na cabeça e no coração das pessoas, e sim, “como sistemas de símbolos e outros artefatos culturais, instituições que produzem e disseminam estes símbolos, discursos que articulam e legitimam interesses particulares, e campos de competição, onde a cultura é contestada”. (Hunter in (HUNTER; WOLFE (org.) 2006, p.20) Em outras palavras, para atingir uma real compreensão sobre a Guerra Cultural seria vital compreender como se realinhariam e se institucionalizariam a hipótese de sua existência na cultura pública, através de organizações de interesse, denominações, partidos, elites, entre outros, ou seja, seria preciso perceber como se constroem a direção e a liderança destas organizações.

Neste sentido, a crítica de Hunter a seus debatedores viria do fato de que nenhum deles, em sua proposta de argumentar a não existência da Guerra Cultural, se preocupou em analisar como a estrutura da cultura reproduzia seus símbolos, ideias, argumentos e ideologias, assim como seus interesses e formulações implícitas pelas autoridades morais. Por causa disso, Hunter (in HUNTER; WOLFE (org.), 2006) posicionou-se contrariamente à discussão que alega que a Guerra Cultural seria uma disputa que ocorreria de forma restrita entre elites engajadas, e que ela não atingiria a totalidade da população. Para ele, seriam essas elites que redefiniriam e redirecionariam os significados dos símbolos da vida pública do país, legitimando ou deslegitimando narrativas e figuras públicas. Assim, parece claro que a ocorrência de uma Guerra Cultural total seria virtualmente impossível, entretanto, as elites polarizadas poderiam em determinados momentos mobilizar uma grande quantidade de pessoas sobre um ideal comum. Como exemplo, o autor apontou que algumas das principais explosões sociais ocorridas na história mundial partiriam da vontade de uma elite, citando como exemplos os 5.000 que lutaram contra o Reino Unido pela independência da Irlanda, ou as lideranças que mobilizaram a revolução russa em 1917, ou, ainda, os 5 a 10% de extremistas das forças armadas e de representantes de milícias opositoras ao governo, responsáveis pelos massacres em Ruanda.

No segundo capítulo do livro, Wolfe (in HUNTER; WOLFE (org.), 2006) trabalhou com a ideia de que a Guerra Cultural, apesar de constantemente prometida, na verdade nunca ocorreu. Para demonstrar sua posição o autor utilizou-se da batalha envolvendo o caso Terry

Schiavo⁹³ apontando que 63% dos americanos apoiava o desligamento dos aparelhos que a mantinha viva. O resultado do apoio da população ao desligamento dos aparelhos casou choque nos setores conservadores do Partido Republicano que acreditavam que a reeleição de George W. Bush em 2004 teria ocorrido pelo fato do presidente ser visto como um homem com fortes valores morais e pelo fato do presidente ser ligado à ideia de Guerra Cultural.

Para Wolfe (in HUNTER; WOLFE (org.), 2006) os resultados que demonstravam o apoio ao direito à morte mostravam também que a população passava a se cansar da discussão da Guerra Cultural e que a direita cristã não estava conseguindo atrair muitas pessoas para estas batalhas. Segundo o autor, o fato é que devido ao radicalismo das lideranças, a população começou a se afastar dos temas culturais, o que ocorreu é que, se durante as décadas de 1950 e 1960 as lideranças eram menos radicalizada que os americanos médios, agora elas apresentavam um grau de radicalização muito maior do que o apresentado pela média da população.

Ao mesmo tempo, para ele, toda a estratégia conservadora durante os períodos eleitorais construiu-se sobre uma base de que os setores liberais não conseguiam ganhar o apoio da maioria da população para suas posições quando o enfoque recaía sobre posições culturais. Nesse sentido, os republicanos, como uma forma de substituir sua dificuldade de conseguir apoio através de medidas econômicas, passaram a utilizar a ideia de Guerra Cultural para conseguir votos, o que passou a representar o crescimento de campanhas eleitorais profundamente negativas a partir de ataques aos seus oponentes. Esse direcionamento do Partido Republicano para a direita ocorreu em um caminho contrário ao da população que se moveu para a esquerda (no sentido de tornarem-se mais tolerantes). Contudo, a estratégia do uso do discurso conservador e religioso era perfeitamente funcional, já que, estimulava uma resposta dos setores liberais que tentavam criar, a partir de seus termos, uma maneira para realizar a disputa política dentro da ideia da Guerra Cultural. Assim, Wolfe argumentou que se a eleição de Bill Clinton e Al Gore havia aproximado o Partido Democrata à centralidade política, o discurso de George W. Bush empurrou-o para a esquerda.

⁹³ Terry Schiavo foi uma mulher da Flórida que após ter sofrido um ataque cardíaco ficou 15 anos vivendo por meio de aparelhos devido a uma disputa entre seu marido (favorável ao desligamento dos aparelhos) e seus parentes (contrários). O caso gerou uma grande discussão sobre a questão do direito a morte nos EUA fazendo com que o Congresso aprovasse uma lei que permitia aos pais abrirem o caso no supremo tribunal federal para impedir o desligamento dos aparelhos. Apesar de toda a mobilização tanto dos movimentos defensores pró-vida (com um intenso apoio do então presidente George W. Bush) o tribunal rejeitou o pedido dos pais e autorizou o desligamento dos aparelhos, após realizar uma série de testes que demonstraram que ela estava com ausência de consciência e com uma severa atrofia cerebral, o que resultou sua morte em 31 de março de 2005.

A questão aqui é que, em sequência a esta metodologia política, Bush acabou sendo traído pela transformação da sociedade, já que, enquanto insistia na ideia da Guerra Cultural e colocava-se com um defensor da moralidade o tema foi perdendo a capacidade de influenciar a sociedade, ou como argumentou: “Bush recusou-se a abandonar a guerra cultural, a guerra cultural o abandonou”. Wolfe (in HUNTER; WOLFE (org.), 2006, p.70).

Voltando ao debate presente no livro, após a apresentação destes dois capítulos o livro prosseguiu com dois comentários curtos: um de Gertrude Himmelfarb e outro de Morris Fiorina que tinham como intuito atualizar o tema. A autora neoconservadora iniciou seus comentários afirmando que a Guerra Cultural passou por algumas transformações durante os últimos anos, o que foi marcado pelo fato de que os combatentes dos dois lados da disputa declararam-se vencedores da batalha que tinha chegado ao seu final. Pelo lado conservador, a percepção de vitória surgiu a partir da leitura dos que acreditavam ter triunfado nas batalhas culturais e que defendiam que as melhoras em alguns resultados estáticos apontavam uma possível remoralização da sociedade, ou como aponta a autora: “Eles citam os indicadores sociais mostrando um declínio na incidência de crimes, violência, aborto, uso de drogas, divórcio e de crianças nascidas fora do casamento entre adultos e, o mais importante, entre os jovens.” Wolfe (in HUNTER; WOLFE (org.), 2006, p.75).

Entretanto, a autora, por considerar-se uma conservadora mais antiga, posiciona-se de maneira antagônica a esta imagem. Como já apontamos, quando analisamos seu livro, Himmelfarb considera que as reduções de algumas estatísticas viriam de transformações da sociedade que se tornou mais liberal e não de uma condição de aumento da moralidade.

Outra crítica realizada nos comentários da autora é feita a definição de Alan Wolfe sobre a ideia de que a guerra cultural seria uma disputa entre intelectuais não atingindo o americano médio. Para a autora, Wolfe esqueceu-se de notar, que a partir da dominância da contracultura sobre os valores da sociedade os temas da guerra cultural estariam constantemente presentes na televisão, nos cinemas, na internet e nos vídeos games, de maneira que eles afetariam a vida de toda a população.

Por este motivo, é preciso compreender que a autora escreveu seus comentários entre os gritos de vitória de alguns setores conservadores e entre a negação do fenômeno por alguns intelectuais, por isso, Himmelfarb (in HUNTER; WOLFE (org.), 2006) definiu que existia a necessidade de se repensar a ideia de Guerra Cultural redefinindo-a como guerras culturais, uma vez que, para ela, os conservadores estariam vencendo em apenas um sentido da Guerra Cultural como apontavam os indicativos referentes à diminuição da criminalidade, da violência, da ilegitimidade e do gosto, mas estariam, por outro lado, perdendo a batalha pelo

controle da cultura popular. Assim, existiria a necessidade de se iniciar uma nova Guerra Cultural que refletiria a luta da cultura dissidente (o que ela chamou de valores da contracontracultura). Essa nova batalha ocorreria nas escolas públicas através dos professores insatisfeitos com os currículos e no interior das famílias através dos pais insatisfeitos com o conteúdo da TV e da internet, e teria como preocupação retomar um sentido de moralidade na cultura popular do país.

Já, Fiorina (in HUNTER; WOLFE (org.), 2006) iniciou seu comentário de maneira um pouco mais exaltada, respondendo às críticas feitas à sua leitura da Guerra Cultural por Hunter, apontando que “*James Davison Hunter é uma vítima do seu próprio sucesso.*” (FIORINA (in HUNTER; WOLFE (org.), 2006, p.83). Para o autor, Hunter equivocou-se ao atribuir as críticas sofridas pela sua obra a uma falta de compreensão, dos críticos, de seus argumentos, ao mesmo tempo em que, não interpretava os argumentos contrários às suas ideias a partir do entendimento de seus críticos.

Ele explicou que quando escreveu seu livro, não estava posicionando sua crítica a Hunter e sim a mídia que clamava que a Guerra Cultural não se estendia apenas para os ativistas. A partir disso, o autor argumenta que seu livro tentava mostrar como as campanhas eleitorais contemporâneas não apelavam para o americano moderado e que representantes eleitos não negociavam a partir de compromissos aceitáveis.

Em outra passagem, Fiorina (in HUNTER; WOLFE (org.), 2006) colocou-se em um sentido antagônico a ideia de Hunter sobre a importância das elites. Para o autor, elas naturalmente tendiam a exagerar seu valor, por isso, as numerosas competições entre as elites tendiam a confundir os significados e as narrativas da disputa. Para demonstrar como isto ocorria, o autor citou o exemplo da ineficiência das elites durante os escândalos Lewinsky, ao qual, apesar da direita conservadora conseguir fazer com que o então presidente confessasse sua culpa pelo assédio sexual, pelo abuso de sua posição, por perjúrio e pela obstrução da justiça, eles não conseguiram atingir o resultado principal de sua mobilização que era alcançar o impeachment do presidente.

A resposta do cientista político para essa dificuldade vinha da constatação de que as elites, ao longo dos anos, vinham perdendo sua influência sobre a população, o que seria motivado, pelo alto nível de educação e de informação da população e pelo fato das lideranças contemporâneas do país não possuírem seguidores reais, o que seria motivado pelo fato de muitos dos líderes da atualidade serem mais parecidos a empresários, vendendo ideias do que, propriamente, líderes como ligação a um movimento.

A significância do debate presente no livro apresenta-se, além, da oportunidade de uma confrontação sobre as ideias da Guerra Cultural, em uma importante recontextualização do tema. O que é marcante quando se observa o destaque da publicação do livro, é que ela aconteceu durante um período vital para a compreensão das transformações dos movimentos conservadores e para a própria ideia de Guerra Cultural nos EUA, que seria marcado pelo declínio da imagem do então presidente George W. Bush⁹⁴ e por um enfraquecimento da visibilidade da ideia de Guerra Cultural na mídia.

Capítulo 2 A um passo de Deus: A influência da religião, das mudanças sociais e a consolidação da agenda conservadora.

Para que possamos compreender como a lógica da Guerra Cultural enquadrou-se em uma forma de pensar que priorizava a história dos EUA a partir de polarizações, desenvolveremos nosso segundo capítulo, analisando alguns pontos importantes para a compreensão do caldo cultural que possibilitou o desenvolvimento das mobilizações conservadoras no país.

Nosso intuito é aprofundar a compreensão do leitor sobre a definição de conservadorismo, demonstrando suas concepções, bastante abrangentes, possibilitaram a grande pluralidade de agendas dos movimentos conservadores garantindo a manutenção de seu prestígio na sociedade e política do país. Do mesmo modo, procuramos questionar a relação entre a ideia da mobilização conservadora e sua relação com a Guerra Cultural, trazendo nesse capítulo um maior aprofundamento sobre a questão.

Com isso, dividimos esse capítulo em três partes, uma primeira procura compreender a definição de conservadorismo debatendo a importância do binômio conservador/liberal na sociedade estadunidense. Uma segunda parte debate a poderosa extensão que a religião teve na sociedade estadunidense, ao mesmo tempo em que, demonstra os períodos de ascensão e reclusão da influência do conservadorismo religioso na sociedade e na política do país (principalmente durante o começo do século XX). Nela procuramos demonstrar que a polarização entre conservadores e liberais tem sua origem também a partir da questão religiosa. E uma terceira que mostra o momento de afastamento dos setores conservadores da vida política do país durante a década de 1930 e a ascensão das ideias liberais na sociedade estadunidense e debate os motivos dessa não participação política ao longo das décadas de 1940, 1950 e 1960 por parte de setores conservadores da religião. Junto a isso, iniciamos a

⁹⁴A imagem da guerra contra o terror iniciada por Bush passava a começar a ter uma resistência maior pela população, da mesma forma, os rumos da economia do país pareciam cada vez pior.

discussão sobre os motivos que os fizeram retornar a participação política e que ocasionaram o enfraquecimento da intensidade da agenda liberal no país a partir da década de 1970.

2.1-Definições e a influência do conservadorismo na sociedade do país.

Para que possamos entender o debate sobre a Guerra Cultural na sociedade estadunidense temos que analisar a importância do próprio binômio conservador/liberal para a atividade política estadunidense, assim como, entender seu lugar nas disputas sociais do país. Sobre esse tema, Sorman (1983) expôs que, devido a configuração da política estadunidense, a direita e a esquerda no país se fragmentaram em pequenos partidos (socialistas, comunistas, de extrema direita, libertários, entre outros) incapazes de mobilizar um grande número de eleitores durante o período eleitoral. Com essa não consolidação dos partidos pautados em grandes correntes ideológicas, abriu-se espaço para a consolidação dos dois principais partidos do país (o Partido Republicano e o Partido Democrata) como os principais adversários políticos. Entretanto, para o autor, esses dois partidos tiveram em sua trajetória um papel mais caracterizados como grandes máquinas eleitorais do que propriamente como grandes conjuntos ideológicos.

A incapacidade, dessas grandes correntes ideológicas consolidarem-se na política do país fez com que elas se dissolvessem no interior de uma disputa entre conservador contra liberal. A questão aqui é que, ao pautar a oposição de ideias exclusivamente dentro desse binômio, os conjuntos conservadores e liberais passaram a poder significar tudo e, ao mesmo tempo nada, dentro da compreensão política estadunidense.

Um exemplo disso destaca-se quando pensamos no termo liberal, da maneira como ele é utilizado nos EUA, e chegamos a algumas pautas como a defesa da igualdade e de direitos civis, um fortalecimento do governo federal e a crença em uma determinada liberdade social. Esse liberalismo estadunidense historicamente se distanciou dos autores liberais clássicos, sendo retratado nos dias atuais como uma vertente de centro esquerda no país.

Da mesma maneira, o termo conservador rapidamente nos remete a tradição religiosa, a defesa de uma cultura branca dominante, a defesa de um modelo econômico que privilegia o corte de gastos e a liberdade empresarial. Pensar a ideia de conservadorismo americano também nos remete a pensar os movimentos denominado libertários que defendem uma mescla do que consideramos como valores liberais e conservadores, o que pode ser retratado pelo exemplo de que eles defendem a total não interferência do Estado em questões socioculturais e econômicas, ao mesmo tempo em que, rejeitam a autoridade religiosa. Ou

seja, nos Estados Unidos, por mais estranho que pareça, os liberais radicais não são vistos como liberais.

Nesse sentido, os dois grandes blocos de ideias, que se destacaram por ser o centro da polarização política e social nos Estados Unidos, são vistos na narrativa do país de uma maneira um tanto nublada, já que, eles coexistem no interior de seus dois principais partidos. Com isso, a trajetória dessa disputa alternou momentos de ascensão e retração que ocorriam motivadas pelas conjunturas econômicas e sociais que influenciavam a disputa de grupos políticos no interior dos partidos.

Isso trouxe consigo a percepção de que ambos os partidos se tornavam mais conservadores ou mais liberais como uma reação ao sucesso político conquistado pelas políticas aprovadas pelo seu concorrente. Esse processo ocorria, primeiramente, dentro das disputas no interior dos partidos, que isolavam os grupos antagônicos as ideias⁹⁵ dominantes no partido no período, e em muitos momentos os fazia abandoná-lo ocasionando migrações de um partido para o outro. Nesse sentido as disputas entre democratas e republicanos durante a história americana destacaram-se muito mais como táticas eleitorais do que propriamente pela defesa de plataformas conservadoras ou liberais.

Dentro desse quadro, nosso trabalho procura, a partir da oposição conservadores e liberais, compreender como os debates em torno de temas culturais exerceram o papel de gatilhos para a polarização na sociedade e nos dois principais partidos do país (e entre eles). Ao mesmo tempo, discutimos como o novo conservadorismo estadunidense, apoiando-se em um plano de luta cultural, superou o quase total ostracismo político, que perdurou até grande parte da década de 1960 (devido ao fortalecimento do influxo das ideias liberais a partir do *New Deal*), e se tornou um grande fenômeno político e intelectual no país.

Para isso é importante deixar claro que, em nosso primeiro capítulo, ao ponderarmos sobre o debate intelectual em torno da vivência de uma Guerra Cultural nos EUA, procuramos delimitar as cisões fundamentais entre os autores com o intuito de estabelecer um alicerce para que pudéssemos compreender a relação do fenômeno com o fortalecimento do pensamento conservador durante as décadas de 1960-2000. Concluimos através dessa releitura que, apesar da tórrida discussão envolvendo o tema da Guerra Cultural ter motivado o dissenso entre alguns dos principais intelectuais estadunidenses, de maneira que, eles tentaram, de forma válida, confirmar ou desmistificar a plausibilidade do fenômeno, para nossa pesquisa era imperativo ir além dessa querela intelectual. Afinal, em nossa leitura, a Guerra

⁹⁵Que dependendo o período poderiam ser vistas com liberais ou conservadoras, afinal, ambos os partidos possuíam correntes rivais que as defendiam.

Cultural existirá enquanto a sociedade estadunidense for pensada a partir de polaridades e os atores sociais afirmarem-se “guerreiros culturais”, o que, em um sentido prático, coloca o fenômeno como um experimento inegavelmente vivenciada pelos movimentos conservadores e liberais que atuaram no país durante as últimas décadas.

Nesse sentido, defendemos que os resultados da celeuma intelectual em torno do tema reduziram o seu valor a uma obrigatoriedade de posicionar-se favorável ou contrariamente a afirmação de que a sociedade estadunidense estaria totalmente polarizada em torno de questões culturais. Assim, se por um lado, esse enfoque motivou o surgimento de uma variedade de pesquisas contribuidoras para a leitura da contemporaneidade dos EUA, como os trabalhos de Hunter (1994), Wolfe (1996), entre outros. Por outro, quando os cientistas sociais deixaram de lado a leitura da Guerra Cultural como uma estratégia de visibilidade de ideias e, conseqüentemente, como uma disputa pela consolidação de plataformas políticas por parte de grupos conservadores e liberais, perdeu-se um importante campo de pesquisa sobre a sociedade, a política e a cultura do país.

Nosso trabalho reestabelece a discussão sob um patamar que compreende a Guerra Cultural a partir de sua proeminência para a discussão sobre a polarização de ideias e pela disputa pela hegemonia de grupos políticos na sociedade. Para isso, unificamos dois grandes grupos de pesquisas que se desenvolveram paralelamente e que foram pouco relacionados entre si pelos intelectuais. Ou seja, apesar dos cientistas sociais terem pesquisado os movimentos conservadores com grande afinco e o tema da Guerra Cultural ter sido exaustivamente debatido pelos meios de comunicação e pelos intelectuais, raramente, focou-se a relação existente entre os dois objetos. Fato que coloca nosso trabalho como o pioneiro em compreender como os movimentos sociais e políticos utilizaram as disputas culturais como ferramentas (disseminadas através de retóricas e narrativas) para moldarem seu papel na fragmentada identidade dos EUA.

Especificamente, nesse capítulo, mostraremos como as batalhas em torno de temas culturais foram, mesmo antes de sua denominação pelos intelectuais, durante a década de 1990⁹⁶, as principais ferramentas aglutinadoras dos movimentos conservadores. O que significa que, a partir delas, estruturou-se uma rede de atores dispostos a interceder sobre temas ditos culturais. Essas batalhas, travadas na política interna do país trouxeram consigo a constatação de que, se no campo da política externa o anticomunismo foi o principal responsável pelas mobilizações conservadoras, no âmbito da política interna foi através da

⁹⁶ Somente a partir da obra de Hunter (1991) que passou a se definir os confrontos culturais sob a denominação de Guerra Cultural.

ideia Guerra Cultural que se moldou uma identidade comum⁹⁷, responsável pelo agregar de grupos, que até então não possuíam um alinhamento em sua agenda de manifestações⁹⁸.

Ao refletirmos sobre o tema, percebemos que a Guerra Cultural somente foi identificada pelos intelectuais devido ao resultado da organização e do aumento do “eco” das manifestações conservadoras⁹⁹. Portanto, a ampliação da visibilidade do fenômeno na sociedade somente ocorreu devido a uma provisão das crescentes batalhas entre as técnicas de controle da vida pública estadunidense pelos setores conservadores e liberais e sua respectiva repercussão na mídia.

Essas duas afirmações, que aparentemente entrelaçam os objetos de nossa pesquisa em uma relação recíproca de causa e efeito, refletem a complexidade da principal engrenagem para a compreensão das origens do conservadorismo estadunidense. Foi a partir de um sentimento de perda, de um entendimento da agressão a um modo de vida, de uma incompreensão da novidade e de um estranhamento da diferença que se moldou a iniciativa conservadora, também, desenvolveu-se um projeto político mais amplo que procurou expandir um conjunto de valores específicos como representação da vontade de toda a população¹⁰⁰. Por esse motivo, o novo conservadorismo estadunidense consolidou-se sobre duas hipóteses fundamentais, resistência e agressão.

A hipótese da resistência estabeleceu-se a partir de uma lógica que procurou impedir os avanços do liberalismo na sociedade, pautando-se pela defesa de um modo de vida específico¹⁰¹ e sendo realçada pela percepção, por parte dos setores conservadores da sociedade, de que as transformações sociais, econômicas, culturais e políticas, radicalizadas durante os anos de 1960, não se regulavam pela extensão de direitos políticos, sociais e

⁹⁷ É interessante também destacar que a ideia de Guerra Cultural e luta contra o comunismo estavam intimamente relacionadas dentro de uma lógica que se pautava pela procura de um inimigo que seria o responsável por qualquer problema enfrentado pelo país. Essa mesma lógica fomentava a ideia de que comunistas constantemente infiltraram-se na sociedade e nas instituições estadunidenses, trazendo consigo valores ruins. A questão aqui é que com o fim da Guerra Fria a mesma lógica que procurava inimigos comunistas no país passou a ser empregada pelo Partido Republicano na disputa contra o Partido Democrata e na construção da ideia de uma Guerra Cultural.

⁹⁸ Grupos como os de defesa do direito ao uso de armas, defensores da educação religiosa, contrários ao ensino bilíngue, à pornografia, pouco, ou quase nada, teriam em comum sem que existisse a Guerra Cultural para aproximá-los.

⁹⁹ Como uma resposta as transformações liberais que despontaram no país durante as décadas de 1960 e 1970, como a retirada das orações das escolas (durante a década de 1960) e as mudanças nas legislações pró-aborto (no princípio dos anos 1970).

¹⁰⁰ Crawford (1995) argumentou que uma das questões centrais do novo conservadorismo seria representada pelo medo das massas, devido ao fato de que, para os conservadores, elas seriam impulsivas, irracionais, emocionais e não compreenderiam o real significado e comportamento da cultura. Essa percepção por parte dos conservadores reflete em uma aversão a uma elite liberal cosmopolita que defenderia uma forte participação popular nas decisões públicas.

¹⁰¹Centrado na estrutural familiar patriarcal, na frequência religiosa e nos hábitos de classe média.

econômicos aos grupos minoritários, mas pela retirada de direitos da população branca e cristã do país. A partir dessa ideia, estabeleceu-se, para eles, que qualquer extensão de direitos destinada a uma parcela específica da população resultaria, como decorrência, em uma perda de direitos de outra.

É importante compreender aqui que, como argumentou Honderich (1990), os movimentos conservadores jamais se colocaram totalmente avessos às mudanças e transformações, visto que, historicamente eles defenderam propostas de transformações reformistas. Desse modo, o que marcou as manifestações conservadoras foi uma oposição a radicalidade de determinadas transformações, principalmente, quando elas alteravam o significado da família, rejeitavam os temas considerados por eles como fundamentais, atacavam Deus e a Religião, afetavam sua identidade ou de suas concepções de mundo, ou ainda, descumpriram contratos estabelecidos.

Para facilitar a compreensão dessa interpretação lançamos o exemplo da educação nas escolas públicas estadunidenses durante as décadas de 1960 e 1970. Se, em um primeiro momento, a década de 1960 iniciou a inserção da educação sexual e da retirada da simbologia cristã das escolas do país, como uma solução para a necessidade de educar os jovens para as “inevitáveis” transformações que vinham ocorrendo na sociedade e para eliminar a segregação dos estudantes não cristãos e não brancos. Para os conservadores cristãos, as decisões representaram um desconfortante ataque a família, pois, impossibilitava que a educação de seus filhos fosse realizada a partir de uma visão de mundo centralizada na fé cristã e de uma apologia à abstinência sexual, o que, conseqüentemente, lançou-os em tentativas de obter o controle dos conselhos municipais de educação e outros centros responsáveis pela a aprovação do conteúdo educacional.

Dessa forma, se a primeira hipótese partiu da reação às transformações sociais (vista por eles como radicais), a segunda fundamentou-se sob uma ótica que percebia que as mobilizações conservadoras se estabeleceram através de uma ofensividade, pautada em uma retórica que visava inserir temas moralizantes no debate político estadunidense. Essa ideia surgiu alinhada a um possível interesse na transformação dos EUA em uma teocracia, que viria ao encontro da crença que a América e os estadunidenses seriam a terra e o povo escolhido por Deus¹⁰². Essa crença reforçaria a necessidade do governo cumprir os desígnios

¹⁰² Sorman (2004) discutiu que para os conservadores os Estados Unidos viveriam um destino manifesto divinamente inspirado, enquanto que para os liberais seriam frutos de resultados da história da humanidade, ou seja, seriam resultados das violentas disputas europeias.

de Deus na Terra, isto é, fosse edificado sobre os alicerces de uma leitura que colocasse a Bíblia como uma verdade inerente.

Atrelado a esse pensamento, destacou-se o fortalecimento de uma crença que, ao mesmo tempo, defendia que o governo não deveria interferir em questões econômicas da vida privada da população (cristalizada na rejeição aos programas de auxílio social e oposição as tentativas legais de garantir a igualdade¹⁰³) e deveria intervir quando os temas estivessem ligados à defesa da cultura e da moral no país. A primeira ideia deriva da crença de que os infortúnios dos pobres são consequência de seu não merecimento, o que significava que a caridade teria lugar apenas no ambiente privado, como uma forma espontânea de demonstração de beneficência da população mais afortunada e de suas instituições de caridade¹⁰⁴. Todavia, simultaneamente influenciada pela segunda ideia, o governo deveria interceder resgatando a moralidade e o valor na sociedade, coibindo os vícios, impedindo o aborto, rejeitando o casamento homossexual e possuindo um papel de espelho moral para a população em geral¹⁰⁵.

O fato é que, a postura agressiva das mobilizações conservadoras fez com que, durante as últimas décadas¹⁰⁶, fosse creditado aos EUA um processo de guinada à direita¹⁰⁷ (chamada pelos intelectuais de “uma era de conservadorismo” (CUEVAS, 1989, p.11), ao qual, principalmente a partir da década de 1980, foi construída através de decisões simbolicamente moralistas como a ofensiva anticomunista, a percepção da AIDS como um castigo de Deus à forma de vida homossexual¹⁰⁸ e a retirada, durante os anos 1980, feita pelo *Wall Mart* em suas 890 filiais no sul do país de revistas sobre *Rock and Roll*¹⁰⁹.

Metodologicamente, para que possamos estabelecer o funcionamento dessas duas hipóteses torna-se imprescindível compreender como ocorreram as principais mobilizações do novo conservadorismo estadunidense. De forma que, elas devem ser relacionadas aos eventos

¹⁰³ Reforçada pelo mérito individual e pelo argumento que a caridade deveria ser realizada pela população e não pelo governo.

¹⁰⁴ Reflexo do terceiro grande despertar que ocorreu nos EUA do final do século XIX e início do XX.

¹⁰⁵ Vale destacar que as duas principais crises presidenciais da contemporaneidade estadunidense, o processo de impeachment de Richard Nixon e a tentativa de impeachment de Bill Clinton, tiveram suas origens motivadas por questões que iam muito além das ações cometidas pelos presidentes. Elas representavam o julgamento de quais os resultados que essas ações teriam como diretrizes para a população.

¹⁰⁶ Principalmente, as décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000.

¹⁰⁷ Scheuer (1999) debateu que apesar da grande maioria da população considerar-se de politicamente centrista, a ideia de centro nos EUA pendeu para a direita.

¹⁰⁸ Cuevas (1989) mostrou que em uma pesquisa, realizada em Los Angeles em 1986, 17% dos entrevistados viam a doença como um castigo divino.

¹⁰⁹ Cuevas (1989) argumentou que o Rock era visto, em reflexo aos sermões dominicais, da mesma maneira que a pornografia sendo uma das causas que poderia levar ao adultério, ao alcoolismo, a pedofilia e a bestialidade.

históricos que as construíram, o que coloca os movimentos conservadores em um papel cíclico de criadores e criaturas de um panorama de Guerra Cultural. Isso representa que, ao mesmo tempo em que, a ideia da validade de uma Guerra Cultural definiu-se a partir da observação das mobilizações conservadoras que ocorriam no país. A partir da definição de Guerra Cultural e de sua aceitação pela mídia e pelos partidos do país, muitos movimentos foram formados, ou seja, a ideia de uma Guerra Cultural trouxe a urgência da necessidade de batalhar temas ditos culturais, o que nos faz pensar que os movimentos conservadores também são criaturas do cenário de Guerra Cultural.

Por esse motivo, como alternativa para entender o conservadorismo estadunidense, procuramos, através de sua relação com os casos de batalhas culturais, aprofundar suas origens, a pluralidade de suas ideias e as implicações de suas principais mobilizações.

Assim, para analisarmos essa relação, precisávamos encontrar uma definição que abarcasse o termo novo conservadorismo, procurando, a partir dela, englobar uma gama de movimentos político-sociais presentes na contemporaneidade estadunidense. Contudo, ao buscarmos essa definição, deparamo-nos com um número extremamente variado de leituras sobre o fenômeno (das definições mais específicas, até as mais generalistas). Partimos então da definição proposta pelo historiador francês Guy Sorman (1983) que delimitou o novo conservadorismo através das principais características presentes em um integrante do movimento, descrevendo: “Um conservador americano crê em Deus, na moral, no sucesso, na pátria e, sobretudo, na América” (SORMAN, 1983, p.21). No mesmo caminho proposto pelo autor francês, Micklethwait e Wooldridge (2004) apontaram seis características fundamentais do conservadorismo, sendo elas: suspeita profunda do poder do Estado, preferência pela liberdade sobre a igualdade, patriotismo, crença nas instituições e hierarquias estabelecidas, ceticismo sobre a ideia de progresso e elitismo.

A questão a ser enfatizada aqui é que, as características colocadas por Sorman (1983) e por Micklethwait e Wooldridge (2004) como pertencentes a um integrante do novo conservadorismo, se isoladas, não necessariamente seriam específicas a ele, podendo quando analisamos determinados grupos conservadores não encontrá-las. Com isso, o cerne da compreensão do novo conservadorismo seria percebê-lo como um movimento profundamente heterogêneo. Fato que historicamente dificultou a análise realizada pelos principais intelectuais que se debruçaram sobre o movimento, uma vez que, um conservador poderia tanto ser um libertário radical, um fundamentalista religioso, ou um tradicionalista social que via com maus olhos a fomentação do crescimento da participação política das massas pelas elites liberais.

Como implicação a essa dificuldade, o novo conservadorismo estadunidense foi analisado como um movimento reacionário às transformações culturais dos anos 1960–1970, como um movimento apolítico¹¹⁰ e como um movimento em defesa da manutenção do *status quo*. No entanto, essas definições atribuídas ao movimento, ainda não explicavam sua complexidade e pluralidade, visto que, o novo conservadorismo apresentava-se historicamente como todas essas leituras e outras tantas mais.

Como solução para que pudéssemos entender o novo conservadorismo estadunidense tomamos como padrão a significativa leitura desenvolvida por Nash (1996). Contrariando a maneira como os intelectuais vinham analisando o tema do novo conservadorismo estadunidense, o autor argumentou que embora existissem variadas definições sobre o movimento, elas eram “*inadequadas e tendenciosas*” (NASH, 1996, p.XIV). Para o autor, muitas delas vinham de intelectuais pertencentes aos movimentos que defendiam a ideia de que o conservadorismo seria algo tão natural, que não era, sobretudo, uma ideologia. Em nossa leitura, percebemos que essa compreensão do novo conservadorismo advinda dos intelectuais conservadores construiu-se em uma tentativa de afirmação de que o movimento estaria alicerçado sobre valores inegavelmente pertencentes à tradição da população estadunidense, o que elevaria o novo conservadorismo a um papel de representante e defensor desses valores contra uma elite liberal que estaria, através do controle da vida pública, tentando compelir suas ideias e vontades sobre a população do país.

Em um processo similar, podemos debater que muito do que foi definido como representações dos movimentos conservadores foram classificadas a partir de uma diferenciação feita por seus opositores, que agruparam autores e ideias antagônicas as suas sobre o rótulo de conservadorismo. Sendo assim, como exemplo, qualquer argumento oposto aos programas de ação afirmativa ou a retirada da simbologia cristã do espaço público, automaticamente, era visto como conservador e reacionário.

Retomando Nash, percebemos que ele rejeitou o expediente, até então mais comum, de definir o novo conservadorismo como um movimento de defesa do *status quo*, por considerar que essa leitura não possibilitaria um real entendimento do movimento e completando que essa defesa do *status quo* poderia ser realizada tanto por movimentos associados ao pensamento de direita, quanto ao de esquerda. Ela estaria muito mais relacionada à manutenção de diretrizes dominantes em um tipo de governo e momentos específicos, do que se referindo as características determinantes de um movimento sociopolítico. Em outras

¹¹⁰Uma vez que nas origens do novo conservadorismo encontrava-se uma profunda rejeição da política, que era vista como o lugar de defesa do interesse de determinadas elites em detrimento da população.

palavras, selecionando o exemplo dado pelo autor, na antiga União Soviética a manutenção do *status quo* seria a sustentação do regime socialista existente no país.

Em uma linha de argumentação semelhante, podemos citar o exemplo apresentado por Dolbeare e Medcalf (1988), que aventaram que a nova direita estadunidense surgiu como opositora do *status quo* que, durante a década de 1960, seria defender os programas de ações afirmativas e cotas. Para eles, como os liberais estariam no controle da política e da mídia do país, as lutas travadas pelos novos conservadores seriam contra o *status quo* e não em defesa dele.

Outra tentativa comumente desenvolvida pelos intelectuais para definir o novo conservadorismo estadunidense, e que precisa ser refutada aqui para que possamos avançar em nossa pesquisa, vem da ideia de que o novo conservadorismo seria um movimento antimoderno ou um movimento esquecido pela modernidade. Opostamente, como aprofundou Lacombe (in Huret, 2008), os novos conservadores são, ao mesmo tempo, antimodernos e ultramodernos. Sendo, por um lado, antimodernos por lutarem contra o direito ao aborto, o casamento homossexual, a interdição das orações nas escolas e o ensino da teoria da evolução. E ultramodernos, ao menos em suas táticas políticas, pois foram os primeiros a utilizar os debates radiofônicos¹¹¹ e os canais de televisão a cabo para propagar suas ideias, foram pioneiros na exploração de dados demográficos e sondagens de opinião durante os períodos eleitorais, assim como, estiveram na vanguarda das mobilizações de militantes, das estratégias maciças de campanhas porta a porta e na utilização de malas diretas aos eleitores.

Retomando a reflexão realizada por Nash (1996), devido aos problemas encontrados para se definir o novo conservadorismo, a única maneira de se mapear o movimento seria agrupando-os a partir de duas orientações: os que se definiam como parte de um movimento conservador e os que eram considerados como pertencente a eles. Esse tipo de seleção englobaria uma variedade de autores e grupos político-sociais que em muitos momentos eram destoante entre si¹¹². Por causa disso, o autor optou por compreender o novo conservadorismo a partir de seus ideais mais relevantes, ou seja, a constatação de que apesar do movimento ter

¹¹¹ Segundo Martin (1996), já no ano de 1925, uma em cada dez entre as mais de 600 estações de rádios que existiam nos EUA era propriedade ou operada por uma igreja ou uma organização religiosa. Durante as décadas de 1920, 1930 e 1940 dezenas de pastores fundamentalistas fizeram sucesso na rádio, como os exemplos de Charles E. Fuller (com seu programa *Old Fashioned Revival Hour*, transmitido simultaneamente no ano de 1939 por 152 estações), Father Coughlin (uma das principais figuras da eleição de Franklin D. Roosevelt, organizando um lobby político com cinco milhões de membros e que anos após a eleição voltou-se contra o presidente discursando em seu programa a favor do nazismo, acusando os judeus dos problemas econômicos do EUA e pela guerra na Europa) e Gerald Winrod (um padre católico que fundou a *Defenders of the Christian Faith* e lutou em causas contra a evolução, o comunismo, o álcool e o Social Gospel).

¹¹² Nash (1996) argumentou que mesmo os conservadores estadunidenses não concordavam com as definições de quem era ou não conservador.

se construído sobre uma pluralidade de correntes, isso não impedia que elas pudessem ser mapeadas. Assim, o autor caracterizou o movimento a partir de três grandes correntes: o libertarianismo (liberalismo radical), o tradicionalismo (dentre eles o neoconservadorismo) e a direita religiosa (marcada por um forte anticomunismo)¹¹³.

Obviamente, por se tratar da dominação de ideias sobre movimentos sociopolíticos, as distinções e semelhanças entre os grupos conservadores geralmente apareceriam pulverizadas no interior da especificidade de cada movimento, podendo, por esse motivo, movimentos serem agrupados como pertencente à direita religiosa estadunidense discordavam sobre determinados temas¹¹⁴.

A questão a ser aprofundada aqui é que, durante as últimas décadas, em razão da pluralidade de ideias presentes nos movimentos do novo conservadorismo e de um constante rodizio entre as principais correntes desse pensamento próximas ao poder, ocorreu uma constante manutenção da extensão do movimento sobre a política estadunidense. Portanto, em determinados momentos, alguns dos grupos pertencentes ao movimento ampliaram a visibilidade de suas ideias e a sua participação no debate político ao mobilizarem-se em defesa de um liberalismo radical, ao se colocarem como defensores da população contra o que eles consideram “abusos da centralização do poder do Estado Federal”, ao defenderem o direito a posse de armas e ao se posicionarem contrariamente ao crescimento do Estado de Bem-estar social.

Esse tipo de movimento de ideias pode ser facilmente visto na evolução recente dos EUA, destacando-se em episódios que vão da campanha presidencial de Barry Goldwater em 1964, passando pelas críticas aos programas de assistência governamental durante a década de 1980, pelas recentes manifestações realizadas pelo *Tea Party* em oposição ao projeto de reforma de saúde proposto pela administração Barack H. Obama e, até mesmo, atingindo a recente gafe política do candidato derrotado do Partido Republicano à presidência Mitt Romney sobre a dependência da população aos programas de ajuda governamental¹¹⁵.

Se em determinados momentos o liberalismo radical desempenhou um papel relevante na política estadunidense, em outros, se fortaleceram os ideais de movimentos da direita religiosa

¹¹³ Nash (1996) apontou que no final do segundo mandato de Ronald Reagan a direita estadunidense havia encompassado cinco grandes impulsos libertarianismo, tradicionalismo, anticomunismo, neoconservadorismo e a direita religiosa e que o conservadorismo derivaria da incorporação de todos esses impulsos simultaneamente.

¹¹⁴ Zwiwer (1982).

¹¹⁵ Em um vídeo gravado secretamente e publicado no site da revista de esquerda *Mother Jones* <<http://www.motherjones.com/politics/2012/09/secret-video-romney-private-fundraiser>> o candidato republicano fala que 47% da população votaria, de qualquer maneira, em Obama por se considerarem vítimas do sistema e dependerem excessivamente dos auxílios do governo.

(foco central de nosso trabalho), como os exemplos da *Moral Majority* (que teve grande destaque na política durante a década de 1980) e a *Christian Coalition* (um dos principais movimentos que participaram da tentativa de impeachment de Bill Clinton na década de 1990 e da eleição de George W. Bush).

Esses movimentos, compartilharam suas origens no ressurgimento da participação política de setores conservadores religiosos fundamentalistas e nas lutas contra as transformações culturais e contra o enfraquecimento da influência da religião na sociedade. Sendo peça chave nos episódios da Guerra Cultural, visto que, desde seu retorno à participação política durante a década de 1970, vieram travando batalhas em torno de temas relacionados à cultura.

Da mesma forma, além desses, em outros momentos, ampliou-se a influência das ideias de setores tradicionalistas, como no caso do apogeu dos neoconservadores nas administrações de Ronald Reagan (1981-1989), George Bush (1989-1993) e George W. Bush (2001-2008), e suas propostas de guerras preventivas, leituras sobre a imigração focadas em uma política de controle de fronteiras, esforços de assimilação dos imigrantes legais¹¹⁶ e luta pela moralidade e defesa de uma cultura estadunidense canônica na educação¹¹⁷.

Em nossa leitura, percebemos que apesar desses movimentos integrarem o que foi definido como novo conservadorismo, suas plataformas são relativamente distintas, o que fez com que, em determinados momentos, eles se antagonizassem na disputa pela hegemonia política no país. É importante compreender que a agenda do novo conservadorismo foi construída de maneira semelhante à adotada pelos movimentos da esquerda liberal dos anos 1960, de maneira que, os conservadores também se estruturaram a partir de movimentos fragmentados, dotados de interesses diversos e com a capacidade de mobilizar uma grande quantidade de pessoas a partir de um interesse comum.

Por conseguinte, de maneira semelhante aos movimentos liberais, o novo conservadorismo obteve avanços e retrocessos resultantes desse tipo de organização¹¹⁸. O que denota, portanto, que apesar da pluralidade de suas ideias ter possibilitado uma constante permanência dos setores conservadores no centro das decisões políticas do país, ela impossibilitou a construção de um projeto político uníssono sob a bandeira do novo conservadorismo, o que colocou o sucesso desses movimentos nos EUA, durante os últimos

¹¹⁶ Como nos exemplos de Linda Chavez e John Fonte.

¹¹⁷ Como o exemplo de Alan Bloom (1989).

¹¹⁸ É importante destacar que a mobilização da nova esquerda estadunidense rapidamente serviu de exemplo para a nova direita estadunidense. Segundo Shogan (2002), citando a fala de Ralph Reed, a nova direita cristã via-se como uma imagem de espelho da *New Left*, seu papel era o de arregimentar uma nova geração conservadora, muito agressiva e criativa.

quarenta anos, mais ligada a suas rupturas que constantemente renovaram o discurso conservador com a ascensão de novos grupos e ideias, do que por sua capacidade de obter diálogo entre seus movimentos¹¹⁹.

Para além das tentativas de definição do novo conservadorismo pelos intelectuais, o movimento possuiu um papel significativo no país, pois, possibilitou a entrada de uma grande parcela da população na vida política estadunidense. Antes da mobilização conservadora esse grupo era desinteressado pela participação política por ter desprezo e rancor por ela, vendo-a como um lugar “degenerado¹²⁰”, ou ainda: “Convencidos de que o sistema político era corrupto, os novos direitistas desconfiavam e ressentiam-se dos que tinham escolhido trabalhar com ele...”. (CRAWFORD, 1980, p.112).

Por esse razão, o grande projeto político do novo conservadorismo foi atrair setores que rejeitavam a atividade política, através de uma percepção de que não era ela que deveria ser desprezada e sim a classe política que deveria ser transformada. Esse pensamento arrastou uma gama de novos atores para o centro da mobilização política, portanto, a partir de uma ideia de que seria papel do bom cristão e do homem de bem agir politicamente em prol de defender os “interesses” da sociedade, eles conseguiram fazer o movimento avolumar-se.

Consideramos, também, importante destacar que as mobilizações do novo conservadorismo construíram-se a partir de setores descontentes com as lideranças políticas do país e descontentes com a possível direção que a sociedade estaria tomando, por causa disso, os argumentos conservadores colocaram-se como oriundos dos legítimos americanos médios, que na visão do movimento vinham sendo constantemente alijados de seus direitos pela influência que uma elite liberal cosmopolita exercia sobre a população.

Esses atores inspiraram-se no sentimento de perda de espaço de suas crenças e de seu modo de vida na sociedade e motivaram-se a agir como resposta as transformações que povoaram o debate político a partir da década de 1960. Betz (2008) explicou em seu livro que após os anos 1960, as pessoas religiosas passaram a ter um sentimento de que a cultura e a sociedade americana sofriam de uma “decadência moral” sem precedente que ameaçava os fundamentos da sociedade.

¹¹⁹ Inúmeros são os casos envolvendo a ruptura entre grupos conservadores na política estadunidense, entre eles destacamos as críticas feitas por Barry Goldwater à Direita Cristã e o afastamento da Direita Cristã do governo Reagan.

¹²⁰ Durante a década de 1960, quando se iniciaram a participação de setores religiosos liberais nos movimentos, levantou-se a crítica de setores conservadores das religiões que consideravam que a política não era lugar para um bom cristão.

Entretanto, não foi apenas no medo das transformações sociais que estabeleceu a centralidade das mobilizações conservadoras. Muito maior que o pavor das mudanças, era a preocupação com o crescimento da desordem que se ampliava a cada nova manifestação nos campi universitários e lhes transmitia um horrível sentimento de que a sociedade estava em descontrole. Dessa forma, apesar da clara relação de causa e efeito existente entre o novo conservadorismo e os movimentos dos anos 1960, não podemos simplificar que a ascensão do alcance dos setores conservadores na sociedade foi um resultado exclusivo de uma resposta a esses movimentos. É preciso compreender uma série de fatores que colaboraram com a sua ascensão na política estadunidense, como os exemplos: da campanha presidencial de Barry Goldwater¹²¹, do crescimento da audiência de pregadores religiosos na TV e no rádio, da crise que atingiu o ideário liberal, do enfraquecimento e radicalização da esquerda no país e da crise econômica da década de 1970 (que desmoronou o sentimento comunitário e motivou o fortalecimento do individualismo e da luta ferrenha dos jovens pela inserção no mercado de trabalho).

A característica marcante desse período foi uma rápida transformação da sociedade estadunidense, que passou em pouco mais de uma década, de uma empolgada valorização da esquerda, para uma explosão conservadora. Mas o que explica mudanças tão radicais de uma geração para outra nos Estados Unidos?

Como argumentou Miguel (1978), a história recente dos EUA foi caracterizada por transformações radicais entre as gerações, que alternaram, em períodos relativamente curtos de tempo (uma diferença de aproximadamente uma década), tendências de maior radicalismo e de maior conservadorismo. Como resultado dessas constantes rupturas entre gerações, destacamos os exemplos da enorme diferenciação entre as gerações de 1950, 1960 e 1970. A geração da década de 1950 foi fortemente influenciada pelo “sonho americano”, pela mudança para o subúrbio, pela massificação da ascensão para a classe média, pelo abandono das mulheres do mercado de trabalho e reclusão na vida familiar¹²², pelo consumismo excessivo e pelo Macarthismo. Já a geração sucessora a ela, a da década de 1960, foi influenciada pelos temas e estilos juvenis, pelos protestos estudantis, pelos movimentos pelos

¹²¹Apesar de derrotado nas eleições presidenciais de 1964 a campanha do senador republicano demonstrou que era possível mobilizar setores conservadores da sociedade.

¹²² As mulheres que na década anterior foram motivadas a entrar no mercado de trabalho, devido à participação do país na Segunda Guerra Mundial, passaram a ser influenciadas a retornar aos cuidados familiares. O período é marcante pela construção da imagem de uma mulher não produtiva para o mercado de trabalho, preocupada unicamente em manter-se bonita para o marido (a moda começa a ganhar força no período com o lançamento de produtos como o salto agulha e a criação da boneca Barbie em 1958) e cuidar da família.

direitos civis, pela libertação sexual e pela apologia à liberdade (temáticas que foram motivadas pelo fato dos jovens constituírem uma classe social quase que separada do restante da população). Assim como, logo em seguida, a geração dos anos de 1970 despontou com seu forte apego à luta competitiva pelo mercado de trabalho, com sua desconfiança na política e nos Estados Unidos¹²³, com o crescimento do conservadorismo religioso e com afastamento dos jovens da política.

Para que possamos aprofundar a questão das mudanças geracionais na sociedade estadunidense, esclareceremos algumas diferenças presentes entre a ideia de mudanças geracionais e a persistente disputa existente entre o espírito da liberdade¹²⁴ e o espírito da religiosidade na sociedade estadunidense, para isso, abrimos um pequeno parêntese com o intuito de retomar a leitura realizada por Alex Tocqueville (1986), e que foi profundamente discutida pelos intelectuais, sobre a relação entre política e religião nos EUA. Segundo o intelectual francês, nos Estados Unidos a religião jamais se misturaria diretamente com o governo da sociedade, porém, ela seria sua primeira instituição política, tendo relação direta com o uso da liberdade. Como consequência, os Estados Unidos seriam o único país, ao qual, o espírito da religiosidade e o espírito da liberdade viveriam em harmonia.

Discutindo a partir da leitura de Tocqueville, a cientista política Frodevaux-Metterrie (2009) observou que, na relação existente entre religião e política nos EUA, essas duas forças coexistiram desde as origens da nação, todavia, o espírito da religiosidade e o espírito da laicidade (derivado do espírito da liberdade) seguiriam através da história estadunidense influenciando as mentes da população através de uma relação de forças conflituosas e não harmônicas como argumentou Tocqueville, ou segundo a autora:

...um movimento de fluxo e refluxo, que jamais se traduziu por uma dominação absoluta de um sobre o outro, mas que viu alternar os períodos onde o espírito da religião prevaleceu nas mentes e períodos em que o espírito da laicidade que se impôs de fato. (FROIDEVAUX-METERRIE, 2009, p.5).

A partir dessa leitura, podemos argumentar que a presença da conflituosa disputa entre o espírito da religião e o espírito da laicidade, ou para aproximar a ideia da discussão de Guerra Cultural proposta por Hunter (1991), a disputa entre os que defendem uma autoridade moral progressista (que representaria o espírito da laicidade) contra os que defendem uma autoridade moral transcendente ou ortodoxa (que representaria o espírito da religiosidade) tem um papel significativo na rápida alternância de gerações da sociedade estadunidense. No

¹²³Motivada respectivamente pelo escândalo Watergate e pela derrota na guerra do Vietnã.

¹²⁴Ou o espírito da laicidade.

entanto, perceber sua extensão no campo das ideias não significa definir que existiu um revezamento político entre governos liberais e conservadores nos EUA. Nem mesmo significa definir que, as mesmas ideias liberais e conservadoras vêm se alternando na política do país, visto que, o seu debate político está, a todo o momento, sendo reconstruído e reinventado, o que nos faz perceber que os conservadores da atualidade, pouco tem em comum com os conservadores do passado.

O fato é que a alternância de gerações propostas por Miguel (1976) foi sendo substituída a partir do governo Reagan, culminando no que Micklethwait e Wooldridge (2004) denominaram como “a nação 50%/50%” e Himmelfarb (2001) chamou de “uma nação com duas culturas”, ou ainda, o que para Betz (2008) era uma “nação dividida”. Ela configurou-se em um impasse de ideias entre as elites políticas em torno de vertentes conservadoras e liberais, que se intensificou com um virtual desinteresse dos americanos médios pelas discussões políticas. Esse impasse foi o que acabou ganhando força para os intelectuais e para os jornais como Guerra Cultural.

A perspectiva de rupturas entre a ideia de espírito da laicidade e da religião somente é válida na sociedade estadunidense devido ao grande alcance que a religião teve no país, por isso, destacamos a importância de compreendermos as influências religiosas presentes no país.

2.2. Religião e espetáculo na política estadunidense.

Prefiro ver pagãos rindo de mim do que meus filhos rindo da Bíblia. *Inherit the Wind* (1999).

A religião nos Estados Unidos vem sendo foco de estudos pelos principais historiadores, sociólogos e cientistas políticos que pesquisaram o país, sendo percebida como significativa para a constituição política e para formação da coesão social em análises que vão de Tocqueville (1986) e prolongam-se até pesquisadores mais recentes como Reichley (1985), Zwier (1982), Crawford (1980), Phillips (2006), entre outros. Por causa disso, nossa discussão sobre polarização política e sobre o novo conservadorismo estadunidense passou pela releitura de algumas características presentes nesse debate.

O destaque dado nessa passagem para a religião é imprescindível para que possamos analisar como os Estados Unidos tornaram-se a nação ocidental com a relação mais radical com a religião: “Nenhuma outra nação ocidental contemporânea compartilhou essa

intensidade religiosa e essa concomitante proclamação que os Americanos são pessoas e uma nação escolhida por Deus”. (PHILLIPS, 2006, p.100).

Essa intensidade presente na relação com a religião explica os motivos pelo qual, enquanto a maioria dos países ocidentais passou por um processo de arrefecimento da importância da religião na vida cotidiana de sua população, como resultado do processo de modernização e desencantamento, nos EUA ocorreram recentes ampliações da visibilidade e capacidade de ingerência de grupos religiosos na sociedade e política do país (principalmente através do crescimento de seitas evangélicas/fundamentalistas). A expansão da audiência religiosa nos Estados Unidos foi explicada pelo sociólogo da religião Johnson (in Blasi (org.), 2007) como resultado das estratégias deliberadamente utilizadas por diferentes líderes religiosos para atrair seu público em um ambiente pluralista cujo a população possuía uma grande variedade de necessidades e preferências.

Assim, apesar dos esforços históricos para se estabelecer um muro que separasse a religião do Estado¹²⁵, o que foi permeado pela retirada da temática religiosa dos principais documentos públicos do país¹²⁶ e pela constante fiscalização governamental sobre a inserção de grupos religiosos na vida pública, a religião sempre teve um papel determinante nas relações sociais e políticas do país, inspirando e influenciando, a partir de doutrinas e manifestações religiosas, a origem de grande parte das ideias e dos principais movimentos sociopolíticos do país, tanto os de cunho conservadores como os progressistas.

A leitura realizada por Marsden (in Cromartie, 1993) traz que a dimensão da religião no país pode ser analisada de duas formas distintas, sendo vista como causadora de rivalidades, ou como responsável por trazer princípios morais. Seguindo a segunda corrente, Silva (2008) discorreu sobre o papel da religião na sociedade estadunidense, pontuando que parece ter havido um consenso entre os líderes do país de que uma das mais eficientes formas de evitar a possibilidade de anarquia, em uma sociedade com grande liberdade política, seria incutir o autocontrole em cada cidadão por meio de fortes convicções morais. Logo, a partir dessa leitura, a religião na sociedade estadunidense teria como característica central regular a sociedade, estabelecendo limites morais que indicassem o que era certo ou errado, comedido ou exagerado.

¹²⁵ O que é contestado por alguns conservadores religiosos que apontam que em nenhum dos principais documentos do país, como a Constituição, a *Bill of Rights* e a Declaração da Independência consta um trecho dizendo claramente que o Estado e a Religião deveriam ser separados.

¹²⁶ Como exemplo, partimos da leitura de Froidevaux-Metterie (2009) que argumentou que todos os participantes da Convenção da Filadélfia eram sinceramente religiosos, a maioria membro de congregações tradicionais como a Igreja Anglicana, todavia, apenas alguns seriam religiosos ortodoxos.

Por esse motivo, compreender o novo conservadorismo estadunidense passa pela necessidade de se compreender o andamento da religião no país, principalmente, seu papel a partir do século XVIII¹²⁷ até o século XX¹²⁸. Afinal, grande parte dos movimentos de cunho conservador, principalmente a partir da década de 1970, originou-se a partir de argumentos e de setores relacionados a essa religiosidade fundamentalista, o que, fez com que, em determinados casos, a retórica conservadora transfere a uma autoridade moral superior a procedência de seus argumentos, instituindo uma lógica dogmática que, devido a sua inflexibilidade, desenvolveu uma não aceitação radical das transformações da sociedade.

Aqui, consideramos indispensável estabelecer uma distinção entre as possíveis leituras acerca do fundamentalismo, estabelecendo um aprofundamento sobre o sentido utilizado do termo pela nossa pesquisa, afastando-o assim de sua leitura mais corriqueira. Para isso, apoiamos nossa discussão na definição do conceito de fundamentalismo cristão proposta por Phillips (2006), ao qual, definiu que o fundamentalismo cristão versou-se em reagir negativamente à ciência e agir de maneira militante, opondo-se a qualquer leitura da bíblia que não fosse a literal¹²⁹.

Vale lembrar que originalmente, o termo fundamentalismo associava-se a um setor do protestantismo estadunidense responsável pela publicação do livro *The Fundamentals*¹³⁰ e compreendia a defesa de cinco fundamentos: a divindade de Cristo, o fato dele ter sido crucificado por nós, a centralidade da importância de se voltar para as escrituras (palavra de Deus), a virgindade da mãe de Cristo e, por fim, a volta e ressurreição de Jesus.

Existe uma nítida diferença entre essa proposta original e o emprego que o termo ganhou na atualidade. O fato é que o termo fundamentalismo vem sendo, em muitos momentos, associado a militantes extremistas que obrigariam outras pessoas a abraçar seu caminho. Dessa forma, o conceito original de fundamentalismo apenas representaria uma escolha pessoal de compreensão da realidade, pautada na aceitação de verdades dogmáticas e por uma busca pela conversão de outras pessoas, não um movimento destrutivo e intolerante que buscaria a eliminação das diferenças.

Temos também que ter a clareza de que, apesar dos movimentos fundamentalistas cristãos e dos movimentos evangélicos terem uma relação de proximidade, eles apresentam diferenças

¹²⁷ Com o crescimento dos movimentos evangélicos.

¹²⁸ Com as constantes expansões e reclusões do fundamentalismo e com a ampliação do processos de espetacularização e inserção de tecnologias e técnicas de comunicação na religião responsáveis por novos ciclos de crescimento de sua influência na sociedade.

¹²⁹ Somado a defesa de que a religião devia ser levada a sério.

¹³⁰ Livro publicado em 1910 por um grupo de teólogos protestantes do Seminário Teológico de Princeton era uma resposta a crescente transformação e modernização dos cultos.

substanciais¹³¹, que podem ser definidas por: “Todos os fundamentalistas são evangélicos, mas nem todos evangélicos são fundamentalistas”. (REICHLEY, 1985, p.312).

Esse ponto é determinante para a compreensão do novo conservadorismo estadunidense, pois, a diferenciação entre evangélicos e fundamentalistas nos ajuda a compreender a extensão das correntes de ideias liberais e conservadoras na religiosidade estadunidense. Desse modo, a partir da definição proposta por Reichley (1985) temos os evangélicos como um tipo de cristão descendente dos movimentos pietistas¹³² que ocorreram durante a reforma, tendo suas principais características ajustadas em um caminho para o grande despertar, a partir da ênfase na vivência direta pela relação individual com o Espírito Santo (*Born Again*), tendo a Bíblia como infalível fonte de religião e de autoridade moral. Já o fundamentalismo cristão seria a radicalização dogmática e idealista das características do evangelismo.

As origens do evangelismo datam do Primeiro Grande Despertar (*Great Awakening*) que ocorreu da década de 1730¹³³ até 1741. A partir do fenômeno, ocorreram mudanças significativas no enfoque da religião nos EUA, como a valorização da santidade individual, a ideia da possibilidade de regeneração e uma grande onda de conversões. Para Froidevaux-Metterie (2009), o Primeiro Grande Despertar causou o rompimento com a concepção sectária e rigorosa do puritanismo, levando a religião para uma dimensão pessoal e emocional, sendo, por esse motivo, o momento de passagem de uma forma de religiosidade para outra. Como resultado do movimento, as novas lideranças religiosas passaram a ser menos elitistas e aproximaram-se mais da população, o que enfraqueceu as ideias de teocracia e da construção de uma “Cidade de Deus” nos moldes puritanos.

Segundo Lacorne (2007), em termos teológicos, o Primeiro Grande Despertar notabilizou-se por duas bases: uma primeira que dizia que qualquer homem possuía um senso espiritual mais aguçado que qualquer filósofo ou chefe de Estado, ou seja, o movimento transferia para a experiência pessoal, através de uma relação direta com Deus, as questões relacionadas com

¹³¹ Essa confusão entre o termo fundamentalistas e evangélicos surgiu após o pós segunda guerra, período em que o protestantismo fundamentalista passou a ser associado aos movimentos mais conservadores e anticomunistas da sociedade, o que fez com que muitos pastores de origem fundamentalistas passassem a utilizar o termo evangélico no lugar de fundamentalista.

¹³² Movimento iniciado no século XVII como resposta a ortodoxia luterana com relação à busca por uma dimensão pessoal da religião.

¹³³ As datas da origem do primeiro Grande Despertar destoam de acordo com os intelectuais que analisaram a religião nos EUA, um possível resultado das distinções iniciais do movimento, de maneira que, alguns intelectuais como Froidevaux-Metterie (2009) argumentaram que o movimento iniciou-se em torno de 1739 a partir dos sermões do pastor Anglicano George Whitefield, outros, como Lacorne (2007, p.69) dataram o início do movimento em 1734 na cidade de Northampton na Nova Inglaterra a partir de Jonatham Edwards, e outros, como Silva (2009) atribuíram as origens ao pastor irlandês Willian Tennent e aos imigrantes alemães de áreas rurais que agradeciam por terem encontrado abundancia na América.

a fé. Já a segunda apontava que o evangélico deveria ser combativo contra as forças de Satã, o que reforçava o caráter de conversão do movimento. Nesse sentido, Corbett (1990) externou que as bases do movimento apoiavam-se na ideia de que as pessoas estariam perdidas no pecado e sem esperanças de salvação e somente seriam salvas pela fé e aceitação à Cristo.

Outros avanços trazidos pelo fenômeno são apontados por Silva (2009) que argumentou que socialmente o Primeiro Grande Despertar apontou para uma explosão de novas congregações, para a inclusão de escravos entre o público religioso¹³⁴, para tendências de minimização do clero e para pouco respeito às fronteiras paroquiais. Acrescentando também que, a Revolução Americana desenvolveu-se como um resultado do casamento entre o radicalismo das elites americanas afetadas pelo iluminismo e pelo espírito do Primeiro Grande Despertar sobre as massas.

Algumas décadas após o Primeiro Grande Despertar, entre os anos de 1795 e 1810, outro movimento de caráter sócio-religioso ganhou força na América e acabou sendo conhecido como Segundo Grande Despertar. Entre os seus principais resultados despontou um poderoso movimento de evangelização e um crescimento sem precedentes da audiência religiosa no país¹³⁵. Corbett (1990) afirmou que o movimento pautava-se em um enfoque emocional, que se avolumava acompanhado de conversões em massa, de grandes caravanas, da formação de acampamentos de evangelização e de manifestações físicas do contato com Deus (como vocalizações inteligíveis e desmaios). O fenômeno foi fundamental para a estruturação do evangelismo nos EUA, uma vez que, de acordo com a leitura de Froidevaux-Metterie (2009), entre os anos de 1776 e 1850, a taxa de filiação religiosa passou de 17 para 34% e o número de pastores tornou-se cinquenta vezes maior.

Em um sentido teológico, o Segundo Grande Despertar foi mais otimista que o anterior e possuiu como características principais: a percepção da incapacidade do pecador de salvar a si, a defesa da soberania absoluta de Deus, a crença na “livre graça” que acreditava na ideia que Deus deu liberdade para os Homens aceitarem ou não sua graça, a afirmação da possibilidade de qualquer pessoa encontrar o caminho de Deus, a obrigatoriedade dos cristãos procurarem a perfeição e o surgimento de crenças de caráter milenaristas¹³⁶ centradas no triunfo das ideias cristãs e da evangelização.

¹³⁴ Segundo Lins da Silva(2009) George Whitefield foi um dos primeiros pastores a aceitar escravos em sua audiência.

¹³⁵Através da influência do fenômeno, entre 1829a 1832 mais de um milhão de exemplares da Bíblia foram impressos e vendidos na América.

¹³⁶Froidevaux-Metterie (2009) explanou que, entre 1800 e 1830, ocorreu uma forte campanha exortando os cristãos a reconstruir o país para fazer um “império da virtude” que possibilitasse o retorno de Cristo dentro de mil anos.

Além dessas características, sob a influência do Segundo Grande Despertar ocorreu o crescimento de movimentos com fortes ambições sociais, como: as sociedades voluntárias contra a escravidão, em prol da educação, em defesa dos direitos das mulheres, pela ajuda aos pobres, pela reforma das prisões e dos hospitais. Todavia, foi nas características da religião estadunidense que o Segundo Grande Despertar teve um papel fundamental, por significar o momento de adaptação do evangelismo no contexto americano, tornando-o um misto de teologia superexigente somado a uma ética social aberta:

De um ponto de vista geográfico, as igrejas evangélicas estavam anormalmente presentes sobre todo o território, no Sul profundo como nos confins da fronteira. De um ponto de vista sociológico, seu ativismo social combinado com a valorização do esforço individual os colocou em conformidade com a dinâmica nacional de expansão socioeconômica. De um ponto de vista cultural, enfim, esse novo despertar juntou-se ao ethos americano e, portanto, a uma mensagem de responsabilidade pessoal frente a Deus. Porque ele abandonou a concepção de graça divina em benefício de uma concepção derivada da escolha assumida publicamente, da autodisciplina e da vida em Deus, a ética evangélica ressoa com o liberalismo individualista e o antiautoritário que caracteriza a vida política americana. Por outro lado, o interesse de uma procura pelo bem estar coletivo que se exprimiu nas associações voluntárias se aproximou da perspectiva democrática do bem comum. (FROIDEVAUX-METTERIE, 2009, p.50-51).

Dessa forma, o Segundo Grande Despertar estabeleceu as bases para o crescimento dos movimentos de evangelização, de maneira que, pela abordagem de Silva (2009), ele baseava-se em pregações individuais que percorriam o país levando a palavra de Deus para os explorados e as famílias da região oeste, estabelecendo uma congruência entre as ideias progressistas e moralizantes na sociedade, pois, ao mesmo tempo, suportava teses progressistas e estabelecia uma revitalização de um moralismo que proibia os jogos, o consumo de álcool, as danças, entre outros.

Já o Terceiro Grande Despertar ocorreu como uma resposta a crescente urbanização que ocorria nos EUA durante os anos de 1870 a 1930, ao qual, se ampliou a porcentagem de americanos que viviam nas grandes cidades de 26% para 56%. Somado a isso, ocorreu a ampliação da industrialização, o aumento da atividade comercial, os avanços da ciência e o crescimento de uma cultura profana¹³⁷, o que fez com que se iniciasse uma ofensiva protestante que fazia com que os evangélicos se colocassem como defensores do comportamento americano¹³⁸.

¹³⁷ Percebida pelos estadunidenses devido à crescente imigração.

¹³⁸ Froidevaux-Metterie (2009).

As características centrais do fenômeno pautavam-se na tentativa de reativar o sentimento religioso e revitalizar a religião em seu próprio interior (enquadrando-a na modernidade econômica e social que o país vivenciava). O pastor pioneiro do Terceiro Grande Despertar foi Dwight Lyman Moody, que popularizou um novo tipo de prece que focava-se no espetáculo, sendo, dessa forma, repletas de hinos cantados e influenciada pela fórmula dos três R (a ruína pelo pecado, a redenção por Cristo e a regeneração pelo espírito santo).

A revolução proposta por Moody modificou a estrutura das Igrejas, pensando-as como empresas comerciais, portanto, elas passaram a adotar metodologias de conversão em massa que utilizavam publicidades em jornais locais, ajudas para o transporte dos fiéis que moravam na zona rural e destinava lugares especiais para que a imprensa pudesse registrar os sermões. Somada a isso, técnicas de marketing eram usadas na conversão de um número cada vez maior de fiéis, assim como, ocorriam estratégias de conversão a partir de pastores itinerante que levavam essa nova ideia de igreja como um espetáculo¹³⁹ para as comunidades distantes¹⁴⁰.

Após descrevermos as características dos despertares religiosos, podemos estabelecer as bases para a compreensão da influência do fundamentalismo sobre a formação da retórica do novo conservadorismo estadunidense, para isso, tomamos como ponto de partida o mapeamento das tendências religiosas que se fortaleceram durante o começo do século XX. A primeira constatação a ser discutida aqui se centra em resumir quais foram os avanços trazidos durante o período para a religião nos EUA. Segundo Phillips (2006), a religião nos EUA focou-se na perseguição individual da salvação através do renascimento espiritual (*Born Agains*) e em crenças milenaristas que acreditavam no final dos tempos e na espera pelo retorno de Cristo. Essas crenças apoiaram-se em movimentos de grande despertar, emocionalismos, excentricidades (como tremores, agitações e falar línguas), caracterização da bíblia como inerente, e nas invocações “ao pé da letra” de profecias duvidosas do livro das revelações. Em termos litúrgicos, a religião estadunidense apoiou-se em cultos visualmente

¹³⁹ A importância de se destacar essa transformação dos cultos religiosos em grandes espetáculos tem um papel fundamental para a compreensão do processo de modernização das religiões nos EUA. Ela representa uma revolução estética que foi capaz de ampliar a capacidade de atração dos movimentos religiosos nos EUA. Também, é importante perceber que apesar da crença dos EUA como um país com intensa liberdade religiosa, antes dos movimentos de Grande Despertar o país vivia uma relação extremamente rígida com a religião, que era repleta de episódios como a caça às bruxas em Salém 1692. Essa rigidez religiosa era tão intensa que Sablosky (1996) descreveu a dificuldade de se inserir escolas de cantos em 1710, visto que, a tradição inglesa de cantar em voz alta havia sido deturpada pelo pouco conhecimento musical da população e a sua constante rejeição em apreender as melodias das músicas, o que transformava os cultos e as leituras dos salmos em uma grande confusão, ao qual, cada pessoa cantava os hinos da maneira como achava melhor.

¹⁴⁰ Sobre esse predomínio despontaram as grandes lideranças religiosas do século XX estadunidense como Billy Graham e Pat Robertson.

especulares, marcados por um enfoque mercantil da religião, pelo surgimento de pastores que mais pareciam estrelas do show bis e por um inovador uso dos meios de comunicação como ferramentas para propagar a fé.

Logicamente essa modernização da religião aprofundou os processos de comercialização da fé transformou os cultos em grandes tendas de vendas que, associadas à forte imagem dos pregadores, vendiam produtos que garantiriam a salvação da alma e rendiam uma volumosa quantidade de dólares. Messadié (1989) citou um dos grandes casos de transformação da religião em espetáculo nos EUA, ao tratar do exemplo do pequeno pastor de quatro anos de idade Little Marjoe que em 1949 afirmou ter recebido instruções de Deus para que pregasse e administrou o sacramento do casamento, tornando-se um jovem pregador.

Marjoe atraía em seus shows milhões de seguidores e seguindo a tradição evangélica do período, fez com que aleijados voltassem a andar, surdos ouvissem e mudos falassem, além de, gravar discos e tocar “outros empreendimentos comerciais derivados da manifestação do Senhor a sua pequena maravilha oxigenada” (MESSADIÉ, 1989, p. 218-219). Suas pregações duraram anos e tiveram um público inabalável, até que, nos anos 1960, ele abandonou (aos quinze anos) os shows religiosos para viver com uma amante mais velha, processou os pais por desvio de dinheiro de menor e, ao completar 27 anos, contou a verdade sobre o princípio de suas pregações, dizendo ter sido treinado e instruído pela mãe para dizer ter conversado com Deus, explicando também que quando não recitava bem os hinos e salmos sua mãe lhe enfiava a cabeça na água fria ou o asfixiava um pouco com o travesseiro¹⁴¹.

Ao mesmo tempo, sem perder essas características comerciais e espetaculares, um lado radical da religião estadunidense abraçou o antimodernismo cultural, as guerras visionárias, as profecias sobre o fim do mundo, e no caso dos fundamentalistas conservadores uma demanda para que governos adotassem uma interpretação literal da bíblia.

Para a formação desse cenário, segundo a leitura realizada por Reichley (1985), duas forças antagonistas afetaram o protestantismo nos EUA a partir do final do século XIX e início do século XX, o milenarismo e o liberalismo religioso.

O milenarismo acompanhava as tendências proféticas e apocalípticas presentes na religião estadunidense e pautava-se na ideia de milênio. De acordo com Barkun (2003) a origem contextual e etnológica da ideia de milênio vem de uma passagem do livro da revelação no novo testamento que afirma que os salvos irão reinar com Cristo por mil anos até o dia do último julgamento. Essa crença no retorno de Jesus à Terra e na instituição de mil anos de paz

¹⁴¹ Sua biografia foi contada no documentário Marjoe (1972), que desmascarava as práticas de arrecadação dos pastores evangélico.

até a chegada do final dos tempos e do juízo final acabou dividindo-se em duas variantes que discordavam sobre o momento que ocorreria o milênio, ao quais, os pré-milenaristas interpretavam que Jesus viria a Terra e após sua chegada ocorreriam mil anos de paz e os pós-milenaristas que acreditavam que era necessário que a humanidade se esforçasse para eliminar seus demônios sociais possibilitando mil anos de paz que assegurasse o retorno de Jesus e conseqüentemente o julgamento final.

Na esteira milenarista, o pós-milenarismo se inspirou na busca por uma perfeição moral e por um encorajamento da ação social. O movimento compreendia a necessidade de criar as condições para o retorno de Cristo, agindo, por essa causa, a partir de tentativas de reformar a sociedade. É importante destacar que, apesar do movimento ter lutado contra o ensino da teoria da evolução, em associação com os movimentos pré-milenaristas, ele não considerava o mundo secular como algo relevante, espiritual ou moralmente.

No outro lado da religião americana estava o liberalismo ou modernismo religioso (com nascimento no final do século XIX na Alemanha). O movimento adaptou-se com grande força no nordeste estadunidense, trazendo consigo a proposta de acomodar a religião à modernidade, defendendo que a humanidade havia mudado desde o surgimento do cristianismo, de maneira que, as mensagens e credos da Bíblia eram incompreensíveis para o homem moderno.

Como solução para isso, as crenças religiosas deveriam passar pelos testes da razão e da experiência, rejeitando a ideia de autoridade absoluta, o que significava que a beleza divina se revelaria na verdade racional, na beleza artística, na moral e na bondade¹⁴². Golding (2006) debateu que um dos pontos centrais da influência dos modernistas sobre a religião estava na adequação da teoria da evolução ao plano divino, o que caracterizaria a interferência divina na variação das espécies. Entretanto, o autor discorre que com a teoria da evolução “... o homem se emancipava de toda explicação sobrenatural de sua existência” (GOLDING, 2006, p.21), o que, para os fundamentalistas, era visto como um grave pecado. Conseqüentemente, eles defendiam que Darwin representava o militarismo e a guerra vindos da Alemanha¹⁴³, dessa forma “...a teoria da evolução simbolizava aos olhos dos tradicionalistas o deslize da sociedade americana para uma imoralidade generalizada.” (GOLDING, 2006, p.24).

Além disso, a característica principal do movimento pauta-se na ênfase da liberdade e na autorregulação (em alguns momentos até mesmo com uma negação da ideia de pecado). Essa

¹⁴² É importante destacar que, grande parte dos teólogos estadunidenses formara-se na Alemanha e muitos deles defendiam os princípios do darwinismo.

¹⁴³ Mesmo o cientista sendo inglês.

concepção religiosa rapidamente se adequou as táticas de evangelização na América moderna, concentrando-se no progresso material e científico.

Como resultado do liberalismo religioso, dos movimentos pré e pós-milenaristas ocorreu o desenvolvimento de outros dois fenômenos religiosos significativos para a compreensão do desenvolvimento das ideias liberais e conservadoras na sociedade. O primeiro foi o surgimento do Social Gospel, sob a influência do pastor batista Walter Rauschenbusch. A doutrina apoiou-se nas raízes do pós-milenarismo e no liberalismo religioso e defende que o pecado não é resultado de uma fraqueza moral, o que se adequava as necessidades espirituais de trabalhadores e das pessoas que viviam nas grandes cidades. Em um sentido contrário aos movimentos cristãos conservadores do período, que percebiam o consumo de álcool, as danças e os jogos de cartas como responsáveis pela decadência moral e pelos pecados, o Social Gospel acreditava que o sistema econômico que deveria ser responsabilizado pelos problemas da sociedade. Da mesma forma, segundo Reichley (1985), o Social Gospel negava a transmissão do pecado pela hereditariedade, acreditando que ele era resultado da sociedade, defendendo, por causa disso, um tipo vago de socialismo reformista.

Reichley (1985) argumentou que muitas das ideias presentes nas medidas inseridas por Roosevelt na década de 1930 sofreram inspiração nesse movimento, como os esforços para a expansão dos serviços sociais governamentais, a distribuição da riqueza produzida pelo capitalismo industrial, a defesa do sufrágio para as mulheres, a proibição do trabalho infantil e adoção de programas de segurança social.

O segundo fenômeno religioso, e que ocorreu simultaneamente ao crescimento do Social Gospel, foi o fortalecimento das vertentes fundamentalistas do cristianismo. O início do século XX nos EUA marcou a crença de que a sociedade vivia um período de decaimento moral, que influenciou uma variedade de legislações contrárias aos jogos, ao álcool e a prostituição. Essas disputas somadas a luta contra o ensino da teoria da evolução nas escolas demonstraram que existia nos EUA uma forte tendência religiosa conservadora, que se desenvolvia em dois sentidos, um que direcionava sua atuação na política através da pressão pela aprovação de legislações moralizantes e a segunda focada na conversão.

Diante dessa variedade de opções religiosas, o país chegou ao início do século XX com uma série de disputas em torno de questões religiosas. De um lado, ocorria o aumento das legislações moralizantes e de outro a crescente expansão do ensino da teoria da evolução nas escolas públicas do país. Com o começo da 1ª Guerra Mundial, essa tensão ampliou-se com o aparecimento dos movimentos em defesa da livre expressão no país. Para entendermos o desenvolvimento desses movimentos é importante observarmos uma outra questão que veio à

tona como resultado do início da 1ª Grande Guerra Mundial e sinalizou o aprofundamento das restrições às ideias estrangeiras no país. Walker (1990) mostrou que uma série de legislações e censuras passaram a ser impostas no período, como exemplo delas destacam-se leis como a de 1903 (que barravam a entrada de anarquistas no país), a de 1917 (que permitia ao governo desnaturalizar estrangeiros envolvidos com o movimento anarquista) e a de 1918 (que permitia que o governo deportasse estrangeiros que se juntassem a organizações anarquistas e trabalhistas). Somado a elas, o *Espionage Act* de 1917 transformou em crime qualquer obstrução ao recrutamento ou alistamento militar e a *Sedition Amendment* de 1918 proibiu qualquer tipo de crítica ao governo dos Estados Unidos durante o período de guerra.

É inegável que dentro desse caldo histórico de crescimento das tentativas de controle do governo sobre a sociedade, surgiram organizações em prol da liberdade de expressão e direitos individuais do país. Mais do que isso, o período simbolizou as bases para o surgimento do que seria a principal organização de defesa dos civis dos EUA, a *American Civil Liberty Union* (ACLU). Criada em 1920 por Roger Baldwin, a organização tinha como compromisso original a defesa apartidária do *Bill of Rights* e atuou, desde sua origem, em cerca de 80% dos casos considerados críticos e que envolviam questões relacionadas aos direitos civis, como também, dos temas que envolviam disputas sobre a relação Estado e religião e processos a respeito da liberdade de expressão durante as últimas décadas dos Estados Unidos.

Ao analisarmos o período do início do século XX percebemos claramente uma mudança na aparente homogeneidade da sociedade, principalmente nos estados do sul do país. O crescimento da polarização entre defensores dos valores tradicionais e dos defensores de tendências modernizantes culminou em disputas legais como a envolvendo o caso Scopes (1925-1927)¹⁴⁴. A questão emblemática em torno dessa disputa legal é que o tribunal se tornou uma disputa entre setores fundamentalistas e os modernistas defensores do ensino da teoria da evolução nas escolas públicas do país. Golding(2006) descreveu que a questão tomou proporção tão grandes que o mais célebre campeão fundamentalista, William Jennings Bryan foi chamado para ser o procurador do processo e no tribunal discursou trechos do livro *The Fundamentals*.

A polarização entre correntes moralistas e modernistas perdeu intensidade após o fracasso do movimento fundamentalista no caso Scopes e da não manutenção das legislações que

¹⁴⁴ O caso foi narrado no filme *Inherit the Wind* (1999) e pelo sociólogo Goldwing (2006).

proibiam o consumo de bebida (fim da lei seca em 1933¹⁴⁵), motivando uma virtual retirada dos fundamentalistas da vida pública¹⁴⁶, o que foi reforçado pela crise de 1929, vista por correntes pré-milenaristas como um castigo divino e como um possível sinal da volta de Cristo¹⁴⁷.

As igrejas evangélicas seguiram seu caminho, principalmente, no sul rural do país, redirecionando suas doutrinas para as ideias de pregadores como John Leland e Dwight S. Moody¹⁴⁸ que concentraram sua orientação na tentativa da salvação individual e rejeitavam a mistura entre religião e política. Esse afastamento dos fundamentalistas do cenário político não representou o desaparecimento das suas mobilizações durante os anos, 1930 e 1940, sendo, mais um momento de reorganização do movimento sobre o enfoque na conversão e na expulsão de setores “modernistas” de suas congregações¹⁴⁹.

Segundo Reychley (1985, P.312) a partir de 1941 se desenvolveu uma gradual reentrada desses setores conservadores da religiosidade na vida política, principalmente, motivados pela criação do *American Council of Christian Churches*¹⁵⁰ (ACCC) que, durante o período, acusou os protestantes tradicionalistas de acomodarem-se com o modernismo e a modernidade, e direcionou sua ira ao *Social Gospel* por considerá-lo uma heresia humanista que dava ao homem a capacidade de pensar ser mestre da fé através de seus próprios recursos. A partir da formação do ACCC, novas organizações surgiram com uma forte influência de um viés fundamentalista como a *Youth for Christ International*¹⁵¹ (fundada por cerca de 600 jovens líderes evangélicos em 1945) e a *National Association of Evangelicals*¹⁵² (1942), que possuía a intenção de combater o modernismo na sociedade.

Porém, mesmo com o surgimento dessas novas organizações, ainda existia uma grande restrição aos temas políticos na agenda fundamentalista dos anos 1940, ao qual, como escreveu Messadié (1989, p.224), apenas era proeminente a temática da Guerra Fria,

¹⁴⁵O ano de 1933 também marcou a publicação do Manifesto Humanista.

¹⁴⁶ Wolfgang (1982) argumentou que esse impulso conservador foi apenas parcialmente submergido podendo ser visto por quem quisesse na superfície da religiosidade estadunidense.

¹⁴⁷ Kepel (1991).

¹⁴⁸ Já falecido no período (Moody faleceu em 1899), mas, que deixou como herança de seu trabalho a *Moody Church*, *Moody Bible Institute* e a *Moody Publishers*.

¹⁴⁹O período direcionou também os fundamentalistas para a educação, através de instituições como a Bob Jones University que pregava o isolamento da modernidade, o afastamento da religião e política e coibia o relacionamento com outras denominações do cristianismo.

¹⁵⁰ Segundo Djupe e Olson(2003), o *American Council of Christian Churches* teve grande destaque durante a caça aos comunistas, na década de 1950, quando, sob a presidência de Carl McIntire denunciou uma grande lista de lideranças da organização religiosa modernista *National Council of Churches* de serem comunistas. Hoje a ACCC tem cerca de 1 milhão de membros em 49 estados. Outros dados sobre a organização podem ser encontrados em: <http://www.amcouncilcc.org/>.

¹⁵¹ <http://www.yfci.org>.

¹⁵² <http://www.nae.net/>.

principalmente em torno da figura de Carl McIntire que não se cansava de denunciar as conspirações comunistas que ocorriam no país. Ou seja, o movimento não tinha a mesma pujança que havia obtido durante o início do século, o que fazia com que o termo fundamentalismo fosse associado¹⁵³ as correntes mais reacionárias do país, ao anticomunismo fanático e em muitos casos a extrema direita¹⁵⁴, o que causava constrangimento e motivou o resgate do termo evangélico por setores conservadores do protestantismo¹⁵⁵.

Apenas com o crescimento da visibilidade de Billy Graham¹⁵⁶ e sua conquista em larga escala de espectadores na televisão¹⁵⁷ que o movimento começou lentamente a se reorganizar, uma vez que, antes disso, a grande mobilização dos protestantes conservadores tinha sido o apoio de Graham a candidatura a presidencial de Eisenhower¹⁵⁸ através de seu programa de rádio *The Hour of Decision*.

A trajetória de Graham se torna profundamente interessante para que possamos observar a transformação dos setores conservadores do protestantismo estadunidense, visto que, sua carreira claramente personifica o dilema entre a não participação e a volta para a política de pastores com origem em vertentes fundamentalistas.

Como mostramos no artigo (SOUZA; FINGUERUT, 2013) Billy Graham é o retrato dessa transição, pois iniciou suas pregações exatamente em meio ao momento de reclusão dos setores fundamentalistas cristãos. O pastor, natural de uma família convertida ao dispensionalismo¹⁵⁹ e com educação superior na Universidade (fundamentalista) Bob Jones¹⁶⁰, já em 1937 incorporava em seus sermões o anticomunismo (visto pelo pastor como

¹⁵³Principalmente após o término 2ª da Guerra Mundial.

¹⁵⁴ McIntire foi acusado durante a guerra de defender o nazismo.

¹⁵⁵ (Kapel, 1991, p.131-134)

¹⁵⁶Graham foi o pastor evangélico com maior influência durante as décadas de 1950 e 1960 sendo considerado também o homem mais influente da América no período. Entretanto, ele não conseguiu impedir a eleição de John Kennedy em 1961, ou mesmo, foi capaz de mobilizar setores religiosos conservadores para a participação política.

¹⁵⁷ Billy Graham foi o primeiro religioso estadunidense a ter sucesso na televisão conseguindo arrecadar dezenas de milhões de dólares através dele.

¹⁵⁸ Presidente dos EUA de 1953 até 1961.

¹⁵⁹ Aikman (2007) descreveu que a doutrina dispensionalista consiste de sete dispensões (espaço de tempo ao qual o protestante passa a ser submetido para demonstrar sua obediência a Deus) sendo elas: Inocência marcada pelo pecado de Adão; Consciência período de Adão a Noé; Governança período de Noé à Abraão; regas patriarcais que vai de Abraão até Moisés, mosaico de leis que vai de Moisés até Jesus; Graça o período atual da Igreja e o Reino Milenar que viria em breve. O autor aponta também que umas das características centrais do dispensionalismo é a interpretação literal do antigo testamento e a crença na segunda vinda de Cristo.

¹⁶⁰ A Universidade Bob Jones foi fundada em 1927 com o intuito de servir como centro de treinamento para Cristãos vindos de todo o mundo. <http://www.bju.edu/>

uma anti-religião¹⁶¹), além de, defender fortemente os valores fundamentalista provenientes de sua formação. Por esse motivo sobre o comunismo Graham declarou:

...é inspirado diretamente, e motivado pelo próprio demônio. A América está em uma encruzilhada. Ou nós nos viramos para a ala à esquerda e ateísmo, ou nós nos viramos para a direita e abraçamos a cruz? (GRAHAM, apud REYCHLEY, 1985, p.313).

Mas foi devido à sua maneira energética de pregar que Graham rapidamente se tornou o pastor mais popular da América, principalmente, no princípio da década de 1940, ao assumir seu primeiro programa de rádio chamado *Songs of the Night* e pelas suas “Cruzadas” religiosas que mobilizaram um grande número de fiéis. O sucesso de Graham aproximou-o de figuras importantes da sociedade e da política estadunidense, inclusive, em 1950, o então presidente Thurman aceitou receber Graham¹⁶² devido a sua crescente fama. Sua proximidade com figuras públicas foi motivo de uma grande polêmica na vida do pastor, uma vez que, figuras importantes (tanto do Partido Republicano, quanto do Partido Democrata¹⁶³) tentaram convencê-lo a concorrer ao Senado (nos idos de 51 e 52), no entanto, sua formação fundamentalista o compelia a uma rejeição a participação política.

Graham optou por não aceitar os convites e evitar apoiar publicamente candidatos durante os pleitos eleitorais¹⁶⁴, ao mesmo tempo em que, influenciou e participou nos bastidores das principais mobilizações político-religiosas. O resultado dessa postura de Graham no decorrer dos anos, mostrou que apesar dele colocar-se publicamente a parte da política, fomentando uma imagem de grande consolador da Nação e defendendo que sua preocupação era apenas a de trazer as pessoas a Cristo¹⁶⁵, o pastor teve grande proximidade com todos os presidentes da atualidade do país.

Retomando o debate em torno do período que compreendeu o final dos anos 1940 até a década de 1960, reforçamos que o afastamento e a notável incapacidade por parte dos movimentos fundamentalistas de participarem da política nos Estados Unidos não vinha

¹⁶¹ O discurso Anticomunista de Graham foi diminuindo com o tempo, o Pastor chegou a pregar em partidos socialistas e a participar de jantares com lideranças soviética sem visita aos EUA.

¹⁶² Junto com outros três pastores Cliff Barrow, Grady Wilson e Gerald Beavan inaugurando uma tradição que se estenderia por toda a vida de Graham (sua presença constante na Casa Branca).

¹⁶³ Apesar de Graham ter afirmado em Couric (2005) que ele era um democrata registrado, isso nunca o impediu de ser próximo de políticos do Partido Republicano. Em muitos momentos essa proximidade fazia com que as pessoas pensassem que ele era republicano.

¹⁶⁴ De acordo com a entrevista feita com Graham por Couric (2005), Graham não era contrário à participação de Cristãos na política, por acreditar que desde os tempos da Idade Média e da reforma protestante eles estão na política, todavia, o Pastor argumentou que procurou se manter afastado da política, pois se falasse sobre política dividiria sua audiência e desviaria o enfoque central de sua pregação que era Jesus Cristo.

¹⁶⁵ Essa postura é profundamente ambígua em Graham, já que, em muitos momentos ele apoiou nos bastidores candidatos, porém, ela rendeu à Graham a imagem de grande conselheiro dos presidentes.

exclusivamente desses setores. Reichley (1985) indicou que esse fenômeno era reforçado pelas legislações aprovadas pelo governo, o que pode ser percebido com o exemplo do *Internal Revenue Code* de 1954, que determinava que a isenção de taxas fosse destinada apenas aos grupos corporativos religiosos que tivessem um enfoque na caridade ou educação e que, eles não poderiam devotar uma parte “substancial de seu tempo” para a propaganda política ou na tentativa de influenciar legisladores.

Exemplos como essa legislação garantiam que somente seriam isentas as organizações que não interferissem nas campanhas políticas¹⁶⁶, o que colaborava com o enfraquecimento da participação política desses setores, visto que, após a decisão envolvendo o caso *Scopes*, eles tinham ampliado seu enfoque no isolamento e na construção de escolas com o intuito de educar os jovens cristãos sobre os preceitos da Bíblia.

Em um caminho inverso ao isolamento fundamentalista, Reichley (1985) indicou que, a partir da administração Kennedy, ocorreu um crescimento na participação política de outras igrejas, o que pode ser explicado pelo crescimento das mobilizações de setores progressistas a favor dos direitos civis. Essa mobilização religiosa liberal, rapidamente transformou-se em motivo de crítica por parte dos fundamentalistas, que ao afastarem-se da participação política fomentavam a rejeição a ela em seus fiéis, o que fez com que, majoritariamente, os fundamentalistas chegassem aos anos 1960 como verdadeiros inimigos da associação da religião aos debates políticos.

Com alusão a isso, Crawford (1980) citou o exemplo de Jerry Falwell que iniciou suas pregações em meio ao crescimento das manifestações pelos direitos civis e rapidamente colocou-se contra os líderes de igrejas que estavam envolvidos na política durante meados da década de 1960. Os argumentos de Falwell para a não participação política eram pautados na ideia de que os pais fundadores da nação haviam criado barreiras para separar a política da religião, ou seja, para o pastor existia um limite para a atuação religiosa, ou, como podemos ver pelas suas palavras: “Nosso papel como pastores e líderes cristãos é atender as necessidades espirituais de nosso povo”. (FALWELL, apud, MEACHAN, 2006, p.210)

Apesar das desaprovações às crescentes mobilizações políticas de setores liberais da religião, os movimentos religiosos conservadores gradualmente retomaram as tentativas em prol de uma ampliação de sua participação na vida pública do país, o que, já nos anos 1970,

¹⁶⁶ Reichley (1985) citou o exemplo, no início dos anos 1960, da revogação imposta pelo *Internal Revenue Service* da isenção de taxas para ao *Echos National Ministry*, uma organização de Oklahoma, ao qual, pertencia o programa de rádio do pastor fundamentalista Billy James Hargis, após ele ter usado o tempo de sua transmissão para criticar a administração Kennedy. A punição virou uma grande batalha judicial que durou até os anos 1970.

passou a ser visto como uma força positiva, tanto pela *National Association of Evangelicals* (NAE) quanto pelo Partido Republicano.

2.3. As mudanças estruturais que reforçaram a urgência da revolta conservadora e a crise da esquerda estadunidense.

Pensar o virtual desaparecimento dos setores fundamentalistas religiosos e dos conservadores da política estadunidense (durante as décadas de 1930 até 1960) e a retomada de sua participação política com o final dos anos 1960, significa, necessariamente, debater dois momentos cruciais da sociedade estadunidense. O primeiro ocorreu devido a fatores como o crescimento populacional¹⁶⁷ (principalmente da população mais jovem¹⁶⁸), a ascensão social de um grande número de pessoas para a classe média e uma transformação urbana¹⁶⁹ (marcada por um grande êxodo rural¹⁷⁰ e pela formação de subúrbios compostos por uma população relativamente homogênea¹⁷¹). Essas mudanças influenciaram a ascensão e manutenção praticamente incontestável de um modelo de liberalismo reformista na sociedade e política do país, durante o período, o que foi responsável por uma verdadeira revolução que atingiu a economia, a constituição da família, os processos eleitorais e a legislação do país:

Durante os anos 1950 e o início dos anos 1960, valores e crenças em ação liberais pareciam produzir uma “sociedade afluyente”. O conflito social era efetivamente abafado pelas conquistas materiais geradas pelo crescimento econômico. (DOLBEATE; MEDCALF, 1988, p.49).

¹⁶⁷ Kaspi (2002) mostrou que ocorreu um volumoso crescimento populacional nos EUA, ao qual, em 1940 a população era 132.122.000 e em 1950 era 151.684.000. Esse crescimento populacional em pouco mais de uma década, em parte, foi motivado pela imigração, devido a legislações como a lei das esposas de guerra de 1946 e a lei das pessoas removidas de 1948 que fizeram entrar nos EUA aproximadamente 1,5 milhões de novos habitantes entre 1946 e 1958 e, em parte, foi motivado pela imigração fora das cotas (em torno de um milhão de latinos e canadenses entraram nos EUA no período), entretanto, a grande maioria da nova população nasceu em solo estadunidense, 93% em 1950 e 95% em 1960.

¹⁶⁸ Segundo Saint-Jean-Paulin (1997), em 1964, 40% da população dos Estados Unidos era composta por pessoas com menos de vinte anos. Esse crescimento da população mais jovem é apontado por Kaspi (2002, p.364) devido ao crescimento da taxa de natalidade que em 1940 era 19,4% e em 1942 chegou a 22,2%. O autor acrescentou que entre 1946 e 1953 nasceram entre 3.5 a 4 milhões de bebês ao ano nos EUA.

¹⁶⁹ Carrol e Noble (1988) argumentaram que entre os anos de 1950 e 1970 ocorreu um crescimento da população afro-americana nas regiões centrais das grandes cidades do norte dos EUA, entre elas: New York que passou de 10% para 30%, Chicago de 14% para 33%, Detroit de 16% para 40% e Washington DC de 35 para 70%. Esse crescimento deve-se aos constantes subsídios governamentais para a construção de pontes e estradas, assim como, para o financiamento de novas residenciais o que encorajou a classe média branca a migrar para os subúrbios fora do limite da cidade.

¹⁷⁰ Segundo Kaspi (2002), em 1920 30 % dos americanos viviam em áreas rurais, em 1930 essa proporção caiu para 24,8%, em 1945 para 18,1% e em 1959 para 12%.

¹⁷¹ Com padrão semelhante de raça, religião e situação econômica.

Nesse sentido, é preciso entender que a partir da década de 1930 ocorreu uma reconfiguração da sociedade, que trouxe consigo a expansão do conforto e uma significativa diminuição da pobreza, características que foram implicações de uma versão moderna de “liberalismo americano”, introduzida durante o governo de Franklin Delano Roosevelt¹⁷² em 1934, e que se pautava em uma planificação econômica, em uma política de grandes trabalhos e nacionalizações:

... um Estado central forte e intervencionista, um controle administrativo detalhado das atividades econômicas, uma justiça progressista, a igualdade racial, a liberação da moral, a laicidade do ensino público, a distribuição de riquezas pelo imposto progressivo e pela segurança social. (SORMAN,1983, p.31).

Essa crescente e inédita prosperidade econômica se desenvolveu associada a fortes pressões para o aumento do consumo¹⁷³ e uma crescente liberdade sexual. Somado a esses fatores, também ocorreram mudanças culturais significativas como a ampliação no número de vagas no ensino superior (que tornou a população mais educada e livre do que as gerações anteriores) e o florescimento de novos fenômenos de massa (como o rock e os programas televisivos).

É importante aprofundar que, antes de Roosevelt, ambos os partidos defendiam uma leitura da sociedade que privilegiava o livre mercado. Como exemplo, destacamos a presidência do republicano Ulysses Grant¹⁷⁴, que durante a depressão econômica de 1874 sugeriu o lançamento de um programa público de trabalhos para ajudar os desempregados e foi rapidamente dissuadido pelo departamento do tesouro e por James A. Garfield¹⁷⁵ sob o argumento de que esse não era o papel do governo federal. Da mesma forma, o presidente democrata Grover Cleveland¹⁷⁶, durante a depressão de 1893, argumentou que não era o papel do governo auxiliar o povo¹⁷⁷.

Em termos relacionados com a constituição da família americana, destacamos que desde a primeira revolução sexual, ocorrida durante a década de 1920, a sociedade estadunidense vinha passando por importantes transformações em sua estrutura, como o crescimento da

¹⁷² Presidente dos EUA durante três mandatos de 1933 até 1945.

¹⁷³ Kaspi (2002) mostrou que, em 1956, 81% das famílias americanas tinham televisão, 96 % refrigerador, 67% possuíam aspirador de pó e 89% tinham máquina de lavar.

¹⁷⁴ Foi presidente entre os anos de 1868-1876.

¹⁷⁵ Garfield na época era presidente do *House Committee on Ways and Means* órgão responsável pelo controle da taxaçoão, tarifas e outras receitas. Garfield foi presidente dos EUA durante o período de 200 dias no ano de 1881 até ser assassinado.

¹⁷⁶ Cleveland foi presidente dos EUA durante os anos 1885-1889 e 1893-1897.

¹⁷⁷ Reichley (1985).

autonomia das mulheres e o aumento no número de divórcios¹⁷⁸. Entretanto, apesar de motivar transformações na estrutura familiar, a primeira revolução sexual, em seu momento inicial, não alterou a ideia de moral presente na sociedade, não ocorrendo, por causa dela, grandes mudanças na liberdade sexual, principalmente entre as mulheres, ou mesmo, uma maior aceitação da homossexualidade. Muito pelo contrário, a sociedade estadunidense passou desde o início do século por um processo de crescimento dos temas moralistas na sociedade.

Silva (2008) defendeu a ideia de que a sociedade estadunidense era fortemente influenciada pelo Terceiro Grande Despertar que, como vimos, teve princípio a partir da metade do século XIX e compreendia além do crescimento de causas progressistas como o combate ao trabalho infantil, a instituição da educação básica obrigatória, a proteção dos direitos das mulheres operária e a luta pelo sufrágio feminino¹⁷⁹, uma forte pressão associadas a temas moralizantes como a restrição ao uso de álcool¹⁸⁰, aos jogos e o combate à prostituição¹⁸¹. Essa preocupação com a moralidade representou o surgimento de uma liberdade velada que, ao mesmo tempo em que, trazia mudanças no campo da sexualidade escondia dos olhares da sociedade, ou, como argumentaram Carrol e Noble (1988), já na primeira metade do século XX a classe média estadunidense rapidamente se reorganizou com o intuito de conter a sexualidade dentro dos limites de suas casas¹⁸²:

Admitindo a sexualidade feminina até 1920, a mulher poderia apreender através de manuais sexuais como expressar sua sexualidade, e ser mais prazerosa para o seu marido. Essas mulheres tinham aprendido apenas a estar preocupada em ser boas mães e donas de casa. Essas eram suas áreas de habilidades, enquanto homens expendiam suas energias nos conflitos do mercado de trabalho. (CARROL; NOBLE, 1988, p.375).

¹⁷⁸Kaspi (2002) mostrou que o crescimento no número de divórcios continuou em uma crescente nas décadas seguintes, principalmente, durante a década de 1940, ao qual, em 1940 apenas 10% dos casamentos eram rompidos, em 1944 esse número passou a 12,3%, em 1945 para 14,3%, em 1946 para 18,2%. Após 1946 o número de divórcios voltou a ter taxas mais baixas com 13,9% em 1947, 11,6% em 1948 e 10,6% em 1949.

¹⁷⁹Além da criação de entidades como o Exército da Salvação e a Associação Cristã de Moços.

¹⁸⁰Como a lei seca.

¹⁸¹Silva (2008) destacou as leis de 1903 e 1907 que proibiam a importação de prostitutas e a Lei Mann de 1910 que caracterizava como crime o transporte de prostitutas de um estado para o outro.

¹⁸²É importante pensar o papel da Segunda Guerra Mundial nesse processo. Com seu advento e o envolvimento de grande parte da população masculina nela, ocorreu um crescimento da participação feminina no mercado de trabalho do país, todavia, com o final da guerra ocorreram grandes esforços em fazer as mulheres ocuparem exclusivamente um papel na educação dos filhos e nos cuidados com a casa. Isso é perceptivo quando se analisa o período do final da década de 1940 e a década de 1950 e percebe-se um forte incentivo para que a mulher retornasse a desempenhar um papel no cuidado da casa e da família e um crescimento dos incentivos para seu embelezamento para o marido. Desenvolve-se um forte apelo à moda (como a criação do salto agulha), a preocupação de educar as meninas para serem boas donas de casa (marcada pelo lançamento da boneca Barbie) e um incentivo para o consumo de objetos específicos para o lar.

A percepção de que as transformações advindas da primeira revolução sexual começavam a desencadear mudanças no comportamento sexual da população (em um sentido de crescimento da liberdade sexual), somente passou a ser realmente notada durante o final da década de 1940. Segundo Martin (1996), em 1948, uma pesquisa desenvolvida por Alfred Kinsey¹⁸³ sobre o comportamento sexual masculino mostrou que muitos americanos admitiram ter tido algum relacionamento sexual fora do casamento e muitos tiveram, em algum momento da vida, alguma forma de relação homossexual. A pesquisa em questão trouxe um desconforto para os setores religiosos conservadores, que rejeitavam o comportamento homossexual:

Aos seus olhos, engajar-se no sexo com membros do mesmo gênero não é apenas imoral, ou uma lamentável e incompreensível fraqueza, mas uma perversão da natureza, uma abominação aos olhos de Deus, um ato que merece prisão e até mesmo a morte. (Martin, 1996, p.100).

A fala de Martin nos remete a pensar os motivos que levaram as duas temáticas a serem tão importantes na construção do discurso conservador nos EUA. Afinal são inúmeros os episódios envolvendo as disputas em torno da Guerra Cultural que se constroem sob essas temáticas, de maneira que, das disputas em torno de questões educacionais como a aceitação de professores homossexuais, até a crise envolvendo o caso de adultério dos pastores Jim Bakker e sua esposa no final dos anos 1980 e a tentativa de impeachment de Bill Clinton por seu envolvimento fora do casamento demonstram o destaque dado à temática para a retórica conservadora.

É interessante também notarmos que existe uma prioridade sobre a rejeição dessas temáticas pelos conservadores, pois, a aversão ao comportamento homossexual foi constantemente pontuada pelas lideranças religiosas conservadoras como um desvio moral mais grave que o adultério. O que é visto com estranhamento por Martin (1996), que percebeu a existência de uma maior quantidade de passagens bíblicas condenando a questão do que a homossexualidade.

É importante perceber também, que o final da década de 1940 abarcou algumas tentativas de se separar a Religião do Estado, principalmente, após a decisão da corte sobre a liderança do juiz Black¹⁸⁴ (em 1947) no caso *Everson contra Board of Education*, ao qual, segundo a leitura realizada por Froidevaux-Metterie (2009), o juiz decidiu que impostos não poderiam ser utilizados para suportar atividades ou instituições religiosas e, nem mesmo, serem

¹⁸³ Kinsey foi um importante sexólogo que realizou uma série de pesquisas, durante o final dos anos 1940 e começo dos anos 1950, sobre o comportamento sexual masculino e feminino no período.

¹⁸⁴ Hugo Black foi o primeiro juiz da Suprema Corte indicado por Roosevelt servindo de 1937 até 1971, ao qual, durante sua carreira defendeu políticas liberais e a liberdade civil.

utilizados para ensinar ou praticar uma religião. Essa decisão na verdade nunca se consolidou, ao ponto de, em 1971 a Suprema Corte declarar ser difícil ou até mesmo quase impossível cumpri-la, posto que, sua aplicação feria a ideia de neutralidade entre a religiosidade e a laicidade. Como exemplo, a autora citou o caso *Rosenberger contra Rector and Vistors of the University of Virginia* de 1995, ao qual, a Suprema Corte exigiu que a universidade financiasse a publicação de uma revista dos alunos evangélicos, pois, ela auxiliava a publicação de revistas de outros alunos.

Em termos eleitorais, o que se viu a partir do *New Deal* (1934) foi o término de um hegemonia do Partido Republicano¹⁸⁵ nas eleições presidenciais, que foi substituído por um maciço predomínio do Partido Democrata, ao qual, durante um período que vai de 1928 até 1980, apenas dois presidentes republicanos chegaram ao poder Dwight D. Eisenhower¹⁸⁶ (1953-1961) e Richard Nixon¹⁸⁷ (1969-1974).

Essa nova tendência eleitoral esteve profundamente relacionada a dois fatores. O primeiro foi influenciado pelo predomínio ideológico estabelecido pelo *New Deal*, que rapidamente atraiu a simpatia do eleitorado branco do país. Pela leitura de Black e Black (2008), a votação média dos brancos no Partido Democrata, após o *New Deal*, colocou-o com uma liderança de 12%¹⁸⁸ sobre os votos do Partido Republicano entre os anos de 1952 e 1980¹⁸⁹. Por esse motivo, Sorman (1983) pontuou que a pujança das ideias liberais era tão forte ao ponto de presidentes republicanos como Eisenhower e Nixon se verem obrigados a prestar contas de suas decisões a partir de parâmetros estabelecidos por ela.

Já o segundo fator, pode ser explicado pela diminuição do peso dos votos do eleitorado branco e pela estratégia de aproximação do Partido Democrata com as minorias (que ganhou força durante a década de 1960), quando, principalmente, após o projeto da “Grande Sociedade” durante a presidência de Lindon Johnson (1963-1969) foi perceptível uma relação de afinidade e o redirecionamento dos votos das minorias¹⁹⁰ para o Partido Democrata, ou,

¹⁸⁵Após a Guerra Civil até a eleição de Franklin Delano Roosevelt, o Partido Republicano possuía uma soberania maciça nas eleições presidenciais.

¹⁸⁶Micklethwait e Wooldridge (2004) argumentaram que Eisenhower não era um conservador. Ele fazia parte do setor moderado do Partido Republicano e sua eleição teria ocorrido em função de sua imagem de herói de guerra, durante a Segunda Guerra Mundial, e não por propostas de transformações socioeconômicas.

¹⁸⁷Nixon se definia como um Rooseveltiano.

¹⁸⁸ Que variavam em torno de 43% para os Democratas e 31% para os Republicanos.

¹⁸⁹ Em 1952 os votos do eleitorado branco representavam 96% dos votos totais.

¹⁹⁰Micklethwait e Wooldridge (2004) argumentaram que até 1950 os republicanos eram considerados mais liberais sobre temas raciais que os democratas. Da mesma forma, até 1962 quando se questionava sobre qual partido tinha ajudado mais os afro-americanos a terem um melhor tratamento no trabalho, 22,7% consideravam os democratas e 21,3% apontavam os republicanos. Logo em seguida, já em 1964, quando questionados sobre o mesmo tema, 66% reconheciam os democratas e apenas 7% os republicanos.

como podemos perceber durante as eleições que ocorreram entre 1984 e 2004, onde, 78% dos afro-americanos concentraram seus votos nos democratas¹⁹¹, ampliando a base eleitoral do partido¹⁹².

Da mesma forma, para compreendermos o crescimento da visibilidade de setores conservadores na participação política, durante o final dos anos 1960 e começo dos anos 1970, e o seu alinhamento com o Partido Republicano, é preciso entender outro fenômeno que se originou a partir de uma série de fatores como: o enfraquecimento da esquerda estadunidense devido à morte de grande parte de suas lideranças, o afastamento de uma parte de sua base política de esquerda devido à radicalização dos movimentos sociopolíticos nos EUA (assinalado pelo rompimento ocorrido entre setores liberais reformistas e os movimentos de esquerda radicais¹⁹³) e as dificuldades econômicas que resultaram no enfraquecimento do liberalismo a partir do final da década de 1960.

Para entendermos esse processo, precisamos retomar algumas características dos movimentos dos anos 1960, esclarecendo que nessa década a política do país voltou-se, ainda mais, para a diminuição das diferenças sociais, o que se confirmou com o processo de renovação da esquerda, o que pela leitura de Saint-Jean-Paulin (1997) convergia dentro de duas disposições. A primeira surgiu a partir de um caráter reformista e, em um período posterior, influenciou-se pelas manifestações que ocorriam por todo o mundo, convencendo-se que a sociedade industrial, o capitalismo e o mundo ocidental estariam condenados.

Já a segunda, pode ser associada ao movimento *hippie* e sua revolta contra a sociedade americana, pautada pelas críticas ao modo de vida da classe média. Como solução para eles, estava a defesa de um estilo de vida alternativo, pautado pelo isolamento das comunidades (muitas delas rurais), pelo rock, pelas revoluções sexuais e pelo “psicodelismo”. Esse modo de vida rejeitou a sociedade burguesa, o materialismo e os símbolos da prosperidade material, assim, desejou revolucionar a ordem e a moral que, até então, privilegiava a família patriarcal.

Nesse sentido, entender o patamar atingido pelos EUA durante os anos 1960 é vital para que possamos compreender esse processo. A crescente abundância econômica e o significativo aumento da liberdade, entre as décadas de 1930 e 1960, foi apontado por grande parte dos intelectuais como culpados pelo desenvolvimento de uma crise cultural que resultou

¹⁹¹ Como exemplo dessa nova configuração dos votos no país, Black e Black (2008) disseram que em 2004 o percentual de votos afro-americanos chegou a 11% dos votos totais.

¹⁹² Outro fator relevante para essa aproximação foi a polêmica campanha presidencial do Republicano Barry Goldwater em 1964 que praticamente eliminou o apoio de setores pertencentes a minorias ao partido Republicano.

¹⁹³ Sousa (2009), que escreveu sobre a nova esquerda americana, demonstrou como os movimentos de esquerda nos EUA passaram por um processo de radicalização durante o final dos anos 1960.

nos movimentos do final dos anos 1960, ao qual, conforme debateu Faria (1997) tiveram seu início devido à constatação de que:

... o bem-estar produz não só o melhor-estar, mas também o mal-estar, e evidencia que o aumento dos bens materiais desperta necessidades afetivas profundas que, reprimidas e controladas pela civilização tradicional, tornaram-se errantes e divagantes. Os mitos da felicidade corroem-se e problematizam-se. (Faria, 1997, p.28).

Essa ideia também esteve presente em leituras como a dos historiadores Carrol e Noble (1988) que acrescentaram que, o surgimento das temáticas da geração *sixties* ocorreu por causa de um choque entre a liberdade que os jovens recebiam em casa e nas escolas e as “necessidades” impostas pelo mercado de trabalho estadunidense. Nessa linha de pensamento percebe-se que a educação do período pós Segunda Guerra Mundial construiu-se sobre ideias pedagógicas como as do Dr. Benjamim Spock¹⁹⁴, que rejeitava os modelos educacionais rígidos por acreditar que as crianças possuíam ritmos diferentes e deveriam desenvolver sua personalidade em um ambiente relaxado e amigável. Em um caminho oposto, o mercado de trabalho dos anos de 1960 era dominado pelas grandes corporações, pelo trabalho mecanizado e pelas pressões consumistas.

Como resultado disso, os jovens que ingressavam no mercado de trabalho encontravam dificuldades para adequar-se as características como a flexibilidade e a obrigatoriedade de ter uma personalidade compromissada. Somado a isso, o terror da Guerra do Vietnã (primeira guerra cotidianamente televisionada) reforçava o sentimento de que não existiam opções para a juventude na sociedade além da obrigatoriedade de transformá-la¹⁹⁵.

Apesar da trajetória das mobilizações realizadas pelos jovens do período culminar em uma série de violentas explosões sociais no final dos anos 1960, a leitura realizada pelos principais autores do período demonstrou que a nova “revolução” que ocorria na sociedade originalmente não se pautava pela violência, e sim, pela ideia de que ela deveria trazer a transformação do ser humano. Essa ideia foi reforçada por intelectuais como o professor da *Yale Law School* Charles Reich (1970), que percebia que a revolução do final dos anos 1960 construiu-se sobre a formação de uma nova consciência, focada na liberdade individual, no igualitarismo e no uso de drogas:

¹⁹⁴ Segundo Sorman (1983), mesmo na década de 1980, o Dr. Spock ainda recebia cartas de pais o insultando e o acusando que seus filhos tornaram-se drogados por eles terem seguido seu modelo educacional. Entretanto, o educador recusa a ideia de que propunha em seus livros a permissividade excessiva.

¹⁹⁵ Sorman (1983) apontou, ao citar a tese de George Gilder, que para os setores conservadores a oposição realizada pelos jovens a Guerra do Vietnã era motivada muito mais pelo medo de ser chamado para lutar a guerra do que propriamente por idealismos ou sentimentos pacifistas.

Há uma revolução em marcha. Não será como as revoluções do passado. Começará no indivíduo e na cultura, mas só transformará a estrutura política como seu ato final. Não precisará da violência para ter êxito e não pode ser obstada eficientemente pela violência. Vai se alastrando agora com espantosa rapidez e já nossas leis, instituições e estrutura social estão-se transformando em consequência disso. Promete uma razão mais alta, uma comunidade mais humana e um indivíduo novo e libertado. A sua criação final será uma nova e permanente plenitude da beleza – uma relação renovada do homem consigo mesmo, com os outros homens e com a terra. (Reich, 1970, p.11-12).

O autor defendia a ideia da existência de três consciências que conviviam nos EUA, a primeira seria construída com um enfoque que priorizava o esforço individual, a auto-repressão, a competição e o isolacionismo, acreditando que o sonho americano ainda seria possível e que o sucesso seria determinado pelo caráter, pela moralidade, pelo trabalho árduo e pelo espírito de sacrifício. Ou seja, a partir dessa leitura, podemos pontuar que a partir da primeira consciência derivaram-se os valores formadores do conservadorismo estadunidense, uma vez que, ela defendia a redução de programas¹⁹⁶ e despesas do governo, uma maior confiança no empresário privado, a coação para fazer trabalhar as pessoas que recebiam auxílio do governo, além de, se colocar contra a subversão (manutenção da ordem) e de acreditar que a população deveria ficar alerta as possíveis ameaças exteriores (isolacionismo).

Já a segunda consciência seria a base formadora do *New Deal*, ela teria como características o afastamento do individualismo, a crença de que a crise vivida nos EUA poderia ser resolvida mediante um maior empenho individual no interesse público, com uma maior responsabilidade social e nos negócios privados. Essa consciência defenderia a presença de uma ação governamental mais afirmativa e reguladora, acreditaria na eficácia do planejamento, pregaria um papel mais assistencial e mais racional do Estado que deveria funcionar sob os patamares da boa administração e da gerência. Portanto, ela existiria a partir de uma visão pessimista do homem e defenderia um mundo planejado pela razão, ao qual, o homem seria dominado pela técnica.

Reich (1970) colocou que a principal característica dessa segunda consciência seria a crença na eficácia das reformas, que seriam pautadas pela necessidade de combater os males provenientes da primeira consciência como: o preconceito, a discriminação, o isolacionismo, as tradições superadas e as superstições. Contudo, o autor combateu a segunda consciência por discordar do seu agudo enfoque na necessidade de se controlar o poder para estabelecer as mudanças. As características reformistas limitavam as mudanças políticas e econômicas a

¹⁹⁶Fichou (1987) reforçou a ideia de que historicamente existe uma forte tradição nos EUA de que grupos voluntários deveriam substituir o Estado nos programas de auxílio.

obrigação de que o poder para controlar as decisões estivesse concentrado nas mãos de uma elite disposta a fazê-las, o que resultaria que as reformas apenas ocorressem em um sentido que não comprometessem a manutenção do poder dessa elite.

A terceira consciência surgiria nos anos 1960 a partir dos filhos da próspera classe média e das mobilizações das minorias excluídas, sob uma lógica de libertação que privilegiaria uma maior aceitação pessoal, uma maior liberdade para o indivíduo construir sua própria filosofia e seus valores, uma relação mais próxima com a arte, uma busca pela vida comunitária e pela defesa da experiência pessoal como o mais precioso dos artigos humanos. Ela rejeitaria a ideia de excelência, de mérito e de competição, seria contrária a guerra, repeliria as relações de dominação e de autoridade, negaria qualquer associação pautada apenas em papéis, assim como, se oporia a qualquer tentativa que obrigassem alguém a fazer algo contra a vontade¹⁹⁷.

O fato é que apesar de um princípio não violento o final dos anos 1960 marcou o crescimento da violência entre os movimentos das minorias, motivadas pelas crescentes disputas entre vertentes reformistas e radicais da esquerda liberal nos EUA, entretanto, é importante destacar que o grande ampliação dos movimentos liberais no período fez com que quando revisitamos a memória dos EUA, principalmente, quando nos concentramos nos principais avanços alcançados, raramente constatamos a influência do conservadorismo no período.

Em uma rápida retomada de imagens mentais, encontramos os movimentos estudantis, a contracultura, o crescimento da liberdade sexual, as inovações estéticas na música, na televisão e nas artes, as manifestações pacifistas contra a Guerra do Vietnã, o anticolonialismo e os movimentos em defesa das minorias. Como consequência disso, a esquerda liberal estadunidense atrelou a sua memória as transformações mais importantes que ocorreram no país durante o período, afinal, creditou-se a ela a luta pelos direitos civis, a criação do *New Deal*¹⁹⁸ e as campanhas para acabar com a pobreza. Ao mesmo tempo, episódios como a tentativa de golpe em Cuba e a Guerra do Vietnã, que se iniciaram durante o governo Democrata de John Kennedy, foram marcados nas recordações da população como ações da direita¹⁹⁹.

Como uma das explicações para o virtual desaparecimento do pensamento de conservador da memória construída em torno da década de 1960, pode-se debater que, a constituição da produção de pensamento, no período, foi fortemente dominada pela expansão das ideias

¹⁹⁷Reich (1970).

¹⁹⁸Apenas oito senadores republicanos votaram contra o *New Deal*.

¹⁹⁹Nixon foi o presidente que mais sofreu pressões devido a Guerra do Vietnam.

liberais, o que pode ser visto quando se observa que, durante a década de 1940, apenas duas revistas com um enfoque conservador foram publicadas, a *Human Events* (fundada em 1944) e a *Commentary* (fundada em 1945), e mesmo durante a década de 1950, enquanto as revistas liberais dominavam a produção de pensamento do país com revistas como a *The Liberal Imagination* (fundada em 1950) e a *Liberal Tradition in America* (fundada em 1955)²⁰⁰ as revistas conservadoras apenas iniciavam suas atividades²⁰¹.

Essa hipervalorização dos movimentos liberais explicam os motivos da quase imperceptível presença de movimentos de cunho conservadores na memória estadunidense do período, o que foi se tornando mais visível com a ascensão dos movimentos dos anos 1960. Para o historiador francês Huret (2008) já durante a década de 1960, o novo conservadorismo estadunidense iniciava sua trajetória na sociedade estadunidense, embora, de forma praticamente invisível, visto que, suas ações pareciam insignificantes frente aos atos incríveis realizados pela esquerda do país.

Todavia, apesar de aparentemente invisíveis, as mobilizações conservadoras podem ser percebidas, já na década de 1960, por intelectuais que analisaram as origens desses movimentos. Martin (1996) argumentou que, entre 1960 e 1964, ocorreu um forte crescimento de organizações conservadoras como os exemplos da *Christian Crusade*²⁰² que passou de 58,000 para 98,600 membros (obtendo uma arrecadação em torno de 800,000 dólares) e a *Christian Beacon*²⁰³ que ampliou seu número de membros de 20,000 para 66,500 e teve um crescimento de arrecadação em seu *Twentieth Century Reformation* que saltou de 635,000 dólares (em 1961) para mais de três milhões de dólares (em 1964)²⁰⁴.

Em termos legais, os anos de 1960 marcaram avanços importantes da esquerda nos Estados Unidos, além da aprovação do *Civil Right Act* (em 1964) que impedia a segregação racial²⁰⁵, destacamos o desaparecimento de legislações que favoreciam critérios religiosos para a obtenção de cargos públicos (1961)²⁰⁶, a proibição de orações oficiais²⁰⁷ nas escolas

²⁰⁰ Predomínio liberal que foi aprofundado durante os anos 1960 com o surgimento de revistas como a *The New York Review of Books* (1963) e a *Ramparts* (1964).

²⁰¹ Como a *Encounter* de 1953 e a *Dissent* de 1954.

²⁰² Que se iniciou sobre a liderança de Billy James Hargis e ainda continua ativa em <<http://www.christiancrusade.com/>> sobre a liderança de Billy James Hargis II.

²⁰³ Sobre a liderança do pastor Carl McIntire.

²⁰⁴ Martin (1996) argumentou que ocorreu uma expansão nas transmissões radiofônicas como o exemplo das de McIntire que expandiu seu ministério de uma estação em 1958 para 540 no início de 1964.

²⁰⁵ Grande parte dos integrantes da direita, durante os anos 1960, era contrária ao término da segregação por considerá-la uma lei universal da natureza que estava totalmente de acordo com a Bíblia.

²⁰⁶ A partir da decisão judicial no caso Torcaso contra Watkins, a suprema corte requereu que a constituição de Maryland não exigisse mais que os candidatos a cargos públicos fossem cristãos.

públicas (1962 e 1963)²⁰⁸, a legislação que autorizou a venda de contraceptivos e que incluía o uso da pílula anticoncepcional (1965)²⁰⁹, a decisão do caso *Epperson contra Arkansas* (1968) que impedia a proibição ao ensino da teoria da evolução, além de algumas mudanças culturais como os avanços na aceitação das minorias (a partir da ação de movimentos pelos direitos dos afro-americanos e dos homossexuais), o afrouxamento da censura a conteúdo de livros²¹⁰ e filmes²¹¹ e o crescimento das discussões pró-aborto (que resultaram nas medidas aprovadas em 1973 a partir do caso *Roe contra Wade*)²¹².

Todavia, segundo Martin (1996), apesar dessas transformações na sociedade incomodarem os setores conservadores, o que mais os chocou e os motivou a se mobilizarem foi o medo da desordem provocada pelas estratégias de desobediência civil, como as empregadas pelas lideranças como Martin Luther King. O fato é que, a partir das reações dos movimentos conservadores com relação às alternativas radicais da década de 1960, da crise econômica que se iniciou em 1968 e do próprio resultado da disputa envolvendo setores da esquerda, iniciou-se um enfraquecimento na dominância estabelecida pela “esquerda reformista”, originando a possibilidade para a futura construção da estratégia que se tornou vitoriosa com a eleição de Ronald Reagan em 1980.

²⁰⁷Essas legislações inicialmente não impediam que os alunos demonstrassem sua fé nas escolas, apenas proibiam a existência de orações programadas realizadas por diretores e professores. Entre elas, como destacaram Sears e Osten (2005), estavam a decisão no caso *School District Abington Township contra Schempp* (1963), ao qual, a Suprema Corte decidiu que as escolas não poderiam requerer a recitação do *Pai Nosso* e a leitura das escrituras (mesmo se os estudantes tivessem o direito de ficar de fora dessas atividades) e a decisão no caso *Engels contra Vitale* (1962) que proibiu os professores de iniciar as aulas com uma oração.

²⁰⁸ Segundo Green (2011), as decisões judiciais que apoiavam a proibição das orações nas escolas foram rapidamente rebatidas por setores conservadores em prol da anulação dessas legislações, como o exemplo: a emenda Becker que foi proposta pelo congressista Republicano Francis Becker e rapidamente recebeu apoio de grande parte dos congressistas (Becker conseguiu 170 das 218 assinaturas necessárias para colocar a emenda em votação), principalmente, pelo medo deles de ter sua imagem ligada ao término das orações na escola. Barry Goldwater estava entre os políticos que apoiaram a emenda.

²⁰⁹ A partir da decisão da Suprema Corte sobre o caso *Griswood contra Connecticut* (1965) que determinava o fim da proibição da venda de anticoncepcionais. Decisão que foi complementada com a decisão da Suprema Corte sobre o caso *Eisenstadt contra Baird* (1972) que impedia os estados de proibirem a distribuição de anticoncepcionais, mesmo para pessoas não casadas.

²¹⁰ Segundo Martin (1996), a partir do final dos anos 1950 e início dos anos 1960, a *Warren Court* (nome dado para a Suprema Corte dos EUA, durante os anos 1953 e 1969, quando ela era chefiada pelo juiz Earl Warren, que liderou uma maioria liberal que aprovou uma série de medidas legais durante o período) progressivamente anulou as proibições contra livros e filmes que já haviam sido banidos ou considerados restritos por terem seu conteúdo considerado obsceno.

²¹¹ Como o caso *Jacobellis contra Ohio* (1964) que envolvia a projeção de um filme considerado por alguns como obsceno e considerado pela corte como não obsceno. Junto a ela o debate ganhou grande visibilidade durante a disputa que opôs a administração Nixon e a indústria pornográfica em torno do filme *Garganta Profunda* (1972).

²¹²Simpson (in BLASSI (org.), 2007) esclareceu que essas transformações somadas a derrota na Guerra do Vietnã eram vistas por algumas lideranças do conservadorismo religioso como uma punição de Deus a América.

Assim, se a década de 1960 foi pontuada por grandes avanços da esquerda nos EUA, após ela, uma nova virada ocorreu na sociedade estadunidense, durante os primeiros anos da década de 1970²¹³. Dentro da perspectiva de Miguel (1978), o período foi caracterizado pela crise na esquerda estadunidense, que passou por um enfraquecimento de sua liderança intelectual, motivado pelo fato de que alguns de seus intelectuais acabaram sendo cooptados pelo conservadorismo (como no caso dos neoconservadores que, até o período, definiam-se como liberais e após as manifestações de 1968 passaram a se definir como conservadores²¹⁴) e pelo falecimento de outra grande parte de sua liderança intelectual como: Arnold Kaufman (1971), Paul Goodman (1972), Edmund Wilson (1972), George Lichteim (1973), Philip Rahv (1973), Mary McCarthy (1975), Hannah Arendt (1975), Lionel Trilling (1975), Bertram D. Wolfe (1977), Robert Lowell (1977) e Paul Jacobs (1978).

Outros dois processos enfraqueceram a pujança dos movimentos liberais, o primeiro surgiu da dificuldade de se atingir um denominador comum entre uma multiplicidade de interesses que faziam parte dos movimentos, ou seja, se, em um primeiro momento, a pluralidade dos movimentos político-sociais teve um papel significativo para o crescimento da esquerda nos Estados Unidos através de suas táticas de manifestações em frentes variadas e de sua rica pluralidade de agendas. O final dos anos de 1960 despontou com uma crescente dificuldade de estabelecer-se o diálogo entre os movimentos sociais, motivada pelas crescentes disputas pelos seus controles entre correntes pacifistas e radicais. Como exemplo, citamos o movimento afro-americano, ao qual, após um início fortemente influenciado por métodos pacifistas contra a segregação (como os *sit-ins*²¹⁵), o movimento passou por um processo de radicalização com o crescimento da influência de movimentos do nacionalismo negro que despontava em grupos como a Nação do Islã e os Panteras Negras.

Nesse sentido, Diamond (in HURET (org.), 2008) refletiu que dentro do contexto de crescimento dos movimentos de *Black Power* e dos violentos protestos contra a Guerra do Vietnã nos campi universitários ocorreu um abandono dos americanos do projeto de liberalismo racial do Partido Democrata e um retorno da ordem conservadora do Partido Republicano, principalmente, dentro de uma ideia de valorização da identidade de classe média branca.

²¹³ Como argumentaram Dolbeare e Medcalf (1988) em pouco mais de 20 anos o liberalismo estava em total colapso.

²¹⁴ Comentário adicionado a partir de nossa tese de mestrado, em Souza (2007).

²¹⁵ Manifestações que consistiam em ocupar os espaços segregados de forma não violenta, mantendo-se nele sem reação por um determinado período de tempo.

Um segundo ponto, que relacionasse ao anterior, pode ser percebido como causa do enfraquecimento das esquerdas nos Estados Unidos foi a dificuldade de manter o interesse dos jovens na participação política, principalmente, devido a um comportamento menos apaixonado das gerações posteriores as da década de 1960 e da crise econômica que destruiu a abundancia das décadas anteriores. Mas do que isso, a geração que sucedeu a dos *sixties* era mais individualista, preocupada com o mercado de trabalho e repleta de ceticismos e dúvidas com relação à política:

Os estudantes foram tornando-se céticos, até mesmo cínicos. Essa era a geração do eu, *the me generation*. Ela não tinha heróis, sobretudo não na política. Nem os mortos: Mao, Guevara, Hô Chi Minh, nem os vivos: Castro, não resistiu a esta lavagem histórica. A esquerda ideológica perdeu todas as referências internacionais, e mesmo nacionais. Franklin Roosevelt foi por sua vez denunciado em vários estudos recentes como um adepto de escutas e um marido infiel. (SORMAN, 1983, p.46).

De acordo com Danny Goldberg²¹⁶ (2003), a perda de interesse dos jovens pela agenda progressista ocorreu devido a um crescente elitismo e esnobismo das lideranças da esquerda, acrescentando, que a falha dos progressistas teria sido sua inabilidade de explanar para a população média como a sua agenda era melhor ou mesmo diferente da agenda conservadora que se construía nos anos 1970. Segundo o autor, o fato é que, apesar de atingir inúmeros avanços, a imagem política deixada pela geração dos *sixties* foi a da irresponsabilidade, ou seja, o movimento que conseguiu convencer grande parte da sociedade, de que a guerra, as censuras artísticas, a segregação racial e de gênero eram erradas, teve como resultado uma imagem política negativa atrelada, sobretudo, aos protestos “*hippies*” na convenção do Partido Democrata de 1968²¹⁷ e a desastrosa campanha presidencial de George McGovern em 1972²¹⁸.

Somado a isso, o radicalismo do final dos anos 1960 afastou muitos afro-americanos, mulheres, homossexuais, intelectuais e membros do panorama cultural das mobilizações de esquerda, o que, pode ser facilmente visto no decaimento dos votos em candidatos democratas nas eleições presidenciais, com 61% em 1964, 44% em 1968 e apenas 40% em 1972.

²¹⁶ Goldberg é um importante produtor musical, comentarista sobre música e membro ativo da *ACLU*.

²¹⁷ A radicalização ocorrida em Chicago tem um papel significativo na derrocada na participação da esquerda revolucionária e para o fortalecimento da estratégia conservadora de contenção e sufocamento de manifestações políticas nos EUA, além das 589 prisões e na grande quantidade de feridos (os números não são precisos), ela possibilitou a aprovação da lei, *1968 Civil Rights Acts*, que tornava crime cruzar as fronteiras de um estado para promover a rebelião.

²¹⁸ McGovern perdeu por um percentual de 61% a 32% para Richard Nixon, sendo a segunda maior derrota nas eleições presidencial estadunidense. O candidato democrata venceu em apenas dois colégios eleitorais Massachusetts e Washington DC, sendo derrotado, até mesmo, em seu estado natal a Dakota do Sul (estado fortemente democrata no período).

O exemplo do distanciamento da base política com as lideranças liberais é facilmente visualizado quando se observa novamente o exemplo dos afro-americanos nos EUA durante a década de 1980. Historicamente afro-americanos apoiaram o Partido Democrata, principalmente, após a campanha presidencial realizada pelo candidato republicano Barry Goldwater em 1964²¹⁹, o que é perceptível pelos 94% dos votos afro-americanos que foram direcionados para o candidato democrata Lyndon Johnson. Esse apoio foi decisivo no processo eleitoral, uma vez que, os afro-americanos, após o *Civil Right Act* e o *Voting Rights Act*, vinham em uma crescente em seus números de registros de votos²²⁰ e estabelecendo uma ligação realmente próxima com o Partido Democrata, a ponto do Partido Republicano pouco tentar criar estratégias de atração desses eleitores.

Entretanto, a fidelidade dos afro-americanos estava muito mais associada ao partido do que propriamente com as ideias liberais. Pela ótica de Sorman (1983), a reeleição²²¹ do candidato democrata de extrema direita George Wallace, em novembro de 1982, para o governo do Alabama contou com apoio de 84% dos votos dos afro-americanos.

Wallace tinha sido candidato à presidência dos EUA pelo partido Independente Americano em 1968²²² e participou das primárias para a presidência no ano de 1964 pelo Partido Democrata. Para Phillips (2006), Wallace construiu essas duas campanhas a partir de uma plataforma focada no sentimento segregacionista, contrário os direitos civis e entrelaçada por uma poderosa retórica populista. As campanhas presidenciais de George Wallace representaram uma dinâmica que surgia a partir da revolta, no interior do Partido Democrata, contra as transformações que ampliavam a participação do governo Federal na sociedade, o que foi acentuado após a eleição de Lyndon B. Johnson (em 1964) e a consequente extensão do papel do governo²²³ através de iniciativas como o *Head Start Program of Preschool Education*²²⁴, o *National Endowment for the Arts*²²⁵, o *National Endowment for the*

²¹⁹ A campanha de Goldwater tinha como uma de suas plataformas a oposição aos direitos civis.

²²⁰ O que fez com que as lideranças afro-americanas, como o reverendo Jesse Jackson, procurassem organizar os afro-americanos como a terceira força política do país, atrás apenas dos Partidos Republicano e Democrata.

²²¹ George Wallace já tinha sido eleito Governador do Alabama em 1963-67 e em 1971-79.

²²² Wallace ganhou em cinco estados que compreendiam o sul profundo, Geórgia, Alabama, Mississipi, Luisiana e Arkansas.

²²³ Como debateram Micklethwait e Wooldridge (2004).

²²⁴ Segundo o Lyndon B. Johnson (1965) o programa consistia na abertura de 2000 centros de desenvolvimento para crianças carentes que abrigaria cerca de meio milhão de crianças as preparando para a entrada nas escolas regulares.

²²⁵ A agência federal independente NEA foi fundada em 1965 e tem como princípio dar apoio e financiamento para projetos de exposições artísticas (<http://www.nea.gov/>)

*Humanities*²²⁶, a aprovação do *Health Care* (através dos programas *Medicare* que oferecia saúde gratuita as pessoas acima de 65 anos ou deficientes do *Medicaid* que estendia o programa para pessoas com baixa renda) e dos programas de *Busing*²²⁷.

É importante destacar que essa rejeição ao crescimento dos programas sociais existia nos setores conservadores dos dois partidos e vinha da ideia de que a elite liberal que pensava esses programas era parasitária, por, não produzir a riqueza que propunham distribuir²²⁸. Da mesma forma, como demonstraram Micklethwait e Wooldridge (2004) a classe trabalhadora americana, que vivia nas grandes cidades, criticava os *Busing*, argumentando que suas crianças eram obrigadas a viajar para garantir o “balanço racial” e os filhos da elite liberal estudavam nas escolas privadas dos subúrbios.

Em 1972, Wallace concorreu novamente às prévias do Partido Democrata, entretanto, após sofrer uma tentativa de assassinato que o deixou em uma cadeira de rodas e encerrou sua campanha, ele converteu-se, tornando-se um *Born Again*. Essa transformação foi base para a vitória em sua campanha para reeleição ao governo do Alabama em 1982, pois, Wallace a construiu sobre a ideia de arrependimento²²⁹ e perdão, o que acabou atingindo diretamente aos anseios da população afro-americana, que se sentia abandonada pelas lideranças da esquerda liberal, ou: “Pela esquerda, os negros alcançaram a igualdade política, mas não a igualdade econômica.” (SORMAN, 1983, p.70).

Após eleito, Wallace foi responsável por uma das maiores campanhas de alfabetização dos EUA, distribuindo livros gratuitamente para todos, o que retirou uma grande parcela da população afro-americana do analfabetismo. O exemplo da eleição de Wallace demonstrou que o discurso liberal de igualdade política passou a ser ineficaz diante dos anseios da população que vinha sendo solapado com a crise econômica dos anos 1970.

De acordo com Dolbeare e Medcalf (1988), a questão determinante aqui é que com a crise econômica, que teve início no final dos anos 1960, os celebrados remédios liberais passaram a

²²⁶ Também, fundada em 1965 a agência federal independente NEH é uma das maiores financiadoras de programas de ciências humanas nos EUA (<http://www.neh.gov/about>).

²²⁷ Que consistiam no transporte de estudantes com o intuito de acabar com a segregação racial residencial, fazendo com que crianças de diferentes vizinhanças convivessem nas escolas públicas.

²²⁸ O fato é que, desde o governo Eisenhower as crises econômicas e o crescimento da violência nas grandes cidades eram precedidos pelo crescimento de programas assistências a população mais pobre. Como exemplos, Carrol e Noble (1987) citaram que o crescimento das famílias que recebiam o *AID to Family With Dependent Children* (AFDC) foi de 635,000 para 745,000 durante a administração do presidente republicano. O que apenas se agravou com o crescimento da inflação no ano de 1968 e com as grandes recessões de 73 e 74 que ampliaram o desemprego para 9% e o número de famílias dependentes do AFDC ampliou-se para 3,500,000.

²²⁹ Durante a década de 1970, Wallace enviou cartas para várias lideranças da campanha pelos direitos civis se desculpendo, por sua defesa do segregacionismo.

não mais conseguir impedir a ampliação do desemprego e o aumento da inflação. Como resposta a essa dificuldade, conservadores se colocaram como uma alternativa diferente da política liberal, criticando-a e argumentando que os liberais estariam errados por pensarem que o mundo era racional e que, conseqüentemente, todos os problemas teriam solução. Segundo Sorman (1988), a crítica conservadora estendeu-se aos avanços alcançados pelo *New Deal* durante as décadas anteriores, ao qual, conservadores denunciavam que os efeitos do programa sobre a crise econômica, particularmente sobre o trabalho, foram nulos e que a retomada da economia apenas começou a partir de 1938, no momento em que as usinas americanas se lançaram na produção de armamentos.

A mobilização conservadora que se avolumou, a partir do final dos anos de 1960 e na entrada dos anos de 1970, percebeu que seus anseios eram compartilhados por uma grande parcela da população e que eles poderiam (se adotadas os meios corretos) se tornar uma maioria capaz de comandar as direções da política do país. Assim, construiu-se a ideia de uma “maioria silenciosa”²³⁰ que procurava, a partir da identidade de classe média branca e de um sentimento extremamente poderoso de nacionalismo e de que as transformações que ocorriam no mundo eram profundamente danosas para a sociedade estadunidense, influenciar a política do país. Para eles as altas taxas de divórcios, vícios em drogas e violência juvenil eram resultados da cultura moderna transformada durante os anos 1960²³¹, ou ainda:

Essas pessoas entraram na política em reação aos movimentos de contestação dos anos 1960 que tinham muitas vezes sido chocadas, feridas, escandalizadas pelo relativismo moral, pelo ambiente cosmopolita e pela libertação sexual. (HURET, 2008, p.12).

A questão aqui passa a ser entender o papel da ideia de Guerra Cultural na consolidação da estratégia conservadora para se tornar majoritária na política estadunidense. Para isso, iniciaremos a partir desse ponto uma releitura mais focada na relação entre Guerra Cultural e as mobilizações conservadoras.

Capítulo 3 – Da tentativa eleitoral de Barry Goldwater até o fim da administração Carter: uma releitura histórica sobre a importância das batalhas culturais para a origem da mobilização conservadora estadunidense.

O terceiro capítulo de nosso trabalho analisa a trajetória do novo conservadorismo estadunidense, a partir da década de 1960 até o final do governo Carter, relacionando-a aos

²³⁰ Termo utilizado por Nixon com o intuito de defender que a maioria da população apoiava seu governo.

²³¹ Goldberg (2003).

casos que envolveram batalhas culturais²³². Nossa preocupação ao desenvolver essa passagem concentra-se em mostrar como os grupos conservadores travaram suas lutas teóricas, legais e políticas com o intuito de impedir os avanços das transformações culturais na sociedade, ao mesmo tempo em que, tentaram impor sua visão de mundo como a vontade da maioria da população. A partir desse objetivo, direcionamos a análise da Guerra Cultural para compreendê-la como uma ferramenta política, e não apenas dentro da obrigatoriedade de uma polarização total da sociedade.

A releitura do novo conservadorismo estadunidense passa pelo entendimento de alguns episódios da história dos EUA que tiveram grande alcance na formação das raízes do fenômeno. Assim, precisamos percorrer as primeiras manifestações do movimento durante a década de 1960, que compreendem a campanha presidencial de Barry Goldwater²³³ em 1964, a resistência nos campi universitários pelos estudantes conservadores, a eleição de Ronald Reagan para o estado da Califórnia em 1966 e as disputas em torno de conteúdos educacionais²³⁴ como as batalhas culturais em Anaheim (Califórnia) e no distrito de St. Albam em Charleston (Virgínia Ocidental)²³⁵. Para, em seguida, debatermos a consolidação de alianças dos movimentos conservadores no decorrer das décadas de 1970 que compreenderam as tentativas de domínio sobre o Partido Republicano, a organização dos movimentos da direita religiosa estadunidense (principalmente a *Moral Majority*) e a estruturação de sua respectiva agenda centrada em batalhas culturais e morais.

Como argumentamos anteriormente, defendemos que a ideia de Guerra Cultural possuiu um papel centralizador para a consolidação da ideia dos EUA como polarizado e conseqüentemente tem um papel determinante na ampliação das mobilizações conservadoras no país. Aqui, destacamos que suas implicações definiram uma agenda comum entre diversos grupos (caracterizada pela formação dos movimentos da nova direita americana) e pela possibilidade de inserção de setores compostos por religiosos fundamentalistas e pelas mulheres conservadoras na vida política do país (a partir da defesa da família e da manutenção da influência da religião na sociedade).

²³²Apesar da definição de Guerra Cultural ter surgido somente durante a década de 1990, muitos momentos da história estadunidense, principalmente, a partir da década de 1970, foram considerados como parte desta discussão.

²³³ Goldwater foi por cinco vezes Senador pelo estado do Arizona.

²³⁴Que iniciaram-se durante os anos 1960 e continuaram pelos anos 1970.

²³⁵Que respectivamente iniciaram-se em 1968 e 1969.

3.1 O candidato Goldwater, o governador Reagan, o despertar da consciência e da revolta conservadora.

A primeira questão a ser debatida nessa passagem de nosso trabalho concentra-se no grande valor que a campanha de Barry Goldwater teve para a construção do novo conservadorismo estadunidense e para o fortalecimento do movimento no Partido Republicano. Para isso, é preciso compreender que até os dias atuais Goldwater é considerado um dos grandes heróis do movimento nos Estados Unidos²³⁶ e que, sua campanha representou a possibilidade de dar voz a uma América que, devido à ascensão do liberalismo nas décadas anteriores, parecia esquecida das discussões políticas do país.

O grande diferencial de sua campanha com relação as anteriores realizadas pelo Partido Republicano estava, exatamente, na procurar dentro dos quadros políticos de um nome que rompesse com a tradição liberal instaurada no país. Tanto que, Richard Viguierie, no documentário sobre Goldwater²³⁷, disse que o político era tudo o que o Partido Republicano tinha e que o candidato precisava mostrar que as lideranças do GOP estavam levando a partido para uma direção errada. Isto quer dizer que, se as disputas eleitorais entre os dois partidos pareciam, até então, desiguais ou até mesmo injustas, devido ao forte apelo que as políticas liberais, implantadas nos anos anteriores, traziam a favor do Partido Democrata, a escolha de Goldwater representava uma tentativa de mobilizar a população contrária ou insatisfeita a elas.

Martin (1996) discorreu que a estratégia eleitoral de Goldwater, já nas prévias republicanas, era profundamente definida, pois, para o político conservador, o Partido Republicano vinha perdendo as eleições devido a sua incapacidade de fazer com que os setores conservadores da sociedade fossem às urnas. Pela fala de Goldwater, o problema do Partido Republicano estava exatamente em deixar que as brigas internas impedissem que seus eleitores apoiassem o partido, o que fica claro em seu discurso na convenção republicana, ao qual ele lançou sua campanha:

Nós temos perdido de eleição em eleição porque conservadores republicanos estão furiosos e ficam em casa. Esse país é tão importante para que qualquer homem fique em sua casa somente por não concordar com algo. Vamos crescer conservadores! Vamos, se vocês querem tomar esse partido de volta

²³⁶ Mesmo antes de sua campanha presidencial, Goldwater já se destacava como um dos principais políticos e pensadores conservador dos EUA, seu alcance é perceptível quando se destaca o número de exemplares vendidos de seu livro *The Conscience of a Conservative* que no ano de sua publicação (1960) alcançou a marca de 700.000 copias vendidas e em 1964 já tinha vendido 3.500.000 cópias (entre suas leitoras e entusiasta estava Hillary Clinton).

²³⁷ (MR. CONSERVATIVE: GOLDWATER ON GOLDWATER, 2006).

como eu penso que a gente pode um dia, então vamos trabalhar. (MR. CONSERVATIVE: GOLDWATER ON GOLDWATER, 2006).

Vale destacar que o político conservador construiu sua trajetória no Senado do país²³⁸, defendendo os valores libertários que compreendiam a rejeição do aumento dos gastos do Governo Federal²³⁹, a defesa da liberdade legal dos estados, a diminuição da carga tributária e a defesa da livre concorrência. Somado a isso, o tema do anticomunismo era proeminente na fala do político.

Em consequência a isso, sua plataforma política para a eleição de 1964 foi construída a partir de uma ideia de radicalismo, ou, como argumentou Martin (1996), ela representava a necessidade do político conservador apresentar-se com argumentos totalmente antagônicos aos da plataforma de um candidato liberal e democrata. Seguindo essa direção, Goldwater era a figura mais caricata da política americana do período, trajando roupas de cowboy e defendendo seus argumentos sem se preocupar com os efeitos negativos que sua fala poderia trazer para sua imagem política²⁴⁰.

Para ele, o político deveria estabelecer uma agenda focada em uma parcela específica da população, conseguindo assim o apoio incondicional dela e, conseqüentemente, a discordância extrema de outra. Nesse caso, entendemos que muito da disposição do Partido Republicano em apoiar a campanha de Goldwater foi resultado de uma visível incapacidade de disputar os processos eleitorais sob a sombra dos avanços conseguidos pela política liberal, tão fortemente associada ao Partido Democrata.

A própria aceitação da ideia de conservadorismo vinha em um momento de crescimento, o que ocorria através da ampliação da visibilidade de intelectuais conservadores. Como apontou Nash (1996), eles deixavam de ser vistos como párias e passavam a colaborar e associar sua imagem com a campanha, entre eles: a revista *National Review*²⁴¹, os intelectuais Russell Kirk²⁴² e Harry Jaffa²⁴³ (que ajudaram a preparar alguns discursos para o candidato) e Milton Friedman (que serviu como seu conselheiro econômico). Junto a eles, a candidatura de

²³⁸ Antes de entrar para a política Goldwater era um comunicador em rádios do Arizona e sua entrada na política ocorreu após ele ganhar notoriedade com um filme, ao qual, eles cruzavam o estado Arizona em um barco através das corredeiras, mostrando a beleza natural do estado.

²³⁹ Esses temas são fartamente expostos em Goldwater (1990).

²⁴⁰ Esse posicionamento vinha da crença de que o político deveria enfrentar seus oponentes de peito aberto, defendendo suas ideias e seus valores.

²⁴¹ A *National Review* foi fundada por William F. Buckley Jr. em 1955, sendo desde então uma das principais publicações conservadoras do país. Segundo Nash (1996), o período do início dos anos 1960 marcou a ampliação da circulação da revista que em 1960 era de 30000 exemplares, crescendo para 90000 em 1964, 95000 em 1965 e 100000 no final dos anos 1960.

²⁴² Que escreveu o livro *The Conservative Mind* em 1953.

²⁴³ Importante intelectual conservador.

Goldwater rapidamente cresceu com o apoio de movimentos de ativistas como James Townsend que formou a organização *Citizens' Committee of California*²⁴⁴, na cidade de Anaheim, com o intuito de apoiar a campanha de candidato²⁴⁵.

Para entendermos a obrigatoriedade desse radicalismo, é preciso retomar os motivos da aproximação conservadora com o Partido Republicano. Como argumentamos anteriormente, apesar dos dois partidos não terem grandes diferenças em suas agendas, o *New Deal* atraiu o apoio da maioria da população votante para o Partido Democrata, o que foi aprofundado, em seguida, com a aprovação do *Civil Rights Act*²⁴⁶. Ou seja, o Partido Republicano era dominado por setores que pouco se diferenciavam dos candidatos democratas e crescia em seu interior a ideia de que só existiria a possibilidade de uma vitória eleitoral se houvesse a fomentação de uma identidade conservadora e o enfraquecimento da influência de setores liberais e moderados em seu interior. Ou seja, o Partido Republicano deveria repudiar os seus setores moderados, pois, a moderação na perseguição da justiça não era uma virtude.

Se existia uma crença de que o caminho para a vitória republicana concentrava-se em fortalecer o discurso conservador, ela também significou os motivos para a derrota, ao menos na eleição de 1964, pois, setores liberais no interior do partido, temendo os possíveis rumos que a candidatura de Goldwater poderia trazer, passaram a combatê-la intensamente durante as prévias republicanas. Entre eles destacava-se a figura mais importante da ala liberal/moderada do Partido Republicano do período, Nelson Rockefeller, que disputou as prévias republicanas daquele ano contra Goldwater. Rockefeller mostrava preocupação com essa nova estruturação do partido e percebia que existia um perigo real de subversão realizada por uma minoria conservadora radical, bem disciplinada e bem financiada²⁴⁷. O confronto entre as duas correntes foi tão intenso, que mesmo após a vitória do candidato conservador nas prévias, e com Rockefeller declarando apoio a ele para as eleições, muitos do grupo pró Rockefeller se recusaram a apoiá-lo contra Johnson.

Essa ruptura entre conservadores e liberais no interior do Partido Republicano foi lembrada por Reagan (1990), enquanto ele recuperava as memórias do quão difícil foi a reestruturação do partido após a derrota de Goldwater, especialmente porque, além de, mais

²⁴⁴ Mehlman-Pertzela (2009).

²⁴⁵ Anos após a derrota de Goldwater a organização teve um forte papel nas disputas culturais que ocorreram na cidade.

²⁴⁶ Martin (1996) mostrou que a aprovação do *Civil Rights Act* causou um grande alvoroço nos pastores fundamentalistas, entre eles o pastor Jerry Falwell (que anos depois viria a se tornar a grande liderança do movimento *Moral Majority*) que argumentou que o projeto era uma violação aos direitos humanos e de propriedade privada no país.

²⁴⁷ Martin (1996).

uma vez eles serem derrotados pelo Partido Democrata, eles ainda tiveram que lidar com a profunda divisão entre os setores conservadores que apoiavam Goldwater e a ala liberal.

Somando-se a esses fatores, a campanha presidencial de Barry Goldwater contra Lindon B. Johnson alterou a percepção sobre a maneira como uma parcela significativa da população enxergava o Partido Republicano e abriu caminho para que ocorresse a ampliação da influência de setores conservadores no *GOP*²⁴⁸. É importante termos em mente, que em pouco mais de dois anos a trajetória política dos dois principais partidos fez com que eles distanciassem suas agendas e, principalmente, alterou a imagem que a população tinha deles.

Pensando propriamente em termos eleitorais, o grande diferencial da campanha de Goldwater estava na maneira de mobilizar os eleitores, que trazia consigo uma nova ideia de financiamento e de contato com o eleitor. Crawford (1980) afirmou que Goldwater foi o primeiro candidato a financiar uma campanha em larga escala através da utilização de malas diretas, ao qual, sua equipe enviou mais de 15 milhões de pedidos doações de fundos para a campanha, conseguindo receber 380.000 respostas com contribuições de 100 dólares cada. Essa nova maneira de arrecadar acabou se tornando a base para as futuras estratégias de financiamento em campanhas vencedoras do partido, contudo, ela não foi suficiente para conseguir eleger o político conservador. A questão é que, embora derrotado, a campanha de Goldwater conseguiu ser vitoriosa em cinco estados que compunham o *Deep South*²⁴⁹, sendo derrotada em apenas um²⁵⁰, o que direcionava o partido a procurar ampliar ainda mais sua base eleitoral na região.

Somado a esses avanços, a campanha presidencial de 1964 trouxe uma mudança nas corridas eleitorais que passaram a ampliar o enfoque na ridicularização e nos ataques diretos entre os candidatos (o que pode ser explicado como resultado da utilização da televisão nas campanhas eleitorais²⁵¹). Essa transformação ficou marcada na história dos EUA²⁵²,

²⁴⁸*Grand Old Party* maneira como o Partido Republicano é conhecido.

²⁴⁹ Existem duas leituras diferentes dos estados que compõe o *Deep South*, uma coloca os estados Alabama, Geórgia, Luisiana, Mississippi e Carolina do Sul e a segunda parte dos estados confederados (durante a guerra civil) acrescentando aos cinco estados anteriores citados a Flórida e o Texas.

²⁵⁰ Phillips (2006).

²⁵¹ A primeira eleição com campanhas na televisão foi realizada no embate entre o republicano Dwight D. Eisenhower e o democrata Adlai Stevenson em 1956 e o primeiro debate eleitoral televisionado ocorreu durante a disputa eleitoral entre John F. Kennedy e Richard Nixon em 1960. Webley (2010) mostrou que os reflexos desse debate eleitoral sobre a campanha daquele ano, ao qual, Nixon apresentou-se incrivelmente magro e pálido, recuperando-se de uma hospitalização, e Kennedy como um debatedor calmo e corado, o que fez Kennedy o vencedor do debate, deixando uma imagem que o fez vencer a disputa eleitoral, mesmo sendo derrotado nos debates posteriores.

²⁵² Os ataques democratas a Goldwater foram tão intensos que dissuadiram o político conservador de participar de futuras disputas presidenciais e o fizeram, no dia seguinte a sua derrota, pedir desculpa pela estratégia de campanha dos seus adversários.

principalmente, porque as fortes ideias do candidato conservador estavam em rota de colisão com os ideários da nova geração que vivia seu auge no período. Como exemplo disso, destaca-se o debate em torno da questão a respeito dos testes nucleares, ao qual, a propaganda democrata apostou no medo da população com a possibilidade de uma guerra nuclear e preparou uma série de comerciais que assinalavam que Goldwater havia votado contra o tratado de banimento deles²⁵³. Entre eles, estava o famoso comercial que mostrava uma pequena garota loira colhendo flores em um belo jardim e sendo interrompida por uma contagem regressiva e uma grande explosão nuclear²⁵⁴.

É importante esclarecer que apesar da campanha eleitoral de 1964 ter sido profundamente agressiva, e muitos dos republicanos pró-Goldwater acusarem os artificios democrata de serem desleais, muitas das críticas democratas ao candidato realmente tinham seu lugar. Como argumentaram Carrol e Noble (1988), Goldwater realmente defendia o uso de armas nucleares quando necessário, o que pode ser facilmente percebido no exemplo envolvendo a Guerra do Vietnã, ao qual, o político conservador declarou que os EUA não deveriam envolver-se em uma guerra como a da Coréia e que ele estaria disposto a, até mesmo, usar armas atômicas para vencer a disputa de maneira definitiva.

Outra questão, extrapolada pela campanha de Johnson e que colaborou com a mudança na maneira que a população enxergaria o Partido Republicano, refletia, exatamente, os ideias de seu trabalho como senador, sobretudo, devido ao seu posicionamento antagônico aos direitos civis, ao qual, estava a consideração de que apesar da discriminação ser algo errado, não era papel do governo ditar regras sobre a liberdade de conduta privada²⁵⁵, o que fez com que Goldwater fosse um dos oito senadores a votar contrariamente ao *Civil Rights Acts* de 1964.

Essa contrariedade de Goldwater ao *Civil Rights Acts* tinha sua origem centrada em argumentos que defendiam o federalismo e estava alicerçada na disputa histórica sobre quais seriam as atribuições do Governo Federal. Contudo, se para o político conservador a questão pautava-se na ideia de que o Governo Federal não teria autoridade regulatória sobre questões como emprego e acomodações públicas, para seus adversários, durante a campanha eleitoral, essa contrariedade rapidamente tornou-se um dos motivos para que ele fosse acusado de racista e, em determinados momentos, de lunático, de inimigo da segurança social e de defensor da *Klu Klux Klan*.

²⁵³Martin (1996).

²⁵⁴O comercial aparece de forma integral no documentário MR. Conservative: Goldwater on Goldwater (2006).

²⁵⁵Buchanan (in Goldwater, 1990).

A propaganda democrata rapidamente jogou os movimentos pelos direitos civis contra o candidato e, mesmo com Roy Wilkins (diretor executivo da NAACP²⁵⁶) defendendo que ele não acreditava que Goldwater era racista e que ele apenas estava defendendo que o Governo Federal não podia decidir pelos estados, o candidato passou a ser duramente atacado pelos jornais e a ser alvo das manifestações populares (entre elas uma grande marcha em Washington). Esse antagonismo à Goldwater fez com que muitos republicanos ligados a ala mais liberal do partido se transferissem para o partido rival.

De forma conclusiva, a campanha de Goldwater, mesmo com a vitória avassaladora de Johnson (com aproximadamente 62% dos votos), trouxe à tona as reivindicações de setores conservadores da sociedade americana, sendo assim, a tentativa embrionária de se chegar ao poder por parte deles. Garcia (2012) acrescentou que a campanha quixotesca de Goldwater deu esperança aos conservadores, como exemplo disso, ele citou o exemplo de Steve Bartlett²⁵⁷, fundador do primeiro *Young Republican Club*²⁵⁸ em Oak Cliff/Dallas, e que, no dia seguinte ao resultado da disputa eleitoral, desfilou na *Kimball High School*²⁵⁹ com um emblema que marcava o número 27, para lembrar a todos que Goldwater tinha conseguido 27 milhões de votos.

Dessa forma a campanha de Goldwater mostrou que seria possível governar o país, ou, ao menos, que era possível romper a dominância liberal impedindo os crescentes avanços do liberalismo na sociedade. Para isso, era preciso explicar que existia um projeto conservador e que, embora virtualmente invisível, ele se diferenciava e muito do liberal.

Nesse sentido, o segundo tema abordado nessa passagem de nosso capítulo refere-se a participação dos estudantes no movimento. Vale destacar que embora isolados nas universidades estadunidenses, durante os anos 1960, a juventude conservadora conseguiu construir uma resistência ao domínio liberal. A questão aqui parte de demonstrar como eles se organizavam, sobretudo, tentando compreender como era sua atuação dentro de um ambiente hostil as suas ideias. Para isso, destacamos a importante leitura sobre o tema realizada por Caroline Rolland-Diamond (in HURET (org.) 2008) que destacou a mobilização da *Young Americans for Freedom* (YAF). Esse trabalho é importante para nossa análise sobre o novo conservadorismo por demonstrar como se moldou uma estratégia de resistência, que partiu do quase ostracismo para uma posição de domínio na década seguinte. Pela averiguação da

²⁵⁶ *National Association for the Advancement of Colored People.*

²⁵⁷ Bartlett foi congressista pelo Partido Republicano de 1983 até 1991.

²⁵⁸ Grupo de estudantes ativistas a favor da campanha de Goldwater.

²⁵⁹ Escola de segundo grau onde estudava.

autora, os estudantes conservadores atuavam com uma agenda profundamente diferente da maioria dos estudantes:

... A luta ativa contra o comunismo e o engajamento americano no sudoeste asiático, a defesa dos valores morais, éticos e religiosos tradicionais e a redução drástica do papel do Estado. Muito minoritários nos Campi, esses jovens deviam afrontar um ambiente *a priori* hostil a suas ideias, os universitários eram a essa época largamente dominados pelas ideias liberais. (ROLLAND-DIAMOND (in HURET (org.) 2008, p.37).

Esses jovens participaram ativamente da campanha de Barry Goldwater em 1964 e estavam presente em larga escala em organizações que foram formadas no interior dos campi mais conservadores. Entre elas destaca-se a criação da YAF (fundada no outono de 1960 na casa de Willian F. Buckley Jr.²⁶⁰ por tradicionalistas e libertários), ao qual, de acordo com a autora, possuía ambições estritamente políticas que consistiam na reconquista conservadora do país.

É importante destacar que a organização estudantil não se opunha totalmente a igualdade de direitos cívicos para os afro-americanos do país (eles consideravam a questão como um direito individual fundamental), contando com uma grande quantidade de delegados afro-americanos. Contudo, a partir da radicalização dos movimentos pelos direitos civis no final dos anos 1960, a YAF passou a interpretar os movimentos como uma tentativa de desestabilizar o país a favor dos interesses do inimigo soviético²⁶¹. Assim, seu papel central durante o início da década de 1970 era o suporte a campanha no Vietnã e a luta contra o comunismo²⁶².

A importância da *Young American for Freedom* é notada porque a partir de sua mobilização²⁶³ e das disputas no interior da organização (principalmente entre tradicionalistas e libertários) originou-se uma grande quantidade dos quadros conservadores existentes na atualidade, entre eles: a *American Conservative Union* (fundada em 1964 por Buckley), o Partido Libertário (1971) e o *The Conservative Caucus* (fundado em 1974 por Howard Phillips). A organização permanece ativa após ter sido inserida ao projeto *Young America's Foundation*²⁶⁴ e argumenta ter como missão ampliar o número de jovens americanos inspirados pelas ideias de liberdade individual, forte sentimento de defesa nacional, crença na

²⁶⁰ Nash(1996) apontou que o movimento foi criado dois anos antes da *Students for a Democratic Society* (principal organização estudantil da esquerda estadunidense) e disputou com eles a dominância das ideias entre os estudantes universitários.

²⁶¹ Rolland-Diamond (in HURET (org), 2008).

²⁶² http://www.yaf.org/yaf_history.aspx?terms=young%20american%20freedom

²⁶³ Durante sua história eles se mobilizaram em uma grande variedade de temas como os *Youth for the Voluntary Prayer Amendment* e a *Student Committee for the Right to Keep and Bear Arms*.

²⁶⁴ <http://www.yaf.org/#>.

livre iniciativa e nos valores tradicionais, junto a isso, ela desenvolve projetos como o *Reagan Ranch* (em Santa Barbara/Califórnia), onde, jovens aprendem a dar valor as grandes conquistas do líder Republicano.

Esses dois primeiros eventos tiveram grande influência na crescente visibilidade de Ronald Reagan na política republicana e em sua futura eleição para o governo da Califórnia, em 1966. Inusitadamente, a trajetória do político conservador teve princípio no Partido Democrata, onde, Reagan despontou como um anticomunista e entusiasta do *New Deal* ao presidir, entre 1947 e 1957, a associação dos atores. Porém, ele foi alterando seu posicionamento político ao trabalhar para a *General Electric* de 1954 até 1962²⁶⁵.

Em 1964, Reagan participou ativamente da campanha de Goldwater²⁶⁶, organizando jantares de arrecadação de fundos e usando sua habilidade como comunicador em um famoso discurso televisivo (*A Time for Choosing*), realizado no dia 27 de outubro de 1964. Nele, Reagan apoiava o candidato e reforçava a luta contra o comunismo e os excessivos gastos governamentais²⁶⁷.

Em menos de dois anos após o apoio à Goldwater, Reagan rapidamente despontou como o candidato republicano para a disputa ao governo do estado da Califórnia, o que foi reforçado pela sua profunda impregnação dos “valores americanos” como religião, esportes, mitos e cinema²⁶⁸. A questão aqui é que, após a derrota de Goldwater, comentaristas como Chet Huntley²⁶⁹ e James Reston²⁷⁰ defendiam a ideia da morte do conservadorismo, vendo os ativistas do candidato republicano como um bando de malucos de direita. Nesse clima, para o Partido Republicano, Reagan despontava como uma estrela ascendente, já que, conseguia as ideias conservadoras e ter um acesso muito maior aos grupos mais moderados²⁷¹, devido à sua imagem e habilidade como ator e comunicador.

Em sua campanha, Reagan defendia a retomada da ordem como resposta as revoltas estudantis em Berkeley²⁷², nesse sentido, sua vitória em uma disputa contra o tradicional

²⁶⁵ Segundo Dallek (2004), em 1960, apesar de ainda registrado ao Partido Democrata, Reagan apoiou a campanha de Nixon contra John Kennedy, transferindo seu registro para o Partido Republicano em 1962.

²⁶⁶ Reagan (1990) narrou que tinha conhecido Goldwater anos antes e que seu livro *The Conscience of a Conservative* continha muitos dos mesmos pontos que ele vinha defendendo em seus discursos pela GE, o que o fazia acreditar que o país precisava de Goldwater.

²⁶⁷ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qXBswFfh6AY>>.

²⁶⁸ Pela leitura de Vincent (1997).

²⁶⁹ Huntley foi um famoso âncora da NBC.

²⁷⁰ Reston foi jornalista do *The New York Times*.

²⁷¹ Segundo Dallek (2004).

²⁷² Dallek (2004) explicou que Brown havia feito um grande esforço para transformar a Universidade de Berkeley em um grande polo educacional. Após as revoltas estudantis na universidade e do impasse envolvendo as negociações em torno da retomada do campus, o político democrata ordenou a invasão policial

político democrata Pat Brown²⁷³ ocorreu devido ao enfraquecimento da aprovação da administração do então governador democrata, o que foi provocado pelo rompimento do apoio das exaltadas minorias à Brown.

A disputa pelo governo da Califórnia em 1966 é peculiar por representar uma espécie de microcosmo do movimento de transformação da própria esquerda estadunidense e que pode ser descrito como: a mudança da defesa de um projeto reformista para a tentativa de um projeto revolucionário²⁷⁴.

Nesse sentido, Dallek (2004) nos mostrou que Brown tinha construído sua trajetória política, ampliando a tradicional coalisão democrata composta por trabalhadores e minorias, do mesmo modo, ele empenhava-se na aprovação de programas de combate à corrupção e programas sociais, com o intuito de fazer sua própria versão da guerra contra a pobreza²⁷⁵. No entanto, com as dificuldades para controlar as revoltas populares no estado e a sua opção pelo uso da força contra os movimentos estudantis, ele chegou enfraquecido à campanha contra Reagan.

O quarto tema destacado nessa passagem do nosso terceiro capítulo, é a questão das disputas envolvendo as mudanças no conteúdo educacional, que tem sua relevância, especialmente, por abrir espaço na participação política para a mobilização dos religiosos²⁷⁶ e das mulheres conservadoras²⁷⁷. O destaque dado ao papel das mulheres é remarcado, pois, no ideário da construção da família conservadora americana existia uma clara distinção entre os papéis de homens e mulheres, ao qual, dividiam-se as responsabilidades sociais dos gêneros a partir de inspirações na estrutura social do velho oeste²⁷⁸. Assim, o homem ocuparia o papel

que resultou em uma sangrenta batalha e teve como consequência a ruptura dos movimentos pelos direitos civis com o governador democrata.

²⁷³ Brown era o governador que tentava a reeleição e um dos grandes campeões do Partido Democrata. Segundo Dallek (2004) Brown iniciou sua carreira no Partido Republicano e migrou para o Partido Democrata em 1934.

²⁷⁴ Sousa (2009) nos mostrou como a *New Left* passou por um processo de radicalização durante os anos 1960.

²⁷⁵ Brown tinha grande simpatia com os movimentos pelos direitos civis e acreditava que poderia trazê-los para o debate no interior do governo, o que possibilitaria o término decisivo das correntes conservadoras no estado. Aqui também é interessante destacar que até 1963 a Califórnia pouco sofria com os efeitos das explosões sociais oriundas desses movimentos (os estados que passavam por um maior número de revoltas populares no período eram Mississippi, Alabama e Geórgia).

²⁷⁶Esse momento causou desconforto a grande parte dos conservadores dos anos 1950 e 1960, visto que, até então a ideia de conservadorismo consistia em características libertárias e eles não viam com bons olhos a inclusão de temas socioculturais nos debates do Partido Republicano.

²⁷⁷ Crawford (1980) percebeu que, o período entre os anos 1960 e 1970 marcou uma significativa entrada das mulheres no mundo da política conservadora.

²⁷⁸A expansão para o Oeste é um símbolo profundamente poderoso para o imaginário dos EUA como país, nele se inserem a crença da constante expansão das fronteiras, do fortalecimento do caráter através da disputa contra um meio agressivo e da valorização do pioneiro como o homem disposto a sempre avançar em direção ao desconhecido.

de protetor das fronteiras contra as ameaças externas, seria responsável pela manutenção da lei e da ordem e pelo desenvolvimento da economia a partir da livre competição. Já as mulheres, por sua vez, trabalhariam zelando pela educação das crianças, acompanhando o desempenho e conteúdo das escolas, participando ativamente da vida religiosa e mantendo a vigilância do lar e da vizinhança.

Essa estrutura social manteve-se praticamente inalterada em alguns subúrbios americanos até os anos 1950, o que fazia com que a participação das mulheres na vida social americana estivesse muito mais ativa em questões sociais e cívicas “particularmente as que se relacionam com educação, saúde e filantropia” (MILLS, 1981, p.57).

Pensando a partir dessa construção, o papel do “guerreiro cultural” seria atribuído na estrutura da nova direita, como uma tarefa destinada às mulheres, aos ativistas e autoridades religiosas conservadoras. O fato é que, ao nos debruçarmos sobre os acontecimentos catalizadores das batalhas culturais, no período entre 1960 e 1970, percebemos uma presença marcante desses grupos, como os exemplos de Eleanor Howe, Anita Bryant²⁷⁹, Phyllis Schlafly²⁸⁰ e Alice Moore²⁸¹ e dos reverendos e pastores como Jerry Falwell, Billy James Hargis e Robert Grant.

Conforme a análise de Crawford (1980), essas mulheres levantaram-se contra as feministas, os liberais, a comunidade acadêmica, as minorias, os residentes dos grandes centros urbanos e a mídia com o intuito de anular o crescimento na sociedade de visões de mundo mais liberais do que as delas. Como argumentou o autor, isso teve como resultado o início de uma série de disputas, ao qual, “ambos os lados estariam competindo pela alma da América”. Assim, é importante destacar que, quando nos debruçamos sobre o tema da Guerra Cultural, claramente percebemos que essas batalhas culturais se deram em torno de questões educacionais, relacionadas, sobretudo, em torno da temática da educação sexual, da aceitação da homossexualidade e da legislação que impedia a realização de orações nas escolas.

A função de acompanhamento das mulheres à educação de seus filhos foi fundamental para que possamos entender os gatilhos que deflagraram as batalhas culturais, assim, mobilizaram-se para combater mudanças educacionais que aos seus olhos pareciam impedir o

²⁷⁹ Anita Bryant é uma cantora que em 1977, utilizando-se de sua visibilidade, liderou a coalizão *Save Our Children* (em *Dade County*, Flórida) contra a aprovação da legislação que proibia a discriminação com base na orientação sexual, conseguindo anulá-la por uma margem de 69 contra 31 votos. A campanha de Bryant espalhou-se por vários estados, perdendo força quando os ativistas homossexuais passaram a boicotar o consumo de suco de laranja, fazendo com que os produtores financiassem a luta contra a campanha de Bryant. A ativista continua ativa em sua luta acerca de temas culturais, o que pode ser observado pelo conteúdo em seu site (<http://www.anitabmi.org/3.html>).

²⁸⁰ Ativista criadora do *Eagle Forum*.

²⁸¹ Ativista contra a educação sexual.

bom desenvolvimento moral de seus filhos. Os resultados dessa mobilização acabaram direcionando-as para tentativas de obter o controle dos conselhos educacionais, e conseqüentemente, sobre o conteúdo educacional das escolas do país²⁸². Para Crawford (1980) essa estratégia adotada pela nova direita foi tão bem realizada que, no período entre 1963 até 1978, 78% do material escolar passou por algum tipo de censura realizada pelo *National Council of Teachers of English*²⁸³.

Entre essas disputas, a batalha de Anaheim pode ser vista como um dos epicentros das batalhas culturais contemporâneas. A rusga ocorreu em torno da inserção de um projeto para o ensino de educação sexual na *Anaheim Union High School District* em 1961²⁸⁴, pela enfermeira Sally Willians e pelo superintendente Paul Cook. Martin (1996) debateu que o início dos anos 1960 marcou uma série de iniciativas de implantação da educação sexual nas escolas públicas, entretanto, ao mesmo tempo, essas transformações motivaram a crítica de inúmeros pais, jornalistas e líderes religiosos do país.

A crise de Anaheim teve seu início em 1968, quando Willians, em posição contrária a vontade dos pais, recomendou que as classes de educação sexual não fossem segregadas por critérios sexuais, ou seja, garotos e garotas deveriam ser expostos ao mesmo tipo de material sobre comportamento sexual. Pela leitura de Winters (2009), o objetivo do programa consistia em fazer com que as crianças decidissem o que era certo e errado a partir de seus próprios julgamentos, abandonando assim as categorias morais tradicionais. Para isso, foi defendida a utilização de um conteúdo que, em alguns momentos, era bastante explícito.

No outro lado da disputa, como vimos anteriormente, existia um esforço da classe média para esconder a sexualidade feminina no interior de seus lares. Assim, o novo ensino sexual passou a incomodar os pais quando os alunos começaram a conversar em casa sobre os temas aprendidos nas aulas. A figura chave para o início da disputa foi a conservadora católica Eleanor Howe que ao conversar com seus filhos gêmeos, em um jantar em 1968, descobriu que eles vinham sendo expostos a esse conteúdo educacional.

Martin (1996) descreveu que Howe fotocopiou os livros que possuíam conteúdos que incluíam visões positivas sobre a masturbação e que, no entendimento dela, encorajavam o não sentimento de culpa em relações sexuais com animais e colocou-os em um único texto, o *Adult Bulletin*. Em seguida, ela distribuiu o material a um grupo de mães para que ele fosse

²⁸²Várias organizações relacionadas a saúde e a educação no período passaram a publicar endossando a ideia da necessidade de se estabelecer o ensino da educação sexual nas escolas como a *National Education Association* e a *American Medical Association*.

²⁸³ <http://www.ncte.org/>.

²⁸⁴O novo programa foi finalmente aprovado e implantado em 1965.

difundido na comunidade. O que mais enfureceu Howe foi o fato de que os livros em momento algum tratavam de questões como o amor, o casamento ou os valores que ela acreditava. Esse choque causado pelas transformações na sociedade foi também percebido por Nash (1996) como responsáveis pelo surgimento dos movimentos da nova direita no país:

...a nova direita era essencialmente o produto dos traumas experimentados pelas pessoas comuns na vida cotidiana. Essa angustia era que os pais estavam descobrindo que vinham sendo oferecidas camisinhas nas escolas para suas crianças, vinham sendo ensinadas que comportamento homossexual era apenas outro estilo de vida, e eram instruídas de que as normas bíblicas de certo e errado eram “relativas”, “sexistas”, e “homofóbicas”. Sobre tudo, os conservadores religiosos auferiam seu fervor para um contínuo conflito contra o que a maioria deles considerava a abominação suprema de seu tempo: a legalização do aborto, a prática que de 1973 até a metade da década de 1990 tomou a vida de mais de 30.000.000 crianças americanas não nascidas. (NASH, 1996, p.331).

Voltando a questão da batalha de Anaheim, destacamos que a reação dos pais ao currículo ocorreu quase que imediatamente após a distribuição do *Adult Bulletin*. Resultando em uma multidão, em sua maioria formada por mulheres religiosas, que iniciaram batalhas contra o currículo do programa FSLE, participando das reuniões do conselho escolar, lançando candidaturas e vencendo as eleições para o conselho escolar. O método adotado pelos *Antis*²⁸⁵ para tomar o controle do conselho escolar de Anaheim, pautava-se na mobilização dos conservadores, o que resultou, na eleição de abril de 1969, na conquista de duas das três vagas abertas para o conselho, em uma eleição em que dos 100.000 votos eletivos apenas 14.250 compareceram às urnas²⁸⁶.

Martin (1996) expôs que uma das primeiras medidas do novo conselho, após a eleição, foi proibir que os instrutores do programa falassem ou o defendessem publicamente, logo em seguida, foi providenciada a demissão de Sally Willians. O movimento dos *Antis* de Anaheim continuou expandindo-se por todo o estado, a ponto de pressionar o superintendente estadual a retirar o programa do SIECUS²⁸⁷ de suas escolas, mesmo com a permissão de 80% dos pais para que seus filhos tivessem acesso ao conteúdo do programa²⁸⁸.

A forma de mobilização vencedora em Anaheim mostrou que os setores conservadores poderiam realizar ou impedir transformações na sociedade através da mobilização de pessoas dispostas a batalhar em defesa de um ideal. O exemplo de Anaheim foi seguido por outras

²⁸⁵Nome pelo qual ficou conhecido o movimento.

²⁸⁶ Martin (1996).

²⁸⁷ Sexuality Information and Education Council of the United States, <http://www.siecus.org/>.

²⁸⁸ Martin (1996) citou que o superintendente Cook tinha estimado que não mais que 25 pessoas ajudadas pelo *The Anaheim Bulletin* (jornal local) foram capazes de frustrar a vontade da maioria, através de uma eficiente organização e táticas inescrupulosas.

idades como Camarillo, Bakersfield e Huntington Beach, onde, grupos conservadores pressionaram os conselhos educacionais. Não obstante, foi em St. Albam²⁸⁹ um subúrbio industrial em Kanawha County, Charleston (Virgínia Ocidental), já no início da década de 1970, que os eventos ocorridos de Anaheim levaram à resultados mais explosivos.

Quando entrevistamos o pastor Jim Lewis²⁹⁰, ele descreveu algumas características do estado facilitariam a origem de conflitos, pois, a Virgínia Ocidental somente foi formada após a Guerra Civil, a partir de uma divisão do estado da Virgínia. Isso fez com que o estado fosse profundamente dividido, mantendo em uma de suas partes características sulistas com a influência dos antigos proprietários de escravos e a outra, com uma maior pobreza, constituída por não proprietários de escravos. Historicamente, o estado teve muitos conflitos trabalhistas devido à grande quantidade de minas de carvão, o mais marcante deles foi a batalha de *Blair Mountain* no início do século XX, onde, após uma série de movimentos trabalhistas liderados delate *United Mine Workers of the América* as tropas do exército atacaram a resistência formada pelos grevistas e realizaram um massacre. O fato é que a crescente divisão social e cultural somado a pobreza no estado favoreceram o que ficou conhecido como *Textbook War*.

Nele, Alice Moore (esposa de um ministro fundamentalista), ao saber sobre os acontecimentos de Anaheim, decidiu ir ao conselho de educação local para analisar o material escolar oferecido aos seus filhos. Mais uma vez, ocorreu o choque entre conteúdo educacional oferecido pela escola e a perspectiva cristã fundamentalista, o que fez com que Moore procurasse o superintendente de educação Walter Snyder e questionasse o uso do material. Contudo, como os currículos haviam sido aprovados pelo *U.S. Office of Education* e pelo *Curriculum Advisory Committee*, o supervisor disse que não poderia impedir a utilização dele²⁹¹.

Após procurar apoio em vários grupos conservadores da região, a conservadora optou por concorrer na eleição do conselho de educação local, vencendo a disputa através de uma campanha eleitoral, ao qual, foram alugados 70 *outdoors* e comprado espaço nos jornais locais (algo que nunca havia sido feito em uma eleição para o conselho educacional²⁹²). Novamente a estratégia de mobilização conservadora fez efeito, dando a vitória para Moore nas eleições. Conseqüentemente, após eleita a ativista passou a utilizar seu cargo para tentar

²⁸⁹ Nas décadas de 1950 e 1960 haviam sido fechadas dezenas de escolas rurais na região de St. Albam o que fez com as crianças das áreas rurais entrassem em contato com a cultura urbana.

²⁹⁰Lewis (2013).

²⁹¹ Martin (1996).

²⁹²Martin (1996) apontou que muitos dos concorrentes de Moore a acusaram de ter recebido suporte da John Birch Society em sua campanha.

barrar o conteúdo educacional que considerava inadequado, criando um crescente conflito no conselho educacional. Essa disputa acabou agravando-se quando, no dia 12 de março de 1974, o *English Language Arts Textbook Committee* implementou a utilização de 325 livros e livros textos para serem utilizados pelas escolas da região²⁹³, o que motivou uma grande revolta por parte de setores conservadores locais.

Como resultado imediato, o superintendente de educação foi substituído por Kenneth Underwood, entretanto, as disputas em torno do material continuaram se avolumando com a constante rejeição de Moore à lista de leitura²⁹⁴ proposta para a aula de língua inglesa²⁹⁵, o que acabou chamando a atenção de organizações tanto de cunho conservadoras quanto liberais e motivou a formação de dois grupos rivais a *Christian-American Parents* e a *Non-Christians Americans Parents*, que estabeleceram manifestações durante as reuniões do conselho educacional e iniciaram uma série de confrontos, greves²⁹⁶ e boicotes na região.

O fato é que o movimento acabou se radicalizando, ocorrendo ataques vindos dos dois lados, que resultaram em carros queimados, ameaças com armas de fogo a lideranças dos dois lados da disputa e atentados contra escolas e ônibus escolares (muitos deles realizados na presença das crianças). Martin (1996) acrescentou que, ao mesmo tempo em que, o conflito se avolumava, pastores fundamentalistas (entre eles os reverendos Marvin Horan, Avis Hill, Ezra Graley e Charles Quigley²⁹⁷) e liberais como o exemplo do reverendo Jim Lewis passaram a se tornar figuras importantes em meio à disputa, o que fazia com que, a cada dia, o conflito se caracterizasse por uma batalha entre setores progressistas contra setores fundamentalistas²⁹⁸.

Outra importante constatação é que, da mesma forma que, a “Guerra Cultural de Kanowha County” fazia despontar lideranças em meio aos dois lados da disputa local, a repercussão do evento passou a atrair uma grande variedade de aliados externos, que chegavam a cidade dispostos dar suporte financeiro, legal e físico para os manifestantes dos dois lados da disputa. Entre eles destacou-se a presença da *Heritage Foundation* que ofereceu suporte legal em favor dos pais que desejavam retirar seus filhos das escolas e educar eles em casa, além de,

²⁹³ Os textos que faziam parte do novo currículo estadual traziam pela primeira vez referência ao multiculturalismo e ao igualitarismo.

²⁹⁴ Entre os livros estava a bibliografia de Malcolm X e o livro *Soul on Ice* (escrito pelo membro do grupo Panteras negras Eldridge Cleaver).

²⁹⁵ O medo dos pais conservadores no período era que seus filhos fossem influenciados pelas mudanças que a cultura urbana e as minorias traziam para a língua inglesa.

²⁹⁶ Os mineiros da região entraram em greve em apoio ao movimento contra os livros.

²⁹⁷ Ao participarem das mobilizações eles acabaram sendo presos e adquiriram status de mártires para seus seguidores.

²⁹⁸ O que ficou claro quando as lideranças anti-livros rejeitaram a aproximação da *Ku Klux Klan* alegando que a nova direita religiosa que surgia na América era totalmente direita da direita política do país.

também auxiliar na libertação dos pastores fundamentalistas e manifestantes presos durante os tumultos²⁹⁹. Junto a ela, outros grupos também apoiaram as mobilizações, entre eles temos: a *Parents of New York United* (que propagou nacionalmente o movimento), a *John Birch Society*, a *Hard Core Parental Group* e a *The Guardians of Traditional Education*.

Os tumultos apenas chegaram ao seu final após o aumento do efetivo policial do estado da Virginia Ocidental na região e após, em 17 de janeiro de 1975, um grande júri identificar o pastor Marvin Horan e cinco outros manifestantes como conspiradores da tentativa de explosão de duas escolas elementares e de outro prédio do conselho de educação, o que resultou na prisão e no conseqüente julgamento dos envolvidos³⁰⁰.

Em nossa entrevista com Jim Lewis³⁰¹, o pastor declarou que a revolta chegou ao ponto da população voltar sua ira contra ele, o que se agravou após ele abençoar o relacionamento de um casal homossexual³⁰². Jim passou a ser constantemente insultado e cuspidado nas ruas da cidade, sendo também chamado de comunista e anticristo. Ao fazer um balanço sobre a sua relação com as pessoas que participaram dos eventos, ele declarou que procurava interceder estimulando o diálogo entre os lados polarizados do conflito, visitando e confortando os pastores conservadores presos. Hoje, anos após os conflitos, muitos dos envolvidos mudaram suas opiniões, deixando de lado o radicalismo, o que é reforçado por ele ao afirmar que as pessoas mudam. Nesse sentido, mesmo o pastor se diz menos radical do que era no período, pontuando que o principal motivo para o conflito era o fato das pessoas terem medo das mudanças.

A questão é que durante o desenrolar dos eventos, a aparente vitória do movimento a favor do uso dos livros, somente se consolidou após o endurecimento das autoridades locais que passaram a prender os principais inimigos do material, contudo, mesmo após o término das manifestações a maioria das escolas locais e, até mesmo, escolas de outros estados preferiram deixar de lado a utilização do material com medo de novas manifestações. A consequência dessa disputa foi tão marcante que mesmo com a calma após o término da disputa, pode-se perceber que o sentimento de rancor em torno das mudanças educacionais não se dissipou e pode ser facilmente observado quando, durante o aniversário (em 2009) de 35 anos do mês mais violento do conflito, alguns pastores fundamentalistas ainda apontavam

²⁹⁹ Outros grupos também apareceram para dar apoio aos conservadores entre eles temos a *Parents of New York United* (que propagou nacionalmente o movimento), a *John Birch Society*, a *Hard Core Parental Group* e a *The Guardians of Traditional Education*.

³⁰⁰ Horan foi sentenciado a três anos de prisão.

³⁰¹ Junto com Ariel Finguerut.

³⁰² Ele defendeu que, como um membro da igreja, não podia dar as costas a pessoas que o procurassem pedindo o apoio de Deus.

as mudanças do conteúdo educacional do período como uma das causas dos problemas das escolas na atualidade, ou, como podemos perceber a partir da fala de Hill:

Nossas escolas estão repletas de violência, armas, drogas, álcool e professores abusando de alunos. O fato é que, por mais triste que isso pareça, as galinhas voltaram para o poleiro. O que eles ensinaram 35 anos atrás está acontecendo nas escolas. Vocês destruíram todo um grupo de crianças. (HILL apud Finn, 2009).

Somado as batalhas em torno do conteúdo escolar, o período também marcou o surgimento das disputas com relação ao aborto e a guerra contra a pornografia e aos movimentos em defesa dos direitos dos Homossexuais. Quanto ao aborto a temática começou a ganhar força em movimentos como a *Planned Parenthood*³⁰³, a *National Organization for Woman*³⁰⁴ e a *American Civil Liberty Union*³⁰⁵(ACLU) em meados da década de 1960 porém, o apoio ao tema dentro dessas organizações não era de maneira alguma uma unanimidade e, ainda, causava uma grande variedade de disputas.

Como exemplo disso, Walker (1990) explicou que a ACLU passou a ter o tema do aborto em sua pauta (sob a indicação da ativista Harriet Pilpel³⁰⁶) em 1964, mas existia a preocupação de que, se suportasse o aborto, a organização perderia o apoio de importantes aliados. Somente a partir da aprovação em 1966 de uma lei de reforma sobre o aborto em Nova York que a organização passou a intervir mais diretamente sobre o tema, participando das primeiras batalhas legais a partir de 1967 e 1968.

Para o autor, esse momento de dúvida sobre o apoio ao aborto por parte das organizações ditas liberais representou a própria transformação da opinião pública sobre o tema, ao qual, em 1968 uma pesquisa do *Gallup* apontava que apenas 15% dos americanos apoiavam a liberação de leis que legalizassem o aborto, já em 1969 esses números passaram para 40% e em 1972 chegaram a um total de 64% dos entrevistados. Junto ao crescimento do apoio popular, dezessete estados revisaram suas legislações sobre o aborto entre os anos 1961 e 1971 (entre eles o Colorado, a Carolina do Norte e a Califórnia que permitiram o aborto em casos de risco da saúde física e mental da mãe³⁰⁷).

³⁰³ Segundo seu site oficial <<http://www.plannedparenthood.org/>> a *Planned Parenthood* foi criada em 1916.

³⁰⁴<<http://www.now.org/>>.

³⁰⁵<<https://www.aclu.org/>>.

³⁰⁶ Pilpel participou da ACLU e da *Planned Parenthood*, atuando em temas como o direito ao controle de natalidade e pró-aborto.

³⁰⁷O que mais perturbava os contra o aborto era que a extensão do debate para a saúde mental da mãe acabava se tornando tão abrangente que praticamente liberava o aborto para qualquer mulher que decidisse fazê-lo.

3.2 De Nixon a Carter, da ascensão do Partido Republicano ao poder a crise na confiança nos políticos do país. Os motivos que levaram à organização da direita religiosa.

É importante destacar que em meio ao começo dessas batalhas culturais ocorreram duas importantes eleições presidenciais a de 1968 e a de 1972. As eleições de 1968 foram marcadas pela disputa entre o enfraquecido Hubert Humphrey³⁰⁸ (escolhido candidato democrata após o assassinato de Robert Kennedy³⁰⁹ e das violentas manifestações que ocorreram na Convenção Democrata de Chicago) e o prestigiado Richard Nixon que havia passado por uma prévia eleitoral muito mais tranquila, derrotando o liberal Nelson Rockefeller e Ronald Reagan que apenas começava seu governo na Califórnia.

A eleição de Nixon (em 1968) representou uma nova tentativa de se construir uma base eleitoral republicana que respondesse a virtual dominância liberal/democrata³¹⁰. Para isso, pautava-se por duas mudanças fundamentais que consistiam em uma nova estratégia e pela formação de uma nova base eleitoral em setores dominantes na sociedade³¹¹. Wolfe (1981) argumentou que Nixon tentou construir uma maioria republicana atraindo o envolvimento dos trabalhadores de colarinho azul do oeste e dos democratas descontentes do sul à sua base eleitoral, o que seria capaz de desmontar a antiga coalizão democrata que foi formada durante o *New Deal* e que foi composta pelos trabalhadores de colarinho azul, negros, a máquina política urbana e setores tradicionais do sul democrata³¹².

Seguindo essa mesma lógica, Siegel (2011) argumentou que essa tática se repetiu durante a campanha de reeleição em 1972, porém, ampliou-se o debate sobre questões ditas culturais. Como o exemplo disso temos a inclusão do posicionamento de Nixon contra o aborto, que foi inserido na campanha seguindo o projeto do estrategista conservador Kevin Phillips, que propunha que os republicanos recrutassem blocos de votos tradicionalmente

³⁰⁸ Humphrey foi vice-presidente de Lyndon Johnson.

³⁰⁹ Robert Kennedy vencia as primárias democrata principalmente por ser uma das figuras-chaves das campanhas pelos direitos civis, mas acabou sendo assassinado pelo cristão palestino Sirhan Bishara Sirhan devido ao apoio do político a Israel.

³¹⁰ Contudo, Garcia (2012) nos mostra que para muitos conservadores como algumas lideranças da YAF, Nixon era visto como um liberal.

³¹¹ Michelot (in HURET, 2008) apontou que Nixon trouxe uma modernização nas técnicas de comunicação política, quando, após ser eleito, desenvolveu uma nova prática institucional com a ideia de campanha permanente.

³¹² Como argumentamos anteriormente, os democratas do sul estavam divididos devido à rejeição aos, cada vez mais frequentes, programas de inclusão de minorias, distribuição de riqueza e pelos efeitos da recessão econômica.

afiliados ao Partido Democrata atraindo setores conservadores sulistas e católicos do norte que desde o final da década de 1960 colocavam-se contrários ao aborto.

Essa mesmo método de atração de votos voltou-se nos anos posteriores ao projeto de arregimentação dos protestantes conservadores (que até então se recusavam a participar da política do país) para as bases do Partido Republicano. Martin (1996) mostrou que essa fomentação da mobilização política desse grupo, durante a década de 1970, vinha sendo desenhada desde a derrota de Goldwater em 1964, ao qual, alguns ativistas conservadores republicanos, como Morton Blackwell³¹³, reconheciam que os conservadores mais “linha dura” somente teriam chance de eleger um presidente se atraíssem uma legião de novos votos ao Partido Republicano. Pela abordagem de Lieven (2005), esse grupo tornava-se vital para a política do país, pois, em seus anos de autoexílio, os setores fundamentalistas do cristianismo vinham reforçando a ideia de que eram uma minoria perseguida dentro de seu próprio país, o que facilitava o argumento em torno da mobilização política.

Retomando a discussão envolvendo a primeira eleição de Nixon, pontuamos que sua vitória ocorreu em uma disputa bastante acirrada, ao qual, ele obteve 31.785.480 votos, contra 31.275.165 de Humphrey e 9.906.473 de Wallace³¹⁴, conseguindo um apoio significativo dos estados sulistas³¹⁵. Sua campanha concentrava-se na retomada da ordem nas grandes cidades do país que viviam em meio a uma crescente dos motins raciais e contra a guerra do Vietnã.

Pela leitura de Micklethwait e Wooldridge (2004), Nixon foi o primeiro candidato republicano contemporâneo a vencer a corrida presidencial com o apoio da maioria da classe trabalhadora, dos católicos e dos sindicatos³¹⁶. O motivo disso se deve a sua campanha ter fomentado o sentimento de revolta contra as elites liberais e os líderes dos movimentos pelos direitos civis nascido no interior do próprio Partido Democrata. A questão central aqui é que essas lideranças passaram a inserir novas demandas na rotina partidária, ao mesmo tempo em que, a violência ampliou nos movimentos sociais, o que causou desconforto aos grupos mais conservadores do partido, como a ala que apoiava George Wallace. Essa revolta contra os setores liberais rapidamente espalhou-se contra algumas instituições como a *Harvard* e jornais como o *Washington Post*, que eram vistos, por eles, como cooptadas pelas elites liberais³¹⁷.

³¹³ Blackwell é um importante ativista conservador republicano que em 1979 fundou o *Leadership Institute* que tem como missão de ampliar o número de lideranças e ativistas conservadores na política estadunidense. Grupo que funciona até hoje tendo seu site no endereço: <<http://www.leadershipinstitute.org>>.

³¹⁴ Kaspi (2002).

³¹⁵ Phillips (2006) mostrou que Nixon ganhou nas eleições de 1968 em cinco estados do sul.

³¹⁶ Grupos que tradicionalmente formavam a base de apoio do Partido Democrata.

³¹⁷ O termo liberal passou a ser utilizado como algo pejorativo no período.

Após eleito, apesar de sua campanha ter uma grande proximidade com setores como os Mccartistas e ter uma grande proximidade com a *John Birch Society*³¹⁸, e de Nixon³¹⁹ organizar seu governo a partir de uma base sulista³²⁰ (principalmente do chamado *Sunbelt*³²¹)³²², ele também se aproximou de setores ligados à ala liberal do Partido Republicano (liderada por Rockefeller) e de setores democratas “kennedianos”. O resultado disso foi a indicação de professores da *Harvard* (ao qual ele havia criticado durante sua campanha) para dois dos principais cargos de seu governo, Henry Kissinger (como conselheiro de segurança nacional) e Daniel Patrick Moynihan (como conselheiro de assuntos urbanos em sua equipe da Casa Branca)³²³.

Aqui, mais uma vez, a polarização política tão fortemente realçada pelas campanhas eleitorais perdeu influência quando posta à prova na formação do governo, do mesmo modo, as decisões tomadas pela administração Nixon, vistas pela ótica polarizada das campanhas, mostraram-se bastante contraditórias. Micklethwait e Wooldridge (2004) mostraram que as medidas políticas de Nixon foram tão controversas quanto suas indicações para os cargos, visto que, apesar de ser eleito através de uma plataforma conservadora, o presidente tomou medidas vistas como liberais ao ser o primeiro presidente republicano a abraçar os programas de ações afirmativas (expandindo-os para as mulheres negras), defender a ampliação do *Clean Air Act*³²⁴ (1970) e criar o *Cost of Living Council*³²⁵ (1971-1973).

Seguindo essa linha de pensamento de que existem grandes diferenças entre o debate eleitoral e as medidas na prática adotadas pelo governo, é importante perceber que, como uma regra geral, a maioria das decisões governamentais são racionalmente construídas e refletem a

³¹⁸ É interessante apontar a relação de Nixon com a *John Birch Society*, pois, anos antes Nixon tinha rompido com a organização por perceber que grande parte da população tinha uma impressão desfavorável a ela. O que fez com que Nixon atacasse Robert Welch (então líder do movimento) durante a sua campanha para o governo da Califórnia em 1962. Essa ruptura foi apontada por Dallek (2004) como um das causas da sua derrota para Brown nessa eleição, visto que, Nixon perdeu o apoio de grande parte dos ativistas de direita. Já na campanha presidencial que o elegeu em 1968 Nixon se reaproximou do movimento.

³¹⁹ Blumenthal (1988) explicou que Nixon não era nem um conservador puro nem um *Sunbelt* puro.

³²⁰ Pela leitura de Blumenthal (1988) cerca de um terço dos chefes de agências governamentais e dois terços das posições seniores de sua equipe na Casa Branca eram do *Sunbelt*.

³²¹ O *Sunbelt* é formado pelos estados Alabama, Arizona, Califórnia, Flórida, Geórgia, Luíziânia, Mississipi, Nevada, Novo México, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Texas.

³²² Micklethwait e Wooldridge (2004) apontaram que Nixon nomeou os conservadores Arthur Burns para a presidência do FED, Warren Nutter para o departamento de defesa e Martin Anderson para sua equipe na Casa Branca.

³²³ Em Micklethwait e Wooldridge (2004).

³²⁴ Segundo Vincent (1994) O *Clean Air Act* foi proposto em 1964-1965 durante o governo Johnson junto com o *Clean Water Act* e o *Highway Beautification Act*. A partir da decisão de Nixon o programa passou a reforçar as exigências de regulamentos federais e estaduais para a implantação e funcionamento de indústrias.

³²⁵ Que controlava os preços e os salários, atraindo a ira de uma grande parcela dos conservadores que haviam apoiado seu governo, como os exemplos do rompimento de apoio ao governo em 26 de julho de 1971 de vários proeminentes conservadores como Willian Buckley e James Burnhan.

conjuntura do período e não escolhas motivadas propriamente pelas polarizações. Por esse motivo, Nixon não se diferenciou muito dessa máxima, abrindo mão de muitas das discussões relacionadas a uma política interna com um enfoque em questões culturais³²⁶ mais conservadoras e concentrando seus esforços em temas controversos da política externa.

Porém, essas duas correntes de influência faziam com que mesmo na política externa, Nixon adotasse medidas contraditórias³²⁷, hora defendendo a não expansão do poderio militar³²⁸ e hora a contenção ao comunismo³²⁹.

O fato é que muito dessa contraditoriedade nas políticas de Nixon vinha também do fato dele sofrer uma forte oposição no Senado, no Congresso e nas mídias do país. Essa oposição conseguia impedir grande parte de suas medidas mais conservadoras, como o bloqueio sofrido pela sua campanha contra os programas da *Grande Sociedade*, que acabou sendo barrada tanto no Congresso, quanto nos tribunais³³⁰. Da mesma forma, de acordo com a leitura de Phillips (2006), o presidente também se posicionou contrariamente ao programa educacional que propunha o transporte de crianças através de ônibus para auxiliar na dessegregação³³¹ e aprofundou uma política pautada na ideia de lei e ordem que coibia as agitações sociais.

O grande destaque sobre questões socioculturais durante o governo Nixon se deu em torno da batalha contra a pornografia. O tema já vinha sendo fartamente debatido desde que o Congresso implantou em 1968 comitê científico para analisar se a pornografia era algo realmente danoso³³² para a população, todavia, o debate ganhou grande intensidade após o lançamento nos cinemas do filme *Depth Troath* (estrelado por Linda Lovelace), no dia 12 de junho de 1972.

De acordo com o documentário sobre o filme³³³, a película de baixo orçamento³³⁴ trouxe uma grande efervescência na sociedade, fazendo com que muitas mulheres de classe média rapidamente se interessassem pelo seu conteúdo, especialmente, após o Governo Federal

³²⁶O que foi apontado por Kaspi (2002) como resultado do fato dele ter sido eleito com o apoio de uma maioria conservadora em meio a um país fortemente dominado pelas ideias liberais.

³²⁷Em Wolfe (1981).

³²⁸ Segundo Kaspi (2002) Nixon foi reduzindo gradativamente o número de soldados no Vietnã que eram 536.000 em 1968, 475.000 em 1969, 334.000 em 1970 e 156.000 em 1971. Da mesma maneira como ele foi ampliando a cobertura aérea, o financiamento e treinamento de soldados do Vietnã do Sul.

³²⁹Nixon, ao mesmo tempo em que, mobilizava-se para conter o comunismo na América Latina, negociava com as lideranças comunistas como no exemplo de sua aproximação com a China e sua visita a URSS.

³³⁰Vincent (1994).

³³¹Em Nixon (1971).

³³²Apesar do comitê não conseguir provar nada, logo após a eleição de Nixon ele tomou a frente da batalha contra a pornografia.

³³³*Inside the Depth Troath* (2005).

³³⁴Cerca de 25.000 dólares.

reprimir sua exibição e uma grande campanha contra o filme iniciar na cidade de Nova York, cujo resultado retirou-o dos cinemas³³⁵.

O filme incentivava a alteração do padrão comportamental para o sexo feminino, sugerindo que a mulher poderia ter orgasmos não vaginais através da estimulação do clitóris (que no caso da personagem do filme encontrava-se na garganta). Isso significava que a mulher poderia ter prazer sem a necessidade de penetração e, em uma sociedade que historicamente enxergava o sexo oral como algo ilegal, seu conteúdo era realmente atormentador. A ideia de sexo no cinema era vista com horror por alguns setores da sociedade que somente aceitava a inclusão de sexo em filmes se eles tivessem um propósito educativo.

Como resultado, ele acabou sendo proibido em 23 estados³³⁶ e seus diretores foram processados e o ator principal, Harry Reems, acabou preso. A repressão ao filme culminou na lei sobre obscenidade aprovada em 1973 e que tinha como principal resultado a autorização para que a polícia decidisse o que era ou não pornográfico. Esse crescimento de legislações contra a pornografia teve como ponto central o debate na Suprema Corte do país que em 1973 contava com 4 novos juízes indicados por Nixon: o liberal Warren E. Burger, o moderado Lewis F. Powell Jr. e os conservadores Harry Blackmun e William Rehnquist³³⁷.

Pela primeira vez na história dos EUA um artista foi preso pelo seu trabalho, o que acabou motivando uma grande mobilização dos atores de Hollywood pela sua libertação. As tentativas de acabar com a pornografia culminaram na listagem de 117 pessoas que estariam envolvidas com a produção ou projeções ilegais dos filmes.

As disputas em torno do filme duraram até as eleições de 1976, perdendo intensidade com o término da sequência presidencial republicana e com a crescente dificuldade para se controlar o conteúdo pornográfico após a popularização do videocassete.

Se na prática a crescente radicalização entre os ativistas do período teve uma influência reduzida dentro das decisões governamentais, ela interferia diretamente na identidade dos dois principais partidos do país, aprofundando as diferenças entre eles, o que pode ser percebido quando observamos os resultados da convenção democrata em Miami (1972). Segundo Betz (2008), vinha ocorrendo desde o início dos anos 1970 uma adesão em massa ao Partido Democrata de setores secularistas que tornaram-se uma grande força política no interior do

³³⁵A repressão ao filme que foi fartamente publicada em jornais como NY Times ampliou ainda mais a curiosidade das pessoas sobre o filme. Dois anos depois o filme era o décimo primeiro mais visto no país.

³³⁶Com a proibição da exibição do filme ocorreu o crescimento das exibições ilegais controlada por organizações criminosas.

³³⁷As indicações de Nixon para a Suprema Corte apontam para a tentativa de equilíbrio entre liberais e conservadores.

partido e o influenciaram a adoção de uma nova agenda política. Como resultado, o Partido Democrata ficou, a cada dia, mais atrativo aos olhos dos não crentes, motivando o abandono de setores tradicionalistas da sua base de apoio. Em um sentido contrário, o Partido Republicano passou a receber um número cada vez maior de ativistas evangélicos conservadores, que progressivamente aumentaram a sua atuação no partido³³⁸.

Nixon conseguiu se reeleger em 1972, através de uma campanha incrivelmente agressiva³³⁹, ao qual, ele utilizava a máquina governamental para vigiar de perto as ações de seus adversários, fato que veio depois à tona com o escândalo *Watergate*. Durante a campanha estava a seu favor, a retirada dos soldados do Vietnã e uma sensível melhora na economia durante aquele ano, contudo, foi devido a sua amizade com o pastor Billy Graham que residiu uma das principais forças de sua campanha. Graham auxiliou o então candidato a aproximar-se de setores religiosos propondo que Nixon fizesse orações, utilizasse mais citações bíblicas em seu discurso, visitasse cultos religiosos³⁴⁰ e enaltecesse as pessoas conservadoras religiosas. Sua reeleição ficou marcada como a segunda maior vitória da história dos EUA, contudo, os meses que a sucederam representaram um período realmente dramático para o político republicano e para sua base de apoio.

No campo das mobilizações sociais, o debate em torno da *Equal Rights Amendment* fez surgir uma das mais antigas organizações de ativistas dos EUA, o *Eagle Forum* (em 1972). Conger (2009) debateu que o projeto, ao exigir a absoluta igualdade entre homens e mulheres, era visto pelos conservadores evangélicos como uma tentativa de minar a estrutura familiar tradicional e apropriada, indo contra os ensinamentos sociomoraís da maioria das igrejas evangélicas. O *Eagle Forum* e sua líder Phyllis Schlafly tiveram um papel determinante como modelos para a estruturação das manifestações de ativistas na direita religiosa americana nos anos seguintes, conseguindo por inúmeras vezes impedir a aprovação da emenda. O autor apontou que uma das grandes características desses movimentos sociais conservadores estava nas constantes trocas de informação entre eles, ao qual, toda vez que um movimento tinha sucesso em um estratégia rapidamente outros o copiavam.

³³⁸Em 1990 os protestantes conservadores representavam quase metade das vozes nas primárias republicanas, em 1994, 11 senadores e 73 congressistas pertenciam a direita cristã e em 2002 os conservadores cristãos eram maioria em 36% dos comitês federais republicanos. Entretanto, em 2005, 45% da opinião pública e 30% dos militantes republicanos acreditavam que os conservadores religiosos tinham uma influência excessiva sobre o Partido.

³³⁹Nixon foi derrotado apenas em Massachusetts e no Distrito de Columbia. De acordo com Garcia (2012), a desastrosa campanha do liberal George McGovern, seu adversário democrata, fez com que se crescesse mesmo no interior do Partido Democrata um forte sentimento conservador.

³⁴⁰Martin (1996) argumentou que Nixon chegou a viajar até a cidade onde nasceu o Graham para participar do Billy Graham Day.

Junto a ele, o processo Roe contra Wade (em 22 de janeiro de 1973) anulou as legislações estaduais que definiam o aborto como crime por sete votos contra dois, fazendo com que se separasse as gestações em trimestres e impedindo a ordem judicial que restringia o aborto a uma obrigatoriedade de uma orientação da paciente e do médico. Algumas leituras sobre o período apontaram a decisão judicial como o grande catalizador para a reentrada de setores conservadores protestantes na política do país. Entre elas, Meacham (2006) mostrou que futuras lideranças da nova direita religiosa como Jerry Falwell³⁴¹ prontamente optaram pela ação política³⁴² após a decisão judicial, dizendo-se horrorizados com ela.

Aliás, vale remarcar que existiu muito mais nesse processo do que uma simples reação à decisão judicial. A decisão pró-aborto foi utilizada como parte da estratégia de atração dos protestantes conservadores como novos eleitores do Partido Republicano, visto que, eles, até então, viviam afastados da vida política e poderiam representar uma nova força política capaz de rivalizar a coalizão democrata. Dentro dessa leitura, apesar da biografia da maioria das lideranças da direita religiosa (como Pat Robertson e Jerry Falwell) apontar que as mudanças legais originaram os movimentos da nova direita, existiu uma lacuna de cerca de 5 anos entre a decisão judicial e a organização de uma série de pequenos movimentos dispersos que depois foram inserido nas estruturas maiores da direita religiosa como a *Moral Majority* e a *Christian Voice*.

Martin (1996) mostrou que esse período pode ser pensado como um momento de convencimento das lideranças conservadoras religiosas de que a sociedade vivia uma crise moral e que se fazia necessária a entrada deles na política para impedir a decadência cultural. Com isso, o período representou a mobilização das forças que comporiam a direita religiosa no país e pela definição do Humanismo³⁴³ Secular como o inimigo comum a ser derrotado.

A questão é que quando se pensa no debate pós Roe contra Wade existem claramente dois momentos. O primeiro, que ocorreu no período entre a decisão e a Conferência Cristã de Nova Orleans de 1975, pode ser observado como um momento de dúvida sobre a necessidade (pois não acreditavam que a decisão ampliasse de uma forma radical o número de abortos) ou sobre a possibilidade de se lutar contra a decisão. Somado a isso, muitas lideranças

³⁴¹ Que viria a ser a grande liderança da *Moral Majority* e da direita religiosa do país por toda a década de 1980.

³⁴² Alegando posteriormente que estava errado por pensar que os pais fundadores queriam separar a religião da política e que, na verdade, eles procuravam evitar a interferência da política nas igrejas.

³⁴³ Corbett (1990) definiu humanismo como uma visão filosófica de mundo que deriva dos valores da experiência humana neste mundo. Sem referência a Deus ou outra forma sobrenatural, essa leitura de mundo considera que as pessoas são basicamente boas, embora, tenham a capacidade para o mal dentro delas. Com isso, a ideia de moralidade para o humanismo vem do entendimento que temos do mundo e da responsabilidade humana, o que aponta para uma percepção de que moralidade é contextual dependendo da situação vivenciada.

protestantes pensavam que deviam ser favoráveis ao tema do aborto, já que, a Igreja Católica se pronunciara contrariamente a ela desde o final da década de 1960³⁴⁴, o que fazia com que muitos protestantes associassem o debate sobre o aborto a preocupações papistas.

O primeiro momento de não envolvimento contra a decisão rapidamente perdeu força quando os levantamentos com relação aos números de abortos passaram a ser divulgados. De acordo com esses dados, em 1973 foram computados um total de 740.000 abortos e em 1974 esse número chegou a 900.000³⁴⁵. Como resposta a isso, a Conferência Cristã de Nova Orleans (fevereiro de 1975) passou a ser o ponto central para a arregimentação de evangélicos contra o aborto, nela o movimento antiaborto foi colocado como uma urgência.

Para além da questão religiosa, Vincent (1997) debateu que a liberação do aborto ocorreu em um momento profundamente conturbado, ao qual, a sociedade passava por um grande crescimento populacional provocado pelas imigrações (com a chegada de cerca de 7 a 9 milhões de novos imigrantes em solo americano³⁴⁶), enquanto que, a taxa de natalidade mantinha-se em 15.5 por mil habitantes e a taxa de fecundidade em torno de 1.85 por mulher³⁴⁷. Essa redução no número de nascimentos significava uma queda percentual da população considerada “legitimamente americana³⁴⁸” e ocorria, principalmente, devido ao uso de contraceptivos durante o período³⁴⁹ e pela demora da primeira gestação devido a motivações profissionais³⁵⁰. Somado a esses fatores, o envelhecimento da população ocasionado pela queda na taxa de mortalidade e pelo aumento da expectativa de vida

³⁴⁴ As primeiras decisões pró-aborto iniciaram-se ainda na década de 1960 em nível estadual.

³⁴⁵ Herm (1981) afirmou que o motivo do crescimento dos números de abortos foi o crescimento da segurança nos procedimentos que atingiu um risco de morte de 2 para cada 100.000 mulheres, números que segundo ele são menores do que o risco de morte em uma cesariana.

³⁴⁶ A década de 1970 inicia a percepção dos problemas do país com relação a imigração ilegal, que já no período era estipulada em cerca de 3 a 5 milhões de ilegais (*undocumented aliens*) no território do país.

³⁴⁷ Taxas de fecundidade menores que dois significam que a população estaria decrescendo. O fato é que a partir do final dos anos 1960 a preocupação com o crescimento populacional passou a ser motivados por movimentos como o *Zero Population Growth* (hoje renomeado como *Population Connection*) que atuando desde 1968 defende por motivações ambientais o não crescimento populacional. Dados sobre o movimento podem ser encontrados no site oficial: <<http://www.populationconnection.org/site/PageServer>>.

³⁴⁸ Aqui inserimos uma pequena nota explicativa a respeito da questão da assimilação dos imigrantes e sobre a questão envolvendo a ideia de “legítimos americanos”. Historicamente a formação dos EUA como nação pautou-se pela constante chegada de imigrantes, e conseqüentemente, por períodos de rejeição aos valores culturais trazidos por esses novos imigrantes. Nesse sentido, a ideia de assimilação nos Estados Unidos passa por um processo de recusa da identidade anterior pelo imigrante e por um processo de inserção no modo de vida estadunidense. Com isso, apesar da rejeição aos novos imigrantes sempre esteve presente na história, a década de 1970 se torna marcante, pois, após os movimentos em defesa pelos direitos civis, o projeto de formação da identidade estadunidense deixou de ser homogêneo e passou a ter um forte apelo pela valorização da identidade de grupos.

³⁴⁹ Já sendo utilizado por 55% das mulheres em idade fértil.

³⁵⁰ Vincent (1997) ainda apontou que em 1980 cada família americana não contava com (em média) mais do que 1.6 filhos, contra 3 filhos nos anos 1950.

direcionava a sociedade dos EUA para uma nova reformulação que, afetada pelas crescentes crises econômicas, vinha deixando para trás muitas das utopias igualitárias das décadas anteriores.

Em um caminho semelhante, Lieven (2005) debateu que as inquietudes do movimento vem do fato das populações originais compostas por brancos anglo-saxões e por outros grupos que depois se juntaram a eles se viam progressivamente perdendo a supremacia no país. Em outras palavras, o que a nova direita defende pode ser resumido da seguinte forma: “O mundo da direita Republicana, mais particularmente a direita cristã, exorta a restaurar uma América mais puramente americana e ainda fiel ao seu passado.” (LIEVEN, 2005, p.33).

Esse crescimento populacional através da imigração afetava peculiarmente os estados pertencentes ao *Sunbelt* que, por se localizarem nas regiões sul e o oeste do país, recebiam a maior parte dos imigrantes. Vincent (1997) debateu que os estados da região ampliaram o número de pessoas dependentes do *Welfare State*, assim como, devido ao crescimento desordenado³⁵¹, tiveram que lidar com o aumento da poluição, da criminalidade e dos engarrafamentos. Logicamente, o efeito desse novo cenário ampliou a percepção de que as minorias e os imigrantes eram responsáveis pelos problemas dos estados, o que passou a refletir na opinião de uma parcela da população dessas regiões que se consideravam vítimas, tanto da forçosa convivência com novas culturas e valores, quanto dos programas governamentais (como os *Busing* e as ações afirmativas) que, em meio à crise econômica da década, pareciam favorecer os novos habitantes em detrimento dos antigos.

Com esse panorama, a luta contra o aborto passou a ter um significado muito mais profundo do que a questão puramente religiosa. Agora, a disputa passava a representar, ao menos simbolicamente, a defesa do que seria definido no futuro como a identidade estadunidense. As transformações legais e sociais ocorridas no período colocaram em marcha a união de conservadores intelectuais, mulheres “antifeministas” e fundamentalistas cristãos na luta contra o aborto, pela tentativa de controle do material escolar, pela luta contra o ensino da educação sexual e pela defesa de um modelo tradicional de família.

É exatamente a partir desse cenário que ocorre o segundo momento sobre o debate em torno do aborto durante a década de 1970 e que consiste na mobilização em prol de uma unidade política por parte dos conservadores e da reentrada dos fundamentalistas na política. A questão aqui é que, para que se fomentasse a mobilização conservadora e a entrada dos evangélicos na política, era necessário que se estabelecesse um inimigo comum que fosse

³⁵¹ A população no sul e no oeste do país saltaram de 48% da população total do país para 52% em 1980 e 55% em 1990.

capaz de unificar todos esses movimentos sociais de caráter conservador que eclodiam no período sobre uma só bandeira.

Por esse motivo, passou a ser fomentado que o Humanismo Secular³⁵² seria o grande vilão das transformações que ocorriam na sociedade, o que ganhou força após o relançamento do Manifesto Humanista em 1973³⁵³. Martin (1996) explicou que o período assinalou o crescimento da propaganda que apontava a oposição entre o Cristianismo e o Secular Humanismo, ideia que ganhou força a partir de documentários feitos por Franky Schaeffer como *How Should we then live?*³⁵⁴ e *Whatever Happened to the Human Race?*³⁵⁵ e com o número especial da *Christian Magazine* chamado “*Special Report on Secular Humanism vs. Christianity*”.

O fato é que a inserção do Secular Humanismo como o grande vilão a ser combatido pelos protestantes teve um grande alcance sobre a formação dos movimentos da nova direita religiosa no final dos anos 1970, uma vez que, mobilizaram os principais nomes que se tornariam as lideranças do movimento como Jerry Falwell que foi diretamente influenciado, para usar seu reconhecimento como televangelista para motivar os protestantes a serem mais ativos politicamente e Tim LaHaye que publicou em 1980 o livro *Battle for the Mind*³⁵⁶

É inegável que a decisão pró aborto passou a ser vista com horror pelos religiosos que observavam que a vida tinha seu início no momento da concepção. Porém, suas mobilizações passaram a ter um caráter de radicalismo que extrapolava a contrariedade a lei e incitava-os para uma revolta contra o Estado:

Para os fundamentalistas, esse julgamento infringe explicitamente as injunções mais sagradas do cristianismo, em particular o sexto mandamento, que diz “não matarás”. Autorizando essa violação da lei de Deus, as autoridades do Estado se colocam fora da legalidade suprema, o que torna lícita a desobediência civil em nome da obediência a Cristo. (Kepel, 1991, p.146).

Essa leitura fazia com que os ataques as clínicas e pessoas que realizavam abortos se tornassem durante os anos seguintes aceitáveis para muitos evangélicos. Segundo Merchant

³⁵²Vale esclarecer aqui que, de acordo com a leitura de Corbett (1990), nem todas as correntes humanistas são secularistas, tanto que, em 1933 durante a publicação do primeiro manifesto humanista muitos religiosos estavam envolvidos no debate sobre o tema e que apenas com o seu relançamento em 1973 se definiu que existiam dados ineficientes para que a interpretação da religião ser viável.

³⁵³ Publicado inicialmente em 1933.

³⁵⁴A série de documentários de 1976 pode ser encontrada em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OGjel8HwSUU&list=PLAD9A72A79A3DFD43>>.

³⁵⁵ Uma versão integral do documentário de 1979 pode ser encontrada em: <<http://www.youtube.com/watch?v=EN8yYCTJRUM>>.

³⁵⁶ Livro escrito sobre a influência da obra de Schaeffer e que expressa a necessidade dos cristãos lutarem contra o Humanismo Secular.

(in HURET (org.), 2008), até 2008, as 1.800 pessoas habilitadas a praticar abortos no país sofreram mais de 80.000 atos violentos realizados contra as clínicas ou pessoas a elas relacionadas, entre elas: 7 assassinatos, 17 tentativas de assassinato, a destruição de 41 clínicas, 1.042 atos de vandalismo, 355 ameaças de mortes, entre outros ataques como assaltos, agressões e ameaças de contaminação por *Antraz* através do envio de cartas.

A tática de pensar o Secular Humanismo como inimigo se mostrou muito positiva durante os anos que se seguiram, mobilizando um grande número de pessoas contra o aborto. Isso significou, nos anos que se seguiram a decisão, o aparecimento de inúmeras tentativas de aprovação de legislações em âmbito estadual, com o intuito de procurar brechas na decisão que possibilitassem que o aborto fosse novamente te proibido. Ao mesmo tempo, a crítica ao aborto passou a cada ano ser mais sofisticada, se transferindo da questão propriamente teológica para argumentos sociais e de preservação das características genéticas únicas dos fetos, o que motivava os manifestante a não apenas agirem contra as clínicas que praticavam aborto, mas também batalharem legalmente, estabelecendo campanhas de acompanhamento de mães em dificuldades financeiras e campanhas de adoção³⁵⁷.

Djupe e Olson (2003) mostram que a respeito da questão partidária no país, os anos seguintes a decisão fizeram com que o Partido Democrata se movesse a ser mais pró-aborto, enquanto o Partido Republicano foi se tornando cada vez mais contra o aborto, o que pode ser explicado pelo crescimento da direita religiosa no interior do partido.

A questão do aborto acrescentou-se a outros conflitos que se desenvolviam no país e afetavam, diretamente, a rotina presidencial. Após a sua reeleição, Nixon passou rapidamente a sofrer os efeitos do crescimento da crise econômica (que atingiu seu auge durante os anos de 1973 e 1974), da derrota na Guerra do Vietnã e das constantes pressões para que ele renunciasse³⁵⁸, o que ocorreu no dia 8 de agosto de 1974, devido aos escândalo Watergate³⁵⁹. Aikman (2007) relatou que com a explosão do escândalo Watergate, Billy Graham rapidamente saiu em defesa de seu amigo. Contudo, quando Nixon finalmente renunciou e as

³⁵⁷Em 2010, o movimento contra o aborto fez uma nova tentativa de influenciar a população com o lançamento do filme *Blood Money: the Business of Abortion*, ao qual, apresentavam grande dos argumentos modernos contra o aborto como a proposta de que ele é um projeto para exterminar a população afro americana, que existe uma indústria de abortos com o interesse unicamente financeiro e argumentos científicos que tentam mostrar que a vida começa na fecundação.

³⁵⁸Pela leitura de Lang e Lang (1983), no período da renúncia de Nixon apenas dois em cada 10 americanos estavam felizes com a administração do presidente e metade desses aceitavam a renúncia como algo inevitável. Essa mudança da opinião pública ocorreu de uma maneira muito rápida, motivada pela constante frequência com que a mídia do país reportava os escândalos envolvendo o presidente.

³⁵⁹ Ao qual, de acordo com a leitura de Vincent (1997), ficou marcado como vitória de um jornal progressista, o *Washington Post*.

fitas gravadas sobre o ocorrido foram reveladas na mídia, o pastor mostrou-se chocado, dizendo depois que o presidente jamais tinha usado aquele linguajar em sua presença³⁶⁰.

Após a saída de Nixon, como o vice-presidente Spiro Agnew havia renunciado em 1973 devido a problemas de corrupção, o Senado seguindo a 25ª emenda (ratificada em 1967) escolheu Gerald Ford para assumir a presidência em setembro de 1974.

Ford teve pouco tempo para realizar grandes feitos como presidente, dado que, ele precisou reestruturar todo o gabinete presidencial (como resultado da crise institucional deixada por Nixon) e, já em 1976, iniciou-se uma nova campanha presidencial³⁶¹. Entre seus feitos mais lembrados está o perdão a Richard Nixon, medida fortemente influenciada pelo pastor Billy Graham e que impossibilitou que as investigações em torno do ex-presidente avançassem. Carrol e Noble (1988) descreveram que o perdão à Nixon causou uma queda instantânea de popularidade de Ford, que rapidamente passou de 72% para 49% após a decisão. Somado a isso, o Partido Democrata conseguiu o controle do Senado e do Congresso nas eleições de 1974 o que não permitia a aprovação de qualquer projeto³⁶² mais audacioso do então presidente³⁶³.

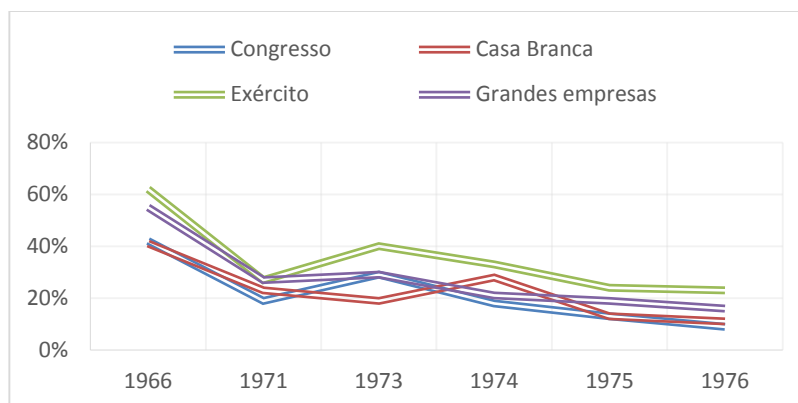
O resultado dos movimentos sociais do final da década de 1960, somados aos conflitos envolvendo temas culturais, as derrotas militares, as crises econômicas e aos descobrimentos de crimes das lideranças do país fizeram com que a primeira metade da década de 1970 deixasse uma grande marca de desconfiança entre a população. Como argumentou Kaspi (2002), a partir de uma sondagem publicada por Lowis Harris para o *The National Journal* (em 19 de janeiro de 1980), com exceção da imprensa escrita e televisionada que ampliaram sua credibilidade, após conseguir provar que Nixon havia mentido, as outras instituições passaram por uma grave crise de confiabilidade, ou, como podemos observar no **Gráfico V** elaborado a partir dos dados indicados pelo autor.

³⁶⁰ Apesar de se chocar com o ocorrido Graham jamais abandonou na amizade com Nixon o que ficou claro quando no funeral do presidente em 1994, ele disse que Nixon era um homem incompreendido.

³⁶¹ E ainda nesse curto período conseguiu ser vítima de duas tentativas de assassinato.

³⁶² Como exemplo disso está a tentativa de expansão do orçamento militar, rejeitada pelas duas casas

³⁶³ A eleição de 1974 foi marcada pelo incrível grau de desconfiança da população na política do país tendo a participação de apenas 38% dos eleitores.

Gráfico V- Confiabilidade entre 1966 até 1976.

A crise de confiança que atingiu os EUA resultou em mudanças significativas, entre elas: a queda na filiação partidária³⁶⁴, o crescimento do sentimento antipartidário³⁶⁵ e a ampliação do número de pessoas que se diziam independentes³⁶⁶.

Os resultados dessa crise de confiança ampliaram as legislações que tentavam controlar o financiamento das campanhas eleitorais, resultando na criação de comitês de fiscalização da utilização de dinheiro público nelas. Isso ocorreu pois os gastos das campanhas vinham em uma crescente, ao qual, na campanha de 1952 haviam sido gastos cerca de 140 milhões dólares, na de 1960 esse número saltou para 175 milhões de dólares e continuou sendo elevado com 300 milhões de dólares na de 1968, 425 milhões na de 1972, 540 milhões na de 1976 e cerca de um bilhão de dólares na de 1980³⁶⁷.

Kaspi (2002) descreveu que, como respostas ao crescimento nos gastos das campanhas eleitorais foram aprovadas legislações como o *Federal Election Campaign Act* (1971), que limitava as despesas dos candidatos para utilização em propagandas na mídia (restringindo os gastos excessivos com as campanhas televisivas). Do mesmo modo, a partir de 1974, as contribuições para os candidatos passaram a ser limitadas por doador e impossibilitadas de serem secretas (obrigando que todo o dinheiro utilizado nas campanhas, a partir de então, fosse declarado). As mudanças no financiamento eleitoral possibilitaram a ampliação dos

³⁶⁴ O que se notou durante os anos 1970 foi uma constante queda na forte identificação partidária que segundo Norpoth e Rusk (1982) caiu de 36% no período entre 1952 e 1964 para 24% em 1976.

³⁶⁵ Que de acordo com Kaspi (2002) o antipartidarismo atinge entre 30 e 40% da população.

³⁶⁶ Kaspi (2002) debateu que outra hipótese para o crescimento no número de independentes seria o fruto do enriquecimento, do desenvolvimento da cultura e da sociedade de consumo. Já Jones (2012) apontou que a porcentagem de pessoas que se definiam com independentes entre os anos 1951 até 1988 era menor que 30% e que ocorreu uma variação a partir de 1988 entre 30 e 39% somente atingindo 40% em 2012.

³⁶⁷ Como citado por Kaspi (2002).

Comitês de Ações Políticas³⁶⁸ (PACs) que cresceram a cada eleição, em 1974 eram 600, em 1978 passaram a 1.360 e em 1980 chegaram a 2.660³⁶⁹.

Os resultados da crescente descrença da população com as instituições e a revolta de uma parte da população contra as transformações socioculturais dos anos 1970 atingiram seu auge no ano de 1976. Segundo Miguel (1978), o ano foi crítico para o país, que precisou digerir o fracasso na Guerra do Vietnã, os resultados de *Watergate*, o aumento da inflação e o aumento do preço do petróleo.

A eleição do democrata Carter veio a reboque desse sentimento de desconfiança com a América e com os políticos³⁷⁰. Em sua campanha contra Gerald Ford³⁷¹, a característica ressaltada e que o levou à vitória foi o fato dele não ser habituado à Washington³⁷² (fortemente centrada na construção de sua imagem como um político não profissional), o que era reforçado pela insistência de conceitos como honestidade e transparência³⁷³. O projeto consistia em mostrar Carter como um homem virtuoso³⁷⁴, o que foi sublinhado durante sua campanha a partir da importância da religião em sua vida³⁷⁵, da explicitação de que ele lia a Bíblia todos os dias e frequentava regularmente os cultos religiosos³⁷⁶. Pela leitura de Balmer (2008), ao professar ser um *Born Again*, Carter rapidamente atraiu a atenção dos evangélicos

³⁶⁸ Em 2012 estima-se que existiam mais de 4.600 PACs ativos nos EUA.

³⁶⁹ As novas leis eleitorais obrigavam os PACs a reportar periodicamente suas atividades para a *Federal Election Commission*, contudo, a proliferação dos PACs por todo o país facilitou a construção das redes de arrecadação através de malas diretas que teve papel fundamental para a estruturação da nova direita.

³⁷⁰ Blumenthal (2003) analisou-a como a procura de um anti-Nixon que seguia uma tradição na política estadunidense de procurarem após períodos de crises um candidato com características totalmente opostas as do presidente.

³⁷¹ Reychley (1985) mostrou que durante as prévias republicanas, uma grande parcela dos fundamentalistas religiosos preferiram apoiar Ronald Reagan do Ford, por considerarem que ele tinha visões sociais mais congruentes com os princípios fundamentalistas, o que possibilitou a surpreendente vitória dele na Carolina do Norte. Garcia (2012) acrescentou que Reagan conseguiu outra significativa vitória no Texas, o que o credenciou para se tornar o candidato republicano nas eleições de 1980. Essa vitória mudou o panorama eleitoral no Texas, que até então, era controlado pelos democratas (com o legislativo composto por 160 deputados democratas e apenas 21 republicanos) e, através da tática republicana de atrair democratas conservadores que apoiavam Wallace, passou a apoiar o Partido Republicano, o que ficou claro quando, em 1979, Bill Clements Jr. se tornou o primeiro governador republicano no estado em mais de cem anos.

³⁷² Carrol e Noble (1988) apontaram que um dos slogans da candidatura era o « *Jimmy Who?* », que apontava para o desconhecimento do candidato democrata nos meio políticos.

³⁷³ Vincent (1997) citou que Carter dizia em sua campanha que queria resgatar as virtudes antigas, fazendo um governo competente e justo que incentivaria os americanos a dar «o seu melhor».

³⁷⁴ Mesmo assim, Martin (1996) indicou que Carter teve dificuldades em sua campanha de 1976 e, principalmente, na de 1980 devido ao tema do aborto.

³⁷⁵ Martin (1996) escreveu que desde o início das primárias, Carter havia, casualmente, mencionado ser um evangélico e um *Born Again*.

³⁷⁶ Carrol e Noble (1988) aprofundaram essa visão ao afirmarem que Carter interrompia a sua campanha todos os domingos para voltar para casa e ensinar a Bíblia para as crianças no *Southern Baptist Sunday School*.

e dos fundamentalistas cristãos³⁷⁷, que responderam favoravelmente ao fato dele participar da *Southern Baptist Sunday School*.

É claro que Carter enfrentou alguns problemas ao utilizar sua religiosidade como ponto central de sua campanha³⁷⁸, particularmente, quando o candidato declarou em uma entrevista para a *Playboy* que todas as pessoas que tiveram relações sexuais fora do casamento, se envolveram em relações homossexuais, roubaram ou mentiram eram pecadores. Coerentemente, a repercussão da entrevista ocorreu muito mais pela revista, ao qual, ela foi publicada, do que, pelo seu conteúdo que era compartilhado pela grande maioria das pessoas religiosas do país.

A religiosidade de Carter acabou sendo o grande diferencial de sua campanha, principalmente, porque Ford hesitou em demonstrar publicamente sua fé por considerar não ser apropriado propagandear-la durante uma campanha eleitoral. Essa posição de Ford estava alinhada a uma ineficaz tática de campanha que tentava acusar Carter de usar a religião com propósito político³⁷⁹.

Nesse sentido, a campanha de Carter foi pensada como uma mediação entre o discurso conservador que propunha a redução da interferência do Estado e o liberal que percebia a importância do Estado para a correção de distorções e defendia a manutenção dos programas sociais. Como debateu Martin (1996) a plataforma política de Carter ajustava-se ao resgate da família americana³⁸⁰, pois, propunha uma reforma no *Welfare State* que encorajasse o trabalho e a vida familiar, uma reorganização do sistema de taxas que incentivava que as famílias continuassem juntas, além de prometer um projeto de *National Health-Care*, que seria focado no planejamento familiar e na prevenção da necessidade de abortos. Junto a essas promessas o

³⁷⁷ Alguns votando entusiasmadamente em um candidato com « valores morais», outros votando com indiferença pois tinham convicção que o retorno de Jesus estava próximo.

³⁷⁸ Entre a oposição à campanha de Carter estava Billy Graham que, apesar de após da renúncia de Nixon 1974 ter ficado publicamente mais afastado da vida política, tentou influenciar os eleitores evangélicos para que votassem em Ford (fez com que após a eleição de Carter, Graham não participasse, pela primeira vez desde a eleição de Truman, da cerimônia de posse presidencial). Aqui destacasse o quão ambígua era a participação ou não de religiosos na vida política, o que constantemente refletia-se nas decisões de Graham, afinal, mas uma vez, o pastor declarou publicamente a não participação na campanha eleitoral e atuou nos bastidores em prol de um candidato. Meachan (2006) descreveu que esse espaço deixado pelo virtual afastamento de Graham abriu caminho para que novos pastores tivessem a imagem associada a vida política do país, entre eles estavam os exemplos de Jerry Falwell e Pat Robertson.

³⁷⁹ Balmer (2008)

³⁸⁰ Terhorst (1976) no editorial do jornal *Spokane Daily Chronicle* mostrou que para Carter a família americana estava sobre ataque e que o Estado de Bem Estar Social vinha contribuindo para a sua desestabilização. Por esse motivo, se as pessoas queriam um governo menos “ingerente” era necessário primeiramente reforçar a família.

candidato prometia se esforçar para que o legislativo aprovasse a instituição do *National Day-Care Program*.

Esse projeto de defesa da família fez com que Carter flertasse durante toda sua campanha com os eleitores *Born Agains*, que iniciavam uma participação mais contundente na vida pública do país³⁸¹ e que foram determinantes para a sua eleição³⁸². Contudo, além de um projeto de governo alinhado aos valores morais, Carter aproximou-se dos setores mais liberais do Partido Democrata e das minorias. Nesse sentido, a eleição de Carter mostrava que além de manter a tradicional base de apoio, o Partido Democrata investia fortemente na tentativa de atrair o voto da população evangélica, porém, o grande problema dessa estratégia concentrava-se em como administrar os interesses de grupos com pretensões tão diferentes.

Como mostraram Carrol e Noble (1988), existia uma grande contradição na campanha de Carter que fazia com que as pesquisas de intenção de voto do período apontassem que os liberais acreditavam que o político democrata era um liberal e os conservadores achassem que ele era conservador.

Esses ingredientes fizeram com que Carter fosse eleito com uma margem eleitoral de 2% sobre Ford, a partir da associação da tradicional base de apoio democrata e de um grande apoio de grupos religiosos (principalmente evangélicos). Segundo Kaspi, (2002) o político democrata conseguiu o apoio de 80% dos votos dos afro-americanos, 68% dos votos judeus, 55% dos votos católicos, 74% dos votos liberais, 53% dos votos moderados, 60% dos votos nas grandes cidades e 62% dos votos nos sindicatos.

Contudo, sua inexperiência em Washington somada a continuidade da deterioração econômica (com altos índices de desemprego e inflação) e a uma série de derrotas na política internacional rapidamente erodiram sua base de apoio³⁸³. O que se somava ao fato de Carter ter estabelecido um comprometimento com grupos presentes nos dois lados das disputas culturais e que passavam a debater com um vigor cada vez maior temas ligados a cultura.

Após eleito sua atuação na política interna concentrou-se na luta contra o desemprego e inflação³⁸⁴, em reformas no sistema de auxílio social, na redução dos gastos com

³⁸¹ Froidevaux-Metterie (2009) apontou que dentro desse alinhamento com os setores evangélicos, Carter prometeu realizar uma conferência nacional destinada a remediar o declínio moral da família estadunidense.

³⁸² De acordo com a leitura de Cromartie (1993), o ano de 1976 foi considerado pela revista *Newsweek* devido a eleição de Carter e do sucesso alcançado pelo livro *Born Again* publicado por Charles Colson.

³⁸³ Carrol e Noble (1988) descrevem que após o seu primeiro ano de mandato a popularidade de Carter despencou de 75 para 50%.

³⁸⁴ Entre essas medidas estava o encorajamento do então presidente ao *Federal Reserve Board* (em 1979) para que aumentasse a taxa de juro para 15%, o que acabou gerando uma das maiores recessões da história estadunidense, marcada pela queda dos índices de produtividade em cerca de 9%.

funcionários da Casa Branca³⁸⁵ e no código de impostos, na tentativa de solução para as crises energéticas³⁸⁶ e por uma vontade conservadora, ao mesmo tempo em que, procurava agradar os setores das minorias que o apoiaram em sua campanha.

O mote aqui é que, apesar de em sua campanha aproximar-se dos setores conservadores religiosos, Carter pouco avançou em uma agenda pró-conservadores, evitando indicar membros religiosos para cargos em seu governo, abstendo-se, ou tomando decisões contrárias as principais reivindicações em torno de questões relativas à disputa entre conservadores e liberais. Como exemplo disso, citamos o debate iniciado em 1975 (sobre eventuais supressões de vantagens fiscais reservadas a estabelecimentos de ensinos confessionais), onde, após sua eleição em 1976, o presidente manteve-se neutro³⁸⁷ e o exemplo da criação do Ministério Federal de Educação que dificultou o desejo dos evangélicos de obter o controle do sistema educacional nos estados do sul. Da mesma forma, quando, finalmente, a Casa Branca realizou a *White House Conference on Families* em 1980, Carter apoiou uma definição de família abrangente que incluía famílias estendidas, adotivas, reconstruídas, recompostas e, especialmente, que não excluía os homossexuais, o que expandiu a revolta de setores fundamentalistas à sua administração.

A *White House Conference on Families* de 1980 merece ser mais aprofundada, pois, ela era uma das principais promessas de campanha de Carter. De acordo com Balmer (2008) o evento era considerado vital para o conservadores religiosos³⁸⁸, que constantemente pressionaram o presidente para que a realizasse, mas, como a administração estava soterrada por constantes crises (energéticas, econômicas e diplomáticas), o evento foi sendo deixado para segundo plano.

Entender a relação conflituosa entre a influência fundamentalista cristã e a base democrata durante a administração Carter é importante, pois, a partir da aproximação dos evangélicos com Carter pôde-se compreender a potencialidade eleitoral desses setores. Bem como, a partir da ruptura deles com o presidente, colocou-se em prática a estratégia

³⁸⁵Carrol e Noble (1988) escreveram que Carter reduziu a quantidade de funcionários na Casas Branca e ordenou que membros do seu gabinete dirigissem os próprios veículos.

³⁸⁶ Como o acidente envolvendo a usina nuclear de *Three Mile Island* (na Pensilvânia) e a segunda crise do petróleo de 1979.

³⁸⁷ O que, segundo Finguerut (in SILVA (org.), 2008), culminou na mudança da regra fiscal de 1978, que forçava as escolas particulares nos Estados Unidos a pagar impostos e fez com que conservadores religiosos enviassem 500 mil cartas para a *Internal Revenue Service* (IRS), mostrando a força política dos grupos Cristãos.

³⁸⁸ Balmer (2008) apontou que o termo família virou um verdadeiro mantra para os conservadores religiosos nos anos que se seguiram a conferência.

republicana de atração dos votos desses evangélicos³⁸⁹, o que foi a chave para término de anos de dominância do Partido Democrata na política nacional. É importante destacar, como argumentaram Micklethwait e Wooldridge (2004), que antes do governo Carter os votos evangélicos eram divididos entre os dois partidos.

Porém, não foi apenas pela insatisfação com a administração Carter que se formou a mobilização da nova direita nos EUA, o movimento vinha se avolumando desde o início dos anos 1970 marcando uma aproximação dos conservadores culturais com os setores fundamentalistas religiosos. Por causa disso, é vital observar que existia uma crescente na importância dos pastores, que foi originada como resposta as disputas culturais do final dos anos 1960 e início dos anos 1970.

3.3 A explosão televangelista e a revolta contra o aborto.

Essas pessoas conduzem vidas miseráveis e sofrem em silêncio porque sabem que estão indo receber sua recompensa do céu. Um pastor é um homem que foi abençoado por Deus na Terra. Se ele não dirige um Cadillac, eles não pensam bem dele; Deus não deve favorecê-lo. Eles devem se vestir bem, parecer bem e cheirar bem. Marjoe (1972)³⁹⁰.

Eu acho que Deus está dando a esse país uma chance a mais para se salvar. O que vem acontecendo nesse país, o que vem sendo tolerado... se algo não acontecer com esse país, talvez nós teremos que nos desculpar por Sodoma e Gomorra.” Senador Jesse Helms (1990).

Para se pensar o crescimento da direita religiosa (ou direita cristã) nos Estados Unidos é vital compreender a ampliação da influência política das lideranças religiosas no país e a criação de um diálogo entre os mais variados grupos religiosos em prol de uma agenda “moral”. O primeiro passo para esses dois pontos concentrou-se na compra de espaço na grade televisiva pelos dos televangelistas, o que resultou, como apontou Froidevaux-Metterie (2009), em um crescimento da audiência televisiva de pastores; como exemplo destacava-se o programa *Old Time Gospel Hour* comandado por Jerry Falwell, que rapidamente se tornou

³⁸⁹ O que segundo Reichley (1985) a intensão de atrair os evangélicos para o Partido Republicano estava presente nas preocupações de alguns dos seus principais nomes como Robert Taft, Dwight Eisenhower e Barry Goldwater.

³⁹⁰ Ebert, R. (1972).

um dos pastores mais famosos com milhões de telespectadores³⁹¹, o programa 700 Club liderado por Pat Robertson e a PTL do casal Jim e Tammy Bakker.

Além do crescimento do número de espectadores desses setores ocorreu uma transformação na liderança religiosa conservadora, ao qual, os antigos pregadores como Oral Roberts, Billy Graham e Rex Humbard, na maioria das vezes, posicionavam-se publicamente contra a participação política de setores religiosos e os novos pastores, que começaram a comprar espaço nas estações televisivas como Jerry Falwell, James Robinson, Pat Robertson e Jim Bakker, constantemente comentavam assuntos políticos e sociais em suas programações, a partir do argumento de que o papel do bom cristão era o de interferir na política do país.

Segundo Reichley (1985), após duas décadas de fracassos, o final da década de 1970 e começo da década de 1980 mostraram que a estratégia de tentar aproximar os evangélicos da política começava a dar resultados. No período, as pesquisas de opinião mostravam que os evangélicos começavam a se posicionar favoravelmente a participação na vida pública. Os responsáveis por essa transformação na mentalidade evangélica foram exatamente os pastores televisivos, que a partir de sua recorrente visibilidade na programação das TVs e rádios³⁹² começaram a atrair apoio para causas conservadoras. Um exemplo clássico dessa participação ocorreu quando a ativista anti-homossexuais Anita Bryan pediu o auxílio de Falwell em sua cruzada *Save Our Children*, sendo prontamente convidada para participar do programa televisivo do pastor e para falar sobre o tema durante uma convenção em Miami.

Essa propagação das ideias conservadoras a partir dos programas religiosos vinha associada ao rápido crescimento da audiência desses programas. Reichley (1985) mostrou que ocorreu um significativo aumento delas, ao qual, em 1963 tinham uma audiência de apenas 12% dos protestantes, na década de 1970 já tinham quase o dobro e em 1984 atingiram um público de 13,3 milhões de ouvintes e telespectadores³⁹³.

O crescimento da audiência dos televangelistas foi fortemente motivado pelo sentimento de uma crise de confiança e por uma crise econômica, o que favorecia as temáticas desses programas. Eles exaltavam curas milagrosas através do arrependimento e a constante

³⁹¹ Micklethwait e Wooldridge (2004) citaram que a audiência dos programas *Old Time Gospel Hour* e do programa *Pat Robertson's 700 Club* (<<http://www.cbn.com/700club>>) atingiam em seu auge uma audiência de 15 milhões de ouvintes cada. Da mesma maneira, o *The Christian Broadcasting Network* era a quinta entre os canais a cabo do país com cerca de 30 milhões de assinantes. Zwier (1982, p.18) afirma que já em 1980 a emissora contava com 400 estações e estava avaliada em 50 milhões de dólares.

³⁹²Incentivadas pelo *Federal Communications Commission* que sempre demandava que as estações de televisão deixassem uma quantia fixa de seu tempo no ar para programas religiosos

³⁹³ Kepel (1991) considerou uma audiência ainda maior desses programas religiosos argumentou que ela atingia a assustadora quantia de cerca de 70 milhões de pessoas que regularmente viam os programas do casal Bakker e similares.

presença de pessoas famosas do período como exemplos de que a aproximação com Cristo trazia felicidade e sucesso para suas vidas. Kepel (1991) descreveu, citando o exemplo do programa *Praise to Lord Club* (PTL) do casal Jim e Tammy Bakker, que esse formato de programa era tão convincente que chegou a atrair alguns ideólogos da esquerda dos anos 1960 como Paul Stookley³⁹⁴ e o antigo dirigente dos Panteras Negras Eldridge Cleaver.

No mesmo período, a emissora CBN e o programa *700 Club* criados por Pat Robertson ganhava incrível visibilidade e arrecadava milhões através de seus Teletons. A história da CBN é por si só emblemática, já que, desde sua compra em 1960 a sobrevivência da emissora pautava-se em pedidos de doações, posto que, Robertson inicialmente se recusava a aceitar qualquer tipo de comerciais na programação. Em 1963 eles organizaram o primeiro Teleton ao qual propunham que 700 espectadores³⁹⁵ fizessem uma doação mensal de 10 dólares (o que contabilizaria um valor mensal de 7.000 dólares, valor suficiente para manter a TV no ar)³⁹⁶.

O crescimento dos televangelistas colaborou para a formação no final dos anos 1970 dos grupos de pressão e organizações políticas que foram denominadas como direita religiosa. Segundo Zwier (1982, p.8-9), elas consistiam de uma coalizão de grupos enraizados no fundamentalismo religioso, tendo maior visibilidade em movimentos como a *Moral Majority*³⁹⁷ (originada em Lynchburg sobre a liderança do Rev. Jerry Falwell) e a *Christian Voice* (originada na Califórnia sobre a liderança do Rev. Robert Grant)³⁹⁸. O autor acrescentou que ambas as organizações foram produtos da maneira como os pastores fundamentalistas observavam as políticas públicas e as normas sociais dos anos 1970, pontuando quatro acontecimentos centrais para a consolidação dos movimentos. O primeiro seria a decisão no caso Roe contra Wade (1973), o segundo a criação de organizações políticas a partir do corpo de igrejas fundamentalistas³⁹⁹, o terceiro foi a decisão do *Internal*

³⁹⁴ Paul Stookley era um dos integrantes do grupo musical Peter, Paul e Mary conhecidos pelas suas letras políticas nos anos 1960.

³⁹⁵ Esses primeiros doadores foram homenageados depois como nome do programa *The 700 Club*.

³⁹⁶ A argumentação para a arrecadação era sempre construída sobre o apelo de que a TV precisava de ajuda para não sucumbir as forças de Satã e fechar. A partir dos 700 doadores, Robertson fundou o *700 Club* um programa religioso que se diferenciava dos que existiam na TV (que normalmente consistiam de pastores pregando), em razão do programa ser na verdade um grande espetáculo de variedades, que não possuía uma programação fechada. Boston (1996, p.29) escreveu que para Robertson a programação seguia os desígnios de Deus no momento, hora apresentando uma programação musical, hora entrevistas.

³⁹⁷ Criada em 1979, por Falwell e Weyrich e que seria responsável pelo registro de cerca de 2,5 milhões de novos eleitores durante os próximos 10 anos de sua criação.

³⁹⁸ Junto a eles surgiram outros movimentos com um caráter semelhante como a *American Christian Cause* (1974), a *Focus on Family* (1977), a *Concerned Women of America* (1979), a *Religious RoundTable* (1979), a *Traditional Values Coalition* (1980) e a *Family Research Council* (1981).

³⁹⁹ Resultado da reação dos pastores fundamentalistas a expansão da proteção legal aos homossexuais aprovada na Califórnia em 1978, que iniciaram uma variedade de manifestações contrárias a elas. O ponto central desse processo se deve ao fato do *Internal Revenue Service* ameaçar o status de isenção de tarifas das

Revenue Service Action de remover a isenção de taxas das escolas que não tivesse entre os seus alunos membros de grupos minoritários⁴⁰⁰ e o quarto foi a batalha em torno da *Equal Right Amendment*⁴⁰¹ (ERA).

A partir desses eventos a nova direita estadunidense⁴⁰² despontou como uma das mais significantes forças política estadunidense do século XX. Segundo Dolbeare e Medcalf (1988), o movimento estabeleceu uma rede de trabalho a partir de um número variado de organizações que somadas eram constituídas por milhões de membros. Devido a pluralidade dos grupos que compunham o movimento, ele possuía temáticas diversas que eram compartilhadas através de boletins informativos, jornais e malas diretas que, além de um caráter informativo, tinham função de organização das mobilizações sobre os temas específicos envolvidos no movimento. A base de apoio da nova direita teria origem em dois grupos, os fundamentalistas religiosos (cerca de 10 milhões localizados em sua maioria no sul e no meio Oeste) e os *Middle American Radicals*⁴⁰³ (MARs) que formavam um grupo nacionalmente distribuído e composto por aproximadamente 25% da população, em sua maioria de classe média baixa que consideravam que, mesmo com seu trabalho duro, estavam sendo a cada dia mais pressionados pelo governo, tendo que suportar uma injusta mudança na carga social⁴⁰⁴.

Nesse sentido, o movimento se apoiou nas disputas em torno de temas como a redução de impostos, a restauração de valores patrióticos e religiosos, uma política externa mais nacionalista, o controle sobre os sindicatos, a oposição ao controle das armas e o apoio aos esforços para a redução da criminalidade. Somado a esses projetos, em 1977 e 1978 a nova direita iniciou a construção da *Pro-family Coalition*, que reunia grupos antiabortos, os

igrejas desses pastores, uma vez que, para receber a isenção elas não poderiam participar de manifestações políticas. A solução para isso veio na criação de grupos políticos nascidos a partir dos quadros dessas igrejas.

⁴⁰⁰ Após a decisão a favor da dessegregação no caso *Brown contra Board of Education Topeka*, Kansas de 1954, começaram a ser criadas escolas com o intuito de evitar a dessegregação. Devido a isso, o comissário Jerome Kurtz atendendo os apelos dos Afro-Americanos enviou uma proposta que negava a isenção de tarifas para todas as escolas que não reservassem vagas para, pelo menos, 5% da proporção equivalente as minorias existentes na comunidade. A decisão causou revolta dos fundamentalistas que iniciaram uma série de manifestações, argumentando que a IRS simplesmente presumia que as escolas não estavam abertas as minorias (Falwell foi uma das figuras centrais nessa disputa, pois era líder de uma escola em Lynchburg). Sobre o tema, Balmer (2008) defendeu que decisões judiciais como a *Green contra Connally* de 1971 (que retirava a isenção fiscal das escolas que segregavam) teve uma influência maior na formação da direita cristã do que o próprio *Roe contra Wade*, uma vez que, impedia o isolamento dos fundamentalistas. O exemplo clássico disso ocorreu com a *Bob Jones University* que decidiu aceitar afro-americanos a partir de 1971 mas continuou se recusando a aceitar mulheres afro-americanas não casadas até 1975, quando, em 17 de abril, o IRS revogou seu status de isenção de impostos.

⁴⁰¹ Mais uma vez, Falwell teve um papel fundamental atuando para que a emenda fosse rejeitada.

⁴⁰² A ideia de nova direita americana vem da associação de conservadores sociais com a direita cristã.

⁴⁰³ <http://www.middleamericanradical.com>.

⁴⁰⁴ Dolbeare e Medcalf(1988)

movimentos do *Stop ERA*, contra a expansão de direitos aos homossexuais, contra os trabalhos infantis, a pornografia e o empobrecimento da cultura popular do país (música, programação televisiva e cinema).

Entender a formação dessa nova direita religiosa nos EUA passa pela compreensão do papel de alguns atores que somados aos pastores fundamentalistas contribuíram para a formação do movimento, entre eles: Paul Weyrich, Howard Phillips, John (Terry) Dolan e Richard Viguerie. Essa união ocorreu porque esses intelectuais percebiam que os conservadores, durante as décadas anteriores, estavam debatendo, exclusivamente, questões econômicas e de política externa e pouco contribuíam para o debate sobre temas sociais do país.

Segundo Dolbeare e Medcalf (1988), Paul Weyrich⁴⁰⁵ organizou o suporte financeiro e o início instrumental de várias organizações conservadoras, ele foi responsável pela revitalização (com o auxílio de Joseph Coors) da *Heritage Foundation*⁴⁰⁶, liderou o *American Legislative Exchange Council*⁴⁰⁷ (que auxiliava os legisladores sobre temas do ponto de vista conservador), iniciou o *Committee for the Survival of a Free Congress* (a CSFC foi fundada em 1974 com o intuito de arrecadar fundos e apoiar a candidatos conservadores para o Congresso, oferecendo, também, treinamento intensivo em técnicas de campanha)⁴⁰⁸.

Outra figura importante da fundação da nova direita foi Howard Phillips que fundou o *Conservative Caucus*⁴⁰⁹(CC) em 1975 como um caminho para mobilizar constituintes em vários distritos para manter pressões sobre os congressistas e Senadores. De acordo com o seu site oficial, a ideia do CC era fazer com que as pessoas tivessem informações sobre o que acontecia no governo, encorajando-as a visitar seus representantes para que eles escutem o que os conservadores têm a dizer sobre os temas considerados prioritários como defesa externa e da liberdade individual. Dolbeare e Medcalf (1988) apontaram que em 1980 o CC tinha centenas de milhares de contribuidores, um orçamento de três milhões de dólares e organizações em 250 distritos.

Já John (Terry) Dolan ajudou a iniciar o *National Conservative Political Action Committee* (NcPac) em 1975, que possuía o intuito de coletar fundos de campanha para candidatos e causas conservadoras. A organização teve particular sucesso ajudando a derrotar senadores liberais nas eleições de 1978 e 1980. Dolan fez parte do *Washington Legal*

⁴⁰⁵ Considerado por Micklethwait e Wooldridge (2004) como o Lênin do conservadorismo estadunidense.

⁴⁰⁶ <http://www.heritage.org>.

⁴⁰⁷ <http://www.alec.org>.

⁴⁰⁸ <http://www.freecongress.org>.

⁴⁰⁹ <http://www.conservativeusa.org>.

*Foundation*⁴¹⁰ e do *Conservatives Against Liberal Legislation* (CALI) respectivamente um grupo patrocinador de propósitos conservadores e um grupo de lobby político.

Além desses, Richard Viguerie teve um papel fundamental sendo editor do *Conservative Digest* (jornal mensal) e líder da *Richard A Viguerie Company* (Ravco) uma sofisticada rede de malas diretas que arrecadava fundos e servia de sistema de comunicação para outras organizações conservadoras⁴¹¹. A importância da rede de contatos construída por Viguerie foi tão significativa que Micklethwait e Wooldridge (2004) assinalaram que em 1980 ela consistia de uma lista com aproximadamente 15 milhões de colaboradores.

É importante destacar, como nos lembrou Reichley (1985), que Weyrich e Viguerie eram católicos e Phillips era judeu, o que fez com que eles, para conseguirem se aproximar dos grupos fundamentalistas, tivessem que se associar com lideranças protestantes, como nos exemplos de Robert Billings⁴¹² (que era um amigo de Weyrich) e Edward E. McAteer⁴¹³ (que tinha uma relação próxima com Phillips).

Essa associação entre conservadores culturais e a direita religiosa foi responsável por toda uma rede fortemente empenhada na fomentação do que viria a ser chamado de Guerra Cultural, o que pode ser percebido quando se observa as características apontadas por Viguerie como compartilhadas pela nova direita, sendo elas: 1- o desenvolvimento de habilidades técnicas, como malas diretas, na mídia em massa e em políticas práticas. 2- uma boa vontade para trabalhar junto pelo bem comum. 3- Um comprometimento para colocar filosofia antes dos partidos políticos. 4- um otimismo e uma convicção de que eles tinham a habilidade para vencer e liderar a América.

O exemplo da *Moral Majority*⁴¹⁴ demonstrou claramente essa união entre pastores e intelectuais conservadores. Fundada em 1979 sobre a liderança de dois pastores Jerry Falwell e Robert Billings o movimento inicialmente funcionava como um grupo de pressão e teve um rápido crescimento, atingindo entre 4 a 5 milhões de membros, aos quais, entre eles cerca de 75.000 pastores, padres e rabinos que se estendiam por todos os estados e pelo Distrito de

⁴¹⁰<http://www.wlf.org>.

⁴¹¹ Crawford (1988) mostrou que desde 1971 Viguerie já arrecadava fundos para o grupo *Citizens for Decent Literature*.

⁴¹² Billings foi um dos fundadores da *Moral Majority*, deixando a organização em 1980 para assumir a coordenação dos grupos de igrejas que apoiavam Reagan na campanha presidencial.

⁴¹³ McAteer era promotor de vendas da Colgate Palmolive e tinha fortes relações com vários pastores evangélicos.

⁴¹⁴ Reichley (1985) citou que o termo *Moral Majority* foi utilizado pela primeira vez por Richard Viguerie, referindo-se a toda a mobilização fundamentalista e que Falwell acabou se utilizando da fala do pensador conservador para batizar sua organização.

Columbia⁴¹⁵. O movimento estruturava-se a partir dessas lideranças religiosas que propagavam em suas congregações a ideia de que o bom cristão era ativo politicamente, ajudavam a organizar mobilizações e incentivavam a arrecadação para que o movimento continuasse funcionando.

Com essa rede estruturada, a revista de notícias do movimento, chamada *Moral Majority Report*, chegou a 1 milhão de casas e o orçamento anual passou de 5.5 milhões de dólares, sendo utilizado para *lobbying* político e publicações (entre elas o manifesto *Listem, America!* importante material escrito por Falwell (1980) com o intuito de propagandear as ideias do movimento). De uma forma geral, o principal avanço trazido pela organização foi, em pouco mais de dois anos, mobilizou a inscrição de 2 milhões de cristãos nas listas eleitorais, elevando a taxa de participação dos evangélicos do sul do país na política de 61% em 1976 para 77% em 1980

A questão envolvendo a *Moral Majority* está exatamente no avanço trazido por Falwell que, ao clamar pela participação política dos evangélicos, percebeu que outros grupos conservadores dentro das principais comunidades religiosas como católicos, judeus ortodoxos e outros tinham muito mais em comum com conservadores de outras denominações religiosas do que com grupos progressistas pertencentes a sua própria denominação⁴¹⁶. Essa percepção possibilitou estabelecer um debate entre setores conservadores de diferentes religiões, definindo uma agenda de interesses comuns e rompendo com as barreiras que historicamente as separavam. Nesse sentido, apontamos que ocorreu uma aproximação entre as diferentes religiões a partir da percepção do Humanismo Secular como o inimigo a ser derrotado⁴¹⁷.

Com isso como detalhou Zwier (1982), a organização tinha como intenção abarcar cinco objetivos: 1- mobilizar americanos morais a terem voz política, 2- informá-los sobre políticas governamentais, 3- fazer lobby no Congresso com o intuito de derrubar legislações liberais, 4- apoiar legislações que poderiam garantir uma América livre⁴¹⁸ e 5- ajudar cidadãos que estavam em disputa de batalhas legais em suas cidades natais.

Para atingir esses objetivos, o movimento concentrou-se na criação de um PAC em 1980, que possibilitou a arrecadação de fundos para financiar a campanha de candidatos conservadores e também criou a *Moral Majority Legal Defense Foundation* que oferecia

⁴¹⁵Em Zwier (1982).

⁴¹⁶Como debateu Duffy (2007).

⁴¹⁷ Esse mobilização contra o Humanismo Secular foi tão significativa que, segundo Corbett (1990), já em 1980, quando foi publicado o manifesto *A Secular Humanist Declaration* ele já tinha um caráter muito mais defensivo, que os manifestos humanistas anteriores, centrando-se na ideia de que o humanismo estaria sob ataque.

⁴¹⁸ Logicamente a ideia de liberdade aqui concentra-se em liberdade para os religiosos.

assistência legal para pessoas e escolas privadas, em nível local, em batalhas contra a pornografia, drogas, e homossexualidade⁴¹⁹.

Vale lembrar que junto a *Moral Majority*, a década de 1970 se mostrou profundamente frutífera para a construção de uma agenda conservadora, em especial pelo surgimento de inúmeras organizações como a *Christian Voice* (1978), o *Concerned Women for America*⁴²⁰ (1979), *Eagle Forum* (1973), *Focus on Family* (1977), entre outros, que possibilitaram a formação de uma grande rede de manifestações em torno de temas culturais.

O principal problema em torno de algumas leituras sobre a *Moral Majority* é que, em muitos momentos, observa-se o movimento a partir de uma postura crítica que a percebe como em prol da tentativa de tomada de poder por parte de setores conservadores religiosos, ou ainda, observam o movimento a partir do seu discurso, que coloca sua mobilização como a vontade da grande maioria da população estadunidense. Entre os exemplos dessa segunda leitura, destacamos Schilling (2004) que reproduziu a ideia de que a formação da *Moral Majority* foi a entrada na política de uma parcela da população citada, no início dos anos 1970, pelo ex-presidente Nixon como a *Silent Majority* (Maioria Silenciosa). Segundo a visão de Nixon, no período de maior contestação ao seu governo, esse era o grupo que representava o sentimento geral dos americanos, sendo formado por uma massa patriótica que comumente não demonstrava seu alinhamento ideológico em público⁴²¹.

Pensando a partir da questão sobre a polarização política na sociedade estadunidense chegamos a uma conclusão contrária a leitura de Schilling (2004). Em nossa leitura, os movimentos da direita religiosa passam longe de ter representado a média americana, que no geral é não politizada, ou seja, mais que uma maioria silenciosa eles representavam uma minoria ruidosa com um projeto político pensado.

Esse projeto político, ao menos em um primeiro momento, distancia-se também do que foi apontado pela visão crítica ao movimento que o colocou como a tentativa de implantação de uma Teocracia. Ao menos em sua origem⁴²², os grupos da direita religiosa organizam-se principalmente através da aglutinação em torno de uma agenda plural, posta a

⁴¹⁹ Zwier (1982).

⁴²⁰ O *Concerned Women for America* foi criado a partir da iniciativa de Beverly LaHaye que percebia que as feministas queriam destruir a ideia de família, nesse sentido, ela ressentia-se das líderes feministas por elas considerarem-se porta-vozes de todas as mulheres do país.

⁴²¹ Nixon apontava esse grupo para justificar que a maioria da população apoiava as medidas do seu governo, porém eram sufocados pela estridência da mídia e dos manifestantes do período.

⁴²² Essa postura muda um pouco, como veremos na sequência do texto com a campanha presidencial de Pat Robertson.

partir de batalhas sobre temas que já eram conflitantes na sociedade e representou uma tentativa de inclusão de demandas de setores que vinham perdendo espaço na sociedade.

Por esse motivo, foi através da propagação desse ruído que os movimentos da direita religiosa conseguiram ocupar o espaço como uma das principais forças políticas do país durante as décadas de 1980, 1990 e 2000, sem que isso, signifique que seus posicionamentos políticos representassem a vontade da grande maioria da população, assim como, do outro lado das batalhas os movimentos de caráter liberal também não a representem. Muito pelo contrário, o que temos como característica marcante dos movimentos sócio-políticos nos EUA é que, devido a forma como o processo eleitoral se construiu no país, através de votações não obrigatórias e das mudanças históricas no financiamento de campanhas, os grupos bem organizados conseguiram ter um peso enorme nas disputas eleitorais.

Concluindo a leitura sobre as origens da nova direita estadunidense percebe-se que existiu durante a formação desses movimentos uma constante resistência contra as mudanças culturais, ao mesmo tempo, percebe-se que com o seu nascimento se configurou uma coalizão que forjou uma unidade política entre pessoas que apesar de compartilharem alguns valores em comuns e terem uma certa disposição para atuar em torno de temas culturais, não eram exatamente unidas sob a direção que movimento deveria adotar.

A preocupação ao percorrer essa trajetória consistia em demonstrar como despontou o crescimento da participação política de setores religiosos fundamentalistas na vida pública estadunidense, o que será a base para que, no próximo capítulo, se debata os resultados das primeiras vitórias eleitorais do movimento e o surgimento da conturbada relação da direita religiosa com o governo. Com isso, o capítulo seguinte debate, a partir da eleição de Reagan, como esses movimentos alternaram momentos de aumento e queda em sua influência, que foram marcados por grandes mobilizações que ampliavam sua visibilidade e por enormes escândalos que a enfraquecia. A preocupação do capítulo concentra-se em demonstrar como a aproximação com o executivo do país mostrou-se improdutiva para o movimento, resultando em futuras transformações em suas agendas, que passaram a perceber que apenas ter acesso ao executivo do país era insuficiente e indicavam a necessidade de se estabelecer uma Guerra Cultural.

Capítulo 4: De Reagan a Bush. A primeira ascensão e queda da direita religiosa.

O intuito do quarto capítulo do nosso trabalho é continuar demonstrando como a maneira de pensar a América polarizada foi sendo construída até atingir-se uma ideia que existia uma Guerra Cultural no país. Com isso, o capítulo mostra a aproximação da direita religiosa com o Partido Republicano, destacando como esse processo foi desenvolvido de uma maneira que fomentava uma ideia de que a disputa política no país era cada vez mais radicalizada. Isso ocorreu, como parte de uma tentativa da ampliação da participação de setores conservadores religiosos na política estadunidense e transferia a ideia religiosa de disputa entre o bem e o mal para os debates sociais do país.

O capítulo, nesse sentido, se divide em três partes. Uma primeira que debate a importância da primeira vitória eleitoral da direita cristã, assim como, compreende que sua mobilização política pautava-se na crença de que, se eles apoiassem e elessem um candidato que compartilhasse suas diretrizes, como no caso de Ronald Reagan, eles poderiam transformar a cultura do país, colocando em prática uma extensa agenda de mudanças socioculturais.

A segunda parte desse capítulo discute os motivos que fizeram Ronald Reagan não avançar com a agenda social da direita cristã após sua eleição, aqui aprofundamos o sentimento de desilusão do movimento com o Partido Republicano e indicamos os motivos para possíveis transformações dentro do movimento durante a década de 1980.

Já a terceira parte de nosso quarto capítulo, dialoga com o resultado da crise da *Moral Majority* e da ascensão da figura de Pat Robertson como a nova grande liderança da direita religiosa. Aqui, percebemos o último vestígio dentro das fileiras do movimento de que assumindo o controle do executivo eles conseguiriam controlar o país. Dentro dessa linha de pensamento, a participação de Pat Robertson nas prévias republicanas de 1988 partiu de um sentimento de que os políticos republicanos não conseguiriam colocar em marcha a revolução cultural conservador e que era necessário, para que suas vozes fossem realmente ouvidas, eleger um presidente advindo da direita religiosa.

Em decorrência do fracasso da candidatura de Robertson, a década de 1990 trouxe uma nova tendência de radicalização da polarização política do país, que agora extrapolava a disputa entre republicanos e democratas para uma percepção de que não era suficiente apenas ter influência sobre as decisões presidenciais, uma vez que, mesmo elegendo um presidente

que parecia alinhado com o movimento⁴²³, a década de 1980 trouxe poucos avanços em sentido a uma agenda social conservadora. Com isso, era necessário educar uma parcela, cada vez maior, da sociedade a pensar o país de forma polarizada, era preciso declarar-se em guerra contra as elites liberais (agora mais fortemente personificadas pelo Partido Democrata), que em suas visões tinham se infiltrado nos governos, nas mídias e nas universidades do país.

4.1 A campanha Reagan contra Carter: o palco perfeito para o debate entre as duas Américas.

A campanha eleitoral de 1980 aprofundou o debate polarizado em torno de questões culturais e, em uma leitura mais simplista, pode ser vista como uma grande vitória eleitoral do novo conservadorismo⁴²⁴ e, sobretudo, da direita religiosa. Porém, os resultados da campanha foram um reflexo direto de uma conjuntura de fatores que apontava para uma sensação de que o país estava em “decadência”, e não, para uma grande aceitação das ideias conservadoras pela maioria da sociedade. Isso quer dizer que, da mesma forma que a crise na imagem dos políticos estadunidenses (provocada pela Guerra do Vietnã e pelo *Watergate*) foi um fator determinante para que Carter se tornasse presidente, uma nova crise teve seu começo no final dos anos 1970 e corroeu a imagem de excepcionalidade estadunidense, possibilitando a eleição de Ronald Reagan.

A tese determinante aqui vem de uma série de problemas pelo qual administração Carter passava, entre eles o crescimento do desemprego, o descontrole inflacionário, as pressões de ativistas em torno do debate sobre a reestruturação familiar, a ampliação da dependência por parte da população mais pobre ao Estado de bem-estar social, o crescimento da imigração (em muitos casos devido a entrada no país de imigrantes ilegais), entre outros fatores que eram vistos, por alguns setores da sociedade, como uma ameaça aos valores que construíram os EUA.

Essas questões somavam-se a crise econômica e indicavam a continuidade do processo de ruptura entre dois caminhos plausíveis para o futuro do país. O primeiro pautava-se pela defesa de um modo de vida relativamente homogêneo, que era visto pelos conservadores como dominante até a década de 1950. Esse caminho era apontado, por eles, como o

⁴²³No caso de Ronald Reagan em 1980 e 1984.

⁴²⁴Como mostrou Balmer (2008) a eleição de 1980 foi a primeira a contar com três candidatos declaradamente cristãos evangélicos, além de Carter e Reagan, o congressista republicano John B. Anderson que concorreu como independente era membro da *Evangelical Free Church of America* e tinha sido homenageado como o homem da lei do ano pela *National Association of Evangelicals*.

responsável pelas características excepcionais dos EUA. Dentro dessa visão, o país só manteria seu papel de grande potência aprofundando características como a livre iniciativa, a não interferência governamental na vida privada, a valorização da família e a defesa da ética cristã.

Já o segundo, pode ser visto como as tendências que direcionavam o país a abraçar as mudanças socioculturais e a aceitação das diferenças. Esse caminho negava a ideia de excepcionalidade e percebia que os EUA eram um país como outro qualquer, indicando que a solução para as crises encontrava-se em abraçar as transformações sociais trazidas pela modernização. Para isso, era necessário garantir a igualdade de direitos entre os grupos através da correção das injustiças, mesmo que, o Estado tivesse que interceder nesse procedimento. Pelo mesmo motivo, precisava remover as questões tradicionais que atrasavam o desenvolvimento, abraçando tudo o que mundo pudesse oferecer ao país⁴²⁵:

Para os conservadores, os Estados Unidos participavam de um projeto divinamente inspirado, o destino dos Estados Unidos lhes parecia “manifesto” (uma expressão dos anos 1840 que legitimou a conquista do Oeste). Mas, para os liberais, os Estados Unidos não precedem a história humana. (Sorman, 2004, p.51-52).

O atrito entre essas duas maneiras de solucionar os problemas enfrentados pela sociedade ocorre, exatamente, pela constatação de que ambas tiveram respaldo em interpretações da história americana, sendo vistas, como responsáveis pelo sucesso do país. Da mesma forma, elas também se embaralharam no curso dos dois principais partidos, o que indica que as ideias definidas como liberais e conservadoras, em muitos momentos, fortaleciam-se de acordo com a conjuntura histórica e com crescimento da força de grupos no interior dos partidos.

Com isso, quando se analisa as eleições presidenciais de 1980 e se destaca, especificamente, a polarização cultural em torno dela, percebe-se que, como resultado das décadas anteriores, fervilhavam questões em torno da igualdade dos sexos, do direito ao aborto, da eficiência e do direito ao acesso aos programas de ação afirmativa, da repressão à pornografia e resgate da moralidade, das restrições ao crescente consumo de drogas, do direito à posse de armas de fogo, do controle a criminalidade, da violência e da aplicação da pena de morte, do lugar dos homossexuais na sociedade, da reintrodução ou não das orações nas escolas, entre outros temas ditos culturais.

⁴²⁵Essa leitura teve suporte em autores clássicos da historiografia estadunidense como Commager (1950) que atribuiu a sucesso do país por sua capacidade de selecionar os melhores costumes, tecnologias e artes pelo mundo através de sua formação plural advinda de imigrantes.

Nessa lógica, se a década de 1960 apontou para o crescimento dos direitos civis e das políticas ditas liberais e a de 1970 mostrou uma reação e o princípio da organização de setores conservadores. Os anos de 1980 representariam a consolidação da direita religiosa, de maneira que, esses movimentos deixariam de ser explosões populares e respostas ao avanço da ideologia liberal e se tornariam uma força respeitada na vida política do país, implementando legislações que estariam inseridas em suas propostas de revalorização da família e da religião.

Essa ideia estava presente no pensamento de muitas das lideranças do movimento e refletiam em falas como a de Pat Robertson que, como nos mostrou Reichley (1985), defendia que a direita cristã tinha votos suficientes para concorrer à presidência do país. Junto a ele Jim Bakker considerava que a meta do movimento era a de influenciar todos os candidatos viáveis para que defendessem temas importantes para a igreja.

Pensando a partir dessa lógica, a eleição presidencial de 1980 representaria a primeira disputa eleitoral, cujo o enfoque principal condensaria as modernas questões culturais, especialmente, porque nela ambos os campos da disputa já estariam plenamente constituídos. Contudo, essa hipótese acabou não sendo comprovada, ao ponto de se poder afirmar que durante a campanha, assim como, durante todas as que a sucederam, as temáticas culturais nunca se destacaram como a principal preocupação da maioria da população do país. Como exemplo dessa leitura destaca-se que, durante a campanha presidencial de 1980, a principal preocupação da população era a inflação⁴²⁶ (declarada por 60% dos entrevistados pela CBN e por 68% dos entrevistados pelo *New York Times* como o principal problema do país).

Nesse sentido, para entender os resultados das eleições de 1980 é necessário bem mais do que analisar a já estruturada disputa cultural. É preciso debater toda uma variedade de fatores que prejudicavam a imagem de Carter e davam condições para que Ronald Reagan fosse eleito presidente. Assim, sua eleição foi muito mais uma procura por um “anti-Carter” do que uma adesão ao conservadorismo pela sociedade estadunidense.

Simbolicamente, Reagan representava exatamente o modo de vida estadunidense dos anos 50, afinal, ele foi o político que mais incorporou as imagens⁴²⁷ que construíram a

⁴²⁶Kaspi (2002).

⁴²⁷A incorporação de Reagan do imaginário era tão grande que ele, assim como Goldwater o fez nos anos anteriores, utilizava-se dos trajes de Cowboy, que além de remeter a conquista do oeste e aos heróis do cinema, trazia também a lembrança de John Kennedy (primeiro presidente a ser fotografado com a vestimenta).

identidade estadunidense⁴²⁸, ou seja, ele demonstrava amar os esportes nacionais e os tinha praticado durante quase toda sua vida, tinha sido uma estrela do cinema, posicionara-se como um anticomunista ferrenho e, em sua experiência como governador da Califórnia, construiu uma forte imagem de defensor da ordem. Mas do que isso, ele era o candidato que mostrava acreditar na capacidade transformadora do povo americano e que, em meio ao pessimismo do final da década defendia a crença de que era possível um crescimento inesgotável do país⁴²⁹.

Somado a esse posicionamento de Reagan, a administração Carter era assombrada por dificuldades na política externa, agravadas pela invasão soviética ao Afeganistão (o que refletia na opinião pública como uma forte vontade “imperialista” do país inimigo⁴³⁰) e pela tomada da embaixada do Estados Unidos, no Irã no dia 4 de novembro de 1979, após a revolução no país árabe. O caso ocorrido no Irã (que recentemente ganhou os cinemas no filme *Argo*⁴³¹) representou uma das maiores derrotas diplomática e militares dos EUA. Nele, após tentativas de negociações que prolongaram-se por meses, Carter autorizou, em abril de 1980, a operação *Eagle Claw*, uma catastrófica expedição militar para o resgate dos reféns que culminou em duas aeronaves destruídas e a morte de oito soldados americanos.

Se não bastasse o mal-estar causado pelos dois eventos, a crise envolvendo o impasse na situação dos reféns no Irã percorreu toda a campanha eleitoral de 1980 e, em um sentido bastante peculiar, causou na opinião pública a percepção de que Carter era um presidente fraco, incapaz de tomar uma decisão firme que resolvesse o problema⁴³². Ao mesmo tempo, Reagan, em seus discursos eleitorais, defendia a necessidade de se tomar a frente e evitar o surgimento de crises, como se percebe em sua fala durante o segundo debate presidencial envolvendo os candidatos: “E bom gerenciamento na preservação da paz requer que nós controlemos os eventos e tentemos interceptá-los antes que eles se tornem uma crise” (REAGAN, 1980)⁴³³.

⁴²⁸O documentário *American Experience*. Reagan (1998) mostra outro exemplo do quanto Reagan trabalhava com os símbolos americanos ao apontar que ele iniciou sua campanha em New Jersey com a estátua da liberdade ao fundo.

⁴²⁹Marsden (in Cromartie, 1993) seguiu o mesmo caminho apontando Reagan como “o mestre da nostalgia política simbólica”.

⁴³⁰A invasão do Afeganistão pela União Soviética acabou se tornando uma espécie de Guerra do Vietnã para os soviéticos, porém, quando o evento iniciou-se trouxe consigo uma grande preocupação com a ameaça da expansão das invasões comandadas pelo país rival.

⁴³¹ *Argo*, Ben Affleck, 2012.

⁴³² A opinião pública estadunidense novamente mostrou-se de uma maneira profundamente variável, afinal, o antecessor de Carter, anos antes, tinha sido pressionado por realizar um forte ataque militar durante a Guerra do Vietnã. E poucos anos depois Carter era acusado de fraco por demorar a reagir contra as agressões soviéticas e procurar vias diplomáticas e evitar um ataque militar ao Irã.

⁴³³Reagan (1980) disponível em: <<http://www.pbs.org/newshour/debatingourdestiny/80debates/cart1.html>>.

Além do momento diplomático do país dar a vantagem a Regam em todas as discussões que envolviam a política externa, o debate econômico apresentava diferenças cruciais entre os dois candidatos. Por um lado, o candidato republicano apoiou-se no momento pessimista sobre o futuro do país e se colocou como uma possibilidade de mudança, vinculando-a a histórica habilidade dos estadunidenses de conseguirem superar as adversidades⁴³⁴. Já pelo lado democrata, a campanha de Carter continuou enfatizando a necessidade de controle sobre os gastos energéticos e, em alguns momentos, chegou a se opor a filosofia do crescimento como forma de impedir a destruição global. Esse posicionamento de Carter foi duramente criticado por Reagan que durante a campanha o mostrava como um presidente limitado: “Essas pessoas que falam sobre a ideia de ter limites estão realmente falando de suas próprias limitações e não da América” (REAGAN apud CARROL; NOBLE, 1988, p.429).

Se a questão da política externa enfraquecia Carter, em termos econômicos o discurso conservador adotado por Reagan e pelos seus apoiadores encaixava-se perfeitamente com a solução para os problemas do período e, até mesmo, eram respostas para as dificuldades que o país enfrentava na política externa, visto que, ele propunha o estímulo da produção através da redução dos gastos federais⁴³⁵, ao mesmo tempo em que, defendia a ampliação do orçamento militar⁴³⁶. Assim reforçava-se a ideia de que o governo gastava muito tentando abarcar obrigações que não deviam ser suas, o que era reforçado pelo que Hirschman (1991) criticou como retóricas da intransigência e que consistiam nos argumentos de que o governo ajudava pessoas que não mereciam, pois, não se esforçavam, ou mesmo, que os auxílios governamentais não chegavam a quem realmente precisava e quando chegavam apenas criavam um vínculo de dependência, ou ainda, que os auxílios governamentais traziam danos para a própria democracia.

Em meio as constantes crises e a força com que os argumentos de Reagan se adequavam ao momento do país, para a campanha de Carter apenas restava utilizar uma última cartada que consistia em tentar adotar uma tática semelhante a do Partido Democrata contra Goldwater em 1964, ou seja, mostrar que Reagan era o perigoso candidato da direita

⁴³⁴ Novamente aqui Reagan mostrou ter absorvido a essência do que vinha sendo definido como a identidade americana, ao apoderar-se da leitura sobre a formação do povo americano e sua constante luta contra o meio ambiente hostil desde os tempos da colonização.

⁴³⁵ Que segundo o debate presidencial realizado em 28 de outubro de 1980 seria feito a partir da reduções, sem que ocorresse os cortes em programas vitais do governo, mas com a diminuição dos desvios e dinheiros mal empregados.

⁴³⁶ Para Lieven (2005) a preocupação com o crescimento do complexo industrial militar foi um reflexo da derrota no Vietnã, ao qual, Reagan via como uma cruzada nobre.

radical que tentaria cortar os avanços sociais conseguidos durante os últimos anos. Porém, diferentemente do primeiro candidato conservador, Reagan tinha preparo e carisma muito maior do que Goldwater, o que possibilitou que ele facilmente absorvesse os impactos negativos da campanha democrata.

O resultado previsível da disputa eleitoral foi a vitória de Reagan, entretanto, observando os dados a respeito dos motivos da escolha do candidato republicano que se percebe o tanto que sua campanha foi bem construída, ou, como detalhou Kaspi (2002), 51% dos eleitores escolheram Reagan por ele parecer um líder forte⁴³⁷ e 63% votaram nele simplesmente por rejeitarem Carter.

Além das questões econômicas e de política externa, a religião também pesou a favor de Reagan no decorrer da campanha, o que mostrava que o descontentamento dos setores conservadores religiosos com Carter e com a sua *White House Conference on Family* tinha afastado os votos religiosos do político democrata⁴³⁸. De acordo com Zwier (1982), os votos para Carter advindos de todas as denominações protestantes caíram 7%, da eleição de 1976 para a de 1980, indo de 63% para 56% e apenas 30% dos *Born Agains* votaram nele⁴³⁹.

É interessante destacar que, como nos esclareceu Balmer (2008), a opção da direita religiosa por Reagan parecia não ser a escolha mais óbvia⁴⁴⁰, já que, ele tinha assinado em 1967 o *Therapeutic Abortion Act*⁴⁴¹, visto por muitos como o mais radical projeto de legislação estadual pró-aborto. Um ano antes da campanha presidencial, a assinatura ainda provocava um grande desconforto entre o candidato republicano e membros da direita religiosa, que não apoiariam facilmente um candidato pró-aborto. A questão somente foi apaziguada quando Reagan declarou publicamente ter se arrependido da assinatura da

⁴³⁷ O fato é que os reféns somente foram libertados no dia 20 de janeiro de 1981, 25 minutos após Ronald Reagan fazer o sermão constitucional. Reagan (1990), em sua biografia, credita a libertação dos reféns ao esforço de Carter.

⁴³⁸ A leitura feita pelos conservadores Sears e Osten (2005) sobre a ACLU exemplificou bem a relação dos grupos conservadores com Carter, ao qual, os autores escreveram que uma das últimas medidas de Carter como presidente foi dar uma *Medal of Freedom* para o falecido criador da ACLU Roger Baldwin. Ou seja, na visão dos conservadores, como poderia um presidente do Estados Unidos dar a maior honraria do país para alguém assumidamente ateu e comunista.

⁴³⁹ 60% deles votaram em Reagan e 8% em Anderson.

⁴⁴⁰ Entre os pontos que abalavam a relação entre Reagan e a direita religiosa estava o fato do candidato ser divorciado.

⁴⁴¹ Kengor e Doerner (2008) explicaram que Reagan aprovou o *Therapeutic Abortion Act* em 14 de junho de 1967, apenas seis meses após assumir o governo da Califórnia. Como resultado, o número de abortos legais no estado passou de 518 para 100,000, durante o período restante de seus dois mandatos. Apesar dele dizer-se arrependido por assinar a legislação, os autores defenderam que ele optou pela assinatura por perceber que se a rejeitasse, ela voltaria para o Congresso e seria aprovada de qualquer maneira. Portanto, o argumento do político republicano para aprová-la consistiu nas possíveis alterações que ele poderia inserir nela, que mudariam a linguagem do texto e a reformatariam para que a legislação permitisse o aborto apenas em casos extremos como estupro, incesto ou quando a gravidez trouxesse risco físico ou mental para a mãe.

legislação e, em sequência, se colocou a favor da proposta de lei antiaborto *Human Life Amendment*⁴⁴².

O autor acrescentou que, mesmo George H. W. Bush era visto pela direita religiosa com ressalvas, pois, antes de ser o candidato à vice-presidência, ele tinha batalhado sua indicação para presidente, mostrando-se um republicano pró-aborto, contrário ao plano de Reagan de corte de impostos e ao crescimento dos gastos militares. Bush somente mudou sua posição após ser indicado candidato à vice-presidência junto com Reagan, negando-se comentar sobre seu posicionamento anterior durante a campanha.

Reagan se moveu para atrair o apoio da direita religiosa, mostrando que ele era também um homem religioso, como exemplo disso, na Convenção Nacional Republicana de lançamento de sua candidatura, ao qual, ele pediu para que as pessoas que se uniriam a sua cruzada se juntassem em um momento de oração silenciosa⁴⁴³. Com isso, ele procurava repetir a estratégia sulista utilizada por Richard Nixon, trazendo para si os votos dos brancos do sul e o apoio dos novos movimentos da direita religiosa.

Froidevaux-Metterie (2009) argumentou que, durante a campanha, Reagan multiplicou os sinais em direção aos eleitores religiosos, ou, como mostrou a autora, ao citar o discurso de Reagan para uma plateia repleta de lideranças religiosas conservadoras: “Eu sei que vocês não podem me apoiar, mas eu vou apoiar vocês.” (REAGAN, apud Froidevaux-Metterie, 2009, p.91). A autora completou dizendo que essa tentativa de aproximação não se resumia apenas ao presidente e que, no mesmo ano, o Partido Republicano adotou um programa político contrário ao *Equal Rights Amendment* e ao aborto, o que foi o suficiente para capturar os líderes religiosos e a imensa maioria dos votos evangélicos⁴⁴⁴. Leitura semelhante foi feita por Corbett (1990) que apontou que o partido esteve envolvido nos três principais eventos que insuflavam o apoio da direita cristã à campanha de Reagan, sendo eles: *Washington for Jesus*⁴⁴⁵, *I Love America*⁴⁴⁶ e o *Round Table's National Affair Briefing*⁴⁴⁷.

⁴⁴² Balmer (2008) discutiu que Reagan, assim como grande parte dos conservadores antiaborto, somente passaram a se opor ao aborto quando perceberam a explosão no número de abortos após a decisão de 1973.

⁴⁴³ Em Balmer (2008).

⁴⁴⁴ Vale lembrar que Reagan concorreu em 1980 contra Carter que havia na eleição anterior sido o primeiro presidente estadunidense a conseguir atrair o voto em massa de setores religiosos.

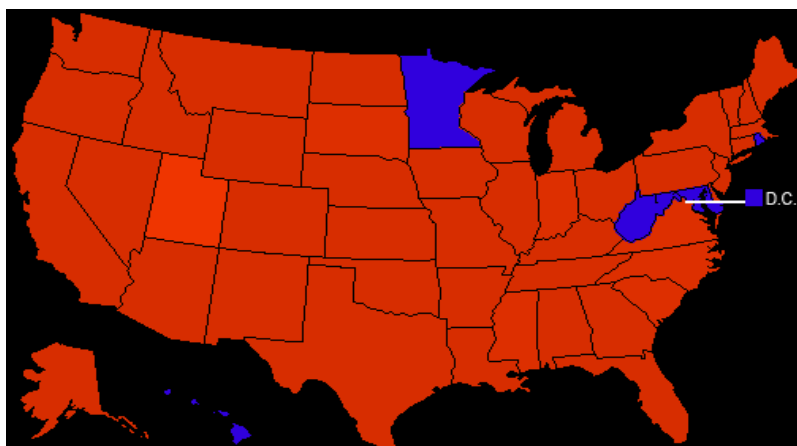
⁴⁴⁵ De acordo com Phan (2004) o evento foi organizado pela organização cristã *One Nation Under God* e contou com 500.000 pessoas que se uniram para rezar e jejuar contra o declínio moral que o país passava. O evento foi realizado mais duas vezes em 1988 (com aproximadamente 1.000.000 de pessoas) e em 1996 (com 500.000 participantes).

⁴⁴⁶ Organizado por Falwell.

⁴⁴⁷ Que contou com 15 mil cristãos, membros do Partido Republicano e Ronald Reagan.

Os resultados finais da eleição mostraram que Reagan foi vitorioso em 44 estados⁴⁴⁸ e recebeu 50,7% dos votos populares, contra 41% de Carter, 6,6% do candidato independente John Anderson, 1,1% para o candidato libertário Ed Clark e 0.27% para o candidato do *Citizens Party* Barry Commoner. Como se percebe no **Mapa II**.

Mapa II Vitória de Reagan por estados em 1980.



Fonte: <<http://uspoliticsguide.com/US-Politics-Directory/Historical-Presidential-Election-Results/1980-Presidential-Election-Results.php>>.

Porém, outra característica da disputa eleitoral merece ser destacada, já que, Reagan foi eleito com forte apoio conservador, isso não significou que a maior parte da população suportasse uma agenda conservadora. Isso pode ser constatado quando observamos que apenas 54% da população compareceram às urnas (cerca de 86.515.221), número que por si só apontaria um virtual desinteresse de grande parte da população pela disputa entre conservadores e liberais ou pela política do país.

Somado a isso, Kaspí (2002) mostrou que novamente ocorreu uma divisão do controle das casas do legislativo, onde, o Partido Democrata conseguiu 33 novas cadeiras, obtendo a maioria absoluta na Câmara de Deputados e o Partido Republicano controlou o Senado⁴⁴⁹ (fato que não ocorria desde 1953⁴⁵⁰). Para Sorman (1983) o domínio republicano ocorreu, especialmente, devido à mobilização da direita cristã, que conseguiu uma redução nos votos

⁴⁴⁸Perdendo para Carter apenas em Minnesota, Geórgia, Virginia-Ocidental, Maryland, Delaware, Havaí e no Distrito de Columbia.

⁴⁴⁹Que era motivado pelo fato da direita religiosa ter registrado milhões de eleitores a favor de Reagan e ter feito uma campanha ferrenha contra candidatos ao senado vistos como liberais. Dentro dessa estratégia, Stanmeyer (1983) citou o exemplo dos senadores republicanos eleitos John East (pela Carolina do Norte) e Jeremiah Denton (pelo Alabama) que eram ligados ao movimento e tiveram vitórias sobre quadros influentes do Partido Democrata.

⁴⁵⁰Em Carrol e Noble (1988).

dos senadores, vistos por eles como liberais, de 54,5% na eleição de 1974 para 48% em 1980. Isso pode ser percebido a partir do exemplo citado pelo autor, onde, 23 dos 38 legisladores apontados com índices baixos, de acordo o ranking de cartas da *Christian Voice*, foram derrotados.

Atribuir notas e rankings para candidatos vem sendo um dos métodos mais empregados pelos movimentos da direita cristã desde sua criação, esse sistema parte da especificação de quais seriam as características de um bom candidato conservador, pontuando-o através do apoio do candidato a temas como aborto, religiosidade entre outros⁴⁵¹.

Os desdobramentos do cenário eleitoral mostravam que, embora, Reagan fosse eleito com uma grande margem, precisaria buscar um consenso com a oposição para poder avançar suas principais propostas. Isso é vital para se entender as decisões políticas do presidente e os motivos que não levaram o governo a ter um predomínio das ideias da direita religiosa.

4.2 Reagan o grande herói conservador? A *Moral Majority* e a relação da direita religiosa com a administração Reagan.

Mas sua ênfase na moral e nos valores espirituais foi uma de suas grandes contribuições. Sr. Reagan fez os Americanos se sentirem bem sobre eles mesmo, não importando quais eram os problemas. (GRAHAM in FELTEN, 1998, p.17).

Nos dias que se sucederam a eleição, a administração Reagan parecia alinhar-se com as correntes conservadoras que apoiaram sua candidatura, tanto pelo seu relacionamento com a direita cristã⁴⁵², quanto pela proximidade com outras vertentes do conservadorismo, como a corrente conservadora fiscal (que incluía os libertários) e os tradicionalistas (entre eles os neoconservadores)⁴⁵³. Todavia, entre os membros da coalisão, que levaram Reagan a vitória, poucos tinham reais condições para compor o governo durante a formação do novo gabinete,

⁴⁵¹Esse sistema de pontuação é interessante pois nem sempre o movimento consegue achar um tipo ideal de candidato, afinal, não necessariamente um candidato antiaborto é contra o casamento homossexual.

⁴⁵²Que ao arrematar o voto de milhões de evangélicos saíra da eleição com o status de grande vencedora.

⁴⁵³ O que podia ser comprovado pelo fato de que, no segundo dia após assumir Reagan recebeu Jack Wilke (presidente do *National Right to Life Committee*) junto a um grupo de ativistas pró-vida no salão oval, visita que foi vista de uma forma bastante positiva, pois apontava um comprometimento do novo presidente com os temas do conservadorismo cristão.

principalmente, porque existiam poucos nomes dentro das linhas evangélicas com um preparo administrativo mínimo para ocupar cargos importantes no governo⁴⁵⁴.

Como resultado disso, Martin (1996) pontuou que poucos evangélicos foram indicados, entre eles: James Watt (um membro da Assembléia de Deus) que foi nomeado secretário de interior, Robert Billings (um dos fundadores da *Moral Majority*) que se tornou assistente de Terrel Bell na educação e Jerry Regier⁴⁵⁵ como diretor do escritório das famílias. Junto a eles, Balmer (2008) incluiu os nomes de C. Everett Koop⁴⁵⁶ como o cirurgião geral do presidente e Gary L. Bauer indicado, primeiramente, como um funcionário de baixo escalão e depois como assessor para assuntos domésticos⁴⁵⁷.

Ainda seguindo a linha que marcou a baixa frequência da direita cristã no governo, percebe-se que, mesmo na composição dos cargos mais próximos ao presidente, a presença de religiosos conservadores foi pequena. Como exemplo disso, a sua equipe da Casa Branca foi composta pelo chefe de gabinete James Baker, do deputado chefe de funcionários Michael Deaver e do conselheiro presidencial Edwin Meese⁴⁵⁸.

Somado a inexperiência administrativa dos grupos religiosos conservadores, o governo Reagan vivia o dilema entre o resgate da economia do país e a opção por uma agenda social mais conservadora. É importante compreender aqui que, sem ter conseguido a maioria no legislativo, era pontual para a administração dialogar com a oposição, o que fazia com que temas sociais controversos fossem evitados em um primeiro momento da administração.

Essa reticência era fruto da análise da atuação do seu antecessor, Carter, que teve problemas para avançar projetos importantes, após ter enviado simultaneamente para o legislativo uma grande quantidade de projetos que relacionavam-se a algumas de suas propostas de campanha. Essa precipitação de Carter acabou favorecendo a oposição que abarrotou a agenda do legislativo com debates sobre os projetos de menor importância e, com isso, paralisou as reformas mais urgentes propostas pelo presidente, causando a impressão de ineficiência.

⁴⁵⁴ Wilcox (in Wolfe; Katznelson, 2010) assinalou que grande parte dos membros da direita cristã tinham pouca instrução.

⁴⁵⁵ Regier fundou em 1981 junto com James Dobson a organização lobista *Family Research Council* (grupo ligado a *Focus on the Family*), sendo presidente da organização de 1984 a 1988. A *Family Research Council* teve uma participação importante na história do conservadorismo, participando de batalhas sobre os temas da direita religiosa. Dados sobre o grupo podem ser encontrados em: <<http://www.frc.org/>>.

⁴⁵⁶ Koop colaborou com Francis Shaeffer na produção do filme: *Whatever Happened to the Human Race?*

⁴⁵⁷ Bauer foi responsável por colocar em andamento a agenda de defesa de valores familiares da direita cristã.

⁴⁵⁸ Entre esses nomes, apenas Meese era visto por membros da liderança da direita religiosa como alguém que compartilhava as visões conservadora cristãs.

Por esse motivo, a administração Reagan optou pela proximidade com os conservadores fiscais, avançando as problemáticas propostas voltadas à recuperação econômica, que consistiam, essencialmente, na redução de gastos governamentais domésticos e no corte de impostos. Ao mesmo tempo em que, manteve a porta da Casa Branca aberta para a direita religiosa, o que, em um sentido prático, significava receber e agrada-los, sem, necessariamente, comprometer-se com a agenda deles ou ter uma imagem pública excessivamente próxima ao movimento, que pudesse ser prejudicial em uma futura reeleição⁴⁵⁹. A comprovação desse direcionamento político transparecia tanto na fala de Reagan, quanto na do líder da maioria republicana no Senado, Howard Baker, e deixava claro que a “agenda social” ficaria em segundo plano⁴⁶⁰.

Como resposta a essa exclusão dos evangélicos e de suas reivindicações das prioridades do governo, Reagan rapidamente passou a ser duramente criticado por algumas figuras influentes do movimento, como Howard Phillips que lamentou o fato da promessa da criação de um governo conservador não ter sido cumprida. Willians (2010) acrescentou que, um mês após a eleição, Weyrich tentou insistir para que o vice presidente George H. W. Bush reforçasse sua posição contra o aborto e proclamasse apoio ao retorno das orações nas escolas, contudo, Bush se recusou a fazer isso, dizendo que não seria intimidado por quem sugeria que ele deveria cruzar a linha e mandou literalmente o intelectual conservador ir para o inferno⁴⁶¹.

Por outro lado, outras figuras proeminentes da direita religiosa, como Jerry Falwell, mantiveram-se fieis ao presidente, sob o argumento de que eles não elegeram Reagan como um salvador e sim para mudar a direção que o país estava tomando⁴⁶². O posicionamento de Falwell pode ser compreendido de duas maneiras: a primeira indicava que o pastor percebia a necessidade de um longo caminho para reverter todas as mudanças socioculturais que vinham causando a decadência moral do país. Isso significava que Reagan era apenas um capítulo da aproximação entre a direita religiosa e o Partido Republicano e que era mais importante estabelecer essa aliança do que pressionar a implementação de sua agenda.

⁴⁵⁹ Embora os movimentos da direita cristã conseguissem mobilizar uma grande quantidade de eleitores, eles eram fortemente rejeitados por outra grande parcela da população, o que indicava que, ao mesmo tempo em que, se aproximar à direita religiosa ampliava os votos de uma parcela da sociedade, também reduzia votos em outras.

⁴⁶⁰ É interessante prestar atenção que o mesmo argumento de se protelar os temas da agenda social foi utilizado por Barack H. Obama após a sua eleição, o que mostra que historicamente nos Estados Unidos os debates radicalizados envolvendo questões culturais possuem um papel central durante a campanha para após as eleições perderem sua força.

⁴⁶¹ O autor aponta que Weyrich não conseguia entender o motivo que fazia a *Moral Majority* continuar apoiando o governo.

⁴⁶² Em Martin (1996).

Já a segunda mostrava que a proximidade com os meandros da Casa Branca interferia nas decisões do pastor, que priorizava o prestígio da relação próxima com o presidente ao discurso radical que ele e a *Moral Majority* tanto defendiam. Dentro dessa perspectiva, Willians (2010) discutiu que muitos dos líderes do movimento se viam como analistas políticos profundamente sofisticados por terem, de forma sagaz, adquirido influência política em Washington ao recusar criticar Reagan.

Para o autor, a *Moral Majority* sofria com as constantes campanhas de setores liberais da sociedade que tentavam impedir o crescimento da importância do movimento no debate sociopolítico do país, como exemplos dessa contensão destacam-se a fala do rabino Alexander Schindler que acusou a direita cristã de ser antisemita, os comentários que diziam que a direita cristã era contra os interesses dos afro-americanos e a decisiva participação da ACLU que se colocou como a principal antagonista do movimento. Essas campanhas faziam com que muitos evangélicos brancos não quisessem participar de um movimento com um caráter preconceituoso.

Com relação a Falwell, os constantes ataques e sátiras a ele mostravam que centralizar a cruzada contra o liberalismo e o secularismo colocava-o como um alvo fácil e o transformava, em muitos momentos, em um pária mesmo dentro de alguns círculos do *Bible Belt*. Um exemplo clássico desses ataques foi narrado por Smolla (1990) ao escrever sobre a disputa judicial envolvendo Falwell contra Larry Flynt. Nela o pastor processou o dono da revista erótica *Hustler*, após ela publicar a charge-propaganda da bebida Campari, “Jerry Falwell fala sobre sua primeira vez”. A propaganda utilizava de duplo sentido sexual em forma de uma entrevista fictícia, ao qual, ele narrava a primeira vez que consumiu a bebida e dizia que ele tinha feito isso com a sua mãe. Mais que o conteúdo não autorizado, Falwell entrou na justiça por não aceitar que sua imagem fosse utilizada para dar dinheiro para pornografia. O processo se arrastou ao longo da década de 1980, tendo em um primeiro momento o pastor como vencedor e a revista sendo condenada a pagar 150.000 dólares de indenização, contudo, anos depois essa decisão foi revogada⁴⁶³ a favor da revista⁴⁶⁴.

Se o presidente não demonstrava grandes sinais de apoio à agenda do movimento, pelo seu lado, a *Moral Majority* e os movimentos da direita religiosa aproveitavam a estrutura advinda da disputa eleitoral para liderar campanhas em nível local, onde, pressionavam pela revisão dos manuais educacionais, realizavam orações coletivas e mobilizavam os pais para

⁴⁶³A partir da defesa de que existia uma tradição dos meios de comunicação de utilizar humor sobre figuras públicas.

⁴⁶⁴O caso é narrado no filme: O povo contra Larry Flynt (1996).

que eles controlassem o conteúdo das escolas, além, é claro, de batalharem pressionando o legislativo a uma oposição que se tornou vitoriosa contra a *Equal Rights Amendment*⁴⁶⁵.

Com esse cenário inicial, segundo a leitura realizada por Carrol e Noble (1988), o principal resultado obtido pela coalizão que elegeu Reagan foi a quebra de um “contrato social”, existente nos EUA desde 1952, que se pautava pela aceitação de um tipo limitado de *Welfare State* e de movimentos de trabalhadores organizados. A eleição de Reagan foi uma resposta à crença de que essa estrutura socioeconômica vivia em crescente descompasso com a realidade, o que foi reforçado durante toda a década de 1970 a partir de uma persistência da ideia de que o país estaria em declínio (econômico, cultural e militar).

O reflexo disso ia ao encontro dos anseios dos homens de negócios que temiam o vertiginoso declínio da dominância estadunidense no mundo dos negócios. Nesse sentido, a principal ideia presente na administração Reagan era que o governo não era a solução para os problemas e sim um problema. Essa leitura foi invariavelmente refletida durante a campanha presidencial de 1980 e resultou, já em 1981, em uma redução de despesas governamentais em torno de 98 bilhões de dólares, na ampliação de mecanismos de fiscalização de gastos federais e na eliminação de regras burocráticas vistas como desnecessárias. Junto a isso, a administração pressionou os sindicatos e movimentos sociais do país, como no exemplo da greve dos controladores de voo em agosto de 1981, ao qual, após apenas dois dias de greve⁴⁶⁶, foram demitidos 11.359 controladores de voo após a decisão governamental de que a greve era ilegal, pois, colocava em risco a segurança nacional. A decisão da administração foi cercada de obscuridades, visto que, o governo vinha treinando secretamente controladores de voo para substituir os que entraram em greve e como penalidade que se somou à demissão os controladores foram proibidos de se candidatar a qualquer outro cargo público.

É conveniente observar que a redução de despesas governamentais ocorreu com maior empenho durante o seu primeiro ano, já em 1982, com o retorno da prosperidade econômica, sua administração passou a ampliar substancialmente o déficit orçamentário, que variou para 128 bilhões em 1982, para 207.8 bilhões em 1983 e 185.3 em 1984. O crescimento dos gastos governamentais não significou o retorno ou a manutenção dos programas sociais que foram constantemente cortados, o que era reforçado pelas ideias de intelectuais, como o libertário

⁴⁶⁵ Essa mobilização criou o que, talvez, seja uma das passagens mais peculiares da política estadunidense, visto que, Falwell se tornou a principal liderança da direita cristã no período, conseguindo mobilizar milhões, ao mesmo tempo em que, era vista pelas pesquisas de opinião do período como uma das figuras mais odiadas da América.

⁴⁶⁶ Que tinha como enfoque principal a redução de carga horária para 32 horas semanais.

Charles Murray⁴⁶⁷ que defendia que a verba governamental em programas assistenciais era mal empregada, gerava dependência e ampliava a criminalidade. O resultado dos constantes cortes de programas sociais trouxeram uma nova realidade marcada pelo crescimento da pobreza que passou de 13% em 1980 para 15% em 1983⁴⁶⁸.

Apesar do significativo enfoque do governo Reagan nas questões econômicas e de política externa, a pretensão desta passagem do texto é estabelecer um levantamento a respeito da relação dele com a agenda das batalhas culturais. Com isso é importante destacar dois pontos específicos da relação entre a sua administração e a direita religiosa. O primeiro concentra-se na sua participação prática em questões socioculturais como o combate a o debate em torno da pornografia e do aborto e o segundo que delimita as reações ao não cumprimento do posicionamento que era esperado do presidente sobre essas mesmas questões e que motivaram toda uma reformulação na maneira de pensar a política por parte da direita religiosa.

Com relação ao primeiro tema, Walker (1990)⁴⁶⁹, defendeu que a administração Reagan fez um grande esforço atuando contra a pornografia, sobre questões carcerárias, de segurança nacional e por uma substancial tentativa de suprimir oradores que a ele se opunham. Sua inserção nesses temas resultou em inúmeros embates entre grupos como a *American Civil Liberties Union (ACLU)* e o governo, sobretudo, pelo fato da organização enxergar a administração Reagan como o maior ataque a liberdade de expressão em anos.

Partindo da leitura realizada pelo autor, a década de 1980 iniciou-se sob um forte debate em torno da pornografia, pois, mesmo com a oposição realizada durante a década de 1970, a indústria pornográfica se expandiu, favorecida pela instituição da classificação etária para filmes que possibilitou com que o gênero cinematográfico abandonasse o submundo criminal de circulação limitada. Junto a isso, a criação de cinemas específicos e a popularização dos aparelhos de vídeos cassetes (no início dos anos 1980) possibilitaram sua distribuição sem maiores constrangimentos, exibida diretamente nas salas de estar de grande parte das residências americanas e tornava-se um mercado extremamente rentável.

Se o gênero se popularizou durante os anos 1980, o combate a pornografia também ganhou em complexidade, desenvolvendo-se a partir de duas frentes que, embora em muitos momentos estivessem em lados antagônicos da disputa cultural, defendiam opiniões relativamente semelhantes quanto ao fato da pornografia ser uma violenta degradação física e

⁴⁶⁷A tese de Murray (1984) foi publicada no livro *Lousing Ground. American Social Policy, 1950-1980*.

⁴⁶⁸ De acordo com Vincent (1994).

⁴⁶⁹ Professor de justiça criminal na Universidade de Nebraska que resgatou a história da ACLU desde sua origem até o final dos anos 1980.

psicológica das mulheres⁴⁷⁰. Ou seja, contra a pornografia existia uma inusitada aliança entre as feministas e a direita religiosa, que podia não ser confirmada publicamente, mas ao menos batalhavam paralelamente por objetivos comuns.

Sobre isso, Walker (1990) descreveu que as batalhas legais em torno da questão refortaleceram-se após 1983, quando a autora feminista Andrea Dworkin⁴⁷¹ e a professora de direito Catherine Mackinnon participaram do debate sobre o tema ocorrido em Minneapolis. O evento tinha a intenção de debater maneiras de restringir a locação de filmes pornográficos e de ampliar o controle sobre cinemas do gênero, partindo da teoria legal de que a indústria pornográfica era uma discriminação contra as mulheres. A sequência a esse evento culminou em uma extensa gama de processos contra produtores e distribuidores e rapidamente se espalhou pelo país, ganhando o apoio de grupos da direita cristã como a *Moral Majority*.

A administração Reagan entrou na disputa apenas em 1985, já no segundo mandato do presidente, quando o Edwin Meese estabeleceu a fracassada comissão federal a respeito da pornografia (a derrota da comissão foi fortemente influenciada pela atuação de Barry Lynn⁴⁷² da ACLU). Pela leitura dos conservadores Sears e Osten (2005), a ACLU teve forte influência em decisões do período, trabalhando legalmente para impedir legislações federais de caráter conservador como a que permitia aos pais notificar os correios se eles não tivessem desejo de receber propaganda sexual⁴⁷³ por cartas⁴⁷⁴.

O crescimento da pornografia destacava-se como um ponto chave na ideia de declínio cultural e ocasionava uma oposição que atravessava a polarização entre democratas e republicanos e estendia-se para outros campos da indústria cultural, como a programação da televisão e músicas. Um exemplo claro disso, foi uma das batalhas legais mais inusitadas travada entre a ACLU e o movimento contra o *Rock and Roll* (que era liderado por Tipper Gore esposa do democrata Albert Gore). O movimento condenava o estilo musical por ter uma linguagem explícita de violência e satanismo e só foi impedido através da mobilização de vários artistas e produtores, que sobre os conselhos da ACLU criaram a *Music Majority*⁴⁷⁵ que

⁴⁷⁰ A tese da pornografia como uma degradação da mulher surgiu após o testemunho de Linda Susan Boreman (Linda Lovelace) que declarou não ter recebido nada pelas cenas do filme *Garganta Profunda* (1972) e, ainda, ter sido vítima de estupro, tendo feito as cenas sob a mira de uma arma. Boreman tornou-se uma ativista do movimento feminista, abandonando o movimento nos anos 2000 e retornando para a indústria erótica.

⁴⁷¹ Dworkin foi uma das principais oradoras do movimento feminista, ligando a pornografia ao estupro e a violência contra as mulheres.

⁴⁷² Hoje Lynn é diretor executivo da *American United for Separation of Church and State*.

⁴⁷³ Outro tema associado a essa disputa que surgiu no período foi a batalha judicial contra o surgimento dos tele sexo que começaram se proliferar pelo país.

⁴⁷⁴ Os autores acusaram também a ACLU de defender a pornografia infantil.

⁴⁷⁵ Mais uma vez o tema maioria aparece na década de 1980, o que constantemente reflete uma tentativa de mostrar o apoio de todo os EUA a determinadas causas.

contava com Prince, Tina Turner, o produtor Danny Goldberg, entre outras figuras proeminentes do meio musical. Aqui, assim como na questão da pornografia, o discurso em defesa da liberdade de expressão superou os argumentos em torno de moralidade e declínio cultural nos tribunais.

Se a ideia de declínio cultural era cada vez mais presente nos debates da década de 1980, foi a temática envolvendo a questão do aborto que mais estremeceu a relação entre a direita cristã e o presidente. O *Human Life Statute*, projeto de lei que foi apresentado por dois Republicanos (o senador e ícone da direita religiosa estadunidense Jesse Helms⁴⁷⁶ e o congressista Henry Hyde⁴⁷⁷)⁴⁷⁸, como uma tentativa de definir que a vida humana se iniciava no momento da concepção⁴⁷⁹, fracassou no legislativo. A proposta havia sido aprovada no Senado (controlado pela maioria republicana), mas isso não foi suficiente para ela ser validada, pois, era necessário uma aprovação por maioria simples nas duas casas do legislativo.

A rejeição desse projeto pelo Congresso rapidamente ampliou as vozes descontentes da direita cristã com o governo, principalmente, porque, apesar de declarar publicamente que acreditava que a vida humana começava na concepção, Reagan não disponibilizou o apoio da Casa Branca a proposta de lei de Helms-Hyde, o que frustrou muitos ativistas⁴⁸⁰.

Martin (1996) acrescentou que o sentimento de que o governo os havia traído expandiu-se ainda mais quando, no verão de 1981, Reagan indicou a juíza Sandra Day O'Connor⁴⁸¹ para a Suprema Corte⁴⁸². O'Connor não tinha nenhuma aparente orientação religiosa e possuía uma trajetória de lutas a favor do ERA e pela legalização do aborto durante sua passagem pelo Senado Estadual do Arizona. Como argumentou Banwart (2013), após a indicação, Reagan contatou Falwell e defendeu que O'Connor era uma conservadora descente, tentando, com isso, convencer o pastor a influenciar o movimento a não atacá-la.

⁴⁷⁶ Helms faleceu em 2008 deixando seu nome na história como um dos principais nomes do Partido Republicano e do conservadorismo estadunidense. Ele foi Senador durante cinco mandatos pela Carolina do Norte e fundou, em 1988, a *Jesse Helms Center Foundation* cujo a intenção é a de propagar através de cursos de baixo custo ou gratuitos os valores tradicionais americanos. Dados sobre a centro podem ser encontrados em:<<http://www.jessehelmscenter.org>>.

⁴⁷⁷ Hyde faleceu em 2007 tendo sido eleito deputado por 13 vezes pelo Partido Republicano.

⁴⁷⁸ Martin (1996) escreveu que os dois já tinham tido sucesso na redução dos fundos federais em abortos de 295000 em 1976 para apenas 2900 em 1979.

⁴⁷⁹ Os dois políticos republicanos partiam do princípio que as legislações sobre o aborto não explicitavam quando inicia a vida humana.

⁴⁸⁰ Martin (1996).

⁴⁸¹ O'Connor foi a primeira mulher indicada para a suprema corte do país atuando até 2006.

⁴⁸²Willians (2010) explicou que o diretor de uma das organizações que fazia parte da direita cristã a *Religious Roundtable* tinha sugerido ao presidente que indicasse a ativista Phyllis Schlafly para o cargo mas que o presidente preferiu O'Connor.

Porém, os posicionamentos liberais da juíza a respeito de temas culturais fizeram com que outras lideranças do movimento se voltassem contra ela, o que ficou claro quando Cal Thomas⁴⁸³ se opôs a juíza no programa *Nightline*⁴⁸⁴ e, uma semana após sua indicação, a *Moral Majority* lançou um manifesto cobrando esclarecimentos dela a respeito da questão do aborto. Inquietação que foi reforçada por outros membros da direita cristã, como James Robinson, que a viam a sua indicação e o não comprometimento do presidente com as causas culturais como um recado de que a administração não necessitava mais do apoio deles.

Se esses acontecimentos causaram, em um primeiro momento, a desilusão e a revolta de alguns membros da direita cristã, eles também motivaram uma mudança no enfoque da atuação do movimento, que agora, passava (através de iniciativas como a de Paul Weyrich) a educar os conservadores cristãos sobre o funcionamento do legislativo. Essa nova estratégia possibilitou o crescimento do apoio aos legisladores conservadores e fez com que os projetos de leis fossem encaminhados de uma maneira um pouco mais elaborada⁴⁸⁵.

Dentro desse projeto, Martin (1996) citou o *Family Protection Act*, que de acordo com o autor consistia em um projeto, um tanto quanto mal formulado, que abarcava em 31 tópicos quase todas as propostas do movimento, como a tentativa de proibir o aborto, a interdição da provisão de contraceptivos para adolescentes, o auxílio governamental aos pais que tinham filhos em escolas particulares, o direito dos pais de bloquear o conteúdo educacional, entre outros temas⁴⁸⁶.

Somado a esse projeto, Jesse Helms introduziu, ainda em 1981, um projeto que buscava a revisão e o banimento das decisões judiciais da Suprema Corte em torno da questão da oração nas escolas. O tema vinha ganhando uma visibilidade cada vez maior, sobretudo, pelo fato de que as pesquisas de opinião da época apontavam que a maioria dos americanos defendia o retorno das orações voluntárias nas escolas públicas⁴⁸⁷. Em termos de mobilização, o autor apontou que a organização *Leadership Foundation* tomou a frente desse projeto, publicando cerca de 42 milhões de cópias de um material sobre o tema e produzindo um programa televisivo, de cerca de uma hora, chamado *Let Our Children Pray*, transmitido em mais de cem emissoras religiosas, comerciais e públicas.

⁴⁸³Cal Thomas foi vice presidente da *Moral Majority* entre 1980 e 1985.

⁴⁸⁴Banwart (2013) acrescentou que, Falwell intercedeu, defendendo que ter acesso ao presidente era mais importante que qualquer desses assuntos.

⁴⁸⁵ Martin (1996).

⁴⁸⁶Da mesma forma que no projeto especificamente antiaborto Reagan não auxiliou o projeto, mantendo seu enfoque no conservadorismo fiscal.

⁴⁸⁷ Aqui vale destacar o significado de preces voluntárias, que consistiriam em um tempo para que os estudantes realizassem suas orações, de maneira que, elas não seriam dirigidas pelas autoridades educacionais.

Assim como os outros projetos submetidos por pessoas ligadas ao movimento o *Family Protection Act* fracassou, de maneira que, a única grande vitória da direita religiosa no início da década ocorreu em 1982, quando, através das batalhas sob a liderança de Schlafly e seu *Eagle Forum* o projeto *ERA* foi finalmente engavetado após estourar o prazo final para ser votado⁴⁸⁸.

O não avanço das propostas do movimento foi discutido por Willians (2010) que considerou que o principal responsável pelo fracasso de sua agenda, mais do que a letargia do presidente e a oposição democrata no legislativo, era o não apoio da população a elas. Como resposta a isso, a *Moral Majority* passou a se concentrar no combate ao comunismo e na política externa como uma forma de diminuir a ausência de suas questões na pauta do governamental. Com isso, se o governo não moveu-se em direção as temáticas do movimento, a *Moral Majority* abraçou as dele, o que ocorreu como uma tentativa de manter a sua importância em Washington.

A partir desse momento, aflorou-se a ideia para uma parte da direita religiosa de que era insuficiente focar a mobilização apenas no executivo e, para outra, que existia a necessidade de se trocar as lideranças e os movimentos que encabeçavam a direita religiosa, ou mesmo, tentar eleger um presidente que realmente fosse uma liderança do movimento⁴⁸⁹ e que colocasse a agenda social como prioridade absoluta.

O resultado do distanciamento entre o presidente e a base eleitoral da direita religiosa apontava que a eleição legislativa de 1982 resultaria em uma grande vitória do Partido Democrata. Para evitar a derrota, pensadores conservadores como Richard Viguerie repensaram táticas para que o presidente recativasse essa base eleitoral. Nesse sentido, Viguerie escreveu uma carta aberta para a revista *Conservative Digest* clamando para que o presidente assumisse o papel de líder nacional, promovendo temas que derrotassem candidatos liberais e elessem conservadores⁴⁹⁰. Pelos mesmos motivos, Falwell declarou que era imperativo que Reagan assumisse a liderança, encaminhando os temas sociais que estavam presentes em sua campanha em 1980⁴⁹¹.

Esse chamado pelo presidente acabou tendo uma resposta em maio de 1982, quando, Reagan finalmente fez um movimento concreto em direção à direita religiosa, recomendando ao Congresso que aprovasse a emenda a favor das orações na escola e oferecendo suporte

⁴⁸⁸Ele continua como uma das bandeiras dos movimentos LGBT e feminista.

⁴⁸⁹ É desse segundo grupo que se inicia o projeto de candidatura de Pat Robertson para a eleição de 1988.

⁴⁹⁰ Dentro desse projeto destaca-se também o *Family Forum II*, organizado por Falwell e Viguerie com um intuito claro de se pensar estratégias para o virtual desinteresse de Reagan sobre temas sociais.

⁴⁹¹ Martin (1996).

legal, a partir do escritório legislativo da Casa Branca, a ela. Isso culminou em uma emenda de duas cláusulas que se centravam em: 1- nada na constituição dizia proibir orações individuais ou em grupo nas escolas e 2- nenhuma pessoa poderia ser obrigada pelos EUA a rezar. O projeto, mesmo com o apoio de Reagan, foi enviado e rejeitado pelo Congresso em 1982 e 1983⁴⁹², e, em 1984, acabou recusado também pelo Senado, com 11 votos a menos do que os dois terços necessários para obter a aprovação.

Mesmo com Reagan dando sinais de reaproximação com a direita cristã, a eleição de 1982 acabou trazendo resultados pouco significativos para o movimento conservador no país. Apesar do Senado manter-se sob o controle republicano, que ampliou seu número de senadores de 53 para 54⁴⁹³, contra 46 democratas. Na Câmara, o Partido Democrata conseguiu uma grande vitória, derrotando vários dos candidatos republicanos que tentavam a reeleição e passando de 243 para 269 deputados, enquanto, o Partido Republicano caiu de 192 para 166 deputados. Esses resultados, apesar de não alterarem o domínio nas casas, acendiam um sinal de alerta nas lideranças republicanas que viam na tendência de crescimento do Partido Democrata a possibilidade de derrota na eleição presidencial de 1984.

Como nos mostrou Balmer (2008) a campanha de 1984, mais uma vez, passou pelo debate em torno da religião. Nela o candidato do Partido Democrata, Walter F. Mondale, tentou, já no primeiro debate presidencial, mostrar que ele também tinha ligação com uma tradição religiosa, argumentando ser filho de um ministro metodista e ter uma fé religiosa profunda. A diferença na postura de Mondale era que ele procurava afastar-se da imagem ruim que a direita religiosa vinha construindo, tentando apontar um outro caminho para que as pessoas religiosas pudessem seguir. Isso o fez, nesse mesmo primeiro debate, declarar os perigos do governo tentar impor sua visão sobre as pessoas.

Pensando propriamente na atuação da direita religiosa nessa campanha, o movimento vivenciava uma situação estranha, já que, Reagan não era mais visto como o candidato ideal e tinha claramente demonstrado que não necessitava do apoio deles para governar. Ao mesmo tempo, o movimento dependia muito do presidente para manter sua visibilidade na política do país e o presidente tinha dado pequenos sinais de que poderia dar mais atenção as questões sociais defendidas pelo movimento. Marley (2007) mostrou que, ainda em 1983, alguns conservadores consultaram Pat Robertson insatisfeitos com Reagan e propuseram que se colocasse como uma alternativa a reeleição do presidente. Apesar de rejeitar a candidatura

⁴⁹² De acordo com Sorman (1983) apontou que em 1983 Reagan novamente discursou contra a retirada da religião das escolas.

⁴⁹³ Vaga conseguida após a aposentadoria do senador (pelo estado da Virginia) Harry F. Byrd Jr, único independente eleito na eleição de 1980.

naquele ano, com a alegação de nunca ter considerado essa ideia de se tornar presidente, já em 1984, ele começou a lançar essa ideia para amigos e parentes, para, logo em seguida, iniciar as mobilizações em direção a sua candidatura em 1988.

Novamente aqui é importante compreender que, para a direita religiosa, ainda sobre a liderança de Falwell, era imperativo criar iniciativas que transformassem a cultura e influenciasse os valores do país, o que tornava, ao menos no momento da eleição de 1984, imatura a candidatura de uma liderança da direita cristã a presidência e fazia com que muitos deles, como o próprio Falwell, continuassem a apostar todas as suas fichas em Reagan. Nesse sentido, a relação entre o presidente e a direita religiosa lentamente caminhava para uma completa desilusão, o que pode ser percebido pelo constante abandono de membros importantes do movimento da arena política, como o exemplo de James Robinson que optou por um novo abandono da arena política e pela retomada do argumento de que ela corrompia⁴⁹⁴.

Ao mesmo tempo, Willians (2010) mostrou que outras lideranças como Tim LaHaye tinham pretensões maiores com o apoio à candidatura de Reagan e preparavam a substituição da importância da *Moral Majority* e de Jerry Falwell como principais lideranças da direita cristã. Para isso, o pastor fundou a organização *American Coalition for Traditional Values* (ACTV), responsável pela listagem de 35.000 igrejas e pelo registro de mais de 1 milhão de eleitores para a reeleição de Reagan. Porém, se LaHaye e a nova organização conseguiu essa estrondosa quantidade de votos, a *Moral Majority* atingiu a impressionante soma de 2,5 milhões de votos, mantendo-se após a eleição ainda como a organização cristã mais influente na política estadunidense.

Os resultados da eleição de 1984 estabeleceram uma nova vitória de Reagan com 59% dos votos populares e o consagrou vitorioso em 49 estados. Junto a isso, manteve-se estável o controle republicano sobre o Senado com 53 cadeiras contra 47 dos democratas e o controle democrata sobre a Câmara (apesar dos republicanos ganharem cadeiras, passando de 166 para 182, os democratas mantiveram maioria com 253).

Pensando na direita religiosa durante a campanha, Reagan se colocou como um *pro-life*, defendendo que a questão não era apenas religiosa, mas sim, a respeito da Constituição, pois, ela defende o direito à vida e a perseguição da felicidade. Junto a isso, o presidente mostrou-se favorável ao aborto quando a saúde da mãe estivesse em perigo, alegando que não se poderia preservar uma vida em detrimento de outra.

⁴⁹⁴ Martin (1996).

Novamente, apesar de nos discursos Reagan se aproximar da direita religiosa, ele continuou não tomando a frente do avanço da agenda social do movimento. Como citaram Sears e Osten (2005), em 1985, a direita religiosa sofreu mais uma derrota com a decisão da Suprema Corte no caso Wallace contra Jaffree, ao qual, proibia as orações silenciosas e os minutos de meditação nas escolas públicas.

Boston (1996) assinalou que um dos grandes motivos para o enfraquecimento da *Moral Majority* foi concentrar todas as suas forças na manutenção da proximidade com o executivo do país. Essa estratégia mostrou-se improdutiva quando o Partido Democrata conseguiu o controle do Senado em 1986⁴⁹⁵ e impossibilitou a aprovação de qualquer medida vinculada a direita cristã. Como exemplo disso, destacou-se, como vimos anteriormente, a tentativa de reintrodução as orações nas escolas (que apesar de introduzida com o apoio de Reagan não foi aprovada, pois, necessitava uma supermaioria no Senado)⁴⁹⁶.

Fazendo um balanço da administração Reagan pode-se perceber, como apontou Walker (1990), que apesar do período marcar uma série de vitórias da ACLU, principalmente, com relação a projetos advindos da direita cristã, a organização também teve muitas derrotas em questões que envolviam justiça criminal e segurança nacional. Para a direita religiosa o administração chegou ao fim como uma grande decepção, não trazendo grandes vitórias para o movimento, que em suas visões eram causadas também pela resistência democrata no Congresso e no Senado do país. Nesse sentido, além de barrar as legislações do movimento, o Partido Democrata também conseguiu impedir grande parte das indicações mais conservadoras de Reagan para a Suprema Corte, como no exemplo de Robert Bork⁴⁹⁷, que foi rejeitado pelo Senado em 1987, após um discurso feito por Ted Kennedy contra ele e uma votação que terminou com 42 votos a favor e 58 contra (11 senadores republicanos votaram contra a indicação de Bork).

Concluindo a leitura sobre a relação da direita cristã e o governo Reagan, vale destacar que o final de sua administração foi marcado pelos primeiros sinais de retorno da crise financeira, resultando na queda do Dow Jones em 19 de outubro de 1987, o que traria novas questões para o governo de seu sucessor. Junto a isso, a direita religiosa finalmente preparava

⁴⁹⁵O Partido Democrata conseguiu 55 cadeiras contra 45 dos Republicanos, dominando também o Congresso com 258 cadeiras contra 177 do partido rival.

⁴⁹⁶ Da mesma forma, as medidas que tentavam banir o aborto também foram derrubadas no Senado.

⁴⁹⁷Bork tinha um histórico de lutas contra os direitos civis e de mulheres, sendo visto, pelos setores liberais, como um reacionário tão radical que era muito mais perigoso do que um simples conservador. As campanhas contra a indicação dele foram tão intensas que, de acordo com Klein (2002), fizeram com que os republicanos se enfurecessem com elas. Essas campanhas são indicadas como o começo da radicalização obstrucionistas entre os dois partidos, o que seria a tônica das disputas políticas durante a década seguinte.

seu candidato a eleição presidencial, o que abria a possibilidade de que finalmente a agenda social do movimento poderia ser colocada em prática.

4.3 A derrota do candidato de Deus para a máquina política republicana e a chegada da família Bush a presidência.

Apesar da crise econômica ter voltado a rondar o país, Reagan chegou ao final de seu segundo mandato em alta, especialmente, por administrar as tensões entre os EUA e a União Soviética, ampliar o diálogo entre os dois países e enfraquecer o adversário ao acelerar a corrida armamentista, em um momento que o rival não tinha mais condições para acompanhá-la⁴⁹⁸. Junto a isso, ele manteve, apesar do crescimento do déficit comercial e orçamentário, uma inegável imagem de estabilidade e prosperidade econômica⁴⁹⁹. Essa conjuntura trazia para seu candidato à sucessão presidencial, George H. W. Bush, uma imensa vantagem na disputa eleitoral daquele ano.

Em um sentido oposto aos louros advindos da economia e política internacional, o final da administração Reagan arrastava consigo a incompreensão e o descontentamento da direita religiosa com a sua falta de comprometimento com as causas socioculturais. Nesse sentido, vale resumir alguns pontos do seu legado que explicam essa nova dinâmica. O primeiro caracterizou-se pelo pouco entusiasmo do então presidente em batalhar pela aprovação de legislações com temáticas ditas culturais/morais. O segundo, vinha da constatação de que as indicações presidenciais para a Suprema Corte, embora, em grande parte preenchida por nomes conservadores, trouxeram poucos avanços para a sua agenda. E aqui vale refletir, que o enfoque adotado pela Suprema Corte conduzia à apenas as restrições das políticas de ações afirmativas, deixando em segundo plano questões relacionadas ao corpo e a religiosidade.

Como um reflexo desse segundo ponto, o terceiro destacava-se pela ideia: com os constantes cortes nos programas sociais, as populações menos afortunadas foram, cada vez mais, pressionadas. Isso foi ocasionado pela lógica aplicada pela administração, que via os programas sociais como responsáveis pela dependência, criminalidade e declínio cultural, o que se chocava com a realidade de que os seus cortes traziam ainda mais pobreza. Nesse cenário, o governo e a Suprema Corte do país ampliaram (como solução para os problemas

⁴⁹⁸ Logicamente, isso era muito mais um reflexo do declínio do país europeu do que propriamente um esforço conciliatório por parte dos EUA.

⁴⁹⁹ O que foi destacado por Tarpley e Chaitkin (2004) que indicaram os índices de 5.2% de inflação e de 4.1% de desemprego do período.

advindos da pobreza) o combate à criminalidade e o esforço para a punição de criminosos, trazendo com isso o crescimento da população carcerária e uma visível instabilidade nos bairros pobres das grandes cidades.

Por último, também inserido dentro de uma lógica econômica, estava a percepção de que a opinião pública do país, como resultado do declínio soviético, deixou de priorizar o temor com a possível ameaça de ataques militares e passou a se preocupar com o declínio econômico⁵⁰⁰ (especialmente com a ascensão da economia japonesa). Por outro lado, enquanto alguns temiam a decadência econômica, outros, como o neoconservador Alan Bloom (1989), defendiam que o período de relativa paz e prosperidade que o país vivenciou durante os últimos anos, foi um dos responsáveis pelo pouco comprometimento da geração que cursava a universidade no final da década de 1980. Para ele, a ausência de dificuldades, como guerras e grandes crises econômicas, dificultavam o planejamento do futuro profissional e afetivo dos jovens, fazendo com que eles não se engajassem em relacionamentos sérios, demorassem para estabelecer uma família⁵⁰¹ e, até mesmo, demorassem para abandonar a casa e a dependência financeira dos pais.

Como resultado dessa conjuntura e do descontentamento da direita religiosa com Reagan, Pat Robertson concorreu às prévias republicanas de 1988. A sua indicação foi um reflexo das transformações que o movimento sociopolítico passava, ao qual, se extinguiu a *Moral Majority* (que oficialmente terminou em 1989), diminuía o domínio de Falwell como a figura mais influente da direita cristã e confirmava-se Robertson (por ser o mais carismático e mais habituado com a vida política entre os televangelistas) como a nova grande liderança dela.

A troca na liderança da direita cristã foi fruto da dificuldade de administrar a heterogeneidade do grupo, que, em muitos casos, tinha em sua base ideológica uma variedade de subgrupos religiosos, repletos de questões dogmáticas inibidoras do diálogo. Wuthnow (in Cromartie, 1993) identificou isso ao analisar a tentativa de união entre fundamentalistas e pentecostais, onde, os fundamentalistas eram menos ativos politicamente e fortemente orientados pela espiritualidade como o caminho para o dia do senhor. Enquanto os pentecostais acreditavam no esforço para resistir ao demônio e na luta pela purificação da sociedade.

⁵⁰⁰Vincent (1997) debateu que, em 1988, 59% dos americanos consideravam o Japão mais ameaçador do que a URSS.

⁵⁰¹Principalmente motivados pelos exemplos dos altos índices de divórcios na sociedade.

Um exemplo clássico disso aparecia na política internacional, ao qual, apesar do movimento historicamente inserir a luta contra o comunismo e o apoio a Israel em sua pauta, os temas tinham pouco apelo para uma parcela de seus membros e, em muitos momentos, eram vistos como distrações para questões socioculturais mais importantes. Nesse sentido, quando se analisa o final do governo Reagan e percebe-se que Falwell destacou questões internacionais como centrais para a agenda da direita cristã, conclui-se o porquê ele perdeu força e foi duramente questionado.

Somado a isso, pesava sobre a direita cristã os escândalos envolvendo televangelistas, como os casos de Jimmy Swaggart⁵⁰² e Jim e Tammy Bakker. Esses escândalos derrubaram a credibilidade⁵⁰³ e audiência deles, fazendo com que, o próprio Robertson, em sua CBN, se recusasse a ser chamado de televangelista e preferisse o termo evangelista televisivo. No caso de Falwell e da *Moral Majority* esses anos turbulentos os enfraqueceram, pois, grande parte de sua arrecadação dependia de doações e de anúncios de produtos nos programas apresentados pelo pastor e outras lideranças⁵⁰⁴.

Esse momento de dúvidas e fragmentações repercutiu durante as prévias republicanas de 1988, onde, de acordo com Balmer (2008), Jerry Falwell apoiou a candidatura de Bush (que declarou que o religioso era um grande amigo)⁵⁰⁵, mesmo com um candidato do movimento na disputa⁵⁰⁶. Isso confirmava que a direita religiosa não era politicamente coesa, existindo uma intensa disputa pelo posto de principal força do movimento. Nesse processo, o decadente Falwell apoiou-se em Bush para manter seu prestígio político, enquanto que, o político republicano sustentou-se no televangelista para garantir o apoio dos ativistas ligados a ele.

A campanha de Robertson expôs a transição enfrentada pela direita religiosa e desencadeou, com a sua derrota, em novas táticas que culminaram na fomentação da Guerra

⁵⁰² Swaggart foi um importante televangelista que se envolveu, durante o final dos anos 1980, em casos de adultério, prostituição e sonegação de impostos. O pastor chegou a apresentar o programa no Brasil, durante os sábados de manhã pela rede bandeirantes, e durante as duas vezes que visitou o país lotou os estádios Maracanã e o Morumbi.

⁵⁰³ Pela leitura de Utter e Storey (2007), citando uma pesquisa do Gallup em 1987, Falwell era malvisto por 62% dos entrevistados. Sua rejeição só não era maior que a de outros televangelistas diretamente envolvidos em escândalos como Jim Bakker (malvisto por 77% dos entrevistados) e Oral Roberts (por 72%). Nesse processo de crise na imagem dos televangelistas, até mesmo, Billy Graham era rejeitado por 24% dos entrevistados.

⁵⁰⁴ A queda na arrecadação fez Falwell entrar nos anos 1990 com risco de perder a *Liberty University*, sem a *Moral Majority*, sem a liderança da direita cristã (que agora passaria a ser ocupada por Pat Robertson e sua *Cristian Coalition*) e com sua imagem bastante abalada.

⁵⁰⁵ Utter e Storey (2007) argumentaram que Falwell tinha declarado sua amizade a Robertson em 1987, contudo, isso não se transformou em apoio político nas prévias do partido.

⁵⁰⁶ É importante destacar a desconfiança do movimento com Bush, especialmente, devido ao seu passado pró-aborto. Lieven (2005) complementou que ele tinha sido o único presidente desde Carter a não se identificar como um *Born Again*.

Cultural durante a década de 1990. Vale destacar que, a sua tentativa eleitoral ainda apostava que o controle do executivo retomaria a moralidade na sociedade. Hunter (in Cromartie, 1993) debateu que, pela visão da direita cristã, os problemas enfrentados pelo país eram resultados de valores ruins, que forçavam escolhas erradas. Isso indicava que a solução para eles estava em encontrar pessoas com bons valores para participar da vida pública. Dentro dessa lógica, Robertson despontou como o grande nome para dirigir o país, afinal, ele falava⁵⁰⁷ diretamente com Deus e tinha sua candidatura indicada por Ele⁵⁰⁸.

A vida de Robertson é bem similar à de muitos religiosos que adentraram na política. Pela sua biografia⁵⁰⁹, ele interessou-se pela religião quando o desespero e o insucesso estavam fortemente presentes em sua vida⁵¹⁰, convertendo-se e, em seguida, entrando para o *New York Seminary*, em 1956. Até esse momento, ele levava uma vida desregrada, para os padrões religiosos, consumindo álcool e jogando cartas. Boston (1996) narrou que, no seminário, Robertson teve contato com variados grupos cristãos, aproximando-se, especialmente, dos “cristãos carismáticos⁵¹¹”, que falavam em línguas⁵¹² e acreditavam em presentes de Deus,

⁵⁰⁷ Em muitos momentos de sua biografia, Robertson e Buckingham (2008), ele atribui suas decisões a mensagens diretas de Deus. Como exemplo, destacaram-se a venda de todos os móveis de sua casa durante a gravidez de sua esposa e a doação do respectivo dinheiro para caridade, ou ainda, a compra de uma TV UHF (em 1960 na cidade de Portsmouth, Virginia) que se tornou anos depois na *Cristian Broadcast Network*, ao qual, o pastor iniciou o processo de compra com apenas três dólares iniciais e alegando que Deus tinha soprado o valor total que ele deveria pagar por ela.

⁵⁰⁸ Willians (2010) discorreu que a candidatura de Robertson chocou o *establishment* republicano que teve dificuldades em lidar com essas questões espirituais nas discussões do partido.

⁵⁰⁹ Robertson e Buckingham (2008).

⁵¹⁰ Ele não passou nos exames para se tornar advogado e teve insucesso em negócios em Nova York.

⁵¹¹ Como mostrou Marsden (1991), o movimento floresceu nos anos 1960 entre episcopais, presbiterianos, luteranos e, sobretudo, católicos. A respeito dele, Diamond (1989) enfatizou o papel dos grupos de *shepherding* e da relação direta e hierárquica com um líder religioso ou pastor, visto como um guia para todas as suas dificuldades e dilemas da fé na vida do crente. Essa prática expandiu-se entre evangélicos e fundamentalistas, contudo, foi na Igreja Católica que os carismáticos trouxeram as maiores transformações, valorizando o “Espírito Santo” e a necessidade de “salvar almas”. Nesses termos, eles direcionavam para as ações sociopolíticas: “O senhor quer que nos tomemos ações diretas para proteger cristãos e para enfrentar nossos inimigos” (Diamond, 1989, p.58).

⁵¹² Falar línguas é considerado por algumas seitas cristãs como um presente de Deus ou uma interferência direta do Espírito Santo, pautando-se pelo aflorar de uma língua desconhecida ao fiel, como o hebraico antigo, em meio as orações.

como curas⁵¹³ e profecias⁵¹⁴. O pastor graduou-se em 1959 e dois anos depois foi ordenado um ministro batista do sul⁵¹⁵.

Sua entrada na política motivou-se pelo sentimento de frustração advindo da derrota de seu pai, o democrata conservador Absalom Willis Robertson, durante as prévias democrata da Virgínia em 1966. O que ocorreu nessa campanha foi que, embora a família Robertson tivesse uma grande tradição na política local e seu pai, seis anos antes, ter sido o senador mais bem votado do estado, durante a nova pré-eleição ele perdeu por 600 votos.

Absalom enfrentou a nova coalisão política de afro-americanos, jovens liberais e grupos trabalhistas que crescia no interior do Partido Democrata. Para Pat Robertson, anos depois, essa derrota foi determinante para sua entrada na política, pois, ele se sentia culpado por não ter ajudado a campanha através de seu programa na CBN⁵¹⁶ e por não ausentar-se das transmissões televisivas para apoiá-la, alegando depois, em sua biografia, não ter sido autorizado por Deus para fazer isso⁵¹⁷.

Após esse evento, ele preparou sua entrada na política, fortalecendo sua rede de comunicações através da expansão da CBN, que em 1975 alcançava cerca de 120 milhões de casas pela TV a cabo⁵¹⁸ e ampliando os teletons (que passaram a ser cada vez mais lucrativos). Junto a isso, Robertson fundou em 1978 a *Regency University* e, no mesmo ano, tentou sua primeira e improdutiva empreitada política ao apoiar G. Connolly Phillips para o Senado pelo estado da Virgínia⁵¹⁹.

De acordo com Boston (1996), em 1980, Robertson aproximou-se da direita cristã, iniciando, no ano seguinte, uma organização educativa sem fins lucrativos chamada *Freedom Council*, que, de acordo com Marley (2007), propunha ensinar cristãos a se envolver com a

⁵¹³Robertson falava línguas e realizava curas. Para Willians (2010), sua relação com a fé é tão radical que, em um programa de 1985, ordenou que o Furacão Glória não atingisse sua emissora na Virgínia e constatou, ao fim do fenômeno meteorológico sem maiores danos, ter recebido um sinal divino para ser presidente, afinal, se ele mudou a trajetória de um furacão seria capaz de mudar a nação.

⁵¹⁴ Esse contato moldou a maneira de pregar do pastor, apesar dele ter uma grande dificuldade para se definir teologicamente durante toda a sua vida, apontando-se como uma mistura das principais tradições protestantes dos EUA.

⁵¹⁵Em sua biografia, Robertson; Buckingham (2008) ele apenas narrou algumas pregações como pastor convidado, nunca tendo realmente assumido uma igreja.

⁵¹⁶ Devido a legislação que proíbe organizações sem fins lucrativos apoiarem candidatos políticos.

⁵¹⁷ Robertson e Buckingham (2008).

⁵¹⁸Willians (2010) acrescentou que, em 1978, o seu canal a cabo era o terceiro maior do país e que em 1985 estimava-se que 27 milhões de pessoas assistiam seu *700 Club* ao menos uma vez por mês. Os números do pastor são ainda mais impressionantes, quando se percebe que, em meados da década de 1980, seus empreendimentos operavam com um orçamento anual em torno de 230 milhões de dólares.

⁵¹⁹ No mesmo ano Robertson fundou a Christian Broadcasting Network University que viria a se tornar em 1989 a Regent University. Universidade que teve um papel central na formação de advogados para lutar contra legislações liberais nos Estados.

política. A diferenciação de sua trajetória com a de Falwell estava em sua capacidade de esquivar-se dos conflitos e escândalos que envolviam a direita religiosa, ao mesmo tempo em que, desenvolvia projetos que defendiam os interesses do movimento, como o exemplo da contratação de 300 advogados, através do *Freedom Council*, para apoiar causas conservadoras pelo país⁵²⁰.

Assim, durante o governo Reagan, enquanto Falwell partia para o enfrentamento em defesa da emenda sobre o retorno das orações nas escolas, Robertson crescia seu império e aumentava seu poder dentro da direita cristã, trabalhando nos bastidores para enviar emendas para o Congresso.

A partir de 1985, o seu projeto para se tornar presidente tomou forma, para isso, ele foi entrevistado pelo o *Saturday Evening*, dando a entender que se candidataria. Porém, mesmo antes disso, iniciaram-se constantes transferências de dinheiro da *CBN* para o *Freedom Council*⁵²¹ (que acabou sendo a base para a arrecadação de fundos para sua campanha⁵²²).

Associado a esse obscuro projeto de arrecadação, o pastor aproximou-se de Weyrich⁵²³, chamando-o para ser o estrategista de sua campanha, ao mesmo tempo em que, utilizou de maneira brilhante a audiência de seu programa para estabelecer uma base de apoio. Isso ocorreu no outono de 1986, durante um episódio do seu *700 Club*, ao qual, ele declarou que seria candidato se conseguisse 3 milhões de assinaturas. O fato é que, apesar de muitos duvidarem de que ele realmente alcançou essa quantia, a base de sua campanha partiu exatamente dos nomes que moveram-se para assinar a lista⁵²⁴, o que fazia com que ele a começasse com a garantia de uma grande quantidade de apoiadores realmente interessados em lutar pela sua vitória.

Como debateu Willians (2010), muitos evangélicos se recusaram a apoiar Robertson, defendendo que não amarrariam sua fortuna a um candidato que não tinha chances de vencer, o que era mostrado nas pesquisas, como a realizada pela *National Association of Evangelicals* em 1987, onde, ele tinha apoio de apenas 13% dos evangélicos, contra 34% para Bob Doyle, 23% para Jack Kemp e 21% para George Bush.

⁵²⁰ De acordo com a leitura realiza por Willians (2010).

⁵²¹ Marley (2007, p.108) descreveu 821,532 dólares foram transferidos para a organização em 1984, 939,992 em 1985 e 3.000.000 em 1986. Segundo Boston (1996, p.29) no total Robertson colocou 8,5 milhões de dólares arrecadados pela *CBN* na organização.

⁵²² A *CBN* não poderia ter esse papel devido as restrições legais impostas pelo *International Revenue Service Code*.

⁵²³ Que na época estava profundamente insatisfeito com a administração Reagan e acreditava que Robertson poderia derrotar Bush e Doyle, se ele arregimenta-se todos os votos evangélicos e conseguisse, através de sua habilidade como comunicar e sua imagem de afabilidade, atrair alguns eleitores não religiosos.

⁵²⁴ Divulgada em 1987 em um programa ao qual ele estabelecia o compromisso de ser candidato.

Entretanto, após lançar sua campanha ele obteve resultados surpreendentes, como mostrou Conger (2009), logo no começo da campanha Robertson venceu em Iowa e ficou em segundo em Michigan, causando desconforto para seus adversários mais renomados e rapidamente atraindo a visibilidade da mídia. O candidato passou a constantemente ser abordado a respeito dos temas polêmicos defendidos ele⁵²⁵, sobre tópicos de sua nebulosa biografia⁵²⁶ e sobre sua dificuldade em debater questões fora da agenda moral/cultural. Junto a isso, os escândalos envolvendo alguns televangelistas próximos a Robertson eram constantemente inseridos pelos seus opositores e pelos meios de comunicação⁵²⁷, principalmente, como explicaram Tarpley e Chaitkin (2004), o envolvendo seu amigo Swaggart.

Logicamente, Bush aproveitou a pressão da imprensa e as constantes contradições presentes na fala do pastor para enterrar a ameaça que a sua campanha representava, o que motivou Robertson a ir a público acusá-lo de usar “truques sujos” para tentar derrotá-lo. Pelo seu lado, Bush defendeu-se das acusações do pastor, declarando que elas eram “loucas” e “absurdas”, ao mesmo tempo em que, ampliava os ataques e as situações incomodas para seu adversário.

Em meio a ataques tão contundentes da mídia e de seus adversários, o resultado final dessa disputa foi que a campanha de Robertson não resistiu, contudo, não se pode dizer que o pastor fez feio em sua campanha, ficando em terceiro na maioria dos estados e terminando as prévias republicanas com força suficiente para prometer aos seus eleitores que ele tentaria uma nova candidatura em 1992.

Enquanto esteve afastado para a disputa eleitoral, Robertson reorganizou sua rede de TV, colocando seu filho Gordon P. Robertson como líder do empreendimento e apresentador principal do *700 Club*. O jovem pastor não possuía a habilidade e o carisma de seu pai e acabou não sendo capaz de manter a audiência e as volumosas arrecadações que sustentavam a rede⁵²⁸. Com a crise instaurada na *Christian Broadcasting Network*, Robertson preferiu novamente fugir da visibilidade que tentar ser presidente trazia e direcionou suas forças para

⁵²⁵ Como a questão de considerar como leis dos EUA apenas a constituição e recusar-se a considerar a importância da suprema corte. A questão é que em muitas entrevistas Robertson lançava ideias contraditórias, negando sua fala em momentos posteriores.

⁵²⁶ Um dos casos mais questionado pela mídia sobre a biografia do pastor estava em sua data de casamento que havia sido alterada em sua biografia para esconder o fato de que sua esposa estava grávida durante o casamento.

⁵²⁷ O que foi apontado por Robertson (1990) como uma tentativa da mídia liberal de desarticular os movimentos conservadores cristãos, já que, divulgaram de forma excessivas os casos de escândalos de alguns pastores e deixaram de lado temas importantes da agenda conservadora.

⁵²⁸ Vale lembrar que os escândalos envolvendo alguns pastores da direita cristã afetavam a audiência dos programas religiosos no período.

salvar a emissora, voltando à frente do *700 Club*⁵²⁹ e desistindo de futuras candidaturas. Vale lembrar que, somado a isso, em 1992 a *Federal Elections Commission (FEC)* entregou um relatório detalhado, ao qual, apontava inúmeras irregularidades em sua campanha eleitoral de 1988, obrigando-o a devolver cerca de 380 mil dólares para o Governo Federal.

Concluindo o debate sobre as prévias presidenciais, pode-se pensar a respeito da campanha eleitoral de 1988 que, dentro do legado deixado pelo governo Reagan, mostrou um cenário completamente diferente do esperado, onde, mesmo com a aprovação de Reagan e os republicanos, o Partido Democrata obteve o controle do Congresso e do Senado. Já no Executivo, George H. W. Bush foi o primeiro vice presidente em atividade a ser eleito desde 1836, conseguindo 426 votos no colégio eleitoral e 53,4% dos votos populares, contra 111 no colégio eleitoral e 45,6% dos votos populares para o candidato democrata Michael Dukakis, uma votação menor que 1% para Ron Paul do Partido Libertário e para Lenora Fulani⁵³⁰ do Partido Nova Aliança.

Durante a campanha de Bush a agressividade entre conservadores e liberais novamente foi incluída na pauta. Aqui vale lembrar que, se durante a década de 1970, ocorreu uma fomentação por parte dos conservadores da ideia de que o secular humanismo era o grande adversário a ser batido e que grupos como a ACLU eram inimigos do país, agora, após o governo Reagan, esse processo já estava bem consolidado dentro do Partido Republicano. De acordo com a leitura de Walker (1990), durante a campanha de 1988, um dos principais argumentos de George H. W. Bush contra seu oponente Michael Dukakis era a acusação de que o político democrata era um membro de carteirinha da ACLU.

Apesar da aparente polarização cultural, a vitória de Bush se deve a dois pontos. O primeiro, foi o grande financiamento conseguido por sua campanha, especialmente, pelas volumosas doações de grandes corporações de petróleo, como a *Mosbacher Energy Corporation*, que doou 60 milhões de dólares para a campanha e cerca de 25 milhões para o Comitê Nacional Republicano. Já o segundo, foi causado pela inexpressividade de Dukakis, que pouco motivava os eleitores democratas a comparecerem as urnas. Nesse sentido, a eleição de Bush foi a primeira a ocorrer sem a lealdade de grandes grupos, tendo os votos divididos pela grande rejeição e pela debilidade dos candidatos para atrair votos⁵³¹.

⁵²⁹ Seu filho continuou como coapresentador do programa, alternando as aparições com seu pai e hoje é o principal apresentador do *700 Club*.

⁵³⁰ A candidata, ativista pelos direitos civis, foi a primeira mulher e primeira afro-americana a conseguir votos em uma eleição presidencial.

⁵³¹De acordo com a leitura realizada por Tarpley e Chaitkin (2004).

Após a eleição de Bush, a renovada liderança da direita religiosa prontamente se reaproximou ao político republicano. Embora o novo presidente nunca tenha realmente aberto a Casa Branca para o movimento, como havia feito seu antecessor, e mantivesse com eles apenas uma relação distante, ele parecia esforçar-se para não perder o apoio do movimento. Como prova disso, o novo presidente organizou um encontro, ocorrido em 1989 em meio as festividades de sua posse, que contou com a presença de Pat Robertson⁵³² e Ralph Reed, o que foi visto, por Balmer (2008), como ponto de criação da *Christian Coalition*.

A cientista política Conger (2009) debateu que, a partir do final dos anos 1980, a direita cristã transferiu seu enfoque do Governo Federal para arenas menores e para as políticas de ativismo. Isso significava que a preocupação do movimento passou a ser as disputas por cargos estaduais e locais, como o controle dos conselhos escolares municipais. Seguindo essa nova diretriz, Robertson, em sua campanha nas prévias presidenciais republicana de 1988 já incentivava que seus apoiadores concorressem a esses cargos.

De acordo com Boston (1996), a *Christian Coalition* surgiu com cerca de 1.7 milhões de membros com a intenção de mobilizar e treinar cristãos para ações políticas efetivas⁵³³. Sua diretoria era totalmente próxima de Robertson contando com Gordon P. Robertson, Billy McCormack, Dick Weinhold e com Ralph Reed como diretor executivo.

A presença de Reed no movimento tinha um papel vital, uma vez que, a imagem de Robertson após a campanha tornou-se bastante controversa, ao ponto de, uma grande parcela da população odiá-lo e outra acreditar que ele era um representante de Deus na Terra. Reed aliviava a radicalidade da imagem de Robertson com seu discurso calmo e seu rosto jovial (na época ele tinha 34 anos) e tentava passar a imagem de que a *Christian Coalition* não foi criada com a intenção de travar uma guerra moral no país, mas, que ela se preocupava com causas nobres como o controle do balaço orçamentário, a preocupação com o crescimento do número de abortos e com o fim das orações nas escolas.

Já Robertson, após ser derrotado nas prévias, ampliou o tom de seu discurso, tornando-o mais radical e conspiratório, o que atraía para o movimento os setores mais fundamentalistas que realmente estavam dispostos a travar um Guerra Cultural no país.

Com isso, a *Christian Coalition* conseguia ter duas faces um tanto incoerentes, uma moderada e uma radical. Outra característica determinante da organização era o fato de que,

⁵³²Martin (1996) acrescentou que, no evento de posse de George H. W. Bush, Pat Robertson recebeu da organização conservadora *Students for America* o prêmio de homem do ano. A organização que havia sido fundada por Ralph Reed, em 1984, deixou de existir no começo dos anos 1990.

⁵³³ O discurso da efetividade sempre esteve presente na fala das lideranças da *Christian Coalition* como um contraponto a *Moral Majority* e seu virtual fracasso na implantação de transformações na sociedade.

apesar de se dizer apartidária⁵³⁴, o grupo de pressão originou-se fortemente associado ao Partido Republicano, tanto que, no ato de sua criação recebeu uma contribuição de 64 mil dólares do *Republican Senatorial Committee* e cerca de 68% dos seus membros eram filiados ao partido⁵³⁵.

Em termos de mobilização, a *Christian Coalition* rapidamente travou batalhas contra grupos liberais, atuando, sobretudo, em nível local. Martin (1996) debateu que a primeira lista de e-mails enviada pelo movimento atacava o *National Endowment for the Arts*, por subsidiar o trabalho de Andres Serrano e Robert Mapplethorpe, vistos pela organização como artistas que utilizavam a religião de forma desrespeitosa. Junto a isso, Robertson utilizou o curso de direito de sua *Regency University* para formar advogados com condições de disputar em alto nível batalhas legais contra legislações e causas vistas por eles como liberais.

É importante destacar que, embora a direita religiosa se reestruturasse durante o início da década de 1990, sua relação com o Partido Republicano não era totalmente amistosa. Como exemplo disso percebe-se que, logo na virada da década de 1990, a influência do movimento era pouca na vida pública do país, ao ponto de, alguns rumores que circulavam entre os evangélicos dizerem que eles vinham sendo sistematicamente excluídos da administração Bush. Mais uma vez, a relação entre o presidente e o movimento voltou a pauta e, para solucionar o mal-estar, ele se reuniu com alguns líderes da direita cristã e defendeu-se dessa desconfiança.

O fato é que, assim como seu antecessor, Bush pouco adicionou a agenda sociocultural conservadora, mantendo uma relação distante com os grupos religiosos e voltando sua atenção para a política externa e crise econômica que havia retornado com pujança. Em termos socioculturais, Bush reforçou a contrariedade do governo aos programas de ação afirmativa e manteve a reformulação conservadora da Suprema Corte, com as indicações de David Souter e Clarence Thomas.

Para Vincent (1997), constatava-se que após 12 anos de presidências conservadoras, ao menos, 50% do judiciário tinha como norte não aprovar medidas de favorecimento racial, o que fazia com que analistas, ao observar muitas das decisões de direito criminal e programas de ação afirmativa, se questionassem se a maioria da corte não estava vinculada a um projeto conservador. O judiciário só não era mais conservador porque o Senado barrou, ainda durante

⁵³⁴Algo obrigatório para qualquer organização sem fim lucrativos conseguir isenções de impostos nos EUA.

⁵³⁵ 95% dos membros da organização votaram contra Clinton em 1992.

o mandato de Reagan, a indicação dos juízes conservadores Bork e Ginsburg⁵³⁶, aceitando apenas Anthony Kennedy para o cargo.

Dentro desse contexto, o Partido Democrata esforçou-se para impor no legislativo, bloqueios que impedissem a discriminação racial no campo de trabalho, além disso, organizações, como a ACLU, continuavam suportando legalmente casos vistos como liberais como a retirada da religião das escolas públicas do país. Entre esses casos estava o exemplo dado por Sear e Osten (2005), ao citar a decisão de 24 de junho de 1992, no caso *Lee contra Weisman*, ao qual, por cinco votos a quatro se proibiu orações, mesmo as não sectárias, feitas por ministros e rabinos em cerimônias de formatura em colégios públicos.

A exceção a exclusão de religiosos do governo Bush estava em Billy Graham, que continuava tendo um acesso irrestrito a Casa Branca, ao ponto de, na véspera da primeira invasão durante a Guerra do Iraque, ser chamado, junto com sua esposa, para passar a noite na residência presidencial. A importância de Graham estava exatamente em seu posicionamento como consolador e por sua presença constante em quase todos os momentos mais difíceis do país, que trazia a ideia de que as causas apoiadas por ele eram sempre justas.

Em termos de política externa, o ponto alto da administração Bush foi, sem dúvida alguma, a vitória no Iraque (que era presença constantemente na televisão e apontava para um país militarmente imbatível) e a vitória sobre a União Soviética com a queda do muro de Berlim. Se pensada a partir da lógica da Guerra Fria, o fim da disputa com o país “socialista” deixava os EUA em uma posição de única superpotência mundial, o que, após o momento de euforia inicial, trazia a necessidade de se estabelecer novos desafios. A questão aqui é como reconstruir a polaridade política do país sem a existência de um grande inimigo internacional? Como explicar a importância do liberalismo radical sem a ameaça comunista? Ou ainda, em termos conspiratórios religiosos, se o “comunismo” era o mal na terra, se a União Soviética representava o anticristo, como explicar o fim do mal?

É importante destacar que desde seu surgimento a direita religiosa inseriu em sua pauta a disputa contra o comunismo, pensando-o como uma anti-religião e vendo a União Soviética como a encarnação dela⁵³⁷. Nesse sentido, se durante a história das vertentes

⁵³⁶Douglas H. Ginsburg foi indicado por Ronald Reagan em 1987, sendo rejeitado pelo Senado dominado por democratas.

⁵³⁷Poucos setores da religiosidade conservadora conseguiram romper a barreira desse pensamento, entre eles estava Billy Graham que em meio a suas cruzadas pelo mundo fez algumas visitas para países ditos socialistas e teve contato com religiosos desses países. Ao fazer isso, Graham foi duramente criticado pelos dois lados da Guerra Fria. Do lado Soviético ele era visto como o agente do imperialismo que estava tentando levar os valores americanos para o país e do lado estadunidense ele foi duramente questionado em seus motivos para realizar suas cruzadas em países ditos comunistas.

religiosas pré-milenaristas a União Soviética representava o anticristo que traria a hecatombe nuclear e, conseqüentemente, a volta de Jesus a Terra, com a decadência do país essa percepção tornava-se ao menos temporariamente distante.

Historicamente, o anticomunismo representou para os setores conservadores da religião uma grande salvaguarda, bloqueando o florescer de tendências modernizantes, que eram rapidamente rotuladas como comunistas e perseguidas por isso. Assim, dentro da histeria provocada pelo horror ao comunismo, construiu-se uma parte importante da unidade dos grupos conservadores religiosos.

O fim do regime soviético e o virtual desaparecimento do comunismo reverberou nos anos que se seguiram a queda do muro de Berlim, o que foi um dos principais motivos para a derrota eleitoral de Bush nas eleições 1992, pois, com o fim do inimigo externo o presidente republicano tinha dificuldade para preencher seus discursos com algo que motivasse a população a escolhê-lo. Essa lacuna de objetivos presentes na campanha tornou-se ainda mais grave após a revolta popular de Los Angeles em abril de 1992, ao qual, “Bush tinha pouco à dizer e menos ainda para oferecer.” (BLUMENTHAL, 2003, p.27)

Concluindo o balanço sobre a administração George H. W. Bush, é importante destacar que, como apontou Balmer (2008), o presidente chegou, em março de 1992, com 91% de aprovação. Com isso, a questão a ser discutida em nosso próximo capítulo é a maneira como um candidato, que chegou ao ano eleitoral com uma aprovação tão alta, não foi eleito apenas oito meses depois.

Pensando exclusivamente no enfoque dado a nossa tese, fechamos esse capítulo resumindo que a direita religiosa iniciava sua atuação na década de 1990 com um método e liderança totalmente renovados, junto a isso, eles possuíam uma estratégia clara que percebia, não mais, apenas os secularistas e liberais como responsáveis pela decadência moral/cultural, mas agora, estabeleciam o Partido Democrata como a maior ameaça aos EUA, o que ficou claro durante a campanha presidencial de 1992, onde a polarização política entre os partidos ampliou-se.

Capítulo 5 A ascensão e o declínio da Guerra Cultural: A Convenção Republicana de 1992, Bill Clinton (1993-2001) e George W. Bush (2001-2009).

O quinto capítulo de nossa tese discute a relação entre a ideia de Guerra Cultural e os governos durante a década de 1990, destacando a análise sobre as causas que fizeram o fenômeno se tornar uma ferramenta fundamental para a fomentação da polarização política entre o Partido Republicano e o Partido Democrata. Além disso, ele debate como Bill Clinton enfrentou dificuldades em virtude da crescente polarização política.

A preocupação de nossa análise consiste em compreender os resultados da reestruturação da direita religiosa, após as derrotas sofridas pelo movimento no final da década de 1980. Assim, o objetivo principal desse capítulo é debater o avanço do movimento sociopolítico à luz de uma possível radicalização das batalhas culturais, apontando como as disputas em torno de temas culturais tiveram um papel fundamental para a manutenção de sua força na vida pública. Com isso, é importante destacar que os dois principais partidos do país alinharam-se a uma forma mais radicalizada de pensar a disputa política, o que significava que, no Partido Republicano, o discurso radical antissecularista e antiliberal fortaleceu-se e fez crescer uma retórica que acusava o partido rival de ser o braço político dos movimentos liberais radicais supostamente corrompedores dos valores dos Estados Unidos da América.

Ao mesmo tempo, o Partido Democrata encontrou dificuldades para responder as acusações de que era responsável pela decadência do país, pois, as constantes críticas advindas do partido rival negavam os seus principais legados, como o exemplo da aliança pelos direitos civis construída durante os anos 1960. Nesse sentido, o Partido Democrata precisou refundamentar todo o seu setor de produção de pensamento, para que pudesse competir em um patamar de igualdade com os centros intelectuais conservadores estabelecidos durante as duas décadas anteriores.

A partir desse objetivo, o capítulo se divide em duas partes. A primeira considera a presença radicalizada dos temas culturais na Convenção Republicana de 1992, compreendendo-a como uma transposição do ideário, da recém-extinta Guerra-Fria, para questões partidárias e de política interna. A segunda mostra a efetividade da fomentação da Guerra Cultural para o avanço eleitoral do Partido Republicano, debatendo com isso, como a crescente polarização pressionou o Partido Democrata durante os dois mandatos de Bill Clinton (1993-2001) e indicando como ela levou a dois momentos antagônicos, um primeiro que, nas eleições congressionais de 1994, deu uma significativa vantagem eleitoral ao Partido Republicano e possibilitou o seu controle da Câmara e do Senado. Mas, logo em seguida,

dificultou o trabalho republicano no legislativo devido á radicalidade dos novos legisladores eleitos sobre a influência das batalhas culturais.

5.1 Guerra Cultural? Para que temer o exterior se o inimigo sempre esteve dentro do país.

O final dos anos 1980 e o início dos 1990 marcaram mudanças fundamentais na política e na sociedade estadunidense, trazendo consigo novos desafios e um rejuvenescido debate sobre o papel dos Estados Unidos no mundo. Dentro desse novo cenário, fortaleceu-se a imagem de que o país se tornara militarmente invencível, principalmente, após a sua rápida e totalmente televisionada participação na Guerra do Golfo⁵³⁸. Nesse sentido, com o fim do mundo bipolar, existia uma forte expectativa sobre o quão central seria o seu papel na defesa da estabilidade e na liderança da nova ordem mundial.

Seguindo essa leitura, é importante destacar que o período foi marcado, intelectualmente, por uma variedade de teorias a respeito dos resultados dessa nova configuração mundial, que variavam de leituras pessimistas sobre o futuro do país, como as de Kennedy (1989), Messadié (1989), Cetron e Davies (1989), Robertson (1990) entre outras, até teses profundamente otimistas como a de Francis Fukuyama (1992) e o seu fim da história. A questão é que, se dentro das correntes mais otimistas, o fim da Guerra-Fria representava o término dos grandes conflitos, a realidade apontava para uma significativa ampliação das rivalidades pelo mundo, sobretudo, em torno de questões étnicas e religiosas.

Na política interna, o debate a respeito do futuro dos Estados Unidos da América não se diferenciava muito de um cenário repleto de dúvidas e incertezas, o que era ocasionado por uma inconveniente contradição entre a imagem vitoriosa de única superpotência e a realidade econômica e social vivenciada pelo país no final da administração George H. W. Bush. Assim, fervilhavam conflitos motivados pelo crescimento sem precedentes da pobreza e do desemprego, que pouco lembravam a imagem vencedor que lideraria o mundo recém-reestruturado. O começo dos anos 1990 mais uma vez, assinalava o crescimento da desconfiança com a imagem de perfeição cultivada pelo país, o que era reforçado pela

⁵³⁸A Guerra do Golfo foi importante para essa imagem de invencibilidade, pois, pela primeira vez, a guerra parecia algo limpo, quase como um jogo de videogame. As imagens transmitidas pelos meios de comunicação eram quase sempre luzes verdes que se destacavam nas câmeras de visão noturna e mísseis que pareciam atingir sempre o alvo programado, pouco lembrando para a opinião pública que ela custava vidas. Nesse sentido, diferentemente das guerras anteriores que o país se envolveu, ela pouco mostrava feridos e mortos do lado americano.

valorização do multiculturalismo, pela chegada constante de novos imigrantes e pelos respectivos conflitos resultantes do crescimento das diferenças no país, como o exemplo da Batalha de Los Angeles em 1992⁵³⁹.

Como nos mostrou Vincent (1997), a explosão social marcou os resultados das políticas socioeconômicas, cada vez mais restritivas, do Partido Republicano, mostrando que o crescimento da pobreza não poderia ser controlado apenas pelo fortalecimento do aparato policial e por legislações criminais mais duras. Nesse sentido, enquanto a revolta trazia à tona o problema das áreas, cada vez mais, carentes dos grandes centros urbanos, alguns intelectuais conservadores, como Francis Fukuyama (1996)⁵⁴⁰, procuravam atrelar a participação de gangs de minorias.

Dentro desse mesmo projeto, a direita religiosa tentava provar que o crescimento da violência era resultado da destruição dos lares americanos, que já em 1987 tinham 20% das crianças crescendo em lares desfeitos e, anos depois, em 1994 esse número atingia 25% dos lares. Nessa lógica, o componente racial estava novamente presente como justificativa para problemas sociais, visto que, 61% dos nascimentos na comunidade afro-americana ocorriam fora do casamento, porém, a pobreza há muito tinha deixado de ser uma questão exclusivamente racial e já atingia trinta e sete milhões de habitantes estadunidenses no ano de 1992, sendo eles: 11% dos brancos, 28,2% dos hispânicos e 31,1% dos afro-americanos⁵⁴¹.

Esse cenário visto pela lógica conservadora, rapidamente transformou-se em acusações de que os comunistas e radicais estariam infiltrados nos principais setores do país, camuflando-se como liberais e moderados, corrompendo o caráter da nação, controlando o Partido Democrata, destruindo a autoridade e a educação, disseminando o relativismo moral, que negava verdades morais absolutas e defendia que tudo deveria ser medido segundo parâmetros da realidade vivenciada, valorizando o multiculturalismo, em detrimento das qualidades do país e defendendo o politicamente correto, que trazia consigo uma censura velada as ideias diferentes da propaganda pela agenda liberal.

Essa tese ganhou muita força durante toda a década de 1990, sendo reforçada por autores como, o antigo membro da nova esquerda que tornou-se ao decorrer de sua carreira

⁵³⁹A batalha ou revolta de Los Angeles ocorreu após a absolvição, em 29 de abril de 1992, dos policiais que agrediram o taxista afro-americano Rodney King no dia 03 de março de 1991.

⁵⁴⁰ Após a explosão social, alguns autores, como Fukuyama (1996), tentaram explicar a revolta a partir do conceito de capital social, indicando que a explosão popular ocorreu devido ao revanchismo dos jovens afro-americanos contra o sucesso econômico dos asiáticos. O autor procurou explicar a pobreza dos bairros negros das grandes cidades através da ausência de confiança entre os membros da comunidade, eximindo a crise econômica e a discriminação como parte da análise.

⁵⁴¹Segundo os dados apontados por Vincent (1997).

conservador, David Horowitz⁵⁴², que no final da década escreveu um livro bastante provocador, no qual, acusava os movimentos liberais do período de terem pouco a ver com o liberalismo pré-sixties e que, na verdade, eles representavam um credo radical. Para Horowitz (1998), com o fim do socialismo, muitos dos que vinham se definindo nos EUA como liberais, na verdade, eram socialistas e isso resultava da constatação de que tudo que não era conservador era liberal e, conseqüentemente, fazia com que as pessoas negassem a existência da esquerda radical no país, preferindo utilizar o termo liberal.

Dentro dessa lógica, com o fim do regime soviético, duas obsessões passaram a povoar as obras dos movimentos conservadores do país. A primeira era a ideia de declínio cultural, que se apresentava em leituras que viam a crise das universidades e da cultura popular. Por essas leituras, os problemas nas universidades ocorriam devido a inserção de temáticas multiculturais, pela valorização da história e da literatura das minorias, por causa do ensino bilíngue, pela negação dos autores clássicos e por um desconforto na relação dos estudantes, provocado pelas ações afirmativas e cotas⁵⁴³.

Seguindo essa leitura, Horowitz (1998) apontou que os revolucionários dos anos 1960, agora, eram os professores universitários, o que fazia com que o *status quo* das universidades estadunidenses fosse quase totalmente controlado por uma esquerda, que constantemente censurava as visões políticas de seus oponentes.

Na cultura popular, a preocupação conservadora estava no declínio na programação televisiva, na queda de qualidade e vulgarização dos filmes no cinema e no crescimento da sexualização, do incentivo ao uso de drogas e de uma cultura marginal na indústria musical, associados a crescimento da influência do rap e do rock⁵⁴⁴ na música americana⁵⁴⁵.

Se a primeira obsessão dos conservadores era a ideia de crise na cultura do país, a segunda pautava-se na ampliação da ideia conspiratória sobre a existência de um inimigo interior, que, primeiramente, durante a década de 1970 e 1980, era visto como uma elite liberal e comunista infiltrada no país e, agora, com o aproximar da campanha presidencial de 1992, se personificava diretamente no Partido Democrata e na figura de Bill Clinton.

Um exemplo clássico dessa leitura foi a publicação de Robertson (1990), que acusava, mesmo após a crise do bloco soviético, a manutenção de uma forte influência do lado

⁵⁴²Horowitz é editor do popular site conservador *FrontPage Magazine*, que tem como mensagem principal a ideia de que: "Dentro de cada liberal está um totalitário gritando para sair". O site pode ser encontrado no endereço: <<http://www.frontpagemag.com/>>.

⁵⁴³Como o exemplo do trabalho de Bloom (1989).

⁵⁴⁴Fortemente marcado pela geração grunge de Seattle, com sua tendência suicida, seu linguajar agressivo e seu exagerado consumo de heroína.

⁵⁴⁵Vale destacar que a década de 90 marcou a popularização do videoclipe nos canais a cabo do país.

intelectual do comunismo nos Estados Unidos. Com isso, o reverendo defendia que, durante os últimos trinta anos, os intelectuais comunistas/secularistas tinham se infiltrado na indústria de entretenimento, notícias e na educação, transformando-as em uma vingança contra as pessoas e os valores religiosos. Como exemplo disso, ele citou o crescimento da produção de filmes com temáticas críticas ao cristianismo, como o longa-metragem *A Última Tentação de Cristo*⁵⁴⁶ e a exibição de séries televisivas que propagavam valores morais, vistos por ele como, deturpados como a *My Two Dads*⁵⁴⁷.

Essas novas produções ganhavam visibilidade, enquanto, o cinema deixava de produzir filmes a partir de temáticas bíblicas ou que pregassem bons valores cristãos e os setores religiosos passavam a ser constantemente acusados de serem intolerantes e atrasados. Dessa forma, Robertson (1990) percebia que a história do cristianismo vinha sendo reconstruída a partir de um enfoque que acusava a religião, tão importante na formação dos valores da nação, como historicamente defensora do nazismo e do racismo.

Seguindo a linha defendida pelo reverendo, setores conservadores viam com temor o crescimento dessa nova cultura popular e ampliavam a retórica de que os religiosos estavam sendo, a cada dia, mais perseguidos por essa elite liberal, que pretendia destruir os valores da religião e da nacionalidade. Entretanto, essa visão conspiratória não crescia apenas em setores mais conservadores da sociedade, de maneira que, do outro lado da disputa cultural, movimentos vistos como liberais adotavam uma postura similar, acusando a direita religiosa e os conservadores sociais de serem intolerantes, sexistas e racistas.

Foi em meio a esse cenário que Hunter (1991) escreveu seu livro a respeito da Guerra Cultural, despertando uma rápida atenção por parte da mídia e de alguns setores do país para a sua tese. Como consequência, pouco mais de um ano após o lançamento de sua obra, a importância do debate em torno da Guerra Cultural já era tamanha, que, durante a Convenção Nacional Republicana de 1992, vários políticos e membros da direita religiosa discursaram sobre a sua existência.

Para compreender esse evento é necessário, primeiramente, resgatar a tática empregada pela *Christian Coalition* e pela direita religiosa para conseguir uma expansão de sua participação na política do país, ao qual, a partir do seu quase desaparecimento no final da década de 1980, o movimento passou a focar sua mobilização no controle dos escritórios

⁵⁴⁶Que mostra um Jesus humanizado que se apaixona e sente remorsos por produzir cruzeiros para o Império Romano em sua carpintaria.

⁵⁴⁷A comédia ficou no ar na NBC de 1987 até 1990 e narra o cotidiano de dois homens solteiros que criavam uma garota, após a morte da mãe dela, por não saberem qual deles era o pai biológico.

locais republicanos e nas campanhas eleitorais para os conselhos escolares municipais (até então disputadas sem o apoio de grandes estruturas políticas⁵⁴⁸).

De acordo com Martin (1996), um exemplo clássico desse método foi a eleição de Pat Hart para o conselho educacional de Lake County, Flórida. A participação de Hart é importante para a compreensão de como funcionava essa nova forma de mobilização da direita religiosa, pois ela demonstrou, em sua atividade como conselheira educacional, que existia uma forte ligação de apoio entre as organizações que formavam o movimento durante a década de 1990.

Hart mostrou que existia uma grande rotatividade de membros entre várias organizações do movimento e que muitos ativistas faziam parte de mais de uma organização. Nesse sentido, a ativista conservadora, que anteriormente esteve envolvida na campanha de Pat Robertson em 1988 e com Beverly LaHaye e o seu *Concerned Women for America*, ao vencer por doze votos a eleição para uma das cinco vagas para o Conselho Escolar e iniciar uma forte campanha para livrar a cidade do humanismo secular⁵⁴⁹. Porém, como apontou Togneri (1996), isolada entre quatro membros não conservadores, os dois primeiros anos da ativista foram de frustrações, ao ponto dela, buscar apoio político em um variado número de organizações de caráter conservador, afiliando-se ao *Eagle Forum*, ao qual, recebeu todo um programa de educação sexual pautado pela ideia de abstinência e contatando James Jobson e seu *Focus on Family*.

Martin(1996) narrou que, logicamente, apesar do apoio de todos essas organizações, a conservadora pouco conseguiu avançar em suas propostas, sofrendo uma forte resistência dos outros quatro membros do conselho. Todavia, com o aproximar de uma nova eleição, em 1992, ela conseguiu ser reeleita e junto com mais duas conservadoras que foram endossadas pela *Christian Coalition*, Claudia Ramsey e Judy Pearson. Assim, a direita cristã tomou o controle do conselho escolar e, já na primeira reunião, Hart conseguiu ser eleita presidente do conselho.

A maioria conservadora começou a seguir um programa escolar profundamente conservador, concentrado em salas de aulas reduzidas e um enfoque total no conteúdo acadêmico tradicional. Para elas, a escola deveria concentrar-se apenas no que era básico na

⁵⁴⁸De acordo com Utter e Storey (2007), em 1993 era estimado que dos 95.000 conselhos educacionais 7.153 eram controlados por conservadores.

⁵⁴⁹Sua primeira medida foi proibir nas escolas o livro *When Itchy Witchy Sneezes*, um livro infantil muito popular nos EUA que ensina a sonoridade das palavras para crianças que estão começando a ler, narrando o que ocorre quando uma bruxa espirra. Para a ativista conservadora o livro devia ser banido por influenciar as crianças ao ocultismo.

educação, deixando de debater questões pedagógicas influenciadas pelos modismos como novas descobertas científicas, temáticas multiculturais e a educação sexual.

Esse posicionamento, rapidamente, se tornou um conflito na mídia, principalmente, após os legisladores do estado aprovarem uma lei que definia que as escolas deveriam inserir conteúdo escolar que valorizasse a questão do multiculturalismo, o que foi mal recebido pelo conselho de educação conservador, pois defendia que os professores deveriam ensinar que a cultura estadunidense era superior a de outros países. A proposta de Hart causou revolta entre os professores e atraiu atenção da mídia do país. Isso gerou uma série de reportagens investigativas a respeito de como a direita religiosa vinha tomando o controle da educação do país. Com a pressão da mídia, Hart desistiu de concorrer para uma nova reeleição em 1994.

Utter e Storey (2007) apontaram que, de acordo com uma reportagem do *New York Times*, a tática da *Christian Coalition* consistia em vencer as disputas eleitorais, sem provocar grandes alardes a respeito do conteúdo ideológico defendido por seus candidatos. Por isso, eles evitavam se declarar membros do movimento, apenas, revelando a natureza de suas intenções após assumirem seus mandatos. Essa estratégia política causou um grande desconforto para os outros membros dos conselhos educacionais e dos escritórios locais do Partido Republicano, que foram rapidamente tomados sob a liderança de membros da direita religiosa.

Esse processo de expansão da direita religiosa, liderado pela *Christian Coalition*, foi o principal motivo para a radicalização do discurso republicano durante a convenção de 1992. A questão para o movimento era que, seguindo a transportação da ideia de Guerra-Fria para a batalha entre os partidos, a política estadunidense passava a colocar-se como uma batalha entre o bem e o mal pela alma da América, o que apontava o casal Clinton⁵⁵⁰ do lado do mal e Bush do lado do bem.

Para que se possa compreender um pouco melhor esse processo é importante retomar um pouco as prévias republicanas, em que, o então presidente teve como principal adversário o comentarista conservador católico Pat Buchanan. A vitória de Bush, que deveria ser fácil devido as suas recentes conquistas internacionais, transformou-se em uma desgastante batalha, uma vez que, Buchanan chegou a pressioná-lo em New Hampshire, primeiro estado a votar nas prévias, ao conseguir 37% dos votos, contra 53% de Bush. Essa votação à Buchanan

⁵⁵⁰Bill Clinton tinha sido indicado como o candidato democrata à presidência no mês anterior e, juntamente com a sua esposa e seu candidato à vice-presidência Al Gore era visto como um grande inimigo pela direita religiosa.

somente não foi maior, porque o presidente fez quatro dias de intensa campanha no estado, recuperando a confiança de uma parte de seu eleitorado.

Segundo o relatório da *Anti-Defamation League* (1992), Buchanan se candidatou para as prévias republicanas de 1992, sem nunca ter sido eleito para outro cargo governamental⁵⁵¹. Sua plataforma pautava-se em influências nativistas⁵⁵² (com o lema *American First*), defendia o isolacionismo, atacava os imigrantes⁵⁵³, as minorias e realizava inúmeras críticas à política econômica do presidente republicano. Durante sua participação nas prévias, que duraram quarenta dias, o comentarista conservador gastou cerca de um milhão e novecentos mil dólares e conseguiu o apoio de grande parte dos movimentos de ativistas ligados à direita religiosa, porém, mesmo com a força inicial de sua campanha⁵⁵⁴, ele foi derrotado em todos os estados, conseguindo, apenas cerca de três milhões de votos em todo o país, muitos deles eram votos de protestos contra Bush.

A dificuldade enfrentada pela campanha de Bush foi explicada por Dowd (1992), que percebia que o presidente sofria para explicar como, de 1988 para 1992, a economia do país entrou em queda livre e, principalmente, como o candidato não conseguia convencer a população de que ele realmente se importava com o desespero das pessoas que perdiam seus empregos. Segundo a *Anti-Defamation League* (1992), durante o período das prévias em New Hampshire, o desemprego no estado, quando Bush chegou para fazer sua campanha, tinha crescido de 2.3% para 7%⁵⁵⁵, as falências ampliaram 300% e cinco dos seus sete maiores bancos faliram⁵⁵⁶.

Com esse quadro econômico, os ataques à administração Bush, durante as prévias, concentravam-se no excessivo enfoque dado pelo então presidente para as questões de política externas do país⁵⁵⁷. Essa crítica manteve-se, mesmo durante a campanha presidencial, rondando o candidato republicano, como exemplo disso, Lieven (2005) argumentou, ao retomar os motivos da derrota na tentativa de reeleição do presidente republicano, que ao

⁵⁵¹Buchanan tinha participado ativamente das administrações Nixon e Reagan e tinha um papel de destaque como um controverso comentarista em seu programa na TV a cabo chamado *Crossfire*.

⁵⁵²É interessante perceber que ao longo dos anos o termo nativista sofreu algumas transformações, afinal se no final dos anos 1800, a ideia pautava-se na rejeição de católicos por protestantes, agora o que passava a ser considerado como legitimamente americano era a herança europeia.

⁵⁵³Entre as plataformas de Buchanan estava a construção de um muro em toda fronteira entre EUA e México que, segundo ele, impediria cerca de 90% da imigração ilegal para o país.

⁵⁵⁴Nagourney (2012) citou que, para conservadores, como Newt Gingrich, o recuo do apoio à Buchanan estava muito mais associado ao teor provocativo de sua fala, do que, ao conteúdo sugerido pelo candidato conservador.

⁵⁵⁵O estado perdeu cerca de 48.000 empregos.

⁵⁵⁶A realidade dos outros estados da federação não eram muitos diferentes no período.

⁵⁵⁷Que era fortemente influenciada pela corrente neoconservadora.

ênfatizar as questões de política externa, ele tentava aproveitar a boa imagem trazida com o fim URSS e pela rápida vitória sobre o Iraque na Guerra do Golfo.

Voltando a pensar os motivos da radicalização na Convenção Nacional Republicana de 1992, destaca-se que, com a derrota de Buchanan nas prévias, o candidato conservador rapidamente passou a apoiar George H. W. Bush, defendendo que sua oposição tinha sido importante para que o presidente fortalecesse a sua candidatura. O apoio de Buchanan a Bush fez com que grande parte dos conservadores e da direita religiosa enxergasse a convenção como uma maneira de demonstrar, ao candidato escolhido pelo partido, a preocupação do movimento sobre temas socioculturais. Pensando a respeito disso, Cromartie (1993) indicou que, de acordo com o *Washington Post*, a direita religiosa tomou a convenção com o comparecimento de mais de dois mil de seus delegados que, constantemente, direcionaram os discursos para o debate cultural.

Aqui vale notar que, mais uma vez, o método de mobilização da direita cristã teve o resultado desejado e, como resposta, a ideia de Guerra Cultural esteve fortemente presente na fala dos políticos e ativistas durante a convenção, resultando exacerbados discursos nas plenárias, que eram recebidos com uma grande comoção pela plateia, em grande parte composta pelos próprios delegados da direita cristã.

Essa tática causou a nítida impressão de que o Partido Republicano tinha as questões culturais como norte de sua agenda política, resultando em uma nova atração de conservadores religiosos para o partido. Para Wilcox e Bartkowski (in Dionne; DiIulio, 2000) os ativistas conservadores/protestantes/brancos passaram a migrar de forma desproporcional para o Partido Republicano, tendo uma identificação 50% maior com ele do que outros americanos.

Entre as falas de maior destaque na convenção estava a de Pat Robertson, que comemorou a vitória republicana sobre a União Soviética, argumentando: “Setenta e cinco anos atrás uma praga cobriu as nações da Europa Ocidental como uma nuvem negra” (ROBERTSON apud BALMER, 2008, p.136) e completou: “Foi Ronald Reagan, George Bush e as políticas republicanas que colocaram o comunismo de joelhos.” (ROBERTSON apud BALMER, 2008, p.136). Ainda sobre a fala do reverendo, Balmer (2008) acrescentou que pelo raciocínio do líder da *Christian Coalition*, o Partido Democrata passou a ser o transportador dessa praga, representando um braço do comunismo nos Estados Unidos da América que precisava ser derrotado.

Seguindo a linha de Robertson, Buchanan fez o que seria lembrado como o discurso mais marcante da convenção, apontando, pela primeira vez em um palanque político, a

existência de uma Guerra Cultural no país e defendendo que, apesar de ter discordado de George H. W. Bush durante as prévias, seus três milhões de eleitores deveriam apoiar o candidato republicano:

Sim, nós discordamos do presidente Bush, mas estamos com ele pela liberdade para escolher as escolas religiosas, estamos com ele contra a ideia amoral que os casais gays e lésbicas deveriam ter a mesma posição na lei do que homens e mulheres casados. Nós estamos com o presidente Bush a favor do direito à vida e pela oração voluntária nas escolas públicas. Nós somos contra colocarem nossas esposas, filhas e irmãs nas unidades de combate do exército dos Estados Unidos. Nós também estamos com o presidente a favor do direito das cidades pequenas e comunidades de controlar o esgoto bruto da pornografia, que é tão terrível que polui nossa cultura popular. Nós estamos com o presidente Bush a favor de juízes federais que interpretem a lei como está escrita e contra juízes da Suprema Corte como Mario Cuomo⁵⁵⁸ que pensam ter um mandato para reescrever a Constituição. (BUCHANAN, 1992).

O discurso de Buchanan (1992) foi totalmente construído sobre uma ideia de nós contra eles, constantemente, apontando o Partido Democrata como o grande mal do país e defendendo que a convenção democrata, realizada no mês anterior, era na verdade uma reunião de cerca de vinte mil liberais e radicais, tentando se passar por moderados e centristas. Sua fala mostrava uma forte rejeição ao legado construído pelo Partido Democrata, durante seu período de domínio na política do país, e exaltava que, de maneira alguma, o povo americano voltaria para o fracassado liberalismo.

Nesse cenário de crescente polarização contra o Partido Democrata, Bill e Hillary Clinton eram particularmente atacados durante a convenção, sendo vistos como os grandes representantes do sórdido liberalismo. Dentro dessa lógica, Marilyn Quayle, esposa do vice-presidente Dan Quayle⁵⁵⁹, atacou o discurso de Clinton sobre a necessidade de se procurar novas lideranças para o país, dizendo que “nem todos tinham desistido, utilizado drogas, participado da revolução sexual⁵⁶⁰ ou se esquivado da convocação⁵⁶¹” (Purdum apud Quayle (2004)).

⁵⁵⁸Cuomo era governador de Nova York e tinha uma longa trajetória como um político liberal, sendo um dos responsáveis por impedir o retorno da pena de morte no estado. De acordo com Molloy (2012), ele nunca chegou a aceitar a nomeação de Clinton para que fizesse parte da Suprema Corte alegando estar comprometido com o estado.

⁵⁵⁹Quayle foi também o candidato à vice-presidência na eleição de 1992.

⁵⁶⁰Rother (1992) citou que Quayle constantemente utilizou os termos família e valores, defendendo que homens e mulheres tinham um papel diferente na sociedade e embora, não falasse claramente que faltava confiança e caráter para Clinton, ela deixava a entender que esse era exatamente o problema do candidato.

⁵⁶¹ Constantemente durante a campanha de George H. W. Bush contra Bill Clinton em 1992 os republicanos acusavam o candidato democrata de não ser patriota, por ter enviado uma carta para escapar da Guerra do Vietnã.

Pela análise realizada por Willians (2010), os ataques do Partido Republicano, que colocavam o Partido Democrata como o grande inimigo, iniciou-se ainda durante a campanha de 1984 de Reagan, em que, a plataforma republicana acusou os democratas de atacarem os valores básicos da nação. Porém, agora em 1992, esse discurso se tornou ainda mais agressivo, ao ponto, do vice- presidente Dan Quayle atacar o relativismo moral, mulheres não casadas e os baixos padrões morais da classe média e de Bush criticar os democratas por omitirem Deus de sua plataforma política.

Para Buchanan (1992), a eleição era uma questão de valores, ela opunha o candidato republicano, patriota⁵⁶², defensor da vida e dos valores judaico-cristãos, sobre os quais a América foi fundada⁵⁶³, contra um casal que defendia o casamento homossexual⁵⁶⁴, o aborto, os gastos desenfreados⁵⁶⁵, a proteção do meio ambiente acima da vida das famílias e o feminismo radical⁵⁶⁶:

Amigos essa eleição é mais do que quem recebe o que, trata-se de quem somos. É sobre o que nós acreditamos e aquilo que defendemos como americano. Há uma guerra religiosa acontecendo nesse país. É uma Guerra Cultural tão crítica para o tipo de nação que desejamos ser como foi a própria Guerra-Fria. Essa guerra é pela alma da América. (BUCHANAN, 1992).

No mesmo discurso, ele também se posicionou contra o levante social ocorrido meses antes em Los Angeles, o que, de acordo com Lieven (2005), fez ele declarar que os americanos deveriam retomar suas cidades, sua cultura e seu país, da mesma maneira como o exército americano retomou a cidade de Los Angeles. O debate envolvendo o episódio trazia novamente à tona, da mesma maneira como nos anos 1960, o pavor conservador contra o crescimento da violência popular e delimitava a necessidade de se garantir a ordem a qualquer custo, ao ponto de, na mesma conferência, Ralph Reed encorajar os cristãos a tomarem o seu país de volta, pedaço por pedaço, cantão por cantão.

Pensando especificamente nas disputas políticas no interior do Partido Republicano, existiam claramente duas vertentes em disputa na convenção de 1992, de uma lado, estava a

⁵⁶²Ele apontava que após o ataque japonês a Pearl Harbor, Bush rapidamente se alistou no exército, sendo um dos pilotos mais jovens dos EUA, enquanto que, Clinton se escondeu da Guerra do Vietnã, enviando cartas para que fosse poupado da convocação. Balmer (2008) citou que durante a campanha Bush acusou Clinton de falta de patriotismo por ter evitado a seleção durante a Guerra do Vietnã e por ter visitado Moscou, enquanto, Clinton rebateu argumentando que a família Bush tinha apoiado o Macarthismo.

⁵⁶³Como mostramos no capítulo anterior, essa visão de Bush foi construída após sua indicação para a vice-presidência de Reagan, uma vez que, ele não era antiaborto ou mesmo um religioso fervoroso.

⁵⁶⁴De acordo com Schmalz (1992) a retórica anti-homossexuais esteve presente em toda a convenção.

⁵⁶⁵A crítica do comentarista conservador cita o candidato à vice-presidência Al Gore como o senador mais gastador do país.

⁵⁶⁶Buchanan (1992) acusou Hilary de considerar o casamento como uma escravidão ou como a vida em uma aldeia indígena.

exaltada direita cristã (que radicalizou o debate cultural) e de outro, o grupo ligado a Ronald Reagan que discursava em defesa dos avanços conseguidos pelo governo e sobre a importância das vitórias na política internacional. Isso era claro, no discurso de Reagan (1992), em que, o ex-presidente defendeu a importância da vitória na Guerra-Fria e apontou que o país somente não teve outros avanços devido ao controle democrata no Senado. Assim, para ele, se existia a necessidade de mudanças, como o Partido Democrata vinha frisando em sua campanha, elas deveriam ocorrer no legislativo, com a retomada do Senado do país pelo Partido Republicano.

Com essa divisão de ideias no Partido Republicano, é importante aprofundar como o discurso cultural, radicalizado na convenção, acabou sendo incluído na campanha de George H. W. Bush. Uma vez que, se percebe, ao menos em seu momento inicial, ela era embasada em um caminho semelhante ao defendido pelo discurso do ex-presidente Ronald Reagan. Mais do que isso, pode-se concluir que a inserção da ideia de uma Guerra Cultural se tornou prejudicial para o político republicano, criando uma forte tendência de oposição política no país e, finalmente, estabelecendo o Partido Republicano como o espaço atrativo para os conservadores religiosos.

Nagourney (2012) argumentou que, durante a convenção, o Partido Republicano foi empurrado para a direita pelos movimentos conservadores *Grass-Roots*⁵⁶⁷. O fato é que Bush, realmente, tentou se aproximar de setores da direita religiosa, o que ocorreu, segundo Martin (1996), através de um discurso do candidato republicano na *Second Annual Road to Victory* da *Christian Coalition* e em uma entrevista exclusiva que o presidente deu para o *700 Club*. Esse novo direcionamento parecia tão influente que, Pat Buchanan, apesar de se dizer surpreendido com a recepção de seu discurso na convenção, acreditava que Bush teria derrotado Clinton, se o candidato republicano tivesse levado a disputa para o debate sobre os temas que estavam presentes em sua campanha nas prévias republicanas. Seguindo essa mesma leitura, Conge (2009) citou que muitos conservadores atribuíram a derrota de Bush em 1992 à ausência de consistência e convencimento conservador em sua campanha. Nesse sentido, para Buchanan, Clinton era completamente vulnerável quando se debatia questões relacionados a valores culturais e morais.

Essa vulnerabilidade de Clinton era muito maior do que um problema exclusivo do candidato e atingia todo o Partido Democrata, que parecia realmente ter dificuldades para responder os ataques e as acusações advindas do partido rival. Klein (2002) afirmou que, após

⁵⁶⁷Nome dado aos movimentos ativistas.

doze anos consecutivos de vitórias presidenciais republicanas, o Partido Democrata tinha grande dificuldade para disputar ideologicamente com os conservadores, que estavam fortemente estruturados na produção de pensamento em *Think Tanks* como a *Heritage Foundation* e o *American Enterprise Institute*.

Com isso, a indicação de Clinton fazia parte de uma vital reformulação do partido e de um projeto de revitalização do liberalismo. Essa perspectiva resultou na criação de novos *Think Tanks* liberais como o *Progressive Policy Institute*⁵⁶⁸, lançado pelo *Democratic Leadership Council*⁵⁶⁹ em 1989. De acordo com a leitura de Black e Black (2008), para apaziguar a pressão exercida pelos conservadores sobre o termo liberal, Clinton não concorreu à presidência definindo-se como um democrata liberal (no estilo McGovern, Mondale ou Dukakis), estruturando toda sua campanha como um candidato novo democrata, cujo o discurso, mesclaria ideias liberais e conservadoras.

Somada a dificuldades de combater ideologicamente o Partido Republicano, o Partido Democrata enfrentava a enorme popularidade de George H. W. Bush⁵⁷⁰. Sobre isso, Blumenthal (2003) argumentou que a aprovação do presidente, antes da campanha eleitoral, era tão alta que nenhum senador ou governador democrata queria disputar as eleições de 1992 contra ele. Esse temor da força política de Bush foi o principal motivo para a indicação de Clinton, um governador do Arkansas, pouco conhecido em Washington e muito mais novo do que outras figuras mais influentes do partido, para a disputa presidencial⁵⁷¹.

Deste modo, em meio aos discursos radicais e a crise econômica, Bush foi derrotado por Clinton e essa eleição foi especialmente contundente para o Partido Republicano. O motivo para isso foi que a disputa entre os dois candidatos parecia tão desproporcional que a derrota de George H. W. Bush fez com que muitos republicanos vissem-na como algo contra a ordem natural, o que resultou em acusações contra a direita cristã e seu discurso radical⁵⁷² e, até mesmo, contra Bush pela derrota nas eleições de 1992.

Somado a isso, a participação na eleição de um terceiro candidato, o empresário Ross Perot, acabou tornando-se determinante para a derrota de Bush. Perot teve uma rápida participação nas prévias republicanas e, após elas, lançou-se como um candidato independente

⁵⁶⁸<http://www.progressivepolicy.org/>.

⁵⁶⁹<http://www.dlc.org/>.

⁵⁷⁰Após a rápida vitória na Guerra do Golfo, Bush tinha uma das popularidades mais altas entre todos os que já tinham sido presidentes do país.

⁵⁷¹O que ocorria devido ao alto índice de aprovação conseguido por Ronald Reagan que fazia com que nomes importantes do Partido Rival vicessem como improdutiva a tentativa de derrotar George H. W. Bush nas urnas.

⁵⁷² Nagourney (2012) mostrou que muitos dos partidários de George H. W. Bush debateram que uma das razões para que ele fosse derrotado por Clinton foi exatamente o tom utilizado durante as prévias republicanas daquele ano, que fez com que os eleitores moderados votassem em massa em Clinton.

à presidência, com uma plataforma totalmente focada em suas habilidades, no desenvolvimento tecnológico e na desconfiança da população com Washington⁵⁷³. Contudo, sua candidatura parecia ser muito mais um fruto da revolta contra Bush, surgida dentro do Partido Republicano, do que, propriamente, uma real luta pela vitória.

Segundo a reportagem da *Businessweek*, escrita por Dunham, Harbrecht e Zellner (1992), Perot chegou a liderar a corrida presidencial no momento do lançamento de sua campanha, em junho de 1992, tendo 39% das intenções de votos, contra 31% de Bush e 25% de Clinton. Porém, a intenção de votos para o candidato independente rapidamente começou a se enfraquecer com a meteórica ascensão de Bill Clinton. Em meio a pouca repercussão que sua campanha trazia, Perot brevemente abandonou a disputa eleitoral, após o final da Convenção Nacional Democrata⁵⁷⁴, retomando-a apenas um mês antes da eleição em outubro⁵⁷⁵.

O fato é que, a participação do candidato independente na eleição acabou colaborando com a divisão dos votos dados a Bush, fazendo com que o Perot conseguisse no final do processo eleitoral 19% dos votos populares, principalmente, de eleitores conservadores econômicos.

Dentro dessa leitura, muitos analistas políticos observaram que, o não controle de Bush sobre crise econômica⁵⁷⁶ e seu enfoque excessivo em questões de política externa, foram determinantes para os resultados da eleição. O peso da questão econômica foi apontado por Martin (1996) que indicou, dos 41% entrevistados nas pesquisas de boca de urna que indicaram ter votado preocupados com a economia, dois em cada três preferiram votar em Clinton e apenas 16%⁵⁷⁷ dos eleitores apontaram que estavam preocupados com questões como valores familiares e cada três em quatro votaram em Bush.

Dentro desse quadro, a convenção republicana foi um ponto importantíssimo para a vitória democrata. Clymer (1992) discutiu, a partir de uma pesquisa de opinião divulgada logo após a convenção pela *Times/ CBS News Poll*, que a população preferia ouvir Clinton debater sobre economia e sua proposta de reforma no sistema de saúde, do que, sobre tópicos como valores da família e homossexualidade que eram constantemente levantados pelos

⁵⁷³Assim como Carter, Perot utilizava a ideia de não ser um político profissional, o que combatia muito mais a imagem de George H. W. Bush, a doze anos no poder entre presidência e vice-presidências, do que a de Clinton.

⁵⁷⁴Ocorrida entre os dias 13 e 16 de julho de 1992.

⁵⁷⁵Toner (1992) apontou que o candidato retornou a disputa somente em outubro, alegando ter feito isso em honra aos voluntários de sua campanha.

⁵⁷⁶Boston (1996).

⁵⁷⁷Esse número chegou a chocar Ralph Reed que acreditava que a porcentagem da população preocupada com esse tema comparecendo as urnas seria maior.

republicanos. Isso refletiu na campanha de ambos os candidatos, onde, após os quatro dias de convenção republicana, Clinton dominava a preferência dos votos dos entrevistados com 51% contra 36% de George H. W. Bush⁵⁷⁸.

O autor defendeu que os ataques a Clinton surtiram um efeito quase nulo, visto que, a rejeição ao candidato democrata, mesmo após toda a visibilidade do evento republicano, ampliou apenas 4%, saltando de 24% para 28%. Rejeição que vinha em queda constante, desde os 34% apontados semanas antes da convenção e somava-se ao crescimento da desaprovação da população com a administração Bush, que chegou a 53% após a convenção. Blumental (2003) acrescentou que do final da Guerra do Golfo até a Convenção Nacional Republicana a aprovação de Bush tinha caído cinquenta e seis pontos percentuais.

É importante destacar, também, que a não eficiência do discurso radical da convenção também foi causada por uma rápida resposta por parte de intelectuais e comentaristas ligados ao Partido Democrata. Como exemplo disso, Seelye (2007) citou que, como resposta a fala de Buchanan, a colunista liberal Molly Ivins⁵⁷⁹ escreveu, nos dias que se seguiram a convenção, que o discurso do político republicano provavelmente soaria melhor na original Alemanha.

Outra análise, feita por Toner (1992), mostrou que a queda na popularidade da administração Bush vinha em uma crescente durante o ano da eleição e apontava que, em cerca de um período de um mês, o número de entrevistados que apoiavam a maneira como ele conduzia seu governo caiu de 42% para 37%. Esses números se tornavam mais significativos quando descreviam que apenas 16% dos entrevistados apoiavam a política econômica do presidente republicano, o que forçou uma mudança na sua campanha, obrigando o Partido Republicano a abandonar a tentativa de valorização dos legados de seus quatro anos no governo e torná-la bastante negativa contra o candidato adversário.

Após compreender o cenário estabelecido com a convenção republicana, pode-se partir para uma análise sobre os resultados da eleição e a consequente revolta republicana contra Clinton, para isso, inicia-se a segunda parte desse capítulo.

⁵⁷⁸Tradicionalmente a convenção dos partidos é o momento oficial de apresentação dos candidatos e de sua proposta política. Clinton teve uma ampliação da sua popularidade após a convenção democrata e era esperado que Bush ampliasse fortemente o número de seus apoiadores após a convenção republicana, o que acabou não ocorrendo.

⁵⁷⁹Falecida em 2007, Ivins foi uma das principais comentaristas contra a reeleição de George W. Bush em 2004 e contra a Guerra do Iraque, escrevendo no *Texas Observer*.

5.2 Bill Clinton (1993-2001): o presidente amoral e a Guerra Cultural.

Como descrevemos na passagem anterior de nosso capítulo, Clinton era visto pelos conservadores como um liberal, antipatriótico e libertino, que vencera a eleição de uma maneira incompreensiva e que não merecia ocupar o cargo mais importante do país. Isso significava que, após sua eleição, ele certamente seria o alvo central das críticas do Partido Republicano, que após doze anos perdera o controle do executivo do país, e da direita religiosa. A partir disso, essa passagem do trabalho retoma um pouco a trajetória do presidente para explicar os motivos que ocasionaram essa feroz oposição a ele e entender os resultados dela durante os seus dois mandatos.

Dentro desses objetivos, o primeiro ponto a ser debatido é a relação de Clinton com a religião, afinal, a principal crítica dos movimentos conservadores a ele era a fomentação de que ele era imoral. A questão aqui é que essa visão de imoralidade não estava de maneira alguma ligada a uma ausência de uma relação de Bill Clinton com a religiosidade. Ou seja, por trás da imagem construída pela oposição, Clinton era muito mais ativo em sua vida religiosa do que George H. W. Bush, o que foi apontado por Balmer (2008), ao narrar a experiência do democrata como um batista do sul.

Para o autor, apesar de vir de uma família que não era uma frequentadora religiosa assídua, Clinton se interessou pela religião durante a sua infância, quando começou a frequentar a *Park Place Baptist Church* em Hot Springs (1955). Sua relação com a fé intensificou-se após a sua participação em uma das cruzadas de Billy Graham, que ocorreu no *War Memorial Stadium* em Little Rock, Arkansas (1959), no qual, o jovem ficou encantado ao ver o pastor defender o tema da integração racial.

Segundo o documentário da PBS dirigido por Barack Goodman e Chris Durance(2012), Clinton via, na religião, uma forma de resgatar sua família envolta em sérios problemas provocados pelo alcoolismo de seu padrasto. Por esse motivo, sua relação com fé ocorreu de uma forma tão abrupta que aos nove anos de idade ele já participava da *Southern Baptist Convention*. O democrata, apenas, deixou a organização após o fortalecimento das correntes conservadoras, que motivou o afastamento de religiosos moderados e liberais dela. Dessa forma, como explicou Allen (2008), Clinton somente voltou a ter contato com a

organização, após ter sido eleito presidente, quando, em 16 de setembro de 1993, Ed Young⁵⁸⁰ teve uma reunião com o presidente para discutir questões a respeito da sua religiosidade⁵⁸¹.

Com a trajetória religiosa de Clinton, pode-se pensar que a rejeição dos movimentos conservadores religiosos com relação ao presidente, não ocorria propriamente pela sua não relação com a religião, já que, mesmo após eleito, Clinton continuou tendo uma frequência religiosa bastante regular. Na verdade, os reais motivos para os ataques a Clinton vinham de, após ele ser eleito, os líderes da direita religiosa ficarem furiosos pelo fato do presidente interromper o livre acesso do movimento a Casa Branca. Desse modo, a não proximidade com o presidente significava perda de visibilidade para esses pastores conservadores, em um momento, em que, eles se recuperavam dos escândalos envolvendo televangelistas que ocorreram no final dos anos 1980.

Como reação, esses pastores partiram para o ataque a Clinton, o que pode ser percebido pelo esforço realizado por Jerry Falwell que, mesmo passando por sérios problemas financeiros⁵⁸², financiou, produziu e distribuiu o vídeo-tape chamado *The Clinton Chronicles*⁵⁸³, que acusava o presidente, recém-eleito, de tráfico de cocaína, realização de negócios com a União Soviética⁵⁸⁴ contra os Estados Unidos da América e, até mesmo, por arranjos para o assassinato de seus críticos.

Para Lieven (2005), as críticas pela qual Clinton passava não estavam ligadas as ações que ele tomou durante sua carreira política, e sim, elas eram direcionadas a quem ele era. De maneira que, ele era visto como representante de uma cultura pluralista, moderna e multicultural, que o percebia como um estrangeiro em seu próprio país, e, isso ocorria mesmo quando após eleito, o presidente constantemente, reforçava em sua política externa a ideia da hegemonia estadunidense nas organizações globais.

Em sua carreira política, antes de tentar se candidatar à presidência, Clinton foi governador de Arkansas por cinco mandatos de dois anos (de 1979-1981)⁵⁸⁵ e depois de 1983-1992)⁵⁸⁶, e se tornou um nome em ascensão no Partido Democrata. Após sua experiência

⁵⁸⁰Presidente da *Southern Baptist Convention* em 1992 e 1993.

⁵⁸¹Clinton era mal visto por muitos pastores ligados a organização pelo seu apoio ao direito de homossexuais.

⁵⁸²Falwell iniciou os anos 90 com o risco de perder a Liberty University, ao mesmo tempo em que, seu programa religioso com uma abrangência local deixava de arrecadar as mesmas volumosas quantias de meados dos anos 1980.

⁵⁸³ O vídeo pode ser assistido em: <<http://www.youtube.com/watch?v=eLnZwwYIYP0>>.

⁵⁸⁴Clinton tinha feito uma visita ao país, algo que, durante e após a campanha, foi utilizado pelos conservadores em acusações contra o presidente.

⁵⁸⁵Clinton foi derrotado em sua primeira tentativa para a reeleição, após criar um projeto para recuperar as estradas do Arkansas que ampliou os pedágios do estado e foi muito mal visto pela população.

⁵⁸⁶Sua terceira campanha eleitoral para governador em 1982, mostrava a capacidade de se reinventar do democrata, que proporia uma reforma educacional das escolas públicas do estado e contou com uma forte

como governador, ele conseguiu a indicação para disputar a corrida presidencial de 1992, em uma prévia contra outros democratas que, assim como ele, não tinham uma grande visibilidade política nacional, como Jerry Brown (Califórnia), Paul Tsongas (Massachusetts), Bob Kerry (Nebraska) e Tom Harkin (Iowa)⁵⁸⁷.

Desde o início, sua candidatura parecia repleta de pontos de fragilidade, como a defesa de pontos polêmicos⁵⁸⁸ e as suas relações extraconjugais⁵⁸⁹, que ganharam destaque logo após o lançamento de sua candidatura quando a jornalista Gennifer Flowers⁵⁹⁰ alegou manter, há doze anos, relações extramaritais com o candidato.

Clinton sabia que políticos americanos não sobreviviam quando envolvidos com esse tipo de escândalo e que uma grande parte da sociedade esperava que os seus representantes fossem um espelho moral para o país. Assim, em um primeiro momento, ele foi profundamente evasivo sobre o tema, esperando que seus opositores, a mídia e os eleitores simplesmente esquecessem o assunto. Entretanto, a mídia rapidamente ampliou a divulgação a respeito do tema, causando um impacto arrasador e transformando a campanha do candidato democrata em um possível fracasso.

Para Clinton, a solução para o problema foi pensada de uma maneira totalmente oposta a forma como qualquer outro político se defenderia. O candidato apareceu, junto com sua esposa Hillary, no dia 26 de janeiro de 1992, no programa de notícias da CBS *60 minutes*, onde, em uma entrevista para Steve Kroft, negou o envolvimento com Flowers e assumiu já ter causado “dor” em seu casamento, mostrando um profundo arrependimento por isso. Contudo, ao ser pressionado para assumir a traição, Clinton e Hillary argumentaram que não faria diferença alguma para a mídia se ele assumisse ou não as relações extraconjugais, uma vez que, se negasse, apareceriam novas pessoas oferecendo mais dinheiro para descobrir novas acusações e tentar mostrar que ele havia mentido e, da mesma forma, se ele confirmasse isso repercutiria de uma maneira monstruosa, fazendo com que muitas pessoas apontassem para ele, definindo-o a partir disso.

Vale lembrar que Clinton foi o primeiro presidente a governar o país após o pleno desenvolvimento do sistema de televisão a cabo, que, a partir da década de 1990, passou a ter

participação de sua esposa Hillary Clinton que visitou escola por escola do estado para se aprofundar das dificuldades pela qual elas passavam.

⁵⁸⁷O favorito à indicação democrata Mario Cuomo se recusou a ser o candidato democrata à presidência.

⁵⁸⁸Como sua defesa aos direitos dos homossexuais e sua visão favorável aos resultados do processo judicial Roe contra Wade.

⁵⁸⁹Junto a isso o vídeo *The Clinton Chronicles* o acusou de ter um relacionamento com sua assessora Paula Jones durante o tempo em que ele era governador.

⁵⁹⁰Que tornou-se famosa após posar nua para a revista *Penthouse*.

programações de notícias 24 horas por dia. Essa nova maneira de noticiar, motivada pela competição entre as emissoras, transformava qualquer comentário, medida ou suspeita em horas intermináveis de debates, análises e investigações sobre a vida das figuras públicas do país. Klein (2002) mostrou que essa transformação midiática no país ocorreu devido ao sucesso que o papel determinante dos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein (do *The Washington Post*) tiveram durante a década de 1970, ao conseguir provas sobre o escândalo *Watergate*.

Dentro dessa lógica, a brilhante participação investigativa dos dois jornalistas abriu um precedente que, nos anos seguintes, foi responsável por inúmeras distorções na cultura do jornalismo no país, pois, a nova geração de jornalistas e editores se tornou tão obcecada para repetir os seus feitos que passaram a buscar qualquer notícia a respeito de figuras públicas. Isso gerou uma competição desenfreada entre as emissoras e entre os jornalistas que ampliaram e transformaram tudo em um grande furo de reportagem.

Como resultado, a visibilidade da vida pública e privada dos políticos do país começou a ser, exaustivamente, exposta nos noticiários do país, que para vender notícias colocavam em confronto as falas dos políticos de partidos rivais, ampliando, assim, a rivalidade entre os partidos. Em meio a essa concorrência jornalística tão radical, os políticos eram constantemente considerados culpados de qualquer boato, antes mesmo que se tivesse alguma prova de que eles realmente tinham cometido algum deslize. Para exemplificar isso, Klein (2002), citando o trabalho de Kovach, discutiu a questão em torno da mídia tinha se tornado uma disputa para ver quem conseguia a notícia mais negativa, transformando a maneira de enxergar a classe política, dado que, enquanto em 1960, 75% das notícias sobre candidatos eram positivas, em 1988, 60% delas eram negativas.

O reflexo disso nas campanhas políticas foi que, para os candidatos, deixou de ser vantajoso mostrar exclusivamente os pontos positivos de suas trajetórias ou os possíveis benefícios de seus projetos e se tornou importante mostrar o quanto seus adversários eram falhos em seu caráter. A conclusão disso, para o autor, foi que a batalha jornalística fez com que se enfatizasse o conflito entre os candidatos, que cresceu 300% do início dos anos 1970 para o final dos anos 1980.

Retomando a questão envolvendo Clinton e seus supostos relacionamentos extraconjugais, após as declarações da entrevista para Kroft (1992), para os analistas políticos, a campanha de Clinton estava acabada. Não obstante, apesar de um início virtualmente frágil, a campanha do ex-governador do Arkansas possuía uma grande habilidade para aproximar-se dos americanos comuns, e isso, mostrou-se de forma, ainda mais clara, quando ao vir a

público mostrar arrependimento por sua falha e debater sobre o direito de defender seu casamento de maneira privada, ele enfraqueceu as acusações da oposição e renovou a maneira como os eleitores o enxergavam. Sua imagem passou de um libertino sem caráter, por supostamente trair a sua esposa e desrespeitar o casamento, para a de um homem capaz de assumir seus erros e pecados e recomeçar.

Essa transformação da imagem de Clinton estava totalmente vinculada a tradição religiosa *Born Again*, em grande crescimento nos Estados Unidos no período, e apontava para a capacidade de abrir mão dos pecados cometidos durante a vida e iniciar uma nova jornada ao lado de Jesus.

Vindo ao encontro dessa ideia, é importante destacar que o período marcou um aprofundamento da relação dos americanos com a religião, ao qual, Lieven (2005) mostrou que uma sondagem *Gallup* de 1993 apontava que 43% dos americanos se diziam *Born Again* e que um estudo, feito pelo *Barna Institute* em 1996, revelou que 66% dos americanos diziam ter um engajamento pessoal com Jesus Cristo, um crescimento de 6% para a década de 1980. Essa aproximação popular com a religião era sinalizada também pelo crescimento no número de membros das igrejas evangélicas que ganharam mais de seis milhões de membros de 1971 até 1990, enquanto que os protestantes tradicionais perderam cerca de dois milhões e seiscentos mil.

De acordo com o documentário de Goodman e Durance (2012), Clinton, desde os tempos de governador, se tornou mestre em trabalhar com essas ideias cristãs de culpa e arrependimento, conseguindo sempre retomar sua carreira com grande prestígio, toda vez que ele era acusado ou derrotado em seus projetos políticos. Junto a isso, o suporte dado a ele por sua esposa parecia motivá-lo, deixando-o sempre pronto para voltar com força para as disputas políticas e no episódio em questão, indicava que ele tinha conseguido o perdão da principal lesada pelo seu comportamento.

Assim, se Hillary acreditava na mudança de Clinton e em seu casamento, porque o resto do país não acreditaria? Isso ela deixou claro na entrevista para a CBS, no momento em que Kroft tentou relacionar o aparecimento dos dois juntos no programa a um arranjo político para não prejudicar a campanha de Clinton, ao qual, ela respondeu estar sentada lá porque amava e respeitava seu marido e completou afirmando que, se isso não fosse suficiente para colocar um fim no assunto, as pessoas poderiam escolher não votar nele.

Para além dos escândalos envolvendo a campanha do futuro presidente, um dos pontos centrais da eleição de Clinton estava em ele mostrar muita sensibilidade com os problemas

das pessoas e sempre conseguir se colocar como uma esperança⁵⁹¹, o que fazia com que muitos, apesar de achá-lo inexperiente para comandar o país, depositassem sua confiança nele. Nesse cenário, com o decorrer da disputa presidencial de 1992, Clinton teve um forte apoio do eleitorado afro-americano, ao ponto, dele ser visto por alguns como o primeiro presidente afro-americano dos Estados Unidos da América⁵⁹².

Somado a isso, ele foi o primeiro presidente da geração dos anos 1960 a chegar ao poder, o que trazia questionamentos sobre como ele enxergaria questões relativas a grupos minoritários, pró-aborto e aos direitos LGBTs, que eram respondidas com um forte apoio do presidente a eles e, conseqüentemente, com o retorno do apoio de ativistas desses movimentos em sua campanha.

Para Conger (2009), essa relação do presidente com esses grupos serviu de combustível para a oposição da direita religiosa nos dois primeiros anos de seu governo. Ao mesmo tempo, sua facilidade para falar nas igrejas congressionais alavancou um grande número de votos entre os evangélicos o que, mais uma vez, impediu o projeto político-religioso conservador que procurava uma unidade entre os votos evangélicos.

Pensando exclusivamente no crescimento da direita religiosa no período, o fato dos evangélicos não votarem em um mesmo candidato não significava que o movimento estava fadado ao declínio no país, já que, apesar da dificuldade para manter a unidade dos votos, a influência do movimento sobre as votações e sobre uma parcela da sociedade continuou em alta por toda a década de 1990. Para comprovar isso, Martin (1996) descreveu que, de acordo com a estimativa do *People for the American Way*, cerca de quinhentos candidatos pró-família foram eleitos em níveis locais durante a eleição de 1992, em sua maioria para cargos em conselhos escolares e para legisladores estaduais, ou ainda pela leitura de Sine (1995):

De fato, a eleição de Bill Clinton deu uma nova vida dramática para o movimento conservador. Pela sua não intencional atração de membros revoltados da direita cristã, devido a temas como aborto e gays no exército, presidente Clinton deu ao movimento exatamente o que ele precisava: um novo inimigo. Mais uma vez isso foi furiosamente propagandeado na direita cristã sobre uma elite liberal que queria socializar a América. (SINE, 1995, p.17).

⁵⁹¹Colocada de maneira bastante similar à que Obama utilizou 16 anos depois, a campanha de Clinton propunha saídas à crise econômica iniciada durante a administração de um dos membros da família Bush.

⁵⁹²Morrison (1998) disse que muitos consideravam isso, pelo fato de Clinton, em um período até então impensado que um afro-americano pudesse ser presidente, ter tido uma trajetória similar a maioria dos afro-americanos do país, afinal, ele tinha os pais divorciados, uma infância pobre, tocava saxofone, amava *Junk Food* como os lanches do McDonalds, ou seja, era semelhante em seus gostos e vida a qualquer outro garoto do Arkansas.

Apesar dos avanços no projeto de ramificação da direita religiosa pelo país, para Martin (1996), a questão mais ampla entre os conservadores, após a vitória de Clinton, passou a ser uma busca pela unidade dentro do movimento que possibilitasse a ampliação da união entre as correntes conservadoras religiosas e econômicas, que tinha se estremecido durante os governos Reagan e Bush. Essa preocupação transparecia na fala do porta voz da principal organização da direita religiosa a *Christian Coalition*, Ralph Reed, que declarou, após a eleição de Clinton, que algo havia ocorrido⁵⁹³ e que conservadores sociais e econômicos precisavam conseguir trabalhar juntos em defesa de pontos comuns em suas agendas.

Com isso, se Jerry Falwell perdeu a liderança da direita cristã, durante o final dos anos 1980, ao destacar as questões relativas a política externa na *Moral Majority* como uma tentativa de adaptar o movimento à agenda do executivo do país. Agora, as lideranças da *Christian Coalition* procuravam inserir pontos específicos de sua agenda como parte do programa político republicano, sem que isso alterasse o enfoque dado pelo movimento em questões como da defesa da ideia de família tradicional. Assim, como fruto da oposição à Clinton e da surpreendente derrota de George H. W. Bush, conservadores econômicos e religiosos procuravam criar uma plataforma que juntasse as vontades das duas correntes, o que se desencadeou no debate para o projeto *Tax Cut for Middle-Class Families* (corte de impostos para famílias de classe média).

Esse tema, que é agora peça central da agenda republicana, permitiu conservadores econômicos e religiosos se unissem em algo que ambos concordavam. Eles apoiavam um corte de impostos porque eles eram contra governos grandes e a favor de baixos impostos. Nós apoiamos isso porque nós somos pró-família. Nós trouxemos isso para a liderança republicana. Eles não eram todos entusiastas sobre isso, mas nós continuamos a pressionar e trabalhar. (REED apud MARTIN, 1996, p.331).

Esse projeto de união entre os variados grupos conservadores foi vital para a construção da sólida oposição a Clinton, sendo destacado como uma visão embrionária do que viria a ser o *Contract For America* (Contrato pela América), plataforma republicana responsável pela vitória do partido nas eleições congressionais de 1994, que ficou conhecida como a Revolução Republicana.

Para que se torne claro os motivos que levaram à construção dessa aliança, é importante retomar os primeiros meses da administração Clinton, onde, percebe-se que o presidente iniciou seu governo sob uma forte oposição de setores conservadores, porém, ele contava com um grande apoio popular que se somava a sua base de apoio e era suportado por movimentos sociais que, além dos afro-americanos e de evangélicos liberais, já citados,

⁵⁹³Em referência a surpreendente vitória do candidato democrata.

também se inseria um forte apoio de outros grupos que vinham em uma crescente na participação política no início dos anos 1990, como o caso dos movimentos LGBT.

Schmalz (1992), citando a pesquisa realizada pelo *Voter Research and Survey*, noticiou que os homossexuais inscreveram-se em peso para apoiar Clinton⁵⁹⁴ durante as eleições. Para o comentarista, em torno de 2,4% a 5%⁵⁹⁵ dos votantes na eleição de 1992 declararam-se homossexuais e, entre eles, 72% escolheram Clinton, contra 14% para Bush e 14% para Ross Perot. A identificação de Clinton com os movimentos homossexuais era tamanha que, de acordo com a reportagem do *New York Times*, escrita pelo autor, as principais lideranças do movimento comemoraram a sua vitória, ao ponto de Urvashi Vaid⁵⁹⁶ declarar que, pela primeira vez na história, eles tinham um parceiro declarado no governo.

Novamente aqui, é interessante pensar o tipo de comprometimento que Clinton conseguia causar em seus eleitores, ao qual, grupos que apoiaram a sua candidatura acabavam vendo nele um membro do grupo, ao ponto de apoiá-lo sobre as circunstâncias mais adversas. Esse apoio em peso fez com que Clinton, logo após eleito, declarasse que acreditava que os homossexuais tinham direito de servir no exército, o que, dentro do espírito de batalhas culturais que o país vivia, se transformou em um grande problema para o primeiro ano de sua administração. A fala de Clinton revoltou lideranças e membros das instituições militares e fez com que os congressistas republicanos utilizassem a polêmica, em torno do tema, para impedir o avanço de outros projetos da agenda presidencial, como as questões de reformas econômicas necessárias para tirar o país da crise.

O teor da polarização sobre o tema dos homossexuais no exército foi tão intenso, que o Congresso, rapidamente, discutiu legislações a respeito da não aceitação deles, que culminaram na lei “*Don’t ask, Don’t tell, Don’t Pursue*” (não pergunte, não fale, não persiga), que proibia homossexuais de declarar ou mostrar, de alguma forma, sua sexualidade em instituições militares. O projeto foi rapidamente aprovado no Congresso e no Senado e recebeu a assinatura do presidente para se tornar lei.

De acordo com Klapper (2013), no dia 19 de julho de 1993, Clinton deu uma declaração, explicando os motivos para a sua assinatura de aprovação da legislação, defendendo que, embora ela não fosse a melhor solução e não estar de acordo com o que ele acreditava, a aprovação do projeto ocorreu como uma forma de diminuir as tensões que cresciam em torno do tema.

⁵⁹⁴Além dos votos eles doaram mais de 2.5 milhões de dólares para a campanha.

⁵⁹⁵Em 1992, 2,4% dos votantes se definiram como homossexuais, porém a pesquisa considera que esse número poderia chegar até a 5% já que muitos deles não se identificavam como tal.

⁵⁹⁶ Diretor executivo do *National Gay and Lesbian Task Force*.

A assinatura de Clinton chocou muitos dos ativistas homossexuais que o apoiaram em sua campanha, contudo, ela era claramente resultado das dificuldades geradas pela polarização, a partir da fala do presidente nos meses anteriores, o que abriu um precedente ainda maior para os ataques da oposição, que percebeu que, quanto mais pressionasse a administração mais conseguiriam impedir que ela tivesse sucesso.

Se do lado republicano esta tática era clara, sobretudo, quando surgiam temas culturais polêmicos, no caso da administração Clinton, como uma forma de evitar novos questionamentos que pudessem ampliar ainda mais a polarização política do país, criou-se uma versão governamental do não pergunte e não fale, ao qual, membros do governo passaram a evitar comentários sobre temas culturais polêmicos.

A rejeição à Clinton por parte do Partido Republicano era tão intensa que dificultou a própria organização do governo em sua chegada a Casa Branca. Ao ponto de, segundo o documentário de Goodman e Durance (2012), o primeiro ano de seu governo foi apontado como um verdadeiro caos, uma vez que, ele precisava organizar o país para sair da crise econômica e aprovar as reformas políticas necessárias para fazer isso. Assim, para os cargos mais importantes da economia do país, Clinton trouxe Robert Rubin, em 1993, para ser secretário do tesouro e manteve Alan Greenspan no Banco Central.

Para Pfiffner (s/d), a estratégia econômica do presidente focava-se em manter suas principais promessas de campanha, trabalhando na recuperação da economia, através da redução do déficit e da promoção de novos investimentos sociais. Para isso, sua equipe criou um plano econômico que se pautava na redução de gastos, corte de impostos da classe média, além de investimentos em infraestrutura e incentivo à educação e para a qualificação de trabalhadores. Porém, enquanto Clinton preparava a aprovação de seu primeiro orçamento (*Reconciliation Bill*), encontrou algumas estimativas econômicas que mostravam que a crise econômica era ainda mais grave, visto que, elas indicavam uma projeção de crescimento do déficit governamental para um aumento para trezentos e sessenta milhões até 1997 e para quinhentos milhões até 2000, forçando o presidente a inserir uma proposta de aumento de impostos, como o da gasolina, com o intuito de aumentar a arrecadação, e mantivesse uma forte proposta de corte de gastos.

O projeto foi rapidamente rejeitado, tanto pelos congressistas liberais, que desconfiavam que os cortes de gastos do Governo Federal atingiriam diretamente os programas sociais e pelos conservadores, que atacaram a proposta de aumento da carga tributária, entendendo-a como uma tentativa de extensão do poder do Executivo. Essa rejeição ao projeto, fez com que a sua aprovação fosse realmente penosa para Clinton, que sabia que

não contaria com nenhum dos votos republicanos no Congresso ou no Senado e, ainda, corria o risco de perder votos importantes dentro de seu próprio partido.

A estratégia do presidente para aprovar o orçamento foi conseguir um voto de cada vez dentro de seu próprio partido, o que o forçava a constantemente barganhar favores com senadores e congressistas. Entre esse plano destacou-se a negociação com a congressista democrata Marjorie Margolies⁵⁹⁷, que somente aceitou votar a favor do orçamento quando o então presidente dispôs-se a visitar seu distrito, tradicionalmente republicano. Pfiffner (s/d) mostrou que na primeira votação no Congresso, em 27 de março de 1993, envolto em um clima de grande polarização, o orçamento foi aprovado por duzentos e dezenove a duzentos e treze, com trinta e oito democratas contra e nenhum republicano a favor. Se no Congresso a votação foi dura, no Senado ela foi ainda mais radicalizada, com o projeto sendo aprovado no voto de desempate (49-49) dado pelo vice-presidente Al Gore.

Apesar de aprovado nas duas casas, o orçamento precisou retornar para ser votado novamente, pois, o Senado somente aceitou aprovar a medida com a retificação da cláusula a respeito do imposto sobre a gasolina, com uma redução para 4.3 centavos por galão⁵⁹⁸, o que fez com que fossem aprovados dois textos diferentes, impossibilitando que ele virasse lei. As votações foram novamente vitoriosas em julho, passando no Congresso por 218-216 e no Senado por cinquenta e um a cinquenta (novamente precisando do voto de Al Gore para desempatar). Em agosto o plano de redução de déficit finalmente foi assinado, com a característica marcante de não ter contado com o apoio de nenhum dos cento e sessenta e sete republicanos no Congresso e com a rejeição de todos os seus quarenta e quatro Senadores.

Se não bastasse as dificuldades para administrar as suas novas funções e a luta diária contra o Partido Republicano pela aprovação orçamentária, a mídia, que durante sua campanha o apoiara contra Bush, agora se voltava contra ele. Essa combinação de mídia e opositores ferrenhos, no caso de Clinton, se tornou bastante explosiva, uma vez, que os escândalos envolvendo o presidente pareciam intermináveis, *Travelgate*, *Whitegate*⁵⁹⁹, entre outros, pipocavam nas transmissões midiáticas, ao ponto do presidente indicar Vince Foster para defendê-lo, contudo, as pressões eram tão grandes que Foster acabou se suicidando.

⁵⁹⁷ Foi congressista pela Pensilvânia de 1993 a 1995. O apoio dado ao orçamento do presidente custou sua reeleição nas eleições de 1994.

⁵⁹⁸Allen (1996) mostrou que Clinton arrecadou com o crescimento da carga tributária 241 bilhões nos cinco anos seguintes a aprovação do projeto, contudo, 65% da arrecadação vinha de casais com renda maior que 140.000 dólares ao ano e solteiros com uma renda maior que 115.000 dólares ao ano e 15% veio de impostos sobre empresas.

⁵⁹⁹Que envolvia uma investigação sobre um negócio fracassado do casal Bill e Hillary Clinton durante as décadas de 1970 e 1980, que voltou a cena durante as campanhas eleitorais de 1992.

Após o suicídio, alguns documentos simplesmente desapareceram de seu escritório e as teorias conspiratórias passaram a considerar um suposto envolvimento do presidente no que seria um plano de limpeza de arquivo que culminou no assassinato do advogado.

A pressão exercida pela oposição foi tão determinante, que Clinton somente conseguiu avançar algumas propostas a partir do outono de 1993. Em meio a polarização política existente no país, ele tentou deixar seu nome na história com um projeto que garantiria a sua reeleição, assim, ainda em 1993, ele iniciou a força tarefa para uma reforma nacional no sistema de saúde, que pretendia ampliar o acesso a saúde para pelo menos quarenta milhões de americanos. Mais uma vez, assim como na vitoriosa reforma educacional realizada pelo presidente durante o período em que foi governador do Arkansas, o projeto teve a liderança de sua empenhada esposa Hilary Rodham Clinton.

Contudo, dessa vez, além de sofrer com os constantes ataques de conservadores, que o percebiam como uma tentativa de ampliação do poder do Governo Federal em detrimento dos estados⁶⁰⁰, o projeto, também, enfrentou a oposição da indústria médica e suas acusações de que a administração queria acabar com um sistema de saúde que funcionava muito bem. Como resultado, a reforma acabou sendo derrotada, ainda em 1994, e um grande movimento de repúdio à administração Clinton começou a tomar forma no país, ao mesmo tempo, a postura do presidente e de seus aliados também passou a ser mais agressiva contra seus opositores.

Em meio a esse movimento, Newt Gingrich ganhou força na política republicana, principalmente, por sua tentativa de desmascarar o que ele chamava de *Welfare State Liberal*. Blumenthal (2003) apontou que, no dia 24 de junho de 1994, em meio aos crescentes ataques, Clinton veio a público declarar que o país não necessitava de uma Guerra Cultural. Esse cenário atingiu as eleições legislativas de 1994, onde, o presidente enfrentou a poderosa oposição republicana liderada por Newt Gingrich e a sua revolução republicana, que chegou a acusá-lo de inimigo da América normal.

Assim, durante as eleições para o Congresso e Senado, pela primeira vez desde Eisenhower (1954), o Partido Republicano conseguiu a maioria nas duas casas, ampliando seu número de senadores de quarenta e quatro para cinquenta e dois, o de congressistas de cento e setenta e seis para duzentos e trinta. Dentro dessa vitória republicana, novamente se destacou

⁶⁰⁰Blumenthal (2003) apontou que entre os principais críticos ao projeto estavam o senador Daniel Patrick Moynihan, presidente do Comitê de Finanças, que deixou claro que os números utilizados por Clinton para justificar uma reforma no sistema de saúde eram fantasiosos e Robert Dole que defendeu que não existia uma crise no sistema de saúde, mas que haveria se fossem aceitas as medidas propostas pelo presidente que levariam ao crescimento do controle dos estados pelo Governo Federal.

a participação da direita cristã, principalmente, ao que se refere a participação da *Christian Coalition* nessa eleição. Como argumentamos no capítulo anterior, a organização estruturou-se sobre duas figuras centrais Ralph Reed e Pat Robertson. Blumenthal(2003) discutiu que nas eleições de 1994, Ralph Reed se aproximou de Gingrich colocando em marcha o projeto de se estabelecer uma unidade entre as agendas conservadoras econômicas e religiosas, enquanto que, Robertson manteve seu papel radical em prol da arregimentação de setores religiosos fundamentalistas e com isso insistiu na existência de uma conspiração comunista/secular no interior do Partido Democrata e que a separação entre a Igreja e o Estado era uma mentira.

Em meio a esse grande crescimento eleitoral do Partido Republicano, Conger (2009) explicou que o sistema federalista foi profundamente fértil para a ampliação da relevância da direita cristã nos níveis estaduais, conquistando, através do treinamento e motivação de uma minoria fortemente engajada, muitos cargos e conseguindo que muitos dos seus apoiadores fossem eleitos para as secretárias de ensino locais. O autor destacou que, embora, a maioria dos republicanos eleitos para o Congresso tivessem uma afiliação ligada ao conservadorismo econômico, muitos deles somente foram eleitos devido ao apoio do movimento.

Dentro desse quadro, é importante compreender que, como debateram Utter e Storey (2007), os conservadores cristãos tomaram a liderança do Partido Republicano em vários estados como o Texas, Oregon, Washington, Iowa, Carolina do Sul, Minnessota e conseguiram ter substancial força em Nova York, Califórnia e em praticamente todos os estados sulistas. Durante as eleições legislativas de novembro de 1994, a organização contribuiu com a produção e a distribuição de trinta e três milhões de guias de votos e com uma grande campanha eleitoral através de ligações telefônicas para eleitores. Junto a isso, a organização aperfeiçoou seu *Congressional Score Cards*⁶⁰¹, ao qual, vinte e seis senadores e cento e quatorze congressistas republicanos eleitos atingiram a pontuação máxima dada pela organização e outros cinquenta e oito tiveram uma pontuação total alta, acima dos 85%, pela sua classificação.

Os autores mostraram que, com esse método, a *Christian Coalition* trouxe vários novos nomes para os quadros do Partido Republicano, como: Randy Tate⁶⁰² por Washington, Lindsey Graham⁶⁰³ pela Carolina do Sul, Helen Chenoweth⁶⁰⁴ por Idaho, Steve Largent⁶⁰⁵ por Oklahoma, Mark Souder⁶⁰⁶ por Indiana e Van Hilleary⁶⁰⁷ pelo Tennessee.

⁶⁰¹Projeto que mantinha a tradição de divulgar pontuações de conservadorismo para os candidatos.

⁶⁰²Que depois virou líder da Christian Coalition.

⁶⁰³Atualmente senador pela Carolina do Sul, ele teve uma importante participação como congressista em 1996 na aprovação do *Defense of Marriage Act* e fez parte do comitê de justiça do Congresso durante a tentativa de impeachment do presidente Clinton.

Assim, fica claro que a *Christian Coalition* ofereceu um forte suporte ao Contrato com a América (*Contract With America*), contudo, muitos dos ativistas da direita religiosa continuavam desapontados com a ausência de suas prioridades nas listas de medidas que seriam discutidas no legislativo do país, o que fazia com que as temáticas culturais continuassem sendo fortemente vinculadas pelo movimento.

Para que se possa entender essa questão é importante aprofundar um pouco a discussão sobre o que defendia a plataforma republicana vitoriosa nas eleições de 1994. Segundo Garret (2005), o Contrato com a América foi ratificado no dia 27 de setembro de 1994, diante da frente oeste do *U.S Capitol* (Capitólio), e contou com a assinatura de trezentos e trinta e sete republicanos, muitos deles candidatos para as eleições congressionais daquele ano. De acordo com o comentarista do *It's All Politics*, Elving (2010), o contrato tinha um forte apelo ao marketing político, uma vez que, ia além de uma simples promessa política e entregava um documento assinado pelos candidatos, delimitando uma plataforma política, que segundo eles, foi construída a partir de pesquisas populares sobre temas que representavam a vontade de, pelo menos, 60% da população.

A plataforma era constituída de duas partes, a primeira tinha um caráter simbólico e pretendia restaurar a fé e a confiança da população no legislativo do país e a segunda consistia de uma agenda política com dez pontos. Pela concepção de Newt Gingrich e de outras lideranças do Partido Republicano ela seria aprovada durante os cem primeiros dias de domínio republicano no legislativo e teriam a intenção de que todos os republicanos eleitos, que participaram dela, votassem em bloco para a aprovação dos seus pontos.

Assim, o Contrato com a América compreendia os seguintes pontos: 1- responsabilidade fiscal e uma emenda de balanço orçamentário, realizando um grande corte nos gastos do governo. 2- o projeto *Taking Back Our Streets* (Tomando de Volta Nossas Ruas) que consistia em legislações mais duras contra a criminalidade através da expansão da pena de morte e de sentenças de prisões mais longas. 3- um projeto de responsabilidade pessoal, que forçava os auxiliados pelo *Welfare State* a deixar o programa após dois anos. 4- o *Family Reinforcement Act* (Lei de Refortalecimento Familiar), com o objetivo de criar

⁶⁰⁴Ela foi uma das primeiras congressistas a sugerir que Clinton deveria perder o cargo após o envolvimento dele com Monica Lewinsky, contudo, depois foi descoberto que ela também mantinha uma relação extraconjugal.

⁶⁰⁵Foi um famoso jogador da NFL que se tornou congressista de 1994 até 2002.

⁶⁰⁶Também eleito em 1994, foi congressista até 2010, quando renunciou devido a um caso com uma estagiária.

⁶⁰⁷Ele tem uma importante carreira dentro do Partido Republicano, sendo eleito pela primeira vez para o Congresso na eleição de 1994 e atuando em questões conservadoras como a defesa do controle das escolas pelas comunidades locais, redução de impostos e crescimento do orçamento para as forças armadas.

incentivos em reduções de impostos para quem adotasse ou tivesse um idoso como dependente 5- o *American Dream Restoration Act* (Lei de Restauração do Sonho Americano) que destinava 500\$ de isenção de impostos por criança para os pais casados, isentava impostos para poupanças com fins educacionais, para a compra da primeira residência e para despesas médicas. 6- o *National Security Restoration Act* (Lei de Restauração da Segurança Nacional) que propunha o refortalecimento dos setores de defesa do país, a não participação de tropas estadunidenses em missões da ONU e a implantação de um escudo antimísseis no país. 7- o *Senior Citizens Fairness Act* (Lei de Equidade para Cidadãos Seniores) que pretendia ampliar o limite dos rendimentos da segurança social e impedir o aumento de impostos proposto por Clinton em 1993. 8- O *Job Creation and Wage Enhancement Act* (Lei para a Criação de Empregos e Aprimoramento Salarial) que dava incentivos para as pequenas empresas e eliminava uma série de regras burocráticas e a falta de comunicação entre estados e o Governo Federal. 9- *The Common Sense Legal Reforms Act* (Lei de Reformas Legais pelo Senso Comum) que responsabilizava os produtos⁶⁰⁸ em caso de acidente e limitava o valor de indenizações⁶⁰⁹. 10- *The Citizens Legislature Act* (Lei Legislativa do Cidadão) que tinha como intenção limitar a carreira dos Senadores e Congressistas.

Obviamente, muitos dos tópicos defendidos pela plataforma tinham apenas uma caráter simbólico, mas entre eles existiam demandas tradicionais dos libertários, como a diminuição dos gastos públicos e redução de impostos e, até mesmo, pautas inseridas pela direita religiosa como o *Family Reinforcement Act*.

Após a eleição e a vitória republicana, Newt Gingrich foi escolhido presidente da Câmara dos Deputados e, em seu primeiro dia após a posse no Congresso, foi recebido aos aplausos em pé, pelos congressistas republicanos, discursando sobre a baixa qualidade da educação, sobre como acabar com a burocracia para dar uma chance aos jovens, entre outros temas, incentivando com isso, que os congressistas republicanos rapidamente colocassem em marcha os tópicos assinados na nova agenda.

Segundo o documentário do canal A&E sobre Newt Gingrich dirigido por Curtis (2008), sob a liderança do presidente da Câmara, o Partido Republicano avançou as votações da nova agenda em um ritmo alucinante, conseguindo, aprovar nove reformas que incluíam a eliminação de três comitês, de vinte e cinco subcomitês e com o fim de mais de seiscentos

⁶⁰⁸No início dos anos 1990 existiam muitas disputas judiciais contra empresas cujo o produto causava danos físicos a população, como no caso do copo de café para viagem da rede de lanchonetes Mcdonalds que constantemente ao ser derrubado causava graves queimaduras.

⁶⁰⁹De acordo com Becker (1995), foi definido um valor de indenização de 250 mil dólares.

empregos isentos de impostos no Congresso, conseguindo uma economia de trinta e cinco milhões logo no primeiro mês de trabalho. Logo em seguida foi aprovada a legislação que definia que todos os congressistas seriam julgados pelas mesmas legislações dos americanos comuns (o projeto passou com uma votação unânime com trezentos e noventa e dois votos).

Esse corte de gastos e retirada de privilégios dos congressistas acabaram, em um primeiro momento, recebendo elogios públicos do presidente. Contudo, em menos de um mês, a estratégia republicana passou a causar um grande incômodo para a minoria democrata, visto que, Gingrich encaminhava os projetos ao Congresso de uma maneira autoritária e intolerante. Assim, a maioria republicana direcionava as votações sem se preocupar em debatê-las e utilizava seu domínio da Câmara para rejeitar qualquer projeto vindo dos democratas. Um exemplo clássico disso ocorreu com a congressista democrata Carrie P. Meek que, ao discursar sobre os riscos que as mudanças sugeridas nos programas de auxílios governamentais causaria sobre a população, teve seu microfone cortado. Isso trouxe uma clara ideia de que ocorria no Congresso estadunidense uma ditadura da maioria, que transformou a congressista democrata em uma espécie de mártir para o partido e fez com que a minoria democrata reagisse ao controle republicano.

Gingrich via a revolução republicana como uma porta para que ele pudesse construir uma carreira política que um dia o levaria à presidência, por isso, a cada novo projeto aprovado no Congresso, ele tentava trazer mais os holofotes para si. Assim, se de janeiro a fevereiro de 1995, o Congresso aprovou as medidas de responsabilidade fiscal e uma ampliação do orçamento militar, no mesmo período, Gingrich lançou um livro sobre o Contrato com a América, deu uma entrevista para Larry King e participou do programa de Rush Limbaugh.

Junto a isso, a proposta republicana de corte de gastos governamentais continuava atingindo os programas de cortes de auxílios e serviços governamentais e, até mesmo, no sistema de saúde, que, de acordo com o documentário dirigido por Curtis (2008), fez com que uma série de protestos iniciassem nas ruas do país, principalmente, após a proposta de reajuste que diminuiria o gasto com a alimentação escolar. Apesar dos republicanos defenderem que a redução ocorreria através do controle do desperdício e na diminuição sobre a maneira burocrática como o dinheiro chegaria às escolas, a oposição democrata agora ganhava o apoio nas ruas e da própria mídia.

Com isso, em meio a crescente polarização, congressistas democratas passaram a utilizar dos meios de comunicação para opor-se aos métodos republicanos, ao mesmo tempo em que, se esforçavam para criar dificuldades para a aprovação e procuravam investigar a

rápida ascensão de Gingrich. Essa oposição democrata somada a agressividade do projeto republicano fizeram com que o presidente da Câmara passasse a ser visto pela opinião pública com uma imagem bastante arrogante, muito ocasionado pela saturação da imagem do político na mídia com sua imagem profundamente forte.

Essa imagem passou a ser utilizada pela propaganda democrata e atingia, até mesmo, a postura do presidente Clinton, que dizia que realmente gostaria de poder trabalhar junto com a maioria republicana no Congresso, mas devido ao pouco espaço para o diálogo concedido pelos seus opositores ficava realmente difícil isso acontecer. O fato é que, essa transformação da imagem pública de Newt Gingrich rapidamente o transformou no principal alvo da mídia e ampliou a rejeição da população a ele, ou seja, ele passou a ser vítima de seus próprios métodos. Contudo, diferentemente de Clinton, o congressista republicano passou a acusar seus adversários e a imprensa do país de uma conspiração para derrubá-lo, o que ampliou ainda mais a rejeição popular a ele.

É importante destacar que muito da polarização exacerbada nesse período era resultado dos novos congressistas republicanos partirem para o enfrentamento, muito mais, com o enfoque em paralisar qualquer medida advinda do partido rival, do que, com a intensão de criar um debate em torno de uma política positiva, que estimulasse o debate entre as diferenças dos partidos e valorizasse o domínio do partido na Assembleia. Isso rapidamente criou dúvidas na opinião pública sobre o bom senso das lideranças republicanas e reenergizou a presidência de Clinton.

Pela leitura de Garrett (2005), muitos comentaristas, nos anos que se seguiram ao Contrato com a América, passaram a apontar que os congressistas republicanos eram tão ideológicos, que não faziam cálculos políticos sobre o quão irrealistas eram algumas das medidas defendidas por eles. Entre elas estavam propostas como o fechamento de departamentos de educação, comércio e energia com o intuito simples de cortar gastos governamentais.

O fato é que, muito desse posicionamento vinha da inexperiência dos novos congressistas republicanos, já que, setenta e três congressistas, entre os republicanos eleitos, ocupavam uma cadeira no Congresso pela primeira vez e sentiam a pressão de tentar mostrar trabalho, dentro de um projeto político de corte de gastos tão agressivo. Essa urgência para colocar o projeto republicano em andamento ocorria por essa ser uma das primeiras oportunidades em anos que o Partido Republicano tinha para aprovar legislações com um

caráter realmente conservador⁶¹⁰. Pelo seu lado, democratas continuaram defendendo que o partido também queria reformas, mas que os republicanos estavam indo longe demais para consegui-las.

O balanço final do Contrato com a América foi que mais de dois terços de suas propostas acabaram não sendo aprovadas, principalmente, devido ao balanço entre os poderes, visto algumas propostas foram barradas no Senado (que necessitava de uma votação maior do que uma simples maioria para ser aprovada) e outras foram barradas pelo presidente. Contudo, algumas legislações envolvendo crime, defesa, corte de impostos, entre outras foram aprovadas. Essas poucas aprovações eram vistas com uma certa tranquilidade por Gingrich que considerava que, nas eleições de 1996, eles conseguiriam ter todas as cadeiras necessárias para aprovar o restante do contrato em 1997.

É importante compreender que o surpreendente controle republicano no legislativo já vinha sendo pensado desde o início dos anos 1990, com os seminários dados por Newt Gingrich para membros do GOPAC⁶¹¹. Essa relação do político com a organização acabou sendo desmascarada a partir das investigações, realizadas pelo Comitê de Ética do Congresso, que apontou, em 6 de dezembro de 1995, sérios problemas de arrecadação na campanha do candidato republicano. Segundo Murphy (2011), ao todo, oitenta e quatro queixas foram apresentadas contra o candidato republicano, que iam da utilização do GOPAC para promover cursos com o intuito de arregimentar eleitores para Gingrich, até, a utilização de instituições de caridade⁶¹² e cursos em universidades públicas⁶¹³ para arrecadação de verbas e propaganda pessoal do político republicano.

Com o fortalecimento das acusações contra o presidente da Câmara, Gingrich assinou, no dia 21 de dezembro de 1996, uma carta, assumindo ter violado as regras da instituição ao enviar declarações de arrecadação incorretas, incompletas e pouco confiáveis. Menos de um

⁶¹⁰Vale lembrar que apesar de ter conseguido algumas presidências seguidas, o Partido nunca tinha conseguido o controle do legislativo do país.

⁶¹¹O GOPAC foi fundado pelo ex-governador do Delaware Pierre S. du Point, não tendo grande destaque na política do país, até Newt Gingrich assumir a chefia da organização em 1986 e utiliza-la como uma ferramenta para colocar em prática seu plano para a tomada do legislativo do país.

⁶¹²⁶¹² Em 1990, Gingrich retomou o projeto "*Land of Opportunity Speaking Competition*", que originalmente consistia de uma competição entre crianças carentes com o intuito educacional de ensinar a elas o amor ao capitalismo e virtudes cívicas (funcionando de 1984 até 1987). A nova versão organizada pelo congressista, pagava para ele ensinar ativistas como eleger congressistas republicanos e criava uma base republicana entre os jovens.

⁶¹³Gingrich criou e ministrou um curso na *Kennesaw State College* da Geórgia, que possuía uma grade claramente partidária. O acordo entre o congressista e a Universidade era que ela disponibilizaria o espaço e contaria créditos para garantir a participação dos estudantes e o conservador ministraria as classes. Contudo, com a aprovação da legislação estadual que proibia que as Universidades Públicas aceitassem cursos dados por funcionários eleitos a um cargo político, Gingrich transferiu o curso para a Reinhardt College.

mês depois, em 07 de janeiro de 1997, foi divulgado o relatório final sobre o escândalo chocante para a maioria republicana no Congresso, que acreditava que os resultados das investigações contra Gingrich seriam bem mais leves. Com a comprovação das fraudes iniciou-se o processo de votação para decidir a punição para o congressista, que foi concluído com trezentos e noventa e cinco votos a favor da condenação e apenas vinte e oito contra, votação que contou com a maioria dos republicanos contra ele e decidiu por uma multa de trezentos mil dólares para o político conservador.

Se a maioria republicana parecia dar sinal de desgaste a partir de 1997, quando se pensa na participação da direita religiosa nesse processo, percebe-se que ela não sofreu grandes transformações entre as décadas de 1980 para a de 1990, continuando sua arregimentação de membros a partir do discurso de exclusão, perseguição e discriminação dos cristãos da vida pública e social do país motivadas pelo fato deles não fazerem mais parte do que seria uma ampla cultura americana que passava a não mais aceitar suas visões morais. Ao mesmo tempo, o Partido Republicano continuou durante toda a década de 90 utilizando a mesma estratégia de arregimentação para atrair religiosos conservadores para sua base. Nesse sentido, para Wald e Calhoun-Brown (2011), republicanos se tornaram mestres em utilizar a ampliação de temas culturais para encorajar a participação evangélica, o que pode ser percebido pelo esforço realizado por estrategistas republicanos como Karl Rove e Lee Atwater, que tentaram vincular as campanhas do partido a uma luta entre pessoas descendentes a Deus contra uma coalizão maldita de gays, feministas radicais e pessoas ligadas à arte durante o final da década de 1990.

Contudo, o discurso radical da direita cristã não passou ileso às críticas durante a década. Com o crescimento da visibilidade da *Christian Coalition*, líderes religiosos protestantes, católicos e judeus se uniram para formar a *Interfaith Alliance*, criada com o intuito de combater a intolerância da direita religiosa. Pela definição da própria organização⁶¹⁴, sua fundação ocorreu para promover políticas que protegessem a religião e a democracia e unissem diversas vozes para combater o extremismo. O movimento rapidamente se colocou como opositor da *Christian Coalition*, combatendo a tática de expansão silenciosa do movimento.

Em uma entrevista para a CNN, ao qual, também estava presente Ralph Reed, o porta voz da *Interfaith Alliance*, Joan Campbell, denunciou que apesar da direita religiosa manter uma face democrática ela era uma organização extremista. A acusação foi rapidamente

⁶¹⁴ Em seu site oficial: <<http://www.interfaithalliance.org/about>>.

rebatida por Reed que afirmou: “Eu não tenho ideia sobre o que o Rev. Campbell está falando” e continuou: “A *Christian Coalition* é uma organização política que é uma simples porta voz de temas sobre os quais a maioria dos americanos se importa”. (SINE, 1995, p.18).

Pensando propriamente nas vitórias da direita cristã na administração Clinton, em meio a crescente polarização, percebe-se que o período entre 1994 e 1996 foi marcado por inúmeras derrotas do presidente, trazendo um cenário profundamente pessimista para o governo que, com o domínio republicano no legislativo, via como nulas as possibilidades de aprovar projetos importantes. Dessa forma, com o Congresso e o Senado dominados pelo Partido Republicano e com o crescimento de legisladores ligados a direita cristã, alguns projetos de lei favoráveis ao grupo começaram a ser aprovados, entre eles, estava a reforma no *Welfare State* conhecida como *Charitable Choice*. A legislação proibia o governo de discriminar organizações sem fins lucrativos com base em sua natureza religiosa, garantindo, também, o direito das organizações religiosas com enfoque na caridade dispor de símbolos relacionados a sua fé e contratar funcionários que compartilhassem suas perspectivas de mundo.

Pela leitura realizada por Sider e Unruh (in Dionne e DiIulio (2000)), o projeto desenvolveu-se a partir da vitória na Suprema Corte de estudantes religiosos no caso *Rosenberger contra Rector and Visitors of the University of Virginia*(1995), ao qual, decidiu-se que o acesso à estrutura e benefícios governamentais não podiam ser negados a grupos religiosos. O processo, que foi desencadeado devido à Universidade ter se recusado a financiar uma revista de alunos evangélicos foi considerado pela Suprema Corte, que decidiu que os alunos evangélicos deveriam ter o mesmo direito de terem a sua publicação que os alunos não religiosos tinham. A questão envolvendo o processo pautou-se pelo debate de até que ponto o Estado pode se envolver com a religião e qual o limite para se separar a religião do Estado sem discriminar os fiéis religiosos.

Após o projeto virar lei, Sider e Unruh (in Dionne e DiIulio (2000) apontaram que a reforma permitiu o surgimento de inúmeras *Faith-Based Organization* (Organizações Baseadas na Fé) que passaram a ter acesso aos principais auxílios governamentais para financiar seus programas assistenciais.

Outro tópico relacionado aos temas das batalhas culturais que estiveram presentes no governo Clinton, ocorreu em meio da disputa do presidente pela reeleição em 1996, quando o *Defense of Marriage Act*⁶¹⁵ (DOMA) foi aprovado pelo Congresso com uma votação de

⁶¹⁵Lei em Defesa do Casamento.

trezentos e quarenta e dois contra sessenta e sete e no Senado com oitenta e cinco votos contra quatorze e foi sancionado por Clinton em setembro de 1996. O projeto escrito pelo republicano Robert L. Barr Jr.⁶¹⁶ consistia em dois pontos fundamentais: o primeiro definia que os estados não seriam obrigados a respeitar casamentos entre pessoas do mesmo sexo realizados em outros estados, mesmo se a esse casamento for realizado em um estado onde esse casamento fosse legalizado. Já o segundo definia que o Governo Federal não poderia reconhecer um casamento entre pessoas do mesmo sexo ou um casamento poligâmico, mesmo se eles fossem realizados em estados que aceitassem esse tipo de casamento.

O ponto central dessa legislação não estava na previsível vitória da proposta em um Congresso e um Senado dominado pelo Partido Republicano e com a presença de alguns membros da direita religiosa, e sim, pela assinatura de Bill Clinton transformando-a em lei. Como falamos anteriormente a eleição do presidente democrata foi vista com empolgação pelos movimentos homossexuais do país e o endossamento dele ao projeto causou um forte desconforto no movimento. Como solução para isso, Clinton publicou uma nota junto com a assinatura da lei, colocando-se como um defensor dos direitos civis e justificando que sua aceitação do projeto não era motivada pela questão da proibição do casamento homossexual, mas, que o projeto debatia uma questão simples do federalismo e do direito dos estados de defenderem suas legislações contra o Governo Federal.

Anos depois, em 2011, Barack Obama se posicionou contrário à lei, dizendo que ela era inconstitucional e em 2013 o projeto foi derrubado pela Suprema Corte. Em meio a discussão, Clinton veio a público admitindo que o projeto foi um grande equívoco. Ginsberg⁶¹⁷ (2013) criticou a fala de Clinton, lembrando que o presidente também tinha assinado a legislação “*Don’t Talk, Don’t Tell*” durante os debates em torno da presença de homossexuais no exército e que isso indicava que os homossexuais não deviam temer apenas os conservadores, já que, mesmo presidentes profundamente liberais acabavam restringindo os seus direitos.

Blumenthal (2003) afirmou que a tensão entre ativistas homossexuais e ativistas heterossexuais vinha em uma crescente no período⁶¹⁸, e que o presidente, apesar dos dois

⁶¹⁶Bob Barr Jr. foi congressista pela Geórgia de 1995 até 2003 pelo Partido Republicano, deixando o Partido em 2006 para filiar-se ao Partido Libertário, ao qual, concorreu à presidência nas eleições de 2008.

⁶¹⁷Heather Ginsberg é uma comentarista da publicação conservadora *Townhall.com*. Segundo os dados do site ele foi fundado em 1995 como o primeiro website de notícias e comentários com um enfoque conservador sob a tutela da *Heritage Foundation*. Hoje o site foi vendido, fazendo parte do Salem Communications Corporation

⁶¹⁸Principalmente, após o espancamento até a morte do jovem homossexual Mathews Shephard no ano de 1998 em Laramie, Wyoming. A história foi contada no drama *The Laramie Project*, dirigido por Kaufman (2002) e resultou em legislações mais rígidas contra crimes de ódio assinada por Barack Obama em 2009.

projetos aparentemente contrários aos homossexuais também se moveu em direção aos interesses do movimento, dando em 08 de novembro de 1997 o primeiro discurso presidencial que colocava o direito dos homossexuais como parte da tradição americana. Ao mesmo tempo, Clinton deu forte apoio ao *Employment Non-Discrimination Act* (Lei de Não Discriminação no Trabalho), ampliou o fundo para pesquisa da AIDS e deu ordem para que os homossexuais não fossem discriminados no Governo Federal.

Esses episódios demonstram que, apesar da pressão dos ativistas, as decisões governamentais são muito mais levadas em consideração da conjuntura política, econômica e social do que exclusivamente por polarizações de ativistas culturais. O que significa que apesar da participação incisiva de ativistas, governos tendem a esperar uma maior aprovação da população para tomar alguma medida sobre decisões culturais polêmicas. Isso explica os motivos para a decisão do “liberal” Clinton contra o casamento homossexual, assim como, trinta anos antes, a decisão do “conservador” Ronald Reagan pró-aborto, que indicam que, no jogo político estadunidense, as decisões são tomadas de uma maneira racional em defesa da manutenção da governabilidade.

Retornando um pouco para discutir a reeleição de Clinton em 1996, torna-se interessante apontar que os resultados dela pouco alteraram a composição dos poderes no país, uma vez que, Clinton foi vencedor, com um total de 49,2% dos votos populares contra 40.7% de Robert Dole⁶¹⁹ e 8.4% de Ross Perot (que concorreu pelo *Reform Party*). No legislativo, os republicanos mantiveram o controle das duas casas, ganhando duas novas cadeiras no Senado, de cinquenta e três para cinquenta e cinco⁶²⁰, e perdendo três cadeiras no Congresso passando de duzentas e trinta para duzentas e vinte e sete⁶²¹. Essa mudança, quase nula, acaba indicando que os republicanos apesar de continuarem com a maioria não conseguiriam aprovar suas principais medidas sem que ocorresse um diálogo com o presidente e com os senadores democratas, o que prometia a diminuição da polarização nas casas. Junto a isso a desconfiança sobre Gingrich continuava em uma crescente, pois, apesar de manter o cargo de presidente do Congresso ele passava a ser questionado pelos próprios republicanos.

Se a eleição manteve a política do país estável ela foi péssima para a *Christian Coalition*. Como debateram Utter e Storey (2007), a eleição de 1996 não foi tão boa para a

⁶¹⁹Dole tinha vencido as prévias Republicanas após derrotar Pat Buchanan que teve novamente sua campanha endossada por lideranças conservadoras como Phyllis Schlafly e conseguiu obter 20.76% dos votos da prévia Republicana, vencendo em 4 estados Alaska, Missouri, New Hampshire e Louisiana.

⁶²⁰Os democratas passaram de 47 para 45.

⁶²¹Os democratas passaram de 204 para 206. A casa contava ainda com 2 independentes.

Christian Coalition quanto a de 1994, assim, apesar deles gastarem cerca de vinte e seis milhões de dólares na campanha, doze dos seus novos candidatos ao Congresso e seis dos que tentaram a reeleição foram derrotados. Isso ocorreu porque a política negativa fomentada por eles no Congresso impossibilitava a visão de suas características positivas, o que atingiu a imagem do movimento para a opinião pública, onde, ampliou-se a percepção de que suas lideranças eram intolerantes à visões diferentes das suas, incapazes de comprometer-se e determinados a impor suas vontades sobre a da opinião pública.

Para os autores, os maus resultados das eleições e a grande rejeição da população ao movimento estabeleceu uma nova crise na direita cristã, que resultaram em uma queda das contribuições de vinte e seis milhões e quatrocentos mil para dezessete milhões durante o início de 1997. Como resultado disso, Ralph Reed abdicou ao seu cargo, em abril, fundando uma firma de consultoria política, a *Century Strategies*. Em seu lugar assumiu Randy Tate um dos poucos congressistas que conseguiu atingir 100%, tanto pelos índices da organização, quanto pelos da *National Rifle Organization*. Mesmo com a troca de diretores a organização continuou decadente e em 1998 perdeu cerca de setecentos mil membros.

Junto a essa crise, denúncias de corrupção atingiram a organização como as envolvendo Jeanne Delli-Carpins em janeiro de 1998, que foi sentenciada a seis anos de prisão pelo desvio de 40.346 dólares em 1996 e 1997 da *Christian Coalition*. Somado a isso, a organização passou a sofrer devido a sua forte ligação com o Partido Republicano, atraindo a atenção do *Federal Election Commission* que removeu o status de organização religiosa não lucrativa e fez com que em 1999 a organização devolvesse para o *Internal Revenue Service*⁶²² entre 300.000 e 400.000 dólares em taxas.

O segundo mandato de Clinton trouxe poucas novidades para a política do país, destacando-se uma melhora na economia, um maior prestígio do país na política internacional e uma ampliada preocupação com a segurança e contra o terrorismo, motivados pelos atentados ocorridos durante o seu primeiro mandato ao *World Trade Center* (1993), no de Oklahoma City (1995) e o da embaixada estadunidense na Nigéria, arquitetado pela *Al-Qaeda*.

Esses novos temas somados ao fato de Clinton ter aprendido a lidar com a pressão da mídia e da oposição republicana, evitando grandes debates em torno de questões culturais e focando sua energia em seu trabalho no executivo do país trouxeram um curto período de tranquilidade. Contudo, essa calma durou apenas até o início de 1998 e o início da crise

⁶²²Agência governamental responsável pela fiscalização e arrecadação de tributos.

envolvendo Monica Lewinsky. O escândalo acabou sendo a ferramenta perfeita para que a direita religiosa (enfraquecida pelos resultados da eleição de 1996) e os conservadores republicanos conseguissem atacar novamente o presidente.

O caso que se tornou público após Paula Jones ter acusado Clinton de assédio, enquanto ele ainda era governador do Arkansas, e culminou com uma atuação persistente do jurista Kenneth Starr e sua tentativa de mostrar que Clinton havia mentido, rapidamente transformou-se, por parte da oposição republicana, em tentativas para o seu impeachment. Após a investigação, as questões começaram a ser debatidas no Senado em 07 de janeiro de 1999 e em 12 de fevereiro e o Senado rejeitou os dois artigos. Vale apontar que a primeira votação foi vitoriosa a favor do impeachment do presidente, terminando cinquenta e cinco a quarenta e cinco e o segundo empatou em cinquenta votos contra cinquenta, o que não foi suficiente para o *impeachment*, pois, a constituição exigia uma votação com uma maioria de dois terços para se realizar um impeachment. Do mesmo modo, o Congresso votou os dois artigos a favor do impeachment do presidente, que de acordo com o critério constitucional, apontavam as falhas de Clinton como um alto crime e contravenções.

O mais interessante em torno desse caso foi a sua importância para mostrar o quanto o debate “moralista” assumido pela direita religiosa e pelo Partido Republicano não se sustentava, afinal, se durante todo o ano de 1998 o escândalo foi central nas discussões políticas do país, ao ponto de envolver grande parte da corrida eleitoral para o legislativo de novembro daquele ano⁶²³, rapidamente, no período após a eleição.

Como uma característica da constante polarização, que era comum a outros episódios da Guerra Cultural para a maioria da opinião pública, o escândalo envolvendo o presidente, era apenas uma irrelevante telenovela sobre casos extraconjugais envolvendo pessoas poderosas, ou ainda, muitos deles enxergavam apenas como uma perseguição política ao presidente. Nesse sentido, dois pontos são importantes para que possamos compreender os motivos da fomentação da Guerra Cultural para as eleições nos Estados Unidos da América do período. O primeiro, parte da ideia de que a maioria da população do país não era favorável a tentativa de impeachment de Clinton, contudo, como argumentou Carver (1999), os republicanos mais linha dura levaram o caso à frente, ignorando as pesquisas de opinião que apontavam para um certo desconforto da população com a constante repercussão sobre o tema⁶²⁴. Já o segundo ponto que auxilia na compreensão do tema encontra-se na pesquisa

⁶²³Que manteve o Congresso e o Senado sobre o controle republicano.

⁶²⁴Segundo a pesquisa da CNN de 12 de outubro de 1998, 62% dos entrevistados eram contra o impeachment do presidente e 55% deles desaprovavam a maneira como os republicanos lidavam com o assunto. Ao mesmo

realizada por Dionne e DiIulio (2000), que explicaram que as batalhas em torno do impeachment do presidente agravaram as relações entre liberais (seculares e religiosos) e as organizações religiosas conservadoras possibilitaram uma pequena vantagem dos republicanos nas eleições congressionais de 1998.

Ao analisar, esses dois pontos conclui-se que, a ideia de polarização entre ativistas pouco relaciona-se com a maneira de pensar da população, assim como, o fato da maioria da população se mostrar contrária a algum tema não significa que ele vai repercutir nas eleições de uma maneira favorável a candidatos que defendam esse tema. Ou seja, apesar da maioria da população mostrar-se claramente contrária a maneira como os republicanos levavam os ataques a Clinton, isso não se refletiu nas urnas durante a eleição de 1998, simplesmente, porque as eleições nos Estados Unidos da América estão muito mais ligadas à maneira de mobilizar eleitores do que propriamente no projeto defendido pelos candidatos e, nesse sentido, a fomentação da polarização cultural mostrou-se realmente positiva no sentido de levar eleitores a urna.

Contudo, mais uma vez, se a polarização foi importante para levar eleitores a urna ela se enfraqueceu nos dias que se seguiram a eleição e, já no final de 1998, a pressão sobre o presidente começou a dar sinais de enfraquecimento. Uma forma de explicar isso pode ser feita a partir de um fato, um tanto inusitado, ao qual, no dia 04 de outubro, Larry Flynt, dono da *Hustler*⁶²⁵ publicou um anúncio no Washington Post, oferecendo uma recompensa que chegaria a um milhão de dólares para alguém que, alguma vez, teve um encontro extraconjugal com congressistas, senadores e altos funcionários do governo e estivesse disposto a comprovar esse relacionamento⁶²⁶.

Logicamente, o método aplicado por Flynt, construído como uma grande anedota, tinha como intuito principal arrecadar boas histórias para apimentar e ampliar as vendas da principal revista do seu império. Porém, em seu discurso, ele se colocava como uma espécie de vingador, prometendo provar a hipocrisia dos conservadores republicanos, que faziam um verdadeiro estardalhaço sobre a imoralidade do presidente, enquanto, muitos deles tinham relações extraconjugais.

Os anúncios provocaram milhares de ligações, muitas delas apenas o parabenizando pela atitude, e outras, cerca de duzentas e cinquenta ligações, denunciando assuntos sexuais, que, em sequência, foram reduzidas para trinta casos que pareciam ser mais verídicos e

tempo a imagem do presidente continuava estável com 65% de aprovação. Dados disponíveis em: <<http://www.cnn.com/ALLPOLITICS/stories/1998/10/13/poll/>>.

⁶²⁵Um grande negócio de conteúdo adulto composto por revistas, produtoras de filmes e sites de internet.

⁶²⁶Junto ao anúncio ele inseriu um número para que as testemunhas pudessem ligar gratuitamente.

acabaram encaminhados para uma agência de investigação⁶²⁷. De acordo com Kurtz (1998), com o decorrer das investigações e a promessa de Flynt de divulgar o nome dos investigados, muitos conservadores entraram em pânico admitindo estarem envolvidos em algum caso de infidelidade nos últimos meses, entre os políticos envolvidos estavam Robert Livingston, Dan Burton, Helen Chenoweth e Harry Hyde.

Com isso, Flynt realmente conseguiu provar o quão hipócrita era a crítica republicana ao Presidente, entretanto, ele conseguiu mais do que isso, visto que, entre os atingidos pelas investigações estava Newt Gingrich, que renunciou à Presidência da Câmara, antes que algo fosse publicado contra ele. Ross e Schwartz (2012) mostraram que Gingrich tinha uma relação extraconjugal de longa data com Callista que anos depois, após o divórcio do congressista, acabou se tornando sua terceira esposa⁶²⁸.

É claro que com a publicação dos escândalos sexuais entre os conservadores republicanos, muito da vontade de prosseguir com a tentativa de impeachment do Presidente perdeu o fôlego, ao mesmo tempo em que, os escândalos pareciam causar um impacto maior para os republicanos do que para os democratas, afinal, parecia ser mais incomodo para a população quando uma figura pública agia de maneira cínica do que quando ela se envolvia em algum escândalo.

Após as votações fracassadas nas tentativas de impeachment, alguns líderes da direita religiosa mostraram-se impacientes e furiosos com a inabilidade para remover Clinton, ao ponto de, Paul Weyrich declarar: “Eu não acredito que a maioria dos americanos compartilham seus valores”. (WEYRICH apud, Balmer, 2008, p.142). Junto a ele, Wolfe (in Dionne e DiIulio) apontou que a *Christian Coalition* defendia que os americanos que insistiam em manter Clinton no governo eram como ele, imorais. Essa percepção advinda do movimento era motivada pela crença deles de que era impossível separar religião de moralidade e conseqüentemente a moralidade da política. Contudo, como argumentou Carver (1999) mesmo Pat Robertson, após a absolvição do Presidente e seu discurso após ser inocentado, recuou.

Essa somatória de escândalos entre os republicanos, a vitória de Clinton e o recuo da direita religiosa sinalizava o fim da revolução republicana. O que foi favorecido pela postura de Clinton durante todo o episódio, que com o avolumar das acusações contra ele aproximou-se de alguns evangélicos como Gordon MacDonald (Pastor da *Grace Chapel* in Lexington,

⁶²⁷Flynt defendia que o papel da agência era o de transformar as denúncias em algo realmente comprovado.

⁶²⁸Anos depois, em 2012, enquanto tentava a candidatura para a presidência, Gingrich sofreu um forte ataque de sua ex-mulher que deu uma entrevista dizendo que apesar de defender o casamento em sua campanha, na época em que ocorreu o seu adultério, ele chegou a sugerir para ela um casamento aberto.

Massachusetts), Rex Horne (Pastor da *Baptist Church* in Little Rock) e de Bill Hybles (fundador da *Willow Creek Community Church*). Essa aproximação do presidente com lideranças religiosas fez com que, após o escândalo, a trajetória de Clinton como presidente desse uma volta completa e retornasse para os primeiros meses de sua campanha, onde, ele tentava se defender das acusações de adultério. Agora, com o apoio desses pastores, ele continuava desenvolvendo a ideia de pecado e arrependimento, que havia nortado toda sua carreira política. Dentro dessa ideia, Dionne e DiIulio (2000) mostraram que a importância da religião foi ressaltada para ambos os lados do disputa envolvendo Clinton, indicando que eles eram movidos por justificativas e retóricas religiosas, ao ponto de, nos meses finais da controvérsia, existirem facções religiosas que defendiam argumentos contrários e favoráveis a Clinton.

Isso é importante de ser destacado, pois, até o governo Clinton, nunca na história termos como arrependimento, perdão e simbologias religiosas estiveram tão presentes no debate do dia-a-dia do país, o que foi confirmado por Wolfe (in Dionne e DiIulio (2000)) que debateu que o uso de termos como arrependimento e perdão, durante os escândalos, foram tão fortemente explorados que chegaram a incomodar grande parte dos religiosos, que reclamavam da constante exploração da fé em prol de vantagens políticas pelos dois lados da disputa.

Fazendo um balanço final sobre a administração Clinton e sobre a atuação da direita religiosa durante a década de 1990, podemos perceber que novamente a direita religiosa acabou sendo enfraquecida pelo seu discurso radical, uma vez que, ele dificultou o trabalho da maioria republicana no legislativo. Isso novamente ocorreu por causa dos temas de sua pauta continuarem a ser deixados para segundo plano dentro da política do país. Ao mesmo tempo, o movimento conseguiu um grande avanço em questões envolvendo a educação, ao tomar o controle educacional, porém mesmo com relação a essas vitórias o movimento continuava com dificuldades para se manter no poder.

Assim, a partir de 1996 o movimento entrou novamente em crise com o declínio da principal liderança da direita religiosa e movimento se reorganizou em 1999, com o fortalecimento de outras organizações como a *Family Research Council*. Em abril de 2000 a *Christian Coalition* finalmente resignou⁶²⁹.

Pelo outro lado da disputa, apesar de toda a polarização e do domínio republicano no legislativo durante a maior parte de seu governo, a administração Clinton conseguiu os

⁶²⁹ Com a saída de alguns de seus principais membros a organização terminou por um curto espaço de tempo retornando logo em seguida.

resultados econômicos expressivos, destacando-se o crescimento da renda *per capita*, que passou de trinta e oito mil em 1994 para quarenta e cinco mil em 2001⁶³⁰ e o declínio do déficit nacional que passou de 66% em 1994 para 56% em 2001⁶³¹. Junto a isso, Clinton conseguiu terminar seu mandato como uma aprovação alta, sendo lembrado não apenas pelos seus escândalos sexuais, mas também, pelos avanços do país no campo da política externa e em questões sociais.

Capítulo 6 De George W. Bush à Obama; a estranha morte da direita religiosa e da Guerra Cultural.

No último capítulo de nossa tese damos sequência a análise sobre a influência da ideia de Guerra Cultural e da polarização política durante o período que vai da eleição de George W. Bush (2000) aos primeiros anos de Barack Hussein Obama (2008-2010). Esse período é vital para a pesquisa, pois, traduz dois momentos profundamente antagônicos da relevância da polarização cultural na política estadunidense.

Ao qual, o primeiro ocorreu durante a administração Bush, onde se iniciou um acirramento da fomentação da ideia de Guerra Cultural, com a ampliação da visibilidade de questões relativas à religião e cultura durante a sua campanha e sua administração. Em seguida, um segundo momento marcou a acentuada queda na visibilidade do debate em torno de questões culturais na política do país, a partir dos últimos anos da administração do presidente republicano, e se tornou significativo para a eleição de Obama em 2008, após ampliação da crise econômica e uma rápida transformação da sociedade que passou a rejeitar o debate cultural radicalizado e tornando-se mais tolerante com o decorrer da presidência republicana. Essa transformação culminou em mais uma reorganização da direita religiosa que enfraqueceu seu papel na política do país⁶³².

⁶³⁰<http://research.stlouisfed.org/fred2/graph/?id=USARGDPC>.

⁶³¹<http://research.stlouisfed.org/fred2/graph/?id=GFDEGDQ188S>.

⁶³²É importante destacar que a diminuição da influência da direita religiosa na sociedade estadunidense não significa necessariamente uma queda na importância do conservadorismo no país, visto que, ela indica apenas uma redução da visibilidade de uma das vertentes do conservadorismo e, conseqüentemente, direciona à um ganho de espaço para outras vertentes conservadoras como o conservadorismo econômico e fiscal que veio durante os últimos anos avolumando-se em torno de movimentos como o *Tea Party* e, até mesmo, o fortalecimento de setores libertários que vem recebendo uma maior aceitação de suas ideias por parte da população, defendendo valores culturais liberais associados a ideias como a redução do tamanho do Governo Federal e um fortalecimento dos estados que compõe a federação e uma cada vez maior liberdade econômica. Em uma entrevista que realizamos com o vice-presidente do *Cato Institute*, em Boaz (2013), ele indicou o crescimento da aceitação das ideias libertárias e pontou que embora eles dividam-se entre o Partido

Dentro dessa lógica, se Bush representou um esforço para utilizar a polarização cultural como forma de atrair eleitores, a campanha eleitoral de 2008 entre Obama e McCain indicou um quase total desaparecimento das temáticas culturais na fala dos dois candidatos.

Para fazer essa análise, dividimos o capítulo em cinco partes. A primeira (George W. Bush entre o radicalismo religioso e a moderação política) dialoga a respeito da relação do presidente republicano com as correntes conservadoras religiosas, mostrando como ele constantemente se utilizou de discursos com um caráter religioso, durante sua campanha presidencial, defendendo tópicos da agenda conservadora, ao mesmo tempo em que, demonstrava uma face de moderação e defesa do pluralismo com o intuito de atrair eleitores moderados. Junto a isso, ele se colocava como um candidato totalmente oposto a Clinton, afirmando suas fortes convicções morais, enraizadas em sua conversão religiosa. Assim, nessa passagem percorremos a trajetória da controversa disputa eleitoral entre Bush e Gore, desde as prévias enfrentadas pelos candidatos em seus partidos, com o intuito de demonstrar como a disputa entre eles refletiu a própria estrutura polarizada vivenciada pelo país.

A segunda parte (George W. Bush e o último suspiro da direita religiosa) indica o caminho percorrido pelo presidente eleito e pela direita cristã durante sua trajetória de acesso e declínio, partindo de uma retrospectiva do governo George W. Bush. Com isso, demonstra-se como ele passou, após os atentados terroristas de 2001, de um governo pouco popular para um governo com grande apoio popular até sua reeleição em 2004. Nesse sentido, destaca-se como os mesmos posicionamentos da administração Bush dentro de uma conjuntura específica, em alguns momentos, ampliaram a sua popularidade e fizeram com que o Partido Republicano liderasse as eleições de 2000, 2002 e 2004 e, em outros, se transformaram em uma incrível rejeição, ao presidente e ao Partido Republicano, resultando na derrota eleitoral como nas eleições de 2006.

Dentro dessa abordagem, como um complemento da parte anterior, a terceira parte desse capítulo (A Guerra Cultural em George W. Bush.) aborda como Bush se relacionou com os temas culturais, provocando uma ampliação da visibilidade deles no país. Nela estabelecemos como o governo ampliou a participação dos conservadores culturais e religiosos na sociedade através de um forte financiamento às instituições conservadoras e de um importante apoio em temas chaves para os defensores de uma polarização cultural.

A quarta parte (o fim da Guerra Cultural o Renascer de uma nova América) debate como ocorreu a crise na ideia de Guerra Cultural, reforçando os principais motivos do

enfraquecimento dos discursos culturais radicalizados, sobretudo, devido ao esforço de intelectuais, religiosos moderados e dos próprios políticos em demonstrar que existia um caminho entre o secularismo radical e o extremismo propagandeado pela direita religiosa, o que refletia as transformações ocorridas entre a própria população do país e o temas culturais e religiosos.

Já o quinto, questiona o declínio da polarização cultural durante a eleição de Barack Obama, considerando que isso não significou o fim da polarização entre os dois principais partidos do país ou mesmo entre conservadores e liberais, demonstra que apesar da campanha eleitoral de 2008 ter um forte caráter de incentivo ao debate bipartidário e um discurso contra a excessiva polarização política, a intensa disputa entre democratas e republicanos e entre conservadores e liberais continuou presente na primeira administração de Obama. Contudo, essa disputa deixou de ser travada em torno de temas culturais/morais/religiosos, que praticamente desapareceram da campanha, e ganharam força a partir da oposição entre grande governo contra pequeno governo, uma das bases da disputa entre conservadores e liberais no debate econômico-social do país.

6.1 George W. Bush entre o radicalismo religioso e a moderação.

Com o fim da bem sucedida administração Clinton, outra disputa eleitoral se aproximou em torno da escolha de um novo presidente para o país, colocando frente a frente o vice-presidente Al Gore contra George W. Bush. A importância dessa eleição, para nossa pesquisa, é destacada em virtude da oposição entre o legado econômico deixado pela administração democrata e os reflexos da pressão em torno do debate moral que se avolumou no país após o caso extraconjugal do ex-presidente e de seus consequentes subterfúgios para não assumi-lo.

Para entender isso, é importante analisar as diferenças centrais entre os caminhos percorridos pelos dois presidenciáveis até as eleições de novembro de 2000. Nesse sentido, Blumenthal (2003) discutiu que a carreira de Al Gore, desde seu princípio, foi minuciosamente projetada para que, um dia, ele se tornasse o presidente do país. Isso significava uma sólida trajetória dentro da política democrata, iniciada no período do pós-Guerra do Vietnã, onde, ele ocupou o cargo de congressista de 1977 até 1985 e de senador de 1985 até 1993 pelo estado do Tennessee. Além disso, ele já havia disputado uma prévia

presidencial pelo Partido Democrata em 1988⁶³³ e somente não foi o nome mais forte do Partido Democrata a enfrentar Clinton nas prévias de 1992, porque desistiu da disputa para acompanhar o tratamento médico de seu filho recém-acidentado.

A partir dessa trajetória, fica claro que a influência de Gore entre os democratas era tão intensa que ele era apontado como um dos favoritos do partido para concorrer à presidência naquele ano, isso fez com que em 1992, mesmo estando afastado das prévias do partido, ele fosse indicado como candidato à vice-presidência compondo a chapa de Clinton para as eleições, ou seja, ele somava a seu currículo um experiência de oito anos como o segundo homem no comando do executivo do país.

Do outro lado da disputa, George W. Bush era o atual governador do Texas⁶³⁴ e se destacava em seu governo, mesmo com seu início tardio na carreira política. Antes de ser eleito governador, Bush envolveu-se com o Serviço Militar, com negócios de petróleo e, até mesmo, dirigiu um time de beisebol⁶³⁵, o que fazia com que ele não possuísse um extenso currículo político e acumulasse alguns fracassos em outras áreas de atuação⁶³⁶. Assim, suas únicas participações em disputas eleitorais foram a derrota como candidato nas eleições legislativa em 1978⁶³⁷ e a participação na coordenação da campanha eleitoral profundamente agressiva que levou seu pai⁶³⁸ à presidência em 1988⁶³⁹.

Mesmo sem uma vasta experiência na vida política, Bush conseguiu ser eleito governador do Texas pelo Partido Republicano, um estado que, até então, era fortemente controlado pelos democratas⁶⁴⁰. Para isso, ele articulou, sob a orientação do estrategista político Karl Rove, uma campanha construída com um forte apoio de grandes empresários⁶⁴¹, estruturada a partir de pontos como a melhoria da educação, reformas legais, modificações na segurança social e na implementação de leis de justiça juvenil mais rígidas, que surtiu um grande efeito sobre os eleitores.

⁶³³Gore ficou em 4º lugar na disputa dessa primeira prévia presidencial.

⁶³⁴Bush ocupou o cargo de 1994 até 2000.

⁶³⁵ Esses episódios são narrados no filme *W.* dirigido por Oliver Stone (2008).

⁶³⁶ Seu envolvimento com o time de beisebol *Texas Rangers* foi o primeiro empreendimento do futuro presidente a dar resultados financeiros positivos, junto a isso, trouxe para Bush uma boa experiência administrativa que foi muito utilizada como exemplo para sua campanha como governador já na década de 1990.

⁶³⁷ Bush concorreu como deputado contra Kent Hance, sendo derrotado por uma pequena quantidade de votos.

⁶³⁸ Bush sempre foi pressionado a ser grandioso e superar o sucesso de seu pai e de seu irmão.

⁶³⁹ Bush era tão desconhecido politicamente durante sua primeira eleição para o governo do estado que era chamado de candidato improvável.

⁶⁴⁰ Para além da imagem recentemente construída de que o Texas é um estado profundamente alinhado ao Partido Republicano e ao conservadorismo, George W. Bush rompeu um extenso predomínio do Partido Democrata no Texas, com exceção do ex-governador republicano Bill Clements eleito duas vezes (1979-1983 e 1987-1991), todas as outras eleições governamentais do século XX foram dominadas pelo Partido Democrata.

⁶⁴¹ Principalmente ligados ao petróleo.

Após eleito, sua atuação como governador avançou de maneira significativa esses quatro temas, ao mesmo tempo em que, o político republicano dava um interessante toque pessoal as decisões tomadas pelo seu governo, parecendo sempre próximo e preocupado com os problemas enfrentados pela população do estado, postura que garantiu sua reeleição em 1998 e o credenciou para se candidatar a disputa presidencial.

Um dado interessante sobre a decisão de Bush de se candidatar à presidência foi citado por Perlstein (2004) que descreveu que sua candidatura não agradava nem a grande maioria dos republicanos, nem a sua família⁶⁴², contudo, sua experiência com a religião fazia com que ele a visse como um chamado divino. Isso ocorreu enquanto ele ouvia uma pregação do pastor Mark Craig⁶⁴³ que narrava como Moisés liderou os israelitas através do deserto para que eles abandonassem a escravidão, nela o pastor relacionava o evento bíblico com a necessidade que os americanos tinham de um líder.

Essa pregação motivou Bush a pensar sobre a possibilidade de se candidatar, iniciando um projeto que tomou uma forma definitiva quando ele chamou o televangelista James Robinson e lhe disse que Deus queria que ele concorresse à presidência.

Pensando propriamente na eleição presidencial de 2000, a partir do histórico dos dois candidatos até suas nomeações, percebe-se que as prévias eleitorais indicavam que Gore teria um caminho bem mais tranquilo para chegar à presidência, especialmente, após sua vitória sobre o senador Bill Bradley⁶⁴⁴ de New Jersey, com mais de 75% dos votos a seu favor. No caso de Bush, as prévias foram muito mais árduas, já que, ele enfrentou John McCain, um candidato bem mais consolidado dentro da política republicana, vencendo com cerca de 62% dos votos contra 31,2% de McCain e 5,8% de Alan Keyes⁶⁴⁵, porém, diferentemente do candidato democrata, Bush foi derrotado em sete estados.

Duas questões são centrais para que se possa entender a vitória que credenciou Bush para ser o candidato republicano. A primeira foi, sem dúvida alguma, o apoio financeiro conseguido pelo candidato republicano que, de acordo com Reymond (2004), em janeiro de 2000, já atingia 62 milhões de dólares em doações para a sua campanha, o que significava que McCain dificilmente teria força para competir em nível de igualdade com os fartos recursos de seu oponente.

⁶⁴²O filme *W.* dirigido por Oliver Stone (2008), mostrou que a família Bush preferia que Jeb Bush, devido a sua maior experiência política, disputasse a presidência na eleição de 2000.

⁶⁴³ Craig era pastor na *Highland Park United Methodist Church*.

⁶⁴⁴ Gore foi vencedor em todos os estados da federação durante as prévias do Partido Democrata.

⁶⁴⁵ Um ativista político afro-americano, que foi também senador pelo Partido Republicano.

Vale destacar que, de acordo com a estrutura do sistema eleitoral estadunidense, com eleições disputada estado por estado, a capacidade de arrecadação de um candidato é vital para que ele consiga manter as seguidas campanhas em cada um dos estado sem perder a intensidade. Com isso, não é incomum candidatos, que conseguiram destaque nos primeiros estados da prévias eleitorais, abrirem mão da disputa eleitoral por dificuldades financeiras em suas campanhas⁶⁴⁶.

A segunda questão pode ser analisada a partir do apoio recebido por Bush por parte de movimentos ativistas conservadores e de lideranças da direita religiosa, o que era um dos grandes diferenciais entre a sua campanha e a do seu adversário. McCain sofria com uma intensa rejeição por parte dessas correntes no interior do Partido Republicano, essa rejeição ocorria por ele ser divorciado, profundamente discreto com relação à crenças religiosas⁶⁴⁷ e, sobretudo, em virtude do seu apoio⁶⁴⁸ a uma proposta de lei de reforma financeira que restringia a atuação dos grupos de pressão e afetava diretamente as organizações ligadas a direita religiosa⁶⁴⁹.

Dentro dessa lógica, existia uma estratégia profundamente bem organizada pelo comitê da campanha de Bush, com intenção de atrair o apoio desses grupos para a campanha do governador texano. Blumenthal (2003) debateu que esse era um dos dados mais relevantes para a vitória de George W. Bush sobre McCain, principalmente, após a repercussão que uma visita de Bush a *Bob Jones University* causou.

Segundo Willians (2010), o candidato visitou a universidade após ter sido derrotado em New Hampshire⁶⁵⁰ por McCain, o que o obrigava a vencer no próximo estado das prévias, a Carolina do Sul⁶⁵¹, para que continuasse com chances de ser o candidato republicano para as eleições de novembro⁶⁵². Por isso, Bush tentou atrair o eleitorado religioso conservador,

⁶⁴⁶Outros realizam um grande investimento para ter visibilidade apenas nos primeiros estados a votarem nas prévias para conseguir ampliar sua visibilidade na política partidária.

⁶⁴⁷Vale acrescentar que, durante a década de 1980, ser divorciado e não parecer muito religioso não foi um problema para que a direita religiosa apoiasse Reagan. E nesse sentido, McCain era um defensor muito mais ferrenho de temas conservadores como ser antiaborto do que Reagan.

⁶⁴⁸Ainda durante seu mandato como Senador.

⁶⁴⁹O *Lobbying Disclosure Act* de 1995 foi profundamente defendido por McCain com o intuito de dar transparência as campanhas eleitorais, apontando os grupos que influenciavam o governo e obrigando lobistas e PACs a divulgar suas doações. Em 2005, McCain introduziu o *The Lobbying Transparency and Accountability Act* que previa a divulgação de relatórios mais rápidos e dava acesso público as doações.

⁶⁵⁰A prévia ocorrida em 01 de fevereiro de 2000, indicou a vitória de McCain com 49% contra 30% de Bush.

⁶⁵¹Segundo estado a votar nas prévias republicanas, no dia 19 de fevereiro.

⁶⁵²O medo dos estrategistas da campanha de Bush era que se ele perdesse, também, no segundo estado das prévias ocorreria uma reação em cadeia que faria com que os ativistas que trabalhavam em sua campanha perdessem o empenho por considerar que ele seria derrotado de qualquer maneira.

muito presente no estado⁶⁵³ e com forte ligação com a instituição⁶⁵⁴. Todavia, essa visita foi mal interpretada devido aos episódios de intolerância que corriqueiramente envolviam a universidade, entre eles, como descreveu Martin (2000), no ano anterior, a direção da instituição proibiu a matrícula de um casal em virtude da diferença racial existente entre eles e enviou uma carta intimidadora para um aluno que, após a sua graduação, foi descoberto homossexual, ameaçando que ele seria acusado de invasão de propriedade⁶⁵⁵ se voltasse a pisar na Universidade.

Tapper (2000) reportou que embora o porta voz da campanha de George W. Bush, Mindy Tucker, tenha declarado que o candidato não compactuava com as ideias da instituição, o republicano foi acusado por grande parte de seus opositores, pela mídia e, até mesmo, por conservadores como o neoconservador Bill Kristol, que declarou que existiam diferenças em uma guinada para a direita e um retorno a sessenta anos atrás. Junto a isso, a visita foi mal vista por grande parte dos evangélicos e por vários membros da direita religiosa que possuíam uma histórica rusga com os fundamentalistas da instituição⁶⁵⁶.

Aproveitando a repercussão dessa visita, McCain atacou Bush, utilizando-se do longo histórico de racismo e perseguição à católicos da Universidade. A intenção dele era atrelar Bush aos valores defendidos por ela, atraindo, com isso, o apoio de republicanos católicos e de protestantes moderados para a sua campanha e, conseqüentemente, abdicando dos votos de setores ligados ao fundamentalismo religioso e aos evangélicos mais conservadores. Como mostrou Martin (2000), Bush não foi o único candidato a fazer campanha na Universidade durante as prévias eleitorais daquele ano, candidatos republicanos como Steve Forbes e o afro-americano Alan Keyes e, até mesmo, o candidato democrata às prévias Jim Hodges tinham visitas agendadas a instituição.

As críticas à Bush tinham um efeito especial, uma vez que, sua campanha era fortemente estruturada sobre a aproximação do candidato dentro do seu *Compassionate Conservatism* a grupos minoritários que historicamente apoiavam o partido rival como os afro-americanos⁶⁵⁷ e o eleitorado latino, o que foi colocado em dúvida após a visita.

⁶⁵³Vale lembrar que além da *Bob Jones University* o estado também conta com a *Christian Baptist Network* e a *Regency University*, ambas comandadas por Pat Robertson e seu filho.

⁶⁵⁴Muitos dos principais nomes ligados ao conservadorismo e a religião na Carolina do Sul tiveram sua formação na *Bob Jones University*, entre eles Billy Graham.

⁶⁵⁵Junto a isso, Kuo (2006) apontou que membros da universidade haviam chamado o papa de anticristo e acusado a Igreja Católica de ser um "culto satânico".

⁶⁵⁶Como foi apontado no capítulo 2 de nossa tese e que ocorria devido a recusa dos fundamentalista da instituição à proposta de diálogo entre conservadores protestantes e de outras religiões.

⁶⁵⁷A campanha de Bush sempre o mostrava com crianças afro-americanas em seus braços.

Como resposta, durante as semanas que envolveram a questão, Bush aproximou-se também de católicos⁶⁵⁸ e de protestantes moderados, insistindo que ele não era intolerante e que a visita tinha sido apenas mais um compromisso de sua campanha, o que aliviou o mal-estar provocado e possibilitou que, especialmente, os evangélicos deixassem de lado o incidente e retornassem a combater a candidatura de McCain que, devido ao seu esforço pelo controle da influência de grupos sobre o governo, parecia muito mais assustadora para eles do que a suposta ligação de Bush com os fundamentalistas.

De acordo com Willians (2010), Bush foi vitorioso na Carolina do Sul com um forte apoio da direita religiosa e, especialmente, da *Christian Coalition*, conseguindo 2/3 dos votos entre os eleitores que se identificavam com a organização, algo em torno de 33% de todo o eleitorado do estado. Para McCain, após a derrota na Carolina do Sul e dentro da tentativa de atrair os eleitores moderados, a solução foi partir para o ataque contra os líderes da direita religiosa que deram maior apoio a Bush, como Pat Robertson e Jerry Falwell⁶⁵⁹.

Essa tática funcionou com maestria, em um primeiro momento, fazendo com que ele vencesse no estado de Michigan, todavia, ela rapidamente deixou de atingir o resultado esperado, pois, ao mesmo tempo em que, o equívoco de Bush ao visitar a instituição fundamentalista ia perdendo a visibilidade na mídia, sendo substituído por outras notícias, as críticas de McCain motivaram, cada vez mais, a participação dos evangélicos conservadores na campanha de George W. Bush⁶⁶⁰.

Dentro dessa lógica, a campanha de Bush se construiu a partir de duas imagens complementares, pensadas desde 1998 por Karl Rove como parte de um projeto de atração de uma vasta leva de eleitores para o candidato republicano. Para o eleitor independente, Bush era retratado como um candidato totalmente diferente de Clinton, pois, tinha como sua principal característica a sinceridade e distanciava-se de ser um político profissional habituado a Washington⁶⁶¹.

Para Reymond (2004), isso ocorria, porque, os estudos republicanos, realizados antes da eleição, indicavam que apesar dos eleitores independentes terem perdoado as “falhas morais” de Clinton, eles reprovavam a sua falta de honestidade e votariam em um candidato

⁶⁵⁸Kuo (2006) afirmou que isso ocorreu através do envio de uma carta de Bush para o cardeal John O'Connor, argumentando que devia ter deixado mais claro a sua não associação com grupos anticatólicos.

⁶⁵⁹ Conger (2009) citou que McCain chegou a acusar Falwell e Robertson de serem agentes da intolerância.

⁶⁶⁰É importante explicar que, embora Falwell e Robertson possuíssem uma grande rejeição por parte da maioria da população do país, eles ainda arregimentavam uma extensa gama de seguidores dispostos a ir às urnas em defesa dos projetos dos reverendos.

⁶⁶¹Aqui novamente tática utilizada pelos democratas para eleger Jimmy Carter, mostrando-o como um homem comum e com uma grande fé, foi utilizada pela campanha republicana.

que fosse mais sincero. Essas qualidades eram destacadas para mostrar uma imagem moderada e não ameaçadora de Bush para esses eleitores, contrastando com a deixada por Newt Gingrich nos anos anteriores, porém, sem deixar de dar sequência a tópicos importantes da “revolução republicana”.

Somado a isso, apostava-se na conversão religiosa adulta de Bush, reforçando os “valores” morais do candidato. Deste modo, para a direita religiosa, a campanha de Bush mostrava esse seu lado de cristão convertido, com indicações que ele era contrário ao aborto e aos estudos de células troncos e que não se opunha a uma maior participação de religiosos na vida pública do país. Essa imagem se tornou ainda mais positiva para a direita religiosa, sobretudo, após os ataques de McCain às lideranças do movimento, o que reenergizou o apoio do movimento a Bush.

Dentro dessa tática, Willians (2010) descreveu alguns eventos que pautaram a aproximação de Bush com o movimento, destacando que, ainda em outubro de 1999, ele se reuniu com membros do *Christian Right Council for National Policy*⁶⁶² para discutir assuntos culturais. Em novembro, ele declarou para o correspondente Tim Russert⁶⁶³ que, provavelmente, não iria receber representantes do *Log Cabin Republicans*⁶⁶⁴ (grupo de defesa dos direitos homossexuais ligados ao Partido Republicano). Em dezembro, o candidato afirmou que Jesus era o seu filósofo político favorito e ainda proclamou, em 10 de junho de 2000, a data comemorativa conhecida como o *Jesus Day* (Dia de Jesus) no Texas.

Pelo lado da direita religiosa, Ralph Reed⁶⁶⁵ encarregou-se de liderar a resposta contra McCain, que ocorreu a partir de um papel profundamente participativo da *Christian Coalition* durante as prévias republicanas de 2000. Como exemplo disso, Reymond (2004) citou a distribuição de cerca de duzentos mil folhetos contra McCain apenas no estado do Arizona, ao

⁶⁶²Organização da direita cristã fundada em 1981 por Tim LaHaye.

⁶⁶³Falecido em 2008, Russert era um conhecido jornalista da NBC, apresentando o programa *Meet the Press*.

⁶⁶⁴O movimento iniciou em 1970 e teve uma importante participação na defesa dos direitos dos homossexuais no Partido Republicano. Segundo o seu site oficial, <<http://www.logcabin.org/about-us/our-history/>>, Bush se reuniu com representantes homossexuais na campanha de 2000 e declarou ser um homem melhor por ouvir suas histórias e suas preocupações, junto a isso, o movimento deu forte apoio a Bush durante a campanha de 2000 e a eleição legislativa de 2002 e o presidente aprovou um orçamento de 15 bilhões para um programa de contenção da epidemia de AIDS pelo mundo. O movimento rompeu com o presidente durante a campanha de 2004 devido a radicalização do discurso de Bush contra homossexuais

⁶⁶⁵ Langston (1997) explicou que embora Reed tivesse deixado a *Christian Coalition*, ele mantinha o mesmo papel, colaborando na eleição de republicanos ligados à direita religiosa, com isso, ele continuava agindo nos bastidores da política republicana, sendo apoiado tanto pela *Christian Coalition* quando por outras organizações do movimento.

mesmo tempo em que, Pat Robertson utilizava seu programa televisivo para atacar, de uma maneira disfarçada⁶⁶⁶, o adversário republicano de Bush.

Dentro dessa aproximação de Bush com a direita religiosa, a ideia de *Compassionate Conservatism*⁶⁶⁷ (conservadorismo com compaixão) tinha um importante papel para a campanha eleitoral do republicano. Segundo Orwin (2011b), Bush abraçou a ideia como uma forma de se diferenciar de seus adversários republicanos e flanquear seus adversários democratas, através de um forte sentimento assistencialista. Por outro lado, leituras sobre o tema também apontavam a plataforma como uma forma de romper a separação Igreja e Estado:

Esse lema era denominado para dar uma impressão que ele se referia a novas formas de assistência para pobres, minorias e necessitados, mas sua real substancia envolvia a criação de patrocínio governamental para a direita religiosa, rompendo o muro de separação entre Igreja e Estado. (BLUMENTHAL, 2003, p.720).

Shimabukuro (in SILVA, 2008) explicou que o *Compassionate Conservatism* basicamente consistia de eficientes iniciativas governamentais que ajudariam pessoas em dificuldade, mas, que não se pautariam pela criação de dependência ao Estado. O que deveria ser realizado, pela leitura Orwin (2011c), a partir do direcionamento dos auxílios governamentais diretamente para as instituições que atuavam nos bairros com maiores dificuldades, eliminando as experiências de auxílios advindos de cima para baixo, fazendo, por esse motivo, com que os pobres fossem ajudados a se ajudar.

Essa ideia desenvolvia-se a partir de duas crenças; a primeira que via o Estado de bem-estar social como responsável pela criação de um ciclo de dependência que impedia os necessitados de se recuperarem e uma segunda que via a importância das instituições nas comunidades locais para auxiliar os necessitados⁶⁶⁸.

Nesse sentido, o enfoque central da proposta de Bush era a transferência de verba governamental para instituições de caridade, associações de moradores de bairros e para as *Faith Based Initiatives* (Iniciativas Baseadas na Fé), que derivavam da legislação *Charitable*

⁶⁶⁶Para não se envolver novamente em problemas legais por utilizar um programa de caráter religioso para apoiar um candidato, Robertson dedicava programas descrevendo e criticando características de McCain sem citar o nome do candidato.

⁶⁶⁷De acordo com Orwin (2011c), o termo foi utilizado pela primeira vez pelo líder afro-americano, democrata e liberal Vernon Jordan, em 1981, com a intenção de atacar conservadores do governo Reagan, partindo da ideia de que eles precisavam ter mais compaixão.

⁶⁶⁸Para Orwin (2011a) essas ideias chegaram até Bush a partir da obra de Myron Magnet (considerado o livro mais importante depois da Bíblia para o político republicano) e das pesquisas de Marvin Olaski.

Choice (escolha caridosa) aprovada durante o final da administração Clinton e que vivenciava o auge de sua influência durante as eleições de 2000.

Finguerut (in SILVA, 2008) mostrou que o debate em torno das *Faith Based Initiatives* eram tão significativos no período que, tanto o candidato republicano quanto o democrata aprovavam a existência delas. Nesse sentido, acrescenta-se que o período foi fortemente marcado pela crença de que essas iniciativas poderiam acabar com a pobreza e com a violência nas comunidades⁶⁶⁹ e que isso ocorreria devido à proximidade dessas instituições com elas, o que possibilitaria uma melhor compreensão das necessidades de seus moradores.

Sorman (2004) explicou os motivos para a crença em torno das instituições sem fim lucrativo, pois, poderiam ter um papel tão importante no fim da pobreza nos Estados Unidos, indicando o fato da caridade ser algo profundamente presente na vida do americano. Segundo o autor, no ano de 2002, enquanto, um europeu doou em média cinquenta e sete dólares, um americano doou em média novecentos e cinquenta e três dólares⁶⁷⁰, ou seja, a caridade é uma característica da população do país e, para ele, ela se desenvolveu devido à desconfiança com relação ao Governo Federal. Nesse sentido, a população estadunidense ama as instituições que parecem próximas a ela, como o exemplo de suas igrejas, mas, odeia seu governo, o que faz com que qualquer programa de auxílio advindo dele seja criticado ou visto com desconfiança.

Pela leitura realizada por Lambert (2008), Bush acreditava mais do que outros presidentes republicanos, como Reagan e seu pai George H. W. Bush, que grupos religiosos poderiam participar ativamente da vida pública⁶⁷¹ e receber dinheiro público para isso. Por isso, no dia 22 de julho de 1999, ele declarou:

Em cada instância onde minha administração ver a responsabilidade de ajudar pessoas, nós vamos primeiro olhar para as *Faith-Based Organizations*, organizações de caridade e grupos comunitários que mostrarem suas habilidades para salvar e transformar vidas. (BUSH apud WALLIS (in DIONNE; DILULIO (org.), 2000, p.147).

Apesar de, na campanha de Bush, a defesa das *Faith-Based Initiatives* ser constantemente reforçada como uma forma de atrair eleitores religiosos, ela não era, de

⁶⁶⁹De acordo com Wallis (in DIONNE; DILULIO (org.), 2000), isso era profundamente defendido por Gore que chegou a dar uma declaração favorável a esse ponto de vista em maio de 1999.

⁶⁷⁰O autor apontou que mesmo quando são retiradas as deduções de impostos e incentivos governamentais, os americanos são grandes doadores, acrescentando que cerca de 80 milhões de americanos dedicavam uma parte do seu tempo para atividades não lucrativas e 60 milhões devotavam seu tempo à outras pessoas.

⁶⁷¹Vale apontar, como destacou o historiador da religião Becker(2013), em uma entrevista para o autor, que antes da grande depressão de 1929 as igrejas eram responsáveis pela maioria dos projetos assistenciais, mantinham hospitais e realizavam grandes campanhas de combate à fome. A crise de 1929 transformou isso forçando a participação do Estado nessas questões.

maneira alguma, uma retórica com caráter exclusivamente eleitoreiro, afinal, o político republicano realmente acreditava na importância da religião para o resgate de pessoas que enfrentavam dificuldades, mais do que isso, ele era um exemplo de que a transformação através da fé era possível e sempre destacava que seu comportamento antes de se tornar um renascido religioso aos quarenta anos, deveria ser perdoado e esquecido.

O envolvimento de Bush com a fé era tão autêntico que os evangélicos conservadores rapidamente viraram seus fiéis seguidores, porque, o republicano transmitia sinais que eram profundamente naturais ao dia-a-dia da experiência evangélica. Um exemplo disso ocorreu quando ele foi questionado, em um debate, se poderia explicar para as pessoas como Jesus mudou sua vida, respondendo: “Bem, se eles não sabem, isso vai ser difícil de explicar”. (BUSH, apud, DIONNE; DILULIO, 2000, p.2).

A resposta de Bush, apesar de parecer bastante vaga para alguém que não seja um *Born Again*, é repleta de simbologias que indicam a relação entre o fiel e Jesus. Ela mostra como a conversão é algo realmente intenso para vida do cristão, sendo, deste modo, uma experiência única para cada um dos convertidos.

Esse tipo de experiência, também, refletiu-se na fala de um dos alunos da *Liberty University*, em uma entrevista realizada pelo autor, quando os estudantes foram questionados se consideravam que sofriam algum tipo de discriminação por parte de pessoas de fora da Universidade, um deles prontamente respondeu a respeito da necessidade de se entender a perfeição que é fazer parte de uma escola cristã como a *Liberty University*. Nesse sentido, o enfoque na experiência de conversão e de pertencimento advindos da fé trazem consigo uma relação de proximidade que apenas os fiéis tem entre si, uma marca de pertencimento, um sentido de ser especial por ter descoberto Jesus.

Retomando a fala de Bush, ele refletiu claramente esse relacionamento, indicando essa marca de proximidade com o eleitorado evangélico, assinalando seu pertencimento ao grupo, pois tinha vivenciado e valorizava as mesmas experiências que eles, e isso, por si só, pela lógica evangélica, moldava seu caráter como um homem de bem. Dentro desse cenário, como mostrou Silva (2008), Bush foi, sem dúvida, o presidente americano que mais utilizou a questão religiosa como arma eleitoral.

Após vencer as prévias com forte apoio da direita religiosa, a estratégia da campanha de George W. Bush sofreu uma pequena correção que tinha o intuito de evitar a ampliação da polarização motivada pela ideia de Guerra Cultural como ocorrida na Convenção Nacional Republicana de 1992. Por esse motivo, a direita religiosa deixou de ter visibilidade na campanha do presidente, não participando da Convenção Nacional Republicana de 2000.

Conger (2009) lembrou que é importante perceber que a estratégia republicana nessa convenção era exatamente pregar um discurso de união, de defesa da diversidade e de inclusão, propondo um especial foco nas questões domésticas e no corte de impostos como um reforço à tática de atração dos eleitores moderados.

Porém, se na convenção transparecia a moderação, desde o início da campanha de Bush, Rove recrutou líderes da direita religiosa a partir de suas igrejas para auxiliarem no recrutamento de eleitores e ativistas para trabalharem nela. O estrategista também foi hábil em criar uma estrutura de antipropaganda, aproveitando a polarização que cresceu durante os oito anos de mandato de Clinton entre conservadores e liberais. Com isso, a campanha de Bush mostrava principalmente para o eleitorado sulista e religioso que votar nos democratas seria votar, também, no casamento gay, no protocolo de Kyoto, no reconhecimento da força da ONU em detrimento do poder americano, no evolucionismo, na supervalorização da ciência que poderiam levar à clonagem humana e à perseguição aos religiosos.

Dentro desse novo cenário de afastamento e proximidade entre Bush e a direita religiosa, Utter e Storey (2007) apontaram que Bush não fez a sua usual visita ao principal evento da *Christian Coalition*, chamado *The Christian Coalition's Annual Gathering* (ocorrido em setembro de 2000), fazendo apenas um comentário sobre a importância do evento pela televisão, enquanto ainda estava no Texas.

Vale analisar que, se levar em conta o histórico da relação entre direita religiosa e governos nas administrações anteriores a George W. Bush, percebe-se que esse distanciamento entre o futuro presidente e o movimento seria visto, em períodos anteriores, pelas lideranças da direita cristã como uma grande traição⁶⁷², não obstante, como os autores especificaram que a direita religiosa, no início dos anos 2000, não parecia se incomodar com o afastamento, o que foi destacado pelos autores como um sinal de amadurecimento do movimento. Agora suas lideranças percebiam que existia a necessidade de que Bush atraísse os eleitores moderados para conseguir ser eleito:

O movimento tinha se tornado mais pragmático, reconhecendo que precisava dar um pouco e se comprometer um pouco mais para vencer as eleições. Algumas concessões para a vitória faziam mais sentido do que a pureza moral na derrota. (UTTER; STOREY, 2007, p.22).

Clarkson (2001) fez uma leitura bastante interessante sobre o papel da direita religiosa no período, considerando que ela passou por um processo de institucionalização na sociedade,

⁶⁷²O exemplo claro disso foi mostrado com Reagan e com o seu não comprometimento com o movimento após eleito que se tornou motivo de rompimento de parte da direita religiosa com o seu governo.

sendo, por esse motivo, incorporada ao Partido Republicano. Isso ocorreu por causa do surgimento de uma nova geração ligada ao movimento que jamais vivenciou a política estadunidense sem a presença da direita cristã. Esse novo grupo, formou-se em escolas e universidade cristãs com uma intenção central de ocupar cargos governamentais, produzir pensamento conservador e defender os direitos dos cristãos. Ou seja, os líderes dessa nova geração eram bem menos extremistas que seus antecessores, visto que, eles conheciam mais profundamente os meandros da política, tendo uma compreensão maior sobre a necessidade de dialogar e, em alguns momentos, barganhar para alcançar um objetivo.

É interessante pensar o despertar desse novo posicionamento do movimento, visto que, o fim dos anos 1990 foi novamente problemático para as organizações conservadoras religiosas, especialmente, para a *Christian Coalition* que teve uma forte queda na arrecadação que passou de 25 milhões de dólares em meados da década de 1990 para cerca de metade disso em 2000. Clarkson (2001) apontou que, junto a isso, após o final vitorioso da administração Clinton muitos dos comentaristas passaram a decretar que a Guerra Cultural estaria acabada, assim como, determinavam também que a direita religiosa estava morrendo.

A queda de arrecadação da *Christian Coalition*, contudo, não indicava perda de sua influência política, visto que, Pat Robertson continuava ampliando a *Christina Broadcast Network* e a *Regent University*, de maneira que, essa redução no tamanho da organização parecia mais uma manobra para se livrar dos problemas judiciais e fugir da vigilância do IRS do que um caminho para sua extinção. A prova disso estava no fato de que seus métodos de divulgação de cartões eleitorais de avaliação de candidatos, em 2000, continuavam profundamente influentes na escolha de candidatos conservadores pelo eleitorado. Esse método, foi copiado por outras organizações como a *Focus on the Family* que também começou a utilizar uma versão similar.

A questão para a direita religiosa estava exatamente na pluralidade de suas organizações e na aliança entre elas, o que indica que, embora existissem organizações do movimento que se destacavam durante alguns períodos e, até mesmo, de existir uma certa rivalidade entre as organizações, a questão crucial do sucesso do movimento estava na sua capacidade de associação entre pequenas e grandes organizações em defesa de uma agenda comum.

Pensando a partir disso, Clarkson (2001) discutiu, através de uma análise do relatório ECFA⁶⁷³ de 1999, o quão impressionante era a arrecadação de alguns dos principais grupos da

⁶⁷³Órgão fundado em 1979 para dar transparência as organizações religiosas sem fins lucrativos.

direita cristã, destacando que a *Concerned Women for America* tinha um orçamento anual de 12 milhões de dólares, a *Family Research Council* chegava a 14 milhões de dólares, a *American Family Association* tinha 15 milhões, a *Promise Keepers*⁶⁷⁴ 51 milhões, a *Regent University* com 52 milhões, a *Focus on the Family* chegava a 121 milhões anuais, a *Christian Broadcasting Network* a 196 milhões e a *Campus Crusade for Christ*⁶⁷⁵ a 360 milhões de dólares. O autor acrescentou que a maior parte desses recursos eram utilizados em ações políticas, ou seja, quando se pensa na campanha de Bush era claro que o apoio desses grupos seria determinante para a sua eleição.

Nesse sentido, se a direita religiosa não estava enfraquecida, como se acreditava no final dos anos 1990, a questão central para a aceitação do distanciamento do movimento com a campanha do futuro presidente republicano estava exatamente na previsão de que o novo presidente indicaria dois ou mais juízes para a Suprema Corte do país. Assim, para líderes como Pat Robertson existia a preferência de que Bush, devido as suas crenças, fizesse essas indicações. Por essa leitura, o significado do controle da Suprema Corte por juízes alinhados à direita religiosa tinha, no início dos anos 2000, o mesmo peso simbólico que a crença de que tudo se resolveria no país com a eleição de um presidente religioso e conservador durante a maior parte da década de 1980, ou seja, valia a pena perder visibilidade para alcançar os objetivos.

Pensando na campanha de Gore, é importante destacar que, apesar dos avanços econômicos conseguidos durante a sua administração com Clinton⁶⁷⁶, era muito difícil para o candidato democrata fazer a ponte entre a aprovação conseguida pelo ex-presidente⁶⁷⁷ e o seu trabalho como vice-presidente. Ou seja, Gore e o Partido Democrata realmente se esforçavam para mostrar que o candidato teve um papel ativo nas decisões que recuperaram a economia do país, mas, isso não garantia uma transferência direta dos votos favoráveis a Clinton para ele.

Junto a isso, Blumenthal (2003) discutiu que o candidato democrata batalhava para não ser associado pelos eleitores, que eram mais preocupados com questões “morais”, aos

⁶⁷⁴Fundada em 1990 por Bill McCartney, a organização tem um forte caráter de luta pelo cristianismo, ao ponto de, em seu site oficial, <<http://www.promisekeepers.org/>>, a inscrição de novos filiados ser chamada de *Unleashing the Warrior* (Liberando o Guerreiro).

⁶⁷⁵Uma organização cristã que existe desde 1951 e tem em seu principal papel o trabalho missionário pelo mundo. Dados sobre ela pode ser encontrado em: <<http://www.cru.org/>>.

⁶⁷⁶Responsável por uma significativa redução no desemprego, principalmente, entre os afro-americanos e latinos.

⁶⁷⁷Que no final do seu mandato em 2000 era maior do que a de Ronald Reagan em 1988 e trazia consigo um recorde de prosperidade e paz.

mesmos defeitos de Clinton. Por esse motivo, Gore afastava-se de Clinton com medo de ser visto como alguém que suportava ou compartilhava os “valores” do presidente.

Dentro desse conflito presente na campanha, Willians (2010) debateu que, para contornar essa questão, Gore concentrava-se em sua trajetória política de combate as legislações favoráveis ao aborto e em ressaltar sua frequência religiosa como um Batista do Sul. Essa leitura foi realizada, também, por Reymond (2004) que discutiu a importância do legado Clinton na eleição de 2000 e concluiu:

Portanto, o eleitorado, persuadido que Bush e Gore se assemelhavam, concentravam sua atenção sobre os “valores”. O episódio Lewinsky tinha no fundo deixado traços na consciência americana. Mesmo se uma grande maioria havia perdoado Bill Clinton, as pesquisas de opinião demonstravam que, doravante, os eleitores desejavam um substituto que restaure o prestígio da função presidencial. (REYMOND, 2004, p.47).

Essa nova preocupação do eleitorado estadunidense fez com que, no dia 16 de junho de 1999, Gore, durante o anúncio de sua candidatura para as prévias do partido, criticasse o comportamento de Bill Clinton. A crítica reforçou o dilema envolvendo o candidato que perdeu votos ao tentar afastar sua imagem dos escândalos de Clinton, uma vez que, alguns eleitores o viam como ingrato por fazer isso, e, também, quando ele tentou se aproximar dos bons frutos da administração. A questão aqui é que, em uma eleição onde a sinceridade foi supervalorizada esse jogo político ambíguo de Gore era visto, muitas vezes, como defeito ou falsidade.

Como um reforço a isso é importante destacar que, como argumentou Silva (2008), os opositores de Clinton comprometeram-se decididamente na campanha de George W. Bush, apontando no novo candidato democrata os mesmos defeitos de seu antecessor, pouco importando se Gore tinha ou não os mesmo “problemas morais” atribuídos a Clinton⁶⁷⁸.

Dentro desse engajamento, Blumenthal (2003) apontou que, de fato, a campanha republicana teria começado muito antes da disputa eleitoral, onde, já em 1997, o Partido Republicano iniciou uma série de ataques ao vice-presidente através da divulgação de notícias, sátiras e acusações que constantemente eram vinculadas em publicações como o *The Washington Times* e outros jornais e sites de opinião do país.

De acordo com essas acusações Gore era um mentiroso, compulsivo e exagerado, de maneira que, como mostrou Reymond (2004), a imprensa não hesitava em questionar a sua saúde mental. Um exemplo disso, foi registrado pelo autor através do caso envolvendo a

⁶⁷⁸ Silva (2009) acrescentou que Gore era casado com uma ativista conservadora que tinha lutado durante anos contra letras de músicas “pornográficas”.

suposta invenção da internet pelo democrata, episódio que veio à tona no dia 09 de março de 1999, onde, durante seus tempos como legislador, Gore liderou a aprovação de alguns projetos de lei que favoreceram a implementação da internet⁶⁷⁹ e por isso disse, anos depois, que se considerava um dos seus criadores.

A fala de Gore rapidamente tornou-se motivo de piada por parte dos republicanos, como o exemplo do senador Trent Lott que, ridicularizando o candidato democrata, declarou ter inventado o cliques de papel e do deputado Dick Armey que afirmou ter criado o sistema interestadual de rodovias. Reymond (2004) explicou que as piadas em torno do tema só perderam força quando Robert Khan e Vinton Cerf, considerados os pais da internet declararam, mostrando-se bastante surpresos com os motivos da polêmica, que Al Gore foi o primeiro político a reconhecer a importância da internet e a ajudar a promover seu desenvolvimento.

Como outro exemplo da satirização ao candidato, Blumenthal (2003) narrou que, no dia 22 de julho de 1999, Gore tentou chamar a atenção para a questão ambiental, durante sua campanha na Nova Inglaterra, para isso, sua equipe fez uma foto dele remando no rio Connecticut em New Hampshire. No dia seguinte, ele foi acusado em uma notícia do *The Washington Times* de, para conseguir uma foto, liberar cerca de 4 bilhões de litros de água, ao abaixar o nível da represa, para melhorar a paisagem de fundo para a sua fotografia. Com isso, além de acusar o candidato ambientalista de desperdiçar água, eles ainda defendiam que a despesa relacionada ao desperdício causado por ele seria repassada para a população⁶⁸⁰.

A propaganda negativa criada pela imprensa e pelo Partido Republicano contra Gore era tamanha que, Reymond (2004) afirmou⁶⁸¹ que, entre março de 1999 até novembro de 2000, existiam na internet cerca de 2.684 artigos contendo falsas acusações contra o candidato democrata. Isso posto, o autor mostrou que, segundo um estudo do *The Project for Excellence in Journalism*, na cobertura da eleição de 2000 a maioria das notícias relacionadas à Gore eram negativas, entre elas, 42% apontavam que ele estaria envolvido em algum escândalo e 34% indicavam que ele tinha o hábito de mentir.

Essa rejeição à Gore por parte da imprensa foi observada, pelo autor, como um resultado do distanciamento e da aparente falta de paixão que o candidato transparecia. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Gore não foi o único exemplo de presidenciável a ser recusado pela mídia devido seu baixo carisma, durante a campanha presidencial de 2012,

⁶⁷⁹ Como o *The Supercomputer Network Study Act* (em 1986) e a *High Performance Computing Act* (em 1991)

⁶⁸⁰ A *Newsweek* chamou a foto de "Photo-op from Hell" (Foto para o Inferno).

⁶⁸¹ A partir de uma pesquisa simples feita no sistema de busca Google.

Mitt Romney também foi acusado de sofrer do mesmo problema e, conseqüentemente, afastar seus eleitores por causa disso.

Em uma entrevista que realizamos com membros da *American For Tax Reforms*⁶⁸²(ATR), Lorenzo Motanari, Adam Radman e Ryan Ellis (2013), Ellis comentou que esses mesmos motivos foram responsáveis pela derrota de Mitt Romney para Barack Hussein Obama, chegando a comparar o candidato republicano ao tradicional troféu do campeonato de futebol americano (NFL), que é uma representação de um jogador correndo com uma bola em uma das mãos e com a outra mão à frente como se estivesse pronto para repelir quem se aproximasse. Para ele, a população tinha motivos suficientes para não reeleger Obama e isso somente não ocorreu porque o Partido Republicano não conseguiu um candidato que possuísse carisma suficiente para ser o presidente do país⁶⁸³.

O fato é que, como indicou Reymond (2004), esses ataques a Gore, em meio a tantos outros, foram profundamente impactantes para o candidato democrata, ao ponto de, com a crise em sua imagem, estima-se que ele perdeu cerca de 3,5 milhões de votos, recebendo, segundo o *Center for Political Studies da Universidade de Michigan*, apenas 57% dos votos dos simpatizantes aos liberais.

Em meio a essa intensa disputa, Bush foi eleito em uma das mais intrigantes disputas eleitorais vivenciada pelo país, pois, Gore venceu a votação popular com 51.003.926 contra 50.460.110 votos de Bush⁶⁸⁴ e o candidato republicano venceu a disputa pelos colégios eleitorais por 271 a 266⁶⁸⁵. Aqui é importante destacar que de acordo com a leitura de Pereira (in Silva, 2008) o candidato republicano recebeu um total de 56% dos votos protestantes contra 42% para Gore, entre os evangélicos o resultado da votação foi de 68% para Bush contra 30% para Gore e a votação dos que se diziam secularistas foi 30% para Bush contra 61% para Gore.

⁶⁸²De acordo com o seu site oficial, a ATR é uma organização fundada em 1986 (a pedidos do presidente Reagan) por Grover Norquist e tem um forte caráter contra o aumento da carga tributária, controle de gastos governamentais e defesa do livre mercado. Atualmente ela tem escritórios na maioria dos estados do país e iniciou um projeto de expansão de suas ideias pelo mundo.

⁶⁸³O que coloca o futuro do movimento conservador e do próprio Partido Republicano atrelado a necessidade de encontrar um candidato carismático.

⁶⁸⁴Outros candidatos obtiveram uma quantidade mínima de votos, com destaque para Ralph Nader, do *Green Party* (Partido Verde), que teve cerca de 2.882.955 votos e Pat Buchanan que após tentar a indicação nas prévias republicanas concorreu pelo *Reform Party*, porém, com um sucesso bem menor do que o das eleições anteriores, obtendo apenas 448.895 votos.

⁶⁸⁵Essa foi a quarta vez que isso ocorreu na história dos EUA. Episódios semelhantes aconteceram na eleição de 1824 que elegeu John Quincy, na de 1876 de Rutherford B. Hayes e na de 1888 com a vitória de Benjamin Harrison.

Nesse sentido, quando pensamos a respeito da ideia da existência de uma separação total entre religiosos e secularistas na sociedade estadunidense, mesmo no exemplo da eleição considerada a mais polarizada da história do país, não encontramos uma total separação, ou seja, mais uma vez, não existiu uma unidade em torno dos votos religiosos, ou secularistas no país. Berlet (2003) mostrou que apesar da direita cristã, mais uma vez, tentar enfatizar, em sua campanha através de malas diretas, uma união eleitoral entre os evangélicos do país, isso não se mostrou tão claro nos resultados eleitorais. Para explicar isso, ele citou o exemplo dos eleitores evangélicos afro-americanos, que embora defendessem muitos pontos da agenda cultural conservadora⁶⁸⁶, de uma maneira geral, votavam em candidatos democratas. Outro exemplo, apontado pelo autor, que é bastante ilustrativo sobre essa não unidade foi o fato de que, dos eleitores que se declararam alinhados à direita religiosa, apenas 79% votaram em Bush, o que mostrou que, mesmo dentro do movimento, não existia um direcionamento total das votações no Partido Republicano.

Contudo, o fato é que para a mídia e para os defensores da existência de uma Guerra Cultural no país a imagem de polarização continuava em alta, ao ponto da proximidade entre os candidatos levantar uma série de dúvidas sobre a eficiência⁶⁸⁷ e honestidade da contagem de votos no país, sobretudo, porque a decisão em torno da eleição ficou, justamente para a Flórida, que era governada por Jeb Bush (irmão do candidato republicano), e indicou George W. Bush como o vencedor no estado⁶⁸⁸ com 2.912.790 contra 2.912.253 do candidato democrata.

De acordo com o documentário dirigido por Richard Ray Pérez (2010), muitos dos eleitores do estado, principalmente afro-americanos, que votavam em peso no Partido Democrata, tiveram seus nomes retirados das listas de votação, sendo impedidos de votar⁶⁸⁹. Apesar de toda a lógica conspiratória existente nesses argumentos, eles são importantes pois trazem à tona o forte caráter ideológico presente na polarização política do país que fazia com que tudo fosse visto como um resultado da manipulação de um dos lados da disputa.

⁶⁸⁶No geral evangélicos afro-americanos são mais conservadores que evangélicos brancos principalmente em temas como a homossexualidade.

⁶⁸⁷O principal questionamento a respeito da recontagem de votos na eleição estava no fato de que muitas das cédulas de votação eram extremamente confusas, o que dificultavam o trabalho, ao mesmo tempo em que, muitos votos foram descartados pelo fato dos eleitores as assinalarem no lugar errado.

⁶⁸⁸Com isso, Bush conseguiu os 25 delegados do colégio eleitoral do estado.

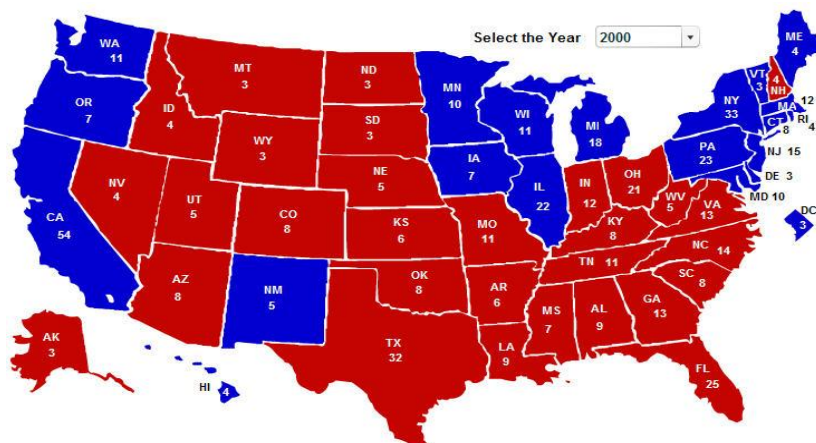
⁶⁸⁹O documentário acrescentou que não foi a primeira vez que o fato ocorreu no estado, constando que, na eleição de 1998, que elegeu Jeb Bush como governador da Flórida, reclamações semelhantes foram apontadas, indicando que alguns eleitores chegaram a ser presos sem aparente motivo para não comparecerem as votações.

Logicamente, em um processo eleitoral que vivia o auge da fomentação da polarização política e, em um momento, onde era constantemente afirmada a existência de uma Guerra Cultural, a disputa em torno da recontagem dos votos ganhou em proporção, primeiro devido aos 19 dias⁶⁹⁰ que ela demorou para se chegar no resultado final⁶⁹¹ e depois, porque a decisão ficou acabo da Suprema Corte⁶⁹².

Como apontaram Hetherington e Weiler (2009) as teorias mais conspiratórias davam conta de que a decisão a favor de Bush ocorreu motivada pela composição da instituição, repleta de juízes conservadores indicados pelo Partido Republicano durante os governos Reagan e George H. W. Bush.

O fato é que essa disputa eleitoral tão próxima auxiliou a crença na ideia de que o país estava totalmente dividido e o crescimento do debate em torno de temas culturais e de questões religiosas na campanha de Bush faziam com que a ideia da existência de uma Guerra Cultural continuasse extremamente presente, sobretudo, quando era representado o mapa eleitoral (**Mapa III**) pós eleição:

Mapa III Separação Bush (vermelho) e Gore (azul) eleição de 2000.



Fonte: <<http://politicalpulse.wordpress.com/>>.

⁶⁹⁰O documentário *Journeys With George*, dirigido por Pelosi e Lubarski (2002), ao qual, a jornalista Alexandra Pelosi acompanhou a campanha de George W. Bush desde as prévias até a sua eleição, apontou a frustração que o final das eleições sem um presidente causou no país.

⁶⁹¹Deixando no ar uma incerteza sobre quem realmente teria vencido as eleições e proporcionando uma incessante cobertura sobre o caso que ajudava na produção de comentários que levantavam dúvida sobre o pleito.

⁶⁹²Os republicanos venceram o primeiro julgamento e, após os democratas recorrerem, eles foram vitoriosos também no segundo.

É importante destacar nesse mapa, a forte divisão espacial marcada pelo controle do candidato republicano nos estados que pertenciam ao antigo sul, o que foi utilizado como argumento pelos defensores da existência de uma Guerra Cultural no país para justificar uma separação cultural entre o sul conservador/religioso e o norte liberal/secular. Aqui reforçamos que essa separação não é algo tão concreto assim, porque os mapas eleitorais apenas indicam a vitória do candidato em uma eleição específica. O sistema eleitoral estadunidense contribui para esse tipo de confusão, pois, o candidato que consegue mais delegados em um estado ganha o voto de todos os delegados desse estado⁶⁹³, ou seja, um estado visto como vermelho/conservador/republicano pode, facilmente, ter os votos de sua população divididos em 49% contra 51% e, mesmo assim, ser indicado nos mapas eleitorais como um estado vermelho.

No caso da eleição de 2000, a vitória apertada no executivo, foi acompanhada por um controle republicano no legislativo do país, onde, o partido conseguiu 221 deputados contra 212 democratas e no Senado a nova disputa eleitoral foi ainda mais dividida com 50 senadores republicanos contra 50 democratas, o que deixava a maioria com os republicanos, visto que, o voto de desempate ficaria a cargo do vice-presidente eleito Dick Cheney. A questão aqui é que, se nos anos anteriores, a revolução republicana foi barrada pelo presidente e pelo Senado, agora ela continuava impossibilitada, pois, os republicanos não tinham os 2/3 do Senado para aprovar projetos de maneira inquestionável, o que novamente forçava o debate em torno das principais decisões do país.

6.2 George W. Bush e o último suspiro da direita religiosa.

Para realizar uma análise sobre a importância da ideia de Guerra Cultural para a presidência George W. Bush, a segunda parte do capítulo propõe estabelecer um rápido roteiro, dialogando com as transformações ocorridas durante os oito anos da administração, destacando assim a influência dos atentados terroristas nesse processo. Nesse sentido, pretende-se esclarecer como o primeiro mandato do governo representou um grande ganho para os movimentos conservadores que fomentavam a ideia de Guerra Cultural.

Com isso, a primeira questão a ser debatida aqui é como, Bush foi, no decorrer do primeiro ano de seu mandato, cercado por uma constante desconfiança em torno de sua

⁶⁹³Sistema *The Winner Takes All* (o vencedor leva tudo).

vitória, afinal, ele era o presidente eleito contra a vontade da maioria da população e isso, por si só, motivava uma aprovação relativamente baixa de seu trabalho⁶⁹⁴, que variou entre 50 e 60%⁶⁹⁵ a partir do mês de fevereiro de 2001 e início de setembro de 2001.

Muito dessa rejeição vinha do simples fato dele ser texano, um estado que durante os últimos anos ganhou um rótulo de ser profundamente conservador, além disso, o presidente era visto como esnobe e elitista por ser um membro da família Bush, ao mesmo tempo em que, devido a sua relação com setores religiosos conservadores, grande parte da população do país e do mundo o relacionava a baixa inteligência e a pouco estudo⁶⁹⁶.

Em meio essa grande rejeição, as primeiras ações da administração Bush procuravam estabelecer um diálogo com o Partido Democrata, rompendo um pouco da exagerada polarização que havia sido fomentada pelo seu próprio partido durante a administração Clinton⁶⁹⁷. Como reflexo disso, Bush indicou um gabinete a partir de três bases centrais que consistiam em um foco estratégico (em torno de Karl Rove), outro que se preocupava com a ampliação do diálogo com legislativo (com a indicação de Nick Calio⁶⁹⁸) e um terceiro centrado na comunicação (com Karen Hughes).

Em consequência, as suas primeiras indicações para formar a equipe de governo tiveram uma característica bastante pluralista, englobando a indicação de várias mulheres, como a própria Hughes, além de, Gale A. Norton (2001-2006) como Secretária do Interior, Ann Veneman (2001-2005) para a Secretaria de Agricultura, Cristine Todd Whitman (2001-2003) para a Agência de Proteção Ambiental, a imigrante chinesa Elaine Chao (2001-2009) para a Secretaria do Trabalho⁶⁹⁹.

Dentro desse espírito, Bush foi o primeiro presidente a indicar um exilado cubano para um cargo importante do governo, com Melquiades Rafael Martinez (2001-2003) como secretário da habitação e desenvolvimento urbano e incluiu os afro-americanos Colin Powell na Secretaria de Estado (2001-2005) e Roderick Paige (2001-2005) para a Secretaria de Educação. Essa tendência pluralista manteve-se após a sua reeleição em 2004, com a entrada

⁶⁹⁴Dados do Gallup.com disponíveis em: <<http://www.gallup.com/poll/116500/presidential-approval-ratings-george-bush.aspx>>.

⁶⁹⁵Valores baixos para um presidente recém-eleito.

⁶⁹⁶O fato dele ser presidente logo após Bill Clinton, que primava pela sua imagem bem educada, dificultava ainda mais a imagem do novo presidente.

⁶⁹⁷É claro que isso era motivado pelo controle da política do país pelo partido que, ao deixar de ser uma das oposições mais ferrenhas, agora discursava em prol da união política.

⁶⁹⁸Calio é um dos principais lobistas dos EUA e ocupou o cargo de assistente do presidente para assuntos legislativos.

⁶⁹⁹O nome da neoconservadora Linda Chavez foi cogitado para assumir a pasta, mas, ela se envolveu em um escândalo por ter auxiliado uma imigrante ilegal e foi descartada.

de Condoleeza Rice (2005-2009) para a vaga de Powell e a indicação do latino Alberto Gonzáles (2005-2007) para o cargo de procurador geral.

A importância de se destacar a pluralidade presente nos principais cargos da administração existe para que se possa discutir as suas transformações. Nesse sentido, é importante destacar o retorno da aliança do presidente com a direita religiosa, que certamente interferiu em seus principais posicionamentos sobre temas culturais.

Em um caminho paralelo ao posicionamento, inicialmente, moderado da administração, Lieven (2005) citou que a direita religiosa, especialmente, a *Christian Coalition*, novamente ampliou seu prestígio durante as eleições de 2000, sobretudo, pelo seu apoio aos candidatos republicanos eleitos. Para o autor, 29 senadores e 125 deputados elegeram-se com alguma forma de apoio da organização, ou ainda, votavam alinhados aos princípios dela, entre eles, 15 senadores e 64 deputados vinham do “grande sul”, reforçando a ideia de divisão territorial do país.

Dentro dessa conjuntura, após Bush ser eleito, vários evangélicos tiveram acesso a cargos em diversos níveis de sua administração. Contudo, Shogan (2002) mostrou que as lideranças da direita religiosa tinham profundo interesse em conseguir a indicação para dois cargos no governo a Secretaria de Saúde e Serviços Humanos⁷⁰⁰ e a indicação de um de seus membros para a Procuradoria Geral⁷⁰¹. Logicamente, o controle desses dois gabinetes fariam com que a direita religiosa colocasse em prática os principais programas vinculados a ideia de Guerra Cultural, afinal, todas as discussões relacionadas à saúde, auxílio social e todos os apontamentos legais da administração passariam por uma análise do movimento antes de chegar ao presidente.

Bush indicou o ex-governador de Wisconsin, o católico Tommy Thompson⁷⁰² para a Secretaria de Saúde e Serviços Humanos, que apesar de ser antiaborto⁷⁰³ não era propriamente ligado à direita religiosa. Sua indicação não foi bem aceita pela minoria democrata no legislativo, porém, a indicação que causou a maior polêmica, foi a escolha de John Ashcroft como procurador geral (2001-2005). Utter e Storey (2007) explicaram que Ashcroft era um cristão bastante conservador, membro da Assembleia de Deus, que não bebia, não fumava, não dançava, se opunha ao aborto e aos programas de ação afirmativa, apontando também

⁷⁰⁰Que teria como função auxiliar o presidente em questões como saúde e programas assistenciais.

⁷⁰¹Fazendo a intermediação entre todos os assuntos ligados a questões legais para o presidente. Ashcroft teve um papel central anos depois para a aprovação do *Patriotic Act*.

⁷⁰²Que ficou no cargo de 2001 até 2004.

⁷⁰³O que motivou a oposição de organizações pró-aborto a sua indicação.

que, sua indicação foi muito comemorada por Robertson e por outros líderes da direita religiosa como Louis P. Sheldon da *Traditional Values Coalition*⁷⁰⁴.

Assim, Bush organizou seu governo entre duas tendências, uma que mostrava moderação e pluralidade e outra que incluía setores conservadores e religiosos e ampliava a participação desses grupos na política do país. Nesse sentido, em termos de indicações, a administração Bush dava um passo importante para o fim da polarização política no país e outro em direção ao crescimento dela.

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 foram um ponto central para a transformação da administração, uma vez que até eles, o presidente republicano não possuía uma grande aprovação popular ao seu governo. Nesse sentido, é importante destacar que mesmo com relação a política externa, Bush defendia pontos diferenciados dos que ficaram anos depois marcados como característicos de sua administração, onde em muitos momentos, ainda durante sua campanha, ele questionava o excessivo envolvimento de Clinton em conflitos pelo mundo e considerava que os Estados Unidos deveriam se relacionar o mínimo possível com questões de segurança internacional, até mesmo, sugerindo que o país não participasse de missões de paz da ONU⁷⁰⁵. Ao mesmo tempo, a política externa de Bush focava na retirada do país de acordos internacionais como o protocolo de Kyoto, do Tribunal Internacional Penal e do Tratado Antimísseis Balísticos⁷⁰⁶.

Como explicou Lieven (2005), a questão envolvendo segurança não era uma das maiores preocupações do país durante a campanha presidencial de 2000 e, mesmo entre os partidários de George W. Bush, apenas 6% tinham segurança nacional como principal preocupação⁷⁰⁷, de maneira que, a maioria dos seus eleitores se preocupava com questões como a redução dos impostos e dos números de abortos, sendo apontadas por 22% dos consultados para cada tema.

Assim, é importante destacar o tanto que os atentados de 11 de setembro de 2001 subverteram a lógica do país e o direcionaram para uma estranha efervescência social que levou os EUA a uma agressiva reação, que ia além do pavor pelos acontecimentos e se

⁷⁰⁴Segundo o site oficial da organização, eles foram fundados em 1980 pelo reverendo Louis P. Sheldon e atualmente é o maior grupos não confessional de ativistas religiosos, atuando em 43.000 igrejas e falando para milhões de patriotas pelo país. <<http://www.traditionalvalues.org/content/about>>.

⁷⁰⁵Apesar de Lieven (2005) acrescentar que tanto Bush, quanto Gore defendiam em suas campanhas o papel messiânico dos EUA no mundo, que o país deveria ser um líder para o mundo, ou seja, essa liderança passaria longe do uso da força militar.

⁷⁰⁶Que possibilitaria a implementação do escudo antimísseis no país.

⁷⁰⁷O tema ocupava apenas a sétima posição como a principal preocupação da população do país.

pautava em uma explosão de novas teorias conspiratórias que colaboraram com a entrada do país na Guerra.

O sociólogo Barkun (2003) mostrou como a ideia de conspiração sempre esteve presente na imaginação estadunidense, como exemplo destacam-se: a dúvida sobre o governo esconder a existência de óvnis, a incredibilidade sobre a versão oficial do assassinato de Kenedy, até as constantes crenças a respeito do fim do mundo⁷⁰⁸. Para o autor, elas historicamente concentram-se dentro de três premissas que se resumem em: nada acontece por acaso, nada é o que se vê e por último a ideia de que tudo está conectado, definindo: “Para nosso propósito, a crença na conspiração é a crença que uma organização composta por indivíduos ou grupos estava ou está atuando encoberta para um fim malévolo”. (BARKUN, 2003, p.3).

Nesse sentido, o autor discutiu que as teorias de conspiração refletiram-se no dia-a-dia do país após os atentados, o que trouxe consigo uma série de suposições em torno do evento, que iam dos boatos de que o governo teria facilitado (ou realizado) os atentados, até a ideia de que Nostradamus previu os atentados em suas profecias. Como exemplo disso, destacou-se a tradicional imagem que circulou na internet após o atentado, onde, das fumaças do destruído *World Trade Center* surgia a imagem do demônio. Junto a isso, o autor acrescentou que evangelistas como John Hagee⁷⁰⁹ observaram que os ataques eram um sinal de que a Terceira Guerra Mundial estaria à caminho e, pelo mesmo motivo, outro evangelista, Arno Froese⁷¹⁰, pregou que o ataque era uma mensagem clara, para quem acreditava em Deus, de que estaria chegando o fim dos tempos.

Dentre todas essas teorias sem dúvida a mais recorrente era a ideia de que o mundo caminhava para o final dos tempos, o autor acrescentou que, mesmo para muitos ao redor do mundo, o dia após o 11 de setembro era visto como algo de proporções apocalípticas, como exemplo, ele destacou a reportagem de capa do *London Daily Mail* que trazia a manchete “Apocalipse”.

⁷⁰⁸ Crenças que durante a história dos EUA apareceram em episódios assustadores como o massacre que levou a morte 914 seguidores de Jim Jones, em 1978, e foi retratado no documentário da PBS, *Jonestown. The Life and Death of Peoples Temple*, dirigido por Stanley Nelson (2006).

⁷⁰⁹ Hagee é um televangelista estadunidense que tem como uma de suas causas principais o apoio a Israel, mais sobre o pastor pode ser encontrado no site do seu ministério: <<http://www.jhm.org/>>.

⁷¹⁰ Froese é diretor executivo do *Midnight Call*, que tem como objetivo divulgar a bíblia e preparar as pessoas para a segunda vinda de Jesus. Ele defende que a vinda do anticristo está próxima, a partir do momento em que a Igreja for removida da vida da população, suas teorias sobre o apocalipse são sempre presentes e a cada novo grande acontecimento da história mundial ele surge apontando ser um sinal do final dos tempos. Mais informações sobre o ministro podem ser encontrada no site: <<http://www.midnightcall.com/>>.

Essa efervescência era ampliada com a constatação de que grupos terroristas do Oriente Médio foram responsáveis pelos ataques, o que colaborava com as crenças pré-milenaristas que percebiam a região como o lugar onde ocorreria a batalha do final dos tempos e o final da história. Barkun (2003) destacou que após a queda da União Soviética e a primeira vitória sobre o Iraque (em 1991), a região tornara-se politicamente marginalizada e após os atentados ela voltou ao centro da atenção pública.

A ideia de conspiração espalhou-se, rapidamente e é lógico que não passaria sem motivar estrondos dentro das principais lideranças da direita religiosa no país, o que pode ser visto, pela reação de Falwell, sob forte concordância de Pat Robertson, que rapidamente, dentro da agenda polarizada defendida por eles, acusou a ACLU, a agenda liberal e os homossexuais de serem responsáveis pelo ataque, clamando que Deus somente permitiria a ocorrência de uma tragédia como essa no país, como uma espécie de punição aos pecadores⁷¹¹. A fala do pastor chocou o país, que sem sombra de dúvida, necessitava de argumentos mais apaziguadores no momento, como a declaração de Billy Graham (2011) que em um sentido oposto e seguindo seu papel de consolador da nação, declarou ser um momento para a união, e que embora não conseguisse explicar os motivos para Deus permitir que algo assim ocorresse, ele acreditava que Deus cuidava dos americanos, não importando qual era a origem étnica, religiosa ou política.

De acordo com Shogan (2002), após a fala de Falwell e Robertson, líderes de movimentos feministas e homossexuais como Katherine Spillar⁷¹², Gwen Baldwin⁷¹³ e Ralph Neas⁷¹⁴ aproveitaram a oportunidade para denunciar o extremismo religioso no país. Junto a isso, com o descontentamento de grande parte da população com a fala dos pastores conservadores, Bush declarou, através de seus assessores da Casa Branca, que ele não compactuava com essas visões e que as considerava inapropriadas, o que foi seguido pela declaração do presidente que apontava que os únicos culpados pelos atentados eram os terroristas⁷¹⁵.

Após a repercussão negativa, Robertson veio a público novamente, só que, desta vez, em um tom de desculpa, declarando que a fala de Falwell veio em um momento de incompreensão do que estava ocorrendo no mundo⁷¹⁶. Esse pedido de desculpa foi motivado

⁷¹¹ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=H-CACdta_8I>.

⁷¹² Vice-presidente da *Feminist Majority Foundation*.

⁷¹³ Diretor do *Los Angeles Gay & Lesbian Center*.

⁷¹⁴ Presidente do *People from American Way*.

⁷¹⁵ Bush fez um grande esforço para desvincular a imagem dos mulçumanos ao terrorismo, chegando a visitar mesquitas e a recriminar ataques ocorridos a elas no pós 11 de setembro.

⁷¹⁶ Falwell manteve seu posicionamento durante os anos que se seguiram a tragédia.

por um sentimento que parecia crescer nos EUA após o ataque e que indicava para uma união em torno de um forte sentimento de doação que se expandia entre os americanos no pós-atentados. Shimabukuro (in Silva, 2008) apontou que cresceram as doações de sangue e o apoio às famílias vítimas da tragédia, a ampliação da participação de pessoas na busca de sobreviventes e uma verdadeira explosão na audiência dos cultos religiosos⁷¹⁷.

Junto a isso, muito do discurso cultural polarizado e das dúvidas em torno da eleição do presidente republicano foram soterrados sob os escombros dos atentados, sendo substituídos por um forte sentimento patriótico que colocava a ideia de ser americano como algo mais importante do que qualquer outra opinião, valor ou crença para a população.

Diferenças de opinião sobre temas como aborto, embriões congelados para pesquisa de células-tronco, e mesmo a controversa eleição do presidente Bush (e a legitimidade de ele estar no poder) foram deixadas de lado. A noção de uma América conservadora e uma América liberal (respectivamente *Red America* e *Blue America*, as cores que representam respectivamente os Partidos Republicano e Democrata em mapas eleitorais) passou a ser ignorada: agora havia apenas a América. (SHIMABUKURU (in SILVA, 2008, p.163).

Ao mesmo tempo, a resposta formulada pela administração Bush aos ataques terroristas estava intimamente ligada a uma lógica conservadora religiosa, que vinha crescendo no país durante as últimas décadas, e, claramente, estabelecia a luta contra o terrorismo como uma nova batalha entre o bem e o mal. Como consequência, ela pontuava para os seus opositores uma ideia de você está conosco ou contra, e isso se refletia, tanto com relação a outros países, como dentro da disputa entre democratas e republicanos. Nesse sentido, a entrada dos EUA nas guerras tinha um apoio incontestado da maioria dos políticos⁷¹⁸, da mídia e da população do país.

Novamente a lógica da existência de um inimigo externo era imposta na história estadunidense, o que possibilitava aos partidários de Bush analisar que as críticas advindas da oposição e de outros países, como de alguns membros da União Europeia, eram motivadas por atributos religiosos, ou no caso antirreligiosos, já que, para eles o ateísmo estaria em alta no velho continente.

Se a política externa se tornou nebulosa após os atentados, era, sobretudo, no medo do que acontecia no interior das fronteiras que residia as principais preocupações de setores conservadores do país, nesse sentido, uma forte preocupação com a definição de quem

⁷¹⁷Que para o autor durou apenas durante algumas semanas depois do evento, como um reflexo natural da necessidade de apoio espiritual após a tragédia e retornando aos níveis normais depois disso.

⁷¹⁸ Vale apontar que quando Bush anunciou a entrada na Guerra do Iraque ele foi fartamente aplaudido, tanto por democratas quanto por republicanos.

realmente eram os americanos acabava se destacando dentro de leituras como a de Buchanan (2002)⁷¹⁹, Huntington (2004)⁷²⁰, entre outras.

Em meio ao crescimento das temáticas conservadoras ocorreu também uma forte ampliação do fechamento em torno da educação de jovens cristãos dentro de uma ideia de fomentação de Guerra Cultural no país. Exemplos como o *Kids on Fire* mostrado no documentário *Jesus Camp*, dirigido por Edwing (2006), mostram como as crianças cristãs estão sendo treinadas para serem “guerreiros de Deus”. Essa percepção é destacada pela atuação das universidades cristãs⁷²¹ e pelos programas de *Homeschooling*⁷²², o que indica que jovens cristãos são educados, não apenas, para enxergar a Bíblia como única verdade, mas também, para argumentar quando sua fé é confrontado pelos não-crentes. Esses novos jovens cristãos vêm se tornando incrivelmente hábeis para debater a respeito de temas como a teoria da evolução, questões como aquecimento global e para defender o casamento e o modo de vida cristão conservador.

Nesse sentido, percebesse que existem dois caminhos derivados da ideia de Guerra Cultural, um primeiro que pode ser apontado dentro de uma lógica de confronto, que podemos identificar no documentário, a partir da fala da missionária Beck Fisher. Ela destaca que o enfoque da educação no acampamento *Kids on Fire* constrói-se a partir do argumento de que no mundo todo, crianças são treinadas para serem soldados e pegar em armas e que nos Estados Unidos as crianças devem ser treinadas para pegar a Bíblia e defender a família e a religião.

Aqui a separação acaba se tornando clara, uma vez que, essas crianças são educadas para acreditar que existem dois tipos de pessoas no mundo, as que amam Jesus e as que não amam Jesus. Assim, novamente o binômio polarizado é inserido na educação das crianças que crescem acreditando que não podem acreditar ou gostar de nada além do que lhes é dito na Igreja⁷²³.

O segundo enfoque pode ser destacado pela atuação das universidades cristãs, onde, esse modelo radical é constantemente colocado à prova, pois, a necessidade de se criar

⁷¹⁹Que fazia uma análise bastante contundente a partir de dados demográficos, indicando que a Civilização Ocidental caminhava para seu extermínio devido a fatores como imigrações, envelhecimento e expansão do islamismo (especialmente na Europa).

⁷²⁰Que defendia que a identidade cultural e política do país vinham sendo ameaçadas por uma identidade hostil advinda das crescentes levas de imigrantes, lançando por esse motivo um manifesto em defesa da cultura anglo-saxã e fortes críticas contra projetos como a educação bilíngue.

⁷²¹Como a *Liberty University* e a *Regent University*.

⁷²²75% das crianças educadas exclusivamente em casa são evangélicas.

⁷²³Como podemos perceber no exemplo clássico dado no filme, onde, as crianças não podem gostar de Harry Potter por ele ser um bruxo e por lidar com magia.

competitividade e profissionais para conviver com o mundo exterior faz com que estipulem regras rígidas aos alunos⁷²⁴, ao mesmo tempo em que, modernizam a maneira de defender os temas cristão e as instituições⁷²⁵. Dentro dessa lógica, foi com grande estranhamento que nos deparamos com esse mundo⁷²⁶, quando visitamos a *Liberty University* e encontramos uma grande quantidade de normas com estudantes em dormitórios separados por gênero, vivendo sobre a proibição do contato físico entre namorados e declarando abertamente que o sexo existia apenas para a reprodução.

Por outro lado, com o desenvolvimento da educação cristã, jovens pelo país são educados para argumentar intelectual em defesa de suas crenças. Essa postura diminui o radicalismo e traz a disputa cultural para uma questão intelectual, uma vez que deixa para segundo plano o embate físico, como no exemplo das vigílias em frente as clínicas de aborto e transfere seu enfoque para o desenvolvimento de políticas públicas alternativas que possam reduzir a necessidade das mulheres de realizar abortos, como programas que defendem a abstinência e projetos que incentivam a adoção⁷²⁷.

Do mesmo modo, Wilcox e Bartkowski (in DIONNE; DILULIO, 2000) mostraram que a defesa da família tradicional protestante, por parte de setores religiosos conservadores, vem alterando a própria concepção de família. Agora a família protestante faz com que o pai tenha um papel crucial, também na educação dos filhos, como uma forma de salvar a família a partir da autoridade parental e por um maior envolvimento na casa e na vida dos filhos. Nesse sentido, estende-se uma rede de proteção à família formada pela autoridade dos pais, associada a um forte suporte social por parte da comunidade religiosa e um controle das igrejas sobre o dia-a-dia das famílias.

Retornando ao debate em torno da administração Bush, em meio a exaltadas reações pós-ataques e a invasão do Afeganistão em 2001, o final do ano representou um ganho de

⁷²⁴Nesse sentido, o livro de Roose (2009) que narrou a experiência do autor no tempo em que era aluno da *Brown University* e decidiu fazer um semestre de intercâmbio na *Liberty University*, fingindo ser um cristão, é profundamente esclarecedor sobre as normas da universidade.

⁷²⁵O caso da *Liberty University* é o mais destacado nesse sentido, visto que, em nossa visita guiada na instituição nos deparamos com uma universidade totalmente digitalizada, onde, o professor passa o conteúdo das disciplinas para os alunos através de um *tablet* que projeta as equações na lousa e as envia diretamente para os aparelhos dos alunos. A utilização desse modelo parte da ideia de que isso acelera o processo de aprendizado, pois, os alunos não precisam perder tempo copiando e nem o professor precisa virar as costas para os alunos durante as aulas. Nesse sentido, a utilização da tecnologia dentro da universidade a coloca como uma das mais modernas do país.

⁷²⁶Em nosso trabalho de campo tivemos a oportunidade de fazer uma visita guiada pela instituição e de entrevistar dois de seus alunos.

⁷²⁷ A intelectual conservadora, do *Concerned Women for America*, Janice Shaw Crouse, em entrevista para o autor, quando questionada dos motivos que fizeram a ideia de Guerra Cultural desaparecer, disse que os movimentos conservadores ganharam em sofisticação por isso eles passaram a preferir outros temas para denominar suas lutas.

confiança para ela e impulsionou as eleições legislativas do ano seguinte, já que, a aprovação do trabalho do presidente variou, durante os meses que se seguiram aos atentados até o final de 2001, em torno de 85 e 90% e, durante o ano de 2002, ela esteve sempre acima de 60%⁷²⁸. Esse apoio popular fazia com que o Partido Republicano ampliasse seu domínio no Senado, contando agora com 51 senadores contra 48 democratas, e na Câmara de Deputados com 229 contra 212 do partido rival.

Nesse cenário novamente as lideranças da direita religiosa tiveram um importante papel, aproveitando-se do revivamento religioso e do forte senso patriótico que os atentados provocaram, eles mobilizaram os conservadores religiosos para apoiar a entrada do país nas guerras contra o Afeganistão e posteriormente contra o Iraque. Assim, a hoje tão criticada Guerra do Iraque teve em seu início um forte apoio popular, comprovado a partir da análise da pesquisa publicada pelo Gallup⁷²⁹ sobre a opinião pública a respeito dela⁷³⁰, realizada entre os dias 21 e 23 junho de 2004 a porcentagem de entrevistados que consideram um erro ter enviado tropas para o Iraque ultrapassou a dos que não acreditavam ser um erro.

Pelos dados presentes no relatório, a opinião da população sobre o tema era bastante dividida, de maneira que, a contrariedade a respeito do envio das tropas atingiu seu valor máximo em abril de 2008, chegando a 63% dos entrevistados, porém, o índice de contrários na maioria das pesquisas manteve abaixo de 60%. A pesquisa mostrou que a maioria dos entrevistados considerava que o Iraque se tornou um país de certa forma melhor após a invasão.

Apesar de ser praticamente inevitável discutir os episódios envolvendo as duas guerras iniciadas durante a administração Bush, a intenção desse capítulo não se concentra em debater, propriamente, a participação dos EUA nelas. Mesmo sendo a principal memória de muitos sobre a administração do presidente republicano e o papel que tiveram no fortalecimento de correntes neoconservadoras apenas algumas questões se mostram relevantes para a pesquisa.

Com isso, é mais importante para nossa análise entender que a Guerra Contra o Terror teve uma importância fundamental nas eleições de 2002, ampliando a liderança do Partido Republicano no legislativo do país e que ela colaborou com a contundente reeleição do presidente em uma disputa contra o democrata John Kerry em 2004, do que, propriamente, os motivos que fizeram os EUA intervirem no Iraque sob a alegação de que o país armazenava

⁷²⁸ Segundo o relatório do Gallup, disponível em: <<http://www.gallup.com/poll/116500/presidential-approval-ratings-george-bush.aspx>>.

⁷²⁹ Disponível em: <<http://www.gallup.com/poll/1633/iraq.aspx>>.

⁷³⁰ Que ia de março de 2003 à março de 2013.

armas químicas⁷³¹. Dessa forma, para fechar a questão envolvendo a Guerra Contra o Terror e possamos retornar à explicação dos efeitos sobre a política do país, vale ainda destacar o impacto que elas causaram dentro de legislações que reprimiam a liberdade individual⁷³², ampliavam a rejeição aos imigrantes e o controle sobre a imigração e como enfraqueceu os principais projetos sociais governamentais para destinar um orçamento cada vez maior para os setores militares.

Dentro deste quadro, a segunda eleição de Bush foi bastante emblemática, por trazer, novamente, uma significativa discussão em torno da existência de uma Guerra Cultural no país, desta vez, a partir de leituras que apontavam o enorme papel da religião na disputa. Lieven (2005) destacou alguns dados que indicavam o crescimento da religiosidade nos EUA durante o período, para o autor, a religião foi tão significativa para as campanhas que muitos candidatos democratas passaram a dizer que tinham descoberto Jesus e cerca de 7 a 12% da população branca do país apoiou abertamente a direita cristã no decorrer do pleito.

O autor chamou atenção à respeito de como isso ampliou o poder dos movimentos conservadores religiosos na sociedade, pois, sua influência consiste em mobilizar um eleitorado fortemente motivado a comparecer às urnas, o que foi reforçado pelos efeitos da, cada vez maiores, da baixa participação nas eleições americanas. O exemplo da eleição de 2002, para o Senado e para a Câmara, é determinante para se entender essa relação afinal, os republicanos foram vitoriosos, conseguindo muitas cadeiras em uma eleição, ao qual, apenas aproximadamente 15% dos americanos que poderiam votar compareceram às urnas, representando um total de 41.689.666 eleitores. Com isso, pode-se concluir que a relação entre baixa participação nas eleições, somadas ao crescimento do apoio de grupos específicos da população à direita religiosa favoreceriam a ampliação da relevância de grupos radicais nas eleições.

Pensando propriamente na eleição de 2004, George W. Bush venceu com 62.028.285 votos populares (50.7%) contra 59.028.109 (48.3%) de Kerry, e também conseguiu uma vitória por 286 a 251 nos colégios eleitorais. Isso indicava que, finalmente, Bush conseguira ser eleito sem dúvidas ou questionamentos, mais do que isso, ele não foi, em momento algum, ameaçado pelo candidato democrata durante a sua campanha. O sucesso dessa nova eleição estendia-se para todo o Partido Republicano que ampliou seu domínio no Senado, agora atingindo 55 senadores contra 44 democratas, e na Câmara, com o seu número de

⁷³¹Que com o passar do tempo nunca foram encontradas.

⁷³²Como o exemplo do *Patriotic Act*, liderado por procurador geral John Ashcroft.

representantes saltando para 232 contra 202 democratas, o que representava um controle ainda maior do partido sobre o país.

A incontestável vitória republicana somada ao crescimento dos movimentos de caráter conservador religioso, motivou o surgimento de uma série de pesquisas que procuravam identificar, até que ponto, a religião era determinante para os partidos políticos, para os EUA e para as eleições de 2004. Entre elas, destacam-se as análises realizadas pelo *The Pew Religion Forum on Religion & Public Life*, como a de Green (2007), que constatava que a afiliação e a frequência religiosa tinham um forte impacto nas eleições, afinal, Bush recebeu 79% dos votos evangélicos⁷³³, enquanto Kerry teve 83% dos votos dos protestantes afro-americanos. A importância desses números se tornaram ainda maior quando se inseria a variável frequência religiosa na análise e constatava-se que 82% dos evangélicos, que frequentavam a igreja pelo menos uma vez por semana, votaram em Bush e 92% dos protestantes afro-americanos, que iam ao culto pelo menos uma vez na semana, votaram em Kerry.

Entretanto, apesar desses dados serem profundamente conclusivos em sua indicação de uma forte diferenciação entre o apoio das congregações religiosas a cada um dos candidatos, considera-se aqui que outros fatores além da questão religiosa, contribuíram para tão forte divisão entre o apoio desses grupos a cada um dos candidatos. Com isso, destaca-se o forte peso do componente racial, historicamente notável, que, apesar de protestantes afro-americanos serem tradicionalmente mais conservadores do que os protestantes brancos⁷³⁴, afro-americanos tem uma ligação histórica com o Partido Democrata. Da mesma forma, o grupo de evangélicos, composto majoritariamente por brancos conservadores, estabeleceu uma ligação eleitoral com Partido Republicano desde a campanha de Goldwater em 1964, o que pode explicar de outra maneira a questão envolvendo os motivos que fizeram os dois grupos religiosos votar em bloco durante a eleição de 2004.

⁷³³Em outra leitura, Silva (2008) mostrou que os renascidos (*Born Again*) votaram maciçamente em Bush em sua reeleição, com 78% deles apoiando o republicano, junto a isso, entre os eleitores que consideravam a fé religiosa como a qualidade mais importante para se eleger um candidato (que representavam 9% do total dos eleitores que votaram no país) 91% votou para Bush.

⁷³⁴O conservadorismo dos protestantes afro-americanos é tão grande que, em uma entrevista que realizamos com o comentarista político Michael Barone (2013) ele indicou que com a maior aceitação de valores liberais pela sociedade e com uma reestruturação dos partidos no último ano. Marcada pelo apoio de Barack Obama e também vários políticos republicanos conservadores ao casamento homossexual, o grupo que permaneceu mais fortemente contrário a união entre pessoas do mesmo sexo foram os afro-americanos em geral, de maneira que, o comentarista enxerga a possibilidade da reestruturação do conservadorismo no país a partir da aproximação de setores da direita religiosa com o grupo, o que seria responsável por uma possível perda de uma importante base de apoio do Partido Democrata.

Nesse sentido, a presença de uma identificação religiosa do país vinha em uma crescente nas pesquisas científicas e sondagens de opinião durante os últimos anos e constantemente expandia a preocupação em relação a existência de uma unidade entre votos dos grupos religiosos ou para análises de como eles enxergavam questões relativas a religião. Dentro dessa tendência, Lieven (2005) destacou, a partir de uma sondagem do *The Pew Religion Forum on Religion & Public Life* de 2004, que 40% dos americanos acreditavam na Bíblia ao pé da letra, contra 42% que diziam que as parábolas de Deus não eram realmente verdades. Outro ponto destacado pelo autor foi que 36% dos americanos acreditavam que o apocalipse não era apenas uma metáfora.

A questão a ser destacada aqui é que, apesar de existir uma forte divisão entre as diferentes crenças religiosas apresentadas pela população em geral, isso não representa necessariamente que exista uma polarização política que dividia a população do país em duas. Um exemplo simples disso é que se pode acreditar que o aborto é um crime contra a lei de Deus, mas não necessariamente essa crença motiva uma participação política mais ativa ou a uma postura de enfrentamento para impedir que ele seja realizado.

Retornando ao debate em torno da influência da religião na eleição de 2004, segundo outra pesquisa, realizada pelo *The Pew Religion Forum on Religion & Public Life* em agosto de 2004, apesar de “valores morais” serem vistos como importantes para a escolha de um presidente para 64% dos entrevistados e o Partido Republicano ser visto como mais amigável à religião do que o Partido Democrata, isso não indicava que as pessoas religiosas votariam exclusivamente no Partido Republicano, ou seja, essa divisão cultural indicada pelos intelectuais, pela mídia e pelos ativistas em torno de temas culturais era profundamente distante da maneira de enxergar o país da maioria da população e dos eleitores. Assim, apesar de não se descartar o papel da religião e das questões culturais/morais para a escolha eleitoral, ela é apenas uma variável de uma série de questões que direcionam o voto, o que indica que a crença divulgada de que o Partido Republicano representaria exclusivamente os interesses de grupos conservadores/religiosos e de que o Partido Democrata representaria exclusivamente o interesse de liberais/seculares é no mínimo exagerada.

Para comprovar essa questão, alguns dados dessa mesma pesquisa são esclarecedores, como exemplo, quando questionados a respeito de qual candidato poderia melhorar o clima moral do país, os entrevistados indicaram que o democrata Kerry tinha uma ligeira vantagem sobre Bush (com 45% contra 41%). Junto a isso, os temas presentes na ideia de Guerra Cultural novamente não foram apontados como a principal preocupação da população, como exemplo, enquanto 34% dos entrevistados respondiam que a questão do casamento

homossexual poderia ser um fator importante para a escolha de um candidato, o dobro desses apontavam fatores como economia, Guerra no Iraque, terrorismo, saúde e educação como os fatores mais importantes.

A percepção de que temas culturais não estavam entre as preocupações da maioria da população trazia uma importante constatação sobre os reflexos da polaridade em torno desses temas no país, de maneira que, apesar de Bush conseguir o apoio de uma parcela de eleitores conservadores que consideravam vital o posicionamento do presidente contra o casamento homossexual, certamente, ele perdeu votos de eleitores favoráveis ao tema, principalmente, com a constante divulgação da posição radicalizada do presidente em 2003 e 2004. Ao mesmo tempo, em outras questões presentes na ideia de uma Guerra Cultural, como o caso envolvendo o estudos com células troncos, o presidente, também, perderia e ganharia votos, pois, ele se opôs aos estudos, em um momento em que, a pesquisa indicava que 52% dos americanos viam seus potenciais benefícios. Dentro dessa lógica, a fomentação de temas culturais polarizados em campanhas políticas tendiam a atingir, no cálculo eleitoral, uma soma zero, pois, o candidato ao apresentar um posicionamento radical sobre um determinado tema dividia a opinião da população encontrada nas extremidades conservadoras e liberais eleitores que estariam, devido ao seu interesse pelo tema, dispostos a apoiá-lo e também a repudiá-lo.

Se a fomentação de ideias radicais sobre temas culturais polarizados, pouco ajudava nas eleições, a importância do presidente ser religioso pesava muito na opinião dos eleitores, com 72% dos entrevistados declarando ser importante que o presidente tivesse fortes crenças religiosas, mas, ao mesmo tempo, 65% deles eram contrários que as igrejas endossassem candidatos, o que significava um desacordo com a maneira como a direita religiosa vinha conduzindo a arregimentação de eleitores. Ou seja, a religião como uma fonte de direcionamento moral é profundamente bem vinda pelo eleitorado estadunidense, mas, isso não significa que a população do país era tolerante com a mobilização de uma corrente religiosa específica para tentar capturar o poder no país.

Seguindo a análise desses dados, vale destacar que, com relação aos partidos e a separação Estado-Religião, 86% dos republicanos e 64% dos democratas consideravam adequado que prédios públicos exibissem os Dez Mandamentos, o que indicava uma certa tolerância e fluidez entre a total separação Igreja e Estado no país.

Em meio a tantos dados que indicavam uma mescla entre aceitação e negação da religião nas campanhas de 2004, Purdum (2004) apontou que durante a Convenção Republicana para a reeleição de George W. Bush, ocorrida no *Madson Square Gardem*,

novamente o Partido Republicano tentou criar uma atmosfera de moderação semelhante a tática utilizada durante a campanha de 2000. O motivo, para isso, continuava sendo um forte empenho para afastar a imagem de radicalização estabelecida durante a convenção republicana de 1992. Contudo, desta vez, em meio a uma conjuntura social, política e econômica que pressionava a polarização, o autor defendeu que existiam muitas similaridades entre a eleição de 2004 e os anos 1960.

Nesse sentido, se nos anos 1960 existia uma forte questão em torno de liberdades para as mulheres, agora, o tema dos direitos homossexuais e da aceitação do casamento entre pessoas do mesmo sexo parecia tomar grandes proporções e, se a década de 1960 foi marcada pelo debate em torno da Guerra do Vietnã, agora a sociedade polarizava-se em torno da Guerra do Iraque. Para o autor, o que ocorreu em 2004 era uma continuidade das disputas ocorridas durante a década de 1960. Com isso, citando o historiador da Universidade de Georgetown, Michael Kazin, ele defendeu que a polarização em torno dessas questões culturais tendia a continuar presente, especialmente, enquanto as pessoas envolvidas no princípio das batalhas culturais, durante os anos 1960, ainda estivessem vivas.

Em meio a vitória de Bush em 2004 e do crescente destaque dado a importância dos movimentos religiosos conservadores nessa eleição, a segunda posse do presidente foi tomada por um estranho caráter religioso nunca visto no país. Segundo Noonan (2005), a posse do presidente republicano ia de *God Bless America* cantada por um cantor gospel, até um discurso presidencial totalmente focado na política externa e na maneira como Deus era implacável, movendo o que queria e escolhendo da maneira como queria. Com isso Bush colocava Deus como o autor da liberdade e destacava que ele tinha um papel de acabar com a tirania no mundo. Essa transposição indicava os EUA como o exército de um Deus que tinha como característica principal a punição, em um sentido, muito semelhante à figura presente no antigo testamento da Bíblia, um Deus que castigaria as pessoas que não obedecessem sua vontade.

Na mesma linha, Kirpatrick (2005) mostrou que as comemorações em torno da posse de Bush trouxeram grupos conservadores cristãos de todo o país, como o *Faith Action*, *Focus On Family*, *Family Research Council*, *American Values* e a *Christian Coalition*. Esses grupos observavam a posse presidencial de Bush como uma expressão pública de fé, por esse motivo, a presença deles na posse do presidente tinha duas intenções, uma primeira que comemorava e lembrava ao presidente a importância desses grupos para a sua eleição. E uma segunda que se esforçava para mostrar que muito pouco da agenda cristã conservadora tinha saído do papel,

alegando, como foi destacado pelo autor, através da fala de Gary Bauer⁷³⁵, que a visão de mundo secular ainda prevalecia na elites culturais. Esse descontentamento era também reforçado pelo reverendo Patrick Mahoney, novo diretor da *Christian Coalition*, que preparou, paralelamente à posse do presidente, uma manifestação, cujo, membros da organização desenhavam com giz no chão da *Pennsylvania Avenue* corpos humanos para lembrar o presidente dos fetos abortados.

Os anos que se seguiram à estrondosa vitória de Bush não foram tão animadores para o presidente que teve que conviver com a crescente oposição a ocupação estadunidense no Iraque, reforçada pelo número de soldados americanos mortos e pelos crescentes problemas econômicos que atingiram seu auge com a explosão da crise econômica em 2008⁷³⁶.

6.3 A Guerra Cultural em George W. Bush.

O Diabo colocou dinossauros aqui
 Jesus não gosta de bichas
 O Diabo colocou dinossauros aqui
 Sem problemas com a fé apenas medo.
*The Devil put dinosaurs here. Alice In Chains*⁷³⁷.

Para que se compreenda a relação de George W. Bush e a ideia de Guerra Cultural é importante perceber a importância de temas culturais no dia-a-dia da administração. É claro que aqui não conseguiremos abarcar todos os temas que envolvem a ideia de Guerra Cultural, mas, queremos traçar um perfil dos principais pontos abraçados pela agenda da direita religiosa e de conservadores sociais.

Partimos de alguns pontos específicos que compreendem o apoio governamental as *Faith Based Initiatives*, a visão do presidente sobre o aborto, a sua objeção com relação à pesquisa envolvendo células tronco, o seu incentivo a aceitação do *Intelligent Design* no

⁷³⁵Um dos fundadores da *American Values*.

⁷³⁶ A crise teve seu início exatamente na ampliação dos gastos militares, visto que, enquanto o país dava sinal de recessão desde 2001 e a economia marcava o crescimento das importações e a diminuição das exportações, o governo como solução baixou os juros para 1% em 2003, os bancos do país continuaram expandindo o crédito e financiando e refinanciando imóveis o que fez com que o preço dos imóveis tivessem uma disparada, o que ocorreu em 2006 junto com o crescimento das taxas de juros para 5.25%, com juros mais altos e preços altos a maioria da população que havia contraído hipotecas não tinha mais como pagá-las.

⁷³⁷ The devil put dinosaurs here

Jesus don't like a queer

The devil put dinosaurs here

No problem with faith just fear.

ensino de biologia nas escolas públicas, a disputa em torno do casamento homossexual e, por último, o debate envolvendo o direito a eutanásia, marcado pelo caso Terri Schiavo.

Percebe-se que as *Faith Based Initiatives*, como foi destacado por Berkowitz (2002), eram vistas como a pedra angular de sua agenda para a política interna do país. O projeto pretendia ser uma solução para a forte imagem de assistência social deixada pelo partido rival, ao mesmo tempo, que instituiu apoio às organizações religiosas que tanto ajudaram na eleição do presidente. Pelo mesmo caminho, Wald e Calhoun-Brown (2011) afirmaram que a administração “pagou” pela lealdade da base evangélica através de várias iniciativas políticas como o apoio em várias campanhas durante seus dois mandatos e, entre elas, destaca-se a expansão dos *Faith Based Governmental Service* que teve início logo após a posse do presidente.

O cientista político Orwin (2011c) debateu que, apesar do peso que as *Faith Based Initiatives* tiveram durante a campanha eleitoral, sofreram grandes dificuldades após sair do papel, o que as levaram de principal solução social da administração para questões sociais para uma pequena parte do sistema de auxílio governamental nos anos que se seguiram. O autor assinalou que, após eleito, Bush recomendou o cientista político democrata John J. Dilulio Jr para tomar a frente do projeto, junto a equipe, dois evangélicos fizeram parte do projeto Michael Gerson⁷³⁸ e David Kuo⁷³⁹.

A indicação de Dilulio ocorreu devido a sua experiência em políticas públicas, tanto liberais quanto conservadoras, sendo um dos principais nomes do país sobre o tema, junto a isso, ela ligava-se a ideia de moderação e pluralismo presente nos primeiros meses da administração Bush. Dilulio aceitou liderar os seis primeiros meses do projeto, ainda durante a campanha de Bush, chegando a auxiliar o candidato em alguns discursos sobre o tema, mas deixando claro que retornaria as suas funções como pesquisador depois desse período⁷⁴⁰.

⁷³⁸Que no período escrevia discursos para George W. Bush e era responsável pelo elo entre o discurso oficial do governo e a busca por uma base política conservadora.

⁷³⁹ Que depois assumiu a direção do *Office of Faith-Based and Community Initiatives*.

⁷⁴⁰Em uma carta que explicou seu afastamento, Dilulio (2007) afirmou os motivos que o levaram a deixar o governo, dando alguns detalhes profundamente interessantes sobre o dia-a-dia da administração e sobre o presidente. Para Dilulio, Bush era um político que realmente se preocupava com os outros e que amava seu país com paixão, porém, em termos administrativos, ele era totalmente diferente de seu antecessor Bill Clinton, pois, enquanto Clinton cercou-se de grandes profissionais e analisava exaustivamente cada medida a partir de vários enfoques, Bush tinha uma grande dificuldade de avançar propostas de seu governo por causa de sua equipe (os únicos projetos advindos do presidente foi um de corte de impostos e outro educacional que, para o pesquisador, tinha sido originalmente criado pelo democrata Ted Kennedy). Dilulio isentou o presidente dos problemas iniciais da administração, citando que Bush era muito mais esperto do que muitas das pessoas, de seus apoiadores e conselheiros acreditavam ser, de maneira que, as dificuldades da administração ocorriam porque muitos dos funcionários seniores simplificavam as análises sobre todos os projetos, evitando que as discussões chegassem ao presidente e a seus funcionários mais próximos como Karl

Apesar de um forte caráter religioso ambos os partidos observavam o projeto com profundo interesse, pois percebiam-no como um programa de caráter secular, que utilizava da estrutura das igrejas e das comunidades de bairro para promover o auxílio aos necessitados. Grupos religiosos percebiam que o projeto poderia ampliar a sua capacidade de atuação no país, assim, como discutiu Berkowitz (2002), quando Bush lançou o programa, em 29 de janeiro de 2001, estava cercado de lideranças cristãs, judias e muçulmanas.

Apesar do projeto parecer um grande consenso no país, o apoio a ele não foi tão incondicional. O projeto era visto por alguns grupos como uma maneira de eliminar todas as barreiras que impossibilitavam que o governo financiasse diretamente grupos religiosos e isso incomodava a maioria das lideranças de defesa da separação entre Igreja e Estado, como exemplo, do diretor executivo da *Americans United for Separation of Church and State* Barry Lynn, que o atacou duramente, alegando que o texto do projeto propunha o repasse de verba para as organizações, sem garantir nenhuma forma de responsabilidade fiscal por parte delas, ao mesmo tempo em que, não existia nenhuma prova conclusiva de que as organizações religiosas poderiam desempenhar o trabalho de caridade de uma forma melhor do que as instituições que não eram ligadas a religião.

Se não bastasse o ataque por parte desses grupos, Berkowitz (2002) mostrou que, importantes lideranças da direita religiosa, como Jerry Falwell e Pat Robertson, se colocaram contrários ao programa, pois temiam que o projeto apoiasse organizações como a Igreja da Cientologia, a Nação do Islã e a Sociedade Internacional de Consciência de Krishina.

Vale apontar que se existiam opositores, pela leitura realizada por Kuo (2006), outras organizações historicamente rivais, tanto pertencentes à direita religiosa, como grupos vistos como liberais, como a ACLU, eram profundamente favoráveis ao projeto, afinal, ele colaboraria, não apenas com instituições religiosas ou conservadoras, mas com várias organizações de caridade com um enfoque liberal, podendo ser importante caminho para a diminuição da pobreza no país.

Em termos gerais, Kuo (2006) explicou que o projeto consistia em uma proposta de financiamento governamental, em torno de 200 milhões de dólares por ano, para as organizações de caridade, através do *Compassion Capital Fund* (Fundo de Capitais da Compaixão) e de duas medidas que seriam essenciais para ampliar a participação dos grupos de auxílio espalhados pelo país. A primeira consistia no *Charity Tax Credit* (Crédito de Impostos para Caridade) que permitia a qualquer americano doar parte de seus impostos

Rove, transformando projetos que poderiam se tornar medidas importantes em novas versões excessivamente direcionadas à direita, o que dificultava que eles se tornassem leis quando chegavam ao legislativo.

diretamente para grupos humanitários e a segunda que consistia em estimular que os 70% da população que não reivindicavam deduções de impostos começassem a pedi-las como os americanos mais ricos tradicionalmente faziam.

Após o projeto ser lançado, ele rapidamente passou a ter dificuldades devido às mudanças na conjuntura socioeconômica e a algumas decisões políticas da administração. O autor apontou que o grande problema envolvendo o projeto foi que, já em 2000, a recessão começou a dar sinais de que voltaria a atingir o país, o que forçou, nos anos que se seguiram, a administração a propor significativos cortes de impostos para incentivar a economia. Se por um lado, esses cortes de impostos serviam como um auxílio para que diminuíssem os efeitos da recessão sobre os empresários, eles também reduziam a possibilidade de transferência desses impostos para projetos de caridades. Ou seja, eles favoreciam os ricos em detrimento da população mais pobre do país, ou, como indicou Kuo (2006), isso ocasionou uma perda de 5 bilhões de dólares por ano para os programas humanitários.

Junto a isso, Orwin (2011c) debateu que o sucesso do projeto durou até o 11 de setembro de 2001 e seus reflexos culminaram com as Guerras do Afeganistão e do Iraque, pois, em 2001, Bush assumiu o governo do país com um grande superávit que facilitava a criação de programas com o intuito de acabar com a pobreza, recuperar dependentes químicos, proteger crianças em situação de risco, melhorar a saúde pública, contudo, com o crescimento dos gastos com as guerras e o aumento do déficit do país os programas passaram a ser deixados em segundo plano.

Embora progressivamente ocorresse o enfraquecimento dos programas ligados ao projeto, de acordo com a análise realizada por Lambert (2008), ocorreu uma constante remessa de renda para as *Faith Based Initiatives*, principalmente, através do *Compassion Capital Fund* (Fundo de Capitais da Compaixão) que chegou a distribuir cerca de 150 milhões de dólares de 2002 até 2005. Na maioria das vezes, isso ocorria com o direcionamento de verba para organizações conservadoras, a *Operation Blessing*⁷⁴¹ que recebeu mais de 20 milhões de dólares do fundo e do Departamento de Agricultura no período. Blumenthal (2005) mostrou que os repasses do governo para a organização de Robertson⁷⁴² foram ainda

⁷⁴¹A *Operation Blessing* é uma organização humanitária cristã, fundada em 1978 por Pat Robertson, que atualmente está presente em 23 países pelo mundo, logicamente, em paralelo ao seu princípio humanitário a organização tem um forte caráter de expansão do discurso da direita religiosa pelo mundo.

⁷⁴²Essa não foi a primeira vez que Robertson esteve envolvido em mal uso de dinheiro destinado a caridade, segundo Blumenthal (2005), em 1994 o pastor pediu dinheiro para a *Operation Blessing* através do programa de televisão *700 Club*, dizendo que ele seria empregado para a contratação de aviões para levar refugiados da Guerra da Ruanda para o Zaire (atual Congo). Após uma investigação do jornalista Bill Sizemore foi denunciado

maiores a partir de 2005, durante os auxílios às vítimas do Furacão Katrina⁷⁴³ em Nova Orleans⁷⁴⁴, o jornalista do *The Nation*, defendeu que ela recebeu 60 milhões de dólares do governo para prestar auxílio às vítimas⁷⁴⁵.

Para Lambert (2008), Bush defendia que durante as últimas décadas o governo federal tinha auxiliado instituições religiosas de cunho liberal como o Exército da Salvação e a *Planned Parenthood* (que recebeu milhões do governo federal para implementar um programa de controle de fertilidade).

Ao fortificar as organizações conservadoras e liberais, Bush acabou favorecendo os grupos que diziam travar uma Guerra Cultural no país, ampliando dessa forma a visibilidade de inúmeras dessas organizações, que aproveitaram de seu status de inseridas na 501c3⁷⁴⁶ e passaram a utilizar as doações de impostos com intuito humanitário para divulgar material político em prol das disputas culturais. Logicamente, é difícil afirmar que essa era a intenção da administração Bush, de maneira que a polarização pareceu muito mais um efeito colateral do projeto do que uma questão direcionada ou pensada pela presidência.

Um exemplo clássico disso, foi a *Caudill Charitable Foundation*, criada pelo empresário Kip Caudill, no Tennessee, com o intuito de defender o modo de vida cristão e incentivar o patriotismo. Durante a administração Bush, a organização publicou um manual, Caudill e Swarthout (2003), chamando os cristãos para travar uma guerra no país. O livro contém pouco mais de 100 páginas, divide-se em sete partes uma introdução que delimita de uma maneira geral o conteúdo do texto, em seguida discorre sobre as raízes da religião na América, um capítulo que indica o princípio da guerra pela liberdade religiosa no país a partir da legislação Engle contra Vitale de 1962, a outra capítulo que discute como a 1ª emenda foi resignificada para banir a religião da esfera pública, a quinta aponta o secular humanismo como o principal inimigo do país, uma que acusa a ACLU de defender a imposição de uma

que o pastor usou os aviões para transportar equipamentos para sua empresa de mineração de diamante, um empreendimento do pastor com o antigo ditador do Zaire Mobutu Sese Seko.

⁷⁴³Um dos argumentos que circularam como justificativa para a demora do auxílio do governo federal na cidade estava no fato de que muitos conservadores religiosos enxergavam o furacão como uma punição para a cidade que historicamente era vista como um lugar libertino.

⁷⁴⁴É interessante observar que Robertson, ao mesmo tempo em que, recebeu dinheiro com a alegação de auxiliar a cidade, deu uma declaração em seu programa *700 Club*, afirmando que o furacão era resultado da ira de Deus contra o aborto e, também, por causa da assumidamente homossexual Ellen DeGeneres, nascida na cidade, apresentar o *Emmy Awards* daquele ano.

⁷⁴⁵Blumenthal citou que junto com a *Operation Blessing* outras organizações religiosas receberam a maior parte destinada aos auxílios e que apenas duas organizações não religiosas constavam entre as que receberam verba do *Federal Emergency Management Agency (FEMA)* para auxiliar na tragédia, o que era profundamente chocante devido a incompetência e demora no auxílio a cidade.

⁷⁴⁶Legislação que definia fundações de caridade.

cultura secular para os americanos e a última que destaca a importância dos cristãos acordarem e se mobilizarem.

O mais importante para se destacar nesse livro, é o teor profundamente agressivo presente em seu conteúdo, se comparado com o status de instituição de caridade dado para a organização, em nenhum momento, em seu conteúdo, existe qualquer relação de auxílio humanitário, mas na última página do livro a seguinte citação chama atenção: “A Caudill Foundation é uma fundação de caridade 501c3. Suas doações são deduzíveis de impostos. Eu estimulo você a considerar a doação para ajudar que esse trabalho continue” (CAUDILL; SWARTHOL, 2003, p.112).

Nesse sentido, Bush subverteu a lógica de financiamento governamental, ao partir do pressuposto que organizações liberais representavam o secular humanismo (que para ele, dentro da lógica estabelecida anos antes pela direita religiosa, era também uma religião) e transferiu grande parte da verba do programa, diretamente, para as organizações conservadoras. Outro exemplo clássico disso envolveu a organização antiaborto *Heritage Community Services* de Charleston na Carolina do Sul que, durante a metade da década de 1990, funcionava com um orçamento anual de aproximadamente 55.000 dólares e, após o governo Bush, passou a receber cerca de 3 milhões por ano, expandindo seu programa pautado na abstinência sexual para os ginásios e colegiais de toda a Carolina do Sul, Geórgia e Kentucky.

Dentro desse engajamento da administração com as organizações conservadoras, outro ponto de significativo destaque foi a questão envolvendo o aborto, visto que além da administração financiar organizações antiaborto, ela também restringiu as instituições favoráveis ao tema. Para Danforth (2006), esse posicionamento já transparecia na fala do presidente desde sua campanha tanto que, quando foi perguntado sobre o tipo de juiz que ele indicaria para a Suprema Corte, Bush respondeu que indicaria alguém que fosse um *strict constructionist*, ou seja, que apenas interpretasse a lei e não criasse novas.

Para o autor, a resposta de Bush indicava mais uma vez o seu comprometimento com os conservadores, pois, a principal crítica dos movimentos contra o aborto era que os reflexos da decisão Roe contra Wade não eram interpretações da lei, para eles nada na constituição apoiava a decisão, o que fazia com que ela fosse uma criação da Suprema Corte. Nesse sentido, para o autor, a resposta de Bush “... era tudo que os defensores pró-vida precisavam ouvir”. (DANFORTH, 2006, p.85).

No mesmo caminho, Kuo (2006) mostrou que Bush havia se pronunciado de forma alinhada aos movimento conservadores contra o aborto, defendendo que o procedimento

poderia ser realizados apenas em casos especiais e posicionando-se a favor da emenda constitucional que bania os abortos no país. Dentro desse comprometimento do presidente com o tema, tomou medidas contra o aborto, quando enviou, logo após ser eleito, um memorando para a *USAID (U. S. Agency for International Development)*, afirmando que agência não poderia financiar projetos que envolvessem controle familiar a partir de abortos⁷⁴⁷.

A questão acabou ganhando um novo capítulo após a reeleição do presidente em 2005, momento em que Bush já começava a sofrer uma forte pressão devido à continuidade das guerras no Afeganistão e Iraque, quando o presidente teve a oportunidade de fazer a sua primeira indicação para a Suprema Corte Federal. Isso ocorreu devido a aposentadoria da juíza indicada por Ronald Reagan, Sandra Day O'Connor e, para a sua vaga, Bush indicou a juíza Harriet Miers, em 03 de outubro de 2005, assegurando para as bases conservadores que ela era um evangélica cristã, sugerindo que teria uma visão contrária ao aborto e que isso influenciaria seu voto na Suprema Corte.

Essa indicação foi mal recebida tanto pela sua base conservadora que a acusava de não ser conservadora o suficiente para ocupar o cargo e por não ter experiência para ocupar um cargo de tamanha importância⁷⁴⁸, como pelos democratas que deixavam claro que sua indicação só ocorrera porque ela era uma comparsa de longa data de George W. Bush, sendo sua advogada no Texas, anos antes.

Outro ponto em que Bush colaborou com a agenda de luta cultural conservadora foram as severas limitações para o uso de fundos federais em pesquisas de células tronco indicadas pelo presidente. Segundo Stolberg (2007), Bush se colocou contra por considerar que o método utilizado na pesquisa necessitava da destruição da vida humana, o que fez com que o presidente por três vezes vetasse legislações que permitiam a pesquisa, a primeira ocorreu assim que ele assumiu a presidência em 2001 e a última durante o início das prévias para a sua sucessão em 2007. O jornalista noticiou que o tema foi debatido na campanha que elegeu Barack Hussein Obama em 2008, onde, nas prévias eleitorais o futuro presidente e Hillary Clinton se mostraram favoráveis à pesquisa e os candidatos republicanos tinham opiniões divididas sobre o tema, com John McCain e Rudolph W. Giuliani favoráveis e com Mitt Romney contrário a ela.

⁷⁴⁷A decisão valia para todas as organizações que recebessem dinheiro governamental para auxílio fora do país. Ela foi invalidada por Obama logo após ele ser eleito em 2008.

⁷⁴⁸Um dos principais críticos da indicação era o ex-candidato a Suprema Corte Bork que em uma entrevista para a NBC, em Carlson (2005), declarou ser um equívoco a indicação da juíza devido a sua pouca experiência política.

Ao mesmo tempo, Bush protagonizou um rápido debate ao defender publicamente a inclusão do ensino do “*Intelligent Design*” (ID) na biologia como uma concorrente à teoria da evolução. Segundo a reportagem do *The Washington Post*, escrita por Baker e Slevin (2005), a discussão surgiu quando em uma entrevista para alguns repórteres do Texas, realizada na Casa Branca, Bush defendeu que “Parte da educação é expor as pessoas a diferentes escolas de pensamento” (BUSH, apud BAKER; SLEVIN, 2005).

Apesar do presidente defender esse ponto de vista, jamais tomou qualquer medida que indicasse que seu governo tomaria iniciativa em relação a inserção do *Intelligent Design* nas escolas, deixando claro que considerava que o conteúdo escolar deveria ser decidido exclusivamente pelos conselhos de educação, mas, sua fala acabou repercutindo fartamente entre apoiadores e opositores à inclusão. Bush foi duramente criticado pelos opositores que diziam que o *Intelligent Design* era apenas um esforço habilmente comercializado para introduzir a religião na educação, não sendo uma teoria científica comprovada e não tendo bases educacionais para ser ensinada para as crianças. Baker e Slevin (2005) apontaram que entre os principais opositoristas a fala do presidente estava Barry W. Lynn, diretor da *American United for Separation of Church and State*, que acusou a baixa compreensão do presidente sobre ciência como o motivo dele defender o ensino das duas teorias simultaneamente.

É interessante entender que, apesar da administração não apoiar medidas favoráveis ao conteúdo educacional, ela colaborava com os defensores do *Intelligent Design*, visto que, na década anterior conservadores cristãos haviam tomado os conselhos educacionais e recheado o currículo do país com materiais que defendiam o criacionismo. Ao mesmo tempo que algumas diretorias de escolas do país já adotavam simultaneamente as duas teorias educacionais, outras que tentavam retirar o *Intelligent Design* de sua grade escolar sofriam forte oposição na Suprema Corte Federal, onde juízes conservadores impediam a retirada do conteúdo. Como exemplo disso, Moran (2006) citou o caso ocorrido em Dover, onde a diretoria de ensino tentou retirar o livro *Of Pandas and People*⁷⁴⁹ e foi barrada por uma decisão judicial.

Outro tópico ao qual Bush avançou propostas conservadoras foi com relação a uma emenda constitucional contra o casamento homossexual em 2004. Para Conger (2009) o ano de 2004 marcou o surgimento de um novo tema crítico para a direita cristã, após a aprovação,

⁷⁴⁹Livro que defende o *Intelligent Design* foi lançado em 1989 pela *Foundation for Thought and Ethics*, uma organização sem fins lucrativos fundada em 1981 no Texas com publicações sobre temas como o *Intelligent Design*, abstinência sexual e nacionalismo cristão.

no ano anterior, pela Suprema Corte de Massachusetts da extensão da possibilidade de casamentos para os homossexuais, ao defender que a sua proibição era inconstitucional no estado. Em sequência a decisão, 13 outros estados passaram referendos favoráveis ao casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Como resposta a essa decisão, o autor esclareceu que a direita cristã aproveitou para mobilizar ativistas para votarem nos referendos contra o casamento homossexual. O argumento central dos conservadores religiosos era que a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo enfraqueceria o valor simbólico do casamento. Dentro desse debate, Danforth (2006) criticou o argumento da direita religiosa, explicando que a taxa de divórcio no país antes da decisão judicial estava em torno de 50%, ao mesmo tempo, problemas como dificuldades financeiras, promiscuidade⁷⁵⁰, álcool, drogas, pressões no trabalho e a própria aceitação cultural do divórcio já causavam problemas suficiente para o casamento heterossexual.

O esforço da direita religiosa contra o tema acabou tendo um duplo papel, primeiro recrutou uma grande quantidade de cristãos para votar no referendo e depois para participar da campanha de reeleição de George W. Bush, fazendo uma grande diferença para a ampliação da participação de conservadores religiosos na segunda campanha do presidente republicano nos estados.

O último caso destacado nessa passagem do trabalho ocorreu em torno da disputa judicial contra a não remoção do tubo de alimentação de Terri Schiavo. Schiavo foi uma mulher de São Petersburgo, Flórida, que devido a anorexia em 1990, teve uma parada cardíaca ficando em um estado vegetativo. Em 1998 seu marido entrou com um pedido na justiça para desligar os aparelhos de alimentação, mas foi combatido judicialmente pelos pais dela. Segundo Danforth (2006) o debate em torno do tema cresceu quando os pais de Terri publicaram um vídeo onde ela acompanhava um balão de ar vermelho com os olhos, o que indicaria que ela interagira com a realidade.

A discussão atraiu uma série de ativistas ligados ao direto à eutanásia e contrários a ele e percorreu grande parte da presidência de George W. Bush, que se posicionou favorável à

⁷⁵⁰ Como percepção da queda da moralidade pode-se identificar o constante aumento da indústria pornográfica que agora disponibilizava seu conteúdo pela internet, criando um constante debate sobre os riscos que o seu acesso a jovens tem ocasionado no país, entre um dos casos mais marcantes sobre o debate sobre a pornografia na internet estava o caso do extinto site WhiteHouse.com que era um site pornográfico e constantemente era acessado por crianças do país enquanto faziam pesquisas escolares sobre o governo. O fato é que após o fracasso das tentativas de coibir a pornografia pelos governos Nixon e Reagan, ela veio em uma crescente chegando a ser na década de 1990 30% dos filmes locados no país e, em 2002, enquanto Hollywood lançou 467 filmes foram lançadas 11.303 produções pornográficas.

manutenção dos aparelhos e incentivou para que o legislativo do país aprovasse uma lei para que o caso deixasse de ser julgado na Suprema Corte da Flórida e passasse para a Suprema Corte Federal.

Danforth (2006) apontou que Bush chegou a voar do Texas para Washington para acelerar a votação no Congresso, mas, que mesmo com a aprovação da medida a Suprema Corte Federal se recusou a aceitar o caso por considerar que ele já tinha sido julgado na Flórida. Em 2005 os aparelhos foram finalmente desligados após a decisão judicial e que após sua autópsia os médicos concluíram que realmente ela estava em estado vegetativo, sendo inclusive cega.

É importante entender a importância simbólica do caso e os resultados da contundente exibição das notícias sobre ele na mídia. A sua exposição foi tamanha que os três dias que ela demorou para falecer após a retirada dos tubos de alimentação foram praticamente transmitidos ao vivo, com constantes comentários de que ela estava sendo assassinada, enquanto ativistas acompanhavam sua morte em frente ao hospital. O caso virou a principal bandeira tanto dos defensores da eutanásia quanto contrários a ela, tendo inúmeros documentários no *Youtube* contando diferentes versões sobre ele. A visibilidade excessiva do caso motivou uma extensa mobilização dos dois lados que disputavam o tema, para a população comum ele causou um incrível desconforto, motivando o crescimento da rejeição ao acirramento cultural presente no país.

Pensando em relação à polarização de temas culturais, em meio da exploração cada vez maior desses temas, como uma tentativa de mobilizar eleitores e a consequente rejeição da população, pode-se reinterpretar os EUA da atualidade e debater os motivos para a queda na popularidade de George W. Bush e da ideia de Guerra Cultural no país.

6.4 O fim da Guerra Cultural o Renascer de uma nova América.

A aliança profana entre a direita política e a direita religiosa ameaçou destruir a América que nós amamos. Ela também ameaçou gerar uma repulsão popular contra Deus e contra a religião pela identificação deles com o militarismo, irresponsabilidade ecológica, antagonismo fundamentalista a ciência e ao pensamento racional e insensibilidade as necessidades dos pobres e dos menos poderosos. (LERNER, 2006, p.1)

O que se seguiu após a reeleição de Bush em 2004, foi a constatação de que o discurso cultural radicalizado passava a perder seu efeito e isso era colaborado com o esforço de

intelectuais como Wolfe, Fiorina, entre outros, em desmistificar a existência de uma Guerra Cultural no país. Um exemplo clássico disso foi que após a publicação do livro organizado por Hunter e Wolfe (2006) ocorreu um virtual período de “trégua” na visibilidade das discussões em torno de temas culturais.

O período relaciona-se com o declínio da popularidade de George W. Bush e com a desorganização de setores conservadores e da direita religiosa, o que resultou na vitória do Partido Democrata nas eleições legislativas de 2006. Assim, pela primeira vez desde 1994, os democratas conseguiram um domínio no Senado com 49 senadores democratas contra 49 republicanos⁷⁵¹, o que foi recebido com grande desânimo por Bush, principalmente, porque o Partido Republicano não conseguiu eleger nomes importantes de sua base como Rick Santorum.

De acordo com o comentarista do site de notícias *US Politics*, Murse (sd), Santorum, que tentava a sua reeleição como senador da Pensilvânia, perdeu a disputa eleitoral por uma diferença de mais de 17% para o candidato democrata Robert P. Casey Jr.⁷⁵². Para o autor, entre os principais motivos para a derrota do republicano estavam o seu forte apoio e proximidade à Bush, sua defesa à Guerra do Iraque e suas agressivas declarações contra homossexuais, ao ponto dele comparar o relacionamento de pessoas do mesmo sexo com bigamia, poligamia e incesto. Junto a isso, os eleitores do estado estavam profundamente insatisfeitos com as tentativas de aumento salarial por parte dos seus representantes, o que refletiu na não reeleição de muitos candidatos que ocupavam cargos pelo estado.

Junto a vitória no Senado os democratas elegeram 233 deputados contra 202 do Partido Republicano, conquistando assim a presidência da Câmara que ficou com Nancy Pelosi⁷⁵³. Apesar do controle das duas casas, Willians (2010) mostrou que existia um esforço do Partido Democrata em manter um clima de moderação, principalmente, no que se referia às correntes religiosas, que o Partido fizesse algumas indicações voltadas para a atração desse público, como o senador Harry Reid⁷⁵⁴, para liderar a maioria democrata no Senado, o batista do sul James Clyburn, para organizar o *Democratic Faith Working Groups*⁷⁵⁵ (Grupo de Trabalho Democrata da Fé), e Jim Wallis para ser um porta voz dos evangélicos dentro do Partido Democrata.

⁷⁵¹O Partido Democrata acabou tendo a maioria devido aos senadores independentes eleitos Bernie Sanders e Joe Lieberman que votavam com o partido.

⁷⁵²Casey Jr. era filho do popular ex-governador da Pensilvânia Robert P. Casey.

⁷⁵³Pelosi nos anos que se seguiram se tornou um dos nomes mais importantes da administração Obama.

⁷⁵⁴Senador que era Mórmon, antiabortos e antieutanásia.

⁷⁵⁵Que tinha a intenção de atrair o apoio de líderes religiosos para o Partido Democrata.

O fato é que, apesar do discurso bipartidário presente no período pós-eleição, cercado de promessas de que o presidente e o legislativo trabalhariam juntos pelo país, a maioria democrata barrou os principais projetos do governo durante os dois últimos anos de seu mandato, ampliando com isso a imagem de ineficiência de Bush para resolver os problemas do país, como no exemplo do projeto de origem bipartidário de reforma de imigração.

Essa nova tendência na política do país era reflexo da crescente queda na popularidade do presidente, de transformações nas estratégias de mobilização de conservadores culturais e religiosos e no próprio eleitorado do país, o que pode ser compreendido a partir de quatro motivos principais. O primeiro foi causado devido ao reflexo da mudança que a atuação da direita religiosa e os movimentos conservadores vinham sofrendo, em um sentido de desenvolver formas e termos mais sofisticados para incluir suas demandas na política do país que iam além da ideia de Guerra Cultural.

Isso ocorreu com o surgimento de novas lideranças e pelo afastamento de antigos líderes que pensavam a política de uma maneira mais combativa dos anseios da comunidade evangélica. Dentro dessa lógica, o enfraquecimento da ideia de Guerra Cultural passou a ser associada ao nível mais intolerante de disputa política, por causa de sua constante reverberação pela mídia concentrava-se exclusivamente nas disputas e pontos de vistas mais radicais como uma forma de conseguir audiência. Com isso, definir-se como um guerreiro cultural passou a ser visto como algo desconfortável para alguns evangélicos e conservadores que preferiam mostrar que suas ideias poderiam ser inseridas nas políticas públicas do país.

Nesse sentido, quando se analisa o período percebe-se que muitas das lideranças conservadoras passaram a perder espaço na vida do país, devido ao falecimento de alguns dos principais pensadores e lideranças conservadoras no período como o Jerry Falwell em 15 de maio de 2007 e Samuel Huntington em 2008 e do afastamento de outros como Tim LaHaye⁷⁵⁶ e Pat Robertson⁷⁵⁷, que paulatinamente foi deixando a frente de suas principais iniciativas políticas como a *Christian Coalition* em 2001, anos depois da *Operation Blessing* e até mesmo da CBN, aparecendo com menos frequência no programa *700 Club*, que passou a ser liderado pelo seu filho Gordon Robertson.

Junto a isso, Willians (2010) afirmou que, novamente, pessoas ligadas à direita cristã passaram a ter sua imagem envolvida em escândalos políticos, como os exemplos de congressistas como Tom Delay⁷⁵⁸ um dos articuladores entre o governo e a direita religiosa,

⁷⁵⁶Que hoje tem 87 anos e durante a primeira eleição de Bush em 2000 apoiou fortemente o republicano.

⁷⁵⁷Hoje com 83 anos.

⁷⁵⁸Que foi deputado pelo Texas de 1984 até 2006.

que renunciou após a descoberta de suas ligações ilegais com o lobista Jack Abramoff⁷⁵⁹, Randy “Duke” Cunningham e Bob Ney que renunciaram após acusações de suborno, Mark Foley que renunciou após descobrirem que ele estava enviando mensagens sexuais para menores de idades, os pastores como Ted Haggard da *National Association of Evangelicals* que deixou o cargo após admitir ter dado dinheiro a um garoto de programa para conseguir metanfetamina e para ter relações sexuais com ele.

Escândalos como os citados faziam com que a população ficasse profundamente insatisfeita com os políticos republicanos e com a direita religiosa, porém, era outro fenômeno que ocorreu paralelamente que mais afetava a administração Bush e pode ser percebida com a constatação de que em meio a base de apoio do presidente crescia uma rejeição à administração do presidente republicano devido seu excessivo enfoque na política externa, tanto, ativistas como Phyllis Schlafly⁷⁶⁰, quanto os libertários e até mesmo neoconservadores como Francis Fukuyama romperam com a administração.

Após apontar o enfraquecimento da direita religiosa e o abandono de setores conservadores a administração Bush parte-se para indicar o segundo ponto que explica os motivos da ideia de Guerra Cultural perder força no período. Isso destaca a percepção, de ambos os partidos, que as disputas culturais pouco contribuíam para o avanço de seus projetos de governo e, com isso, procurassem evitar os temas culturais. Nesse sentido, o enfraquecimento da ideia de Guerra Cultural estaria associado ao fato de que os jovens se tornaram mais tolerantes aos temas chaves relacionados a ela, ou seja, “Para esses eleitores a Guerra Cultural seria uma relíquia do passado.”(HARRIS, 2009).

Então o fenômeno estaria perdendo força na sociedade estadunidense devido ao surgimento de uma nova geração que estava totalmente ambientada com as mudanças socioculturais iniciadas a partir dos anos 1960⁷⁶¹, como Friedman (2013) explicou, isso ocorria porque a estratégia política baseada no medo e na nostalgia, de que o período anterior aos anos 1960 tinham uma sociedade melhor, associada aos bons e velhos tempos um dia começou a morrer. Com o decorrer dos anos 2000, a direita religiosa passou a perder força, porque os eleitores jovens entre um faixa de 16 e 30 anos não se preocupavam tanto com o

⁷⁵⁹Ralph Reed também foi envolvido em escândalos com o lobista por aceitar dinheiro para mobilizar conservadores cristãos contra os cassinos abertos por nativos americanos.

⁷⁶⁰Que em uma entrevista realizada com a conservadora, em Phyllis Schlafly (2013), declarou que Bush fez muito mal ao país por ser muito globalista.

⁷⁶¹Ou seja, a maioria das pessoas nascidas no pós 1962 nunca tinham estudado em uma escola que realizasse orações, a maioria das pessoas nascidas após 1973 conviviam com a existência de aborto, e mesmo se fossem contrários a elas não sentiam o choque de velas pela primeira vez, ou ainda, a maioria das pessoas nascidas nesse período conhecia homossexuais assumidos e vivenciou a trajetória de conscientização pela defesa de seus direitos.

peso dos escândalos sexuais envolvendo o presidente Bill Clinton e sim com o legado deixado pelas guerras e a crise econômica ocorrida durante a administração George W. Bush.

Da mesma forma, ocorria uma constante rejeição ao radicalismo religioso conservador. De acordo com a pesquisa realizada por Marwell e Demerath III (2003), o aparente crescimento do secularismo na sociedade estadunidense, onde, inúmeros americanos definiam-se como sem religião, ou como não crentes em Deus, devia-se muito mais ao radicalismo dos pregadores cristãos do que a descrença na existência de Deus. Nesse sentido, outra pesquisa realizada por Kinnaman e Lyons (2007) mostrou que cerca de 40% dos jovens entre 16 e 29 anos (cerca de 24 milhões) se diziam sem religião⁷⁶², a explicação para isso estava no fato de que a nova geração de jovens era muito mais cética, mais bem informada e tinha uma vida bem mais complexa do que a de seus pais.

Os autores apontaram dados interessantes sobre a relação desses jovens com a religião que indicam alguns motivos para o fim da importância de temáticas culturais na política do país. Segundo Kinnaman e Lyons (2007) enquanto, em 1996, 85% dos americanos diziam ter uma imagem favorável ao cristianismo, em 2007, 38% dos jovens tinha uma imagem negativa e, entre deles, um em cada seis tinha uma imagem muito negativa. Esses dados eram ainda mais significativos quando destacavam a imagem do cristianismo para os jovens⁷⁶³ que se definiam sem religião, onde, 49% deles tinham uma imagem negativa do cristianismo e apenas 3% tinham uma imagem positiva. Isso ocorria, pois a maioria desses jovens tinha alguma experiência negativa relacionada com a religião, defendendo que os cristãos tinham uma mentalidade contra eles, sempre os diminuindo ou demonizando. Assim, 98% deles defendiam que os cristãos são contra os homossexuais, 87% diziam que eles julgam, 85% diziam que eles são hipócritas⁷⁶⁴, fora isso, esses jovens viam os cristãos demasiadamente focados na conversão e na política.

Em somatória a esse período de escândalos, abandonos das bases do governo e mudanças nas novas gerações, o processo de formação de novas lideranças fez com que os movimentos conservadores culturais/religiosos procurassem outras formas de influir na política do país. Vale analisar o recuo do conservadorismo religioso, a partir da leitura da alternância de gerações debatida por Miguel (1978), destacando que se a sociedade estadunidense foi historicamente marcada por fortes rupturas entre correntes de pensamentos

⁷⁶²Logicamente os autores apontaram que historicamente existe uma tradição dos jovens se definirem sem religião por desafiarem as normas, voltando a frequentar igrejas com o decorrer da vida.

⁷⁶³Entre 16 e 29 anos.

⁷⁶⁴O que era associado aos constantes escândalos envolvendo figuras políticas que pautavam sua carreira em uma moralidade excessiva.

de uma geração para outra e a ascensão do conservadorismo foi motivada pela cooptação e pelo falecimento de muitos intelectuais ligados ao pensamento liberal e da esquerda no país⁷⁶⁵, agora, com o enfraquecimento dos movimentos conservadores religiosos que haviam dominado a política do país durante as últimas décadas, abria-se a possibilidade do surgimento de uma nova maneira de pensar em relação política e religião no país.

Dentro dessa nova perspectiva, aponta-se o terceiro motivo que contribuiu para a queda da influência da ideia de Guerra Cultural no país. No espaço deixado pela rejeição da população à excessiva polarização cultural e à constante imposição de um debate radicalizado pela direita religiosa. Alguns intelectuais e religiosos passaram a se opor a visão de religião e de Deus proposta pelos televangelistas conservadores, interpretando a fé em um sentido oposto a polarização em torno de temas culturais, destacando uma preocupação com a caridade e o auxílio ao próximo. Segundo Willians (2010), isso ocorria devido à falha das antigas lideranças da direita religiosa em trazer justiça social ao país, o que fez com que uma nova geração de evangélicos visse, novamente, essas questões como centrais para o país.

Jovens evangélicos tinham chegado a um acordo com o pluralismo cultural de sua geração, eles viam a sua religião não como um local para protestar contra as tendências sociais, mas como um meio de mostrar sua cultura de amor a Cristo através de serviços. (WILLIANS, 2010, p.270-271).

Esse movimento foi percebido nos EUA como o renascimento de uma esquerda religiosa e tinha como principal intenção desconstruir as imposições morais da direita religiosa, a partir de um evangelismo progressista. Froidevaux-Metterie (2009) indicou que movimentos com caráter religiosos progressistas já existiam no país desde a década de 1970 em grupos como o *Sojourners*, fundado em 1975 pelo pastor Jim Wallis, a *Evangelical for Social Action*, fundada por Ron Sider em 1978, e o *Call for Renewal*, também iniciada por Jim Wallis e por Tony Campolo em 1995, mas devido a constante visibilidade da direita religiosa, eles pareciam inexistentes durante as últimas décadas. O crescimento da rejeição da população à agenda da direita religiosa possibilitou que ocorresse o fortalecimento desses movimento e surgissem novos, como a *Network Spiritual Progressives* fundada em 2005 pelo rabino Michael Lerner.

Para a autora, o fortalecimento desses movimentos aconteceu através de um “contrato com a América”, pautado em uma política com enfoque nas ideias de justiça social, ecologia,

⁷⁶⁵Como debatemos no segundo capítulo de nossa tese.

valorização da família e da comunidade e paz⁷⁶⁶. Isso ocorria porque 70% dos evangélicos passaram, nos últimos anos, a não se definir mais como cristãos conservadores e o Partido Republicano rapidamente vinha deixando de ser visto como o partido mais favorável à religião, pois, segundo o *Pew Research Center* em menos de um ano, de 2005 para 2006, a porcentagem de entrevistados que afirmavam isso caiu de 63% para 49%.

A obra de Lerner (2006) é profundamente esclarecedora com relação ao crescimento da visibilidade desse movimento, pois mostrou que a constante reverberação do discurso da direita religiosa, durante as décadas anteriores, construiu uma imagem de Deus e da religião que afastava a população da fé. Pela leitura do rabino, a sociedade americana durante as últimas décadas moveu-se para promover o materialismo, o individualismo e a desconexão, como resultado as pessoas precisavam desesperadamente se reconectar com seu lado espiritual. Nesse sentido, que realizamos com o professor da *Charleston Southern University*, em Bryan (2013), é bastante esclarecedora, pois, ao afirmar-se como um conservador religioso ele afirmou que a religião tem um importante papel de trazer paz e senso de perdão, mas que, ao mesmo tempo, é preciso encontrar maneiras de impedir que ela seja utilizada para acabar com o direito das pessoas de praticarem a liberdade religiosa, ou que seja utilizada para dominar e manipular os outros.

A questão para Lerner (2006) é que, as religiões são estruturadas a partir de duas visões, a primeira representaria a mão direita de Deus e destacaria a dominação, o poder e o medo, construindo, com isso, a imagem de um Deus vingador, que utiliza a violência contra as forças do mal e que pune os culpados. Já a segunda, seria o que ele chama de a mão esquerda de Deus e encorajaria o amor ao próximo, a tolerância e a paz.

Para Lerner (2006) o que ocorreu nos Estados Unidos durante as últimas décadas foi que a direita religiosa dominou o paradigma do medo⁷⁶⁷ e com isso dominou a política do país, onde, isso ocorria, pois, através desse domínio prevaleceu na sociedade, apenas, o que seria a mão direita de Deus, de maneira que, toda a percepção de espiritualidade do país transferiu-se para a direita religiosa. Para ele, isso fez com que grande parte da população, nos momentos de dificuldade procurassem na direita religiosa uma forma de preencher espiritualmente sua vida. O papel de movimentos como o *Network of Spiritual Progressives*

⁷⁶⁶ O período marcou o ressurgimento de inúmeros grupos anti-guerra como o *West Virginia Party for Peace* apontado em nossa entrevista com Jim Lewis (2013) como um dos movimentos que surgiram no país após o crescimento da rejeição a Guerra do Iraque.

⁷⁶⁷ O que pode ser reforçado pela constante utilização durante a história recente do país como o medo da União Soviética, com relação aos imigrantes, com os terroristas, com a destruição das famílias, com a homossexualidade e com a violência.

era ser, para o Partido Democrata, o que a direita religiosa foi para o Partido Republicano, promovendo com isso uma aliança entre secularistas, pessoas espiritualizadas, mas não religiosos e religiosos de esquerda em uma corrente progressista no país.

Como quarto motivo, estava a percepção de que as discussões em torno de questões culturais ganhavam importância nos momentos em que existia uma maior prosperidade econômica como no exemplo dos anos Clinton e perdiam relevância em momentos onde cresciam a crise econômica e a recessão. Como foi mostrado durante nossa tese, historicamente as principais preocupações da população durante os períodos eleitorais envolviam questões econômicas e de política externa, o que fazia as temáticas culturais, apesar de recorrentes durante a maioria das campanhas eleitorais, praticamente desaparecerem após as eleições e governos declaradamente conservadores como o de Reagan, George H. W. Bush e George W. Bush chegassem a ser acusados, por parte de conservadores sociais e membros da direita religiosa, de abandonarem a agenda cultural.

Durante o final da administração Bush, período onde o debate em torno do fim da Guerra Cultural ganhou visibilidade não era diferente disso, visto que, o crescimento da crise econômica e a ocupação no Iraque e Afeganistão ocupavam a maior parte da agenda dos últimos dois anos da administração.

6.5 A eleição de Obama e o retorno do conservadorismo econômico.

A campanha eleitoral de 2008 ocorreu em meio ao cenário de transformações apontados na passagem anterior desse capítulo, um momento que o Partido Republicano se deparava com sérias dificuldades, tendo que lidar com a rejeição à administração Bush e com os resultados da desorganização de sua base de apoio, por causa do enfraquecimento da direita religiosa e de outros grupos conservadores como os neoconservadores e, conseqüentemente, indicava uma perda significativa em sua capacidade de organização na campanha eleitoral.

Vale destacar que o próprio país passava por mudanças drásticas se tornando, a cada ano, menos branco⁷⁶⁸ e menos homogêneo, com mulheres que eram mais educadas, tinham menos filhos e engravidavam mais tarde, o país se tornou mais urbano e com um número cada vez maior de pessoas que se definiam como não tendo nenhuma religião⁷⁶⁹. Essa nova

⁷⁶⁸Friedman (2013) apontou, que a partir dos dados do *Census Bureau*, cerca de 50,4% dos jovens menores de 18 anos eram pertencentes a alguma minoria.

⁷⁶⁹ Agora girando em torno de 20% da população.

configuração do país fazia com que o grupo de pessoas considerados pertencentes a grupos minoritários representassem 26% da população em 2008⁷⁷⁰ e em sua maioria eles votavam em Obama e no Partido Democrata.

Parecia claro que o domínio republicano que ocorrera durante anos a partir da fomentação da polarização cultural, não se repetiria nas eleições de 2008. Como argumentaram Hetherington e Weiler (2009) a polarização presente na campanha foi muito maior na disputa entre Barack Obama e Hilary Clinton⁷⁷¹ durante as prévias democratas, do que entre o Partido Democrata e o Partido Republicano. No caso, os autores debateram que ela representava uma polarização sem ideologias, já que, ambos os candidatos às prévias democratas defendiam pontos semelhantes, como o fim da ocupação no Iraque, a reforma no sistema de saúde e se mostravam contrários ao corte de impostos dos mais ricos, realizado por Bush em 2001.

Pensando propriamente na eleição, de uma maneira diferente das campanhas de 2000 e 2004, ela não opunha um candidato visto como liberal, como os casos de Gore (2000) e Kerry (2004), contra um identificado ao conservadorismo como George W. Bush. McCain era constantemente rejeitado pelos conservadores e pelos líderes da direita religiosa desde os tempos de sua prévia contra Bush em 2000, essa resistência ao candidato republicano mantinha-se ainda durante a sua candidatura em 2008, apontada por Willians (2010) onde o pastor James Dobson que declarou que de maneira alguma votaria em McCain.

A solução republicana contra a forte rejeição a McCain, por parte das correntes conservadoras foi a inserção de Sarah Palin com sua candidata a vice-presidência. Assim, se McCain era visto como um candidato não suficientemente conservador, Palin era abertamente antieutanásia, antiaborto e defendia o ensino do *Intelligent Design* nas escolas públicas do país e o mais importante, como acrescentou Willians (2010), ela recebia apoio de 61 a 71% dos evangélicos⁷⁷².

Pelo lado democrata, a vitória nas prévias que indicaram Obama como o candidato para a eleição de 2008 trazia significativas mudanças na política do país, afinal, ele era o primeiro afro-americano com reais condições de ser eleito presidente, sendo filho de uma mãe branca do Kansas e de um pai queniano que tinha deixado a família ainda durante a infância do candidato. Junto a isso, seu nome do meio causava dúvidas se ele era realmente americano e se ele era cristão ou muçulmano, ao ponto, dele mesmo brincar com isso durante um jantar

⁷⁷⁰Nas eleições de 2012 eles chegaram a 28% dos eleitores e 80% deles votaram em Obama.

⁷⁷¹Onde, Hillary tentava mostrar Obama como um elitista.

⁷⁷² Mesmo Dobson após a indicação de Palin disse que poderia votar nos republicanos.

beneficente de sua campanha, dizendo: “Eu recebi meu nome do meio de alguém que obviamente não pensou que eu iria concorrer para presidente”. (OBAMA apud HETHERINGTON; WEILER, 2009, p.178).

Segundo os dados do *Pew Research Religion & Public Life Project* (2008), com relação à agenda proposta por ambos os candidatos, principalmente, no que se referiam a questões culturais existiam grandes diferenças entre eles. McCain se colocava contra o aborto defendendo a revogação das decisões envolvendo o caso Roe contra Wade e apoiando a realização apenas quando era resultado de estupro, incesto ou poderia causar a morte da mãe. Obama era favorável ao aborto, rejeitando-o apenas em casos de gravidez avançada, contudo, apesar do seu apoio, o candidato democrata propunha medidas em sua campanha com o intuito de diminuir a incidência deles, prometendo a ampliação da educação sexual, tanto a favor da abstinência quanto na intensificação da contracepção e defendendo uma política de incentivo a adoção.

Em outro tema relacionado a questões envolvendo a vida, McCain apoiava a pena de morte para crimes federais e terrorismo, mas, era contra a pena de morte para menores. Obama considerava a pena de morte pouco funcional para deter crimes, mas a apoiava em casos em que a comunidade via justificativa na medida.

Em questões educacionais, McCain era favorável que auxílios governamentais fossem alocados em escolas religiosas e defendia a introdução do *Intelligent Design*, a partir de argumentos similares aos de Bush, considerando a necessidade dos alunos terem acesso aos mais variados pontos de vistas. Pelo lado democrata, apesar de Obama ser contrário ao financiamento governamental a escolas privadas (o que incluía as instituições religiosas), pois ele duvidava que isso solucionasse o problema educacional do país, defendia que tanto a teoria da evolução quanto o criacionismo não eram incompatíveis com a fé cristã.

Quando as questões eram em torno de direitos homossexuais, McCain se opunha ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, tendo defendido o *Defense of Marriage Act* de 1996 e o *Don't ask don't tell* no exército em seus tempos como senador durante o governo Bill Clinton. Obama, pelo seu lado, dizia que casamento deveria ser apenas entre homens e mulheres, mas apoiava que a igualdade moral era interpretativa e deveria ser decidida pelos estados, de maneira que ele era favorável que o *Defense of Marriage Act* fosse repelido, pois, uma lei federal não deveria discriminar um casal homossexual.

Junto a isso, ambos os candidatos defendiam a ampliação das *Faith Based Initiatives* e discordavam com relação ao uso de células troncos, com McCain rejeitando qualquer técnica

que se baseasse na clonagem de embriões humanos e Obama defendendo o relaxamento das restrições legais para as pesquisas sobre o tema.

Apesar da clara divergência entre os candidatos a respeito de alguns temas culturais, a preocupação da campanha passava longe do debate em torno desses temas. Assim, mesmo quando as posições de ambos os candidatos sobre temas culturais eram vinculadas quase sempre vinham acompanhadas de um posicionamento não radicalizado, que analisava os temas para além das crenças pessoais dos candidatos.

Como resultado final das eleições, Obama venceu com 53% dos votos populares, com um total de 66.882.230 votos, contra 46% de McCain, que obteve 58.343.671. Nos colégios eleitorais Obama foi vitorioso com 365 votos contra 173 votos para McCain. Entre os votos que fizeram Obama vencedor destacavam-se, principalmente, os 66% da população mais jovens entre 16 e 29 anos que apoiaram o candidato democrata.

Apesar da derrota a estratégia republicana possibilitou que, mais uma vez, como Willians (2010) apontou, McCain e o Partido Republicano ganhassem a maioria dos votos dos evangélicos brancos, conseguindo 73% dos votos desse grupo, contudo, Obama conseguiu ampliar a votação geral de protestantes em um candidato democrata dos 40% conseguidos por Kerry em 2004 para 45% nas eleições de 2008 e venceu entre os votos católicos, (com 54% dos votos), judeus (com 78% dos votos), de outras fés (com 73% dos votos) e nos votos dos sem religião (com 75% dos votos).

Dentro da vitória de Obama destacou-se o seu discurso contra a polarização, motivado pela crescente crise econômica que afligiu o país, o que colocou como secundária as discussões sobre valores na sociedade, afinal, a disputa por duas culturas pelo legado do país só teria significado se ela ocorresse em uma sociedade que se via como vencedora. Ou seja, quando Obama posicionou-se em sua campanha eleitoral como um candidato que diminuiria a polarização ele construiu uma imagem de que a única forma de vencer a crise econômica seria através do diálogo, o que colocaria as divergências culturais, já enfraquecidas, em segundo plano pela salvação do país. Além disto, Obama durante o período estudado recusou-se a debater questões culturais, ou como argumentou Beinart (2009) para o *The Daily Beast*: “Aqui Obama ficou mudo”, ou pelas palavras do presidente “é tempo de nós acabarmos com a politização destes temas” (OBAMA apud BEINART, 2009).

Segundo Kuhner (2009), esse posicionamento de Obama, afastando-se do debate sobre questões culturais, foi visto por alguns conservadores, como uma atitude que demonstrava a falsidade do presidente, pois, ao mesmo tempo em que rejeitou as discussões sobre temas culturais, demonstrou uma preocupação pública sobre certos aspectos do conflito, como a

participação no evento realizado pelo reverendo Rick Warren sobre a necessidade de diminuir o número de abortos, além de também, tomar medidas extremamente liberais, como a indicação de Thomas Perrelli⁷⁷³ para o posto número três do departamento de Justiça como procurador-geral associado, o que levou a oposição de inúmeros grupos de interesse, como o *Tradition Values Coalition* e o *The Family Research Council*. Para os conservadores este tipo de atitude mostrava que Barack Obama teria um lado claro na disputa cultural, foi apontado por Kuhner (2009), que defendia que a seleção de Perrelli é um sintoma do radicalismo social de Barack Obama que estaria inserindo em sua administração radicais pró-aborto, pró-diretos homossexuais e pró-eutanásia⁷⁷⁴.

Essa percepção de que Obama evitaria discutir a questão dos temas da Guerra Cultural, enquanto avançaria propostas liberais apareceu de maneira realmente forte no imaginário conservador, todavia não dava conta da maneira como o governo Obama enxergava a questão envolvendo a possível existência de uma Guerra Cultural, como se percebe na questão em torno do aborto. Nela existiu uma visível rejeição do presidente em aprovar medidas políticas com implicações culturais, já que Obama disse em sua campanha que a aprovação do *Freedon Choice Act* seria sua primeira medida se fosse presidente⁷⁷⁵, porém, após o período eleitoral ele não avançou a ideia, argumentando que o projeto não era prioridade do seu governo.

Assim, apesar de um virtual afastamento do presidente, a visão do avanço das propostas liberais apresentou-se com grande força na retórica conservadora, o que colocou que o desaparecimento da ideia de Guerra Cultural no governo Obama, indicaria o caminho para o avanço significativo de um modelo mais progressista de governo e de uma possível reclusão da revolução conservadora que desde Goldwater se expandia no país. Essa ideia partiu de alguns conservadores como Dunn (2008), que perceberam que os liberais seguindo uma estratégia Gramsciana, estariam após os anos 1960 infiltrando-se nas instituições, buscando a “hegemonia cultural”, e, assim transformando o governo estadunidense em um governo de esquerda. Esta leitura compreende os motivos da tão rápida reorganização dos movimentos conservadores no período pós- eleição de Obama, já que podemos pensar em

⁷⁷³ Perrelli foi um dos advogados pró-eutanásia no conhecido caso Terry Schiavo que ocorreu em 2005 e suscitou uma forte batalha entre a ACLU e movimentos pró-vida.

⁷⁷⁴ Kuhner (2009) citou exemplos como Dawn Johnsen diretor da *National Abortion and Reproductive Rights League* (NARAL), Tom Dascle (democrata pró-aborto) e a própria Hillary Clinton considerada pelo autor, uma feminista pró-aborto.

⁷⁷⁵ Como podemos perceber no discurso do então candidato disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pf0XIRZSTt8>>.

movimentos como *Tea Party* como uma possível resposta aos avanços deste modelo progressista.

O fato significativo para nossa pesquisa é que o primeiro ano da administração Obama não realizou nenhum avanço significativo em relação ao término da polarização entre os partidos e nem com a questão envolvendo a disputa entre conservadores e liberais, já que as mobilizações de ambos os grupos mantem o seu funcionamento; o que ocorreu foi apenas uma diminuição da visibilidade destes movimentos no que se refere a temas culturais devido ao grande estardalhaço causado pelos novos atores conservadores e liberais como o movimento *Tea Party* e *Ocuppy Wall Street*. Todavia, uma mudança nos grupos e nos temas envolvidos na polarização política presente no país não significava o fim desta polarização, por este motivo, precisamos tentar compreender qual seria a nova Guerra Cultural vivenciada durante o governo Obama? Quais os grupos que teriam participação nestas disputas?

Para responder esta questão, é necessário compreender como a ideia de Guerra Cultural apresentou-se na sociedade estadunidense, assim como, aprofundar como os movimentos conservadores atuaram durante esta história já que, segundo Nash (1996) os movimentos conservadores estadunidenses teriam sua origem em uma grande pluralidade de ideias. Como argumentamos a primeira grande visibilidade do fenômeno denominado Guerra Cultural apresentou-se durante as décadas de 1960 e 1970 com a rejeição às questões sobre educação sexual, liberdade sexual e aborto na sociedade. Apesar da grande visibilidade destes temas, a resistência conservadora do período apresentava-se de forma muito mais plural que isto, nela existia um forte caráter de defesa do liberalismo econômico, focado na luta contra os programas assistencialistas que cresciam, assim como uma forte luta contra o comunismo e o contra o crescimento do estado.

Na década de 1980 percebemos que outros aspectos do conservadorismo ganharam força na questão da Guerra Cultural, ou seja, ela passou por uma expansão de suas questões morais, agora a questão não era somente o medo da sexualidade excessiva, dos contraceptivos, da luta pelo direito a vida, ela passou a ser também uma luta contra o estado benfeitor, em muitos momentos, associado ao fato de que as famílias que recebiam auxílios governamentais eram destruídas⁷⁷⁶, e que muitos dos que recebiam estes auxílios jamais voltavam a trabalhar. Assim confundem-se questões religiosas e econômicas dentro de uma mesma ideia de caráter. Esta disputa prolongou-se com a crescente chegada de imigrantes

⁷⁷⁶ A ideia aqui se concentra em uma visão de que os auxílios governamentais as mães solteiras contribuíam para a dissolução da família, já que, tiravam a responsabilidade dos pais do sustento das crianças.

vistos como impossíveis de serem assimilados e com o forte choque moral, na década de 1990, do escândalo sexual do presidente Clinton.

Esta percepção do crescimento de novas temáticas da Guerra Cultural pode ser muito útil para a compreensão da situação do fenômeno durante o governo Obama. Obama é fruto da revolução liberal, ele representa o afro-americano assimilado, a possibilidade de qualquer pessoa possa ser integrada a sociedade estadunidense, de qualquer pessoa se tornar presidente. Neste sentido, quando percebemos as crescentes oposições ao seu governo percebemos que esta oposição está claramente ligada a expansão dos temas clássicos do conservadorismo. Principalmente, se focarmos que entre as bandeiras dos movimentos que afloraram após a eleição de Obama estão a questão da imigração e da crítica à expansão do Estado⁷⁷⁷.

Por esse motivo, Obama teria muitas dificuldades para criar um diálogo com membros do Partido Republicano, como exemplo destaca-se a votação da reforma de saúde⁷⁷⁸ que não obteve nenhum voto republicano, sendo o primeiro projeto aprovado sobre uma polarização partidária total, e a não aprovação do seu projeto de reforma da imigração⁷⁷⁹. Mas do que isto, Obama foi acusado por seus opositores de agir de forma arrogante ao recusar-se a debater a fundo os projetos, rompendo assim com a imagem conciliadora construída em sua campanha. O fato é que, com o crescimento da oposição ao seu governo, Obama buscou os meios de comunicação, tentando falar diretamente com a população, acusando os seus opositores de obstrucionismo, ao invés tentar aprofundar o diálogo sobre as necessidades de seus projetos, o que dava indícios de que a polarização entre os partidos continuaria em alta nos anos que se seguiram a eleição do presidente.

Considerações finais: o futuro da tradição conservadora na política estadunidense.

Quando nos propomos a analisar a ideia de Guerra Cultural e os movimentos conservadores nos EUA era sabido que encontraríamos uma grande pluralidade de movimentos, ideias e autores que eram definidos ou se definiam como conservadores.

⁷⁷⁷Apontado por Boaz (2013), em entrevista para o autor, que descreveu que uma mobilização libertária contra o crescimento do Estado vem sendo espontaneamente formada e que ela é contrária tanto ao Obama como ao *Tea Party* (por considerar que o movimento esquece questões sociais importantes).

⁷⁷⁸ Que deveria expandir o sistema de saúde para toda a população, e como argumentamos em Souza (2011) sofreu forte oposição de setores conservadores a partir de argumentos de que o governo estaria fazendo mais do que deveria e que o projeto favoreceria os descendentes dos ilegais.

⁷⁷⁹Como argumentamos, em Souza e Finguerut (2010), Obama não conseguiu a aprovação de uma reforma de imigração, tendo o projeto derrotado e conseguindo apenas 46 votos favoráveis contra 53 contrários, faltando 14 para os 60 necessários para a aprovação. Logo em seguida o Estado do Arizona aprovou uma lei de imigração de forte influência conservadora.

Iniciamos o trabalho no momento em que, grande parte dos setores conservadores culturais/religiosos encontrava-se em retração, pautado pela reestruturação de suas bases, por transformações em suas estratégias e por um deslocamento deles para fora do centro de influência do país, pela primeira vez em cerca de 30 anos.

Como apontamos no desenvolvimento dessa tese, nossa análise não teve a intensão decretar o fim do conservadorismo nos EUA. A pluralidade desses movimentos possibilita que quando alguma vertente perde influência outras passam a se destacar, fazendo com que, demandas conservadoras mantenham-se presentes no debate do país.

Assim, nosso intuito foi demonstrar como um grande ciclo de utilização questões culturais polemicas perdeu sua funcionalidade, de maneira que a fomentação da ideia de Guerra Cultural parou de ser politicamente vantajosa. Nesse sentido, é importante reafirmar que na prática, as plataformas políticas construídas a partir de temas culturais trouxeram pouco resultado nos períodos pós-eleitoral, onde, prevaleceram as discussões em torno de questões econômicas e relacionadas com a política externa.

Apesar de aprofundarmos esse debate em nossa tese, aproveitamos essas últimas páginas do trabalho para lançar alguns questionamentos sobre o seu futuro na sociedade estadunidense. Primeiramente, pretendemos pensar rapidamente a respeito do processo de reestruturação do Partido Republicano com a crise na fomentação da ideia de Guerra Cultural no país. A questão aqui é, como analisou Teixeira (2013), se do final do governo George W. Bush até o pós-reeleição de Barack Obama em 2012 a ideia de Guerra Cultural perdeu relevância para a política do país, ao ponto de, mesmo o candidato republicano Mitt Romney⁷⁸⁰ se esforçar para ficar distante de questões culturais em sua campanha, isso não significava que os debates em torno de temas culturais deixaram de ocorrer na política do país, o que pode ser apontado com o decorrer do segundo mandato do presidente democrata.

Dentro dessa ideia, os anos que seguiram a sua reeleição trouxeram o retorno do debate de temáticas culturais, como as recentes discussões sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo e sobre a reforma da imigração⁷⁸¹. Para Teixeira (2013), a ideia da existência de Guerra Cultural continuou sendo utilizada tanto por grupos conservadores como por liberais em uma tentativa de mobilizar eleitores, porém, o uso agressivo de temas especificamente

⁷⁸⁰ Durante a campanha de 2012.

⁷⁸¹ Aqui acrescentamos que mesmo o debate em torno da reforma do sistema de saúde que iniciou-se ainda durante o primeiro mandato de Obama, em alguns momentos, adentrou temas culturais como no exemplo dados por Carney (2013), em entrevista para o autor, sobre a obrigatoriedade de hospitais controlados por grupos religiosos de participar de campanhas de controle de natalidade que iam além da abstinência e do caso ocorrido no Novo México, onde, uma loja de flores foi obrigada judicialmente a decorar um casamento homossexual.

culturais com o intuito de dividir o eleitorado do país tende a ficar, cada vez mais, incomuns⁷⁸².

No caso específicos dos dois temas citados acima, apesar de existirem grupos que se colocaram contrários às duas questões, existia no debate entre os dois principais partidos do país uma polarização que, se construía muito mais preocupada com os frutos eleitorais em torno da aprovação dessas medidas, do que, por um forte empenho na rejeição a elas, por causa de uma tentativa de defesa de valores. Nesse sentido, a análise realizada pelo Partido Republicano sobre o período consiste em evitar que o Partido Democrata termine o governo Obama como o único responsável pela aprovação de medidas que auxiliem os dois grupos (homossexuais e latinos) que vêm crescendo em importância na sociedade. Opor-se aos dois projetos significaria para os republicanos correr o risco de, assim como com os afro-americanos nos anos 1960, criar uma forte base de apoio ao partido rival. Isso por si só justifica, as recentes declarações de alguns líderes republicanos que mudaram seu posicionamento em um sentido favorável ao casamento homossexual⁷⁸³.

Se o Partido Republicano, vem caminhando para o centro com relação a termos culturais, com relação a questões econômicas a ruptura entre os dois partidos parece cada vez mais crescente, onde, a oposição a reforma de saúde, questões orçamentárias e críticas ao crescimento dos programas de auxílio governamental do governo vêm se tornando frequentes. Assim, pensar a reestruturação da política dos Estados Unidos durante os próximos anos torna-se uma questão interessantíssima, porém, não pretendemos divagar sobre as possibilidades presentes nessa discussão, pois, corremos o risco de entrar em um campo coberto de especulações que pouco contribuiriam para essa tese.

Pensando na reestruturação da direita religiosa no país é importante destacar que as principais organizações ligadas ao movimento continuam fortemente ativas como os casos da *Focus on Family*, a *Eagle Forum*, a *Concerned Women for America*⁷⁸⁴, entre outras, mantendo-se influentes no Partido Republicano, principalmente, em seus diretórios estaduais e municipais.

⁷⁸²Dentro dessa leitura, Boaz (2013), em uma entrevista para o autor, apontou que a polarização em torno de temas culturais era muito mais violenta durante os anos 1960 do que hoje em dia e que nos EUA de hoje existe uma polarização política e midiática. Acrescentando que existem sim diferenças com relação a crença religiosa, ou se as pessoas são favoráveis ao porte de arma, mas que as pessoas estão começando a viver próximas umas às outras e a compartilhar seus valores.

⁷⁸³ Como nos foi dito em uma entrevista que fizemos com o comentarista político Michael Barone, em Barone (2013).

⁷⁸⁴ Willians (2010) argumentou que o *Concerned Women for America* foi uma das poucas organizações que sobreviveram desde os primeiros dias da direita cristã, frequentemente recrutando em Igrejas e grupos de mulheres conservadoras.

Esta dinâmica repete-se em nível municipal, estadual e federal, quando candidatos republicanos moderados devem enfrentar primárias internas com republicanos mais conservadores, antes mesmo de chegar ao pleito com os democratas. Estas primárias têm levado a um desgaste financeiro e moral do partido, aprofundando suas fragmentações e deserções da parte dos moderados que, na maioria das vezes tem perdido estes confrontos para os conservadores que, posteriormente, são facilmente derrotados pelos democratas. (PECEQUILO, 2009, p.12).

Ao mesmo tempo, pastores ligados a direita religiosa como David Barton vem tentando fazer a ponte entre os conservadores religiosos e o *Tea Party*, indicando a possibilidade de uma nova tentativa de aliança conservadora entre conservadores econômicos e religiosos no país. Logicamente, essa aproximação não é tão simples, como Marsden (in Cromartie, 1993) colocou, um dos grandes problemas da direita religiosa é que as questões dogmáticas não são desejáveis para serem bases de grandes coalizões políticas, especialmente em uma nação com tantas tradições divergentes como a América.

Dentro desse quadro, vale a pena analisar a próxima eleição presidencial do país, pensando que ela coloca em disputa a reestruturação do Partido Republicano com o legado de acertos e erros deixado pela administração Barack Obama.

Referências:

- AIKMAN, D. **Billy Graham**. His life and Influence. Nashville: Thomas Nelson, 2007.
- ALLEN, B. Clinton Details 1993 Meeting with President of Southern Baptist Convention. **EthicsDaily.com**. 04 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.ethicsdaily.com/clinton-details-1993-meeting-with-president-of-southern-baptist-convention-cms-10043>>. Acesso em: 25 jan. 2014.
- ALLEN, J.T. The Biggest Tax Increase in History. **Slate Magazine**. 16 ago. 1996. Disponível em: <http://www.slate.com/articles/news_and_politics/the_gist/1996/08/the_biggest_tax_increase_in_history.html>. Acesso em: 10 mai. 2012.
- ANDERSEN, M. L.; TAYLOR, H. F. **Sociology**. The essentials. Wadsworth: Cengage Learning, 2013.
- ANTI-DEFAMATION LEAGUE. **From Columnist to Candidate: Pat Buchanan's Religious War**. New York. 1992. Disponível em: <http://archive.adl.org/special_reports/pb_archive/pb_92-94.pdf>. Acesso em: 09 set. 2013.

- ANTLE III, W. J. America's Culture Wars Will Never End. **The National Interest**. 26 dez. 2013. Disponível em: <<http://nationalinterest.org/commentary/americas-culture-wars-will-never-end-9623>>. Acesso em: 05 jan. 2014.
- BAKER, P.; SLEVIN, P. Bush Remarks On 'Intelligent Design' Theory Fuel Debate. **The Washington Post**. 03 ago. 2005. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/08/02/AR2005080201686.html>>. Acesso em: 22 fev. 2014.
- BALMER, R. **God in the White House**. How Faith Shaped the Presidency from John F. Kennedy to George W. Bush. New York: Harper Collins E-book, 2008.
- BANWART, D. Jerry Falwell the Rise of the Moral Majority, and the 1980 Election. **Western Illinois Historical Review**. Vol. V, Spring (2013). Disponível em: <<http://www.wiu.edu/cas/history/wihr/pdfs/Banwart-MoralMajorityVol5.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2013.
- BARKUN, M. **A Culture of Conspiracy**. Apocalyptic Visions in Contemporary America. Berkeley: University of California Press, 2003.
- BECKER, S.J. "Common Sense Legal Reforms Act" Takes Center Stage. **20 Litigation News**. nº. 4 (April-May 1995), p. 4. Disponível em: <http://engagedscholarship.csuohio.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1156&context=fac_articles>. Acesso em: 03 dez. 2013.
- BEINART, P. The End of the Culture Wars. **The Daily Beast**. 26 Jan. 2009. Disponível em: <<http://www.thedailybeast.com/articles/2009/01/26/the-end-of-the-culture-wars.html>>. Acesso em: 3 mar. 2010.
- BENDER, D.; LEONE, B. (org.) **Culture Wars**. Opposing Viewpoints. San Diego: Greenhaven Press, 1994.
- BERLET, C. Religion and Politics in the United States: Nuances You Should Know. **The Public Eye Magazine**. Vol. XVII, nº.2, (Summer 2003), p. 13-16. Disponível em: <<http://www.publiceye.org/magazine/v17n2/v17n2.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2012.
- BERKOWITZ, B. Tilting at Faith-Based Windmills. Over a Year in the Life of President Bush's Faith-based Initiative. **The Public Eye Magazine**. Vol. XVI, nº. 2, (Summer 2002), p.22-26. Disponível em: <<http://www.publiceye.org/magazine/v16n2/v16n2.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2012.
- BETZ, H. **États-Unis: une nation divisée**. Guerre culturelle et idéologique. Trad. Geneviève Brzustowski. Paris: Autrement, 2008.
- BLACK, E.; BLACK, M. **Divided America**. The Ferocious Power Struggle in American Politics. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2008.

- BLASI, A.J. (org.) **American Sociology of Religion**. Histories. Leiden/Boston: Brill, 2007.
- BLOOM, A. **O Declínio da Cultura Ocidental: da Crise da Universidade à Crise da Sociedade**. Trad. João Alves dos Santos. São Paulo: Best Sellers, 1989.
- BLUMENTAL, S. **The Rise of the Counter-establishment**. From Conservative Ideology to Political Power. New York: Harper& Row, 1988.
- _____. **The Clinton Wars**. New York: Plume Book, 2003.
- _____. M. Pat Robertson's Katrina Cash. **The Nation**. 19 set. 2005. Disponível em: <<http://www.thenation.com/article/pat-robertsons-katrina-cash#>>. Acesso em: 22 fev. 2013.
- BOOTH, W. Doctor Killed During Abortion Protest. **Washington Post**. Washington, 11 mar. 1993. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-srv/national/longterm/abortionviolence/stories/gunn.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2011.
- _____. How Larry Flynt Changed the Picture. **Washington Post**. 11 jan. 1999. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/special/clinton/stories/flynt011199.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2011.
- BOSTON, R. **The Most Dangerous Man in America?** Pat Robertson and the Rise of the Christian Coalition. New York: Prometheus Books, 1996.
- BUCHANAN, P. Address to Republican Convention. **American Rhetoric**. 17 ago. 1992. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/patrickbuchanan1992rnc.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2010.
- _____. **The Death of West**. How Dying Populations and Immigrations Invasions Imperil Our Country and Civilization. New York: Thomas Dune Books, 2002.
- CARLSON, T. Bork Calls Miers Nomination a “Disaster”. Former Supreme Court Nominee Gives Take On Newest Pick For The Bench. **NBC News**. 14 out. 2005. Disponível em: <<http://www.nbcnews.com/id/9623345/#.Uv0T8vldVUU>>. Acesso em: 12 set.2012.
- CARROL, P. N.; NOBLE, D.W. **The Free and the Unfree**. A New History of the United States. New York: Penguin Books, 1988.
- CARVER, T. Analysis: What saved Bill Clinton? **BBC News**. 12 fev.1999. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/events/clinton_under_fire/fall_out/278467.stm>. Acesso em: 15 ago.2010.
- CAUDILL, K.; SWARTHOUT, D. **Wake Up America!** The Ongoing War on Christian America. New York: Crave, 2003.
- CETRON, M.; DAVIES, O. **American Renaissance**. Our Life at the Turn of the 21ST Century. New York: ST. Martin’s Press, 1989.

CLARKSON, F. The Culture Wars Are Not Over: The Institutionalization of the Christian Right. **The Public Eye Magazine**. Spring 2001. Vol. XV, nº.1. Disponível em: <http://www.publiceye.org/magazine/v15n1/PE_v15n1_TOC.html>. Acesso em: 11 set. 2011.

CLYMER, A. The 1992 Campaign; Bush's Gains From Convention Nearly Evaporate in Latest Poll. **The New York Times**. 26 ago. 1992. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1992/08/26/us/the-1992-campaign-bush-s-gains-from-convention-nearly-evaporate-in-latest-poll.html>>. Acesso em: 03 jun. 2010.

CNN. **Falwell apologizes to Gays, Feminists, Lesbians**. 14 fev.2001. Disponível em: <http://articles.cnn.com/2001-09-14/us/Falwell.apology_1_thomas-road-baptist-church-jerry-falwell-feminists?_s=PM:US>. Acesso em: 13 Jul. 2012.

COMMAGER, H. **O Espírito Norte-Americano: Uma Interpretação do Pensamento e do Caráter Norte-Americano desde a década de 1880**. Trad. Jorge Fortes, São Paulo: Cultrix, 1950.

CONGER, K. H. **The Christian Right in Republican State Politics**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

CORBETT, J. M. **Religion in America**. New Jersey: Prentice Hall, 1990.

COURIC, K. 'I hope they'll say that he was faithful'. The Rev. Billy Graham talks with NBC's Katie Couric about his final crusade in the U.S., his legacy and the difficulties of growing old. **Today.com**. 23 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.today.com/id/8326362#.Ue8gIo2fjqs>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

CRAWFORD, A. **Thunder on the Right**. The “New Right” and the Politics of Resentment. New York: Pantheon Books, 1980.

CROMARTIE, M. (org.) **No Longer Exiles**. The Religious New Right in American Politics. Washington: Ethics and Public Policy Center, 1993.

DALLEK, M. **The Right Moment**. Ronald Reagan’s First Victory And The Decisive Turning Point In American Politics. New York: Oxford University Press, 2004.

DANFORTH, J. **Faith and Politics**. How the “Moral Values” Debate Divides America and How to Move Forward Together. New York: Penguin Group, 2006.

DAVIDSON, O. G. Bush's Most Radical Plan Yet. With a vote of hand-picked lobbyists, the president could terminate any federal agency he dislikes. **Rolling Stones**. 23 abr. 2005. Disponível em: <<http://www.commondreams.org/views05/0423-21.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

- DEJEAN, J. **Antigos Contra Modernos**. As Guerras Culturais e a construção de um *fin de siècle*. Trad. Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DIAMOND, S. **Spiritual Warfare**. Boston: South End Press, 1989.
- DILULIO, J. J. JR. John Dilulio's Letter. John Dilulio was the first senior Bush adviser to resign. **Esquire**. 23 mai. 2007. Disponível em: <<http://www.esquire.com/features/dilulio>>. Acesso em: 11 nov. 2013.
- DIONNE, E. J. JR.; DILULIO, J. J. JR. (org.). **What's God Got to Do With the American Experiment?** Washington, Brookings Institution Press, 2000.
- DJUPE, P. A.; OLSON, L. R. **Encyclopedia of American Religion and Politics**. New York: Facts on File, 2003.
- DOLBEARE, K. N.; MEDCALF, L. J. **American Ideologies Today**. From neopolitics to New Ideas. New York: Randon House, 1988.
- DOWD, M. The 1992 Campaign: Republicans; Immersing Himself in Nitty-Gritty, Bush Barnstorms New Hampshire. **The New York Times**. 06 jan. 1992. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1992/01/16/us/1992-campaign-republicans-immersing-himself-nitty-gritty-bush-barnstorms-new.html>>. Acesso em: 05 mar. 2012.
- DROZ, J. **Histoire de L'Allemagne**. Paris: Presses Universitaires de France, 1958.
- DUFFY, M. Jerry Falwell, Political Innovator. **Time**. 15 mai. 2007. Disponível em: <<http://content.time.com/time/nation/article/0,8599,1621300,00.html>>. Acesso em: 07 mar. 2010.
- DUNHAM, R.S.; HARBRECHT, D.; ZELLNER, W. Is Perot After the Presidency or the President? **Businessweek**. 06 abr. 1992. Disponível em: <<http://www.businessweek.com/stories/1992-04-05/is-perot-after-the-presidency-or-the-president>>. Acesso em: 12 mar. 2011.
- DUNN, J.R. Obama and the Culture Wars. **American Thinker**. 06 fev. 2008. Disponível em: <http://www.americanthinker.com/2008/02/obama_and_the_culture_wars.html>. Acesso em: 04 mar. 2010.
- EAGLETON, T. **A Ideia de Cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- EBERT, R. **Interview with Marjoe Gortner**. 25 set. 1972. Disponível em: <<http://www.rogerebert.com/interviews/interview-with-marjoe-gortner>>. Acesso em: 15 out. 2011.
- EDGAR, B. **Middle Church**. Reclaiming the Moral Values of the Faithful Majority from the Religious Right. New York: Simon & Schuster, 2007.

- ELVIN, R. GOP's 'Pledge' Echoes 'Contract'; But Much Myth Surrounds '94 Plan. **It's All Politics**. 23 set. 2010. Disponível em: <<http://www.npr.org/blogs/itsallpolitics/2010/09/23/130068500/watching-washington-gop-pledge>>. Acesso em: 28 out. 2010.
- FARIA, L. **Ideologia e utopia nos anos 60**. Um olhar Feminino. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- FELTEN, D. E. (org.). **A Shining City**. The Legacy of Ronald Reagan. New York: Simon & Schuster, 1998.
- FETZER, J. **Render Unto Darwin**. Philosophical Aspects of the Christian Right's Crusade Against Science. Peru: Open Court, 2007.
- FICHOU, J.P. **A Civilização Americana**. Trad. Maria Carolina F. de Castilho Pires. Campinas: Papirus, 1987.
- FINN, S. Kanawha County Textbook Controversy Early Battle in Culture War. **West Virginia Public Broadcasting**. Virginia, 7 out. 2009. <<http://www.wvpubcast.org/newsarticle.aspx?id=11568>>. Acesso em: 19 out. 2012.
- FIORINA, M. P.; ABRAMS, S. J.; POPE, J.C. **Culture Wars**. The Myth of a Polarized America. New York: Pearson Longman, 2006.
- FLETCHER, M. A.; BABGINTON, C. Miers, Under Fire From Right, Withdrawn as Court Nominee. **The Washington Post**. 28 out. 2005. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/10/27/AR2005102700547.html>>. Acesso em: 15 out. 2012.
- FRIEDMAN, A. The culture wars are over. Why liberals have won the battles on gay and abortion rights, immigration and drug legalization. **Time Out Chicago**. Disponível em: <<http://www.timeout.com/chicago/things-to-do/the-culture-wars-are-over?pageNumber=3>>. Acesso em: 16 jan. 2014.
- FROIDEVAUX-METTERIE, C. **Politique et religion aux États-Unis**. Paris: La Découverte, 2009.
- FUKUYAMA, F. **Confiança as virtudes sociais e a criação da prosperidade**. Trad. Alberto Lopes. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- _____ **O fim da história e o último homem**. Trad. Aulyde Soares Rodrigues, Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GARCIA, G. **Reagan's Comeback**. Four Weeks in Texas That Changed American Politics Forever. San Antonio: Trinity University Press, 2012.
- GARRET, M. **The Enduring Revolution**: How the Contract with America Continue to Shape the Nation. New York: Fox News Report, 2005.

GIBSON, J. **The War on Christmas.** How the Liberal Plot to Plan to Sacred Christian Holiday Is Worse Than You Thought. New York: Penguin Group, 2005.

GINSBERG, H. The Bill Clinton Hypocrisy on Gay Marriage. **Townhall.com.** 27 jun.2013. Disponível em: <<http://townhall.com/tipsheet/heatherginsberg/2013/06/27/the-bill-clinton-hypocrisy-on-gay-marriage-n1629116>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

GOLDBERG, D. **Dispatches From the Culture Wars.** How the Left Lost Teen Spirit. New York: Miramax Books, 2003.

GOLDING, G. **Le Procès du Singe.** La Bible Contre Darwin. Bruxelas: Editions Complexe, 2006.

GOLDWATER, B. **The Conscience of a Conservative.** Washington, DC: Regnery Gateway, 1990.

_____ Goldwater's 1964 Acceptance Speech. **Washington Post Company,** 1998. Disponível em:<<http://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/daily/may98/goldwaterspeech.htm>>. Acesso em: 9 jan. 2012.

GRAHAM, B. Historical: Billy Graham's Speech to America After 9/11. **Charisma News.** 09 set. 2011. Disponível em: <<http://www.charismanews.com/us/31920-historical-billy-grahams-speech-to-america-after-911>>. Acesso em: 11 fev. 2012.

GREEN, J. C. Religion and the Presidential Vote: A Tale of Two Gaps. **The Pew Research Religion & Public Life Project.** 21 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2007/04/21/religion-and-the-presidential-vote-a-tale-of-two-gaps-2/>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

_____ et al. Religion and the 2004 Election: A Post-election Analysis. **The Pew Research Religion & Public Life Project.** 03 mai. 2005. Disponível em:<<http://www.pewforum.org/files/2005/02/postelection.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

GREEN, S. T. Becker Amendment. **American Business.** 22 nov. 2011. Disponível em: <<http://american-civil-liberties.com/legislation-and-legislative-action/3176-becker-amendment.html>>. Acesso em: 11 set. 2012.

HARRIS, P. Barack Obama brings truce in culture war. **The Observer.** 12 abr. 2009. Disponível em <<http://www.guardian.co.uk/world/2009/apr/12/barack-obama-religion-homosexuality>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

HASSON, K.S. **The Right to be Wrong.** Ending the Culture War Over Religion in America. San Francisco: Encounter Books, 2005.

HERM, W. M. The Human Life Statute: Will It Protect Life or Power? **The Denver Post**. 21 jun. 1981. Disponível em: <<http://www.drhern.com/pdfs/humanlife.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2013.

HETHERINGTON, M. J.; WEILER J.D. **Authoritarianism and Polarization in American Politics**. New York: Cambridge University Press, 2009.

HIMMELAFARB, G. Democratic remedies for democratic disorders. **Public Interest, printemps 1998**. Disponível em: <http://www.nationalaffairs.com/doclib/20080709_19981311democraticremediesfordemocraticdisordersgertrudehimmelfarb.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2012.

_____. **One Nation, Two Cultures**. A Searching Examination of American Society in the Aftermath of Our Cultural Revolution. New York: Vintage Books, 2001.

HIRSCHMAN, A. O. **Retóricas de la Intransigencia**. Cidade do México: Fondo de Cultura Economica, 1991.

HONDERICH, T. **Conservatism**. San Francisco: Westview Press, 1990.

HOROWITZ, D. **The Politics of the Bad Faith**. The Radical Assault on America's Future. New York: Simon & Schuster, 1998.

HUNTER, J.D. **American Evangelicalism**. Conservative Religion and the Quandary of Modernity. New Jersey: Rutgers University, 1983.

_____. **Culture Wars**. The Struggle to Define America. New York: BasicBooks, 1991.

_____. **Before the Shooting Begins**. Searching for Democracy in America's Culture War. New York: The Free Press, 1994.

_____; BOWMAN, C. D. **The State of disunion**. Survey of American Public Culture. Charlottesville: Institute for Advanced Studies in Culture, University of Virginia, 1996.

_____, WOLFE, A. (Org) **Is There a Culture War?** A Dialogue on Values and American Public Life. Washington: Brooking Institution Press, 2006.

HUNTINGTON, S. P. **Who Are We?** The Challenges to America's National Identity. New York: Simon & Schuster, 2004.

HURET, R. (org) **Les Conservateurs Américains Se Mobilisent**. L'autre culture contestataire. Paris: Autrement, 2008.

JONES, J. M. Sept. 11 Effects, Though Largely Faded, Persist. **Gallup**. 09 set.2003. Disponível em: <<http://www.gallup.com/poll/9208/sept-effects-though-largely-faded-persis.aspx>>. Acesso em: 02 abr. 2010.

_____ Record-High 40% of Americans Identify as Independents in '11. More Americans identify as Democrats than as Republicans, 31% to 27%. **Gallup**. 09 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.gallup.com/poll/151943/record-high-americans-identify-independents.aspx>> Acesso em: 05 abr. 2012.

JOHNSON, L. B. 259 - Remarks on Project Head Start. **The American President Project**. 18 mai.1965. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=26973>> Acesso em: 07 mar. 2011.

KASPI, A. **Les Américains**. 2. Les États-Unis de 1945 à nos jours. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

KENGOR, P.; DOERNER, P.C. Reagan Darkest Hour. “Therapeutic” Abortion in California. **National Review**. 22 jan. 2008. Disponível em: <<http://www.nationalreview.com/articles/223437/reagans-darkest-hour/paul-kengor>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

KENNEDY, P. **Ascensão e Queda das Grandes Potências**. Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KEPEL, G. **A Revanche de Deus**. Cristãos, Judeus e Muçulmanos na reconquista do mundo. Trad. J. E. Smith Caldas. São Paulo: SICILIANO, 1991.

KINNAMAN, D.; LYONS, G. **Unchristian**. What a new generation really thinks about Christianity... and why it matters. Michigan: Baker Books, 2007.

KIRKPATRICK, D. D. Christian Conservatives Embrace Inauguration. **The New York Times**. 21 jan. 2005. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2005/01/20/national/nationalspecial2/20religion.html?pagewanted=1&_r=0>. Acesso em: 29 out. 2013.

KLAPPER, E. On This Day In 1993, Bill Clinton Announced 'Don't Ask, Don't Tell'. **The Huffington Post**. 19 set. 2013. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2013/07/19/bill-clinton-dont-ask-dont-tell_n_3623245.html>. Acesso em: 29 set. 2013.

KLEIN, J. **The Natural**. The Misunderstood Presidency of Bill Clinton. Londres: Hodder and Stoughton, 2002.

KUHNER, J. T. Obama's culture war. **The Washington Times**. Washington, 11 Jan. 2009. Disponível em: <<http://www.washingtontimes.com/news/2009/jan/11/obamas-culture-war/>> Acesso em: 02 abr. 2010.

KUO, D. **Tempting Faith**. An Inside Story of Political Seduction. New York: Free Press, 2006.

- KURTZ, H. Larry Flynt, Investigative Pornographer. **The Washington Post**. 19 dez. 1998. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/special/clinton/stories/flynt121998.htm>>. Acesso em : 04 mar.2011.
- LACORNE, D. **De La Religion em Amérique**. Essai d'histoire politique. Paris: Gallimard, 2007.
- LAMBERT, F. **Religion in American Politics**. A Short History. Princeton: Princeton University Press, 2008.
- LANG, E. G.; LANG, K. **The Battle for Public Opinion**. The President, the Press, and the Polls During Watergate. New York: Columbia University Press, 1983.
- LANGSTON, K. B. Reed resigns from Christian Coalition. **Freedom Writer**. Maio/Junho. Disponível em: <<http://www.publiceye.org/ifas/fw/9705/reed.html>>. Acesso em: 05 jan. 2014.
- LERNER, M. **The Left Hand of God**. Taking Back Our Country From The Religious Right. New York: HarperCollins/HarperSanFrancisco, 2006.
- LIEVEN, A. **Le Nouveau Nationalisme Américain**. Trad. François Boisivon, Paris: Gallimard, 2005.
- LIMONCIC, F.; MARTINHO, F. C. P. (ORG) **Os Intelectuais do Antiliberalismo**. Projetos e políticas para outras modernidades. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.
- LOBE, J. Conservative Christians Biggest Backers of Iraq War. **Inter Press Service**. 10 out. 2002. Disponível em: <<http://www.commondreams.org/headlines02/1010-02.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2010.
- MARLEY, D. J. **Pat Robertson**. An American Life. Lanham: Rowman & Littlefields Publishers, 2007.
- MARTIN, P. US Presidential Campaign: George W. Bush Speaks at Racist University. **World Socialist Web Site**. 08 fev. 2000. Disponível em: <<https://www.wsws.org/en/articles/2000/02/bush-f08.html>>. Acesso em: 21 nov. 2013.
- MARTIN, W. **With God on Our Side**. The Rise of the Religious Right in America. New York: Broadway Books, 1996.
- MARWELL, G.; DEMERATH III, N. J. "Secularization" by any other name. **American Sociological Review**, 68 (2): p.314-318, 2003.
- MCLAREN, P. **Multiculturalismo Crítico**. Trad. Bebel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez, 2000.
- MEACHAN, J. **American Gospel**. God, the Founding Fathers, and the Making of a Nation. New York: Random House, 2006

- MESSADIÉ, G. **A Crise do Mito Americano**. Réquiem para o Super-Homem. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Ática, 1989.
- MEHLMAN-PETRZELA, N.Y. **Origins of the Culture Wars: Sex, Language, School, and State in California 1968-1978**. Ann Arbor: ProQuest LLC, 2009.
- MICKLETHWAIT, J.; WOOLDRIDGE, A. **The Right Nation: Why America is Different**. New York: Penguin Books, 2004.
- MIGUEL, A. **El Poder de la Palabra**. Lectures sociológica de lós intelectuales em Estados Unidos. Madri: Editorial Tecnos, 1978.
- MILLS, C. W. **A Elite do Poder**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- MISTRAL, J. **La Troisième Révolution Américaine**. Paris: Perrin, 2008.
- MOLLOY, J. Bill Clinton reveals for the first time that former New York Gov. Mario Cuomo rejected Supreme Court nomination. Former President drops bombshell during fund-raiser at Waldorf-Astoria. **Daily News**. 06 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.nydailynews.com/news/politics/bill-clinton-reveals-time-new-york-gov-mario-cuomo-rejected-supreme-court-nomination-article-1.1090738>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- MORAN, J. P. Designs on the Culture. **The Public Eye Magazine**. Vol. XX nº 1 (Spring, 2006), p.1 e 9. Disponível em: <<http://www.publiceye.org/magazine/v20n1/v20n1.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- MORRISON, T. Talk of the Town. **The New Yorker**. 05 out. 1998. Disponível em: <http://www.newyorker.com/archive/1998/10/05/1998_10_05_031_TNY_LIBRY_000016504?currentPage=1>. Acesso em 29 mar. 1992.
- MURPHY, T. Newt Gingrich's Congressional Ethics Scandal Explained. Everything you need to know about the allegations that brought down the speaker of the House. **Mother Jones**. 20 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.motherjones.com/politics/2011/12/gingrich-congressional-ethics-scandal-explained-newt-inc>>. Acesso em: 04 jan. 2012.
- MURRAY, C. **Lousing Ground: American Social Policy, 1950-1980**. New York: Basic Books, 1984.
- MURSE, T. Santorum Senate Loss. 5 Reasons Santorum Lost His Seat in 2006. **US Politics**. Disponível em: <<http://uspolitics.about.com/od/CampaignsElections/a/Santorum-Senate-Loss.htm>>. Acesso em: 10 out. 2011.
- NAGOURNEY, A. 'Cultural War' of 1992 Moves In From the Fringe. **The New York Times**. 29 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2012/08/30/us/politics/from->

the-fringe-in-1992-patrick-j-buchanans-words-now-seem-mainstream.html?_r=2&hp&>.

Acesso em: 03 fev. 2013.

NASH, G. H. **The Conservative Intellectual Movement in America**. Since 1945. Delaware: Intercollegiate Studies Institute, 1996.

NGAI, M. M. **Impossible Subjects**. Illegal Aliens and the making of the modern America. Princeton: Princeton University Press, 2005.

NIXON, R. 249- Statement about the Busing of Schoolchildren. **The American President Project**. 03 ago. 1971. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=3098>> Acesso em: 07 mar. 2011.

NOONAN, P. Way Too Much God. Was the president's speech a case of "mission inebriation"? **The Wall Street Journal**. 21 jan. 2005. Disponível em: <<http://online.wsj.com/news/articles/SB122462035246255493>>. Acesso em: 10 dez.2013.

NORPOTH, H.; RUSK, J.G. Partisan Dealignment in the American Electorate: Itemizing the Deductions since 1964. **The American Political Science Review**. Vol. 76, No. 3 Sep.1982, p.522-537. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1963729>>. Acesso em: 23 dez. 2012.

ORWIN, C. Compassionate Conservatism, An Idea in Tension. **Defining Ideas/ A Hoover Institution Journal**. 22 abr. 2011a. Disponível em: <<http://www.hoover.org/publications/defining-ideas/article/75891>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

_____ Compassionate Conservatism: A Primer. **Defining Ideas/ A Hoover Institution Journal**. 01 mar. 2011b. Disponível em: <<http://www.hoover.org/publications/defining-ideas/article/68921>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

_____ The Fall of Compassionate Conservatism. **Defining Ideas/ A Hoover Institution Journal**. 29 set. 2011c. Disponível em: <<http://www.hoover.org/publications/defining-ideas/article/94606>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

PECEQUILO, C. S. Cem Dias sem Bush: o Partido Republicano, o Governo Obama e o Futuro. **Meridiano**. Vol. 47, N° 106 (mar. 2009),p.11-14. Disponível em:<<http://seer.bce.unb.br/index.php/MED/article/view/692/412>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

PERLSTEIN, R. The Divine Calm of George W. Bush. So Iraq's a mess and half the country hates you. Just keep praying. **The Village Voice**. 27 abr. 2004. Disponível em: <<http://www.villagevoice.com/2004-04-27/news/the-divine-calm-of-george-w-bush/full/>>.

Acesso em 15 set. 2013.

PEW RESEARCH RELIGION & PUBLIC LIFE PROJECT. **Religion and Politics '08: The Candidates on the Issues**. 04 nov. 2008. Disponível em:

<<http://www.pewforum.org/2008/11/04/religion-and-politics-08-the-candidates-on-the-issues/>>. Acesso em: 11 set. 2011.

_____. **How the Faithful Voted.** 10 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2008/11/05/how-the-faithful-voted/>>. Acesso em: 15 set. 2011.

PIFFNER, J. Deficit Reduction in 1993: Clinton First Budget. **The Presidency.** S/D. Disponível em: <http://www.thepresidency.org/storage/documents/Deficit_Reduction_in_19993.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2012.

PIERRUCI, A. F. **O desencantamento do Mundo.** Todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003.

PHAN, K. T. Tens of Thousands to Gather for “America for Jesus” Prayer Rally in Washington D.C. **The Christian Post.** 29 set. 2004. Disponível em: <<http://www.christianpost.com/news/tens-of-thousands-to-gather-for-america-for-jesus-prayer-rally-in-washington-d-c-13161/>>. Acesso em: 22 set. 2013.

PHILLIPS, K. **American Theocracy.** The Peril and Politics of Radical Religion, Oil, and Borrowed Money in the 21st Century. New York: Penguin Group, 2006.

PURDUM, T. S. The Nation -- The War Within; What They're Really Fighting About. **The New York Times.** 29 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2004/08/29/weekinreview/29purd.html?ei=5090&en=de1677dcd5ed25d1&ex=1251518400&partner=rssuserland&pagewanted=all&position=>>>. Acesso em: 22 set. 2013.

REAGAN, R. W. **Ronald Reagan.** An American Life. New York: Simon & Schuster, 1990.

_____. **Speech of the Former President at the 1992 Republican Convention.** 17 Ago. 1992. Disponível em: <<http://www.let.rug.nl/usa/presidents/ronald-wilson-reagan/speech-of-the-former-president-at-the-1992-republican-convention.php>>. Acesso em: 23 fev. 2011.

REICH, C. **O Renascer da América.** A revolução dos jovens. Trad. Pinheiro Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1970.

REICHLEY, A. J. **Religion in American Public Life.** Washington: The Brookings Institution, 1985.

REYMOND, W. **Bush Land.** (2000-2004). Paris: Éditions Flammarion, 2004.

ROBERTSON, P. **The New Millennium.** 10 Trends That Will Impact You and your Family by the Year 2000. Dallas: Word Publishing, 1990.

- _____ ; BUCKINGHAM, J. **The Autobiography of Pat Robertson**. Shout It From the Housetops! Alachua: Bridge-Logos, 2008.
- ROOSE, K. **The Unlikely Disciple: A Sinner's Semester at America's Holiest University**. New York: Grand Central Publishing, 2009
- ROSE, J. E. **Bismarck**. Trad. Maria Silvia C. Passos. São Paulo: Nova Cultura, 1987.
- ROSS, B.; SCHWARTZ, R. Exclusive: Gingrich Lacks Moral Character to Be President, Ex-Wife Says. **ABC News**. 19 jan.2012. Disponível em: <<http://abcnews.go.com/Blotter/exclusive-gingrich-lacks-moral-character-president-wife/story?id=15392899>>. Acesso em: 07 mar. 2013.
- ROTHER, L. The 1992 Campaign: Candidate's Wife; Unrepentant, Marilyn Quayle Fights for Family and Values. **The New York Times**. 28 out. 1992. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1992/10/28/us/1992-campaign-candidate-s-wife-unrepentant-marilyn-quayle-fights-for-family.html>>. Acesso em: 15 nov. 2012.
- ROY, S. The End of the Culture War? The Real Winner of Elections 2012. **The Huffington post**. 08 nov. 2012. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/sandip-roy/the-end-of-the-culture-wa_b_2091899.html>. Acesso em: 16 jan.2014.
- SABLOSKY, I. L. **A Música Norte-Americana**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- SAINT-JEAN-PAULIN, C. **La contre-culture**. États-Unis années 60: la naissance de nouvelles utopies. Paris: Autrement, 1997.
- SEARS, A.; OSTEN, C. **The ACLU Vs America**. Nashville: B&H, 2005.
- SEELYE, K. Q. Molly Ivins, Columnist, Dies at 62. **The New York Times**. 01 fev. 2007. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/02/01/washington/01ivins.html?_r=0>. Acesso em: 15 set. 2012.
- SCHMALZ, J. The 1992 Elections: The States – The Gay Issues; Gays Areas Are Jubilant Over Clinton. **The New York Times**. 05 nov. 1992. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1992/11/05/nyregion/the-1992-elections-the-states-the-gay-issues-gay-areas-are-jubilant-over-clinton.html>>. Acesso em: 15 set. 2012.
- SHEUER, J. **The Sound Bite Society**. Television and the American Mind. New York/London: Four Walls Eight Windows, 1999.
- SHILLING, P. **América**. A história e as contradições do Império. Porto Alegre: L&P Editores, 2004.
- SHOGAN, R. **War Without End**. Cultural Conflict and the Struggle for America's Political Future. Boulder: Westview Press, 2002.

- SIEGEL, R. B., Before (and After) Roe v. Wade: New Questions About Backlash. **Faculty Scholarship Series. Paper 4135. (2011).** Disponível em: <http://digitalcommons.law.yale.edu/fss_papers/4135>. Acesso em: 10 set. 2013.
- SILVA, C. E. L. (org.). **Uma Nação com Alma de Igreja.** Religiosidade e Políticas Públicas nos EUA. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- SMOLLA, R.A. **Jerry Falwell v. Larry Flynt.** The First Amendment on Trial. Champaign: University of Illinois Press, 1990.
- SINE, T. **Cease Fire.** Searching for Sanity in America's Culture Wars. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1995.
- SOFIATI, F. M. **Religião e Juventude.** Os novos carismáticos. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.
- SORMAN, G. **La Révolution Conservatrice Américaine.** Paris: Fayard, 1983.
- _____. **Made in USA.** Regards Sur La Civilização Américaine. Paris: Fayard, 2004.
- SOUSA, R. F. **A Nova Esquerda Americana.** De Port Huron aos Weathermen (1960-1969). Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- SOUZA, M. A. D. **A Abordagem Neoconservadora da Crise na Sociedade Estadunidense e sua Influência no Governo George W. Bush.** 2007. 94 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.
- _____. Pelos motivos errados, para as pessoas erradas e no momento errado: como os argumentos conservadores desestabilizaram a reforma de saúde Estadunidense. **Revista Diálogo e Desconexão. Vol. 4, nº 1 (2011),** Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/view/5044/4182>>. Acesso em: 20/12/2012.
- _____.; FINGUERUT, A. Raça e Imigração na nova configuração da política doméstica dos EUA durante os primeiros anos do governo de Barack H. Obama. **Revista Diálogo e Desconexão. Vol. 2, nº 2 (2010),** Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/view/4150/3756>>. Acesso em: 20/12/2012.
- STANMEYER, W. A. **Clear and Present Danger.** Church and State in Post-Christian America. Ann Arbor: Servant Books, 1983.
- STOLBERG, S. G. Bush Vetoes Measure on Stem Cell Research. **The New York Times.** 21 jun. 2007. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/06/21/washington/21stem.html?_r=0>. Acesso em: 06 ago. 2013.

SULLIVAN, A. **The Conservative Soul**. Fundamentalism, Freedom, and the Future of the Right. New York: Harper, 2007.

TAPPER, J. Jonesing for Votes. George W. Bush's Speech at a College that Bans Interracial Dating Raises Questions About his Compassion. **Salon**. 03 fev. 2000. Disponível em: <http://www.salon.com/2000/02/03/bob_jones/>. Acesso em: 21 nov. 2013.

TARPLEY, W.G.; CHAITIKIN, A. **George Bush: The Unauthorized Biography**. Joshua Tree: Tree of Life Books, 2004.

TEIXEIRA, R. Are The Culture Wars Coming To An End? **Think Progress**. 18 mar. 2013. Disponível em: <<http://thinkprogress.org/election/2013/03/18/1710021/are-the-culture-wars-coming-to-an-end/>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

TERHORST, J.F. Carter Shows He's Unusual by his Campaigning Methods. **Spokane Daily Chronicle**. 09 ago. 1976. Disponível em: <http://news.google.com/newspapers?nid=1338&dat=19760809&id=P_pLAAAIAIBAJ&sjid=2PgDAAAIAIBAJ&pg=2860,1679291>. Acesso em: 15 abr. 2012.

THE PEW FORUM ON RELIGION & PUBLIC LIFE. GOP the Religion-Friendly Party, But Stem Cell Issue May Help Democrats. **The Pew Forum on Religion & Public Life**. 24 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/files/2004/08/religion-politics2.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

TOCQUEVILLE, A. **De la Démocratie en Amérique I**. Paris: Gallimard, 1986.

_____ **De la Démocratie en Amérique II**. Paris: Gallimard, 1986.

TOGNERI, W. Organizing Communities: The Christian Right and School Reform. **CPN**. Disponível em: <<http://www.cpn.org/topics/religion/organizing.html>>. 1996. Acesso em: 20 out 2013.

TONER, R. THE 1992 CAMPAIGN: Poll; Poll Finds Hostility to Perot And No Basic Shift in Race 06 out. 1992. **The New York Times**. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1992/10/06/us/the-1992-campaign-poll-poll-finds-hostility-to-perot-and-no-basic-shift-in-race.html>>. Acesso em: 15 out. 2010.

UTTER, G.H.; STOREY, J.W. **The Religious Right**. A Reference Handbook. Santa Barbara: Grey House Publishing, 2007. VINCENT, B. **Histoire des États-Unis**. Nancy: Flammarion, 1997.

WALLIS, J. Bush Budget Lacks Moral Vision. **Capital Times**. 15 fev. 2005. Disponível em: <<http://www.commondreams.org/views05/0215-27.htm>>. Acesso em: 15 set. 2012.

WALD, K. D.; CALHOUN-BROWN. **Religion in the United States**. Lanham: Routhledge & Littlefield Publishers, 2011.

- WALKER, S. **In Defense of American Liberties.** A History of the ACLU. New York/Oxford: Oxford University Press, 1990.
- WATKINS, F.M.; KRAMNICK, I. **A idade da ideologia.** Trad. Rosa Maria e José Viegas. Brasília: Universidade de Brasília, 1979.
- WEBER, M. **A ética Protestante e o espírito do capitalismo.** Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- WEBLEY, K. How the Nixon-Kennedy Debate Changed the World. **Time.** 23 jul.2010. Disponível em: <<http://www.time.com/time/nation/article/0,8599,2021078,00.html>>. Acesso em: 13 jan.2011.
- WILCOX, C. **Onward Christian Soldiers?** The Religious Right in American Politics. Boulder: WestviewPress, 1996.
- WILLIAMS, D. K. **God's Own Party.** The Making of the Christian Right. New York: Oxford University Press, 2010.
- WINTERS, M. S. Conservative religious women continue to shape Republican politics. **National Catholic Reporter.** 14 ago. 2009. Disponível em: <<http://ncronline.org/news/politics/conservative-religious-women-continue-shape-republican-politics>>. Acesso em: 18 jul. 2012.
- WOLFE, A. **One Nation, After All.** What Middle-Class Americans Really Think About: God, country, family, racism, welfare, immigration, homosexuality, work, the right, the left, and each other. New York: Viking/ Penguin Group, 1998.
- _____. **America's Impasse.** The Rise and Fall of the Politics of Growth. Boston: South end Press, 1981.
- _____.; KATZNELSON, I. (edit.) **Religion and Democracy in the United States.** Danger or Opportunity? New York: Princeton University Press, 2010.
- WOLFGANG, S. Millennialism and the American Political Dream. **Truth Magazine.** 28 jan. 1982. Disponível em: <<http://www.truthmagazine.com/archives/volume26/GOT26016.html>>. Acesso em: 05 jul.2013.
- WRIGHT, R. Faith, Hope and Clarity. **The New York Time.** 28 out. 2004. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2004/10/28/opinion/28wright.html?_r=0>. Acesso em: 15 set. 2013.
- ZENGERLE P. Pesquisa – Frase de Romney sobre os 47% abalou a imagem dele. **Reuters Brasil.** 19 set. 2012. Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSPE88I08L20120919>> Acesso em 21/09/2012>. Acesso em: 20 set. 2012.

ZWIER, R. **Born-Again Politics.** The New Christian Right in America. Downers Grove: InterVarsity Press, 1982.

Referências Filmes:

- Argo. Direção: Ben Affleck. Warner Bros, 2012. 1 DVD (120 min.).
- As Bruxas de Salém. Nicholas Hytner. Twentieth Century Fox Films, 1996. 1 DVD (124 min.).
- A Última Tentação de Cristo. Martin Scorsese. Universal Pictures, 1988. 1 DVD (164 min.).
- Blood Money. The Business of Abortion. David K. Kyle. TAH, 2010. 1 DVD (75min.).
- Clinton. Barack Goodman; Chris Durance. PBS, 2012. (240 min.).
- Frost/Nixon. Direção: Ron Howard. Universal Pictures, 2009. 1 DVD (122 min.).
- Gangues de Nova York. Direção: Martin Scorsese. Columbia Pictures Brasil, 2003. 1 DVD (167 min.).
- How Should We Then Live? Direção: Franky Schaeffer IV; John Gonser. Gospel Films Production, 1977. (320 min.).
- Inherit the Wind. Direção: Daniel Petrie. MGM, 1999. 1 DVD (113 min.).
- Inside the Deep Throat. Direção: Fenton Bailey; Randy Barbato. Universal Pictures, 2005. 1 DVD (92 min.).
- Jesus Camp. Direção: Heidi Edwing; Rachel Grady. A&E Indie-Films, 2006. 1 DVD (84 min.).
- Jonestown. The Life and Death of Peoples Temple. Direção: Stanley Nelson. PBS, 2006. 1 DVD (84 min.).
- Journeys with George. Direção: Alexandra Pelosi; Aaron Lubarsky. MSNBC, 2002. 1 DVD (79 min.).
- Marjoe. Direção: Howard Smith; Sarah Kernochan. Docurama, 1972. 1 DVD (88 min.).
- Milk. A Voz da Igualdade. Direção: Gus Van Sant. Universal Pictures, 2008. 1DVD (127 min.).
- Mr. Conservative: Goldwater on Goldwater. Direção: Julie Anderson. Sweet Pea Films, 2006. 1 DVD (90 min.).
- Newt Gingrich and the Republican Revolution. Direção: Bill Curtis. Arts & Entertainment Network, 2008, 1 DVD (100 min.).
- Nixon. Direção: Oliver Stone. Disney/Buena vista, 1995. 1 DVD (192 min.).
- O Povo Contra Larry Flynt. Direção: Milos Forman. Columbia Pictures do Brasil, 1996. 1 DVD (130 min.).

The Clinton Chronicles. Direção: Patrick Matrisciana. Citizens Video Press, 1994. 1 DVD (101 min.).

The Laramie Project. Direção: Moises Kaufman. HBO, 2002. 1 DVD (95 min.).

Unprecedented:The 2000 Presidential Election. Direção: Richard Ray Pérez; Joan Sekler. Shout! Factory, 2002. 1 DVD (49.51 min.).

The Terri Schiavo Story. Direção: Ken Carpenter. Frankilin Springs, 2009. 1 DVD (50 min.).

W. Direção: Oliver Stone. Lionsgate, 2008. 1 DVD (129 min.).

Whatever Happened to the Human Race? Direção: Francis Schaeffer; C. Everet Koop. Vision Video, 1979. (180 min.).

Referências entrevistas:

BARONE, Michael. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Souza. Marco Aurélio Dias.

BECKER, Peter. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Souza. Marco Aurélio Dias.

BOAZ, David. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Souza. Marco Aurélio Dias.

BRYAN, Michael. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Souza. Marco Aurélio Dias.

CARNEY, Timothy. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Souza. Marco Aurélio Dias.

CROUSE, Janice Shaw. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Souza. Marco Aurélio Dias.

ESTUDANTES DA LIBERTY UNIVERSITY. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Souza. Marco Aurélio Dias.

LEWIS, Jim. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Souza. Marco Aurélio Dias.

MONTANARI, Lorenzo; RADMAN, Adam; ELLIS, Ryan. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Souza. Marco Aurélio Dias.

SCHALAFLY, Phillips. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Souza. Marco Aurélio Dias.